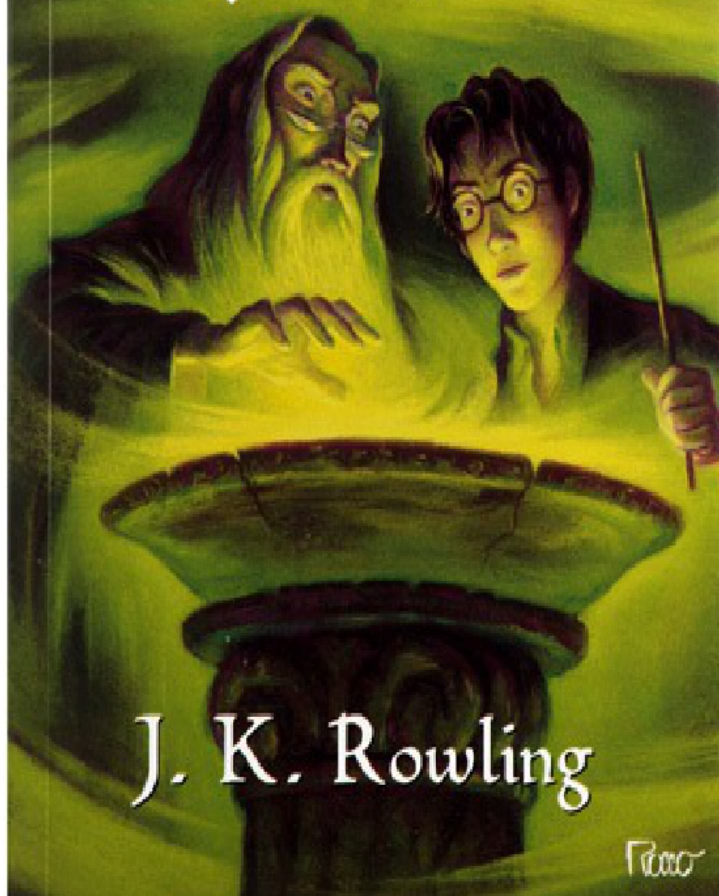
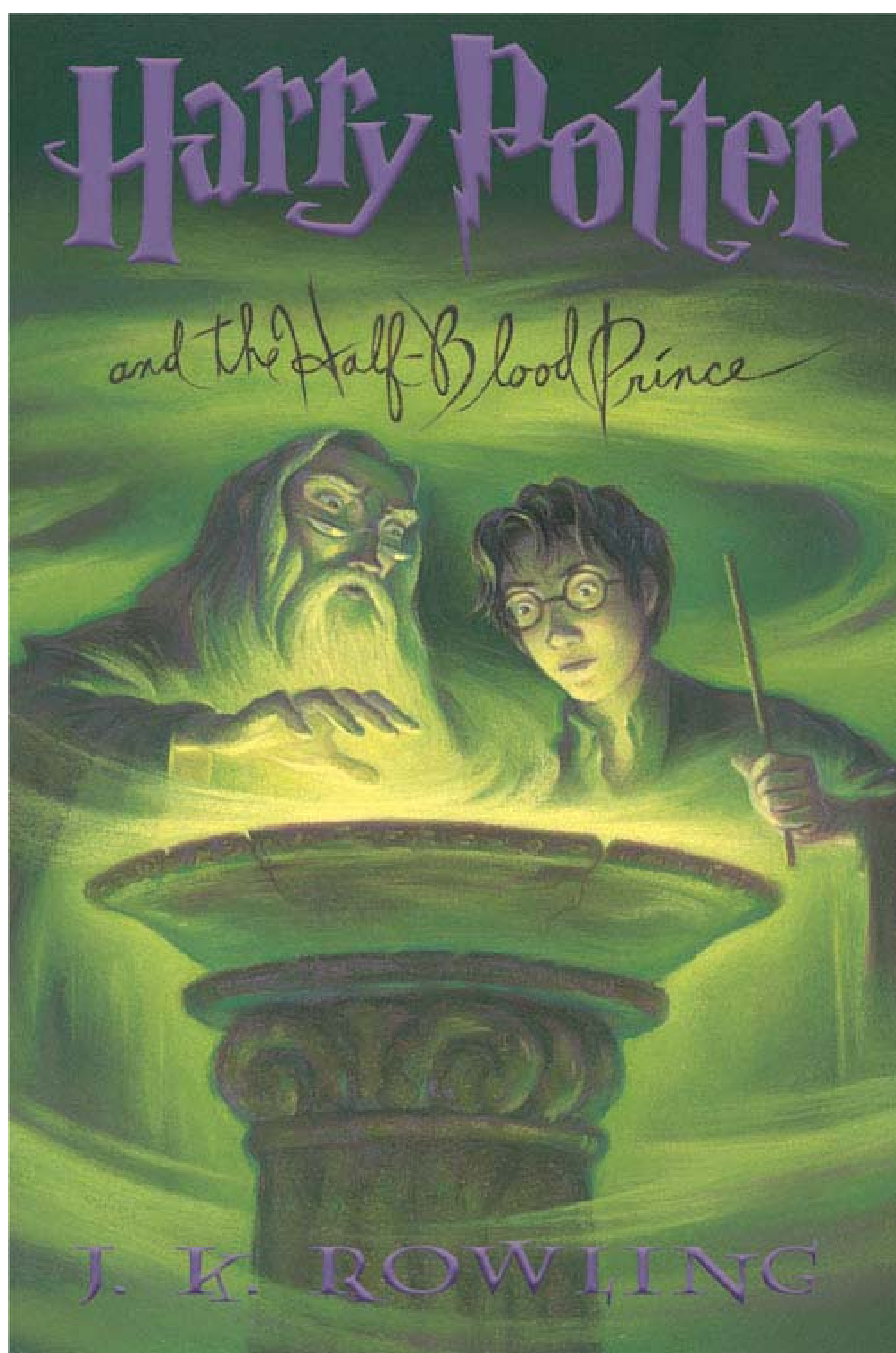
Harry Potter™

e o enigma do Príncipe





HARRY POTTER E O PRÍNCIPE MESTIÇO

(Tradução independente feita por fãs)

Divulgação:

Projeto Democratização da Leitura

www.portaldetonando.com.br

ÍNDICE

CHAPTER ONE



THE OTHER MINISTER

Capítulo 1 - O Outro Ministro

Era quase meia-noite e o Primeiro Ministro estava sentado sozinho em seu escritório,

lendo um longo memorando que percorria seu cérebro sem deixar vestígios de

qualquer significado. Ele esperava por uma ligação do Presidente de um país bem

distante e, entre o pensamento de quando aquele homem desprezível ligaria e a

tentativa de esquecer as memórias desagradáveis do que tinha sido uma longa,

cansativa e difícil semana, não havia mais espaço algum em sua mente para qualquer

outra coisa. Quanto mais ele tentava concentrar-se no texto da página em sua frente,

mais claramente o Primeiro Ministro podia ver o rosto triunfante de um dos seus

oponentes políticos. Esse oponente em particular, havia aparecido nas notícias

naquele dia, não apenas para enumerar todas as coisas terríveis que haviam

acontecido na última semana (como se alguém precisasse ser lembrado) mas

também para explicar que toda e qualquer uma delas era culpa do governo. O pulso

do Primeiro Ministro acelerou-se diante de todas aquelas acusações, que não eram

nem justas nem verdadeiras.

Como podia seu governo deter o derrubamento daquela ponte? Era ultrajante para

qualquer um sugerir que eles não estavam investindo o suficiente em pontes. A ponte

tinha pouco menos de dez anos, e nem os especialistas conseguiam explicar como

ela havia se partido em dois, lançando uma dúzia de carros às profundezas aquosas

do rio abaixo. E como alguém poderia ter a ousadia de insinuar que a falta de policiais

que havia resultado naqueles dois sórdidos e afamados assassinos? Ou que o

governo havia de alguma maneira previsto o furacão anormal no Oeste que havia

causado danos tanto às pessoas quanto às propriedades? Era sua culpa se um dos

seus Jovens Ministros, Herbert Chorley, havia escolhido essa semana para agir tão

peculiarmente que ia estar passando muito mais tempo com sua família?

"Um terrível estado de espírito assolou o país", o oponente havia concluído, mal

ocultando sua larga expressão.

E, infelizmente, isso era perfeitamente verdade. O Primeiro Ministro mesmo sentia

isso; as pessoas realmente pareciam mais miseráveis que o normal. Até o tempo

estava sombrio; toda essa fria neblina no meio de Julho...isso não estava certo...isso

não era normal... Ele acabou a segunda página do memorando, viu o quão longe tinha

ido e desistiu de uma vez desse mau trabalho feito. Alongando seus braços acima de

sua cabeça, olhou em torno do seu escritório desapontado. Era uma bonita sala, com

uma fina lareira de granito em frente às longas janelas uniformes, fechadas

firmemente contra neblina fora de estação. Com um leve tremor, o Primeiro Ministro

levantou-se e seguiu em direção a janela, observando a fina neblina pressionando-se

contra o vidro. Permanecendo de pé de costas para a sala, ele ouviu uma fraca tosse

atrás de si." Ele já a tinha ouvido antes. Ele se virou, bem lentamente, encontrando

com a sala vazia. "Olá?" ele tentou soar mais bravo do que se sentia.

Por um curto momento ele se permitiu apegar-se a uma impossível

esperança de que

ninguém pudesse responder. Entretanto, uma voz respondeu primeiro, rápida, a voz

decisiva soou apesar de estar lendo um relato preparado. Estava vindo - como o

Primeiro Ministro já tinha conhecimento desde a primeira tosse - o pequeno homem

parecendo um sapo vestindo uma longa peruca prata a qual estava pintada em uma

pequena e suja imagem a óleo na outra extremidade do quarto. "Para o Primeiro

Ministro dos trouxas. É urgente nosso encontro. Por gentileza responda

imediatamente. Sinceramente. Fudge." O homem na pintura olhou investigando o

Primeiro Ministro. "Er..." disse o Primeiro Ministro "escute...essa não é uma boa hora

para mim...eu estou esperando um telefonema, você entende...do presidente do..."

"Isso terá que ser remarcado" disse o quadro de uma vez.

O coração do Primeiro Ministro parou. Ele estava apavorado com aquilo.

"Mas eu realmente estava de preferência esperando falar..."

"Que tal arranjarmos que o Presidente esqueça de telefonar? Ele ligará amanhã a

noite ao invés de hoje." disse o pequeno homem "Gentilmente responda

imediatamente para o Sr. Fudge."

"Eu...ah...muito bem." Disse o Primeiro Ministro fragilmente. "Sim. Eu verei Fudge."

Ele apressou-se de volta a sua mesa arrumando sua mesa então partiu. Ele tinha

apenas retomado a sua cadeira, e arrumado em sua face o que ele esperava uma

relaxada expressão, quando brilhantes chamas verdes explodiram em sua vida dentro

da lareira vazia, abaixo de sua abóbada de granito. Ele assistiu, tentando não

denunciar a centelha de surpresa ou alarme, então um distinto homem apareceu por

entre as chamas girando tão rápido até o topo. Segundos depois, ele tinha escalado

para fora encima de um fino tapete antigo, escovando a cinza e longa manga listrada

de sua capa, um cal e verde chapéu amassado em suas mãos.

"Ah...Primeiro Ministro..." disse Cornélio Fudge, caminhando,com a mão estendida a

frente "É bom, vê-lo de novo.

O Primeiro Ministro não poderia honestamente escapar satisfeito para ver Fudge, que

em suas ocasionais aparições, aparte sendo um correto alarme em ambos,

geralmente tenciona que ele estava ouvindo algumas más notícias. Além disso, Fudge

estava lançando um olhar distintamente ansioso. Ele estava mais magro, mais calvo e

grisalho e sua face tinha uma enrugada expressão. O Primeiro Ministro

tinha visto

aquele tipo de expressão em políticos antes, e nunca é um bom sinal. "Como eu

posso ajudá-lo?" ele disse, apertando a mão de Fudge brevemente gesticulando em

direção a mais difícil das cadeiras em frente a mesa.

"Difícil saber por onde começar" murmurou Fudge, arrastando a cadeira, sentando e

depositando o chapéu em seus joelhos "O que uma semana, o que uma semana..."

"Tive uma péssima semana também, e você?" perguntou o Primeiro Ministro com

rigor, esperando conduzir a conversa que ele já entendia por encerrada e apanhou um

objeto na mesa já sem nenhuma expectativa de ajudar Fudge.

"Sim, é claro." disse Fudge, esfregando seus olhos cansadamente e olhou de forma

impertinente para o Primeiro Ministro "Eu tenho tido a mesma semana que você teve,

Primeiro Ministro. A ponte de Broakdale...os assassinos Bonés e Vance...sem

mencionar a desordem em West Country..."

"Você - er - seu - eu quero dizer, alguns do seu pessoal estiveram - estiveram

envolvidas com estes - estes acontecimentos, não é?" Fudge fitou o Primeiro Ministro

com um especial carrancudo olhar.

"Claro que eles estiveram" ele disse "Certamente, você percebeu o que vem

acontecendo?"

"Eu..." hesitou o Primeiro Ministro. Isso era precisamente um tipo de comportamento

que o fazia apreciar muito menos, as visitas de Fudge. Ele era, apesar de tudo, o

Primeiro Ministro e não apreciava ser feito de ignorante, como um garoto de escola.

Mas claro, ele estava apreciando isso desde sua primeira visita com Fudge, em sua

primeira noite como Primeiro Ministro. Ele lembrou-se como se fosse ontem e sabia

que isso o amedrontaria até seus últimos dias. Ele permaneceu em pé sozinho em

seu escritório, saboreando o triunfo que era seu depois de tantos anos de sonho e

planejamento, quando ele tinha ouvido a fraca tosse as suas costas, apenas como

hoje a noite, e virou-se para encontrar aquele pequeno e feito retrato falando com ele,

anunciando que o Ministro da Magia tinha chegado e estava sendo introduzido.

Naturalmente, ele tinha pensado que a longa campanha e tensão que as eleições

tinham causado nele o levariam a loucura. Ele estava aterrorizado para encontrar o

retrato falando com ele, apesar de este não ter sido nada comparado em como ele

tinha se sentido quando um autoproclamado bruxo saltou da lareira e apertou sua

mão. Ele ficou mudo durante a amigável explicação de Fudge de que havia bruxas e

bruxos ainda morando em secretas partes do mundo, e seu ato seguro de que ele não

estava incomodando sua cabeça sobre eles o Ministro da Magia se sentiu na

responsabilidade sobre toda a comunidade mágica e preveniu a população nãomágica de não ter consciência deles. Isso era, Fudge disse, um trabalho difícil que

engloba todos os regulamentos de responsabilidade no uso de vassouras para manter

a população de dragões sob controle (o Primeiro Ministro lembrou de ter agarrado

com força o suporte da mesa nessa ponto). Fudge então deu um tapinha no ombro do

ainda abismado Primeiro Ministro de uma maneira paternal. "Não se preocupe." ele

tinha dito "Há chances de você nunca me ver de novo. Eu apenas o incomodarei caso

alguma coisa realmente séria aconteça, algo que posso afetar os Trouxas - a

população não-mágica, eu deveria dizer. De qualquer forma, viva e deixe viver. E eu

devo dizer, você está aceitando isso muito melhor que seu antecessor. Ele tentou me

jogar para fora da janela, pensou que era trote planejado pela oposição."

Neste ponto, o Primeiro Ministro havia encontrado a voz que se perdera. "Você - você

não é um trote, então?" Isso tinha sido sua última desesperada esperança.

"Não." disse Fudge gentilmente "Não. Eu receio que eu não sou. Veja."

E ele transformou a xícara de chá do Primeiro Ministro em um rato.

"Mas." disse o Primeiro Ministro ofegante, assistindo a sua xícara de chá roer a ponta

de seu discurso "Mas, por que - por que ninguém me disse - ?"

"O Ministro da Magia apenas se revela para o Primeiro Ministro Trouxa do Dia" disse

Fudge, guardando sua varinha de volta em sua jaqueta "Nós achamos que é o melhor

jeito de se manter o segredo."

"Mas, então..." balbuciou o Primeiro Ministro "mas por que não tem uma preparação

para o Primeiro Ministro

prevenir a mim -?"

Então, nesse ponto, Fudge realmente riu. "Meu querido Primeiro Ministro, você não

vai contar a ninguém?"

Ainda gargalhando, Fudge jogou um pouco de pó na lareira, encaminhando-se para

dentro das chamas esmeraldas e desapareceu com um forte som de um sopro. O

Primeiro Ministro pôs-se de pé, permanecendo completamente imóvel, e percebeu

que ele nunca, não importava o quanto vivesse, ousaria mencionar esse encontro a

nenhuma alma viva, pois quem em todo esse vasto planeta acreditaria

nele?

O choque o pegou de surpresa por um momento enquanto desaparecia. Por um

tempo ele tentou se convencer de que Fudge tinha realmente sido uma alucinação

provocada pela carência de sono devido a campanha de eleição. Em uma inútil

tentativa de livrar-se das lembranças desse desconfortável encontro, ele deu o rato

para sua alegre sobrinha e instruiu seu secretário pessoal de tirar aquele

quadro do homem feio que anunciou a vinda de Fudge.

Para o pavor do Primeiro Ministro, entretanto, o quadro tornou-se impossível de ser

retirado. Quando vários carpinteiros do tesouro público acabaram com suas tentativas,

sem sucesso, de arrancar o quadro da parede, o Primeiro Ministro desistiu da idéia e

simplesmente resolveu ter esperança de que a coisa permanecesse imóvel e em

silêncio pelo resto de seus serviços naquele escritório. Ocasionalmente, ele poderia

jurar que avistou, pelo canto do olho, o ocupante do quadro bocejar, ou coçar seu

nariz; mesmo que, na primeira ou segunda vez, simplesmente andando pela sua

imagem, e deixando nada, apenas uma esticada lona enlameada. Contudo, ele havia

treinado a si mesmo, muito bem, para não olhar para a pintura, e sempre dizia

firmemente para ele mesmo que seus olhos estavam brincando com ele, quando

alguma coisa como essa acontecia. Então, três anos depois, em uma noite muito

parecida com essa, o Primeiro Ministro estava sozinho em seu escritório quando o

quadro mais uma vez, anunciou a iminente chegada de Fudge, que explodiu por entre

a lareira, encharcado em um estado de considerável pânico. Antes que o Primeiro

Ministro pudesse perguntar por que ele estava pingando por todo o seu Axminster,

Fudge começou falando alto sobre uma prisão que o Primeiro Ministro nunca tinha

ouvido falar, sobre um homem chamado "Sirius" Black, algo que soou como Hogwarts

e um menino chamado Harry Potter, sendo que nada disso fazia o menor sentido para

o Primeiro Ministro.

"Eu acabo de vir de Azkaban.." Fudge ofegou, derramando um monte de água da

borda de seu chapéu para dentro de seu bolso. "No meio do Oceano Norte, você

sabe, vôo asqueroso...os Dementadores estão em uma baderna." ele estremeceu

"Eles nunca tiveram uma fuga antes. De qualquer modo, eu tive que vir até você,

Black é um conhecido assassino de trouxas e deve estar planejando a se reunir a

Você - Sabe - Quem...mas claro, você não sabe quem Você-Sabe-Quem é!" ele

observou esperançoso o Primeiro Ministro por um momento, então disse "Bem, sentese, sente-se, é melhor contar tudo a você...tem um uísque..."

O Primeiro Ministro, particularmente, sentiu-se ofendido por ser mandado sentar-se

em seu escritório, deixar de oferecer seu próprio uísque, mas ele sentou-se, no

entanto. Fudge tinha puxado sua varinha, conjurando dois grandes copos cheios de

um líquido âmbar que soltava uma fina fumaça, levou um deles as mãos do Primeiro

Ministro e puxou uma cadeira.

Fudge falou por mais de uma hora. Em um ponto, ele se recusou a dizer um nome em

voz alta, e o escreveu instantaneamente em um pedaço de papel, que ele empurrou

para a mão livre do Primeiro Ministro. Quando por fim Fudge levantou-se prestes a

partir, o Primeiro Ministro pôs-se de pé também.

"Então, você acha que..." ele deu uma olhada para baixo e fitou o nome em sua mão

esquerda "Lord Vol..."

"Aquele que não deve ser nomeado!" rangeu Fudge entre os dentes.

"Desculpe-me...você acha que aquele que não deve ser nomeado continua vivo,

então?"

"Bem, Dumbledore diz que sim." disse Fudge enquanto puxava sua capa listrada para

baixo do queixo "mas nunca o encontramos.

Se você me perguntar, ele não é perigoso, a menos que, ele não tenha um suporte,

então com o Black, nós devemos ter cuidado. Sinalizaremos o perigo, então?

Excelente. Bom, eu espero que não nos vejamos novamente, Primeiro Ministro! Boanoite."

Mas se encontrar novamente. Menos de um ano depois, com um olhar perturbado,

Fudge apareceu no fino ar no Gabinete do Primeiro Ministro para informá-lo que

houve um pequeno aborrecimento durante o "kadribol" (ou algo parecido) na Copa

Mundial e que muitos trouxas estavam "envolvidos", mas que o Primeiro Ministro não

precisava se preocupar, o fato de que a mar de Você-Sabe-Quem foi vista novamente

não significa nada; Fudge estava certo de que estavam isolados e que a ligação com

o escritório trouxa estava partindo-se, com todas as modificações que eles falaram.

"Oh, e eu quase me esqueci" Fudge acrescentou "Nós estamos importando três

dragões estrangeiros e uma esfinge para o Torneio Tribruxo, apenas rotina, mas o

Departamento de Regulamentação e Controle de Criaturas Mágicas me disse que

está no livro de regras que eu devo notificar você caso nós trouxermos criaturas muito

perigosas para dentro do país."

"Eu - o que - dragões?" balbuciou o Primeiro Ministro.

"Sim, três deles." Disse Fudge "E uma esfinge. Bom, tenha um bom dia."

O Primeiro Ministro apegando-se a um fio de esperança de que os dragões e a

esfinge fossem o pior disso tudo, mas não. Menos de dois anos mais tarde, Fudge

explodiu em sua lareira novamente, dessa vez com notícias sobre uma fuga em

massa de Azkaban.

"Uma fuga em massa?" o Primeiro Ministro repetiu rouco.

"Mas não se preocupe, não precisa se preocupar!" Fudge gritou, já com um dos pés

das chamas. "Nós iremos cuidar disso - eu apenas pensei que seria bom informá-lo!"

E antes que o Primeiro Ministro pudesse dizer alguma coisa, "Agora, só espere um

momento!" Fudge partiu por entre as chuvas de chamas verdes. Sem se importar com

a pressão e tudo o que a oposição dizia, o Primeiro Ministro não era um tolo. Essas

notícias não tinham escapado de sua sala, nem as maliciosas garantias de Fudge

desde o primeiro encontro, eles estavam agora se vendo mais freqüentemente, nem o

fato de que Fudge aparecia cada vez mais nervoso nas visitas posteriores. Apesar

dele gostar de toda essa coisa sobre o Ministro da Magia (ou, como ele sempre

chamava Fudge, o Outro Ministro), o Primeiro Ministro não poderia ajudar, mas sentia

que da próxima vez que Fudge aparecesse as notícias seriam muito mais graves. A

visão, então, de Fudge caminhando para fora do fogo uma vez mais, seu olhar

confuso e nervoso e extremamente surpreso, fez com que o Primeiro Ministro não

soubesse exatamente a razão dele estar ali, era sobre a pior coisa que poderia

acontecer no curso dessa sombria semana.

"Como eu deveria saber o que anda acontecendo - er - comunidade bruxa?" estourou

o Primeiro Ministro agora.

"Eu tenho um país para fazer andar e eu estou carregado de problemas agora, sem..."

"Nós temos os mesmo problemas," Fudge interrompeu "A ponte de Brockdale ainda

não apareceu. E aquela não foi somente uma tempestade. Aqueles assassinos não

eram trabalhos para trouxas. E a família de Herbert Chorley seria salva sem ele. Nós

estamos, no presente momento, fazendo acordos para que ele seja transferido para o

Hospital St. Mungus para Doenças e Danos Mágicos. A transferência deve ser feita

essa noite."

"O que você...eu receio...eu...o que?" rosnou o Primeiro Ministro.

Fudge respirou longa e profundamente e disse "Primeiro Ministro, eu sinto muito ter de

lhe dizer que ele voltou. Aquele que não deve ser nomeado."

"Voltou? Quando você diz "voltou"...ele está vivo? Eu quero dizer -"

O Primeiro Ministro buscou em sua memória por detalhes daquela horrível conversa

de três anos atrás, quando Fudge lhe disse sobre o bruxo que estava acima de todos

os outros, o bruxo que havia cometido milhares de terríveis crimes antes de seu

misterioso desaparecimento há 15 anos"

"Sim, vivo," disse Fudge "Isso é - eu não sei - há um homem que não pode ser morto?

Eu não sei realmente explicar isso, e Dumbledore, provavelmente, não irá explicar

isso - mas de qualquer forma, ela certamente conseguiu seu corpo de você e está

andando, falando e matando, eu suponho,

o motivo dessa nossa discussão, sim, ele está vivo."

O Primeiro Ministro não sabia o que dizer quanto isso, mas um persistente hábito de

querer se parecer bem-informado em qualquer assunto, ele o obrigou a se lembrar de

qualquer detalhes das conversas anteriores.

"Sirius Black está com - er - aquele que não deve ser nomeado?"

"Black? Black?" disse Fudge distraído, girando seu chapei repetidas vezes em seus

dedos "Sirius Black, você quer dizer? Pelas barbas de Merlim, não. Black está morto.

Digamos que nós - ah - estávamos enganados a respeito dele. Ele era inocente

depois de tudo. E ele não era um partidário d'Aquele que não deve ser nomeado

também. Eu quero dizer," ele acrescentou defensivamente, girando o chapéu ainda

mais rápido, "todas as evidências apontavam - nós tínhamos mais de 50 testemunhas

oculares - mas de qualquer forma, como eu disse, ele está morto. Assassinado, se

quer saber. Dentro do Ministério da Magia. Isso será

investigado, evidentemente..."

Para sua grande surpresa, o Primeiro Ministro sentiu-se apunhalado por Fudge neste

momento. Isso foi, entretanto, quase escurecido por uma enorme bola de

desapontamento enquanto pensava sobre isso, deficiente apesar de que ele deveria

estar em uma das áreas de materialização de lareiras, nunca houve um assassino em

qualquer departamento do governo acima das leis...Não ainda, de qualquer modo...

Enquanto o Primeiro Ministro disfarçadamente tocava no tampo de madeira de sua

mesa, Fudge continuou, "Mas esqueça Black por agora. O fato é, nós estamos em

uma guerra, Primeiro Ministro, e ações têm que ser feitas.

"Uma Guerra?" repetiu o Primeiro Ministro nervoso.

"Certamente, isso não é um exagero?"

"Aquele que não deve ser nomeado tem se unido aos seus seguidos que escaparam

de Azkaban em Janeiro," disse Fudge, falando mais e mais rapidamente, e rodando

seu chapéu tão rápido que ele transformara-se em um cinza e verde distorcido "Desde

de que eles tiveram a liberdade, eles tem trazido a destruição. A ponte de Broakdale -

ele fez isso, Primeiro Ministro, ele pôs em risco uma grande parte dos Trouxas até eu

tomar partido dele e -"

"Que sujeira, então isto tudo é sua culpa, todas essas pessoas estão sendo mortas e

eu estou tendo que responder sobre cordames enferrujados e ligações corrompidas e

eu não sei o que mais?" disse o Primeiro Ministro furiosamente.

"Minha culpa!" disse Fudge, ruborizado. "Você está dizendo que você teria pego um

chantagista?

"Talvez não," disse o Primeiro Ministro, levantando-se e caminhando lentamente pela

sala, "mas eu teria colocado todo o meu poder para pegar o chantagista antes que ele

cometesse qualquer outra atrocidade!"

"Você realmente acha que eu não estou já fazendo todo o possível?" reclamou Fudge

com o coração escapando pela boca. "Todo auror do Ministério estava - e está -

tentando encontrá-lo, além de todos os seus seguidores, mas nós estamos falando

sobre um dos mais poderosos bruxos de todos os tempos, um bruxo, o qual, tem nos

iludido sobre a sua posição por quase três décadas!"

"Então, eu suponho que você irá me dizer que ele causou o ciclone no West Country,

também?" disse o Primeiro Ministro, seu temperamento se elevando a cada vez que

respirava. Isso o enfurecia, enquanto tentava descobrir a razão de todos aqueles

terríveis desastres e não era certo dizer isso ao público; quase pior do que dizer que

tudo isso era culpa do governo. "Aquilo não foi um ciclone," disse Fudge

miseravelmente.

"Desculpe-me!" gritou o Primeiro Ministro, agora positivamente andando de um lado

para o outro. "Três árvores desraigadas, pedra arrancadas, postes de rua quebrados,

horríveis danos -"

"Isso foi feito pelos Comensais da Morte," disse Fudge, "os seguidores d'Aquele que

não deve ser nomeado. E...e nós suspeitamos de um enorme envolvimento."

O Primeiro ministro parou de caminhar como se houvesse colidido com uma parede

invisível.

"Que envolvimento?"

Fudge fez uma careta, "Ele usou gigantes da última vez, quando ele queria causar um

grande efeito. O Escritório do Departamento de Mistérios (talvez) está trabalhando

contra o relógio, nós tivemos times de Obliviadores tentando modificar as memórias

de todos os Trouxas que viram o que realmente aconteceu, nós tivemos todo o

Departamento de Regulamentação e Controle de Criaturas Mágicas rondando

Sumerset, mas nós não conseguimos encontrar o gigante - isso é um desastre!"

"Não diga isso!" falou o primeiro ministro furiosamente.

"Eu não direi que a ética está inabalada no Ministério," disse Fudge. "Que depois

depois de tudo isso, nós ainda perdemos Amélia Boones,"

"Perderam quem?"

"Amelia Boones. Chefe do Departamento de Aplicação das Leis Mágicas. Nós

pensamos que aquele que não deve ser nomeado enfureceu-se com ela, porque ela

uma talentosa bruxa e - e todas as evidencias eram de que ela se meteu em uma

terrível briga." Fudge limpou sua garganta e, com um esforço, e pareceu parar de

rodar seu chapéu.

"Mas os assassinos estavam nos noticiários," disse o Primeiro Ministro,

momentaneamente divertindo-se com sua fúria. "Nossos jornais. Amélia

Boones...apenas disse que ela era uma mulher de meia-idade que vivia sozinha.

Como um - um asqueroso assassinato, não é? Isso tinha uma nota especial de

publicidade. A polícia está perplexa, você pode ver."

Fudge suspirou. "Bem, claro que eles estão. Morta em uma sala que for a trancada

por dentro, não é? Nós,

por outro lado, sabemos exatamente quem fez isso, não que isso nos auxilie a pegálo. E então houve Emmeline Vancem talvez você não tenha ouvido sobre o que -"

"Oh sim eu ouvi!" disse o Primeiro Ministro. "Aconteceu apenas há uma quadra daqui,

como você deve saber. Os papeis tinham um campo de data com esse: Quebra de

Leis e Ordem no jardim do primeiro ministro -"

"E como se não bastasse," disse Fudge, dificilmente ouvindo o primeiro ministro, "nós

temos Dementadores por todos os lados, atacando pessoas pela esquerda, direita e

no centro..."

Pela primeira feliz vez essa frase soou incompreensível para o primeiro ministro, mas

ele não se alertou. "Eu pensei que os Dementadores guardavam a prisão de

Azkaban." ele disse cuidadosamente.

"Eles guardavam," disse Fudge "mas não o fazem mais. Eles deixaram a prisão e se

aliaram Aquele que não deve ser nomeado. Eu não pretendia levar essa bofetada."

"Mas," disse o primeiro ministro, com um senso de profundo horror, "não lhe contei

que eles são criaturas que sugar a esperança e a felicidade das pessoas?"

"Está certo. E estão se proliferando. E é o que está causando toda essa neblina."

O primeiro ministro afundou-se, com os joelhos bambos, para a cadeira mais próxima.

A idéia de invisíveis criaturas descendo pelas cidades a caminho do campo,

dispersando tristeza e desesperança em seus votos, o fizeram se sentir

completamente fraco.

"Agora veja aqui, Fudge - você fez tudo isso! Isso é sua responsabilidade como

Ministro da Magia!"

"Meu querido primeiro ministro, você não pode honestamente pensar que eu ainda

sou Ministro da Magia depois de tudo isso. Eu fui demitido há três dias! Toda a

comunidade bruxa gritou pela minha resignação por uma quinzena. Eu nunca os vi tão

unidos em todo o meu período como Ministro!" disse Fudge, sorrindo depois de um

grande esforço.

O primeiro ministro ficou momentaneamente sem palavras. Despistada sua

indignação a posição que lhe foi dada, ele ainda sentiu-se particularmente mal com o

olhar contraído do homem sentado a sua frente.

"Eu sinto muito," ele disse finalizando, "Se houver algo que eu possa fazer?"

"Isso é muito gentil da sua parte, Primeiro Ministro, mas não há nada. Eu fui enviado

essa noite para contar-lhe sobre os recentes eventos e introduzi-lo a meu sucessor.

Ele deveria estar aqui agora, mas é claro que ele está muito ocupado no momento

com tudo o que vem acontecendo."

Fudge olhou a sua volta parando em direção ao quadro do pequenino homem feio

vestindo uma longa peruca de cachos prata, que estava atrás de sua orelha em um

ponto preso por uma pena. Capturando o olhar de Fudge o quadro disse, "Ele estará

aqui em um momento, ele só está terminando uma carta para Dumbledore." "Eu

desejo-lhe sorte," disse Fudge, soando amargura, pela primeira vez. "Eu estou

escrevendo a Dumbledore duas vezes por dia desde a última quinzena, mas ele não

mudou sua opinião. Se ele apenas se preparou para persuadir o garoto, eu devo

ainda ser...bem, talvez Scrimgeour terá melhor sucesso." Fudge afundou-se no que

óbvio e ferido silêncio, mas ele foi quebrado quase imediatamente pelo quadro, que

repentinamente falou rapidamente em sua voz oficial.

"Ao Primeiro Ministro dos Trouxas. Requerimento a uma reunião. Urgente. Por

gentileza responda imediatamente. Rufus Scrimgeour, Ministro da Magia."

"Sim, sim, ótimo," disse o primeiro ministro distraído, e lentamente as chamas da

lareira tornaram-se verde-esmeralda, levantaram-se e revelaram um segundo bruxo

se dilatando em seus corações(?), arremessando de volta seus momentos depois de

uma antiga corrida(?). Fudge juntou seus pés, e depois de alguns momentos de

hesitação o primeiro ministro fez o mesmo, assistindo a nova entrada endireitada,

afastou o pó de sua longa capa preta e olhou a sua volta.

O primeiro tolo pensamento do primeiro ministro foi de que Rufus Scrimgeour parecia

um velho leão. Havia mechas grisalhas em sua espécie de juba

marrom-amarelada;

ele tinha olhos penetrantes e também amarelados por trás dos óculos de armação

metálica, e uma certa maneira de se movimentar encorpada e galopada, mesmo

sendo ligeiramente manco. Houve uma impressão imediata de tenacidade e

resistência

, o primeiro ministro pensou que ele entendia o porquê da comunidade bruxa preferir

Scrimgeour a Fudge como um líder, nesses tempos perigosos. "Como vai você?"

disse o primeiro ministro polidamente estendendo sua mão.

Scrimgeour a agarrou brevemente, seus olhos varrendo a sala até puxar a varinha de

dentro de sua capa.

"Fudge lhe contou tudo?" ele perguntou, encaminhando-se até a porta e espremer sua

varinha dentro do buraco da fechadura. O primeiro ministro ouviu um clique.

"Er - sim," disse o Primeiro Ministro. "E se você não se importa, eu prefiro que a porta

permaneça aberta."

"Eu prefiro não ser interrompido," disse Scrimgeour de imediato, "ou assista," ele

acrescentou, apontando para as janelas então as cortinas se arrastaram por ela.

“Certo, bom, eu sou um homem muito ocupado, então vamos aos

negócios”.

Antes de tudo, nós precisamos discutir sua segurança."

O primeiro ministro afastou uma mecha de cabelo e respondeu, "Eu estou

perfeitamente feliz com a segurança que eu já tenho, muito obrigado -"

"Bom, nós não." Scrimgeour o cortou. "Isso será uma pequena vigilância para os

Trouxas se o Primeiro Ministro deles sofrer um feitiço Imperius. O novo secretário no

seu próprio escritório -"

"Eu não me livrarei de Kingsley Shackebolt, se é isso que você está sugerindo!" disse

o primeiro ministro

estrondoso. "Ele é muito eficiente, faz duas vezes o trabalho que fazem os outros -"

"Isso porque ele é um bruxo," disse Scrimgeour, sem uma única faísca de um sorriso.

"Vários aurores treinados, que estão determinando-se a protegê-lo."

"Agora, espero um momento!" declarou o primeiro ministro.”Você não pode colocar o

seu pessoal no meu escritório. Eu (******)”.

"Eu pensei que você estivesse satisfeito com Shacklebolt?" disse Scrimgeour sem

cordialidade.

"Eu estou - eu quero dizer, estava -"

"Então há um problema, não há?" disse Scrimgeour.

"Eu...bem, se o trabalho de Shacklebolt continuar a ser.. er...excelente," disse o

primeiro ministro lamentando, mas Scrimgeour dificilmente pareceu ouvi-lo.

"Agora, sobre Herbert Chortley - seu assessor Junior," ele continuou. "Aquele que vem

entretendo o público

como um impressionante pato."

"O que tem sobre ele?" perguntou o primeiro ministro.

"Ele tem evidentemente uma medíocre performance de um Imperious, - disse

Scrimgeour. "Estragaram seu cérebro, ms ele ainda poderia ser perigoso."

"Ele só está grasnindo!" disse o primeiro ministro fracamente.

"Certamente uma parte de todo o resto... talvez aconteça facilmente pela bebida." "Um

time de Curandeiros do Hospital St. Mungus para Doenças e Danos Mágicos está

examinando ele, enquanto conversamos. Uma pena, que ele tenha se esforçado para

estrangular três deles," disse Scrimgeour. "Eu acho que é melhor,nós o removemos

da sociedade Trouxa por um tempo."

"Eu...Bem...ele ficará bem, certo?" disse o primeiro ministro ansioso.

Scrimegeour

somente deu de ombros,

já se movendo em direção a lareira.

"Bom, isso é tudo o que eu tinha para dizer. Eu manterei contato sobre o

desenvolvimento, primeiro ministro -

ou, por ultimo, e acho que, provavelmente, estarei muito ocupado para faze-lo

pessoalmente, e nesse caso eu pensei que mandei Fudge vir aqui. Ele consentiu em

permanecer tendo uma capacidade consultiva."

Fudge forçou um sorriso, mas sem sucesso; ele apenas olhou como se estivesse com

dor de dente. Scrimgeour já estava procurando em seu bolso por algo de misterioso

CHAPTER TWO



SPINNER'S END

poder que atirou no fogo verde. O primeiro ministro contemplou esperançoso os dois

por um momento, então as palavras lutaram com a surpresa de tudo explodiu nele por

fim.

"Mas a propósito - você são bruxos! Vocês não podem fazer mágicas! De repente

você pode ordenar - bem - qualquer coisa!"

Scrimgeour virou lentamente até um ponto e trocou um olhar duvidoso com Fudge,

que realmente obteve sucesso em um sorriso naquele momento e ele disse

gentilmente, "O problema é o outro lado que pode fazer magia também, primeiro

ministro."

E com isso, os dois bruxos caminharam um após o outro para dentro das chamas

verdes e sumiram.

-Capítulo Dois - Spinner's End

Muitas milhas dali, a névoa gélida que comprimia a janela do Primeiro Ministro

se espalhava e ventava sobre um rio imundo entre bancos enormes de lixo. Uma

imensa chaminé, resquício de uma usina desativada, se erguia, sombria e agourenta.

Não havia som senão a da água escura e nenhum sinal de vida sem ser uma raposa

que havia saído dos montes para buscar alguma embalagem velha de peixe com

batatas fritas no mato alto. Mas então, com um leve estalido, uma figura magra toda

coberta apareceu do ar rarefeito

do outro lado do rio. A raposa congelou, seus olhos atentos fixos naquele estranho

fenômeno. A figura manteve sua conduta por algum tempo, então se

moveu com luz,

passos largos, e sua longa capa se arrastando pelo chão. Com um segundo e mais

alto estalido, outra pessoa coberta se materializou. 'Espere!' O grito alto assustou a

raposa, agora se encolhendo quase plana no chão. Ela pulou de seu esconderijo para

os montes. Ouve um lampejo de luz verde, um ganido, e a raposa caiu ao chão,

morta. A outra figura encostou seu sapato na raposa. 'Só é uma raposa, ' disse uma

voz de mulher com tom de rejeição debaixo da capa. 'Pensei que talvez fosse um

auror – Cissy, espere! ' Mas sua caça, que havia parado e olhado de volta ao fleche

de luz, já estava subindo o monte onde a raposa havia acabo de cair. 'Cissy - Narcisa

– me ouça -' A segunda mulher alcançou a primeira e agarrou o seu braço, mas a

outra se esquivou.

'Volte, Bella!'

'Você deve me ouvir!'

'Eu já ouvi. Eu já tirei a minha conclusão. Deixe-me só!'

A mulher chamada Narcisa alcançou o topo dos montes, onde uma linha de velhos

trilhos separava o rio de uma estreita rua de pedras. A outra mulher, Bella, a seguiu.

Lado a lado, elas ficaram olhando para as fileiras e fileiras de velhas casas de tijolos,

suas janelas escuras e escondidas nas sombras. 'Ele mora aqui?'

Perguntou Bella em

uma voz de desdém.

'Aqui? Nessa imundice de trouxas? Nós devemos ser as primeiras do nosso tipo a

pisar aqui-'

Mas Narcisa não estava ouvindo; ela tinha passado por uma abertura nas grades

enferrujadas e já estava do

outro lado da rua. 'Cissy, espere!'

Bella a seguiu, seu casaco ondeando atrás de si, e viu Narcisa correndo para uma

ruela entra as casas em uma segunda, quase idêntica, rua. Algumas das lamparinas

estavam quebradas. As duas mulheres estavam correndo entre pedaços iluminados e

outros com profunda escuridão. A perseguidora atingiu seu objetivo assim que ela

virou outra esquina, dando certo a tempo de agarrar o seu braço segurando-a

oscilante para que uma ficasse de frente para a outra.

'Cissy, você não deve fazer isso – você não pode confiar nele -'

'O Lord Negro confia nele, não confia?'

'O Lord Negro é... Eu creio... Enganado.' Bella ofegou, e seus olhos vislumbraram

momentaneamente debaixo da capa enquanto ela olhava em volta para checar que

estavam sozinhas. 'De qualquer modo, nos mandaram não dizerem do plano para

ninguém. Isso é uma traição ao Lorde Negro-'

'Esqueça, Bella!' Rosnou Narcisa e ela tirou uma varinha de sua capa, segurando-a

ameaçadoramente na cara da outra. Bella quase deu risadas.

'Cissy, sua própria irmã? Você não-'

`Não há nada mais que eu não faria!' Narcisa respirou, um tom de histeria na sua voz,

e enquanto ela abaixou

a varinha como uma faca, houve outro lampejo de luz. Bella largou o braço de sua

irmã como se estivesse em

chamas.

'Narcisa!'

Mas Narcisa já havia corrido. Esfregando as mãos, a perseguidora a seguia mais uma

vez, mantendo certa distancia agora, enquanto elas entravam no deserto labirinto das

casas de tijolos. Ao fim, Narcisa correu até uma rua chamada Spinner's End, sobre a

qual a chaminé da usina parecia flutuar como um gigante dedo repreensivo. Seus

passos ecoavam na pavimentação enquanto ela passava por janelas de madeira

quebradas, até que ela atingiu a última casa, de onde emanava uma luz fraca pela

cortina de um aposento

da parte de baixo.

Ela bateu na porta antes que Bella, praguejando sua respiração, tivesse alcançado-a.

Juntas elas esperaram, ofegando fracamente, sentindo o cheiro do rio

imundo que era

levado até elas pela brisa da noite. Após alguns segundos, elas ouviram

movimentação atrás da porta e ela se abriu com um estalo.

Uma parte de um homem pode ser vista olhando para elas, um homem com longos

cabelos pretos cobrindo um rosto pálido e olhos negros.

Narcisa tirou seu capuz. Ela estava tão pálida que parecia brilhar na escuridão, o

longo cabelo loiro descendo

por suas costas dava a ela a aparência de uma pessoa afogada.

'Narcisa!' Disse o homem, abrindo um pouco mais a porta, para que a luz caísse sobre

ela e sua irmã. `Que doce surpresa!'

'Severus', ela disse em um suspiro cansado. `Posso falar com você? É urgente'

'Mas é claro.'

Ele deu um passo atrás para que ela pudesse entrar na casa. Sua irmã ainda

encapuzada a seguiu sem ser convidada.

'Snape,' disse curtamente quando passou.

'Bellatrix,' ele respondeu, sua boca fina se ondulando em um sorriso zombeteiro

enquanto ele fechava a porta

com um estalo atrás deles.

Eles foram direto a uma minúscula sala de estar, que dava a sensação de uma cela

escura para loucos. As paredes eram completamente cobertas de livros, a maioria

deles encadernados com um velho couro preto ou marrom; um sofá surrado, uma

velha poltrona e uma mesa raquítica ficavam agrupadas juntas em uma poça de luz

fraga vinda de uma lâmpada cheia de velas pendurada no teto. O lugar tinha um ar de

negligência, mesmo que não estivesse sempre desabitado.

Snape indicou o sofá para Narcisa. Ela tirou a sua capa, a colocou de lado e se

sentou, olhando para suas mãos brancas e tremidas no seu colo. Bellatrix tirou sua

capa mais vagarosamente. Em dúvidas com a honestidade de sua irmã, com olhos

pesarosos e o queixo firme, ela não desviou o olhar de Snape enquanto ele se movia

para ficar atrás de Narcisa.

'Então, o que eu posso fazer por você?' Snape perguntou, se sentando na poltrona de

frente para as duas irmãs.

'Nós... nós estamos sozinhos, não estamos?' Narcisa perguntou em voz baixa.

'Sim, é claro. Bem, Rabicho está aqui, mas nós não estamos contando os vermes,

estamos?'

Ele apontou sua varinha para a parede de livros atrás de si e, com um estalo, uma

porta escondida se abriu,

revelando uma estreita escadaria na qual um pequeno homem jazia congelado.

'Como você já deve ter notado, Rabicho, nós temos visitas.' disse Snape

vagarosamente.

O homem rastejou de um modo corcunda os últimos degraus e se moveu pela sala.

Ele tinha os olhos pequenos e aquosos, nariz pontudo e tinha um sorriso

desagradável. Sua mão esquerda estava acariciando a sua direita, que parecia estar

em uma luva prateada. 'Narcisa!' ele disse, em uma voz guinchante, è Bellatrix! Que

encantador-`

'Rabicho vai nos preparar drinques, se vocês quiserem,' disse Snape. 'E depois ele

voltará para o seu quarto'.

Rabicho se assustou como se Snape tivesse jogado algo nele. 'Eu não sou seu

criado!' ele chiou, desviando o olhar de Snape.

'Mesmo? Eu tive a impressão que o Lord o colocou aqui para me auxiliar.'

Auxiliar, sim – mas não para preparar as suas bebidas e – e limpar sua casa!'

'Eu não tinha idéia, Rabicho, que você desejava serviços mais perigosos,' disse

Snape com uma voz suave. 'Isso pode facilmente arrumado; eu posso falar com o

Lord das Trevas -'

Èu mesmo posso falar com ele se eu quiser!'

`É claro que pode', disse Snape, zombeteiro. 'Mas enquanto isso, nos traga drinques.

Um pouco de vinho feito por elfos deve servir.'

Rabicho esitou por um momento, olhando como se quisesse argumentar, mas depois

se virou e foi em direção a uma segunda porta secreta. Eles ouviram barulhos e

batidas de copos. Em segundos ele estava de volta, carregando uma garrafa

empoeirada e três taças em uma bandeja. Ele as colocou na mesinha instável e

correu da presença deles, batendo a porta coberta de livros atrás de si. Snape

despejou duas taças de vinho vermelho-sangue e entregou duas delas às irmãs.

Narcisa murmurou uma palavra de agradecimento, enquanto Bellatrix não disse nada,

mas continuou a encarar Snape. Isso não pareceu o perturbar; pelo contrário, ele

parecia entretido. 'Ao Lord Negro,' ele disse, tirando os óculos e secando-os.

As irmãs o copiaram. Snape encheu suas taças. Assim que Narcisa tomou seu

Segundo copo. Ela disse

depressa, `Severus, me desculpe vir aqui assim, mas eu tinha que ver você. Eu acho

que você é o único que pode me ajudar-`

Snape levantou a mão para faze-la parar, então apontou sua varinha

para a porta

oculta das escadas. Houve um estalido alto e um guincho, seguido do som de

Rabicho subindo as escadas correndo. 'Meus perdões', disse Snape. 'Ele ultimamente

tem ouvido atrás das portas, eu não sei o que deu nele... Vocêdizia, Narcisa…?'

Ela tomou um grande, estremecido golpe de ar e começou novamente. 'Severus, eu

sei que eu não deveria estar aqui, me foi dito para não dizer para ninguém mas -'

'Então você manter sua boca fechada!' rosnou Bellatrix. Ainda mais na presente

companhia!'

'"Presente companhia"?'repetiu Snape ironicamente. 'E o que eu devo entender por

isso, Bellatrix?'

'Que eu não confio em você, Snape, como você bem sabe!'

Narcisa deixou escapar um som que soou como um soluço molhado e cobriu seu

rosto com as mãos. Snape colocou seu copo na mesa e se recostou novamente, suas

mãos sobre os braços da poltrona, sorrindo ao olhar furioso de Bellatrix.

'Narcisa, eu acho que nós devemos ouvir o que Bellatrix tem a dizer; isso vai nos

poupar algumas interrupções tediosas. Bem, continue, Bellatrix.' Disse Snape.

`Porque é que você não confia em mim?'

'Por cem motivos!' ela disse em voz alta, dando um passolargo de trás do sofá para

colocar seu copo sob a mesa. `Por onde começar? Onde você estava quando o Lord

Negro caiu? Porque você nunca tentou achá-lo quando ele desapareceu? O que você

tem feito durante todos esses anos em que você ficou no bolso de Dumbledore?

Porque você impediu o Lord Negro de alcançar a Pedra Filosofal? Porque você não

retornou depois que o Lord Negro renasceu? Onde você estava algumas semanas

atrás, quando batalhamos para

reaver a profecia para o Lord? E porque, Snape, Harry Potter ainda está vivo, quando

você o teve à sua mercê por cinco anos? Ela pausou, seu tórax subindo alto e

descendo rapidamente, a cor forte em suas bochechas. Atrás dela, Narcisa estava

sem emoções, sue rosto ainda Escondido entre suas mãos.

Snape sorriu. 'Ante de eu te responder - oh, sim, Bellatrix, eu vou responder! Você

pode levar a minha palavra até os outros que sussurram às minhas costas, e

carregam falsas histórias da minha dedicação ao Lord Negro. Eu te respondo, eu digo,

deixe-me fazer uma pergunta antes. Você realmente acha que o Lord Negro não me

fez cada uma dessas perguntas? E você realmente acha que, se eu não tivesse dado

respostas

satisfatórias, eu estaria aqui conversando com você?

Ela hesitou. Èu sei que ele acredita em você, mas-' 'Você acha que ele está errado?

Eu que eu o passei a

perna de alguma forma? Enganar o Lord Negro, o grande bruxo, o maior cúmplice da

Legilimância que o mundo já viu?'

Bellatrix não disse nada, mas parecia, pela primeira vez, um pouco derrubada. Snape

não pressionou. Ele pegou o seu drinque novamente, deu um gole, e continuou. `Você

me pergunta onde eu estava quando o Lord Negro caiu. Eu estava onde ele me

ordenou que estivesse, na Escolade Bruxaria e Magia de Hogwarts, porque ele me

queria espionando Albus Dumbledore. Você sabe, eu presumo, que foi por ordens do

Lord Negro que eu assumi o posto?'

Ela afirmou quase imperceptivelmente e então abriu a boca, mas Snape foi mais

rápido que ela.

'Você me pergunta por que eu não tentei encontrá-lo quando ele sumiu. Pela mesma

razão que Avery, Yaxley, os Carrows, Greyback, Lucius' ele inclinou sua cabeça um

pouco para Narcisa, è muitos outros não tentaram acha-lo. Eu acreditei que ele

estivesse morto. Não tenho orgulho disso, eu estava errado, mas é isso... Se ele não

tivesse perdoado aqueles que perderam a fé naqueles tempos, ele teria muitos

poucos seguidores agora.'

'Ele teria a mim!' disse Bellatrix com veemência. 'Eu, que passei muitos anos em

Askaban por ele!'

'Sim, de fato, muito admirável,' disse Snape em uma voz entediada. `É claro, você não

foi de muito uso para

ele na prisão, mas o gesto foi sem dúvida admirável-'

'Espere!' ela riu; na sua fúria ela parecia um pouco louca. 'Enquanto eu suportava os

Dementadores, você

ficou em Hogwarts, confortavelmente brincando de ser o bichinho de estimação de

Dumbledore!'

`Não necessariamente.' Disse Snape calmamente. 'Ele não iria me dar o cargo de

professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, você sabe. Parecia pensar que, ah,

me traria de volta aos meus velhos modos.'

'Esse foi o seu sacrifício pelo Lord Negro? Não ensinarsua matéria favorita?' ela

zombou. `Porque você ficou

lá todo esse tempo, Snape? Ainda espiando Dumbledore para um mestre que você

acreditava estar morto?'

'Quase,' disse Snape, 'embora o Lord Negro esteja agradecido que eu não tenha

deixado o meu posto; eu tinha dezesseis anos de informações sobre Dumbledore para

dar a ele quando ele retornasse, um presente de boas vindas um pouco mais útil do

que imensas lembranças de como horrível Askaban

é...` 'Mas você ficou-'

`Sim Bellatrix, eu fiquei,' disse Snape, demonstrando um pouco de impaciência pela

primeira vez. Èu tinha

um trabalho confortável. Eles estavam na cola dos Comensais da Morte, você sabe. A

proteção de Dumbledore me manteve fora da cadeia, foi muito conveniente e eu usei

isso. Eu repito: o Lord Negro não achou ruim de eu ter ficado, então eu não vejo

porque você acha.' 'Eu acho que a próxima coisa que você queria saber,' ele

continuou, um pouco mais alto, para que Bellatrix não demonstrasse sinais de o

interromper, 'porque eu fiquei entre o Lord Negro e a Pedra Filosofal. Isso é facilmente

respondido. Ele não sabia se podia confiar em mim. Ele pensou, como você, que eu

tinha passado de um grande Comensal da Morte a servente de Dumbledore. Ele

estava num estado lastimável, muito fraco, usando o corpo de um bruxo medíocre. Ele

não se atreveria a se mostrar para seus aliados se esses aliados pudessem trocá-lo

por Dumbledore ou pelo Ministério. Eu sinto muito que ele não confiasse em mim. Ele

teria retornado ao poder três anos mais cedo. E como foi, eu só vi um voraz e indigno

Quirell tentando roubar a Pedra e, eu admito, eu fiz tudo que eu pude para impedi-lo.'

A boca de Bellatrix tremeu como se ela tivesse tomado uma indesejada dose de

medicamentos. 'Mas você não voltou quando ele retornou, você não voou de volta a

ele quando você sentiu a Marca Negra queimando-`

'Correto. Eu retornei duas horas depois. Eu voltei sob as ordens de Dumbledore.

'Sob Dumbledore?' ela começou, em tons de ultraje.

'Pense!' disse Snape, impaciente novamente. 'Pense! Ao esperar duas horas, eu

garanti que eu iria ficar em

Hogwarts como um espião! Ao fazer Dumbledore acreditar que eu só estava voltando

para o lado do Lord Negro porque ele me ordenou, eu fui capaz de passar

informações sobre Dumbledore e a Ordem da Fênix desde sempre! Considere,

Bellatrix: a Marca Negra vinha queimando há meses, eu sabia que ele iria retornar,

todos os Comensais sabiam! Eu tinha muito tempo para pensar no que eu queria

fazer, então planejar meu próximo passo, e então fugir como Karakaroff, não tive?' 'O

desgosto do Lord Nego ao meu atraso desapareceu completamente, eu lhe asseguro,

quando eu lhe explique que eu continuava fiel, mesmo Dumbledore

pensando que eu

era o seu homem. Sim, o Lord Negro achou que eu o tinha deixado para sempre, mas

ele estava enganado.'

'Mas você foi de que uso?' zombou Bellatrix. `Que informações úteis nos recebemos

de você?

'Minha informação tem sido entregue diretamente ao Lord,' disse Snape. `Se ele

decide não dividir com você'

'Ele divide tudo comigo!' disse Bellatrix, pegando fogo de uma vez. 'Ele me chama de

sua mais leal, sua mais

fiel-`

Èle chama?' disse Snape, sua voz mudada delicadamente para mostrar sua

desconfiança. 'Ele ainda chama depois do fiasco no Ministério?'

Àquilo não foi minha culpa!' disse Bellatrix, ficando vermelha. 'O Lord Negro confiou

em mim, no passado,

seu mais precioso – se Lucius não tivesse-`

'Você não ouse – não ouse culpar meu marido!' disse Narcisa, em uma voz baixa e

apática, olhando para sua irmã..

'Não há porque culpar ninguém,' disse Snape com calma. 'O que está feito está feito.'

'Mas não por você!' disse Bellatrix furiosa. 'Não, mais uma vez você estava ausente

enquanto o resto de nós

corria perigo, não estava, Snape?'

'Minhas ordens foram para ficar atrás,' disse Snape. 'Talvez você discorde com o Lord

Negro, talvez você

ache que Dumbledore não teria notado se eu tivesse me unido aos Comensais da

Morte para lutar com a Ordem da Fênix?

E – perdoe-me – você fala de perigo... Vocês estavam enfrentando seis adolescentes,

não estavam?'

'Eles estavam juntos, como você bem sabe, com metade da Ordem pra começar!'

rosnou Bellatrix. È, enquanto você está falando da Ordem, você ainda diz que não

pode revelar o paradeiro do quartel-general deles, não é?'

'Eu não sou o Guardador do Segredo, eu não posso falar o nome do lugar. Você

entende como o encantamento funciona, eu acho? O Lord Negro está satisfeito com

as informações que eu passei para ele sobre a Ordem. Elas permitiram, como talvez

você tenha adivinhado, a recente captura e assassinato de Emmeline Vance, e

certamente ajudou a se livrar de Sirius Black, apesar de eu te dar todos os créditos

por acabar com ele.'

Ele inclinou sua cabeça e a encarou. Sua expressão não se amenizou.

'Você está fugindo da minha última pergunta, Snape. Harry Potter. Você podia tê-lo

matado a qualquer momento nos últimos cinco anos. Você não o fez. Por quê?'

'Você discutiu esse ponto com o Lord negro?' perguntou Snape.

'Ele... ultimamente, nós...

Eu estou perguntando a você, Snape!'

'Se eu tivesse assassinado Harry Potter, o Lord Negro não poderia ter usado o seu

sangue para regenerar, fazendo-o invencível -'

'Então você previu esse uso do garoto!' ela zombou.

'Eu não previ; eu não tinha idéia de seus planos; eu já havia confessado que eu

pensei que ele estava morto.

Eu estou simplesmente tentando explicar porque o Lord Negro não está triste que

Harry Potter tenha sobrevivido, pelo menos até um ano atrás...'

'Mas porque você o manteve vivo?'

'Você não me entendeu? Era somente a proteção de Dumbledore que estava me

mantendo fora de Askaban! Você discorda que assassinar o seu aluno predileto podia

o ter colocado contra mim? Mas havia mais a fazer do que isso. Eu devo lembrá-la

que quando Potter chegou a Hogwarts pela primeira vez, ainda haviam muitas

histórias circulando sobre ele, rumores de que ele por ele mesmo era um bruxo do

mal, que era o porquê dele ter sobrevivido ao ataque do Lord Negro. De fato, muitos

dos antigo seguidores do Lord negro pensaram que Potter fosse um padrão no qual

poderíamos nos apoiar mais uma vez. Eu estava curioso, eu admito, eu não iria matálo no momento em que o vi colocar o pé no castelo.'

'É claro, se tornou aparente para mim bem rapidamente que ele não tinha nenhum

talento extraordinário. Ele

se safou se de grandes perigos por uma simples combinação de muita sorte e amigos

talentosos. Ele é um medíocre do ultimo nível, tão odioso e desprezível quanto seu pai

era. Eu fiz o meu máximo para jogá-lo para fora de Hogwarts, onde eu acredito que

ele raramente ficará, mas matá-lo, ou permitir que ele fosse morto na minha frente?

Eu teria sido um tolo de arriscar, com Dumbledore tão próximo.'

'E nós devemos acreditar que Dumbledore nunca suspeitoude você?' Bellatrix

perguntou. 'Ele não tem idéia da sua verdadeira obediência, ele confia cegamente em

você?'

'Eu atuei bem,' disse Snape. 'E você negligencia a maior fraqueza de Dumbledore: ele

sempre acredita no melhor das pessoas. Eu senti nele um toque de profundo remorso

quando eu me juntei ao seu grupo, fresco dos dias de Comensal da Morte, e ele me

recebeu de braços abertos – embora, como eu disse, me mantendo ao

máximo

afastado das Artes do Mal. Dumbledore tem sido um grande mago – oh sim, ele tem'

(Bellatrix havia feito um barulho sarcástico) ò Lord Negro reconhece isso. Eu tenho

prazer em dizer, contanto, que Dumbledore está ficando velho.O duelo cm o Lord

Negro no ultimo mês mostrou isso.Ele tem ficado em grande prejuízo porque suas

reações são mais lentas do que eram antes. Mas por todos esses anos, ele não

deixou de acreditar em Severus Snape, e é nisso que está o meu grande valor para o

Lorde Negro.' Bellatrix ainda parecia infeliz, embora ela aparecesse insegura de

como atacar Snape agora. Tirando vantagem

do seu silêncio, Snape se voltou para sua irmã.

'Agora... você veio me pedir ajuda, Narcisa?'

Narcisa olhou para ele, seu rosto demonstrando seu desespero.

'Sim, Severus. Eu – Eu acho que você é o único que pode me ajudar, eu não tenho

mais para onde ir. Lucius está preso e...' Ela fechou seus olhos e duas grossas

lágrimas desceram de suas pálpebras. 'O Lord Negro me proibiu de falar disso,'

Narcisa continuou, seus olhos ainda fechados. 'Ele não quer que ninguém saiba do

plano. Ele é... muito secreto. Mas-'

'Se ele proibiu, você não deve dizer,' disse Snape de uma vez. À palavra do Lord

Negro é lei.'

Narcisa ofegou como se ele lhe tivesse atirado água gelada.

Bellatrix parecia satisfeita pela primeira vez desde que ela tinha entrado na casa.

'Isso!' ela disse triunfante para sua irmã. 'Até Snape concorda: te disseram para não

falar, então não fale!'

Mas Snape havia se levantado e ido até a pequena janela, olhou pelas cortinas para a

rua deserta, então as fechou com um empurrão. Ele se virou para Narcisa, franzindo

as sobrancelhas. 'O que acontece é que eu já sei do plano,' ele disse em voz baixa.

Èu sou para os quais o Dark Lord contou. Entretanto, se eu não estivesse sabendo,

Narcisa, você seria culpada de traição ao Lord Negro.'

'Eu achei que você sabia!' disse Narcisa, respirando mais livremente. 'Ele confia tanto

em você, Severus...'

`Você sabe do plano?' disse Bellatrix, sua rápida expressão de satisfação substituída

por um ar de ultraje. 'Você sabe?'

'Certamente,' disse Snape. 'Mas de que ajuda você precisa, Narcisa? Se você imagin

a que eu posso persuadir o Lord Negro a mudar de opinião, eu receio que não haja

esperança.

Nenhuma mesmo.' 'Severus,' ela sussurrou, lágrimas descendo por seu

rosto.

'Meu filho... Meu único filho...' 'Draco deveria estar orgulhoso,' disse Bellatrix,

indiferente.

'O Lord Negro está dando a ele uma grande honra. E eu digo isto por ele: ele não se

retraindo do seu dever,

ele parece feliz de ter a chance se mostrar capaz, excito na idéia de-`

Narcisa começou a chorar energeticamente, olhando suplicante para Snape.

'Isso é porque ele só tem dezesseis anos e não tem idéia do que o espera! Porque,

Severus? Porque o meu filho?

É muito perigoso! Isso é vingança pelo erro de Lucius.

Eu sei disso!'

Snape não disse nada. Ele desviava o olhar das lágrimas como se elas fossem

indecentes, mas não podia fingir que não a ouvia. 'É por isso que ele escolheu o

Draco, não é? Ela persistiu. 'Para punir o Lucius?'

'Se o Draco tiver sucesso,' disse Snape, ainda desviando o olhar dela, èla será

honrado acima de todos os outros.'

'Mas ele não vai conseguir!' soluçou Narcisa. 'Como ele poderia, quando o próprio

Lord Negro -?'

Bellatrix ofegou; Narcisa pareceu perder a energia.

Eu só quis dizer que... Que ninguém conseguiu ainda... Severus... Por

favor... Você é,

e sempre foi, o professor favorito do Draco... Você é um velho amigo do Lucius... Eu

te imploro... Você é o favorito do Lord, seu aconselhador mais confiável... Você falará

com ele, o convencerá-?`

'O Lord Negro não será convencido, e eu não sou burro o suficiente para tentar,' disse

Snape, vagamente. 'Eu

não poso fingir que o Lord Negro não está zangado com Lucius. Lucius deveria estar

comandando. Ele se deixou ser capturado, junto com muitos outros, e falhou em

recuperar a profecia. Sim, o Lord Negro está com raiva, Narcisa, realmente com muita

raiva.'

'Então eu estou certa, ele escolheu o Draco por vingança!' ofegou Narcisa. 'Ele não

quer que ele consiga, ele quer que ele morra tentando!'

Quando Snape não disse nada, Narcisa pareceu perder o pouco de autocontrole que

ainda tinha. De pé, ela cambaleou até Snape e agarrou a frente de suas vestes. Seu

rosto perto do dele, suas lágrimas caindo no seu peito, ela suspirou. 'Você poderia.

Você poderia fazer no lugar do Draco, Severus. Você iria conseguir, é lógico que iria,

e ele iria te recompensar por todos nós-'

Snape segurou o seu pulso e retirou suas mãos apertadas. Olhando

fundo em seu

rosto cheio de lágrimas, ele disse vagarosamente. 'Ele quer que eu tente no final, eu

acho. Mas ele está determinado que Draco tente antes. Veja você, se Draco suceder,

eu vou ser capaz de ficar em Hogwarts por mais algum tempo, completando meu útil

trabalho como espião.'

'Em outras palavras, não importa se Draco vai ser morto!'

'O Lorde Negro está muito furioso,' repetiu Snape lentamente. Èle falhou ao ouvir a

profecia. Você sabe tão bem quanto eu, Narcisa, que ele não esquece tão facilmente.'

Ela se dobrou, caindo a seus pés, chorando e gemendo no chão. 'Meu único filho…

Meu único filho...'

'Você deveria estar orgulhosa!' disse Bellatrix cruelmente. 'Se eu tivesse filhos, eu

estaria feliz em vê-los a

serviço do Lord Negro!'

Narcisa deu um pequeno grito de desespero e agarrou seus longos cabelos loiros.

Snape parou, segurando seus braços, a levantou e a colocou de volta no sofá. Ele

então a deu mais vinho e forçou o copo nas suas mãos. 'Narcisa, chega. Beba isso.

Me ouça.'

Ela se acalmou um pouco; derramando vinho nela mesma, ela tomou um gole

tremido.

'Pode ser possível… Que eu ajude Draco.'

Ela se levantou, seu rosto pálido, seus olhos enormes. 'Severus - oh, Severus – você

o ajudaria? Você tomaria conta dele, mantê-lo longe do perigo?'

'Eu posso tentar'

Ela se jogou para longe do copo; passou pela mesinha até cair em uma confortável

posição aos pés de Snape, pegou suas mão com as suas duas e apertou seus lápis

nelas.

'Se você estiver lá para protegê-lo... Severus, você juraria? Você faria o Juramento

Inquebrável?'

'O Juramento Inquebrável?' a expressão de Snape era vaga, ilegível; Bellatrix,

entretanto, deu uma risada triunfante.

'Você não está ouvindo, Narcisa? Oh, ele irá tentar, eu tenho certeza... As mesmas

palavras vazias, a mesma

deslizada fora do ar... Oh, sob as ordens do Lord Negro, com certeza!' Snape não

olhou para Bellatrix. Seus olhos negros estavam fixados nos olhos azuis cheios de

lágrimas de Narcisa, e ela continuava a segurar sua mão.. 'Certamente, Narcisa, eu

farei o Juramento Inquebrável.' Ele disse vagarosamente. `Talvez, sua irmã queira ser

o nosso Elo de Ligação.'

A boca de Bellatrix estava escancarada. Snape se abaixou para que ele estivesse

ajoelhado ao contrário de Narcisa. Sob o olhar fixo atônito de Bellatrix, eles deram as

mãos.

'Você vai precisar da sua varinha, Bellatrix,' disse Snape friamente,

Ela a pegou, ainda parecendo atônita, 'E você vai precisar chegar um pouco mais

perto,' ele disse.

Ela deu alguns passados para que ficasse próxima a eles, e colocou a ponta de sua

varinha nas suas mãos dadas.

Narcisa falou. 'Irá você, Severus, cuidar do meu filho Draco ao satisfazer os pedidos

do Lord Negro?'

'Eu irei.' disse Snape. Uma fina labareda saiu da varinha e serpenteou-se envolta das

mãos como um vinho vermelho-fogo. 'E irá você, com o melhor de suas habilidades,

protegê-lo do perigo?'

'Eu irei.' disse Snape Uma segunda labareda de fogo saiu da varinha e se ligou à

primeira, formando uma bela cadeira de lampejos.'E, devo prová-lo necessário... Se

você sentir que Draco irá falhar...' sussurrou Narcisa (a mão de Snape repeliu-se da

dela, mas elas não se separaram) 'irá você carregar o fardo que o Lord Negro

ordenou a Draco cumprir?'

Houve um momento de silêncio. Bellatrix assistiu, sua varinha sob suas mãos unidas,

seus olhos bem abertos.

'Eu irei.' disse Snape.

O rosto pasmo de Bellatrix ficou vermelho com a chama de uma terceira labareda, que

saiu da varinha, se misturou com as outras e ricocheteou envolta de suas mãos

unidas, como uma corda, como uma cobra cor de fogo.

CHAPTER THREE



WILL AND WON'T

Capítulo 3: Vai ou Não Vai

Harry potter estava roncando baixo. ele estava sentado em uma cadeira em seu

quarto por bem umas 4 horas, olhando para fora na rua escura, e tinha finalmente

caído no sono com um lado de seu rosto contra o gelado vidro da janela, seus óculos

estavam caídos e sua boca meio aberta. Seu hálito embaçada a janela que dava para

uma lâmpada alaranjada na rua lá fora, a luz artificial iluminava seu rosto fazendo-o

parecer um tanto fantasmagórico, em grande contraste com seu cabelo muito negro. o

quarto estava cheio com varias possessões e um bom tinteiro. muita comida,

bagaços de maçãs meio podres entulhavam o chão, um numero de livros-texto

pendiam de sua cama, e uma bagunça de jornais embaixo de um abajur em sua

mesa. a linha de um sublinhada: HARRY POTTER O ESCOLHIDO? rumores

continuavam a voar sobre o recente e misterioso distúrbio com o ministro da magia,

durante o qual, aquele que não deve ser nomeado havia voltado, uma vez mais. "nós

não estamos autorizados a falar sobre isso, não me pergunte nada"disse um

obliviador agitado, que se recusou a dar seu nome enquanto deixava o ministério

ontem a noite. Contudo, uma pessoa do alto escalão do ministério, confirmou que o

foco da perturbação foi salão da profecia.

"spokewizards" de dentro do ministério se recusaram ate mesmo a confirmar a

existência desse lugar, um grande numero da comunidade bruxa acredita que os

comensais da morte agora servem sentenças em Azkaban para ultrapassar e intimidar

aqueles que tentam roubar a profecia. A natureza dessa profecia é desconhecida,

grandes especulações dizem que se concentra em harry potter, a única pessoa

conhecida

a sobreviver ao curso mortal, e que também é sabido que esteve com o ministro na

noite em questão. Alguns estão indo longe e chamando harry potter de o "escolhido",

acreditando segundo a profecia, ele seria o único que conseguiria nos livrar daquele

que não deve ser nomeado. os correntes boatos sobre a profecia, se é que ela existe,

são desconhecido, largamente (cont, pag. 2, coluna 5)

Um segundo jornal estava ao lado do primeiro. esse tinha o cabeçalho:

SCRIMGEOUR SUCEDE FUDGE.

A maior parte da primeira pagina estava coberta por uma foto preto-e-branco de um

homem com uma juba de cabelos marrom-amarelados e um rosto um tanto quanto

arruinado. A foto estava em movimento -o homem estava se movendo na foto. Rufus

Scrimgeour, antes Cabeça do quartel dos Aurores no departamento da aplicação das

leis magicas, está sucedendo Cornelius Fudge como ministro da magia. A nomeação

tem

sido largamente tomada com entusiasmo pela população bruxa, houve rumores de

uma richa entre o novo minstro e Alvo Dumbledore, novo Chefe

Warlock do

Wizengamot, com horas no escritório de Scrimgeour. Representantes de Scrimgeour

admitiram que ele tinha se encontrado com Dumbledore uma vez, tomando posse do

melhor emprego, mas se recusaram comentar sobre os tópicos em discussão. Alvo

Dumbledore é conhecido como... (cont.pag 3, coluna 2)

Na esquerda de outra página, a qual havia sido anexada uma reportagem com o título

"MINISTRO GARANTE A SEGURANÇA DOS ESTUDANTES". Novamente

questionado, o Ministro da Magia, Rufus Scrimgeour, falou hoje sobre as novas

medidas pelo ministério para garantir com segurança a volta dos alunos à Escola de

Magia e Bruxaria de Hogwarts neste outono. "Por óbvias razões, o ministério não vai

entrar em detalhes

sobre os novos planos de segurança", disse o ministro, apesar de que uma pessoa de

dentro do ministério confirmou que essas medidas incluem feitiços e magias

defensivas, uma complexa disposição de "counter-curses" e uma pequena força-tarefa

de aurores dedicados somente para a proteção de Hogwarts. A maioria parece

tranqüilizada pelo discurso do novo ministro sobre a segurança dos alunos. A senhora

Augusta Longbottom disse: "Meu neto, Neville -, um grande amigo de Harry Potter,

que lutou contra os comensais da morte ao lado de Harry no minstério em Junho e –

Mas o resto da reportagem estava escondido embaixo de uma grande gaiola. Dentro

tinha uma magnífica coruja nevada.

Seus olhos âmbares examinavam o quarto imperiosamente, sua cabeça girava sobre

seu pescoço ocasionalmente para olhar seu dono roncar. Uma ou duas vezes ela

bateu seu bico impacientemente, mas Harry está num sono muito profundo para ouvila.

Um grande baú estava bem no meio do quarto. Sua tampa estava aberta: já estava

quase vazio a não ser por roupas de baixo (cuecas) velhas, doces, frascos de tinta

vazios e penas quebradas que revestiam o fundo. Próximo a isso, no chão, estava

jogado um folheto brasonado (com brasão) com as palavras: EMITIDO EM NOME DE

O MINISTÉRIO DA MAGIA - Protegendo sua casa e sua família contra a arte das

trevas A comunidade bruxa está atualmente sob a ameaça de uma organização

chamada de Os Comensais da Morte. O seguinte guia irá ajudá-lo a proteger sua

casa, sua famílias e as mesmo de um possível ataque

1. Você é aconselhado a não sair sozinho de casa

2. Cuidado nas horas de escuridão (de noite). Sempre que possível, completem suas

viagens antes do anoitecer.

3. Revise as condições de segurança ao redor de sua casa, tendo certeza de que

todos os membros de sua família estão cientes das medidas de segurança como

feitiços escudo e de desilusãoe, no caso de membros da família menores de idade,

Side-Along-Apparitions

4. Faça perguntas pessoais para seus amigos mais próximos e familiares para

detectas comensais que possam estar mascarados pela poção polisuco (veja pag 2)

5. Caso você sinta que um membro da família, colega, amigo ou vizinho esta agindo

de maneira estranha, avise o Esquadrão mágico de reforço à lei o mais rápido

possível. Eles podem estar agindo sobre a maldição Imperius (veja pag 4)

6. Se a marca negra aparecer sobre qualquer moradia ou outra construção, NÃO

ENTRE, mas avise o escritório dos aurores o mais rápido possível

7. Boatos sugerem que o comensais podem estar usando agora "Inferi" (veja pag 10).

Qualquer sinal de algum "Inferious", ou encontro comum semelhante, deve ser

comunicado ao ministro IMEDIATAMENTE.

Harry grunhiu em seu sono e sua cara escorregou na janela uma polegada, fazendo

seu óculos ficar mais torto, mas ele não acordou. Um despertador, consertado por

Harry alguns anos atrás, estava "tiquetaqueando" alto na cabeceira de sua cama,

mostrando 10:59. Ao lado disso, preso no lugar por uma mão relaxada de Harry,

estava um pedaço de pergaminho coberto por uma fina e inclinada escrita. Harry tinha

lido este pergaminho tão repetidamente desde sua chegada a 3 dias, que apesar de o

mesmo ter sido

entregue firmemente enrolado, agora estava reto.

Querido Harry, Se isso for conveniente para você, eu chamar no número quatro, no

estacionamento nessa sexta-feira às 11 para te escoltar até a toca, onde você está

sendo convidado para passar o resto de suas férias. Se você aceitar, e devo também

estar contente de ser o seu assistente numa matéria em que eu espero ajudar no

caminho para a toca, esplicarei melhor quando nos vermos. Enviei sua resposta pelo

retorno desta coruja. Espero te ver na sexta.

Alvo Dumbledore

Embora ele já a conhecesse de cor, Harry tinha estado lançando olhares a esta carta

a cada poucos minutos

desde as sete da noite, quando ele tinha se posicionado pela primeira vez ao lado da

janela de seu quarto, onde tinha uma visão razoável da rua dos Alfeneiros. Ele sabia

que era insensato reler novamente as palavras de Dumbledore; Harry tinha mandado

de volta o seu "sim" com a coruja, como pedido, e tudo que ele poderia fazer agora

era esperar: Ou Dumbledore estava vindo, ou ele não estava.

Mas Harry não tinha arrumado as malas. Apenas parecia muito bom para ser verdade

que ele ia ser salvo dos Dursleys depois de uma mera quinzena na companhia deles.

Ele não pôde ignorar o sentimento que algo ia sair errado -a sua resposta para a carta

de Dumbledore poderia ter sido desviada; Dumbledore poderia ter sido impedido de

recolhê-la; a carta poderia não se mostrar nada para Dumbledore, mas um truque ou

piada ou armadilha. Harry não tinha se mostrado capaz de arrumar as malas e então

ficar desapontado e desarrumá-las novamente. O único gesto que ele tinha feito à

possibilidade de uma viagem foi fechar a sua

coruja nevada, Edwirges, seguramente na gaiola dela.

O ponteiro dos minutos do despertador alcançou o número doze e, naquele momento

preciso, as lâmpadas da rua lá fora, se apagaram. Harry despertou como se a

escuridão súbita fosse um alarme. Endireitando rapidamente os seus óculos e

descolando sua face do vidro, ele apertou seu nariz contra a janela e deu uma olhada

para a calçada. Uma figura alta em uma longa, ondulada capa estava caminhando no

jardim.

Harry saltou como se ele tivesse recebido um choque elétrico, golpeado em cima de

sua cadeira, começou arrebatando qualquer coisa dentro de alcance do chão e

lançando dentro de seu baú. Até mesmo ele jogou um jogo de mantos, dois livros de

feitiços, e um pacote de "crisps" pelo quarto, a campainha da porta tocou. Na

escadaria da sala de estar o Tio Valter gritou, " Quem, infernos, está chamando a esta

hora da noite?

Harry gelou com um telescópio de metal em uma mão e um par de "trainers" na outra.

Ele tinha esquecido avisar os Dursleys que Dumbledore poderia estar vindo. Sentindo

se apavorado e ao mesmo tempo perto de rir, ele subiu em cima do baú e puxou-o

aberto pelo seu quarto para ouvir uma voz profunda dizer, "boa noite. Você deve ser

Sr. Dursley. Eu imagino que Harry lhes contou que eu estaria vindo por ele"?

Harry correu descendo dois degraus por vez, parando repentinamente a alguns

passos do piso, como sua experiência longa tinha lhe ensinado a permanecer fora do

alcance dos braços do seu tio sempre que possível. Lá na entrada estava um homem

alto, magro com cabelo comprido até na cintura prateado e barba.

Tinha óculos meiolua no seu nariz dobrado, e ele estava usando uma longa capa negra de viagem e

chapéu pontiagudo. Valter Dursley, cujo bigode estava quase tão espesso quanto o de

Dumbledore, entretanto

negro, e que estava usando um roupão castanho-escuro, estava encarando a visita

como se ele seus olhos minúsculos não pudessem acreditar no que viam. "Julgando

por seu olhar de impressionada descrença, Harry

não o advertiu que eu estaria vindo, Dumbledore " disse agradavelmente. " Porém,

deixe-me supor que você me convidou cordialmente em sua casa. Não é inteligente

demorar demais no degrau de entrada da porta nestes tempos difíceis". Ele pisou

inteligentemente em cima do umbral e fechou a porta ás suas costas.

"Faz muito tempo desde minha ultima visita" disse Dumbledore, olhando sobre seu

nariz curvo para o Tio Valter. " Eu tenho que dizer, seus agapanthus estão

florescendo ".

Valter Dursley não disse nada. Harry não duvidou que a fala retornasse a ele, e logo -

a veia que pulsava no pescoço de seu tio estava alcançando pontos de perigo - mas

algo sobre Dumbledore parecia ter o roubado temporariamente o fôlego. Poderia ter

sido o "wizardishness" grosseiro de sua aparência, mas talvez, também, o Tio Valter

pudesse sentir que ali era um homem quem seria muito difícil ameaçar.

" Ah, boa noite Harry", disse Dumbledore, o olhando pelos seus óculos meia-lua com

uma expressão mais satisfeita. " Excelente, excelente ".

Estas palavras pareceram despertar Tio Valter. Estava claro que no que lhe diz

respeito, qualquer homem que pudesse olhar Harry e dizer " excelente " era um

homem com quem ele nunca poderia olhar olho para olho. " Eu não pretendo ser rude

- " ele começou, em um tom que ameaçou grosseria em cada sílaba.

"--contudo, tristemente, grosseria acidental acontece inquietantemente com

freqüência, " Dumbledore terminou a oração gravemente. " Melhor não dizer nada,

meu querido homem. Ah, e esta deve ser Petúnia ".

A porta de cozinha tinha aberto, e lá estava a tia de Harry, usando luvas de borracha e

um avental sobre sua

camisola, claramente a meio tempo entre a hora de dormir e sua habitual limpeza de

todas as superfícies de cozinha. Sua face "com traços de cavalo" não registrou nada

mais que choque.

" Alvo Dumbledore", disse Dumbledore, quando Tio Valter não efetuou uma

introdução. " Nós correspondemos, claro

". Harry pensou que este era um modo estranho de recordar Tia

Petúnia, que ele tinha

lhe enviado uma vez uma carta explosiva, mas Tia Petúnia não desafiou o termo. " E

este deve ser seu filho, Dudley "?

Dudley tinha naquele momento espreitado em volta da porta de sala de estar. A sua

cabeça grande, loira subindo fora do colarinho de "stripy" do seu pijama olhou

desligado, boquiaberto de surpresa e "I car"??. Dumbledore esperou um momento ou

dois, aparentemente para ver se qualquer dos Dursleys iria dizer qualquer coisa, mas

como o "o.ilcncc"?? estirou nele sorriu. Nós assumiremos que você me convide para

sua sala de estar?

Dudley se mexeu fora do normal à medida que Dumbledore passava por ele. Harry,

ainda agarrando com força seu telescópio e trainers, saltou os últimos degraus e

seguiu Dumbledore, que tinha se ajeitado poltrona mais próxima ao fogo e estava

olhando as coisas em volta com agradável interesse. Ele olhou totalmente e

extraordinariamente fora de lugar.

"Nós não --nós não estamos partindo, senhor "? Harry perguntou ansiosamente.

" Sim, realmente nós estamos, mas há algumas questões que nós precisamos discutir

primeiro" disse Dumbledore."E eu preferiria não fazer tão ao ar livre. Nós só

infringiremos um pouco mais a hospitalidade de sua tia".

" Você vai, você vai?"

Valter Dursley tinha entrado na sala, Petúnia ao encalço dele, e Duda escapando por

trás dos dois.

" Sim", Dumbledore disse simplesmente, " eu devo ". Ele puxou sua varinha tão

rapidamente que Harry custou

a ver; com um estalido casual, o sofá zuniu adiante e bateu os joelhos dos três do

Dursleys de forma que eles

desmoronaram sobre ele. Outro estalido da varinha e o sofá zuniu atrás a sua posição

original. " Nós podemos também estar confortáveis", disse Dumbledore

agradavelmente.

À medida que ele recolocou sua varinha no bolso, Harry viu que a mão dele estava

enegrecida e murcha; parecia como se a carne tivesse sido queimada. " Senhor - o

que aconteceu com sua-?"

" Depois, Harry", disse Dumbledore. " Por favor sente se". Harry pegou a poltrona

restante e escolhendo não olhar os Dursleys que pareciam atordoados em silêncio.

" Eu suporia que você fosse me oferecer refresco, " Dumbledore disse ao Tio Valter, "

mas as evidências até aqui sugerem que não deveria ser otimista ao ponto desse

tolice ".

Um terceiro agito da varinha, e uma garrafa empoeirada e cinco copos apareceram à

meia altura. A garrafa inclinou e derramou uma medida generosa de líquido melcolorido em cada dos copos que então flutuaram para cada pessoa na sala.

"O mais fino Hidromel curtido em carvalho sa Madame Rosmerta", disse Dumbledore,

elevando seu copo para Harry, que pegou o seu próprio e bebericou. Ele nunca tinha

tido experimentado qualquer coisa parecida antes, mas desfrutou imensamente. Os

Dursleys, depois de olhares rápidos, assustados de um ao outro, tentaram ignorar os

seus copos completamente, um feito difícil, como eles estavam os cutucando com

suavidade nos lados de suas cabeças. Harry não pôde suprimir uma suspeita que

Dumbledore estava se desfrutando bastante.

" Bem, Harry", Dumbledore disse, dirigindo em direção a ele, "uma dificuldade surgiu,

a qual espero eu que

você possa resolver para nós. Por nós, eu quero dizer a Ordem da Fênix. Mas em

primeiro lugar eu lhe tenho

que falar que o testamento de Sirius foi descoberto uma semana atrás e que ele

deixou tudo que ele possuía para você".

Em cima do sofá, Tio a cabeça de Vernon virou, mas Harry não o olhou, nem ele

poderia pensar que de qualquer coisa que diz exclua, " Oh. Direito ".

" Isto é, o principal, bastante direto, " Dumbledore continuou. " Você possui uma

quantia razoável de ouro

em sua conta no Gringotes, e você herda todas as posses pessoais de Sirius. A parte

ligeiramente problemática do legado -"

O padrinho dele está morto? disse Tio Valter em voz alta do sofá. Dumbledore e Harry

ambos viraram para o olhar. O copo de hidromel estava batendo agora bastante

insistentemente ao lado da cabeça de Valter; ele tentou tirar fora.

"Ele está morto? O padrinho dele?"

" Sim", disse Dumbledore. Ele não perguntou para Harry por que ele não havia

confiado nos Dursleys. " Nosso problema, " ele continuou a Harry, como se não

tivesse havido nenhuma interrupção," é que Sirius deixou pra você o Largo

Grimmauld, numero doze.

" Ele está ficando com uma casa "? disse Tio Valter ambiciosamente, com seus

pequenos olhos se estreitando, mas ninguém lhe respondeu.

" Vocês podem continuar usando-a como sede", Harry disse. " Eu não me importo.

Vocês podem ficar com ela, eu realmente não a quero". Harry nunca quis botar os pés

no Largo Grimmauld, número doze, novamente, se ele pudesse ajudar.

Ele pensou

que ele sempre seria assombrado pela memória de Sirius que ronda seus quartos

bolorentos escuros solitário, encarcerado dentro do lugar que ele tinha querido partir

tão desesperadamente.

" Isso é generoso, " Dumbledore disse. "Porém, nós desocupamos o edifício

temporariamente ".

Por que "?

" Bem," Dumbledore disse, ignorando o murmúrio do Tio Valter que estava sendo

golpeado inteligentemente em sua cabeça pelo persistente copo de hidromel tradição

familiar " A tradição da família Black decretou que

a casa fosse passada para as próximas gerações da linhagem direta, para o próximo

homem com o nome de 'Black'. Sirius era o último da linhagem, como o irmão mais

jovem dele, Regulus, e faleceram ambos sem terem filhos. Enquanto o seu

testamento faz perfeitamente que você tenha a casa, é não obstante possível que

algum feitiço ou encanto que foi fixo no lugar assegurar que não pode ser possuído

por qualquer um diferente de um puro sangue".

Uma imagem vívida do grito, saindo do retrato da mãe de Sirius que se manteve o

corredor do Largo Grimmauld, número doze, brilhou na mente de

Harry. " Eu aposto

que lá tem, " ele disse.

" Perfeitamente", disse Dumbledore. " E se tal um encanto existe, então a propriedade

da casa é provável passar para o mais antigo parente de Sirius vivo, que seria a prima

dele, Bellatrix Lestrange ".

Sem perceber o que ele estava fazendo, Harry pulou sobre seus pés; o telescópio e

trainers no seu colo rolaram pelo chão. Bellatrix Lestrange, a assassina de Sirius,

herda a casa dele?

" Não, " ele disse.

" Bem, obviamente nós preferiríamos que ela ou não a adquirisse", disse Dumbledore

calmamente. " A situação está carregada de complicações. Nós não sabemos se os

encantos que nós mesmos colocamos lá, por exemplo, fazendo-a

"Unplottable"(ilocalizável, talvez), se manterão agora aquela propriedade passou das

mãos de Sirius. Poderia ser que Bellatrix chegue no degrau de entrada a qualquer

momento. Naturalmente nós tivemos que nos mudar até esclarecermos esta posição,"

" Mas como você vai descobrir se me permitem possuí-la"?

" Felizmente" disse Dumbledore, "há um teste simples."

Ele colocou seu copo vazio em uma mesa pequena ao lado de sua cadeira, mas antes

de ele pudesse fazer qualquer outra coisa, Tio Valter gritou, " você receberia estas

coisas coradas sem nós "?

Harry deu uma olhada; todos os três Dursleys estavam se encolhendo com seus

braços em cima das suas cabeças com os copos saltando de cima para baixo nos

seus crânios, os conteúdos deles voando pra todos os lugares.

" Oh, desculpe-me", Dumbledore disse educadamente, e ele elevou sua varinha

novamente. -todos três copos

desapareceram. " Mas teria sido de melhor tom beber isto, você sabe ".

Parecia como se o Tio Vernon fosse explodir com qualquer número de respostas

desagradáveis, mas ele somente encolheu atrás nas almofadas com Tia Petúnia e

Duda e não disse nada, mantendo seus pequenos olhos de porco na varinha de

Dumbledore.

" Veja você, " Dumbledore disse, voltando a Harry e falando novamente como se o Tio

Valter não tivesse se pronunciado, " se você herdou a casa realmente, você também

herdou-"

Ele sacudiu sua varinha pela quinta vez. Havia um estalo alto, e um elfo doméstico

apareceu, com um focinho para um nariz, as orelhas de morcego gigante, e olhos

sanguinolentos enormes, sobre o carpete felpudo dos Dursleys e coberto em trapos

encardidos. Tia Petúnia deixou sair um grito agudo horrível; nada tão imundo havia

entrado em sua casa em sua memória vivente. Duda puxou o seu grande, desnudo,

pé rosa para fora do chão e se sentou com eles elevados quase sobre a cabeça dele,

como se ele pensasse que a criatura poderia aumentar suas calças compridas de

pijama, e Tio Vernon berrou, isso que infernos é isso"?

" Kreacher," finalizou Dumbledore.

" Kreacher não, Kreacher não, Kreacher não!" resmungava o elfo-doméstico, quase

tão ruidosamente quanto o Tio Valter, estampando seus pés longos, nodosos e

puxando as suas orelhas. " Kreacher pertence à Senhorita Bellatrix, oh sim, Kreacher

pertence aos Black, Kreacher querer sua nova mestra, Kreacher não querer ir com

Potter pirralho, Kreacher não vai, não vá, não -"

" Como você pode ver, Harry", Dumbledore disse ruidosamente, por cima do

resmungo de Kreacher " não, não irá, não irá," " Kreacher está mostrando uma certa

relutância para passar para sua propriedade ".

" Eu não me preocupo", disse Harry novamente, olhando com desgosto o elfo

doméstico se retorcendo e esperneando. " Eu não o quero". "Não, não, não, não -"

" Você preferiria que ele passasse para s propriedade de Bellatrix Lestrange?

Levando em consideração que

ele viveu na sede da Ordem da Fênix todo o ano passado?

"Não, não , não, não -"

Harry encarou Dumbledore. Ele sabia que Kreacher não poderia ser permitido ir e

viver com Bellatrix Lestrange, mas a idéia de o possuir, de ter responsabilidade pela

criatura que tinha traído Sirius, era repugnante.

"Dê a ele uma ordem," disse Dumbledore. " Se ele passou para sua propriedade, ele

terá que obedecer. Se não, então nós teremos que pensar em alguns outros meios de

mantê-lo em seu mestre legítimo.

"Não, não, não, não!"A voz de Kreacher tinha se elevado a um grito. Harry poderia

pensar que de nada para dizer a não ser, " Kreacher, cale-se"!

Passou um momento como se Kreacher fosse se sufocar. Ele agarrou sua garganta,

sua boca ainda trabalhando furiosamente, seus olhos inchando. Depois de alguns

segundos de tragar frenético, ele se lançou adiante sobre o tapete (Tia Petúnia

choramingou) e bateu o chão com as mãos e pés para um violento, mas

completamente silencioso, acesso de raiva.

" Bem, isso simplifica as coisas", disse Dumbledore animadamente.

" Parece que Sirius sabia o que ele estava fazendo. Você é o dono legítimo do Largo

Grimmauld número doze e de Kreacher ".

" Eu - eu tenho que mantê-lo comigo"? Harry perguntou, espantado

Kreacher batia ao redor de seus pés.

" Não se você não quer", disse Dumbledore. " Se eu poder dar sugestão, você poderia

o enviar a Hogwarts para trabalhar lá na cozinha. Daquele modo, os outros elfosdomésticos poderiam ficar de olho nele ".

" Yeah," disse Harry em alívio, " yeah, eu farei isso. Er - Kreacher - eu o quero que

você vá para Hogwarts e trabalhar lá na cozinha com os outros elfos-domésticos".

Kreacher que estava agora deitado de costas com seus braços e pernas no ar de a

Harry um mentindo agora no ar apartamento na parte de trás dele com os braços dele

e pernas no ar deu a Harry um olhar de profunda abominação e, com outro estampido

alto, desapareceu.

"Bom", Dumbledore disse. Há também a questão do hipógrifo, Bicuço. Hagrid tem

cuidado dele desde que Sirius morreu, mas Bicuço agora é seu, assim se você

preferisse fazer arranjos diferentes -"

" Não, "Harry disse imediatamente, " ele pode ficar com Hagrid. Eu penso que Bicuço

preferiria isso ".

" Hagrid ficará encantado," Dumbledore disse, sorrindo. " Ele estava excitado para ver

Bicuço novamente. Incidentemente, nós decidimos, pelos interesses da segurança de

Bicuço, rebatizá-lo de ' Witherwings' por enquanto, embora eu duvide

que o Ministério

adivinharia que ele é o hipógrifo que eles condenaram uma vez a morte. Agora, Harry,

seu baú está arrumado"? Erm. ..

" Difícil de descobrir"? Disse Dumbledore com sagacidade.

" Eu apenas irei e - er - termino" disse Harry apressadamente, se apressando para

apanhar o telescópio e os trainers caídos.

Levou um pouco mais de dez minutos para localizar tudo que ele precisava; afinal ele

tinha conseguido tirar

a Capa de Invisibilidade debaixo da cama, atarraxada ao topo de trás do seu jarro de

tinta, e forçou a tampa

do seu baú fechou seu caldeirão. Então, levantando se baú em uma mão e contendo

a gaiola de Edwirges em outra, ele retornou escada abaixo, Ele foi desapontado em

descobrir que Dumbledore não estava

esperando no corredor o que significou que ele teve que voltar à sala de estar.

Ninguém estava falando. Dumbledore estava sussurrando calmamente,

aparentemente totalmente com sua facilidade, mas a atmosfera era mais espessa que

pudim frio, e Harry não ousou olhar para os Dursleys, e ele disse, "Professor - eu

estou pronto agora".

"Bom" disse Dumbledore. " Apenas uma última coisa, então ". E ele

virou para falar

mais uma vez aos Dursleys. " Como você estará indubitavelmente atento, Harry chega

na maturidade em um ano -"

" Não, " disse Tia Petúnia, falando pela primeira vez desde a chegada de Dumbledore.

" Eu sinto muito"? disse Dumbledore educadamente.

" Não, ele não faz". Ele é um mês mais jovem que Dudley, e Duda não terá dezoito

até o ano depois do próximo.

" Ah, " Dumbledore disse agradavelmente, " mas no mundo da Magia, nós chegamos

à maturidade aos dezessete ".

Tio Valter murmurou, "Absurdo, " mas Dumbledore o ignorou, " Agora, como vocês já

sabem, o mago chamado Lord Voldemort retornou a este país. A comunidade da

Magia está atualmente em um estado de guerra aberta. Harry, a quem Lord Voldemort

já tentou matar em várias ocasiões, está agora até em

maior perigo que o dia em que eu o deixei quinze anos atrás em seu degrau da porta

de entrada, com uma carta explicando sobre o assassinato dos pais dele e

expressando a esperança que vocês tomariam conta dele; apesar de que ele já

estaria entre os seus". Dumbledore pausou, e embora a voz dele permanecesse

clara e calma, e ele desse nenhum sinal óbvio de raiva, Harry sentia um tipo de frio

que emanava dele e notou que os Dursleys se juntaram muito ligeiramente uns aos

outros.

" Você não fez como eu pedi. Você nunca tratou Harry como um filho. Ele conheceu

nada mais que negligência e freqüentemente crueldade sob suas mãos. E o melhor

que pode ser dito é que ele pelo menos escapou do dano apavorante que você infligiu

ao infeliz menino que está entre vocês ".

Ambos Tia Petúnia e Tio Valter deram uma olhada instintivamente, como se

esperando ver alguém diferente de Duda se apertando entre eles.

" Nós - maltratar Duda? Que você-"? começou Tio Valter furiosamente, mas

Dumbledore elevou o seu tom para silêncio, um silêncio que se caiu como se ele

tivesse golpeado Tio Valter mudo.

" A magia eu evoquei quinze anos atrás para que Harry tivesse poderosa proteção

enquanto ele ainda pudesse chamar esta casa 'de lar'. Porém miserável ele esteve

aqui, indesejado e tratado mal de qualquer forma, vocês tem pelo menos,

rancorosamente, lhe permitido houseroom. Esta magia deixará de operar no momento

que Harry atingir dezessete; em outras palavras, no momento ele se torna um homem.

Eu peço só isto: que vocês permitam a Harry voltar, uma vez mais, para esta casa,

antes do décimo sétimo aniversário dele, que assegurará que a proteção continue até

aquele tempo ".

Nenhum dos Dursleys disse qualquer coisa. Duda estava franzindo as sobrancelhas

ligeiramente, como se ele ainda estivesse tentando concluir quando ele fora alguma

vez maltratado. Tio Valter olhou como se ele tivesse algo entalado em sua garganta;

Tia Petúnia, porém, corou de forma estranha.

" Bem, Harry. . . tempo para nós cairmos fora," Dumbledore disse afinal, se

levantando e endireitando a sua longa capa preta. " Até nos encontramos novamente,

" ele disse aos Dursleys, que pareceram como se aquele momento pudesse durar pra

sempre até o ponto em que eles se preocuparam, e depois de tirar o seu chapéu, ele

arrastou da sala.

" Adeus", disse Harry apressadamente para os Dursleys, e seguiu Dumbledore que

parou ao lado do baú de Harry no qual a gaiola de Edwirges estava presa.

" Nós não queremos ficar sobrecarregados com isso justo agora, " ele disse, tirando

sua varinha novamente. "

Eu os enviarei para A TOCA para esperar por nós lá. Porém, eu gostaria de você

trouxesse sua Capa de Invisibilidade. . por via das dúvidas".

Harry extraiu a sua capa do baú com alguma dificuldade, tentando não mostrar a

Dumbledore a bagunça dentro dele. Quando ele tinha colocado-a em um bolso interior

da sua

jaqueta, Dumbledore ondulou sua varinha e o baú, a gaiola, e Edwirges

desapareceram. Dumbledore então ondulando a varinha novamente, e a porta da

CHAPTER FOUR



HORACE SLUGHORN

---

frente se abriu sobre escuridão fresca, nublada.

" E agora, Harry, vamos sair na noite e seguir aquela excêntrica e sedutora aventura ".

-Capítulo Quatro – Horace Slughorn

Apesar do fato dele ter gasto todo o tempo dos últimos dias esperando

desesperadamente que Dumbledore viesse buscá-lo, Harry sentiu-se distintamente

inábil enquanto eles desciam a Rua dos Alferneiros juntos. Ele nunca tinha tido uma

conversa com Dumbledore fora de Hogwarts antes; geralmente havia uma

escrivaninha entre eles. A lembrança do seu ultimo cara a cara deixou uma sensação

embaraçosa em Harry, pois ele quebrou a maioria das coisas de Dumbledore.

Contudo, Dumbledore parecia completamente relaxado.

"Deixe sua varinha sempre preparada Harry" ele disse finalmente.

"Mas eu pensei que não podia usar mágica fora da escola, senhor?".

"Se houver um ataque," disse Dumbledore, "eu lhe dou permissão para usar qualquer

azaração ou maldição que for melhor para você. Contudo, eu não acho que você tem

que se preocupar com algum ataque hoje à noite."

"Por que não senhor?"

"Você esta comigo Harry," falou Dumbledore, "isso já basta". Ele caminhou até o final

da Rua dos Alferneiros. "Você não passou no teste para apartar, passou Harry?"

"Não, eu achei que eu tinha que ter 17 anos."

"É mesmo, você tem que, então, segurar forte no meu braço, no esquerdo, se você

não se importa, como você sabe, minha varinha esta muito frágil nesse momento".

Harry segurou o braço como Dumbledore mandou. "Muito bem, aqui vamos nós."

Harry teve que soltar o braço de Dumbledore quando começou a girar, tudo ficou

preto e ele não conseguiu mais respirar, ele girou em todas as direções, seus olhos

foram forçados contra sua cabeça, seus tímpanos estavam sendo empurrados

profundamente em seu crânio e então... Ele sentiu o ar frio e abriu seus olhos que

ainda estavam tremendo. Ele e Dumbledore estavam agora de pé em uma praça de

uma vila deserta, no centro havia um memorial de guerra e alguns bancos. Harry

percebeu que essa foi a primeira vez que ele aparatou na sua vida.

"Você esta bem?" perguntou Dumbledore olhando para baixo. "A sensação não é das

melhores, não é?"

"Eu estou bem, mas ainda prefiro as vassouras"

Dumbledore sorriu, ele deu a seu relógio de viagens um pouco mais de luz, em volta

de seu pescoço e disse "Por aqui".

Passaram por lugares vazios e algumas casas. De acordo com o relógio de

Dumbledore, já era quase meia noite. "Então, me conte Harry, sua cicatriz, ela tem

doído ultimamente?"

"Não, e eu estou pensando muito sobre isso ultimamente, eu pensei que agora que

Voldemort voltou, ela iria doer muito" Ele olhou de relance para Dumbledore e viu uma

expressão de satisfação em seu rosto.

"Agora que Voldemort percebeu como era perigoso você ter acendido às suas

sensações e sentimentos, parece que ele esta usando a Oclumência contra você".

"Bem, eu que não estou reclamando," disse Harry, que agora percebeu que não tinha

mais sensações estranhas e via as coisas que Voldemort via. Eles viraram uma

esquina, passaram por um ponto de ônibus e um orelhão. Harry virou sua cabeça para

Dumbledore."Professor?"

"Harry?"

"Hmm, onde exatamente nós estamos?"

"Essa, Harry, é a vila dos Budleigh Babberton."

"E o que nós estamos fazendo aqui?"

"Ah, claro, eu não falei para você" disse Dumbledore "Eu já perdi as contas de

quantas vezes eu já falei isso nos recentes anos. Nós estamos aqui para visitar um

velho amigo meu e tentar convencê-lo a voltar para Hogwarts"

"E como eu posso ajudar, senhor?"

"Humm, eu acho que nos vamos encontrar algum uso para você Harry, só espere."

Harry deu uma olhada em volta, todas as janelas eram escuras, pensando nos

dementadores, Harry segurou firme sua varinha no seu bolso. "Professor, por que nós

simplesmente não apartamos na casa de seu amigo?"

"Isso seria tão rude quanto chutar a porta da frente e sentar em seu sofá, Harry, e

também, a maioria dos bruxos tem feitiços anti-aparatamento em suas casas,

Hogwarts por exemplo..."

"...Você não pode aparatar para os quartos ou salas, Mione me falou isso."

O relógio da Igreja marcava 8 horas atrás deles. Harry se perguntava por que

Dumbledore não tinha simplesmente ligado para seu amigo, mais ele tinha perguntas

mais urgentes para fazer.

"Professor, eu vi no Profeta diário que Fudge foi demitido..."

"Verdade," falou Dumbledore, "ele foi substituído, como eu tenho certeza que você

também viu, por Rufus Scrimgeour, que costumava ser o chefe do Departamento dos

Aurores no Ministério"

"Ele é... Você acha que ele é bom?"

"Pergunta interessante... Ele com certeza é mais forte e decidido que Cornelius."

"Sim, mais eu quero dizer..."

"Eu sei o que você quer dizer, ele é um homem de atitude, lutou

contra bruxos das

trevas sua vida inteira e ele não subestima Voldemort."

Harry esperou, mas Dumbledore não disse nada sobre o desentendimento com

Scrimgeor que o Profeta Diário havia reportado, e ele não teve coragem de puxar o

assunto, então ele o mudou. "E... senhor. . Eu vi sobre a Madame Bones."

"Sim," disse Dumbledore calmamente. "Uma perda terrível. Ela era uma grande bruxa.

É por aqui. Eu acho - ai." Ele havia apontado com sua mão machucada.

"Professor, o que aconteceu com sua-?"

"Eu não tenho tempo para explicar agora," disse Dumbledore, "É uma história

interessante, Eu queria lhe fazer jus."Ele sorriu para Harry, que entendeu que ele não

estava ficando chateado, e que podia continuar a fazer perguntas.

"Senhor, eu recebi uma coruja do ministério sobre precauções que devemos ter contra

os Comensais..."

"Eu recebi uma também, você achou ela útil?"

"Não…"

"Não, eu achei que não mesmo, você não precisa me perguntar qual meu sabor

favorito de geléia para saber se sou eu mesmo Harry."

"Não, eu não…" Harry não sabia se isso foi uma repressão ou não.

"Só pra garantir Harry, é framboesa, claro que se eu fosse um comensal eu não

saberia isso e teria q pesquisar mais..."

"Er... ok... Bom, no folheto eles falaram alguma coisa sobre Inferi, o que é exatamente

isso?"

"São as pessoas mortas que o Voldemort enfeitiçou para ajudar ele. Claro, ele matou

muita gente para conseguir isso." Esse é o lugar, Harry, por aqui.

Eles estavam se aproximando de uma casa de pedra pequena, limpa, que começava

em seu próprio jardim. Harry estava muito ocupado digerindo a horrível idéia da

aparência de um Inferi para prestar atenção em qualquer outra coisa, mas à medida

que eles alcançaram o portão da frente, Dumbledore parou completamente e Harry

bateu nele.

" Oh querido. Oh querido, querido, querido ".

Harry desviou seu olhar para o caminho da frente, cuidadosamente tendido e sentiu

seu coração partido. A porta dianteira estava pendurando suas dobradiças.

Dumbledore deu uma olhada pra cima e pra baixo na rua. Parecia totalmente deserta.

" Saque a varinha e me siga, Harry," ele disse quietamente.

Ele abriu o portão e caminhou rapidamente e silenciosamente no caminho do jardim,

Harry aos seus calcanhares, então empurrou a porta da frente muito lentamente, a

varinha dele elevou e pronto. "Lumos ". A varinha de Dumbledore acendeu jorrando

luz no corredor estreito. À esquerda, outra porta estava aberta. Segurando a sua

varinha iluminada no alto, Dumbledore entrou na sala de estar com Harry bem atrás

dele. Uma cena de devastação total se encontrou aos olhos deles. Um relógio de

pêndulo estilhaçado aos pés deles, com sua parte frontal rachada, seu pêndulo caído

um pouco mais distante como uma espada abandonada. Um piano estava em seu

lado, com suas teclas espalhadas pelo chão. Os destroços de um candelabro caído

figuravam ali perto. Almofadas esvaziadas, penas que escoam de golpes que elas

tinham sofrido; fragmentos de vidro e porcelana estavam como pó em cima de tudo.

Dumbledore elevou sua varinha um pouco mais alto, de forma que sua luz foi lançada

nas paredes onde algo vermelho escuro e viscoso foi respingado sobre o papel de

parede. A respiração de Harry fez Dumbledore dar uma olhada em volta.

" Nada legal, não é?" ele disse pesadamente. " Sim, algo horrível aconteceu aqui ".

Dumbledore moveu-se cuidadosamente para o meio da sala, examinando os

destroços aos seus pés. Harry o seguiu olhando ao redor, meio-assustado com o que

ele poderia ver escondido atrás dos destroços do piano ou o sofá

destruído, mas

havia nenhum sinal de um corpo. " Talvez houve uma luta e - e eles o arrastaram fora,

Professor "? Harry sugeriu, tentando não imaginar quão gravemente ferido um homem

ficaria para deixar essas manchas respingadas nas paredes.

" Eu não acho", disse Dumbledore quietamente, espreitando atrás de uma poltrona

estufada caída ao seu lado.

" Você acha que ele está. .?"

" Ainda aqui em algum lugar? Sim ".

E sem aviso, Dumbledore abaixou, mergulhando a ponta de sua varinha no assento

da poltrona, que gritou "Ai"!

" Boa noite, Horace," disse Dumbledore, se endireitando novamente para cima.

A mandíbula de Harry caiu. Onde em uma fração de segundo atrás havia uma

poltrona, agora estava um encurvado e enormemente gordo, careca e velho homem

que estava massageando sua barriga e piscando para Dumbledore com um olho

entristecido e úmido.

"Não havia necessidade de cravar a varinha tão duramente, "ele disse irritado, se

endireitando. " Doeu ".

A luz da varinha cintilou em sua cabeça brilhante, seus olhos salientes, o bigode

enorme, prateado,"como uma morsa", e os botões altamente polidos na jaqueta

aveludada castanha que ele estava usando em cima de um par de pijamas de seda

lilás. O topo de sua cabeça alcançou apenas o queixo de Dumbledore.

" O que é isto? ele grunhiu à medida que cambaleou aos seus pés, ainda esfregando

sua barriga. Ele parecia notavelmente imperturbável para um homem que tinha sido

descoberto há pouco fingindo ser uma poltrona.

" Meu caro Horace," disse Dumbledore, olhando entretido, "se os Comensais da Morte

realmente tivessem sido chamados, a Marca Negra tivesse sido colocada sobre a

casa ".

O mago deu um tapa com uma mão gorducha na frente de sua vasta testa. " A Marca

Negra," ele murmurou. " Sabia que havia algo... ah bem. Não teria tido tempo de

qualquer maneira, eu apenas dei uns toques finais na minha tapeçaria quando você

entrou na sala". Ele inspirou um grande suspiro que fez as pontas do bigode dele

tremularem.

"Você gostaria de minha ajuda?" perguntou Dumbledore educadamente .

" Por favor, " disse o outro.

Eles ficaram de pé, um de costas para o outro, o bruxo magro e alto e o baixo e gordo,

e balançando suas varinhas em um idêntico e envolvente movimento.

A mobília voou

de volta para seus lugares originais; ornamentos reformaram no ar, as penas zuniram

para suas almofadas; livros rasgados se consertaram e aterrissaram nas estantes;

lanternas de óleo planaram sobre mesas e reacenderam; uma coleção vasta de

armações de quadro prateadas lascadas voou reluzindo pela sala, e desceu, inteira e

limpa, em uma escrivaninha; rasgos, rachas, e buracos se regeneraram em todos os

lugares, e as paredes se limparam.

" Que tipo de sangue era aquele, casualmente "? perguntou Dumbledore em voz alta

para em cima do barulho do recentemente nao-quebrado relógio de pêndulo.

" Nas paredes? Dragão, " gritou o mago chamou Horace, a medida que, com um

tilintar ensurdecedor, o candelabro se atarraxava no teto. Houve um som final do

piano, e silêncio.

" Sim, dragão, " repetiu o bruxo na conversa. " Minha última garrafa, e os preços estão

pela nas alturas atualmente. Ainda, poderia ser reutilizável ". Ele discursava sobre

uma garrafa cristalina pequena que estava sobre um buffet e levantou-a em direção à

luz, examinando o líquido espesso dentro. " Hmm. Um pouco empoeirada ". Ele

colocou a garrafa de volta no buffet e suspirou. Foi então que o seu

olhar caiu sobre

Harry.

" Oh, " ele disse, com seus redondos e grandes olhos voando para testa de Harry e

para a cicatriz em forma de raio. "Oh "!

" Este", Dumbledore disse, indo para frente pra fazer a introdução " ...é Harry Potter".

Harry, este é um velho Amigo e meu colega, Horace Slughorn ".

Slughorn virou-se para Dumbledore, com expressão sagaz. " Então é dessa forma que

você pensa em me persuadir, não é?

Bem, a resposta é não, Alvo ".

Ele empurrou Harry para trás, a sua face se virou decididamente com o ar de um

homem que tenta resistir a tentação.

“Eu suponho nós podemos ter uma bebida, ao menos "? Perguntou Dumbledore.

“Pelos bons e velhos tempos?" Slughorn vacilou.

“Certo então, uma bebida”, ele disse de forma descortês. Dumbledore sorriu a Harry e

o dirigiu para uma cadeira bem distinta daquela que Slughorn tinha recentemente se

personificado, ao lado direito do fogo que recentemente queimava e brilhavam uma

lamparina de óleo. Harry pegou o assento com a ligeira impressão de que

Dumbledore, por alguma razão, o queria tão visível quanto fosse possível manter.

Certamente quando Slughorn que tinha estado ocupado com garrafas e

copos voltouse para a sala novamente, seus olhos caíram imediatamente em Harry. " Hmpf, " ele

disse, olhando pra outro lugar rapidamente como se tivesse amedrontado ou ferido

seus olhos. " Aqui - " Ele deu uma bebida a Dumbledore que tinha se sentado sem

nenhum convite, empurrou a bandeja a Harry, e então afundou nas almofadas do sofá

consertado e um decepcionado silêncio. As pernas dele eram tão pequenas que elas

não tocaram o chão.

" Bem, como você tem estado, Horace"? Dumbledore perguntou.

" Não tão bem," Slughorn disse imediatamente. "Peito fraco. Ofegante. Reumatismo

também. Não posso me mover como eu costumava.

Bem, era o esperado. Velhice. Fadiga ".

" E ainda você tem que se mover bastante depressa para preparar as boas-vindas

para nós," Dumbledore disse.

" Você não pode ter tido mais que três minutos de advertência?

Slughorn disse, de modo irritante, meio orgulhosamente, " Dois. Não ouvi meu Feitiço

de Intrusos explodir, eu estava tomando banho. Ainda, " ele completou com

severidade, com aparência de trazer de volta a si mesmo, " o fato que resta é que sou

um homem velho, Alvo. Um homem velho cansado que conseguiu o direito de uma

vida tranqüila e alguns confortos. Ele certamente os tinha, pensou Harry, dando uma

olhada ao redor da sala. Ela era sufocante e desordenada, contudo ninguém poderia

dizer que era desconfortável; havia cadeiras suaves e banquetas, bebidas e livros,

caixas de chocolates e almofadas rechonchudas. Se Harry não tivesse conhecido

quem vivia lá, ele teria imaginado que seria uma exigente senhora, velha e rica.

" Você não está contudo tão velho quanto eu estou, Horace," disse Dumbledore.

" Bem, talvez você deva pensar em sua aposentadoria," Slughorn disse

abruptamente.Seus pálidos olhos de framboesa haviam visto a mão ferida de

Dumbledore. "Reações que eles não foram, eu vejo ".

"Você está certo," disse Dumbledore serenamente, balançando sua manga para

revelar as pontas daquelas argolas queimados e escurecidos; a visão deles fez a nuca

de Harry espetar indesejavelmente. "Eu sou, sem dúvida, mas lento que eu era. Mas

em compensação..." Ele encolheu os ombros e balançou as suas mãos, como para

dizer que aquela idade tinha suas compensações, e Harry notou um anel na sua mão

machucada que ele nunca havia visto Dumbledore usando antes; era largo,

desajeitado e feito de algo que parecia ouro, e tinha uma pesada pedra preta que

estava quebrada ao meio. O olho de Slughorn demorou-se um tempo no anel

também, e Harry viu um pequeno franzir de sobrancelhas na sua testa.

"Então, todas essas precauções contra intrusos, Horace... Eles são para o benefício

dos Comensais da Morte ou para o meu?" perguntou Dumbledore.

"O que os Comensais da Morte iriam querer com um pobre velho decaído como eu?"

reclamou Slughorn.

"Eu imagino que eles fossem querer os seus consideráveis talentos em repreensão,

tortura e assassinatos," disse Dumbledore.

"Você está realmente me dizendo que eles ainda não vieram te recrutar?"

Slughorn olhou para Dumbledore malignamente por um momento, então murmurou,

"Eu não os dei a chance. Eu estive me mudando por um ano. Nunca ficando em

lugares por mais de uma semana. Mudando de casa de Trouxa para casa de Trouxa –

os donos desse lugar estão de férias nas Ilhas Canárias – tem sido bem legal, eu vou

me sentir triste em sair. É bem simples quando você sabe como, um simples Feitiço

do Congelamento nesses sistemas absurdos de alarmes para ladrões que eles usam

em vez Espioscópios e ter certeza que os vizinhos não te vejam trazendo o piano para

dentro."

"Ingênuos," disse Dumbledore. "Mas parece um pouco cansativo para um pobre velho

decaído em busca de uma vida sossegada. Agora, se você voltasse a Hogwarts-"

"Se você vai me dizer que minha vida ia ter mais paz naquela escola incômoda, você

pode ficar sem falar, Alvo! Eu posso ter estado escondido, mas alguns rumores

engraçados me alcançaram desde que Dolores Umbridge saiu! Se é assim que você

trata os professores atualmente-"

"A professora Umbridge entrou em conflito com nosso bando de centauros," disse

Dumbledore. "Eu acho que você, Horace, teria sabido melhor como entrar na floresta

e chamar uma multidão de centauros furiosos de 'bastardos imundos'."

"Foi isso que ela disse, foi?" disse Slughorn. "Mulher idiota. Nunca gostei dela."

Harry deu uma risada e tanto Dumbledore quanto Slughorn olharam para

ele."Desculpa-me," Harry disse apressadamente. "É que — Eu também não gostava

dela."

Dumbledore se levantou repentinamente."Você vai embora?" perguntou Slughorn de

uma vez, parecendo esperançoso.

"Não, eu estava me perguntando se eu poderia usar o seu banheiro," disse

Dumbledore.

"Oh," disse Slughorn, claramente desapontado. "Segunda à esquerda no hall."

Dumbledore saiu a passos largos da sala. Uma vez que a porta havia fechado atrás

dele, houve silêncio.

Após alguns momentos, Slughorn se levantou, mas parecia incerto de o que fazer. Ele

olhou furtivamente para Harry, então saiu e se virou de costas para ele, aquecendo

suas largas costas."Não pense que eu não sei por que ele trouxe você," ele disse

abruptamente.

Harry simplesmente olhou para Slughorn. Seus olhos aguados Slughorn passaram

pela cicatriz de Harry, dessa vez analisando o resto de seu rosto."Você parece muito

com seu pai."

"É, já me disseram," disse Harry.

"Tirando seus olhos. Você tem —".

"Os olhos da minha mãe, é." Harry ouvia isso com tanta freqüência que achava um

pouco inconveniente.

"Hump. Sim, bem. Você não deveria ter favoritos sendo um professor, é claro, mas ela

era uma das minhas. Sua mãe," Slughorn acrescentou, em resposta ao olhar de

questionamento de Harry. "Lílian Evans. Uma das mais brilhantes que eu já ensinei.

Vivaz, você sabe. Garota encantadora. Eu costumava dizer que ela tinha que estar na

minha Casa. Eu costumava receber respostas bem imprudentes."

"Qual era sua Casa?"

"Era o Chefe da Sonserina," disse Slughorn. "Oh, agora," ele foi rápido, vendo a

expressão no rosto de Harry e sacudindo uma dura argola nele, "não vá usando isso

contra mim! Você deve ser da Grifinória, como ela, creio eu? Sim, realmente vai de

família em família. Nem sempre, entretanto. Já ouvir falar de Sirius Black? Deve ter –

esteve nos jornais nos últimos anos – e morreu há algumas semanas –" Foi como se

uma mão invisível tivesse revirado o intestino de Harry e o apertado forte."Bem, de

qualquer forma, ele era um grande amigo de seu pai na escola. Toda a família Black

esteve na minha casa, mas o Sirius acabou na Grifinória! Vergonha – ele era um

garoto talentoso. Eu peguei o irmão dele, Rebolos, quando ele entrou, mas eu

gostaria de ter tido todos." Ele parecia um colecionador que tinha dado o lance mais

alto em um leilão. Aparentemente perdido em memórias, ele olhou atentamente para a

parede oposta, se perdendo no lugar para assegurar um ardor nas suas nádega. "Sua

mãe era sangue-ruim, é claro. Não pude acreditar quando eu descobri. Achei que ela

fosse puro-sangue, ela era tão boa."

"Uma das minhas melhores amigas é sangue-ruim," disse Harry, "e ela é a melhor do

nosso ano."

"Engraçado como isso às vezes acontece, não é?" disse Slughorn.

"Não realmente," disse Harry friamente.

Slughorn olhou para ele surpreso. "Você deve pensar que eu sou preconceituoso!" ele

disse. "Não, não, não! Eu não acabei de dizer que sua mãe é uma das melhores

alunas que eu já tive? E também havia Dirk Cresswell no ano seguinte também —

agora chefe do Departamento Ligação de Duendes, é claro – outra sangue-ruim, uma

aluna muito talentosa, e ainda me dá grandes informações do que ocorre no interior

do Gringotes!" Ele deu um pulinho, sorrindo de um modo bem satisfeito, e apontou

para as muitas fotos brilhantes na cômoda, cada uma com minúsculos ocupantes se

mexendo. "Todos ex-alunos, todos autografados. Você verá Barnabas Cuffe, editor do

Profeta Diário, ele está sempre interessado em ouvir a minha opinião sobre a edição

do dia. E Ambrosius Flume, da Dedosmedel — uma grande cesta a cada aniversário,

e tudo porque fui eu quem o apresentou para Ciceron Harkisss que lhe deu o seu

primeiro emprego! E na parte de trás — você verá se você estender o seu pescoço —

aquela é Gwenog Jones, que, é claro, comanda o Holyhead Harpies... A pessoas

estão sempre surpresas ao ouvir que eu estou nas listas dos primeiros dos Harpiers, e

eu ganho ingressos de graça sempre que eu quero!"

Esse pensamento pareceu alegrá-lo tremendamente. "Todas essas pessoas sabem

como te encontrar? Como te mandar coisas?" perguntou Harry, que não podia deixar

de pensar em como os Comensais da Morte ainda não haviam encontrado Slughorn

com tantos cestos de doces, ingressos de Quadribol, e visitantes pedindo seus

conselhos e opiniões.

O sorriso sumiu do rosto de Slughorn tão rapidamente quanto o sangue das suas

paredes."É claro que não," ele disse, olhando com desprezo para Harry. "Eu estive

sem contato com ninguém por um ano."

Harry teve a impressão que as palavras chocaram até mesmo Slughorn ele parecia

bem inseguro por um momento, e então ele abaixou os ombros.

"Mesmo assim... bruxos prudentes tem que manter-se de cabeça baixa às vezes. É

muito legal do Dumbledore chamar, mas assumir um posto em Hogwarts agora seria

igual a declarar publicamente que eu tenho alianças com a Ordem da Fênix! E

enquanto eu tenho certeza que eles são bem admiráveis e bravos e todo o resto, eu

não consigo imaginar a taxa de mortalidade -"

"Você não tem que se juntar à Ordem para ser professor em Hogwarts," disse Harry,

que não conseguia esconder um tom de ridículo na sua voz: era difícil se simpatizar

com a existência mimada de Slughorn quando ele se lembrava de

Sirius, agachado

em uma caverna e vivendo com ratos. "A maioria dos professores não está nela, e

nenhum deles jamais foi assassinado – bem, a menos que você conte o Quirrell, mas

ele recebeu o que ele merecia por se aliar a Voldemort."

Harry tinha certeza que Slughorn seria um daqueles bruxos que não agüentavam

ouvir o nome de Voldemort em voz alta, e não se desapontou: Slughorn tremeu e deu

um grito em protesto, o que Harry ignorou. "Eu reconheço que os funcionários estão

mais seguros que a maioria das pessoas enquanto Dumbledore for o diretor; ele

parece ser o único que Voldemort jamais temeu, não é"? Harry continuou.

"Bem, sim, é verdade que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado nunca travou uma

luta com Dumbledore," ele murmurou de má vontade. "E eu suponho que alguém

possa argumentar que como eu não me juntei aos Comensais da Morte, Ele-QueNão-Deve-Ser-Nomeado pode dificilmente contar comigo como amigo... Nesse caso,

eu devo estar mais a salvo perto de Alvo… Eu não posso fingir que a morte de Amelia

Bones não balançou comigo… Se ela, com todo o contato com o Ministério e

proteção…"

Dumbledore entrou na sala e Slughorn pulou como se ele tivesse

esquecido que ele

estava em casa.

Oh, aí está você, Alvo," lê disse. "Você demorou muito. Dor de estômago?"

"Não, eu estava só lendo algumas revistas de Trouxas," disse Dumbledore. "Eu adoro

amostras de tricô. Bem, Harry, nós já abusamos da hospitalidade de Horace; eu acho

que nós devemos ir embora."

Sem nenhuma relutância em obedecer, Harry se pôs de pé. Slughorn surpreendeu-se

com a ofensa.

"Você está saindo?"

"Sim, certamente. Eu reconheço uma causa perdida quando eu vejo uma."

"Perdida...?"

Slughorn parecia agitado. Ele brincou com seus dedos gordos enquanto ele via

Dumbledore apertar seu casaco de viajem, e Harry fechar sua jaqueta.

"Bem, Eu sinto muito que você não queira o trabalho, Horace." Disse Dumbledore,

usando seu braço machucado para dar uma última despedida. "Hogwarts estaria feliz

em ver você de volta novamente. Nossa grande segurança não obstante, você

sempre será bem vindo para visitas, se você quiser."

"Sim... bem... Muito gentil ... Como e digo ..."

"Adeus então."

"Tchau," disse Harry.

Eles estavam na porta da frente quando houve um grito alto bem atrás deles.

"Tudo bem, tudo bem, eu aceito!"

Dumbledore para ver Slughorn se ar na porta da sala se estar.

"Você vai sair do seu esconderijo?"

"Sim, sim," disse Slughorn impaciente. "Eu devo estar louco, mas sim."

"Maravilhoso," disse Dumbledore, radiante. "Então, Horácio, nós nos veremos no dia

primeiro de Setembro."

"Sim, eu suponho que nos veremos," grunhiu Slughorn.

Assim que eles saíram do jardim, a voz de Slughorn veio atrás deles, "Eu vou querer

um aumento, Dumbledore!"

Dumbledore riu. O portão do jardim se fechou atrás deles, assim que eles saíram para

a rua pelas sombras e redemoinhos.

"Muito bem, Harry," disse Dumbledore.

"Eu não fiz nada," disse Harry surpreso.

"Oh sim você fez. Você mostrou a Horace exatamente o que ele tem a ganhar para

voltar para Hogwarts. Você gosta dele?"

"Er..." Harry não tinha certeza se ele gostava de Slughorn ou não. Ele achava que ele

tinha sido agradecido de sua forma, mas ele também parecia convencido e, mesmo

ele tendo dito o contrário, muito surpreso de que um sangue-ruim pudesse ser um

bruxo exemplar.

"Horace," disse Dumbledore, tirando de Harry a responsabilidade de Harry de dizer

qualquer uma dessas, "Gosta do seu conforto. Ele também gosta da companhia dos

famosos, aqueles que se deram bem, e os poderosos. Ele gosta do sentimento que

ele influencia essas pessoas. Ele nunca quis ocupar o trono ele mesmo; ele prefere o

banco de trás – mais espaço para se divulgar, você vê. Ele costumava escolher os

seus preferidos em Hogwarts, alguns pela ambição de seus cérebros, às vezes por

seu charme ou talento, ele tinha um gosto especial por aqueles que se tornariam

destaques em seus vários campos. Horace formava um tipo de clube de seus

favoritos com ele mesmo no centro, fazendo apresentações, realizando contatos úteis

entre membros, e sempre colhendo algum tipo de benefício em troca, seja uma caixa

de graça de seu abacaxi cristalizado favorito ou a chance de recomendar o próximo

membro júnior do Departamento de Ligação de Duendes."

Harry teve uma rápida e vívida imagem de uma enorme aranha, fazendo uma teia em

volta de si, fazendo uma troca aqui e ali para trazer seus fios um pouco mais pertos

um do outro.

"Eu te digo isso," Dumbledore continuou, "para não se voltar contra Horace — ou,

como nós o devemos chamar agora, Professor Slughorn — mas se colocar na sua

própria defesa. Ele vai sem dúvidas tentar colecionar você, Harry. Você seria jóia da

sua coleção; ‘o Garoto Que Sobreviveu’... ou, como eles dizem agora, ‘o Escolhido’."

Com essas palavras, um arrepio que nada tinha a ver com aquela névoa caiu sob

Harry. Ele se lembrou de palavras que ele havia ouvido algumas semanas atrás,

palavras que tinham em terrível e peculiar sentido para ele: Um não pode viver

enquanto o outro sobrevive...

Dumbledore parou de caminhar, perto da Igreja onde eles passaram

mais cedo. "Isso

vai ser suficiente, Harry. Se você puder segurar no meu braço." Segurando forte

dessa vez, Harry estava pronto para Aparatar, mas ainda assim a achou

desconfortável. Quando a pressão cessou e ele se viu capaz de respirar novamente,

ele estava em uma alameda rural ao lado de Dumbledore e olhando adiante para a

silhueta torta do seu segundo lugar favorito no mundo: a Toca. Ao contrário do espírito

de medo que o havia pegado antes, ele não conseguia deixar de se sentir feliz com

essa visão. Rony estava aqui… e também a Sra. Weasley, que cozinhava melhor que

qualquer outra pessoa que ele conhecesse…

"Se você não se importar, Harry," disse Dumbledore, enquanto eles passaram pelo

portão, "Eu gostaria de dar uma palavrinha com você antes de partir. Em particular.

Aqui, talvez?". Dumbledore apontou uma um lugar em estado precário onde os

Wealeys costumavam guardar suas vassouras. Um pouco confuso, Harry seguiu

Dumbledore pela porta rangida até um espaço menor que um guarda-roupas.

Dumbledore iluminou a ponta de sua varinha, para que esta ficasse parecendo uma

tocha, e sorriu para Harry. "Eu Espero que você me desculpe por falar isso, Harry,

mas eu estou bem satisfeito e orgulhoso do modo como você parece estar lidando

após tudo que aconteceu no Ministério. Me permita dizer que eu creio que Sirius

estaria orgulhoso de você."

Harry engoliu em seco; sua voz parecia ter sido levada com ele. Ele não achava que

seria capaz se falar sobre Sirius; já tinha sido doloroso demais ouvir seu tio Valter

dizer "O padrinho dele morreu?" e ainda pior ouvir o nome de Sirius dito casualmente

por Slughorn.

"Foi cruel," disse Dumbledore com a voz doce, "que você e Sirius tenham tido um

tempo tão curto juntos. Um fim brutal para o que deveria ter sido uma convivência

longa e feliz.".

Harry concordou com a cabeça, seus olhos fixos na aranha no chapéu de

Dumbledore. Ele poderia dizer que Dumbledore entendia, ele poderia até suspeitar

disso até sua carta chegar, Harry tinha gastado praticamente todo o seu tempo na

casa dos Dursley, jogado na sua cama, recusando comida e olhando para a janela

embaçada, cheio que névoa que eu aposto que ele associava com os Dementadores.

"É tão difícil," Harry disse finalmente, em voz baixa, "ter certeza que

ele nunca mais

vai escrever para mim." Seus olhos arderam de repente e ele piscou. Ele se sentiu

idiota por admitir isso, mas o fato dele ter alguém fora de Hogwarts que se importasse

com o que acontecia com ele, quase um parente, foi uma das melhores coisas de

descobrir o seu padrinho… E agora as corujas de correio nunca mais iriam lhe trazer

aquele reconfortamento…

"Sirius representou para você muito do que você nunca havia tido antes," disse

Dumbledore gentilmente. "Naturalmente, sua perda será devastadora…"

"Mas enquanto eu estava nos Dursleys..." interrompeu Harry, sua voz ficando mais

forte, "Eu percebi que eu não posso me abater – ou desistir. Sirius não iria querer isso

para mim, iria? E de qualquer forma, a vida é muito curta… Olhe para a Madame

Bones, olhe para Emmeline Vance… Eu poderia ser o próximo, não poderia? Mas se

for," ele disse violentamente, "Eu vou me assegurar de que eu leve quantos

Comensais da Morte comigo quanto eu puder e, se for possível, Voldemort também."

"Falou ao mesmo tempo como filho de seus pais e afilhado de Sirius!" disse

Dumbledore, com um tapinha de aprovação nas costas de Harry. "Eu

tiro o meu

chapéu para você – eu tiraria, se eu temesse lhe mostrar algumas aranhas."

"E agora, Harry, um acontecimento mais recente... Eu creio que você tenha lido o

Profeta Diário nas duas últimas semanas?"

"Sim," disse Harry, e seu coração bateu um pouco mais rápido.

"Então você deve ter visto que não haviam tantas notas e comentários sobre Você na

Sala da profecia?"

"Sim," disse Harry novamente. "E agora todos sabem que eu sou o Escolhido —"

"Não, eles não sabem," interrompeu Dumbledore. "Só existem duas pessoas em todo

esse mundo que sabem do total conteúdo daquela profecia relacionando você e Lord

Voldemort, e as duas estão aqui nesse armário fedorento e cheio de aranhas. É

verdade, porém, que mito já adivinharam, corretamente, que Voldemort mandou seus

Comensais para roubar uma profecia, e essa profecia fala de Você. "Agora, eu devo

estar certo em dizer que você não contou para ninguém o conteúdo da profecia,

contou?"

"Não," disse Harry."

"Uma sábia decisão, no fim," disse Dumbledore. "Embora eu ache que você deva

relaxar com os seus amigos,

Sr. Ronald Weasley e Srta. Hermione Granger. Sim," ele continuou, quando Harry

olhou para ele assustado, "Eu acho que ele devem saber. Você seria injusto se não

confidenciasse algo importante com eles."

"Eu não queria —"

"— assustá-los ou preocupá-los?" disse Dumbledore, vislumbrando Harry pelo topo de

seus óculos de meia-lua. "Ou talvez, confessar que você está assustado e

preocupado? Você precisa de seus amigos, Harry. Como você mesmo disse, Sirius

não iria querer que você se abatesse."

Harry não disse nada, mas Dumbledore não aprecia pedir uma resposta. Ele

continuou, "Falando se outro assunto, eu gostaria que você tivesse algumas lições

particulares comigo esse ano."

"Particulares — com você?" disse Harry, surpreso com o seu silêncio preocupado.

"Sim, eu acho que é hora de investir mais na sua educação."

"O que você vai me ensinar, senhor?"

"Oh, um pouco disso, um pouco daquilo," disse Dumbledore vagamente.

Harry esperou esperançoso, mas Dumbledore não continuou, então ele perguntou

outra coisa que o vinha perturbando bastante.

"Se eu vou ter aulas com você, então eu não vou precisar das aulas de Oclumência

com Snape, vou?"

"Professor Snape, Harry — e não, você não vai."

"Bem," disse Harry, aliviado, "porque elas eram um pouco —" Ele parou, tomando

cuidado para não dizer o que ele realmente pensava.

"Eu acho que a palavra 'fiasco' se encaixaria bem aqui," disse Dumbledore,

concordando.

Harry riu.

"Bem, isso quer dizer que eu não devo ver tanto o Professor Snape agora," ele disse,

"porque ele não vai me deixar ter Poções se eu tirar "Excepcional" no meu NOM, o

que eu sei que eu não tirei."

"Não conte nas suas corujas antes delas serem entregues," disse Dumbledore

gravemente. "O que agora, eu acho, eu estou um pouco atrasado. Agora, mais duas

coisas Harry, antes de partirmos." "Primeiramente, eu gostaria que de agora em

diante você levasse sempre a sua Capa Invisível com você. Mesmo dentro de

Hogwarts. Só no caso de, você me entende?"

Harry confirmou.

"E por fim, enquanto você fica aqui, a Toca recebeu a maior segurança que o

Ministério da Magia pode oferecer. Essas mudanças causaram um pouco de

inconveniência para Arthur e Molly – todos os seus cargos, por enquanto, estão sendo

vigiados no Ministério. Eles não se sentem desprezados, para eles o maior objetivo é

a sua segurança. Mesmo assim, seria injusto você se meter em confusão enquanto

está aqui com eles."

"Eu entendo," disse Harry rapidamente.

"Muito bem, então," disse Dumbledore, segurando a porta do lugar aberta para o

jardim. "Eu vejo uma luz na cozinha. Não vamos privar mais a Molly de implicar com o

quão magro você está."

CHAPTER FIVE



AN EXCESS OF PHLEGM

Capítulo 5: Um Excesso De Muco

Harry e Dumbledore se aproximaram da porta dos fundos da Toca, que era rodeada

pela maca familiar do velho Wellington, botas velhas e caldeirões enferrujados; Harry

podia ouvir o leve cacarejo de galinhas sonolentas que vinha de um

abrigo distante.

Dumbledore bateu três vezes e Harry viu um movimento súbito atrás da janela de

cozinha.

"Quem está aí?" disse uma voz nervosa que ele reconheceu ser a Sra. Weasley. "Se

apresente!"

"Sou eu, Dumbledore, trazendo o Harry".

A porta abriu imediatamente. Lá estava de pé a Sra. Weasley, pequena, gorda, e

usando um velho roupão verde . "Harry, querido! Disse a Sra Weasley graciosamente

"Alvo, você me deu um susto, você disse para não o esperar antes que amanhecesse!

"

"Nós tivemos sorte", disse Dumbledore, enquanto conduzia Harry sobre a soleira da

porta . "Slughorn provou ser muito mais persuadível que eu imaginava. Harry que fez

isso, é claro. Ah, oi, Ninfadora! "

Harry deu uma olhada e viu que Sra. Weasley não estava só, apesar da hora. Uma

bruxa jovem com uma face pálida, com formato decoração e com um cabelo marrom

parecido com o de um camundongo estava

sentando à mesa, segurando uma grande caneca de cerveja entre suas mãos.

"Oi, Professor", ela disse. " Oh, Harry".

"Oi, Tonks". Harry pensou que ela parecia cansada, até mesmo doente, e havia algo

forçado no sorriso dela. Certamente sua aparência era menos colorida que habitual

sem a sombra do seu cabelo rosa chamativo.

"Eu melhoraria se estivesse fora" ela disse depressa, enquanto se levantava puxando

a capa por cima dos ombros. "Obrigado pelo chá e simpatia, Molly"

"Por favor não vá por minha causa", disse Dumbledore cortesmente, "eu não posso

ficar, eu tenho assuntos urgentes para discutir com Rufus Scrimgeour."

"Não, não, eu preciso continuar", disse Tonks, sem olhar Dumbledore nos olhos. "

'Noite -"

"Querida, por que não vem ao jantar no fim de semana, Remus e Olho tonto estão

vindo -?"

"Não, realmente, Molly. . . obrigado de qualquer maneira. . . Boa noite a todos!" Tonks

acelerou e passou por Dumbledore e Harry na entrada ; alguns passos além do

degrau da porta, ela se virou e desapareceu no ar rarefeito. Harry notou que Sra.

Weasley parecia preocupada.

"Bem, eu o verei em Hogwarts, Harry", disse Dumbledore. "Se cuide. Molly, seu

criado". Ele fez para Sra. Weasley um arco e seguiu Tonks, desaparecendo no

mesmo lugar. Sra. Weasley fechou a porta da entrada, agora vazia, e guiou Harry

pelos ombros e o levou até mesa para examinar a aparencia dele. "Você está como

Rony", ela suspirou, enquanto o olhava de cima a baixo. "Ambos vocês parecem que

receberam uma azaração de alongamento, o Rony cresceu quatro polegadas desde

que eu lhe comprei os últimos roupões escolares. Você está faminto, Harry? "

"Sim, eu estou", disse Harry percebendo agora o quão faminto estava.

"Se sente, querido, eu vou fazer algo."

Quando Harry se sentou, um gato peludo de cor alaranjada saltou sobre os joelhos

dele ficou lá, ronronando.

"Então Hermione está aqui? " ele perguntou alegre enquanto acariciava atrás das

orelhas de Bichento.

"Oh sim, ela chegou antes de ontem", disse Sra. Weasley, enquanto batia em uma

grande panela com sua varinha. Ela saltou sobre o fogão com um tinido alto e

começou a borbulhar imediatamente. "Estão todos na cama, é claro que nós não os

esperávamos a essa hora. Aqui está " Ela bateu a panela novamente; a elevou ao ar ,

voou para Harry, e derrubou a sopa para Harry; a Sra. Weasley deslizou só uma tigela

para pegar o fluxo grosso da sopa de cebola, que estava soltando grande quantidade

de vapores. "Pão, querido? "

"Obrigado, Sra. Weasley."

Ela levantou a varinha sobre seu ombro; alguns pães e uma faca planaram

graciosamente sobre a mesa, logo os pães foram fatiados pela faca, a panela voltou

ao fogão. Sra. Weasley se sentou de frente para harry. "Então você persuadiu Horace

Slughorn para aceitar o trabalho?

" Harry acenou com a cabeça, com a boca cheia de sopa quente ele não pôde falar.

"Ele ensinou a mim e ao Arthur", disse Sra. Weasley. "Ele esteve em Hogwarts por

anos, começou por volta da mesma época que Dumbledore, eu acho. Você gostou

dele? "

A boca dele agora estava cheia de pão, Harry então encolheu os ombros e fez um

gesto reservado com a cabeça.

"Eu sei o que você quer dizer", disse Sra. Weasley, enquanto acenava com a cabeça

sabiamente. "Claro que ele pode encantar quando quer, mas o Arthur nunca gostou

muito dele. O Ministério acabou com os velhos favorito de Slughorn, ele sempre foi

bom em passar a perna , mas ele nunca teve bom tempo para Arthur – parecia pensar

que ele era bastante aéreo. Bem, só estou lhe mostrando que Slughorn também

comete erros. Eu não sei se o Rony lhe falou em quaisquer das cartas dele -

aconteceu há pouco tempo - mas o Arthur foi promovido! " Não poderia ter estado

mais claro que Sra. Weasley tinha estado estourando para dizer isto.

Harry engoliu uma quantia grande de sopa muito quente e ele podia sentir a garganta

dele empolando . "Isso é ótimo! " ele ofegou.

"Você é um doce", irradiou a Sra. Weasley, com seus olhos possivelmente molhados

pela emoção da noticia. "Sim, Rufus Scrimgeour montou vários escritórios novos com

respeito à situação presente, e o Arthur está indo para o Escritório de Descoberta e

Confisco de Falsos Feitiços de Defensiva e Objetos Protetores. É um trabalho grande,

ele adquiriu dez pessoas que informam agora a ele! "

"O que exatamente -? "

"Bem, você vê, em todo o pânico sobre Você-sabe-quem, coisas estranhas têm

estado à venda em todos lugares , coisas que dizem vigiar contra Você-saber-quem e

os Comensais da Morte. Você pode imaginar o tipo de coisa - poções protetoras que

tem nomes chamativos, mas que realmente são molho com um pouco de pus de

Bobotuberas, ou instruções para fazer contra maldições que atualmente fazem sua

orelha cair. . . . Bem, na maioria das vezes os criadores são só pessoas como o

Mundungus que nunca fez um trabalho honesto nem em um só dia de suas vidas, eles

têm levado vantagem no medo das pessoas, mas de vez em quando aparece algo

realmente sórdido. O outro dia o Arthur confiscou uma caixa de Sneakoscopes

amaldiçoado que quase foi plantado certamente por um Comensal da morte. Então

você vê, é um trabalho muito importante, como lhe falei há pouco é tolo perder tempo

com velas de ignição e carregadores e todo o resto daquele lixo de trouxas." A Sra.

Weasley terminou a fala dela com um olhar duro, como se tivesse sido Harry que

sugerira que era natural perder tempo com velas de ignição.

"Sr. Weasley ainda está no trabalho? " Harry perguntou.

"Sim, ele está. De fato, ele está um pouco atrasado. ... Ele disse que ele estaria de

volta por volta de meia-noite. . . . " Ela virou o olhar para um relógio grande que foi

empoleirado sem jeito em cima de uma pilha de folhas no cesto de lavagem ao

término da mesa. Harry reconheceu isto imediatamente: Tinha nove ponteiros, em

cada um estava inscrito o nome de um membro da família ,normalmente ele ficava na

parede da sala de estar dos Weasleys, sua atual posição indicava que a Srª Weasley

andara com ele por toda parte. No instante que Harry o observava todos os ponteiros

indicavam perigo mortal "Tem estado assim durante todo tempo agora", disse Sra.

Weasley, em uma inconveniente voz casual, "desde que Você-sabe-quem voltou". Eu

suponho que todo o mundo agora está em perigo mortal. ... Eu não acho que seja só

com a nossa família. . . mas eu não sei,pois não conheço qualquer outro que tenha

tido um relógio assim,então eu não posso conferir. Oh! " Com uma exclamação súbita

ela apontou à face do relógio. O ponteiro do Sr. Weasley tinha trocado para "viajar."

"Ele está vindo! " Ela disse segura o bastante, um momento depois eles ouviram uma

batida na porta dos fundos. A Sra. Weasley se levantou apressada, foi em direção a

porta; com uma mão na maçaneta e a face apertada contra a madeira ela perguntou

suavemente "Arthur, é você? "

"Sim", veio a voz cansada do Sr. Weasley. "Mas eu diria que era, até mesmo se eu

fosse um Comensal da Morte, querida. Faça a pergunta! "

"Oh, honestamente... "

"Molly! "

"Certo, certo. . . Qual a sua mais querida ambição? "

"Descobrir como aviões ficam acordado."

Sra. Weasley segurou e girou a maçaneta, mas aparentemente Sr. Weasley estava

segurando a outra parte da maçaneta, a apertando, porque a porta permaneceu

firmemente fechada.

"Molly! eu tenho que lhe fazer primeiro sua pergunta! "

"Arthur, realmente, isto há pouco é tolo. ... "

"Como você gosta que eu lhe chame quando estamos sozinhos?"

Até mesmo pela luz fraca da lanterna, Harry poderia dizer que a Sra. Weasley tinha

ficado vermelho luminoso; Ele se sentiu repentinamente quente, principalmente ao

redor das orelhas e no pescoço, e apressadamente tragou sopa, enquanto movia a

sua colher ruidosamente quanto ele podia contra a tigela.

"Mollywobbles", sussurrou uma mortificada Sra. Weasley na rachadura à extremidade

da porta.

"Certo", disse Sr. Weasley. "Agora você pode me deixar entrar."

A Sra. Weasley abriu a porta para revelar o marido dela, um bruxo magro, calvo, ruivo

que usava óculos com chifres nas bordas e uma capa de viajem longa e parda.

"Eu ainda não entendo o porquê de fazer isso toda vez que você chega em casa",

disse Sra. Weasley, ainda cor-de-rosa na face, ajudando o marido a tirar a capa. "Eu

quero dizer, um Comensal da Morte poderia ter forçado você a lhe dar a resposta

antes de se personificar! "

"Eu sei, querida, mas é procedimento de Ministério, e eu tenho que fixar um exemplo.

Algo cheira bem, sopa de cebola? " O Sr. Weasley virou esperançosamente na

direção da mesa. "Harry! Nós não o esperávamos até de manhã! " Eles deram um

aperto de mão, e Sr. Weasley se sentou na cadeira ao lado de Harry, enquanto a Sra.

Weasley colocava uma tigela de sopa em frente a ele também.

"Obrigado, Molly. É, tem sido uma noite dura. Alguns idiotas começaram a vender as

"Medalhas-Metamorfas" . coloque-as ao redor do pescoço e você poderá mudar sua

aparência à vontade. Cem mil disfarces, tudo por dez Galeões! "

"E o que realmente acontece quando você os coloca? "

"Geralmente você ganha uma tonalidade laranja bem desagradável, mas um par de

pessoas também ganharam tentáculos e verrugas brotando por todo os seus corpos.

Como se St. Mungo já não tivesse o bastante para fazer! "

"Parece o tipo de coisa que o Fred e George achariam engraçado", disse Sra.

Weasley indecisamente. "Você está seguro? "

"Claro que eu estou! " dito Sr. Weasley. "Os meninos não fariam nada assim agora,

não quando as pessoas estão desesperadas por proteção! "

"Então é por isso que está atrasado, Medalhas-Metamorfas? "

"Não, Nós tivemos montes de azarações sórdidas de explosão em Elefante e Castelo,

mas afortunadamente a Esquadra de Execução de Lei Mágica tinha ordenado isto até

a nossa chegada ... "

Harry abafou um bocejo atrás de sua mão.

"Cama", disse a Sra. Weasley imediatamente. "O quarto de Fred e Jorge está pronto

para você, ele é só seu."

"Por que, onde eles estão? "

"Oh, eles estão no Beco Diagonal, estão dormindo no pequeno apartamento em cima

da loja de logros deles, pois estão muito ocupados", disse Sra. Weasley.

"Eu tenho

que dizer, eu não aprovei no princípio, mas eles parecem ter um pouco de talento

para o negócio! Venha, querido, seu calção de banho já lá em cima."

"'Noite, Sr. Weasley", disse Harry, empurrando a cadeira dele para atrás. Bichento

saltou ligeiramente do colo dele e se esquivou para fora da sala.

"Boa Noite, Harry", disse o Sr. Weasley.

Harry viu a Sra. Weasley olhar o relógio quando eles deixaram a cozinha. Todos os

ponteiros estavam, mais uma vez em "perigo mortal."

O quarto de Fred e Jorge era no segundo andar. A Sra. Weasley apontou a varinha

dela a um abajur na mesa do lado da cama, que acendeu imediatamente, banhando o

quarto com uma agradável luz dourada. Embora um grande vaso de flores tivesse

sido colocado em uma escrivaninha em frente à janela pequena, o perfume delas não

pôde disfarçar o cheiro prolongado do que harry achava ser pólvora. Uma quantia

considerável de espaço no chão foi dedicada a um número vasto de caixas de

papelão sem marca, lacradas entre qual estava de pé malão escolar de Harry. O

quarto parecia estar sendo usado como um armazém temporário. Hedwings piou

felizmente para Harry do poleiro dela em cima de um guarda-roupa

grande, então se

foi pela janela; O Harry soube que ela tinha estado esperando para o ver antes de ir

caçar. Harry desejou a Sra. Weasley boa noite, vestiu seu pijama, e deitou em um das

camas. Havia algo duro dentro da fronha. Ele procurou no escuro por dentro da fronha

e tirou de lá uma doçura roxo-e-laranja pegajosa que ele reconheceu como uma

Pastilha pra Vomitar. Sorrindo pra si mesmo, ele girou na cama e logo estava

cochilando.

Segundos depois, ou assim parecia a Harry, ele foi despertado pelo que pareceu um

tiro de canhão, enquanto a porta se abria num estouro. Sentando, ele ouviu a carrilha

de cortinas ser retirada. A luz sol deslumbrando, parecia cutucar-lhe duro em ambos

os olhos. Os protegendo com uma mão, ele procurou no escuro desesperadamente os

óculos dele com a outra mão. "Oqueestaacontecendo", "Nós não soubemos que você

já estava aqui!" dito uma voz alta e entusiasmada, e ele recebeu um soco ao topo da

cabeça.

"Rony, não bata nele! " disse a voz reprovadora de uma garota.

A mão de Harry achou os seus óculos e ele os colocou, entretanto a luz era tão clara

que ele quase não poderia ver .Uma grande sombra tremeu em frente a ele por um

momento; ele piscou e Rony Weasley entrou em foco, enquanto sorria abaixo a ele.

Tudo Certo? " "Nunca tinha estado melhor", disse Harry, enquanto esfregava o topo

da cabeça e caindo atrás de seus travesseiros. "E Você? "

"Não ruim", disse o Rony, enquanto tirava uma caixa de papelão e sentando nisto.

"Quando você chegou aqui? Mamãe não nos falou! "

'Mais ou menos 1 da manhã.'

'Os trouxas fizeram tudo certo? Te trataram bem?'

'Como sempre,' disse Harry, enquanto Hermione se acomodava na ponta da cama. '

Eles não falaram muito comigo , mas eu prefiro assim. Tudo bem com você

Hermione?'

' Ah, eu estou bem,' disse Hermione, que estava olhando para Harry como se ele

estivesse doente.

Ele sabia o que estava por trás disso; como ele não queria falar sobre a morte de

Sirius nem sobre qualquer assunto triste, ele disse, 'Que horas são? Eu já perdi o

café?'

'Não se preocupe com isso, mamãe está subindo com a sua bandeja, ela acha que

você está muito mal-alimentado,' disse Rony, girando os olhos. 'Então, o que me

conta?'

'Nada demais, eu estive preso com meu primo e meus tios, não fiquei?'

' Se liga!' disse Rony. 'Você saiu de lá com o Dumbledore!'

'Isso não foi muito excitante. Ele só quis minha ajuda para convencer um outro

professor para sair da aposentadoria. Ele se chama Horace Slughorn.'

'Oh,' disse Rony, olhando desapontado. 'Nós pensávamos-' Hermione laçou um olhar

de Rony e ele mudou de assunto rapidamente,

'-nós pensávamos que seria algo desse tipo.'

'Tem certeza?' disse Harry, divertindo-se.

' Sim.....claro, agora que a Umbridge foi embora, obviamente nós precisamos de um

novo professor de Defesa Contra Artes das Trevas, não é? Então, hum... como ele é?'

' Ele parece uma morsa e era o diretor da sonserina,' disse Harry. 'Algo errado,

Hermione?'

Ela estava olhando para ele como se esperasse que alguma coisa estranha fosse

acontecer com ele a qualquer momento. Ela desfez a expressão rapidamente e abriu

m sorriso pouco convincente.

'Não, claro que não! Então, hum... Slughorn parece ser um bom professor?'

'Não sei,' disse Harry. ' Ele não pode ser pior que a Umbridge, pode?'

'Eu conheço alguém pior que a Umbridge,' disse uma voz na porta. A irmã mais nova

de Rony entrou no quarto parecendo irritada. 'Olá Harry.'

'O que acontece com você?', perguntou Rony

' É ELA,' disse Gina, se jogando na cama de Harry. 'Ela está me deixando louca.'

'O que ela fez agora?' perguntou Hermione condecendentemente.

'É o jeito que ela fala comigo - ela pensa que eu tenho 3 anos!'

'Eu sei,' disse Hermione, abaixando o tom de voz. ' Ela está cheia de si mesma.'

Harry ficou impressionado de ouvir Hermione falando da Sra. Weasley daquele jeito e

não pode culpar Rony de dizer nervoso, 'Vocês não podem deixar ela em paz por 5

segundos?'

'Oh, tudo bem, defenda ela,' disse Gina. ' Todos nós sabemos que você não pode

com ela.'

Isso pareceu um comentário desnecessário sobre a mãe de Rony;

parecia que ele

estava perdendo algo, Harry disse, 'Quem é você - ?' Mas a pergunta foi respondida

antes que ele pudesse acabá-la. A porta se abriu violentamente novamente e Harry

instintivamente puxou seu edredon para perto do queixo tão forte que Hermione e

Gina caíra no chão .

Uma jovem mulher estava de pé na porta, uma mulher tão linda que o quarto parecia

ter ficado abafado momentaneamente. Ela era alta e magra com um longo cabelo loiro

e parecia emanar um brilho prateado reluzente. Para completar a visão de perfeição,

ela esta a carregando uma grande bandeja de café da manhã.

'Arry,' ela disse com uma voz rouca. 'Cuanto tempo!' Quando ela andou um pouco a

Srs. Weasley apareceu, andando atrás da jovem, parecendo um pouco rabugenta.

'Não precisava trazer aqui, e posso fazer isso sozinho!'

'Non ttem prroblema,' disse Fleur Delacour, colocando a bandeja sobre os joelhos de

Harry e dando-lhe um beijo em cada bochecha: ele sentiu os lugares onde ela o beijou

queimarem . 'Eu stava há moito tempo dessejando te verr. Lembrra da minia irrmã,

Gabrielle? Ela não parra de falarr sobrre Arry Potterr. Ela querrendo moito vê-lo de

novo.'

'Ah.... ela está aqui também?' Harry perguntou

'Não, não, bobinho,' disse Fleur com um leve sorriso, 'Eu querro dizerr no prróximo

verrão, cuando nós - mas você não sabe?

Ela arregalou seus olhos azuis e olhou repreensivamente para a Sra. Weasley, que

disse, ' Nós ainda não contamos à ele.'

Fleur virou para Harry, balançando seu cabelo prateado, que bateu na cara da Sra.

Weasley.

'Gui e eu vamos nos casarr!'

'Oh,' disse Harry inexpressivamente. Ele não pode dizer mais nada ao notar como a

Sra. Weasley, Hermione e Gina estavam evitando outros olhares. 'Wow, hum-felicidades!' Ela abaixou sobre ele e lhe deu um beijo novamente

'Bill estarr moito ocupado no momento, trrabalhando durro, e eu só trrabalho meio

perríodo no Grringotes parra melhorrarr meu inglês, então ele me trrouxe para ca por

alguns dias parra conhecer sua família. Eu fiquei muito feliz em saberr que você viria -

Aqui não tem muitacoisa parra fazerr, só se vcÊ gostar de cozinhar e de frangos! Bem

- aproveite seu café da manhã Arry!' Com essas palavras ela se virou

graciosamente

e saiu do quarto, fechando a porta atrás dela.

Sra. Weasley fez um barulho parecido com 'tchah!'

'Mamãe odeia ela,' disse baixinho Gina

' Eu não odeio ela!' disse a Sra. Weasley cochichando. 'Eu só acho que eles fora

muito apressados e assumir este compromisso, só isso!' 'Eles se conheceram há um

ano,' disse Rony, que parecia esquisitamente embreagad e ficava olhando para a

porta fechada

'Bem, não faz muito tempo! Eu sei por que aconteceu, é claro. Isso aconteceu

certamente por que Você-sabe-quem está voltando, as pessoas acham que podem

morrer amanhã, então elas tomam algumas decisões que normalmente demorariam

um bom tempo para tmar. É a mesma coisa que aconteceu da última vez q ele era

poderoso, as pessoas fugiam com os namorados a torto e a direita-'

'Incluindo você e o papai,' disse Gina.

'Sim, bem, seu pai e eu fomos feitos um para o outro, para que esperar?' disse a Sra.

Weasley. 'Quanto a Gui e Fleur... bem.... o que eles tem realmente em comum? Ele é

trabalhador, uma pessoa humilde, enquanto ela -'

'Uma vaca,' disse Gina, concordando com a cabeça. 'Mas Gui não é tão humilde

quanto você fala, ele gosta de um pouco de aventura, de um pouco de glamour....

acho que foi por isso que ele foi para o Phlegm.'

'Pare de chamar ela assim Gina,' disse a Sa. Weasley, quando Hermione e Harry

começaram a gargalhar. 'Bem, é melhor eu ir.... Harry, coma seus ovos enquanto eles

estão quentes!'

Parecendo aflita, ela saiu do quarto. Rony, ainda parecendo bêbado; sacudiu a

cabeça como um cachorro tentando tirar água das orelhas. 'Você não se acostumou

com ela morando na sua casa?' Harry perguntou.

'Bem, você já. .' disse Rony, 'mas se ela pula inesperadamente em cima de você,

como agora...'

'Isso é ridículo,' disse Hermione furiosa, se afastando de Rony o mais longe que podia

e virando a cara para ele, se protegendo com os braços pois havia chegado na

parede.

'Você não quer ela morando aqui para sempre, quer?' Gina perguntou

incredulosamente para Rony. Quando ele gaguejou, ela disse, 'Bem, mamãe vai

acabar com ela assim que ela puder, aposto qualquer coisa.'

'Como ela vai controlar isso?' perguntou Harry

'Ela continua tentando trazer Tonks para jantar. Eu acho que ela pensa que Gui vai se

interessar em Tonks. Eu também espero que isso aconteça, eu prefiro ela na família.'

'Sim, isso vai funcionar,' disse Rony sarcasticamente. 'Ouça, nenhum homem são iria

olhar para Tonks enquanto Fleur está por perto. Quer dizer, Tonks é bonita quando

não fica fazendo aquelas coisas estúpidas com o cabelo e com o nariz, mas-'

'Ela com a aparência horrorosa eh mais agradável que Fleur' disse Gina

'E ela é mais inteligente, ela é uma Aurora!' disse Hermione do canto do quarto.

'Fleur não é estúpida, ela foi boa o suficiente para entrar no torneio Tribruxo,' disse

Harry.

'Não tão boa quanto você!' disse Hermione amargamente

'Eu aposto que você gosta do jeito que Fleur diz "Arry", não gosta?' Perguntou Gina

desdenhosa.

'Não,' disse Harry, desejando não ter falado nada, 'Eu só disse que, muco - quer dizer

- Fleur -'

'Eu preferiria ter Tonks na família,' disse Gina. 'Ao menos ela é engraçada!'

'Ela não tem sido muito engraçada,' disse Rony. 'Toda hora que eu olho para ela, ela

está parecendo mais a Murta que geme'

'Isso não é justo!' disse Hermione. 'Ela anda não superou o que aconteceu.... você

sabe... quer dizer, ele era primo dela!'

O coração de Harry bateu mais forte. Eles tinham chegado no assunto de Sirius. Ele

pegou o garfo e começou a comer os ovos mexidos, esperando não receber nenhum

convite para entrar na conversa.

'Tonks e Sirius souberam que eram parentes há pouco tempo!' disse Rony. 'Sirius

estava em Azkaban durante metade da vida dela e antes disso as famílias deles

nunca haviam se encontrado-'

'Isso não tem nada a ver,' disse Hermione. 'Ela pensa que a morte dele foi culpa dela!'

'Por que ela pensa isso?' Perguntou Harry

'Bem, ela estava lutando com a Belatriz Lestrange, não estava? Eu acho que ela

pensa que se ela tivesse acabado com a Belatriz, ela não teria matado o Sirius'

'Isso é estúpido' Disse Rony

'É a culpa de sobrevivente,' disse Hermione. ' Eu sei que Lupin está tentando acalmála, mas ela está realmente triste. Agora ela está tendo problemas com sua

metamorfose!'

'Com a sua metamorfose ?'

'Ela não consegue mais mudar sua aparência como antes,' explicou Hermione. 'Eu

acho que seus poderes devem ter sido afetados pelo choque, ou algo assim.'

'Eu não acho que isso possa acontecer,' disse Harry

'Eu não tenho certeza,' disse Hermione, ' mas eu suponho que se você está realmente

deprimido...'

A porta se abriu novamente e a Sra. Weasley colocou sua cabeça para dentro.

'Gina,' ela cochichou, 'desça aqui e me ajude com o almoço

'Mas eu estou conversando!' disse Gina enfurecida

'Agora!' disse a Sra. Weasley, e desapareceu.

'Ela só quer que eu desça para não ter que ficar sozinha com a muco!' Disse Gina. Ela

jogou seus longos cabelos vermelhos para imitar a Fleur e atravessou o quarto com

os braços cruzados como se fosse uma bailarina.

'Seria melhor se você descesse rápido também,' Disse a Sra. Weasley enquanto ia

saindo.

Harry aproveitou o silêncio para comer. Hermione estava examinando as caixas de

Fred e Jorge, olhando de vez em quando para Harry.

Rony, que agora estava ajudando Harry a comer as torradas, estava olhando para a

porta distraidamente.

'O que é isso?' Hermione perguntou, levantando o que parecia um pequeno

telescópio.

'Não sei,' disse Rony, ' mas Fred e Jorge deixaram isso aqui, talvez ainda não esteja

pronto para vender, então cuidado!'

'Sua mãe disse que a loja está indo bem,' disse Harry. 'Disse que Fred e Jorge levam

jeito para negócios.'

'Ela foi modesta,' disse Rony. 'Eles estão nadando em galeões! Eu mal poso esperar

para ver o lugar. Nós ainda não fomos para o beco diagonal, pois mamãe disse que

papai conseguiu segurança extra para ir para la e agora ele está cheio de trabalho,

mas isso é excelente!' 'E o Percy?' perguntou Harry; o terceiro irmão mais velho dos

Weasleys se separou do resto da família. 'Ele voltou a falar com seus pais?' 'Não,'

disse Rony

'Mas ele sabe que seu pai estava certo sobre a volta de Voldemort-'

'Dumbledore disse que as pessoas acham mais fácil as pessoas perdoarem quando o

outro está errado do que quando está certo,' disse Hermione. 'Eu ouvi ele falando isso

para sua mãe Rony,'

'Parece coisa da cabeça de Dumbledore,' disse Rony

'Ele me dará aulas particulares neste ano,' disse Harry convencionalmente.

Rony engasgou com um pedaço de torrada e Hermione suspirou.

'E você nos escondeu isso?' disse Rony

' Acabei de me lembrar disso,' disse Harry honestamente. 'Ele me falou ontem a noite

em seu abrigo de vassouras.'

'Nossa..... aulas particulares com Dumbledore!' disse Rony, parecendo impressionado.

'Queria saber por que ele....?

Sua voz cessou. Harry viu ele e Hermione trocarem olhares. Harry abaixou seus

talheres, seu coração batia mais rápido considerando que todos estavam sentados na

cama. Dumbledore havia dito isso... mas não havia explicado por que! Ele fixou seus

olhos no garfo, que estava refletindo a luz do sol em seu colo, e disse, 'Eu não sei

exatamente por que ele vai me dar aulas, mas acho que deve ser por causa da

profecia.'

Nem Rony nem Hermione falaram. Harry teve a impressão de que os dois estavam

congelados. Ele continuou, ainda conversando com seu garfo, 'vocês sabem, aquela

que tentaram roubar no ministério.'

'Neguem sabe o que ela dizia, entretanto,' disse Hermione rapidamente. 'Ela foi

esmagada.'

'Mas o Profeta diz -' Rony começou, mas Hermione fez 'Shhhhh!'

'O Profeta está certo,' disse Harry, olhando para os dois com grande esforço:

Hermione pareceu assustada e Rony pasmou. ' Aquela bola de vidro que foi destruída

não era a única coisa que guardava a profecia. Eu ouvi tudo no escritório de

Dumbledore, ele foi a pessoa que ouviu a profecia, então ele pode me dizer. Ele disse

que,' Harry respirou fundo, 'parece que eu sou o único que pode acabar com

Voldemort... e então, ele disse que um não pode viver enquanto o outro estiver vivo.'

Os três se olharam rapidamente em silêncio por um momento. Então surgiu um ruído

alto e Hermione desapareceu atrás de uma fumaça negra

'Hermione!' gritou Harry e Rony; a bandeja de café da manhã escorregou e caiu no

chão espatifando-se.

Hermione surgiu, tossindo, fora da fumaça, segurando o telescópio q apresentando

um reluzente olho roxo.

'Eu apertei isso e isso - isso me esmurrou!' ela disse indignada

Eles puderam observar um pequeno punho em uma grande mola pulando na

extremidade do telescópio

Não se preocupe," disse Rony, que estava tentando claramente não rir, do reparo de

curimentos pequenos mal-sucedido de sua mãe. - Bem, não se culpe agora !

Hermione disse sussurrando "Harry, oh, Harry.. . "

Sentou-se na borda de sua cama outra vez. "nós quisemos saber, depois que

voltamos. . . Claro, nós não quisemos dizer-lhe qualquer coisa, mas o que Lucio

Malfoy disse sobre a profecia, sobre você e Voldemort, bem, nós pensamos que podia

ser algo como isso. . . Oh, Harry. . . " Olhou fixamente nele, a seguir sussurrado,

"Você está assustado?"

"Não mais que antes" disse Harry. "quando eu ouvi da primeira vez eu era. . . mas

agora, parece que eu sempre soube que teria que enfrenta-lo no fim. . . "

"quando nós nos soubemos que Dumbledore foi buscá-lo pessoa, nós pensamos que

ele iria dizer ou mostrar-lhe algo sobre o que fazer com a profecia," disse Rony

ansiosamente. "e nós estávamos com você, não estávamos? Ele não estaria lhe

dando lições se pensasse você iria morrer, não desperdiçaria seu tempo - deve

pensar que você tem uma possibilidade!"

"O que é verdade" disse Hermione. "Será maravilhoso o que ele lhe ensinará, Harry!

Mágica defensiva realmente avançada, provavelmente. . contra-feitiços poderosos,

contra azarações"

Harry não escutou realmente. Um calor estava espalhando através dele que não tinha

anda haver com a luz solar; uma dor eu seu peito pareceu dissolvê-lo. Soube que

Rony e Hermione estavam mais chocados do que ele estava, mas o mero fato que

ainda estavam lá ao seu lado, falando palavras de apoio e conforto, não se

escondendo dele como se estivesse contaminado ou fosse perigoso, valeu pena mais

do que ele poderia dizer-lhes.

"... e os encantamentos então" concluiu Hermione. "bem, ao menos você sabe uma

lição que você estará tendo este ano, o que é um mais do que eu e Rony. Eu quero

saber quando as corujas com nossos resultados virão..

"Não pode faltar muito agora..foi a um mês" disse Rony.

"pendure isso," disse Harry, porque uma outra parte da conversa da última noite lhe

voltou a mente. "eu acho que Dumbledore disse que as corujas com nossos

resultados estariam chegando hoje!"

"hoje?" Hermione gritou. "hoje? Mas porque você não - oh meu deus - você devia ter

dito - " Pulando de pé. "eu estou indo ver se alguma coruja veio..."

Mas quando Harry chegou ao andar de baixo dez minutos mais tarde, vestido

inteiramente e carregando sua bandeja vazia do pequeno almoço, encontrou

Hermione sentada à mesa da cozinha em uma grande agitação, e examinou a sra.

Wesley que parecia uma joaninha. "apenas não se mova" a Sra. Weasley estava

dizendo ansiosamente, para Hermione que tinha sua varinha em uma das mãos e

uma cópia da Curandeira do Lar na outra, aberta em "manchas roxas, em cortes, e em

abrasões." "isto sempre esteve aqui antes, eu que apenas não pode compreendê-la."

"será que é essa a idéia que Fred e George tem de uma brincadeira, certificando-se

que ela nunca sairá" disse Gina.

"mas tem que sair!" Hermione rangiu. "eu não posso ficar com o olho assim para

sempre!"

"você não vai , claro, nós encontraremos um antidoto, não se preocupe" disse a Sra.

Weasley sorrindo.

"Gui me disse que Fred e George estão se divertindo muito! Fleur disse sorrindo

serenamente.

"sim, eu mal posso esperar para rir também" Hermione falou.

Saltou e começou a andar em círculos pela cozinha, torcendo seus dedos.

"Sra. Weasley, a sra. tem certeza que nenhuma coruja chegou esta manhã?"

"Sim, querido, eu teria notado," disse a Sra. Weasley paciente. "Mas ele só tem nove

anos, ainda há bastante tempo..."

"Eu sei que devo ter mistura as Runas,"murmurou Hermione freneticamente, "Eu

definitivamente devo ter bagunçado tudo. Ainda tem Defesa contra as Artes das

Trevas que não fui nada bem. Pensei que em transfigurações pelo

menos estava tudo

certo, mais olhando bem..."

"Hermione , dá pra parar com isso? Você não é a única que estava nervosa!"rangiu

Rony "Você ainda deve ter tido uns onze 'Excede as Expectativas'nos N.O.M's"

"Não, não, não!"disse Hermione, agitando suas mãos histericamente. "Eu fracassei

em tudo , eu sei"

"E o que acontecerá se nós não conseguimos?" perguntou Harry, e novamente foi

Hermione quem respondeu.

"Nós vemos com a diretora da Grifinória, quais são nossas opções. Eu perguntei a

Profª McGonagall no final do ano passado. "O estomago de Harry revirou. Desejou

que tivesse comido menos.

"Em Beauxbatons,"disse Fleur se queixando "Temos um modo diferente de ver as

coisas. Pensamos que é melhor prestar os exames depois do sexto ano e não do

quinto, mas de qualquer forma..." As próximas palavras de Fleur foram abafadas por

um grito. Hermione apontava para a janela da cozinha. Três pontos pretos eram

visíveis no céu, ficando maior a cada segundo.

"São corujas, tenho certeza,"disse Rony ansioso, pulando até a janela junto com

Hermione.

"E são três, tem três delas,"disse Harry correndo em direção a janela também.

"É deve ser uma para cada um de nós," disse Hermione num sussurro apavorado. "Oh

Não...Não...Não..."

Ela agarrou com força Rony e Harry.

As corujas estavam voando para o Três, bonitas corujas-das-torres, voando baixo

agora em direção aos três , e todas elas seguravam um envelope.

"Ai não,"guinchou Hermione.

A Sra. Weasley se espremeu entre eles e abriu a janela da cozinha. Um , Dois, Três,

as corujas foram pousando em linha em frente seus pés, com os envelopes.

Harry correu a apanhar seu envelope. A carta de harry estava na coruja do meio, ele

começou a tentar tirar a carta da coruja desastrosamente. A sua esquerda, Rony

tentava pegar a sua também; e a sua direita as mãos de Hermione agitavam tanto que

fazia com que sua coruja balança-se.

A cozinha estava silenciosa, quando finalmente Harry conseguiu pegar

sua carta.

Abriu o Envelope e desenrolou o pergaminho.

RESULTADO DO SEUS NÍVEIS EXTRAORDINÁRIOS EM MAGIA.

NOTAS PASSÁVEIS:

Ótimo (O)

Excede as Expectativas (E)

Aceitável (A)

NOTAS REPROVÁVEIS.

Passável (P)

Deplorável (D)

Trasgo (T)

Harry Tiago Potter

Astronomia (A)

Trato de Criaturas Mágicas (E)

Feitiços (E)

Defesa contra as Artes das Trevas (O)

Adivinhação (P)

Herbologia (E)

História da Magia (D)

Poções (E)

Transfiguração (E)

Harry leu varias vezes seus notas, sua respiração agora voltava ao normal. "Eu

conseguí", pensou ele, sempre soube que iria mal em Adivinhação, e também sabia

que não passaria em História da Magia já que ele tinha desmaiado na hora do exame,

mas ele conseguiu passar em todo o resto! Tinha se dado bem em Transfiguração e

Herbologia, tinha excedido as expectativas até em Poções! E o melhor de tudo, tinha

conseguido um "Ótimo" em Defesa Contra as Artes das Trevas! Ele olhou ao seu

redor. Hermione estava olhando pra trás, e o Rony estava com um brilho nos olhos.

"Falhamos somente em adivinhação e História da Magia, quem se importa com

isso?"disse feliz a Harry. "Aqui..." Deixa eu ver.

Harry olhou atentamente as notas de Rony: E não havia nenhum "Otimo" lá...

"Sempre soube que você teria nota máxima em Defesa Contra as Artes das

Trevas,"disse Rony , dando um soco no ombro de harry. "Nós fizemos tudo certo

afinal, não é?"

"Muito bom!"disse a Sra. Weasley cheia de orgulho, passando a mão nos cabelos de

rony. "Sete N.O.M's mais do que Fred e Jorge juntos!"

"Hermione?"perguntou Gina, já que Hermione ainda continua de costas. "Como você

foi?"

"Eu? nada mal", falou Hermione com sua voz baixa.

"Ahh, para com isso,"disse Rony puxando o pergaminho da mão de Hermione. "É -

Dez 'Otimos' e um 'Excede as Expectativas' de Defesa contra as Artes das Trevas.Ele

olhou pra ela, ela estava meio feliz, meio chatiada. "Você não está desapontada ,

está?"

Hermione balançou a cabeça, e harry riu.

"É somos alunos de N.I.E.M's agora!"disse Rony sorrindo. "Mãe, tem mais salsichas?"

Harry no entando olhou novamente para seus resultados. Eram tão bons quanto ele

esperava. Sentiu-se apenas um pouco triste... Este era o fim de sua ambição de um

dia se tornar Auror. Não conseguira a nota necessária em Poções. Ele já havia

imaginado varias vezes que não conseguiria, mas agora que tinha certeza era pior,

sentiu seu estomago se afundar quando olhou novamente para aquele pequeno (E)

na frente das escritas POÇÕES

Era estranho mesmo sendo um Comensal da Morte disfarçado que havia dito a Harry

para ele seguir a carreira de auror, ele havia gostado da idéia, não conseguia pensar

em outra coisas para se tornar. Além disso, parece que este é o destino

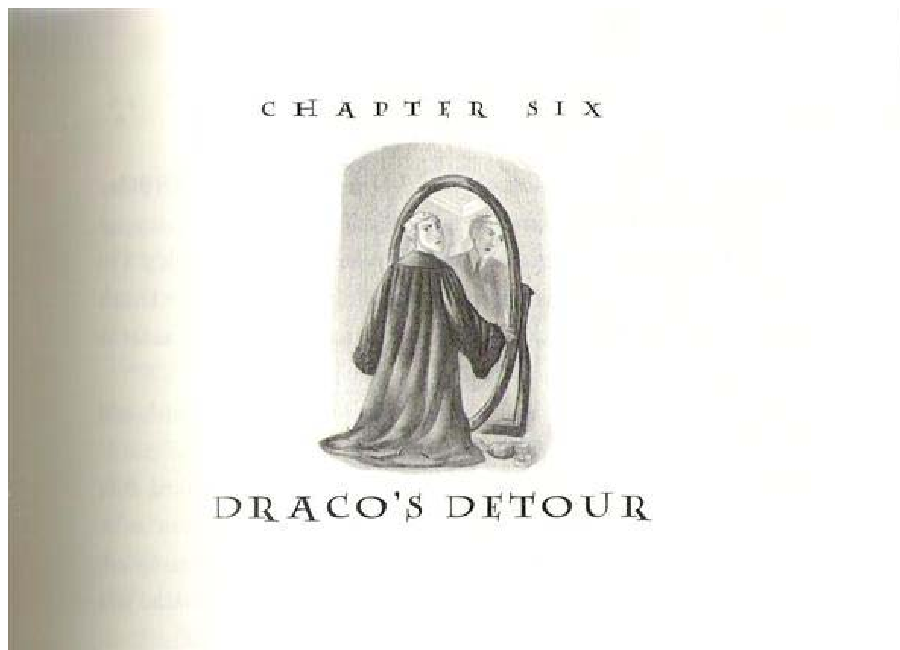
certo para ele

desde que ele ouviu a profecia no mês passado.... um não pode viver enquanto o

outro estiver vivo....Ele não estaria cumprindo a profecia e se dando uma maior

chance de sobrevivência se ele se unisse aos mais bem treinados bruxos que tem a

missão de achar e matar Voldemort?



Capítulo 6: O Desvio de Draco

Harry permaneceu dentro dos limites do jardim da Toca durante as semanas

seguintes. Ele passou a maioria dos dias jogando Quadribol dois contra dois no pomar

dos Weasleys (ele e Hermione contra o Rony e Gina; Hermione era terrível e Gina

boa, assim eles ficaram razoavelmente bem equilibrados) e as noites comendo o triplo

de tudo Sra. Weasley colocava na frente dele.

Teriam sido férias felizes e calmos, se não fossem pontuadas por desaparecimentos,

acidentes estranhos, até mesmo de mortes que apareciam agora quase diariamente

no Profeta Diário. Às vezes Gui e Sr. Weasley traziam notícias para casa antes

mesmo de saírem no jornal. Para desgosto da Sra. Weasley, as comemorações pelo

décimo sexto aniversário de Harry foram arruinadas por novidades horríveis trazidas à

festa por Remo Lupin que parecia mais magro e severo, que os cabelos castanhos

dele estavam praticamente grisalhos, as roupas dele mais esfarrapadas e

remendadas que nunca.

"Houve outro par de ataques de dementadores," ele anunciou, quando a Sra. Weasley

passou uma fatia grande de bolo de aniversário para ele. "E eles acharam o corpo de

Igor Karkaroff no norte em uma cabana. A Marca Negra estava acima da cabana -

bem, francamente, eu estou surpreso por ele ter ficado vivo durante

um ano depois de

abandonar os Comensais da Morte. O irmão de Sirius, Regulus, só sobreviveu alguns

dias até onde eu posso me lembrar."

"Sim, bem", disse Sra. Weasley, carrancuda, "talvez nós devêssemos falar sobre outro

assu - "

"Você ouviu falar de Florean Fortescue, Remo? " Gui perguntou enquanto servia vinho

para Fleur. "O homem que correu - "

"-da sorveteria no Beco Diagonal? " Harry interrompeu, com uma sensação

desagradável, de vazio no estômago dele. "Ele me dava sorvetes grátis. O que

aconteceu com ele? "

"O expulsaram da sorveteria dele. "

"Por que? " Rony perguntou, enquanto Sra. Weasley olhava sugestivamente para Gui.

"Quem sabe? Ele devia estar os incomodando de alguma maneira. Ele era um homem

bom, Florean".

"Falando do Beco Diagonal" , disse Sr. Weasley, "parece que aconteceu o mesmo

com o Olivaras. "

"O vendedor de varinhas? " disse Gina, olhando assustada.

"É o que parece. A loja está vazia. Nenhum sinal de luta. Ninguém sabe se ele partiu

voluntariamente ou foi seqüestrado."

"Mas varinhas - como farão as pessoas com as varinhas? "

"Eles sobreviverão com outros fabricantes", disse Lupin. "Mas Olivaras era o melhor e

se o outro lado o tem, isso não é tão bom para nós."

No dia depois deste melancólico aniversário, as cartas e lista de livros deles chegaram

de Hogwarts. Harry teve uma surpresa: ele tinha sido nomeado o Capitão de

Quadribol.

"Isso lhe dá status igual aos monitores! " Hermione chorava feliz. "Agora, você pode

usar nosso banheiro especial e tudo! "

"Eu me lembro quando o Carlinhos usou um destes", disse o Rony, enquanto

examinava o distintivo com alegria. "Harry, isto tão legal, você é meu Capitão - se

você me deixou continuar no time, eu suponho, ha ha. . . . "

"Bem, eu suponho nós não podemos evitar uma viagem ao Beco Diagonal mais

tempo agora que você receberam isso", suspirou a Sra. Weasley, olhando para a lista

de livros do Rony. "Nós iremos no sábado contanto que seu pai não tenha que

trabalhar novamente. Eu não vou sem ele."

"Mãe, vocês não pensam, honestamente, que Você - sabe - quem vai estar escondido

atrás de uma estante na Floreios e Borrões? " Rony riu baixinho.

"Fortescue e Olivaras não saíram de férias, saíram? " disse brava a Sra. Weasley. "Se

você pensa que segurança é uma questão de brincadeira, você pode ficar aqui que eu

mesma compro suas coisas - "

"Não, eu quero ir, eu quero ver a loja do Fred e George! " disse Rony

apressadamente.

"Então você refreie suas idéias, rapaz, antes que eu decidia que você é muito imaturo

para para vir conosco! " disse furiosamente a Sra. Weasley, pegando o relógio dela,

no qual todas as nove mãos ainda estavam apontando para "perigo mortal", e

equilibrando em cima de uma pilha de toalhas sujas. "E isso também vale para

quando voltar a Hogwarts! "

Rony encarou Harry incrédulo enquanto a mãe dele pegava a cesta de roupa suja, o

relógio balançando nos braços dela e reclamando furiosamente para fora do quarto.

"Cara. . nem ouse fazer uma piada sobre isso. . . . "

Mas o Rony foi cuidadoso em não ser impertinente sobre Voldemort durante os

próximos dias. Sábado amanheceu sem quaisquer explosões da Sra. Weasley,

entretanto ela parecia muito tensa ao café da manhã. Gui que ficaria em casa com

Fleur (para o deleite de Hermione e Ginna), passou uma bolsa de dinheiro cheia pela

mesa para Harry.

"Onde é a mina ? " Rony quis saber imediatamente, os olhos arregalados.

"Isso já é do Harry, idiota", disse Gui. "Eu retirei isso de seu cofre para você, Harry,

porque está levando aproximadamente cinco horas para o público retirar o ouro deles

no momento, os duendes aumentaram muito a segurança. Dois dias atrás Arkie

Philpott teve uma Probity Probe aderida nele.. Bem, confie em mim, deste modo é

mais fácil."

"Obrigado, Gui", disse Harry, guardando o ouro.

"'E nem sempre está tão prestativo", ronronou Fleur, acariciando o nariz de Gui. Ginna

fingiu vomitar o cereal dela atrás de Fleur. O Harry engasgou com os flocos de milho

dele, e o Rony bateu em suas costas.

Era um dia nublado e escuro. Um dos carros especiais do Ministério da Magia nos

quais Harry tinha andado uma vez, estava os esperando na frente do jardim quando

eles saíram da casa, arrumando as capas deles.

"É bom Deus que conseguiu-os novamente", disse Ron apreciativamente, se

esticando luxuriosamente, enquanto o carro se movia suavemente para longe da Toca

e Bill e Fleur acenavam da janela da cozinha. Ele, Harry, Hermione, e Gina estavam

todos sentados com conforto e espaço no assento largo.

"Não se acostume, isso é só por causa de Harry", disse o Sr. Weasley por cima do

ombro. Ele e Sra. Weasley estavam na frente com o motorista do

Ministério; o assento

de passageiro dianteiro estava estirado com o que se parecia a um sofá de dois

lugares. "Ele está com nível de segurança elevado. E nós também encontraremos

com a segurança adicional no Caldeirão Furado. "

Harry não disse nada; ele não se imaginava fazendo compras cercado por um

batalhão de aurores. Ele tinha guardado a capa da Invisibilidade na mochila e

acreditava que, se isso fosse bom o bastante para Dumbledore, deveria ser bom

bastante para o Ministério, entretanto agora ele que ele pensava nisto, ele não estava

certo se o Ministério sabia sobre a capa dele.

"Chegamos", disse o motorista, num tempo surpreendentemente curto, falando pela

primeira vez quando ele reduziu a velocidade na Rua Charing Cross e parando no

Caldeirão Furado. "Eu vou esperar por vocês, tem idéia de quanto tempo você levará?

"

"Duas horas, eu imagino", disse o Sr. Weasley. "Ah, bom, ele está aqui! "

O Harry imitou o Sr. Weasley e olhou pela janela; o coração dele saltou. Não havia

nenhum auror esperando por eles do lado de fora da hospedaria, mas ao invés disso,

havia a forma gigantesca e barbuda de Rúbeo Hagrid, o guarda - caças de Hogwarts,

usando um longo casaco de peles, olhando para o rosto de Harry e inconsciente aos

olhares fixos e assustados dos trouxas.

"Harry! " ele estrondou, apertando Harry em um abraço de esmagar os ossos no

momento em que Harry saiu do carro. "Bicuço - Witherwings, eu quero dizer - sim

deveriam ver ele, Harry, está tão feliz ao ar livre - "

"Fico feliz já que ele está contente", disse Harry, sorrindo enquanto massageava as

costelas. "Nós não sabíamos que segurança significava você! "

"Eu sei, é como os velhos tempos , sabe? Veja, o Ministério queria enviar um grupo de

aurores, mas Dumbledore disse que eu faria", disse Hagrid orgulhosamente, enquanto

estufava o peito e comprimia os dedos polegares nos bolsos. "Eles permitiram, então -

depois de , Molly, Arthur - "

O Caldeirão Furado estava, pela primeira vez na memória de Harry, completamente

vazio. Só Tom o proprietário, seco e desdentado, permaneceu da antiga multidão. Ele

observou esperançosamente quando entraram eles, mas antes de ele pudesse falar,

Hagrid disse importante, "Só passando hoje, Tom, sim, segurança entende, negócio

de Hogwarts, sabe."

O Tom balançou a cabeça tristemente e voltou a lavar os copos; Harry, Hermione,

Hagrid, e os Weasleys caminharam para o pequeno pátio frio na parte

de trás, onde

as ficavam as latas de lixo. Hagrid elevou o guarda-chuva rosa dele e bateu num certo

tijolo na parede que abriu para formar uma arcada para uma sinuosa e remendada

rua. Eles pisaram pela entrada e pararam, dando uma olhada.

O Beco Diagonal tinha mudado. As coloridas e brilhantes vitrines de livros,

ingredientes de poções e caldeirões para ver, estavam perdidos, escondido atrás de

grandes cartazes do Ministério da Magia que tinham sido colados em cima deles. A

maioria destes cartazes roxos e sombrios eram versões dos conselhos de segurança

nos folhetos do Ministério que tinham sido enviados durante o verão, mas outros

tinham fotografias preto e branco dos Comensais da Morte que estavam livres.

Bellatrix Lestrange estava olhando com desprezo da frente de um herbário. Algumas

janelas foram fechadas com tábuas, entre essas a sorveteria de Florean Fortescue.

Por outro lado, várias baias tinham aparecido ao longo da rua. A mais próximo tinha

sido erguida fora da Floreios e Borrões debaixo de um toldo listrado, manchado, com

uma placa de papelão fixada a sua frente:

AMULETOS

Efetivo Contra Lobisomens, - = - dementadores - = - inferi!

Um pequeno bruxo ambulante estava balançando braçadas de símbolos prateados.

"Um para sua menininha, senhora? " ele chamou a Sra. Weasley quando passaram

por ele, olhando de soslaio a Gina. "Proteja o bonito pescoço dela? "

"Se eu estivesse em serviço. . . " disse Sr. Weasley, olhando fixa e furiosamente para

o vendedor de amuleto.

"Sim, mas não vai prender qualquer um agora, querido, nós estamos com pressa,

disse Sra. Weasley, consultando a lista nervosamente. "Eu penso faríamos melhor

indo a Madame Malkin, Hermione quer túnicas novas, e os tornozelos do Rony estão

aparecendo nas roupas escolares dele, e você também deve precisar de algo novo,

Harry, você cresceu tanto - venha, todo o mundo - "

"Molly, não faz sentido nós todos irmos para Madame Malkin, disse o Sr. Weasley.

"Por que esses três não vão com Hagrid, e nós podemos ir Floreios e Borrões e

comprar os livros escolares de todo mundo? "

"Eu não sei", disse a Sra. Weasley ansiosa, claramente dividida entre o desejo de

terminar a compra depressa e o desejo de ficarem todos juntos. "Hagrid, você acha--?

" "Não se preocupe, eles estarão bem comigo, Mol y", disse Hagrid

ternamente,

acenando uma mão do tamanho de uma tampa de lata de lixo. A Sra. Weasley não

parecia completamente convencida, mas permitiu a separação, correndo para a

Floreios e Borrões com o marido dela e Gina enquanto o Harry, Ron, Hermione, e

Hagrid iam para Madame Malkin.

O Harry notou que muitas pessoas que passaram tinham o mesmo olhar aflito e

ansioso da Sra. Weasley, e que ninguém estava parando para falar mais; os

compradores ficavam juntos em grupos, enquanto faziam os negócio deles

atentamente. Ninguém parecia estar fazendo compras sozinho.

"Talvez seja um pouco apertado lá dentro para todos nós", disse Hagrid, parando do

lado da Madame Malkin e se curvando junto a janela. "Eu estarei em pé de guarda

aqui fora, certo?"

Assim o Harry, Ron e Hermione entraram juntos na pequena loja. Se apareceu, à

primeira vista, estar vazio, mas logo que a porta fechou atrás deles, eles ouviram uma

voz familiar falando por detrás de uma prateleira de túnicas com lantejoulas verde e

azul.

". . não sou uma criança, no caso de você não perceber, mãe. Eu sou perfeitamente

capaz de fazer minhas compras sozinho."

Houve um barulho de cacarejo e uma voz que Harry reconheceu como sendo de

Madame Malkin, a dona, disse, "Agora, querido, sua mãe totalmente, se supõe que

nenhum de nós vai perambular sozinho, não é nada a ver com ser uma criança - "

"Veja onde você está espetando este alfinete! "

Um menino adolescente com uma face pálida, pontuda e cabelos loiros apareceu por

detrás da prateleira, usando um jogo bonito de roupas verde escuro que brilharam

com alfinetes ao redor da bainha e nas mangas. Ele escarranchou ao espelho e se

examinou por alguns momentos antes de notar que Harry, Ron e Hermione estavam

refletidos acima do ombro dele. Os olhos cinzas claros dele estreitaram.

"Se você está desejando saber que cheiro é, mãe, um sangue ruim entrou há pouco,

disse Draco Malfoy.

"Eu não penso há necessidade de falar assim! " disse Madame Malkin, correndo

detrás do monte de roupas segurando uma fita métrica e varinha. "E eu não quero

varinhas de qualquer um em minha loja! " ela completou rapidamente, depois de um

relance para a porta onde Harry e Ron tinham se posicionado com a varinha,

apontando a Malfoy. Hermione que estava ligeiramente parado atrás deles, sussurrou,

"Não, não faça, honestamente, não vale a pena. "

"Sim, como você ousaria fazer magia fora da escola", zombou Malfoy. "Quem acertou

seu olho, Granger? Eu quero lhes enviar flores."

"Já chega! " disse nitidamente Madame Malkin, olhando pelo ombro dela em busca de

apoio. "Senhora - por favor - "

Narcissa Malfoy saiu detrás a prateleira de roupas.

"Guarde isso, ela disse friamente para Harry e Ron. "Se você azarar meu filho

novamente, eu assegurarei que já será a última coisa que você fará."

"Realmente? " disse o Harry, dando um passo adiante e contemplando a face

calmamente arrogante que, apesar de toda sua palidez, ainda se assemelhava a irmã.

Ele era tão alto quanto ela era agora. "Irá conseguir que alguns amigos de Comensais

da Morte nos faça isso, não é?"

Madame Malkin gritou e pôs a mão sobre o peito.

"Realmente, você não deveria acusar - é uma coisa perigosa para dizer - varinhas

fora, por favor! "

Mas o Harry não abaixou a vara dele. Narcisa Malfoy sorriu desagradavelmente.

"Eu vejo que ser o favorito de Dumbledore lhe deu uma falsa sensação de segurança,

Harry Potter. Mas Dumbledore não estará sempre lá para o proteger.

Harry deu uma olhada zombeteira ao redor da loja. "Uau. . olhe para isso. . . ele não

está aqui agora! Assim por que não tenta? Eles poderiam achar uma

cela dupla em

Azkaban com o perdedor do seu marido! "

Malfoy fez um movimento bravo para Harry, mas tropeçou em cima do roupão dele.

Rony riu ruidosamente.

"Não ouse falar a minha mãe assim, Potter! " Malfoy rosnou.

"Está certo, Draco", disse Narcisa, segurando com os dedos brancos magros os

ombros dele. "Eu espero que Pot er se reuna seu com querido Sirius antes que eu me

reuna com Lucius." '

Harry ergueu a varinha mais alto.

"Harry, não! " gemeu Hermione, agarrando o braço dele e tentando abaixá-lo. "Pense.

. . Você não deve. . . Você estará em dificuldade. ... "

Madame Malkin tremeu naquele mesmo lugar por um momento, então pareceu se

decidir a agir como se nada estivesse acontecendo. Ela se curvou para Malfoy que

ainda estava olhando fixamente para Harry. "Eu acho que isso rasgou abriu a manga

um pouco mais, querido, me deixe só - "

"Ai! " Malfoy gritou, esbofeteando a mão dela. "Veja onde você coloca seus alfinetes,

mulher! Mãe - eu acho que eu não quero estes mais - "

Ele puxou as roupas por cima da cabeça e os lançou ao chão aos pés da Madame

Malkin.

"Você tem razão, Draco", disse Narcisa, com um relance depreciativo a Hermione,

"agora eu sei o tipo de pessoa faz compras aqui. . . . Nós faremos melhor na Twilfitt e

Tatting. "

E com isso, os dois saíram da loja, Malfoy em esbarrar tão forte em Ron quando

estava saindo.

"Bem, realmente?" Disse Madame Malkin, apanhando as roupas caídas no chão e a

ponta da varinha como um aspirador de pó, limpando-as.

Ela estava distraída ajustando as túnicas novas de Ron e Harry, tentando vender um

vestido de feiticeira em vez de um de bruxa para Hermione e quando ela, finalmente,

os mandou para fora da loja, estava com um ar alegre de ver livre deles.

"Compraram tudo? " Hagrid perguntou quando eles reapareceram ao lado dele.

"Quase", disse o Harry. "Você viu o Malfoys? "

"Sim", disse Hagrid, desinteressado. "Mas eles não criaram problemas no Beco

Diagonal, Harry. Não se preocupe com eles."

Harry, Ron, e Hermione trocaram olhares, mas antes de eles pudessem alertar Hagrid

sobre esta noção confortável, o Sr. e a Sra. Weasley e Ginna apareceram, segurando

vários pacotes pesados de livros.

"Todo o mundo bem? " disse a Sra. Weasley. "Compraram as roupas? Certo, então,

nós podemos ir a farmácia e ao Empório das Corujas a caminho de Fred e George -

agora. . . . "

Nem Harry nem Ron compraram qualquer ingrediente do Farmacêutico, uma vez que

eles já não estavam estudando Poções, mas ambas as caixas grandes compradas de

coruja louco para Edwirges e Pitchinho no Empório das Corujas. Então, com a Sra.

Weasley que conferia o relógio dela todos os minutos, eles andaram ao longo da rua à

procura do Gemialidades Weasleys, a loja de logros de Fred e George.

"Nós, realmente, não temos muito tempo", Sra. Weasley disse. "Assim nós teremos

que olhar rápido e ir atrás d o carro. Nós devemos estar próximos, é o número

noventa e dois. . . noventa e quatro. . . "

"O que, "disse o Ron, parando atrás deles.

Fixado contra a loja sombria, um cartaz na fachada deles, Fred e George bateram o

olho como uma exibição de fogo de artifício na vitrine. Um transeunte estava

examinando pelos ombros deles através da vitrine, e alguns pessoas bastante

atordoadas paravam. A janela à esquerda era cheio de um sortimento de bens que

remexeram, estourou, flamejou, saltou, e gritou, os olhos de Harry lacrimejaram um

pouco olhando para isto. A vitrine a direita estava coberta com um cartaz gigantesco,

roxo como os do Ministério, mas pintado com letras amarelas brilhantes:

POR QUE É VOCÊ PREOCUPADO

COM VOCÊ-SABE-QUEM?

VOCÊ DEVERIA ESTAR PREOCUPADO

U-NO-POO--A SENSAÇÃO DE CONSTIPAÇÃO

ISSO ESTÁ ACABANDO COM A NAÇÃO!

Harry começou a rir. Ele ouviu um tipo fraco de gemido ao lado dele e deu uma olhada

para ver a Sra. Weasley contemplando, pasmada, o cartaz. Os lábios dela moveram

silenciosamente, enquanto declamando o nome " U-NO-POO--. "

"Eles serão assassinados nas camas deles! " ela sussurrou.

"Nenhum deles vai! " diz o Rony que, como Harry, estava rindo. "Isto é brilhante! "

E ele e Harry entraram na loja. Estava cheia de clientes; Harry não pôde chegar perto

das estantes. Ele fitou ao redor, olhando para as caixas empilharam ao teto: Aqui

eram o Kit mata aula que os gêmeos tinham aperfeiçoado durante o último ano

inacabado deles, em Hogwarts, Harry notou que Nosebleed Nougat era muito popular,

com somente uma caixa na estante. Havia caixas cheio de varinhas de truque, que se

transforma em galinhas de borracha ou pares de sumários quando agitado, golpeia o

usuário imprudente ao redor da cabeça e pescoço, e várias caixas de penas com SelfInking, Spell-Checking e Smart-Answer. Um espaço abriu na multidão e o Harry

empurrou em direção onde um gago deleitado de dez anos assistia a um minúsculo

homem de madeira que subia lentamente os degraus para um real jogo de forca,

ambos empoleirados em uma caixa que se lia: carrasco reutilizável - soletre ou ele

balançará!

'Patenteado Sonhos encantados'

Hermione tinha conseguido se apertar para ver um grande mostrador perto do balcão

e estava lendo as informações na parte de trás da caixa com uma figura altamente

colorida de um jovem bonito e uma menina desmaiando que estavam no convés de

um navio de pirata.

' Um simples encantamento e você entrarão num sonho de alta qualidade, altamente

realista, por trinta minutos, fácil ajustar dentro da lição escolar comum e virtualmente

indetectavél (efeitos colaterais incluem baba e expressão vaga). Não é vendido para

menores de 16 anos.' "Você sabe", disse Hermione, olhando para Harry, " isto é uma

magia realmente extraordinária!

" Este, Hermione, " disse uma voz atrás deles, " você pode ter um de graça".

Um Fred radiante se levantou antes deles, usando roupas magenta que contrastavam

magnificamente com os cabelos flamejantes dele.

" Como você está, Harry "? Eles deram um aperto de mão. " E o que é

aconteceu a

seu olho, Hermione "?

" Seu telescópio perfurante, " ela disse.

" Oh, eu me esqueci desses", Fred disse. " Aqui -"

Ele arrancou um tubo do bolso e deu a ela; ela abriu cautelosamente para revelar uma

pasta amarela espessa.

" Passe levemente na contusão que ela sumirá dentro da hora", Fred disse. " Nós

tivemos que achar um removedor de contusão decente. Nós testamos a maioria de

nossos produtos em nós mesmos ".

Hermione parecia nervosa. " É seguro, não é?" ela perguntou.

" Claro que é", Fred disse. " Venha, Harry, eu lhe mostrarei a loja.".

Harry deixou Hermione passando de leve a pasta no olho preto e seguiu Fred para a

parte de trás da loja, onde ele viu um posto de cartão e truques de corda.

" Trouxas truques mágicos!" disse Fred feliz, apontando para eles. " Porque tem

aberrações como Papai, você sabe, que amam coisas de trouxa. Não é muito

lucrativo, mas nós firmamos um negócio razoável, eles são grandes novidades. . . .

Oh, aqui está o George. ..

O gêmeo de Fred apertou a mão de Harrys energicamente.

"Conhecendo a loja? Passe pela parte de trás, Harry, que é onde nós estamos

ganhando o dinheiro de verdade e você pagará em mais que Galeões! " Ele

acrescentou a um menino pequeno que apressadamente retirou a mão dele para fora

da banheira e etiquetou "escuridão comestível".

MARCAS----ELES FARÃO QUALQUER UM DOENTE!

George empurrou uma cortina atrás ao lado do trouxa falso e Harry viu um quarto

mais escuro, menos abarrotado. O pacotes dos produtos que enfileiram estas

estantes eram mais conquistado.

" Nós desenvolvemos uma linha mais séria," Fred disse. " Engraçado como

aconteceu. . ."

" Você não acreditaria quantas pessoas, até mesmo as pessoas que trabalham ao

Ministério, não podem fazer um Feitiço de Proteção decente," George disse. "Claro,

eles não aprenderam com você, Harry "

"Isso é certo... Bem, nós pensamos que Chapéus de Proteção eram engraçados, você

sabe, desafia seu companheiro a te azarar e quando isso acontece você vê a cara

dele quando a azaração ricochetear. Mas o Ministério comprou quinhentos para todos

seu pessoal de apoio! E nós ainda estamos recebendo ordens de compras

volumosas! "

"Assim nós expandimos em uma gama de Capas de Proteção, Luvas de Proteção... "

"... Eu quero dizer, eles não ajudariam muito contra as Maldições Imperdoáveis, mas

para feitiços mais fracos ou azarações... "

"E então nós pensamos em entrar na área inteira de Defesa Contra as Artes das

Trevas, porque é tal um filão de dinheiro",George continuado entusiasmado. "Isto está

novo. Olhe, 'Pó de Escuridão Instantânea', nós estamos importando isto do Peru. À

mão se você quiser fazer uma fuga rápida."

"E nossos 'Detonador Enganador' que estão sair para fora das estantes, olhe", disse

Fred, apontando vários objetos estranhos de chifre pretos que estavam, realmente,

tentando correr para longe da vista. "Você derruba um discretamente e ele escapará ,

fazendo um barulho alto agradável longe de você, enquanto lhe dando a distração que

precisa."

"À mão", disse Harry, impressionado.

"Aqui", disse George, pegando um par e lançando a Harry.

Uma jovem bruxa de cabelo loiro curto enfiou a cabeça pela cortina; Harry viu que ela

também usava o uniforme magenta.

"Há um cliente aqui fora procurando um caldeirão de piada, Senhores. Weasley ", ela

disse.

Harry achou muito estranho ouvir Fred e George serem chamados de "Sr. Weasley",

mas eles aceitaram isso sem dificuldades.

"Você está certa, Verdade, eu estou indo", disse George prontamente. "Harry, você

escolhe qualquer coisa que você quiser, certo? Sem custo."

"Eu não posso fazer isso! " disse Harry que já tinha tirado a bolsa de dinheiro para

pagar pelos 'Detonadores Enganadores'.

"Aqui, você não paga", disse Fred firmemente, não aceitando ao ouro de Harry.

"Mas - "

"Você nos deu nosso primeiro empréstimo, nós não esquecemos", disse George.

"Leve tudo que você gosta, e não se esqueça de falar para as pessoas onde você

adquiriu tudo, se eles perguntam."

O George saiu pela cortina para ajudar com os clientes, e o Fred levou Harry para a

parte principal da loja para encontrar Hermione e Gina que ainda se concentravam

nos 'Patenteado Sonhos encantados'.

"As meninas acharam nossos produtos de 'WonderWitch' especiais? " Fred perguntou.

"Senhoras, sigam-me. . . . "

Aproximaram-se de um balcão onde todos os produtos ao redor eram violentamente

rosas com um agrupamento de meninas entusiasmadas dando risada entusiasmadas.

Hermione e Gina pareceram cautelosas.

"Lá você vai", disse Fred orgulhosamente. "achar a maior gama de

filtros do amor que

em qualquer lugar."

Gina ergueu a sobrancelha. "Eles funcionam? " ela perguntou.

"Certamente, eles funcionam, por até vinte e quatro horas dependendo de quantas

vez, do peso do menino em questão - "

"-e a atratividade da menina", disse George, reaparecendo de repente ao lado deles.

"Mas nós não os estamos vendendo a nossa irmã", ele adicionou, ficando

repentinamente duro, "não quando ela já obteve mais atividade aproximadamente

com cinco meninos do que nós temos - "

"As notícias do Ron são uma mentira gorda grande", disse Gina calmamente, se

apoiando para pegar um pote rosa pequeno na outra estante. "O que é isto? "

"Dez segundos garantidos removedor de espinhas", disse Fred. "Excelente em todo

tipo de cravos, mas não muda o assunto. Você está ou você não está saindo

atualmente com um menino chamado Dino Thomas? "

"Sim, eu estou", disse Gina. "E dá última vez que vi, ele definitivamente era um

menino, não cinco. O que são esses? "

Ela estava apontando para várias bolas de penugem em sombras cor-de-rosa e roxo,

todas rolando ao redor do fundo de uma gaiola e emitindo gritos altos.

"Bolos folhados pigmeus", disse George. "'Puffskeins' de miniatura, nós

não os

podemos criar rápido bastante. Assim o que sobre Miguel Corner? "

"Eu terminei, ele era um péssimo perdedor", disse Gina, pondo um dedo pelas barras

da gaiola e assistindo os 'Bolos folhados Pigmeus' aglomeram redor. "Eles são

realmente bonitinhos! "

"Eles são razoavelmente bonitos, sim", Fred concedeu. "Mas você tem trocando um

pouco de namorado, não é? "

Ginna virou para olhar para ele, as mãos nos quadris. Havia um tal olhar de Sra.

Weasley-no rosto dela que Harry ficou surpreso de Fred não recuar.

"Não é seu negócio. E eu lhe agradecerei " ela acrescentou furiosamente a Ron que

há pouco tinha aparecido ao lado de George carregado com mercadoria, "se não

contar sobre mim para estes dois! "

"Isso são três Galeões, nove sicles e um Knut", disse Fred, examinando as muitas

caixas nos braços de Ron.

"Eu sou seu irmão! "

"E isso é no nosso negócio que você está comprando. Três Galeões, nove sicles. Eu

dou um desconto no Knut."

"Mas eu tenho três Galeões, nove sicles! "

"Você melhor você devolver isso, então, e colocar nas estantes à direita."

O Ron derrubou várias caixas, jurou, e fez um gesto de mão rude a Fred, infelizmente

a Sra. Weasley tinha escolhido aquele momento para aparecer.

"Se eu o vejo fazer isso novamente eu lançarei uma azaração para deixar seus dedos

colados", ela disse nitidamente.

"Mãe, eu posso ter um 'Bolo folhado Pigmeu'? " disse Gina imediatamente.

"Um o que? " disse a Sra. Weasley cautelosamente.

"Olhe, eles são tão doces. . . . "

Sra. Weasley se moveu para olhar para os 'Bolos folhados Pigmeus', e o Harry, Ron,

e Hermione tiveram uma visão momentaneamente desimpedida do lado de fora da

janela. Draco Malfoy estava se sozinho e apressado. Quando ele passou pelas

Gemialiades's Weasley, ele olhou por cima do ombro. Alguns segundos depois, ele se

moveu além da extensão da janela e eles o perderam de vista.

"Onde a mamãe dele está? " disse Harry, carrancudo.

"Deve ter escapado dela", disse Ron.

"Por que, entretanto? " disse Hermione.

Harry não disse nada; ele estava pensando muito. Narcisa Malfoy não teria deixado

filho precioso sair, de boa vontade, da vista dela; Malfoy devia ter feito um esforço real

para se livrar das amarras dela.

Harry, sendo Malfoy astuto e detestável, estava seguro que a razão não podia ser

inocente.

Ele olhou ao redor. Sra. Weasley e Ginny estavam entretidas com os 'Bolos folhados

Pigmeus'. Sr. Weasley estava distraído examinando um pacote de trouxas jogando

baralho. Fred e George estavam ajudando os clientes. No outro lado do copo, Hagrid

fazia a parte, vigiando a rua para cima e para baixo.

"Chegue aqui debaixo, rápido", disse Harry, arrancando a capa da invisibilidade do

bolso dele.

"Oh - eu não sei, Harry", disse Hermione, olhando em dúvida para a Sra. Weasley.

"Venha " disse Ron.

Ela hesitou durante um segundo mais longo, então entrou debaixo da capa com Harry

e Ron. Ninguém notou que eles desaparecem; eles estavam todos muito interessados

em Fred e os produtos de George. Harry, Ron, e Hermione se apertaram para fora da

porta tão depressa quanto puderam , mas até que eles ganhassem a rua, Malfoy tinha

desaparecido tão completamente da mesma maneira como eles fizeram.

"Ele estava indo naquela direção", Harry murmurou tão baixo quanto possível, de

forma que o zumbido não seria ouvido por Hagrid "Vamos."

Eles correram juntos, olhando a esquerda e direita, por vitrinas e portas, até que

Hermione apontou à frente.

"Aquele ele é, não é? " ela sussurrou. "Virando à esquerda? "

"Grande surpresa", Ron sussurrou.

Malfoy tinha olhado ao redor, então deslizou para a Travessa do Tranco, longe de

vista.

"Rápido ou nós o perderemos", disse Harry, acelerando.

"Nossos pés serão vistos! " disse Hermione ansiosa, quando a capa se enrolou nos

tornozelos deles; hoje estava mais difícil esconde-los debaixo da capa.

"Não importa", disse o Harry impaciente. "Se apressem! "

Mas a Travessa do Tranco, a rua lateral dedicada às Artes das Ttrevas, estava

completamente abandonado. Eles olharam pelas janelas que passavam por eles, mas

nenhum das lojas parecia ter qualquer cliente. Harry supôs era um pouco de um fora

de propósito, nestes tempos perigosos e suspeitos, comprar artefatos das trevas - ou

pelo menos, ser visto comprando.

Hermione deu um beliscão forte no braço dele.

"Ai! "

"Shh! Olha! Ele está lá! " ela cochichou na orelha de Harry.

Eles tinham emparelhado com a única loja na Travessa do Tranco que Harry alguma

vez tinha visitado, 'Borgin e Burkes' que vendia uma grande variedade de objetos

sinistros. Lá no meio das caixas cheias de crânios e garrafas velhas

estava de pé

Draco Malfoy de costas para eles, visível um pouco além do mesmo armário preto e

grande no qual Harry tinha se escondido para evitar Malfoy e o pai dele uma vez.

Julgando pelos movimentos das mãos de Malfoy, ele estava falando animadamente.

O proprietário da loja, Sr. Borgin, um cabelo oleoso, meio inclinado, de frente para

Malfoy. Ele tinha uma expressão curiosa de ressentimento e medo.

"Se só nós pudéssemos ouvir o que eles estão dizendo! " disse Hermione.

"Nós podemos! " disse Ron excitado. "Agüente - maldição - "

Ele derrubou algumas caixas que ele ainda estava apertando quando ele tateava.

"Olhe, orelhas extensíveis! "

"Fantástico! " disse Hermione, com Ron mostrando um longo fio cor de carne e

começou a esticar para o fundo da porta. "Oh, eu espero que a porta não seja

Imperturbável - "

"Não! " disse Ron. "Escute! "

Eles se consultaram mutuamente e escutaram os fios pelos quais a voz de Malfoy

poderia ser ouvida atentamente em voz alta e clara, como se um rádio tinha sido

ligado.

". . você sabe como resolver isto? "

"Possivelmente", disse Borgin, em um tom que sugeriu ele estava

pouco disposto a

fazer. "Entretanto, eu precisarei ver . Por que você não traz na loja? "

"Eu não posso, disse Malfoy. "É conseguiu ficar posto. Eu preciso que você me conte

como fazer isto."

Harry viu Borgin lamber os lábios dele nervosamente.

"Bem, sem ver, tenho que dizer que será um trabalho muito difícil, talvez impossível.

Eu não posso garantir nada."

"Não? " disse Malfoy, e Harry soube, só pelo tom dele, que Malfoy estava zombando.

"Talvez isto o fará mais confiante."

Ele se moveu para Borgin e a visão deles foi bloqueada pelo armário. Harry, Ron e

Hermione tentaram se arrastar e manter a visão lateral, mas tudo que eles poderiam

ver eram Borgin, olhando muito amedrontado.

"Conte para qualquer um", disse Maifoy, "e haverá retaliação. Você conhece Fenrir

Greyback? Ele é um amigo da família. Ele estará derrubando de vez quando tiver

certeza que você está prestando ao problema com sua atenção completa."

Não haverá nenhuma necessidade de - "

"Eu decidirei isso", disse Malfoy. "Bem, eu iria melhor. E não esquece de manter isso

seguro, eu precisarei disto."

"Talvez você gostaria de levar isto agora? "

"Não, claro que eu não vou, você é um homem estúpido, pequeno, como eu olharia e

levaria isso rua abaixo?? Só não venda."

"Claro que não. . . senhor."

Borgin fez uma mesura tão funda quanto Harry tinha visto ele dazer para Lucius

Malfoy uma vez.

"Não uma palavra para qualquer um, Borgin, e isso inclui minha mãe, entende? "

"Naturalmente, naturalmente", Borgin murmurou, se curvando novamente.

Logo, o sino em cima da porta tilintou ruidosamente enquanto Malfoy espiava para

fora da loja e parecia muito contente com ele. Ele passou tão perto de Harry, Ron e

Hermione que eles sentiram, novamente, ao redor dos joelhos deles a agitação da

capa. Dentro da loja, Borgin permaneceu parado; o sorriso insincero dele tinha

desaparecido; ele parecia preocupado.

'Sobre o que era isso? " Ron sussurrou, recolhendo as Orelhas Extensiveis.

"Não sei", disse Harry, pensando. "Ele quer algo consertado. . . e ele quer reservar

algo lá... Você conseguiu ver o que ele apontou quando ele disse 'aquele'? "

"Não, ele estava atrás daquele armário - "

"Você dois permaneçam aqui", Hermione sussurrou.

"O que você vai-? "

Mas Hermione já tinha saído de debaixo da capa. Ela conferiu o cabelo no reflexo da

vitrine, então marchando para loja, fixando o sino que tilintava novamente. Ron

esticou apressadamente as Orelhas Extensivéis debaixo da porta e passou um dos

fios a Harry.

"Oi, manhã horrível, não é? " Hermione disse a Borgin que não respondeu, mas

lançou um olhar suspeito. Hermione passeou à mostra pela confusão de objetos.

"Este colar está à venda?" ela perguntou, parando ao lado de um balcão.

"Se você tem um mil e quinhentos galeões", disse o Sr. Borgin friamente.

"Oh - er - não, eu não posso gastar tanto", disse Hermione, caminhando em. "E. . .

este adorável - um - crânio? "

"Dezesseis Galeões."

"Assim está à venda, então? Não está... reservado para alguém? "

O sr. Borgin piscou para ela. Harry teve um pressentimento que ele sabia exatamente

o que Hermione queria. Aparentemente, Hermione sentia o mesmo porque ela lançou

a precaução, de repente aos 4 ventos.

"A coisa é, que - er - o menino que estava agora mesmo aqui, Draco Malfoy, bem, ele

é um amigo meu, e eu quero o adquirir um presente de aniversário, mas se ele já

estiver reservado alguma coisa, eu não quero o adquirir a mesma

coisa, obviamente,

assim... um..."

Era uma história bem fraca na opinião de Harry e, aparentemente, Borgin também

pensou.

"Fora", ele disse nitidamente. "Saia fora! "

Hermione não esperou duas vezes, mas se apressou à porta com Borgin atrás dela.

Quando o sino tilintou novamente, Borgin bateu a porta atrás dela e virou para cima a

placa de fechado.

"Ah, bem", disse Ron, puxando a capa para cima da Hermione. "Boa tentativa, mas

você foi um pouco óbvia - "

"Bem, da próxima vez, você pode mostrar para mim como é que faz, Mestre do

Mistério! " ela falou.

Ron e Hermione brigaram todo tempo até a Gemialidades Weasley, onde eles foram

forçados a parar de forma que eles poderia evitar o olhar anciosa em volta da Sra.

Weasley e Hagrid que tinham notado a ausência deles claramente. Uma vez na loja,

Harry retirou a Capa da Invisibilidade, escondeu no bolso dele e se uniu com os outros

dois quando eles insistiram, em resposta as acusações da Sra. Weasley, que eles

estavam desde o princípio no quarto dos fundos e que ela não deveria ter olhado

corretamente.

CHAPTER SEVEN



HE SLUG CLUB

Capitulo Sete - O Clube do Slug

Harry gastou muito tempo de sua ultima semana de férias refletindo sobre o

comportamento de Malfoy no Beco Diagonal.O que mais o perturbou foi o olhar de

satisfação do Malfoy, pois nada naquele olhar poderia significar algo bom. Para seu

desapontamento, entretanto, nem Ron nem Hermione pareceram se perturbar com

aquilo; No mínimo, eles ficavam chateados sempre que ele tocava no assunto, poucos

dias depois.

"Sim, eu realmente acho que aquilo foi suspeito, Harry", falou Hermione um pouco

impaciente. Ela estava sentada no peitoril da janela do quarto de Fred e Jorge com os

pés em cima de algumas caixas de papelão e olhando por cima de seu novo

exemplar, Tradução Avançada de Runas."Mas temos que aceitar que é possível

existir varias explicações não?".

"Talvez ele quebrou sua 'gloriosa mão'" Disse Ron incerto, se esforçando para

conseguir por em ordem o cabo de sua vassoura.

"Mas o que ele queria dizer sobre "Não se esqueça de manter isso em segredo...'?"

falou Harry pela milésima vez. " Me soou como se Borgin, além dos objetos quebrados

ele queria pegar outros."

"Você acha?" disse Ron, agora tentando tirar uma sujeira do braço de sua vassoura.

"Eu, sim" disse Harry. Quando nem Ron nem Hermione responderam, ele disse

"mandei o pai de Malfoy para azkaban, não acham que ele vai querer se vingar?"

Rony olhou pra cima piscando. "Malfoy, se vingar? Mas o que ele poderia fazer sobre

isso?"

"Isso é o estranho, eu não faço a mínima idéia também" disse Harry frustrado. "Mas é

algo para nós termos cuidado e ficarmos atentos. Já que o seu pai é um comensal da

morte e..." Harry parou de falar, seus olhos fixados na janela atrás de Hermione, e sua

boca aberta. Um pensamento tinha acabado de lhe ocorrer.

"Harry?" disse Hermione com uma voz ansiosa. "O que aconteceu?"

Sua cicatriz não está doendo de novo?Está? em Harry? perguntou Ron nervoso.

"Malfoy é um comensal da morte," disse harry lentamente. " Se tornou um para

substituir seu pai como comensal!"

O Silencio agora era total; mas Ron o interrompeu. "Malfoy? Ele só tem dezesseis

anos , Harry! Você acha que Você-Sabe-Quem deixaria Malfoy se tornar um

Comensal?

"Parece meio improvável, Harry," disse Hermione com uma voz repreensiva. " O que

te fez pensar nisso?"

Quando ele estava na Madame Malkin, ela relou em seu braço e ele o tirou de perto

dela e saiu apressado da loja. Era seu braço esquerdo. Braço onde os Comensais da

Morte são marcados com a Marca Negra. Ron e Hermione olharam-se.

"Bom..." disse Ron, num tom nada convincente.

"Eu acho que ele apenas quis sair de lá, Harry" disse Hermione.

"Ele mostrou para Borgin algo que não pudemos ver," disse Harry pressionado "Algo

que o assustou seriamente. Era a marca, tenho certeza" além do mais vocês viram

como Borgin o examinou seriamente depois disso.

Ron e Mione trocaram outro olhar.

"Não estou certa Harry..."

"Eh, eu ainda não acho que Você-Sabe-Quem deixaria Malfoy se juntar a eles...".

Harry ficou irritado, mas convencido de que estava certo. Ele saiu pegando suas estes

de quadribol e virou a esquerda do quarto. A Senhora Weasley, iria deixá-las lavando

para que amanha elas estivessem limpas e prontas para a viagem. Na escada

trombou com Gina que estava voltando para seu quarto com uma pilha de roupa que

tinham sido recentemente lavadas.

"Eu não iria na cozinha agora se você fosse," Adivertiu-o. "Há um clima pesado lá

agora"

"Eu terei cuidado." disse Harry sorrindo.

Quando harry entrou na cozinha encontrou Fleur sentada, o lugar estava cheio de

plantas para seu casamento, quando a Sra. Wasley colocou seu relógio sobre um

pilha de (Spruts Self), descascando-as olhando mau humorada.

". . . Gui e eu décimos ter apenas duas damas de honra, Gina e Gabrielle ficarão

muito bonitas juntas. Eu estou pensando em vesti-la com um tom de ouro claro - rosa

ficaria naturalmente horrível para Gina -"

"Ah, Harry querido!" disse a Sra. Wesley alto, cortando o tedioso discurso de Fleur. "

Eu iria explicar sobre a segurança da viagem de amanhã para Hogwarts. Nós

pegaremos carros do ministério novamente, e haverá aurores esperando na estação."

"É Tonks que vai estar lá? pergunta Harry entregando seu uniforme de Quadribol.

"Não, eu acho que não, ela tem andado muito ocupada pelo que Arthur me disse."

"Ela se meteu numa enrascada, aquela Tonks," disse Fleur concentrada, examinando

seu reflexo fabuloso na parte de trás da colher de chá. "Um grande erro se você me-"

"Sim, é isso, obrigada," disse a Sra. Weasley cortando o assunto de Fleur outra vez.

"Você conversaria mais com o harry, mas eu quero que ele suba para arrumar seu

malão, por que depois do jantar não vai dar tempo e amanha partiremos bem cedo.

De fato, sua partida na manhã seguinte foi um tanto estranha, mais normal. Os carros

do ministério chegaram até a frente da casa para esperá-los, as malas prontas, o gato

de hermione, Bichento, estava seguro em sua cesta; Edvwiges, Pichí , e o pigmel

novo de Gina, Arnold, nas gaiolas.

Au revoir, gente," disse Fleur rouca, dando-lhe um beijo de despedida. Rony estava

apressado, parecendo esperançoso, mas Gina colocou seu pé para fora e Rony caiu,

enchendo de poeira os pés de Fleur. Furioso, envergonhado e respirando poeira, ele

correu para o carro sem dizer ate logo.

Não havia ninguém parecido com o Hadrig na estação King Cross esperando por eles.

No entanto, haviam dois aurores com as barbas bem feitas dentro de ternos escuros

de trouxas, vindo ao encontro do carro e depois marchando com eles até a estação

sem dizer nada.

"Rapido, rápido, atravessem a barreira," disse a Sra. Weasley, que pareceu um pouco

chateada com a pouca eficiência dos aurores.

"Harry, vá você primeiro, com--" Olhou indignada para um dos aurores, que correu e

passou o braço pelo ombro de Harry, e dirigiu-o para a barreira que ficava entre as

plataformas nove e dez.

"Eu sei andar, obrigado," disse Harry irritado, empurrando o braço do auror para fora

de seu ombro.Empurrou suas coisas até a barreira e ignorando seu companheiro -

que continua em silencio - um segundo depois , se viu na plataforma 9 3/4 onde o

Expresso de Hogwarts soltava vapor por cima da multidão.

Hermione e os Weasley's juntaram-se a ele poucos segundos depois. Sem esperar e

perguntar nada pro auror , Harry fez um sinal para Rony e a Hermione para segui-lo

para frente da plataforma e procurar uma cabine vazia.

"Nós não podemos, Harry, "disse Hermione, olhando apreensiva. "Rony

e eu temos

que ir para a cabine dos monitores , receber instruções e depois patrulhar os

corredores, infelizmente."

"Ah, certo... tinha me esquecido," disse Harry.

"Vamos logo para o trem, vocês tem que ir, falta só um minuto," disse a Sra. Weasley,

consultando seu relógio. "Bem, tenha um ótimo ano, Rony...

"Sr. Weasley, tem um minuto?" disse Harry, no momento em que se passava algo em

sua mente.

"Naturalmente," disse o Sr. Weasley, que olhou surpreso, mas Harry andando não

percebeu.

Harry havia tomado o devido cuidado, e tinha decidido não dizer há qualquer um, mas

o Sr. Weasley era a pessoa ideal. Primeiro, porque trabalha no ministério e está

conseqüentemente na melhor posição para fazer umas investigações a mais.E

segundo, porque pensou que que não existia o risco do Sr. Weasley ficar com

raiva. Podia ver a Sra. Weasley e o Auror grã-fino olhando para eles lá de trás,

enquanto se afastavam.

"Quando nós estávamos no Beco Diagonal," Harry começou, mas o Sr.

Weasley o fez

para com um sinal.

"Será que vou descobrir onde você, Rony e Hermione se meteram quando

desaparecem e supostamente estavam na sala nos fundos da loja de Fred e de

Jorge?"

"Como sabe...?"

Harry, por favor. Você está falando com o homem que criou Fred e George."

"Ok... ta, Está certo, nós não estávamos no quarto dos fundos." "Muito bem, bom,

agora ouça o pior. Bem, nós seguimos Draco Malfoy. Nós estávamos usando a minha

Capa de Invisibilidade."

"Você planejou tudo isso, ou foi um equivoco?

"Eu pensei que Malfoy ia fazer algo importante," disse Harry, não olhando para o Sr.

Wesley que parecia irritado. "Já que sua mãe estava junto, e eu quis saber por que."

"Naturalmente você," disse o Sr. Weasley, calmamente. "Bom? E o encontrou, e

então?"

"Entraram em Borgin e Burkes," disse Harry, " E Começaram a falar alto lá dentro,

pedindo para Borgin lhe ajudar a concertar alguma coisa. E disse que tinha algo para

ele. Ela pediu algo, algum tipo de coisas muito estranha e também disse que ele ia

estar mal se não a entregasse. Um par de algo. E..." Harry respirou profundamente.

"Há algo errado. Nós vimos o salto de Malfoy quando a Madame Malkin tentou tocar

em seu braço esquerdo. Eu penso que ele tem a Marca Negra. Ele acha que poderá

substituir o seu pai como um Comensal da Morte."

Sr. Weasley ficou olhando para uma parte de trás. Depois de um tempo disse, "Harry,

eu duvido que Você-Sabe-Quem permitiria um... Garoto de dezesseis anos apenas se

tornar comensal."

"Mas todos sabem que Você-Sabe-Quem, é capaz de fazer ou não? perguntou Harry

irritado. "Sr. Weasley, é difícil, mas o senhor devia investigar não acha? Se Malfoy

quiser algo tanto que está determinado a ameaçar Borgin, é provável que seja algo

das Artes das Trevas, não é?

"Pra ser honesto ,Harry , eu duvido," disse o Sr. Weasley lentamente. "Você vê,

quando Lucio Malfoy foi preso, nós invadimos sua casa. Nós removemos tudo que

pôde ter sido perigoso."

"Eu acho que faltou algo," disse Harry.

"Bem, talvez," disse o Sr Weasley, mas Harry podia ver que o Sr. Weasley não estava

levando aquela conversa a sério.

"Havia um apito atrás deles; quase todos estavam em seus lugares e as portas

estavam fechando.

"Vamos é melhor ir, depressa" disse Sr. Weasley, quando a Sra. Weasley gritou,

"Harry, o trem , rapido!"

"Se apressou, e o Sr. e a Sra. Weasley o ajudaram colocar seu malão no trem.

"Agora, você talvez venha para o natal... é, acho que Dumbledore vai deixar, nos

veremos logo então," Disse a Sra. Weasley pela janela, porque Harry bateu a porta e

o tem começou a se mover. "Você pode ter certeza de que ficara bem e ..." O trem

agora atingia velocidade."...seja um bom menino e..." ela estava movimentando-se de

forma a ficar perto da janela de harry."... Boa sorte!"

Harry acenou até o trem fazer um curva e o Sr. E a Sra. Weasley sumirem por ela,

depois olhou em volta procurando se acomodar. Supôs que Rony e Hermione já

estavam na cabine dos monitores, mas Gina estava no corredor, falando com alguns

amigos. Ele foi em sua direção arrastando seu malão.

Todos olharam fixamente para ele quando se aproximou. Olharam para as portas ou

janelas, mas não olharam para ele. Tinha pensado que teria de responder há uma

enorme "Chuva" de perguntas, já que o profeta diário agora espalhava boatos sobre

ele. Mas não apreciou essa nova sensação. Então bateu no ombro de Gina. "Vamos

tentar achar uma cabine?"

"Eu não posso, Harry, eu disse que me encontraria com o Dino," disse Gina corando.

"Te vejo depois."

"Certo," disse Harry. Sentiu-se estranhamente perturbado, enquanto andava seu

cabelo vermelho longo dançava atrás dela; tinha se tornado diferente, um só verão e

ele tinha quase se esquecido de Gina, também ela não ficou muito ao redor dele, de

Rony ou Hermione na escola. Então piscou e olhou ao seu redor. Quando ouviu

algumas pessoas conversando.

"Oi, Harry!" disse uma voz familiar atrás dele.

"Neville!" disse Harry, girando para ver um menino tentando chegar até ele.

"Olá, Harry," disse uma menina com longos cabelos e misteriosos olhos grandes, que

estava atrás de Neville

"Luna, oi, como vai você?"

"Muito bem, obrigada,"disse Luna. Ela segurava uma caixa, com letras grandes que

diziam que havia um par de (Spectrespecs) dentro.

"O pasquim está bem, então?perguntou Harry, que sentindo-se no dever já que, no

ano anterior, o pasquim havia lhe dado uma entrevista exclusiva.

"Oh sim, está circulando muito bem," disse Luna feliz.

"Vamos procurar lugares pra gente,"disse Harry, e os três saíram procurando por todo

o trem, passando por todos os estudantes que Olhavam-nos fixamente mas nada

diziam. No ultimo vagão encontraram uma cabine vazia, e Harry entrou sentindo-se

grato por Tê-la achado.

"Eles ficaram olhando fixamente para nos." Disse Neville, que apontou para Luna e

depois para si próprio. "Porque nós estamos com você?"

"Estavam olhando em você porque você estava no Ministério também," disse harry,

colocando seu malão no bagageiro. "Nossa pequena aventura até lá saiu no profeta

diário, você deve ter visto."

"Sim, eu pensei que minha avó ficaria irritada com toda essa publicidade,"disse

Neville, "mas isso realmente a agradou. Diz que eu estou começando a parecer com

meu pai. Até me comprou uma varinha nova, olhe!" Ele a pegou e mostrou a Harry.

"Feita de cerejeira com um pelo de unicórnio,"disse orgulhoso. "nós achamos que

fomos um dos últimos a ver o Sr. Olivaras, já que ele desapareceu no dia seguinte....

Ai,ai, Volta aqui, Trevo!" E mergulhou sob o assento para recuperá-lo, enquanto seu

sapo tentava novamente escapar.

"Ainda teremos as reuniões da AD esse ano harry? perguntou Luna.

Tirou o pasquim descobrindo a caixa e apareceu algo muito colorido. Mas Harry não

conseguiu ver o que era.

"Agora que não temos mais que nos livrar da Umbridge, não tem porque estarmos lá.

Não é?"disse Harry olhando para baixo, enquanto Neville batia a cabeça no assento

na hora em que foi levantar. Olhando decepcionado.

"Eu gostei da AD! Aprendi muitas coisas com você lá".

"Eu adorei muito as reuniões também", disse Luna serenamente. "Era como ter

amigos".

Esta era uma daquelas coisas incômodas, Harry sentiu uma mistura,

um pouco de

piedade, e ao mesmo tempo ficava encabulado. Antes que pudesse responder,

entretanto, houve uma bagunça do lado de fora da cabine; um grupo de meninas do

quarto ano cochichando entre si olhando atrás do vidro da porta.

"Vai pergunta pra ele!"

"Não, pergunta você!"

"A ah ... Ok eu pergunto então!"

E uma delas, uma menina corajosa, o olhava com seus olhos escuros grandes, um

queixo proeminente, e cabelo preto e longo, empurrou a porta e entrou.

"Oi, Harry, eu sou Romilda, Romilda Vane"disse alto e confiável. "Por que você não se

junta com a gente na nossa cabine? Você não precisa se sentar com eles," ela falou

num sussurro e indicou Neville que estava caído fora do assento outra vez procurando

Trevo, e Luna que agora acabava com seu (Spectrespecs), e olhava dementemente

para um pequena coruja colorida

"São meus amigos,"disse Harry friamente.

"Oh,"disse a menina, surpresa. "Oh, Okay."

E se retirou passando através da porta que agora se encontrava novamente fechada.

"As pessoas esperam que você tem amigos mais geniais que nós,"disse Luna,

parecendo estar encabulada.

"Vocês são bons,"disse harry logo. "Nenhum deles estava no ministério. Nenhum lutou

comigo."

"Que é uma ótima coisa a se dizer,"irradiou Luna. Então empurrou seu (Spectrespecs)

longe e começou a ler O pasquim.

"Nós não o enfrentamos"disse Neville, emergindo para cima do assento, com pó em

seus cabelos, e um Trevo inquieto em sua mão. "Você. Você deve ouvir o que minha

avó fala sobre você. Esse Harry Potter fazendo acontecer tudo isso com todo o

Ministério da Magia contra." Daria qualquer coisa pra tê-lo como neto.

Harry sorriu encabulado e mudou o assunto para a coruja assim que pode. Quando

Neville quis saber se estaria apto a fazer o N.I.E.M's de Transfiguração, com somente

um "Aceitável," Harry prestava atenção mas não estava realmente escutando.

A infância de Neville tinha sido quase tão dura quanto a de Harry por causa de

Voldemort, mas ele não tinha idéia de quão próximo ele ficou de ter o destino de

Harry. A profecia servia para ambos, contudo, por suas próprias razões, Voldemort

acabou escolhendo Harry.

Se Voldemort tivesse escolhido Neville, seria ele que ia se sentar oposto a uma

cicatriz em forma de raio? A mãe de Neville morreria para salvá-lo, assim como Lílian

morreu por Harry?Certamente... Mas se ela não tivesse sido capaz de estar entre

Voldemort e seu filho, não haveria nenhum escolhido agora? E então Harry

seria beijado na estação pela sua própria mãe e não a mãe de Rony.

"Você está bem, Harry? Estava olhando engraçado,"disse Neville.

Harry começou "Desculpa... Eu..."

"Você... O que?"

"Que bicho te morder?" perguntou Luna de uma forma muito simpática, analisando

Harry através de seus enorme óculos colorido.

Ela agitou as mãos no ar, como se fosse bater em algo invisível e muito grande. Harry

e Neville, no entanto começaram a falar de Quadribol.

O Tempo lá fora era quente como havia sido todo o verão; com um pouco de nevoa, e

alguns fracos raios de sol. Era durante o ultimo tempo livre, quando o sol era quase

não mais visível que Rony e Hermione entraram na cabine.

"Tomara que o carrinho passe logo para o almoço, estou faminto," disse Ron ansioso,

sentando ao lado de Harry e apertando seu estômago. "Oi, Neville. Oi, Luna.

Adivinhem?" ele disse, voltando a Harry. "Malfoy não está fazendo seu trabalho como

monitor. Ele está sentado na sua cabine com os outros Sonserinos, nós o vimos

quando passamos."

Harry se sentou direito, interessado. Não é de Malfoy desperdiçar uma chance de

demonstrar seu poder como monitor, poder do qual ele tinha abusado durante todo o

ano passado.

"O que ele fez quando viu vocês?"

"O de sempre," disse Rony indiferente, fazendo um gesto rude com as mãos. "Nada

inteligente, não é? Bem - é isso" - ele fez novamente um gesto rude com as mãos -

"mas por que ele parou de iintimidar os primeiro-anistas?

"Não sei," disse Harry, mas sua mente estava girando muito rápido. Lhe parecia que

Malfoy não achava que existia coisa mais importante do que intimidar os alunos

novatos.

"Talvez ele prefa o Esquadrão Inquisidor," disse Hermione. "Talvez ser um monitor

pareça-lhe muito pouco depois daquilo."

"Eu não acho que seja isso," disse Harry. "Eu acho que eles está -" Mas antes que ele

pudesse dar sua opinião, a porta da cabine foi aberta novamente e uma garota

ofegante do terceiro ano caminhou para dentro.

"Eu devo entregar isso para Neville Longbottom e Harry P-Potter," ela gaguejou,

quando seus olhos encontram os do Harry e ela corou. Ela estava segurando dois

pedaços de pergaminho amarrados com fita violeta. Perplexos, Harry e Neville

pegaram o pergaminho endereçado a cada um e a garota saiu tropeçando da cabine.

"O que é isso?" Rony perguntou, enquanto Harry desenrolava o papel.

"Um convite" disse Harry."

Harry, Eu seria deleitado se você se juntasse a mim na hora do almoço na cabine C.

sinceramente, . , .

"Mas para que ele me quer lá?" perguntou Neville nervoso, como se ele estivesse

esperando por uma detenção.

"Nenhuma idéia," disse Harry, que não estava totalmente convencido, pensando que

ele não tinha nenhuma prova ainda que sua desconfiança estava certa.

"Ouça," ele

disse, agarrado numa idéia repentina, "vamos sob a Capa de Invisibilidade, então nós

podemos dar uma boa olhada na maneira do Malfoy, ver o que ele está aprontando."

Esta idéia, entretanto, veio a nada: Os corredores, que foram cheios de gente que

esperavam o carrinho de doces para o almoço, se tornou impossível de passar

enquanto vestiam o casaco. Harry arrumou-o repentinamente atrás de sua bolsa,

refletindo no que faria só para evitar todo aquele movimento, que parecia ter se

intensificado incrivelmente desde a última vez que ele andou no trem. Todos os

estudantes agora se empurravam em suas cabines para dar uma olhada melhor nele.

A exceção foi Cho Chang, que lançou-se para sua cabine dela quando viu Harry

vindo. Enquanto Harry passava pela janela, ele a viu concentrada numa conversa com

sua amiga Marieta, que usava uma camada bastante grossa de maquiagem que não

escondia completamente a estranha formação de espinhas através de seu rosto. Com

um sorriso um pouco forçado, Harry continuou.

Quando eles alcançaram cabine C, eles viram que não eram os únicos convidados de

Slughorn, entretanto julgando pela entusiasmada boas vindas de Slughorn, Harry era

o mais calorosamente esperado.

"Harry, meu garoto!" disse Slughorn, pulando para seu campo de visão de modo que

sua grande barriga coberta de veludo parecesse encher todo o espaço restante na

cabine. Sua cabeça careca brilhante e o grande bigode prateado resplandeciam com

tanto brilho na luz do sol quanto os botões de ouro de seu paletó. "Bom te ver, bom te

ver! E você deve ser o Sr. Longbottom!"

Neville assentiu, olhando assustado. Em um gesto de Slughorn, sentaram-se opostos

um ao outro nos dois únicos assentos vazios, que eram os mais próximos a porta.

Harry olhou de relance ao redor para os outros convidados. Ele reconheceu um

Sonserino do mesmo ano que eles, um menino negro alto com olhares fundas, olhos

inclinados; havia também dois meninos do sétimo-ano que Harry não conhecia e,

espremida no canto ao lado de Slughorn e com um olhar de como se não tivesse

certeza como tinha chegado lá, Gina.

"Agora, vocês conhecem todo mundo?" Slughorn perguntou a Harry e Neville. "Blaise

Zabini está no mesmo ano que vocês, naturalmente ---"

Zabini não fez nenhum sinal de reconhecimento ou cumprimento, nem Harry ou

Neville: Os estudantes Grifinorianos e Sonserinos detestam-se no

começo.

"Este é Cormac McLaggen, talvez vocês vieram através de - ? Não?"

McLaggen, um largo, forte e cabeludo jovem, acenou a mão, e Harry e Neville

acenaram a cabeça de volta para ele.

"-e este é Marcus Belby, eu não sei será - ?"

Belby, que era magro e tinha um olhar apreensivo, deu-lhes um sorriso estranho.

"-e essa charmosa senhorita disse-me que os conhecem!" Slughorn terminou.

Gina fez caretas para Harry e Neville por trás de Slughorn.

"Bem agora, isto é o mais agradável," disse Slughorn comodamente. "Uma chance

para conhecer vocês todos um pouco melhor. Aqui, pegue um guardanapo. Eu

empacotei meu próprio almoço; o carrinho, como eu o recordo, é cheio de licorice (*

substância produzida através do licopódio, tipo de erva rasteira, matéria

prima para fabricação de bebidas e certos comestíveis, também com funções

medicinais *), e o sistema digestivo de um pobre homem velho não são lá essas

coisas. Faisão, Belby?"

Belby começou e aceitou o que olhou como a metade de um faisão frio.

"Eu estava justamente contando ao jovem Marcus aqui que eu tive o prazer de

ensinar ao seu Tio Damocles," Slughorn disse a Harry e Neville, passando agora em

torno de uma cesta de rolos. "Um excelente bruxo, excelente, e sua Ordem de Merlim

mais bem-merecida. Você vê muito seu tio, Marcus?"

Desaforunadamente, Belby estava com a boca cheia de faisão; em sua pressa para

responder Slughorn ele engoliu muito rápido, ficou roxo, e começou sufocar.

"Anapneo," disse calmamente Slughorn, apontando sua varinha para Belby, cujo

caminho do ar na garganta pareceu se limpar de uma só vez.

"Não. . . não muito ele, não," soluçou Belby, seus olhos lacrimejando.

"Bem, naturalmente, eu sei que ele é ocupado," disse Slughorn, olhando

questionavelmente para Belby. "Eu duvido que ele inventou a Poção Wolfsbane sem

um considerável trabalho duro!"

"Eu suponho . . ." disse Belby, que parecia ter medo de pegar um outro pedaço de

faisão até estar certo de que Slughorn tinha terminado de falar com ele. "Er ... ele e

meu pai não se dão muito bem, você vê, então eu não sei realmente muito sobre

ele..."

Sua voz enfraqueceu quando Slughorn deu-lhe um frio sorriso e em vez disso virou

para McLaggen.

"Agora, você, Cormac," disse Slughorn, "Eu espero saber que você vê muito seu Tio

Tiberius, porque ele tem uma figura esplêndida de vocês dois caçando em, eu acho,

Norfolk?"

"Oh, sim, aquilo foi divertido, se foi," disse McLaggen. "Nós fomos com Bertie Higgs e

Rufus Scrimgeour - isso foi antes dele se tornar Ministro, obviamente -"

"Ah, você conhece Bertie e Rufus também?" perguntou Slughorn irradiando, agora

oferecendo uma pequena bandeja de tortas; de algum modo, Belby foi esquecido.

"Agora diga-me . . ."

Era como Harry suspeitava. Todos pareciam ter sido convidados porque tiveram

conexões com alguém bem-sucedido ou influente - todos exceto Gina. Zabini, que foi

interrogado depois de McLaggen, veio a ter uma celebridade belíssima como mãe (de

quem Harry poderia desconfiar: tinha sido casada sete vezes, cada um de seus

maridos morreram misteriosamente e deixou-lhe montes de ouro). Era Neville em

seguida: foram dez minutos muito desconfortáveis. Os pais de Neville,

Aurores

bastante conhecidos, foram torturados até a insanidade por Bellatrix Lestrange e um

par de Comensais da Morte colegas dela. No fim da entrevista de Neville, Harry teve a

impressão que Slughorn reservava um julgamento de Neville, sobre se ele tinha algum

do talento dos pais dele.

"E agora," disse Slughorn, deslocando-se pesadamente em seu lugar com o ar de que

iria apresentar seu ato principal. "Harry Potter! De onde começar? Eu sinto que

apenas risquei a superfície (* no sentido de perguntar e saber *) quando nós nos

encontramos durante o verão!" Ele contemplou Harry por um momento como se ele

fosse um grande e suculento pedaço de faisão, então disse, "'A Primeira Escolha,'

eles estão chamando você assim agora!"

Harry não disse nada. Belby, McLaggen e Zabini estavam fitando-o.

"Naturalmente," disse Slughorn, olhando Harry de perto, "terá rumores por anos. ... eu

lembro quando - bem - depois daquela terrível noite - Lilían - Tiago - e você

sobreviveu - e a palavra era que você tinha poderes além do normal -" Zabini deu uma

leve tosse que claramente quis indicar ceticismo. Uma voz nervosa surgiu por trás de

Slughorn.

"Eh, Zabini, porque você é tão talentoso ... ao contrário. . . ."

"Oh querida!" riu Slughorn confortavelmente, olhando a procura de Gina, que olhava

reluzente para Zabini perto da grande barriga de Slughorn. "Você precisa ser

cuidadoso, Blaise! Eu vi a performance dessa jovem senhorita para o mais malévolo

Bat-Bogey Hex (* um feitiço *) quando eu passava pela carruagem dela! Eu

não a desafiaria!" Zabini olhou meramente insolente.

"De qualquer forma," disse Slughorn, voltando para Harry. "Semelhantes rumores

neste verão. Naturalmente, não sabemos em que acreditar, o Profeta Diário tem

imperfeições, comete erros - mas parecia que havia um pouco de incerteza, dado ao

número de testemunhas, que absolutamente havia uma perturbação no Ministério e

que você estava lá no meio disso tudo!"

Harry, que não poderia de qualquer forma se ver fora disso sem mentir um pouco, fez

um pequeno gesto com a cabeça mas ainda não disse nada. Slughorn sorriu de

alegria para ele.

"Muito modesto, muito modesto, não me espanto que Dumbledore goste tanto de você

- você estava lá, então? Mas o ressto das histórias - tão sensacionais, naturalmente,

ninguém sabe exatamente o que é e em que acreditar - essa profecia fictícia, por

exemplo -"

"Nós nunca ouvimos a profecia," disse Neville, tornando-se rosa como um gerânio

enquanto falava.

"Isso está certo," disse Gina com firmeza. "Neville e eu estávamos ambos lá também,

e todo essa besteira de 'Primeira Escolha' é apenas o Profeta Diário dizendo coisas

acima do normal."

"Vocês dois estavam lá também, eram vocês?" perguntou Slughorn com grande

interesse, olhando de Gina para Neville, mas ambos sentaram-se como um molusco

(calados) antes do sorriso encorajador dele.

"Sim. . . bem... é verdade que o Profeta freqüentemente exagera, naturalmente. . . ."

Slughorn disse, soando um pouco desapontado. "Eu lembro da cara de Gwenog

contando-me (Gwenog Jones, eu digo, Capitão do Holyhead Harpies)..." Ele soltou um

longo giro de lembranças, mas Harry teve a impressão distinta que Slughorn não tinha

terminado com ele, e que não tinha sido convencido por Neville e por Gina.

A tarde passou com mais anedotas sobre ilustríssimos bruxos que Slughorn

conheceu, todos que participaram foram chamados para o que ele chamou de "O

Clube do Slug" em Hogwarts. Harry não podia esperar para sair, mas não conseguia

achar uma forma de fazer isso de forma educada. Finalmente o trem emergiu para

uma paisagem nebulosa e distante de um vermelho pôr-do-sol, e Slughorn olhou,

piscando no crepúsculo.

"Gracioso, já está começando a escurecer! Eu não observei que tinham ascendido as

luzes! Seria melhor vocês irem e trocarem suas veste, todos vocês. McLaggen, você

deve deixar cair e pedir emprestado aquele livro. Harry, Blaise - qualquer hora vocês

devem passar . O mesmo vale para você, Senhorita," disse cintilante para Gina. "Bem,

hora de vocês irem, hora de vocês irem!"

Assim que Harry colocou os pés no escuro corredor, Zabini lançou-lhe um olhar

penetrante que Harry retornou com interesse.Ele, Gina e Neville seguirem Zabini pelo

trem.

"Estou feliz que isso tenha acabado," murmurou Neville. "Homem estranho, não é?"

"Sim, ele é um pouco," disse Harry, seus olhos em Zabini. "Como você terminou lá,

Gina?"

"Ele viu-me enfeitiçar Zacharias Smith," disse Gina. "Você lembra daquele idiota da

Lufa-Lufa que estava na Armada de Dumbledore? Ele ficou me perguntou o que

aconteceu no Ministério e por fim ele me irritou tanto que eu o enfeiticei - quando

Slughorn veio eu pensei que estava indo para a detenção, mas ele apenas pensou

que era realmente um bom feitiço e me convidou para almoçar! Louco, né?"

"A melhor razão para convidar alguém é que sua mãe é famosa," disse Harry, olhando

de cara feia para a parte de trás da cabeça de Zabini, "ou por causa de seu tio -"

Mas ele parou. Uma idéia ocorreu a Harry, uma perigosa mas realmente incrível idéia.

... Em poucos minutos, Zabini estaria entrando na cabine dos Sonserinos do sexto ano

e Malfoy estaria sentado lá, pensando que estará sendo ouvido apenas pelos

Sonserinos. ... Se Harry pudesse apenas entrar, sem ser percebido, atrás dele,o que

ele não poderia ver e ouvir? Verdade, havia pouco tempo até o fim da viagem - a

Estação de Hogsmeade devia estar a menos de uma hora de distância, julgando pelas

paisagens que passavam pela janela - mas ninguém mais parecia preparado para

levar a suspeita de Harry a diante, então isso era difícil para ele de provar.

"Eu vejo vocês dois depois," disse Harry mal respirando, puxando sua Capa de

Invisibilidade e cobrindo-se.

"Mas o que você - ?" perguntou Neville.

"Depois!" respondeu Harry, aproximando-se de Zabini tão silencioso quanto possível,

pensando que o agito do trem o ajudaria nesse trabalho.

Os corredores estavam quase completamente vazios agora. Quase todos haviam

retornado as suas cabines para trocar suas vestes pelo uniforme da escola e

empacotar suas coisas. Pensava que estava tão perto quando podia de Zabini, para

não tocá-lo, mas Harry não foi rápido o suficiente para entrar na cabine quando

Zabini moveu a porta. Zabini estava pronto para fechar a porta quando Harry colocou

seu pé no caminho para evitar que ela fechasse

"O que está errado com essa coisa?" disse Zabini nervoso enquanto esmagava o pé

de Harry na porta de trilho.

Harry agarrou a porta e empurrou-a para abrir, duramente; Zabini, que ainda

segurava-a com seu punho, tropeço na bainha de Gregory Goyle, e no instante

seguinte, Harry entrou na cabine, indo para o assento temporariamente vazio de

Zabini, e subiu da prateleira de bagagens. Teve sorte que Goyle e Zabini estavam

resmungando um com o outro, desviando todos os olhares para eles, porque Harry

tinha quase certeza que seus pés e tornozelos ficaram visíveis quando a capa

escapuliu; teve certeza, quando por um terrível momento ele pensou ver os olhos de

Malfoy seguir seu corpo enquanto ia para cima, fora da vista de todos. Mas então

Goyle bateu a porta fechando-a e arremessou Zabini para fora de seu caminho; Zabini

desmoronou em seu próprio assento com um olhar confuso, Vincente Crabbe voltou

para sua revista em quadrinhos, e Malfoy, abafando o riso, colocou Zabini para fora se

seu assento, colocando sua cabeça nas pernas de Pansy Parkinson. Harry estava

desconfortável demais sob a capa para assegurar que cada polegada dele ficasse

escondida, e assistiu Pansy acariciar o liso cabelo loiro de Malfoy, sorrindo satisfeita

com ela faz, quando pensa que ninguém teria amor para dar em seu lugar. As

lanternas que balançam do teto da carruagem moldaram uma luz brilhante sobre a

cena. Harry poderia ler cada palavra da história em quadrinhos de Crabbe,

diretamente abaixo dele.

"Então, Zabini," disse Malfoy, "o que Slughorn queria?"

"Só tentar fazer uma boa ligação com as pessoas," disse Zabini, que ainda estava

irritado com Goyle. "Não que ele tenha conseguido muitas." Esta informação não

pareceu agradar Malfoy. "Quem mais ele convidou?" ele exigiu.

"McLaggen da Grifinória," disse Zabini.

"Ah sim, seu tio tem um grande cargo no Ministério," disse Malfoy.

"-alguém mais, chamado Belby, da Corvinal -"

"Ele não, ele é um burro!" disse Pansy.

"-e Longbottom, Potter e aquela garota Weasley," terminou Zabini.

Malfoy sentou-se muito rapidamente, jogando a mão de Pansy pro lado.

"Ele convidou Longbottom?."

"Bem, eu supondo que sim, Longbottom estava lá," disse Zabini indiferente.

"Em que Longbottom interessaria Slughorn?"

Zabini deu de ombros.

"Potter, precioso Potter, obviamente ele queria dar uma olhada na 'Primeira Escolha,'"

zombou Malfoy, "mas aquela garota Weasley! O que de especial ela tem?"

"Muitos garotos gostam dela," disse Pansy, prestando atenção em

Malfoy pelo canto

dos olhos para sua reação. "Mesmo você acha que ela é bonita, não você, Blaise, nós

todos sabemos o quanto você é difícil de agradar!

"Eu não tocaria numa traidora suja do sangue bruxo como ela independente de como

quer que ela parecesse," disse Zabini frio, e Pansy olhou-o feliz. Malfoy deitou-se

novamente e permitiu que Pansy recomeçasse a cariciar seu cabelo.

"Bem, eu tenho pena do gosto do Slughorn. Talvez ele esteja um pouco caduco. É

uma vergonha, meu pai sempre diz que ele foi um bom bruxo no seu tempo. Meu pai

sempre se mostrou um pouco favorável a ele. Slughorn provavelmente não sabia que

eu estava no trem, ou -"

"Eu não iria aceitar o convite," disse Zabini. "Ele me perguntou sobre o pai do Notts

quando eu cheguei, fui o primeiro. Ele disse que eram velhos amigos, aparentemente,

mas quando ele ouviu que Notts se complicou no Ministério ele não pareceu feliz, e

Nott não foi convidado, foi? Eu não acho que o interesse de Slughorn seja os

Comensais da Morte."

Malfoy olhou nervoso, mas forçou-se a dar um singular sorriso sem nenhum humor.

"Bem, quem se importa se ele está interessado? O que era ele, quando

você foi lá pra

baixo? Só um professor estúpido." Malfoy bocejou ostensivamente. "Quer dizer, eu

não estarei em Hogwarts no próximo ano, qual o problema para mim se um homem

velho gosta de mim ou não?"

"O que você quer dizer, com não estar em Hogwarts no próximo ano?" disse Pansy

indignada, parando de acariciar Malfoy.

"Beml, você nunca saberá," disse Malfoy com um sorriso como de um fantasma. "Meu

poder será - er, bem - usado em coisas maiores e melhores."

Encolhendo-se na prateleira de bagagem sob a capa, o coração de Harry começou a

bater mais rápido. O que Rony e Hermione diriam sobre isso? Crabbe e Goyle

estavam bajulando Malfoy; aparentemente eles não tinham nenhuma suspeita de

qualquer plano para essas coisas melhores e maiores. Mesmo Zabini tinha se

permitido um olhar de curiosidade que estragava seu tom arrogante. Pansy

recomeçou vagarosamente a carícia nos cabelos de Malfoy, olhando confusa.

"Você quer dizer -"

Malfoy encolheu os ombros.

"Minha mãe quer que eu complete meus estudos, mas pessoalmente, eu não acho

isso importante nessa altura. Quer dizer, pensar sobre isso. ... Quando o Lord das

Trevas voltou, ele está ligando para quantos NOM's ou NIEM's nós temos?

Naturalmente ele não está. Isso será um tipo de serviço que ele pediu, vou

mostrar minha devoção a ele."

"E você acha que estará pronto para fazer algo para ele?, perguntou Zabini ofensivo.

"Dezesseis anos de idade e nem tem todo o aprendizado ainda!?"

"Eu disse, não disse? Talvez ele nem liga para o meu aprendizado da escola. Talvez

o trabalho que ele quer que eu faça não seja algo que precise estar qualificado

assim," disse rapidamente Malfoy.

Crabbe e Goyle estavam ambos sentados com suas bocas abertas como gárgulas.

Pansy estava olhando para Malfoy como se pensasse que nunca viu nada tão

inspiradoramente medonho.

"Eu posso ver Hogwarts," disse Malfoy, saboreando claramente o efeito que ele criou

enquanto olhava pela janela enegrecida. "Seria melhor nós trocarmos nossas vestes

agora."

Harry estava muito ocupado olhando para Malfoy, que não percebeu Goyle

procurando por sua mala. Enquanto ele a puxava para baixo, ele bateu muito forte na

cabeça de Harry. Ele soutou um involuntário gemido de dor, e Malfoy olhou para cima

da prateleira de bagagens, franzindo a testa.

Harry não estava com medo de Malfoy, mas ele não gostava muito da idéia de ter que

de se esconder sob sua Capa de Invisibilidade de um grupo de Sonserinos. Com os

olhos lacrimejantes e a cabeça doendo, ele puxou sua varinha, tomando cuidado para

não levantar a capa, e esperou, prendendo a respiração. Para sua sorte, Malfoy

pareceu decidir que tinha imaginado o barulho; ele puxou suas vestes como os outros,

fechou sua maleta, e enquanto o trem ia cada vez mais devagar para uma parada

muito movimentada, pendurou uma capa de viagem nova ao redor de seu pescoço.

Harry podia ver o corredor encher-se e esperava que Hermione e Ron levasse as

coisas dele para a plataforma; ele ficaria parado onde estava até a cabine ter-se

esvaziado completamente. Por último, com uma guinada final, o trem veio e parou

completamente. Goyle abriu a porta e muscusolo como era, empurrou para fora de

seu caminho uma multidão de segundo-anistas, ameaçando esmurrá-

los; Crabbe e

Zabini prosseguiram.

"Vá você," Malfoy disse a Pansy, que estava esperando por ele com sua mão

estendida como se esperasse que ele a pegasse. "Eu quero checar uma coisa."

Pansy foi. Agora Harry e Malfoy estavam sozinhos na cabine. Estudantes estavam se

enfileirando na saída, indo para a plataforma escura. Malfoy moveu-se pela porta

adentro e puxou as cortinas, então aquelas pessoas no corredor não puderam ser

vistas. Então ele trancou sua mala e abriu-a novamente.

Harry olhou de cima da prateleira de bagagens, seu coração bateu um pouco mais

rápido. O que Malfoy queria fazer escondido de Pansy? Será que sua mala tinha

alguma coisa quebrada para consertar?

"Petrificus Totalus!" Sem cuidado, Malfoy ergueu sua varinha para Harry, que foi

paralisado instantaneamente. Enquanto pensava devagar, ele caiu da prateleira de

bagagens e sentiu, agonizadoramente, um baque com o chão, no pé do Malfoy; a

Capa de Invisibilidade caiu por baixo dele, seu corpo foi totalmente revelado com suas

pernas ainda curvadas numa posição que lhe dava cãibras. Ele não podia mover um

músculo; ele só podia olhar para Malfoy, que riu.

"Eu pensei," ele disse radiante. "que eu tinha ouvido o estômago do Goyle roncar. E

pensei ver um relampejo branco no ar depois de Zabini voltar. . . ." Seus olhos

pousaram sob Harry.

"Você não ouviu nada que possa me comprometer, Potter. Mas enquanto eu tiver

você aqui . . ." E ele pisou, duramente, no rosto de Harry. Harry sentiu seu nariz

quebrar; sangue jorrando para todos os lados. "Isso é por meu pai. Agora, vamos ver.

. . ." Malfoy tirou a capa de baixo do corpo de Harry e jogou sobre ele.

"Eu não acho que vão te encontrar antes de chegarem em Londres," disse rápido.

"Vejo você por aí, Potter ... ou não."E tomando cuidado para não encostar em Harry',

Malfoy deixou a cabine.



Capitulo 8 - Victorious Snape

Harry não podia mover um músculo. Ele estava deitado ali, embaixo da Capa da

Invisibilidade sentindo o sangue escorrer de seu nariz, quente e molhado, por cima

de seu rosto, escutando as vozes e os passos no corredor além. Seu pensamento

imediato foi que alguém, iria certamente, checar os compartimentos antes do trem

partir novamente. Mas imediatamente veio a idéia de que, se alguém fosse mesmo

revistar o compartimento, ele não poderia ser visto nem ouvido. Sua melhor

esperança era que alguém entrasse e tropeçasse nele.

Harry nunca havia odiado Malfoy como enquanto estava deitado ali, como uma

tartaruga de costas, com o sangue escorrendo para dentro de sua boca aberta.

Que estúpida situação ele havia se metido... e agora os últimos passos estavam

morrendo lentamente; todos estavam desembarcando para o exterior da

plataforma escura; ele podia ouvir o barulho das carruagens e balbucio alto de

conversa.

Rony e Hermione iram pensar que ele havia deixado o trem sem eles. Uma vez

que eles haviam chegado a Hogwarts e pegado seus lugares no Salão Principal,

olhado de cima a baixo a mesa da Grifinoria e finalmente perceber que ele não

estava ali, ele, sem duvida, já estaria no meio do caminho para voltar para

Londres.

Ele tentou para fazer um som, até um grunhido, mas era impossível. Então, ele se

lembrou que alguns feiticeiros, como Dumbledore, podiam realizar feitiços sem

falar, assim, ele tentou convocar sua varinha, que havia caído de sua mão,

dizendo as palavras “Accio varinha” repetidamente em sua cabeça, mas nada

aconteceu.

Ele podia ouvir o sussurrar das árvores que circundaram o lago, e o barulho de

uma coruja distante, mas nada como uma busca sendo feita ou talvez (e ele

custava a acreditar) vozes em pânico se perguntando onde fora Harry Potter. Um

sentimento de desespero se apoderou dele quando imaginou a escolta de

carruagens de guiadas por testrals indo até a escola e os risos abafados vindos

da carruagem de Malfoy, onde ele poderia relatar seu ataque a Harry para

Crabbe, Goyle, Zabini, e Pansy Parkinson.

O trem balançou, fazendo Harry rolar para o lado. Agora ele estava olhando a

parte empoeirada abaixo dos assentos em vez do teto. O chão começou a vibrar

quando o motor foi ligado. O Expresso estava partindo e ninguém sabia que ele

ainda estava lá. Então ele sentiu sua capa da Invisibilidade ser tirada de cima dele

e uma voz por cima dizer: "Wotcher, Harry."

Houve um relâmpago de uma luz vermelha e o corpo de Harry descongelou; ele

pode se colocar em uma posição sentada mais digna, depressa ele limpou o

sangue que escorria de seu machucado com as costas da mão, e levantou sua

cabeça para olhar para Tonks, que estava segurando a capa da Invisibilidade que

ela havia tirado dele.

”Seria melhor se saíssemos daqui rapidamente," ela disse, enquanto as janelas

do trem ficavam ocultas com a névoa e eles começaram a sair da estação.

"Vamos, nós vamos pular."

Harry saiu apressado atrás dela pelo corredor. Ela abriu a porta do trem e saltou

para a plataforma, que parecia correr abaixo deles enquanto o trem ganhava

velocidade. Ele a seguiu, um pouco surpreendida pelo resgate, então se

endireitou a tempo de ver a máquina à vapor escarlate brilhante acelerar, virar a

esquina, e desaparecer de vista.

O ar frio da noite estava acalmando seu escorrimento no nariz. Tonks estava

olhando para ele; ele se sentiu zangado e o embaraçado por ele haver sido

descoberto em uma posição tão ridícula. Silenciosamente ela devolveu a Capa da

invisibilidade..

“Quem fez isso?"

“Draco Malfoy,” disse Harry asperamente. “Obrigado por... bem... ."

“Sem problema” dito Tonks, sem sorrir. Pelo que Harry podia ver na escuridão, ela

estava mal penteada e parecendo acabada como quando ele a havia encontrado

na Toca. "Eu posso concertar seu nariz se você ficar parado"

Harry não havia pensado muito nessa idéia; ele havia pretendido visitar Madame

Pomfrey, a enfermeira-chefe, em quem ele tem um pouco mais confiança quando

se trata de curar feitiços, mas pareceu rude dizer isto, assim ele ficou imóvel e

fechou seus olhos, “Episkey" disse Tonks. O nariz de Harry ficou muito quente, e

então muito frio. Ele colocou a mão e tocou cuidadosamente. Parecido estar

consertado.

“Muito obrigado"

“Seria melhor colocar aquela capa novamente, e nós podemos andar até a

escola," disse Tonks, ainda não sorrindo. Assim que Harry acabou de se cobrir

com a capa, ela acenou sua varinha de condão; uma criatura de quatro patas

prateada e imensa saiu da varinha e desapareceu na escuridão.

"Aquilo foi um o Patrono?" perguntou Harry, que tinha visto Dumbledore enviar

mensagens assim.

"Sim, Eu estou enviando uma mensagem para o castelo que eu estou com você

ou eles irão se preocupar. Vamos, é melhor não enrolarmos."

Eles partiram em direção ao caminho que conduzia à escola.

"Como você me achou?"

"Eu reparei em você não tinha deixado o trem e sabia que você tinha aquela capa.

Eu achei que você pudesse estar se escondendo por alguma razão. Quando eu vi

as venezianas estavam descidas naquele compartimento eu pensei que devia

checar."

"Mas o que você está fazendo aqui, de qualquer modo?" Harry perguntou.

"Eu estou ficando em Hogsmeade agora, para dar proteção extra escolar," disse

Tonks.

"É só você que está ficando por aqui, ou — ?"

"Não, Proudfoot, Selvagem, e Dawlish estão aqui também."

"Dawlish, o auror que o Dumbledore atacou ano passado?"

" Esse mesmo"

Eles seguiram pela escuridão, pelo caminho abandonado, seguindo as marcas

recém feitas pelas carruagens.Harry olhava de lado para Tonks sob sua capa. Ano

Passado ela havia sido curiosa (ao ponto de um pouco enjoada às vezes), ela

tinha rido facilmente, ela tinha feito piadas. Agora ela pareceu muito mais velha e

mais séria e decidida. Seria esse efeito do que havia acontecido no Ministério? Ele

refletiu desconfortavelmente que Hermione deveria ter sugerido que ele disse

alguma coisa para consolá-la acerca de Sirius, isso não tinha sido culpa dela, mas

ele não conseguia se fazer a dizer isso. Ele estava longe de culpá-la pela morte

de Sirius; não foi mais culpa dela de que ninguém (e muito menos do que sua),

mas ele não gostava de falar sobre Sirius se ele podia evitar. E assim eles

continuaram na noite fria em silencio , a comprida capa de Tonks se arrastando

no chão atrás deles.

Tendo sempre viajado de carruagem,Harry nunca tinha antes percebido como

Hogwarts era distante da estação de Hogsmeade. Com alívio ele finalmente viu os

pilares altos de ambos os lados dos portões, com um javali encrapitado em cima

de cada um. Ele estava com frio, ele estava com fome e ele estava ansioso para

deixar esta nova e mal humorada Tonks. Mas quando ele empurrou os portões

para abri-los os encontram trancado. “Alomorra!" ele disse confiantemente,

apontando sua varinha para o cadeado, mas nada aconteceu.

“Isso não servirá aqui" disse Tonks. "Foi o próprio Dumbledore que os enfeitiçou"

Harry deu uma olhada, Eu poderia escalar uma parede," ele sugeriu.

“Não, você não poderia," disse Tonks fatalmente. "Anti-Intruso trouxas em todas as

paredes. A segurança foi melhorada este verão."

“Então...” disse Harry, começando a ficar irritado pelas rejeições dela por ajuda,

“eu suponho que eu apenas terei que dormir aqui fora e esperar pela manhã”

“alguém está descendo para você" disse Tonks, "olhe"

Um lanterna balançava nos pés do castelo. Harry estava tão contente em vê que

sentiu que até poderia agüentar as broncas de Fitch pelo seu atraso e seu sermão

sobre como seus modos de castigo iriam melhorar o comportamento deles. Foi

somente quando o amarelo ardente da luz chegou a dez pés de distancia deles, e

retirado a capa da Invisibilidade para que ele pudesse ser visto, que ele

reconheceu, com uma pressa de ódio puro, o nariz de gancho e cabelo

gordurento, longo e preto de Severus Snape.

"Bem, bem, bem," Snape disse rindo com desdém, tirando sua varinha e tocando o

cadeado uma vez, para que as correntes se soltarem e os portões se abrissem

com um chiado. "Que gentileza sua aparecer, Potter, embora você tenha

evidentemente decidido que as vestes da escola iram depreciar sua aparência."

"Eu não pude trocar, eu não tinha meu —" Harry começou, mas Snape o

interrompeu.

"Não há necessidade de você esperar, Nymphadora, Potter está — ah — seguro

em minhas mãos."

"Eu enviei a mensagem para Hagrid" disse Tonks, franzindo as sobrancelhas.

"Hagrid estava atrasado para o banquete de começo do Ano, assim como Potter

aqui, assim eu o recebi em vez dele. E a propósito," disse Snape, se afastando

para permitir que Harry passasse, "eu estava interessado em ver seu novo

Patrono"

Ele fechou os portões em seu rosto com um ruído alto e toca nas correntes com

sua varinha outra vez, para que eles escorregassem, tinindo, de volta para lugar.

"Eu acho que você estava melhor do outro jeito" disse Snape, a inconfundível

malícia em sua voz. "O novo visual parece fraco"

Como Snape balançou o lanterna, Harry pode ver, rapidamente, o olhar de choque

e raiva no rosto de Tonks. Então ela estava coberta pela escuridão mais uma vez.

"Boa noite" Disse Harry por cima de seu ombro, enquanto começa a caminhar até

a escola com Snape. "Obrigado por ... tudo,"

"A gente se vê, Harry."

Snape não falou nem por um minuto. Harry sentiu como se seu corpo estivesse

gerando ondas de ódio e lhe pareceu incrível que Snape não pudesse senti-las o

queimando. Ele tinha detestado Snape desde seu primeiro encontro, mas Snape

havia tornado impossível a possibilidade de Harry perdoá-lo por sua atitude em

relação a Sirius. O que quer que Dumbledore tenha dito, Harry teve tempo para

pensar durante o verão, que o sarcasmo de Snape fez com que Sirius deixasse de

permanecer em segurança enquanto o resto da Ordem da Fênix lutava contra

Voldemort provavelmente havia sido um fator poderoso para que Sirius fosse até

o Ministério na noite em que ele morreu. Harry chegou a essa conclusão, porque o

permitia culpar Snape, se sentia satisfeito, e também porque ele sabia que se

havia alguém que não estava arrependido por Sirius estar morto,esta pessoas era

o homem que agora estava andando a passos largos ao lado dele na escuridão.

“Cinqüenta pontos a menos para a Grifinoria pelo atraso, eu imagino," disse

Snape. “E, deixe-me ver, outros vinte pelo seu traje de trouxa. Sabe, eu acho que

nenhuma Casa já esteve com tantos pontos a menos nessa altura do ano: Nós

nem começamos a comer o pudim. Você pode ter estabelecido um recorde,

Potter."

A fúria e o ódio borbulhavam dentro de Harry parecendo fogo incandescente, mas

ele já havia ficado imobilizado todo o caminho desde de Londres para dizer para

Snape por que ele estava atrasado.

“Eu suponho que você queria fazer uma entrada, não queria?" Snape

continuou. "E sem nenhum carro voador disponível você decidiu que irromper pelo

Salão Principal durante o banquete teria um efeito dramático."

Ainda que Harry permanecesse calado, na sua imaginação seu peito poderia

explodir. Ele soube que Snape tinha ido buscá-lo por isto, pelos poucos minutos

em que ele poderia provocar e atormentar Harry sem ninguém para escutar.

Eles finalmente alcançaram as escadarias do castelo e as portas se abriram para a

vasta sala da entrada, um estouro de conversa e riso e do tilintar de pratos e

copos alcançou eles pelas portas abertas do Salão Principal. Harry se perguntou

se poderia colocar novamente a Capa da Invisibilidade, e assim se sentar na

comprida mesa da Grifinoria (que, inconvenientemente, era a mais distante da

Salão de entrada) sem ser notado. Como se ele tivesse lido os pensamentos de

Harry, Snape disse, "Nada de Capa. Você pode andar para que todo o mundo

possa ver você, que é o que você queria, eu estou certo."

Harry começou a andar e atravessou as portas abertas: qualquer coisa para sair

de perto de Snape. O Salão principal com suas quatro compridas mesas das

Casas e os professores sentados acima de todos, estava decorado como de

hábito com velas flutuantes que faziam os pratos brilharem.No entanto,tudo isso

era um borrão para Harry, que estava andando tão rápido que somente enquanto

ele passava pela mesa da Lufa-Lufa que as pessoas realmente começaram a

olhar para ele, e quando começaram a se levantar para olhá-lo , ele já estava

havia encontrado Rony e Hermione, e corria pelos bancos em direção a eles,

.sentando no meio deles.

"Onde você — o que que fizeram com seu rosto?" disse Rony, olhando de olhos

esbugalhados junto com todos os outros ao redor. Eu...

"Por que, o que há errado nisso?" disse Harry, pegando uma colher e olhando seu

reflexo."Você está coberto de sangue" disse Hermione. "Vem cá"

Ela ergue sua varinha, e disse “Tergeo” e fez desaparecer o sangue seco.

"Obrigado" disse Harry, sentindo agora seu rosto limpo. "Como o meu nariz está?

“Normal” disse Hermione ansiosamente. "Por que não deveria estar? Harry, o que

aconteceu? Nós estávamos apavorados!"

“Eu contarei para vocês mais tarde" disse Harry secamente. Ele estava muito

consciente que Gina, Neville, Dino, e Simas estavam escutando; até Nick Quase

sem Cabeça, o fantasma da Grifinoria, tinha vindo flutuando pelo banco para

escutar às escondidas.

“Mas" dito Hermione.

“Agora Não, Hermione," disse Harry, em um significado sombrio na voz. Ele

esperava que todos supusessem que havia se metido em algo heróico, de

preferência envolvendo um par de Comensais da Morte e um dementadores. Claro

que, Malfoy iria espalhar a historia o mais rápido que pudesse, mas havia sempre

a esperança de que isso mão alcançasse muito ouvidos da Grifinoria.

Ele tentou alcançar o outro lado de Rony para pegar uma perna de galinha e um

punhado batata frita,mas antes de ele pudesse pegá-las elas desapareceram, para

serem repostas por pudins.

“Você perdeu a Seleção, de qualquer modo," disse Hermione, enquanto Rony

devorava um bolo com creme, frutas e chocolate.

“O Chapéu disse algo interessante?" perguntou Harry, pegando um pedaço de

torta.

“Mais do mesmo, sinceramente . . . aconselhou-nos todo a nos unir contra o

inimigo, você sabe."

“Dumbledore mencionou Voldemort ?" Ainda Não, mas ele sempre deixa seu real

discurso para depois do o banquete , não? Não deve demorar muito agora."

“Snape disse que o Hagrid estava atrasado para o banquete"

“Você viu o Snape? Como assim?" disse Rony no meio de um bocado de bolo com

creme e frutas.

"Esbarrei com ele, disse Harry evasivamente.

"Hagrid estava somente uns minutos atrasado " disse Hermione. "Olhe, ele está

acenando para você, Harry."

Harry olhou para a mesa principal e localizou Hagrid, que estava de fato acenando

para ele. Hagrid nunca havia conseguido se comportar com a mesma dignidade da

prof. McGonagall, Diretora da Casa da Grifinoria, que batia em algum lugar entre o

cotovelo e o ombro de Hagrid, e que estava olhando desaprovativamente pare

este comprimento entusiástico. Harry estava surpreso em ver a Prof. De

Adivinhação, a Prof. Trelawney, sentando do outro lado de Hagrid; ela raramente

deixava seu quarto na torre, e ele nunca a tinha visto num banquete de Inicio do

Ano antes. Ela parecia mais esquisita do que nunca, reluzindo com colares e

arrastando seus xales, seus olhos aumentados pelo enorme óculos. Tendo

sempre considerado-a um pouco como uma fraude, Harry ficou chocado ao

descobrir, no fim do ano anterior , que havia sido ela que havia feito a previsão que

fez com que Voldemort matasse os pais de Harry e o atacar. O conhecimento o fez

ficar ainda menos ansioso em ficar em sua companhia, felizmente, este ano ele iria

não teria mais Adivinhação. Seus olhos esbugalhados giraram em sua direção; ele

depressa olhou em direção da mesa da Sonserina. Draco Malfoy estava imitando o

sangramento de um nariz em volta de risos e aplausos. Harry deixou seu olhar

cair para a torta, dentro dele tudo queimando novamente. O que ele não daria

para brigar com Malfoy corpo-a - corpo.

"Então, o que o prof. Slughorn realmente queria?" Hermione perguntou.

"Saber o que realmente aconteceu no ministério" disse Harry.

"Ele e todos os outros aqui" cochichou Hermione. "As pessoas estavam nos

interrogando sobre isso no trem, não estavam, Rony?"

"Sim" disse Rony. "Todos querendo saber se você é realmente “O Escolhido” —"

"Teve muita conversa sobre isso, até mesmo entre os fantasmas" interrompeu

Nick quase sem Cabeça, inclinando sua cabeça meio decapitada em direção a

Harry , oscilando perigosamente no rufo de sua veste. "Eu sou considerado

alguma coisa como uma autoridade sobre Potter; todos sabem que somos amigo.

Eu tenho assegurado a comunidade dos fantasmas que Eu não incomodarei você

para informações, no entanto. Harry Potter sabe que pode confiar em mim com

completa confiança ' Eu disse a eles. 'Eu preferiria morrer do que trair sua

confiança'"

“ Isso não é grande coisa, estando você já morto," Rony observou.

“De novo, você mostra toda a sensibilidade de um machado cego," dito Nick quase

sem cabeça em tons afrontados, e ele subiu ao ar deslizado de volta para o fim da

mesa da Grifinoria, ao mesmo tempo em que Dumbledore se levantava. A

conversa e riso pela sala morreram quase que imediatamente. "Uma ótima noite

para vocês" ele disse, sorrindo em geral, seus braços abriram totalmente como se

para abraçar todo o salão.

“O que aconteceu com a mão dele?"sussurrou Hermione.

Ela não foi a única a reparar.A mão direita de Dumbledore estava preta e

parecendo morta como estava na noite ele foi buscar Harry na casa dos Dursleys.

Os sussurros encheram o salão; Dumbledore, interpretando eles corretamente,

simplesmente sorriu e sacudiu sua manga roxo e ouro por cima de seu ferida.

“Nada para com que se preocupar " ele disse levianamente. "Agora ... para nossos

novos estudantes, sejam bem vindos, para nossos estudantes velhos, bem vindos

novamente! Outro ano cheio de educação mágica espera por vocês . .."

"A mão dele estava assim quando eu o vi no verão"

Harry sussurrou para Hermione. "Eu pensei que ele já havia curado isso, ou

Madame Pomfrey teria feito."

" Parece como se estivesse morto" disse Hermione, com uma expressão de

náuseas . "Mas há certas feridas que você não pode curar... maldições antigas…e

há poções sem antídotos . . . ."

". . . e Sr. Filch, nossos zelador, me pediu para dizer que há uma proibição para

todos os itens comprados na loja dos Weasleys.

"Aqueles que desejarem jogar nos times de suas casas no quadribol deverão dar

seus nomes para os diretores de suas Casas como de hábito. Nós estamos

também procurando um novo comentaristas de quadribol, quem dever ser

igualmente bom.

"Nós estamos felizes em dar as boas-vindas a um novo membro este ano, o Prof.

Slughorn"— Slughorn levantou-se, seu cabeça calva brilhando na luz de vela, sua

grande barriga lançado sombra sobre a mesa— "é um colega antigo meu que

aceitou retoma seu velho cargo de Mestre de poções "

"Poções"

"Poções"

A palavra ecoou por todos os lados do Salão com as pessoas imaginando se eles

haviam ouvido direito.

"Poções" disseram Rony e Hermione juntos, virando-se para olharem fixo para

Harry. "Mas você disse..."

"O Prof. Snape, enquanto isso," disse Dumbledore, aumentando a voz para se

fazer escutar por cima dos murmúrios, " estará tomando a posição de professor de

defesa contra o as artes das trevas"

"Não" disse Harry, tão alto que muitas cabeças viraram em sua direção. Ele não se

importava; ele estava fitando a mesa principal, exasperado. Como Snape poderia

dar aula de Defesa Contra as Artes das Trevas depois de todo esse tempo? Não

se sabia durante anos que Dumbledore não confiava nele para isto?“Mas Harry,

você disse que Slughorn daria as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas!"

disse Hermione.

"eu pensei que ele fosse" disse Harry, tentando se lembrar de quando Dumbledore

tinha lhe dito isto, mas agora que ele foi pensar sobre isto, ele não podia dizer nem

se Dumbledore lhe havia dito o que Slughorn ensinaria.

Snape, que estava sentado a direita de Dumbledore, não havia se levantado na

menção de seu nome; ele simplesmente levantou uma mão preguiçosamente para

aceitar os aplausos vindos da mesa da Sonserina., ainda que Harry pudesse

perceber o olhar de triunfo por ter conseguido o cargo que tanto almejava..

“Bem, pelo menos há uma coisa boa nisso," ele disse cruelmente. "Snape irá

embora no fim do ano"

“O que você quer dizer" perguntou Rony.

”A maldição do emprego. Nenhum deles durou mais do que um ano. . . . Quirrell na

verdade morreu o fazendo . . . Pessoalmente, eu vou manter meus dedos

cruzados para ocorrer outra morte. . . ."

“Harry" disse Hermione, chocada e repreensiva.

“Ele poder apenas voltar para as aulas poções no fim do ano" disse Rony

razoavelmente. “O Slughorn pode não querer ficar muito tempo. Moody não quis."

“Dumbledore limpou a garganta. Harry, Rony, e Hermione não eram os únicos que

estiveram conversando; todo o salão disparou numa conversa sobre a notícias

que Snape finalmente tinha alcançado o desejo do seu coração. Parecendo

obviamente inconsciente da natureza sensacionalista das notícias que

ele tinha

dado, Dumbledore não disse nada mais acerca de encontros do pessoal, mas

esperou alguns segundos para se garantir que o silencio era total

"Agora, como todos nesta Sala sabem, Lord Voldemort e seus seguidores estão

mais uma vez se reunindo e ganhando forças."

O silêncio parecia geral e cheio de tensão enquanto Dumbledore falava. Harry

olhou de relance para Malfoy. Malfoy não estava olhando para Dumbledore, mas

fazendo com que seu garfo ficasse pairando no ar com seu varinha, como se ele

achasse as palavras do diretor palavras indignas de sua atenção.

"Eu não posso enfatizar o suficiente como é perigoso a presente situação , e

quanto cuidado cada um de nós em Hogwarts deve ter para garantir que nós

permanecemos em segurança. As fortificações mágicas do castelo foram

fortalecidas este verão, nós somos protegidos por um novo e mais poderoso jeito ,

mas nós deve ainda nos guardar escrupulosamente contra descuido na parte de

estudantes ou professores. Eu suplico a vocês, portanto, para cumprir as medidas

de segurança que qualquer um dos professores impor a vocês, no entanto vocês

podem achá-las aborrecidas — em particular, a regra para não sair após

determinada hora. Eu imploro a vocês,que se acharem algo suspeito dentro ou

fora do castelo, para relatá-lo para um dos professores imediatamente. Eu confio

em vocês para conduzir vocês mesmos, sempre, com o máximo possível de

seguranças para vocês mesmos e para os outros."

Os olhos azuis de Dumbledore varreram por cima dos estudantes antes que lhes

sorrisse novamente.

"Mas agora, suas camas os esperam, tão quentes e confortáveis quanto vocês

poderiam desejar, e eu sei que suas principais prioridades é estarem bem

descansados para as aulas de amanhã. Deixe-nos portanto dizer boa noite. Pip,

pip!"

Com o usual barulho ensurdecedor , os bancos recuaram e as centenas de

estudantes começaram a sair em fila da Salão principal em direção a seus

dormitórios. Harry, que não estava com a menor vontade de sair junto com a

multidão, nem chegar perto suficiente de Malfoy para permitir que ele contasse

novamente a historia do nariz, ficou para trás com o pretexto de amarrar o tênis,

permitindo que a maioria da Grifinoria passasse por ele. Hermione tinha se

precipitado para cumprir seu dever de monitora e guiar os alunos do

primeiro ano,

mas Rony permaneceu com Harry.

“O que realmente aconteceu com o seu nariz" ele perguntou, uma vez eles

estavam bem atrás da multidão, e fora de alcance do ouvido de alguém.

Harry contou. Foi uma amostra da amizade de Rony ele não ter rido.

“Eu vi Malfoy imitando alguma coisa com o nariz" ele disse sobriamente.

“Sim, bem, não se preocupe isso," disse Harry asperamente. "Escuta o que ele

estava dizendo antes de me encontrar lá.. . . ."

“Harry tinha esperado que Rony ficasse preocupado com a atitude de Malfoy. O

que Harry havia considerado pura intenção de maldade, Rony não se sentiu nem

um pouco impressionado “Vamos Harry, ele estava só se mostrando para

Pansy….”

Que espécie de missão você acha que Você-Sabe-Quem teria dado a ele?"

“Como você sabe que Voldemort não precisa de alguém em Hogwarts? Ele não

seria o primeiro —"

“Eu gostaria que você parasse de dizer esse nome Harry," disse uma voz

repreensiva atrás de eles. Harry deu uma olhada sobre seu ombro para ver Hagrid

sacudindo a cabeça.

"Dumbledore usa aquele nome" disse Harry teimosamente

“Sim, bem, ele é Dumbledore, não?" disse Hagrid misteriosamente.

“Então, por que você chegou atrasado, Harry? Eu estava preocupado."

"Eu precisava de ajuda no trem" disse Harry. "Por que você chegou atrasado?"

"Eu estava com Grawp" disse Hagrid alegremente. "Mas cheguei a tempo. Ele está

morando em uma nova casa nas montanhas agora, Dumbledore arrumou — uma

caverna grande e legal. Ele é muito mais feliz do que quando estava na floresta.

Nós estávamos tendo uma boa conversa."

"Sério?" disse Harry, tomando cuidado para não encontrar os olhos de Rony; da

última vez que eles encontram com o meio-irmão de Hagrid, um gigante violento

com um talento para arrancar as árvores pelas raízes, seu vocabulário tinha

compreendido cinco palavras, duas das quais ele não podia pronunciar

corretamente.

"Oh sim, ele está realmente avançando," disse Hagrid orgulhosamente. "Ele está

maravilhoso. Eu estou pensando em treiná-lo como meu assistente."

Rony bufou ruidosamente, mas conseguiu fingir que era um espirro violento. Eles

estavam agora parados junto das portas principais de carvalho.

"De qualquer modo, eu os verei amanhã, primeira aula depois do almoço. Venha

cedo e nós podemos falar oi para o “ter Buck” — Eu quero dizer,

Witherwings!”

Esticando um braço de despedida, ele saiu pela porta para a escuridão.

Harry e Rony olharam um para o outro.Harry poderia dizer que Rony estava

sentindo o mesmo afundar que ele..

"Você não está tendo Trato de Criaturas Mágicas, esta?"

Rony sacudiu a cabeça. "E você também não, né?"

Harry sacudiu a cabeça também.

"E Hermione" disse Rony, "Ela não está, está?"

Harry sacudiu sua cabeça outra vez. Exatamente o que Hagrid iria dizer quando

soubesse que seus três alunos favoritos haviam desistido da matéria, ele não

queria saber.

CHAPTER NINE



THE HALF-BLOOD PRINCE

CAP 9 - O PRÍNCIPE MESTIÇO

Harry e Ron encontraram Hermione no Salão Comunal antes do café da manhã do dia

seguinte. Torcendo para que acreditassem em sua teoria, Harry não perdeu tempo

contando para Hermione o que ele ouviu Malfoy falando no trem.

- "Mas ele estava claramente se mostrando para Parkinson, não estava?", interviu

Ron rapidamente, antes que Hermione pudesse falar qualquer coisa.

- "Bem", ela falou. ;Eu não sei... poderia ser que Malfoy quer se mostrar mais

importante do que ele realmente é... mas seria uma grande mentira para contar...".

- "Exatamente", disse Harry, mas ele não pôde continuar, pois tinha muita gente

tentando ouvir a conversa, sem contar as que estavam o observando e

sussurrando.

- "É uma falta de educação apontar", disse Ron para um garoto do primeiro ano

quando eles entravam para a fila do buraco do quadro. O garoto, que estava

murmurando algo para seu amigo sobre Harry, ficou roxo e correu pelo buraco

alarmado. Ron riu.

- "Adoro ser do sexto ano. E nós vamos ter mais tempo livre esse ano. Períodos

inteiros quando poderemos simplesmente sentar e relaxar".

- "Nós vamos precisar desse tempo para estudar, Ron!", disse Hermione, quando eles

começaram a andar pelo corredor.

- "Sim, mas não hoje", disse Ron. "Hoje vai ser um dia de sono, eu acredito".

- "Calma aí", disse Hermione parando um garoto do segundo ano, que estava

tentando passar por ela com um disco verde em suas mãos. - "Frisbees dentados

estão proibidos, entregue-me", ela mandou. O garoto a entregou o Frisbee, passou

por baixo do braço de Hermione e foi atrás de seus amigos. Ron esperou que ele

sumisse, depois pegou o brinquedo das mãos de Hermione.

- "Beleza, sempre quis ter um desses!".

A atitude de Hermione foi sucedida por vários risos. Lavender Brown aparentemente

achou que o comentário de Ron foi engraçado. Ela continuou a rir quando passou por

eles, olhando para Ron por cima de seu ombro. Ron pareceu contente com si mesmo.

O teto do Salão Principal estava serenamente azul e marcado com fracas e finas

nuvens, como nos quadrados de céu visíveis pelas altas janelas. Enquanto eles

estavam comendo, Harry e Ron contaram a Hermione sobre a conversa embaraçosa

que eles tiveram com Hagrid na tarde anterior.

- "Mas ele não podia realmente pensar que nós iríamos continuar Trato das Criaturas

Mágicas!", ela falou, parecendo confusa. "Quero dizer, quando que qualquer um de

nós mostrou qualquer entusiasmo?".

- "É isso, não é?", disse Ron, engolindo um ovo frito inteiro. -

"Nós éramos os únicos que fazíamos esforço nas aulas porque gostávamos de

Hagrid". Mas ele pensa que nós gostávamos da estúpida matéria. Você acredita que

alguém vá tentar o N.I.E.M.?"

Nem Harry nem Hermione responderam. Não havia necessidade. Eles sabiam

perfeitamente bem que ninguém do sexto ano iria querer continuar Trato das Criaturas

Mágicas. Eles evitaram os olhos de Hagrid e devolveram o aceno pela metade quando

ele saiu da mesa dos professores, dez minutos depois. Depois que eles comeram,

permaneceram em seus lugares, esperando a Professora McGonagall

sair da mesa

dos professores. A distribuição dos horários era mais complicada esse ano, pois ela

precisava primeiro confirmar se todos haviam conseguido as notas mínimas em seus

N.O.M.s. para poderem continuar em seus N.I.E.M.s.

Hermione foi imediatamente aceita para continuar Feitiços, Defesa Contra as Artes

das Trevas, Transfiguração, Herbologia, Aritmancia, Runas Antigas e Poções, e

correu para um primeiro período de Runas Antigas sem mais demora. Neville levou

mais tempo para confirmar. Seu rosto redondo estava ansioso quando Professora

McGonagall olhava para sua aplicação e consultava seus resultados nos N.O.M.s.

- "Herbologia, tudo bem", ela disse. - "Professora Sprout vai ficar satisfeita em ver

você de volta com um Èxcelente' N.O.M., e você qualifica para Defesa Contra as

Artes das Trevas com um Èxcede Expectativas'. Mas o problema é em

Transfiguração. Me desculpe Longbottom, mas Àceitável' não é o suficiente para

continuar no N.I.E.M. Eu acho que você não será capaz de lidar com os trabalhos do

curso". Neville virou sua cabeça. A Professora McGonagall o observava pelos seus

óculos quadrados.

- "Por que você quer continuar com Transfiguração? Eu nunca tive a impressão de

que você realmente gostasse da matéria".

Neville parecia miserável e murmurou algo como "minha avó quer".

- "Humph", fez McGonagalll. "É hora de sua avó aprender a ter orgulho do neto que

tem, não do que ela acha que tem, principalmente depois do que aconteceu no

Ministério".

Neville ficou vermelho e piscou confuso. McGonagall nunca lhe fez nenhum elogio

antes.

- "Me desculpe, Longbottom, mas eu não posso te deixar na minha classe para

N.I.E.M. Porém, posso ver que você tem um Èxcede Expectativas' em Feitiços - Por

que não tentar um N.I.E.M. nisso?".

- "Minha avó acha que Feitiços é uma opção fraca", murmurou Neville.

- "Pegue Feitiços", dissse McGonagall. "E eu falarei à Augusta que só por que ela

falhou o N.O.M. dela em Feitiços não quer dizer que a matéria é completamente

inútil". Sorrindo levemente para o olhar de feliz incredulidade no rosto de Neville, a

Professora McGonagall virou para Parvati Patil, cuja primeira pergunta foi se Firenze,

o centauro charmoso, ainda ensinava Divinação.

- "Ele e a Professora Trelawnney estão fazendo turnos", disse McGonagall, com uma

mostra de desapontamento em sua voz. Era sabido que ela desprezava Divinhação. -

"O sexto ano terá aulas com a

Professora Trelawney".

Parvatti partiu para Divinação cinco minutos depois parecendo levemente deprimida.

- "Então, Potter, Potter...&qquot;, disse McGonagall, observando suas anotações

enquanto virava para Harry. - "Feitiços, Defesa contra as Artes das Trevas,

Herbologia, Transfiguração... tudo certo. Devo dizer, estou satisfeita com sua nota em

Transfiguração, Potter, muito satisfeita. gora, por que você não se inscreveu para

continuar em Poções? Pensava que fosse a sua ambição se tornar um Auror".

- "E era, mas você me disse qque eu precisava de um Èxcelente' no meu N.O.M.,

Professora".

- "E era isso que você precissava, quando Professor Snape ministrava essa aula. O

Professor Slughorn, porém, estaria completamente satisfeito em aceitar estudantes

N.I.E.M. com Èxcede Expectativas' em seus N.O.M.s. Você gostaria de continuar com

Poções?".

- "Sim", disse Harry, - "Mas eu não comprei o livro, nem os ingredientes, nem nada".

- "Tenho certeza de que o Proofessor Slughorn será capaz de te emprestar o que for

necessário", disse a Professora McGonagall. - "Muito bem, Potter, aqui está o seu

horário. Ah, e por sinal - vinte esperançosos alunos já se inscreveram para o Time de

Quadribol da Grifinória. Vou te entregar a lista e você poderá realizar os testes quando

quiser".

Alguns minutos depois, Ron estava livre para fazer as mesmas matérias que Harry, e

os dois deixaram a mesa juntos.

- "Olha", disse Ron, sattisfeito, olhando seu horário. - "Nós tempos um tempo livre

agora... e um outro depois do intervalo... e outro depois do almoço... maravilha!".

Eles voltaram ao Salão Comunal, que estava vazio à exceção de Katie Bell, a única

remanescente do time original da Grifinória a qual Harry se juntou no primeiro ano.

- "Achei que você iria conseggui-lo, meus parabéns", ela lhe disse, apontando para o

emblema de capitão no peito de Harry. "Me avise quando você for fazer os testes!".

- "Não seja estúpida", ddisse Harry. "Você não precisa fazer o teste, eu vi você jogar

por cinco anos...".

- "Você não deve começar dessse jeito",ela avisou. "Por tudo que você sabe, tem

alguém bem melhor que eu lá fora. Bons times já se arruinaram porque seus capitães

mantiveram vendo somente os antigos

rostos, ou chamando seus amigos...".

Ron parecia um pouco desconfortável e começou a brincar com o Frisbee Dentado

que Hermione tirou do quartanista. Ele girava pelo Salão Comunal, rugindo e tentando

morder a tapeçaria. Os olhos amarelos de Crookshank o seguiram e ele miou quando

o Frisbee chegou muito perto. Uma hora mais tarde eles relutantemente saíram do

Salão Comunal iluminado pelo sol para a sala de aula de Defesa Contra as Artes das

Trevas, quatro andares abaixo. Hermione já estava fazendo fila na porta, carregando

vários livros pesados e parecendo cansada.

- "Nós temos tanto exercício para Runas", ela falou ansiosa, quando Harry e Ron se

uniram a ela. - "Um trabalho de 40 centímetros, duas traduções, e eu tenho que ler

esses aqui para quarta!".

- "Que vergonha", disse Ron.

- "Espera só", disse Herrmione. - "Aposto que Snape vai nos dar montes".

A porta da sala de aula abria quando ela falava e Snape foi para o corredor, sua face

amarelada formada mais que nunca por duas cortinas de cabelo preto. O silêncio caiu

sobre a fila imediatamente. - "Para dentro", ele falou.

Harry olhou a seu redor ao entrar. Snape já tinha imposto sua personalidade sobre a

sala. Ela estava mais escura que de costume, pois cortinas tinham sido abaixadas

sobre as janelas, e estava sendo iluminada por uma vela. Novas fotos estavam nas

paredes, muitas das quais mostrando pessoas que pareciam estar sofrendo, portando

horríveis ferimentos ou com partes dos corpos estranhamente torcidas. Ninguém falou

enquanto estavam sentando, olhando ao redor para as escuras e repugnantes figuras.

- "Eu não lhes pedi para pegaarem seus livros", disse Snape, fechando a porta e se

movendo para ver a sala por trás de sua mesa. Hermione rapidamente deixou cair sua

cópia de Ènfrentando o Sem-Rosto' de

volta em sua mala e a guardou em baixo da cadeira.

- "Eu quero falar com vocês ee quero toda sua atenção". Seus olhos negros passaram

por seus rostos, esperando uma fração de segundo a mais quando viu Harry do que

para qualquer outro.

- "Vocês tiveram cinco professsores nessa matéria até agora, eu acredito".

Você acredita... como se você não tivesse visto todos virem e irem, Snape, torcendo

para que você fosse o próximo, Harry pensou.

- "Naturalmente, esses professsores todos tiveram seus próprios métodos e

prioridades. Dada a confusão, estou surpreso que tantos de vocês conseguiram um

N.O.M. nessa matéria. Estarei ainda mais surpreso se todos conseguirem fazer os

trabalhos de N.I.E.M., que serão bem mais avançados".

Snape andou pelo quanto do quarto, falando agora numa voz mais baixa; a classe

esticou seus pescoços para mantê-lo em vista. "A Arte das Trevas", disse Snape, "são

muitas, variadas, sempre mudando e eternas. Enfrentá-las é como enfrentar um

monstro de várias cabeças que, cada vez que um pescoço é separado, surge uma

nova cabeça ainda mais violenta e astuta que antes. Você está lutando contra aquilo

que é indefinido, mutante, indestrutível".

Harry olhou para Snape. Uma coisa era respeitar as Artes das Trevas como um

inimigo perigoso, e outra era falar sobre elas, como Snape estava fazendo, com uma

tonalidade fanática em sua voz.

- "Suas defesas", disse Snape, um pouco mais alto, - "devem então ser tão flexíveis e

criativas como as artes que vocês querem destruir. Essas imagens - ele indicou

algumas enquanto passava por elas - "dão uma pequena representação do que

acontece com aqueles que sofrem, por exemplo, a Maldição Cruciatos" - ele apontou

para uma bruxa que estava claramente tremendo de dor - "recebem o Beijo do

Dementador" - um bruxo deitado no chão e com os olhos brancos, ombros contra a

parede - "ou provocam a agressão de um Inferius" - uma massa sangrenta no chão.

- "Um Inferius foi visto entãão?", perguntou Parvati. Patil num tom alto, "está definido,

ele está os usando?".

- "O Lorde das Trevas já utillizou Inferi no passado", disse Snape, "o que significa que

você deveria assumir que ele pode usa-los de novo. Agora...". Ele começou a andar

novamente pelo outro lado da sala em direção à sua mesa, e de novo eles o olharam

enquanto ele andava, sua roupa negra levantando pelas suas costas.

- "Vocês são, eu acredito, noovatos no uso de encantos não-verbais. Qual a vantagem

de encantos não-verbais?"

A mão de Hermione apareceu no ar. Snape levou um tempo olhando ao seu redor

para todos, até ter certeza que não tinha outra opção, antes de falar, - "Muito bem -

Senhorita Granger?".

- "Seu adversário não terá neenhum aviso sobre que tipo de magia você irá utilizar",

disse Hermione, "o que lhe dará uma vantagem de uma fração de segundo".

- "Um resposta copiada quase palavra por palavra do "Livro de Feitiços, Série 6",

disse Snape (Malfoy riu de um canto), "mas correta na essência. Sim, aqueles que

progridem em usar mágica sem falar os encantamentos ganham um elemento de

surpresa ao fazer feitiços. Nem todo bruxo pode fazê-lo, claro; é uma questão de

concentração e poder mental que alguns" - olhou profundamente para Harry mais uma

vez - "não possuem". Harry sabia que Snape estava pensando nas aulas desastrosas

de Oclumência do ano anterior. Ele se recusava a baixar seus olhos e olhava nos de

Snape, até ele virar os seus.

- "Vocês irão se dividir em pares". Snape continuou - "Um irá tentar azarar o outro sem

falar. E o outro irá tentar repelir a azaração no mesmo silêncio. Comecem".

Apesar de Snape não sabê-lo, Harry ensinou pelo menos metade da classe (todos

que tinham sido membros do E.D.) como realizar um Feitiço de Escudo no ano

anterior. Porém, nenhum tinha o realizado sem falar. Uma razoável quantidade de

trapaça aconteceu; muitos estavam meramente sussurrando o encantamento ao invés

de pronunciá-lo alto. Como sempre, dez minutos depois do início Hermione conseguiu

repelir a azaração da `perna bamba' murmurado de Neville sem pronunciar o contrafeitiço, um feito que daria certamente vinte pontos para a Grifinória em qualquer

professor razoável, pensou Harry amargamente, mas que Snape ignorou. Ele passava

por eles enquanto praticavam, parecendo o morcego crescido de sempre, ansioso por

ver Harry e Ron lutando pela tarefa. Ron, que deveria estar azarando Harry, estava

roxo. Seus lábios apertados para tirar dele a tentação de murmurar o encantamento.

Harry tinha sua varinha levantada, esperando inquieto para repelir a azaração que

parecia improvável de aparecer.

- "Patético, Weasley", ddisse Snape, depois de algum tempo. - "Aqui - deixe eu te

mostrar ". Ele virou sua varinha para Harry tão rapidamente que Harry agiu

instintivamente; esqueceu todo pensamento de um encantamento não-verbal e gritou

"Protergo"!

Seu Feitiço de Escudo foi tão forte que Snape perdeu o equilíbrio e bateu numa mesa.

A sala toda olhou e agora observava Snape se endireitar, irritado.

- "Você se lembra de que nós estamos praticando feitiços não-verbais, Potter?".

- "Sim", disse Harry, ríígido.

- "Sim, senhor".

- "Não precisa me chamar de ``senhor', Professor". As palavras escaparam antes do

que ele percebesse do que estava falando. Várias pessoas se engasgaram, inclusive

Hermione. Atrás de Snape, porém, Ron , Dean e Seamus riam apreciadamente. -

"Detenção, sábado à noite, no meu escritório", disse Snape. - "Eu

não aceito insulto de ninguém, Potter... nem mesmo do Èscolhido'".

- "Brilhante, Harry!", ggargalhou Ron, quando estavam a salvo no intervalo, pouco

depois.

- "Você realmente não devia ttê-lo dito," disse Hermione, olhando nervosa para Ron.

"O que fez você fazer aquilo?"

- "Ele tentou me azarar, casoo vocês não tenham percebido", reclamou Harry. "Já tive

demais daquilo nas aulas de Oclumência! Por que ele não usa outro porco da guinéia

para mudar um pouco? O que Dumbledore

está fazendo, deixando ele ensinar DcAdT? Vocês o ouviram falando das Artes das

Trevas? Ele as adora! Tudo aquilo de mutante, indestrutível...".

- "Bem", disse Hermione.. - "Achei que ele soava um pouco como você".

- "Como eu?".

- "Sim, quando você estava noos contando como é enfrentar Voldemort. Você disse

que não era só memorizar um punhado de encantamentos, você disse que era só

você e seu cérebro e sua coragem - bem, não era isso que Snape estava dizendo?

Que realmente acaba sendo a bravura e a velocidade da mente?".

Harry estava tão desarmado pelo fato de que ela considerou suas palavras tão

preciosas para se memorizar quanto as do Livro de Feitiços, que ele não discutiu.

- "Harry! Ei, Harry!".

Harry olhou a seu redor; Jack Sloper, um dos batedores do Time de Quadribol da

Grifinória do ano anterior estava correndo em sua direção segurando um rolo de

pergaminho.

- "Isso é para você". disse Sloper. - "Escuta, eu ouvi dizer que você é o novo capitão.

Quando é que ocorrerão os testes?".

- "Ainda não tenho certeza&quuot;, disse Harry, pensando se Sloper teria a sorte de

conseguir voltar para o time.

- "Eu te aviso quando decidirr".

- "Ahh.. Certo. Eu estava espperando que fosse nesse fim de semana ". Mas Harry

não estava ouvindo; ele tinha acabado de reconhecer a fina, obliqua letra no

pergaminho. Deixando Sloper no meio da frase, ele partiu com Ron e Hermione,

abrindo o rolo ao caminhar.

Querido Harry,

Eu gostaria de começar nossas aulas particulares nesse sábado. Por gentileza, venha

ao meu escritório às 20 horas. Espero que você esteja se divertindo em seu primeiro

dia de volta na Escola. Sinceramente,

Alvos Dumbledore

P.S. Eu gosto de Acid Pops.

- "Ele gosta de Acid pops?&quuot;, disse Ron, que leu a mensagem sobre o ombro de

Harry e parecia perplexo.

- "É a senha para passar peloo gárgula do lado de fora do seu estúdio", disse Harry

baixo.

- "Há! Snape não vai ficar naada satisfeito... Não vou poder ficar na detenção dele!".

Ele, Ron e Hermione passaram o intervalo inteiro pensando no que Dumbledore iria

ensinar para Harry. Ron achava que seriam azarações espetaculares e feitiços do tipo

que Comensais não conheceriam. Hermione disse que tais coisas eram ilegais, e

achava que era mais provável que ele ensinasse para Harry Mágica Avançada de

Defesa. Após o intervalo, ela foi para Aritmancia enquanto Harry e Ron voltaram para

o Salão Comunal onde eles relutantemente começaram a fazer o dever de casa de

Snape. Isso se mostrou tão difícil que eles ainda não tinham terminado quando

Hermione se juntou a eles para o tempo livre após o almoço (apesar dela ter ajudado

a progredir muito mais rapidamente). Eles tinham acabado de terminar quando bateu

o sinal para o tempo duplo de Poções e eles começaram o caminho familiar para o

calabouço que foi, por tanto tempo, de Snape.

Quando eles chegaram no corredor eles viram que somente uma dúzia

de pessoas

progrediram para o nível N.I.E.M. Crabbe e Goyle evidentemente falharam em

conseguir o N.O.M. necessário, mas quatro da Sonserina conseguiram, incluindo

Malfoy. Quatro da Corvinal estavam lá, e um da Lufa-lufa, Ernie Macmillan, de quem

Harry gostava apesar de sua maneira pomposa.

- "Harry", chamou pompossamente Ernie, levantando sua mão enquanto Harry se

aproximava, "Não tive a oportunidade de falar com você em Defesa Contra as Artes

das Trevas de manhã. Boa aula, pensei, mas

Feitiços de Escudo são velhos, claro, para nós da E.D. E como vão vocês, Ron -

Hermione?".

Antes de que eles pudessem falar "bem", a porta do calabouço se abriu e a barriga de

Slughorn apareceu antes que ele para fora da porta. Enquanto entravam na sala, seu

grande bigode se curvou acima de sua boca, e ele saudou Harry e Zabini com

entusiasmo. O calabouço estava, muito estranhamente, já cheio de gases e cheiros

estranhos. Harry, Ron e Hermione cheiraram interessadamente enquanto passavam

por grandes, borbulhantes caldeirões. Os quatro da Sonserina pegaram uma mesa

juntos, e assim fizeram os da Corvinal. Isso deixou Harry, Ron e Hermione para

dividirem uma mesa com Ernie. Eles escolheram a mais próxima do caldeirão dourado

que estava emitindo um dos mais sedutivos aromas que Harry jamais inalou: de

alguma maneira lembrava-o ao mesmo tempo de uma torta melada, da madeira de

um cabo de vassoura, e algo como uma flor que ele acredita ter cheirado no Burrow.

Ele percebeu que estava aspirando muito devagar e profundamente, e que a fumaça

parecia estar enchendo-o como uma bebida. Um grande contentamento apareceu

sobre ele; ele sorriu para Ron, que sorriu de volta, preguiçoso.

- "Agora", disse Slughorrn, cujas linhas massivas estavam tremendo atrás dos

vapores. - "Balanças para fora, todo mundo, e seus kits de poções, e não se

esqueçam de suas cópias do `Livro Avançado de Poções...'".

- "Senhor?", chamou Harrry, levantando a mão.

- "Harry, meu garoto?".

- "Eu não tenho um livro, nemm Balanças nem nada - nem Ron tem - nós não

sabíamos que poderíamos fazer o N.I.E.M., entende?".

- "Ahh, sim, a Professora McGGonagall mencionou... não se preocupe, meu garoto,

não tem por que se preocupar. Você pode usar os ingredientes do armário da sala por

hoje, e eu tenho certeza de que podemos lhes emprestar umas balanças, e tenho uma

caixa de livros velhos aqui, que servirão até vocês escreverem para Floreios e

Borrões...".

Slughorn andou para um armário no canto e, depois de um momento, voltou com duas

velhas cópias do `Livro Avançado de Poções' por Libatius Borage, os quais ele deu

para Harry e Ron com duas balanças.

- "Agora", disse Slughorrn, voltando para a frente da sala e inflando seu peito de modo

que os botões da sua camisa ameaçavam pular para fora. - "Preparei algumas poções

para vocês darem uma olhada, só por

curiosidade, vocês sabem. São o tipo de coisa que vocês precisam ser capazes de

fazer depois de completarem seus N.I.E.M.s. Vocês já devem ter ouvido falar nelas,

mesmo que vocês nunca as tenham feito

ainda. Alguém pode me dizer o que essa aqui é?". Ele indicou o caldeirão perto da

mesa da Sonserina. Harry se levantou um pouco de sua cadeira e viu o que parecia

simplesmente água fervendo dentro dele. A mão bem treinada da Hermione atingiu o

ar antes que a de qualquer outro; Slughorn apontou para ela.

- "É Veritaserum, uma incolorr e inodora poção que força quem bebe a falar a

verdade", disse Hermione.

- "Muito bem, muito bem!"t;, disse Slughorn, feliz.

- "Agora", continuou, appontando para o caldeirão perto da mesa da Corvinal, "Essa é

bem conhecida... Tem aparecido nos folhetos do Ministério ultimamente... Quem

poderia - ?".

A mão de Hermione foi a mais rápida de novo.

- "É a poção Polissuco, senhoor", ela disse.

Harry também reconheceu a substância lentamente borbulhante, parecida com lama

no segundo caldeirão, mas não ficou triste por Hermione ter recebido o crédito pela

resposta. Foi ela, na verdade, que conseguiu fazê-la, no segundo ano.

- "Excelente, excelente! Agorra essa aqui... sim querida?", perguntou Slughorn, agora

perplexo, enquanto a mão de Hermione socava o ar mais uma vez.

- "É Amortentia!".

- "Realmente, é. Parece quasee uma tolice perguntar", disse Slughorn, que parecia

muito interessado, "mas eu acredito que você saiba o que ela faz?".

- "É a mais poderosa poção doo amor no mundo!", disse Hermione.

- "Certo! Você a reconheceu, eu suponho, por seu distinto brilho de pérola?".

- "E pela fumaça subindo em ssuas espirais características", confirmou Hermione,

entusiasmada.

- "E ela deve cheirar diferenntemente para cada um, dependendo do que nos atrai, e

eu posso sentir grama recentemente cortada, pergaminho novo e -". Mas ela ficou

levemente rosada e não completou a frase.

- "Posso perguntar seu nome, minha querida?" perguntou Slughorne, ignorando a

vergonha de Hermione.

- "Hermione Granger, senhor&qquot;.

- "Granger? Granger? Por acasso você tem algum parentesco com Hector DagworthGranger, que fundou a "Extraordinaria Sociedade dos Fazedores de Poções"?".

- "Não. Eu acredito que não, senhor. Eu nasci Trouxa, você sabe".

Harry viu Malfoy se aproximar de Nott e sussurrar algo; ambos riram, mas Slughorn

não se importou; ao contrário, abriu um sorriso e olhou de Hermione para Harry,

sentado próximo dela.

- "Há! Ùma das minhas melhorres amigas é nascida trouxa, e ela é a melhor do

nosso ano!' Acredito que esta seja a amiga da qual você me contou, Harry?".

- "Sim, senhor", confirmmou Harry.

- "Bem, bem, você recebeu vinnte pontos para a Grifinória, Senhorita Granger", disse

Slughorn. Malfoy parecia do mesmo jeito que quando Hermione o socou na cara.

Hermione se virou para Harry com uma expressão radiante e sussurrou, "Você

realmente lhe falou eu era a melhor do ano? Oh, Harry!".

- "Bem, o que há de impressioonante sobre isso?", murmurou Ron, que parecia

chateado por algum motivo.

- "Você é a melhor do ano - EEu o diria isso se ele me perguntasse". Hermione sorriu,

mas fez um gesto de `shh', então eles poderiam ouvir o que Slughorn estava dizendo.

Ron parecia levemente insatisfeito. - "Amortentia não cria realmente amor, é claro. É

impossível manufaturar ou imitar amor. Não, isso irá simplesmente causar uma forte

obsessão ou atração. É provavelmente a mais perigosa e poderosa poção nessa sala

- sim", ele disse, afirmando com a cabeça gravemente para Malfoy e Nott, ambos os

quais estavam sorrindo descrentes. - ---"Quando vocês tiverem visto tanto da vida

quanto eu vi, vocês não subestimarão o poder do amor obsessivo...". - "E agora,"

disse Slughorn", é hora de começar a trabalhar".

- "Senhor, você não nos dissee o que tem nesse", disse Ernie Macmillian, apontando

para um pequeno caldeirão preto em cima da mesa de Slughorn. A poção dentro

estava pulando e caindo; era da cor

de ouro derretido, e grandes gotas estavam pulando como peixes dourados sobre a

superfície, mas nenhuma gota caiu.

- "Ha", fez Slughorn de novo. Harry tinha certeza que Slughorn não tinha esquecido

dessa poção, mas estava esperando para ser perguntado sobre ela para ter um efeito

mais dramático.

- "Sim. Aquilo. Bem, aquela, senhores e senhoras, é uma interessante poção

chamada Felix Felicis. Eu acredito", ele se virou para Hermione, que se engasgou,

"que você saiba o que Felix Felicis faz, Senhorita Granger?".

- "É sorte líquida", dissse Hermione excitada. "Ela te deixa sortudo!".

A sala inteira parecia estar sentando melhor, mais reto. Agora, tudo que Harry podia

ver de Malfoy era a parte de trás do cabelo liso e louro de sua cabeça porque ele

estava finalmente dando toda sua atenção para Slughorn.

- "Correto, pegue outros dez pontos para a Grifinória. Sim, é uma poção interessante,

a Felix Felicis", disse

Slughorn. "Incrivelmente traiçoeira de se fazer, e desastrosa se errar. Porém, se feita

corretamente, como

essa aqui, você vai descobrir que todas suas ações vão tender ao sucesso... pelo

menos até o efeito acabar".

- "Por que as pessoas não a bbebem o tempo todo, senhor?", Terry Boot perguntou,

curioso.

- "Porque, se tomada em excessso, ela causa estupidez, falta de cuidado e segurança

demais", disse Slughorn.

- "Muito de uma coisa boa, voocê sabe.. extremamente tóxico em grandes

quantidades, mas se tomado em pequenas e muito raramente...".

- "Você já a tomou, senhor?&qquot;, perguntou Michael Córner com grande interesse.

- "Duas vezes na minha vida&qquot;, respondeu Slughorn. "Uma quando eu tinha 24

anos, outra quando eu tinha 57. Duas colheres tomadas no café da manha. Dois dias

perfeitos". Ele olhava pensativo para longe. Se ele estava fingindo ou não, Harry

pensou, o efeito ficou bom.

- "É isso", continuou Sllughorn, aparentemente retornando a Terra, -

"É o que eu estarei oferecendo como prêmio dessa aula". Havia um silêncio no qual

toda bolha e gota das poções ao redor parecia extremamente barulhenta.

- "Uma pequena garrafa de Fellix Felicis", continuou, pegando uma minúscula garrafa

com uma tampa de seu bolso e mostrando-a para todos. "O suficiente para doze

horas de sorte. Do amanhecer até o entardecer, o vencedor será sortudo em tudo que

ele tentar".

- "Agora, eu devo lhes avisarr que Felix Felicis é um poção proibida em competições

organizadas... esportes, por exemplo, provas, ou eleições. Então o vencedor deve

usá-la num dia normal somente... e perceberá que esse dia normal se tornará

extraordinário!".

- "Então", continuou, reepentinamente, "quem de vocês receberá esse prêmio

fabuloso? Bem, virando para a página dez do livro. Nós temos um pouco mais de uma

hora sobrando, o que deveria ser tempo suficiente para vocês tentarem completar a

`Poção do Morto Vivo'. Eu sei que é mais complexa do que tudo que vocês já

tentaram, e eu não espero uma poção perfeita de ninguém. A pessoa que fizer a

melhor, porém, ganhará o pequeno Felix aqui. Podem começar!".

A sala começou a se mover agora que todos pegavam seus caldeirões para suas

frentes e alguns fortes barulhos enquanto estavam adicionando pesos nas suas

balanças, mas ninguém falava nada. A concentração dentro da sala era

inquestionável. Harry viu Malfoy olhando fervorosamente pelo seu livro. Não podia ser

mais claro que ele realmente queria esse dia de sorte. Harry se curvou levemente

sobre o velho livro que Slughorn

lhe emprestou. Para sua infelicidade ele viu que o antigo dono tinha escrito sobre as

páginas, de modo que as margens estavam pretas como as letras. Curvando-se mais

baixo para decifrar os ingredientes (mesmo ali o antigo dono tinha feito anotações e

riscado palavras) Harry correu para o armário de ingredientes para encontrar o que

precisava. Enquanto ele corria de volta para seu caldeirão, ele viu Malfoy cortando

suas raízes de Valeria tão rápido quanto possível.

Todos estavam olhando para ver o que o resto da sala estava fazendo; essa era tanto

uma vantagem quanto uma desvantagem de Poções, que era difícil manter seu

trabalho privado. Dentro de dez minutos a sala toda estava cheia de uma fumaça

azulada. Hermione, é claro, parecia ser a que mais progrediu. Sua poção lembrava o

`líquido leve, preto' mencionado como ideal na metade. Tendo terminado de cortar

suas raízes, Harry se curvou sobre seu livro de novo. Era realmente irritante, ter que

tentar decifrar as instruções sobre todas as inscrições estúpidas do dono anterior,

quem, por algum motivo, teve o trabalho de cortar o grão de

sopophorous e escreveu uma informação alternativa: esmagar com parte larga da

faca de prata solta mais suco do que cortar.

- "Senhor, acho que você conhheceu meu avô, Abraxas Malfoy?". Harry olhou para

frente; Slughorn estava passando pela mesa da Sonserina.

- "Sim", disse Slughorn,, sem olhar para Malfoy, "Eu fiquei triste ao ouvir que ele tinha

morrido, apesar de não ter sido totalmente inesperado, febre de dragão na idade

dele...".

E ele andou para longe. Harry voltou para seu caldeirão, rindo. Ele sabia que Malfoy

esperava ser tratado como Harry ou Zabini; talvez ainda um tratamento preferencial,

do tipo que ele aprendeu a receber de Snape. Parecia como Malfoy teria que utilizar

somente seu talento para ganhar o Felix Felicis. O grão de sopophorous estava se

mostrando difícil de cortar. Harry se virou para Hermione. - "Posso pegar sua faca de

prrata emprestada?". Ela lhe entregou a faca, mas sem tirar os olhos da poção, que

estava ainda roxo escuro, apesar de que pelo livro deveria estar um lilás claro a essa

hora. Harry esmagou seus grãos com a parte larga da faca. Para sua surpresa,

imediatamente apareceu tanto líquido que ele ficou espantado que o grão pudesse ter

tanto dentro dele. Rapidamente jogando tudo no caldeirão ele viu, para sua surpresa,

que a poção se tornou exatamente o tom de lilás descrito no texto. Sua raiva com o

dono anterior sumiu, Harry agora olhava as instruções. Pelo livro, ele tinha que

misturar no sentido anti-horário até a poção estar clara como água. Pelo que foi

escrito à mão, porém, ele tinha que dar um giro no sentido horário a cada 7 no

anti-horário. Poderia o dono estar certo duas vezes? Harry girou no sentido antihorário, segurou sua respiração, e rodou uma vez no sentido horário. O efeito foi

imediato. A poção ficou rosa pálido.

- "Como você fez isso?",, demandou Hermione, que estava com o rosto vermelho e

cujo cabelo estava ficando cada vez mais desarrumado com a fumaça do caldeirão.

- "Dê um giro no sentido horário".

- "Não, não, o livro fala anti-horário!", ela reclamou.

Harry se virou e continuou a fazer o que estava fazendo. Sete giros no anti-horário,

um no horário, sete no anti-horário, um no horário...

Do outro lado da mesa, Ron estava amaldiçoando baixo; sua poção estava azul. Harry

olhou ao redor. Até onde ele via, ninguém conseguiu fazer uma poção clara como a

dele. Ele ficou feliz e satisfeito, o que nunca tinha acontecido antes nesse calabouço.

- "E. acabou!", chamou SSlughorn. "Parem de mexer, por favor!". Slughorn se moveu

lentamente pelas mesas, olhando nos caldeirões. Ele não fez nenhum comentário,

mas ocasionalmente dava nas poções um

giro ou as cheirava.

Finalmente, ele chegou na mesa de Harry, Hermione, Ron e Ernie. Sorriu para a

substância escura de Ron. Passou pela poção azul escuro de Ernie. Deu um tom de

aprovação ao passar pela de Hermione. Mas então ele viu a de Harry, e uma imensa

felicidade apareceu no seu rosto.

- "Claramente o vencedor!&quoot;, gritou no calabouço.

- "Excelente, excelente, Harrry! Meu Deus, está claro que você herdou o talento da

sua mãe. Ela tinha uma mão perfeita em Poções, a Lily! Aqui está, então - uma

garrafa de Felix Felices, como prometido, e use-a bem!". Harry colocou a pequena

garrafa com o líquido dourado em seu bolso interno, sentindo uma estranha

combinação de prazer no olhar furioso nos rostos da Sonserina e culpa no rosto

desapontado de Hermione. Ron estava bobo. - "Como você fez aquilo?", ele

sussurrou para Harry quando saíram do calabouço.

- "Tive sorte, eu acho",, disse Harry, porque Malfoy estava perto. Uma vez que

estavam seguros na mesa da Grifinória para jantar, porém, ele se sentiu seguro o

suficiente para lhes contar. A face de Hermione ficou cada vez mais nervosa para

cada palavra que ele pronunciava.

- "Eu suponho que vocês penseem que eu trapaceei?" ,ele terminou, respondendo à

expressão dela.

- "Bem, não era exatamente o seu trabalho, era?", ela perguntou.

- "Ele somente seguiu instrucções diferentes das nossas", disse Ron. -

"Poderia ter sido uma catástrofe, não poderia? Mas ele se arriscou e deu certo".

Ele deu um suspiro: - "Slughorn poderia ter me dado o livro, mas não, eu pego o que

ninguém nunca escreveu sobre. Vomitado sobre, pela aparência da pagina 52, mas -".

- "Espere aí," disse umaa voz perto da orelha esquerda de Harry, e ele sentiu uma

pequena porção do cheiro que ele notou no calabouço de Slughorn.

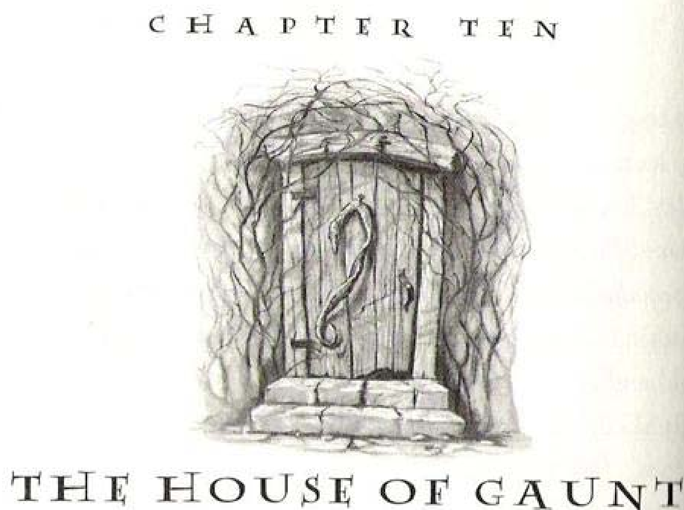
Ele olhou ao

redor e viu que Ginny tinha se unido a eles. - "Eu ouvi certo? Você está recebendo

instruções do que alguém escreveu num livro, Harry?".

Ela parecia alarmada e nervosa. Harry sabia o que estava na cabeça dela na hora.

- "Não é nada", ele tentou acalmá-la. - "Não é como, você sabe, o diário de Riddle. É



só um velho livro de aulas em que alguém escreveu".

- "Mas você está fazendo o quue ele manda?".

- "Eu só tentei algumas das dicas escritas nas margens, honestamente, Gina, não tem

nada engraçado -".

- "Gina tem razão", disse Hermione, se levantado. - "Nós temos que checar se não

tem nada de errado sobre isso. Quero dizer, todas essas instruções estranhas, quem

sabe?".

- "Hey!", disse Harry indignado, enquanto ela puxava a cópia do Livro Avançado de

Poções da mochila dela e levantou sua varinha. - "Specialis Revelio!", ela falou,

encostando-o levemente na capa. Nada aconteceu. O livro simplesmente se manteve

ali, parecendo velho e sujo e acabado.

- "Acabou?", perguntou Harry irritado. "Ou você gostaria de esperar para ver se ele dá

alguns saltos mortais?".

- "Parece tudo certo", disse Hermione, ainda observando o livro com suspeitas. -

"Quero dizer, ele realmente parece ... somente um livro-texto".

- "Bom. Então eu quero ele de volta", disse Harry, tirando-o da mesa, mas ele caiu da

sua mão e ficou aberto no chão. Ninguém mais estava olhando. Harry se curvou para

pegar o livro de volta, mas quando o fez, viu algo escrito perto da parte de baixo da

capa de trás do livro, na mesma pequena, apertada letra que

as instruções que o fizeram ganhar a garrafa de Felix Felicis, agora seguramente

guardada dentro de um par de meias em sua mala no quarto.

Este livro era propriedade do Príncipe Mestiço.

CAPITULO 10 - A CASA DE GAUNT

Para o resto das lições de Poções da semana, Harry continuou seguindo as

instruções do Príncipe Mestiço, no entanto, elas divergiam do Libatius Borage, assim

pela quarta lição dele, Slughorn estava delirando sobre habilidades de Harry, dizendo

que ele raramente tinha ensinado qualquer um tão talentoso. Nem Ron nem Hermione

foram deleitados por tais elogios. Embora Harry tenha oferecido o livro para

compartilhar com ambos, Ron teve mais dificuldade em decifrar o manuscrito que

Harry, e não pôde continuar pedindo para que Harry lesse em voz alta ou poderiam

levantar suspeitas. Hermione, enquanto isso, estava resolutamente agarrada no que

ela chamada "instruções oficiais", mas ficando crescentemente mal-humorada, pois

elas lhe rendiam piores resultados que o Príncipe.

Harry desejou saber nem que fosse vagamente, o quê o Príncipe Mestiço tinha sido.

Embora a quantia de lição de casa que eles tinham, tivesse determinado a proibição

de ele ler toda a copia de Fabricação de Poções Avançada, ele tinha folheado o livro o

suficiente para ver que havia uma página, na qual o Príncipe não tinha feito notas

adicionais, apenas, nenhuma delas relacionava-se ao modo de fazer. Aqui e lá

estavam direções que se pareciam feitiços que o Príncipe havia usado para compor a

ele mesmo.

"Ou ela" disse irritadamente Hermione, ouvindo por acaso Harry evidenciando

algumas coisas a Ron na sala comum no sábado à noite. "Poderia ter sido uma

menina. Eu acho que esta letra parece mais com a de uma menina que de um

menino".

"O Príncipe Mestiço, ele foi chamado," Harry disse. "Quantas meninas foram

Príncipes?".

Hermione parecia não ter nenhuma resposta em mente. Ela somente olhou zangada e

voltou à sua leitura de Os Princípios de Rematerialização, longe de Ron que estava

tentando para ler tal livro de cabeça para baixo.

Harry olhou para seu relógio, e apressadamente repôs a cópia velha de Poções

Avançada em sua bolsa.

"Cinco pras oito, melhor eu ir, ou estarei atrasado para Dumbledore".

"Ooooh!" arfou Hermione, olhando para ele. "Boa sorte! Nós vamos esperar, nós

queremos saber o que ele lhe ensina!".

"Espero que tudo vá bem", disse o Ron, e a dupla assistiu Harry sumir pelo buraco de

retrato.

Harry caminhou por corredores desertos, entretanto ele teve que

andar

apressadamente por trás de uma estátua, quando Professora Trelawney apareceu em

um canto, murmurando a si mesma arrastando um pacote de cartas de jogo de

aspecto sujo, lendo as enquanto caminhava.

"Dois de espadas: conflito" ela murmurou, enquanto passava pelo lugar onde o Harry

abaixou-se, escondido. "Sete de espada: um presságio doente, Dez de espada:

violência. Valete de espadas: um escuro homem jovem, possivelmente preocupado,

um que repugna o questionador".

Ela parou como morta, exatamente no outro lado da estátua de Harry.

"Bem, isso não pode estar certo", ela disse, aborrecida, e Harry ouviu o vigoroso

arrastar de pés dela novamente, partindo, deixando nada mais do que uma brisa com

cheiro de licor cozinhando atrás dela. Harry esperou até que estivesse bastante

seguro que ela tinha ido, então se apressou novamente, até que alcançou a mancha

no chão do sétimo corredor onde uma única gárgula estava contra a parede.

"Estouros ácidos", disse Harry, e a gárgula saltou para o lado; a parede atrás dela

deslizou separadamente, e uma escadaria de pedra em espiral foi revelada, sobre a

qual Harry pisou, de forma que ele foi levado em suaves círculos até a porta com a

aldrava de metal que conduzia ao Escritório de Dumbledore.

Harry bateu.

"Entre", disse voz de Dumbledore.

"Boa noite, senhor", disse Harry, enquanto entrava no escritório do diretor.

"Ah, boa noite, Harry. Sente-se" disse Dumbledore, sorrindo. "Eu espero que você

tenha tido uma agradável primeira semana de volta a escola?" "Sim, obrigado,

senhor", disse Harry.

"Você deveria ter estado ocupado, uma detenção debaixo de seu cinto já!" "Er,"

começou Harry desajeitadamente, mas Dumbledore não parecia muito duro.

"Eu combinei com Professor Snape que você cumprirá sua detenção sábado que

vem".

"Certo!" disse Harry, que tinha assuntos mais urgentes em sua mente que a detenção

de Snape, e deu então uma olhada rápida ao seu redor em busca de alguma

indicação do que Dumbledore estava planejando ver hoje à noite com ele. O escritório

circular estava da mesma maneira de sempre; os delicados instrumentos prateados

estavam em mesas com pernas em fuso, fumaçando e zumbindo; retratos dos antigos

diretores e diretoras cochilavam em suas armações, e a magnífica fênix de

Dumbledore, Fawkes, de pe em seu poleiro atrás da porta, olhando para Harry com

interesse luminoso. Isso o fez nem mesmo perceber que Dumbledore tinha

desocupado um espaço para prática de duelos.

"Então, Harry", disse Dumbledore, em uma voz eficiente. "Você deseja saber, eu

estou certo disso, o que eu tenho planejado para você nessas -numa palavra melhor -

lições?"

"Sim, senhor".

"Bem, eu decidi que está na hora, agora que você sabe o que levou Lord Voldemort a

tentar te matar a quinze anos atrás, de ser passado para você algumas informações."

Houve uma pausa.

"Você disse, ao fim do último período, que ia me contar tudo", disse o Harry. Era difícil

manter a nota de acusação em sua voz. "Senhor", ele somou.

"E assim eu fiz", disse placidamente de Dumbledore. "Eu lhe contei tudo o que eu sei.

A partir deste ponto, nós estaremos deixando a firme fundação dos fatos e viajaremos,

juntos, pelos pântanos escuros da memória, em moitas das mais selvagens

conjecturas. Daqui em diante, Harry, eu posso estar tão desgraçadamente errado

quanto Humphrey Belcher, que acreditava que o tempo estava perfeito para um

caldeirão de queijo.

"Mas você acha que tem razão?" disse Harry.

"Naturalmente sim, mas como eu já provei a você, eu cometo erros próximos aos do

homem. Na realidade, sendo - me perdoe - sendo mais hábil que a maioria dos

homens, meus enganos tendem a ser correspondentemente maiores".

"Senhor", disse Harry numa nova tentativa, "O que você vai me falar tem qualquer

coisa que ver com a profecia? Isso irá me ajudar a... sobreviver?".

"Tem uma relação muito grande com a profecia", disse Dumbledore, tão casualmente

quanto se Harry tivesse lhe perguntado pelos próximos dias, "e eu certamente espero

que lhe ajude a sobreviver."

Dumbledore caminhou ao redor da escrivaninha, passando Harry, que se recolheu

ávido ao seu assento, para assistir Dumbledore inclinando-se em cima do gabinete ao

lado da porta. Quando Dumbledore desceu, ele estava segurando uma bacia de pedra

rasa familiar, grafada ao redor com estranhas marcas sua beira. Ele colocou a

Penseira na escrivaninha em frente a Harry.

"Você parece preocupado".

Harry realmente olhava a Penseira com alguma apreensão. As experiências prévias

dele com o estranho dispositivo que armazenava e revelava pensamentos e

recordações, mesmo que altamente instrutivo, tinham sido também incômodas. A

última vez que ele perturbara seus conteúdos, tinha visto muito mais que ele teria

desejado. Mas Dumbledore estava sorrindo.

"Agora, você entra no Penseira comigo... e, mais ainda extraordinariamente, com

permissão".

"Aonde nós vamos, senhor?"

"Para uma viagem a memória de Bob Ogden", disse Dumbledore, enquanto puxava

do seu bolso uma garrafa cristalina que continha uma substância branco prateada

rodando.

"Quem era Bob Ogden?"

"Ele foi empregado pelo Departamento de Lei Mágica Obrigatória", disse Dumbledore.

"Ele morreu a um tempo atrás, mas não antes eu o encalçar e persuadi-lo a confiar

estas recordações a mim. Nós estamos a ponto de o acompanhar em uma visita que

ele fez, no exercício de seus deveres. Se você estiver pronto, Harry..."

Mas Dumbledore estava tendo dificuldade para tirar a rolha da garrafa cristalina: a

mão ferida dele parecia endurecida e dolorosa.

"Deva - deva eu, senhor"?

"Não se preocupe, Harry -"

Dumbledore apontou a vara dele à garrafa e a cortiça voou fora.

"Senhor - como você machucou sua mão?" Harry perguntou novamente, olhando para

os dedos enegrecidos com uma mistura de repulsão e piedade.

"Agora não é o momento para esta história, Harry. Não já. Nós temos um

compromisso com Bob Ogden."

Dumbledore inclinou o conteúdo prateado da garrafa na Penseira onde eles rodaram e

cintilaram, nem líquido nem gás. "Depois de você," disse Dumbledore, enquanto

gesticulava para a tigela. Harry curvou-se, puxando uma respiração funda, e

mergulhou a face na substância prateada. Ele sentia os pés dele deixam o chão de

escritório; ele estava caindo, girando na escuridão e então, repentinamente, ele

estava piscando deslumbrando a luz solar. Antes de os olhos deles se ajustarem,

Dumbledore pousou ao lado dele.

Eles estavam se levantando em uma pista rural limitada por cercas altas, sob um

luminoso céu de verão, azul como um miosótis. Uns dez pés a frente deles estava um

homem curto, rechonchudo que usava óculos enormemente grossos que reduziam os

olhos dele a molelike specks. Ele estava lendo um poste itinerário de madeira, que se

ressaltava da amoreira preta no lado esquerda da estrada. Harry soube que este

deveria ser Ogden; ele era a única pessoa em visão, e ele também estava usando tão

freqüentemente o sortimento estranho de roupas escolhido pela inexperiência de

bruxos em tentar se parecer Trouxa: neste caso, um casaco de túnica em cima de

uma peça de banho listrada. Antes que Harry tivesse tempo para fazer mais qualquer

registro do aparecimento estranho dele, Ogden partido a um caminho abaixo a pista.

Dumbledore e Harry seguiram. Como eles passaram o sinal de madeira, o Harry olhou

para seus dois braços. O que apontava o lado de trás, do qual eles tinham vindo,

dizia: Great Hangleton, 5 milhas. O braço que aponta a frente de Ogden dizia: Little

Hangleton, 1 milha.

Eles caminharam por um curto caminho com nada mais para ver do que as cercas, o

céu azul largo em cima e assobiando, a figura coberta pela túnica à frente. Então a

pista encurvou à esquerda para fora, inclinando abruptamente em uma ladeira, de

modo que eles em uma visão súbita e inesperada, um vale inteiro se deitou em frente

a eles. Harry poderia ver uma vila, sem duvida Little Hangleton, se aconchegando

entre duas colinas íngremes, sua igreja e cemitério claramente visíveis. Alem do vale,

fixada na ladeira oposta, estava uma casa de solar bonita cercada por uma expansão

larga de gramado verde aveludado.

Ogden iniciou um trote relutante devido ao íngreme declive de descida da ladeira.

Dumbledore alongou seu passo largo, e Harry se apressou para manter. Ele pensou

que Little Hangleton devia ser o destino final deles e desejava saber, o que

acontecera na noite que eles tinham achado Slughorn, por que eles tiveram que

chegar a tal distância. Porem, ele descobriu logo que ele estava enganado pensando

que eles iam para a aldeia. A pista encurvou à direita e quando eles dobraram o

curva, viram a extremidade da túnica de Ogden desaparecer por uma abertura na

cerca viva.

Dumbledore e Harry o seguiram sobre um rastro estreito limitado por cercas vivas

mais altas e mais selvagens que as anteriores. O caminho era curvilíneo, rochoso, e

molhado, se inclinando abaixo na colina, e parecia estar rumo a um pequeno remendo

de árvores escuras pouco abaixo deles. Bastante seguro, o rasto abriu logo ao

homem, e Dumbledore e Harry pararam atrás de Ogden que também estava parado e

tinha puxado sua varinha.

Apesar do céu sem nuvens, lançaram à frente profundamente entre árvores velhas,

sombras escuras, frescas, e em alguns segundos, em frente aos olhos de Harry se

discerniu o edifício meio escondido entre a confusão de calções de

banho. Parecia a

ele um local muito estranho escolher para uma casa, ou então uma decisão estranha

para deixar o crescimento de árvores perto, bloqueando toda a luz e a visão do vale

abaixo. Ele desejou saber se estava habitado; suas paredes eram azulejos musgosos

e tantos tinham caído do telhado que as vigas eram visíveis em vários lugares. Urtigas

cresceram ao redor da casa, seus galhos alcançavam as janelas, que eram

minúsculas e cobertas com sujeira. Da mesma hora que ele tinha concluído que

possivelmente ninguém poderia viver lá, uma das janelas foi aberta com um ruído, e

uma fina faixa de vapor ou fumaça surgiu, como se alguém estava cozinhando.

Ogden avançou quietamente e, parecia a Harry, bastante cauteloso. Como as

sombras escuras das árvores deslizaram em cima dele, ele parou novamente,

enquanto encarava a porta da frente na qual, alguém tinha fixado uma cobra morta.

Então havia um sussurro, e um homem em trapos derrubados da mais próxima

árvore, surgiu bem em frente de Ogden que saltou tão rápido para trás, que se

atrapalhou nas pontas da túnica e tropeçou.

"Você não é bem-vindo".

O homem que surgia ante deles tinha cabelo grosso tão coberto com sujeira que

poderia ter tido qualquer cor. Vários dos dentes dele estavam apodrecendo. Seus

olhos eram pequenos e escuros e fitaram em direções opostas. Ele poderia ter

parecido cômico, mas não; o efeito era amedrotante, e Harry não pôde culpar Ogden

por retroceder vários passos antes de falar.

"Er - bom dia. Eu sou do Ministério de Magia -"

" Você não é bem-vindo."

"Er-eu sinto muito-eu não o entendo," disse Ogden nervosamente.

Harry pensou que Ogden estava sendo extremamente bobo; o estranho estava se

fazendo muito claro na opinião de Harry, particularmente como se ele estivesse

brandindo uma vara em uma mão e uma faca curta e bastante sangrenta na outra.

"Você o ouve, certamente, Harry"? disse Dumbledore quietamente. "Claro que, sim"

disse Harry, . "Por que Ogden não pode-?"

Mas como os olhos dele acharam a cobra morta novamente na porta, ele prontamente

entendeu.

"Ele está falando ofidioguês?"

"Muito bom", disse Dumbledore, enquanto acenava com a cabeça e sorria.

O homem em trapos estava avançando agora em Ogden, faca curta em uma mão,

vara na outra.

"Agora, olha-" Ogden começou, mas muito tarde: houve um estrondo,

e Ogden estava

no chão, apertando seu nariz, enquanto um pus amarelado sórdido esguichava entre

os dedos.

"Morfin!" disse uma voz alta.

Um homem ancião tinha vindo, se apressando para fora da cabana, batendo a porta

atrás dele de forma que a cobra morta balançou pateticamente. Este homem era mais

baixo que o primeiro, e tinha proporções esquisitas; os ombros lhe eram muito largos

e os braços muito longos, os olhos marrons luminosos, cabelos curtos, e face

enrugada, lhe davam o olhar de um macaco poderoso, velho. Ele parou ao lado do

homem com a faca que estava cacarejando agora, rindo com a visão de Ogden no

chão.

"Ministério, é?" disse o homem mais velho, enquanto olhava para Ogden. "Corrija!"

disse Ogden furiosamente, enquanto tocava de leve a face.

"E você, eu levo isto, é Sr. Gaunt?"

"Claro" disse Gaunt. "Ele fez isso na sua face" "Sim, ele fez!" Ogden afirmou.

"Deveria ter feito sua presença conhecida, não?" Disse Gaunt agressivamente. "Esta

é propriedade privada. Não podes entrar aqui sem esperar que meu filho se defenda".

"O defenda contra o que, homem?" disse Ogden, enquanto levantava-se.

"Intrometidos. Intrusos. Trouxas e sujos". Ogden apontou a varinha ao próprio nariz,

que ainda estava emitindo grandes quantias do que se parecia pus amarelo e o fluxo

parou imediatamente. Sr. Gaunt falou de canto de boca para Morfin. "Entre em casa.

Não discuta".

Assim, Harry reconheceu ofidioguês; até mesmo enquanto ele podia entender o que

estava sendo dito, ele destingia o assobio estranho que era tudo o que Ogden poderia

ouvir. Morfin parecia estar no ponto de discordar, mas quando o pai dele lhe lançou

um olhar ameaçador, mudou de idéia, e foi entrando na cabana com um andar rolante

estranho e batendo a porta da frente atrás dele, a cobra balançou tristemente

novamente.

"É seu filho que eu estou aqui para ver, Sr. Gaunt", disse Ogden, tirando o último

vestígio do pus da frente do casaco. "Morfin, não era?"

"Ah, isso, era Morfin," disse o homem velho indiferentemente.

"Você é puro-sangue?" ele perguntou, repentinamente agressivo.

"Não interessa" disse friamente Ogden, e Harry sentia o respeito dele pelas atitudes

de Ogden. Aparentemente, Gaunt sentia-se bastante diferente.

Ele olhou Ogden e ate murmurou, o que era suposto claramente um tom ofensivo,

"Agora eu venho a pensar nisto, eu vi narizes como o seu na aldeia".

"Eu não duvido se seus filhos estiverem soltos entre eles," disse Ogden. "Talvez nós

poderíamos continuar esta discussão ai dentro?"

"Aqui dentro?"

"Sim, Sr. Gaunt. Eu já lhe falei. Eu estou aqui por Morfin. Nós lhe enviamos uma

coruja-"

"Eu não uso corujas", disse Gaunt. "Eu não abro cartas."

"Então você não pode reclamar que não tenha recebido nenhuma advertência de

visita" disse rapidamente Ogden. "Eu estou aqui seguindo uma quebra séria de lei de

Magia que aconteceu aqui nas primeiras horas desta manhã-"

"Certo, certo, certo!" disse Gaunt. "Entre nesta casa de sangria, então, fará muito

bem!"

A casa parecia conter três quartos minúsculos. Duas portas começavam o quarto

principal que servia como cozinha combinada com sala de estar. Morfin estava

sentando em uma poltrona imunda ao lado do fogão de lenha, enquanto girando uma

cobra viva entre seus dedos finos e sussurrando suavemente a isto em Parseltongue:

Hissy, hissy, pequena cobrinha,

Escorregue no chão

Você é bom Morfin

Ou ele o pregará à porta.

Havia um barulho saindo do canto ao lado da janela aberta, e Harry percebeu que

havia alguém no outro quarto, uma menina vestimenta cinza era da cor exata da

pedra suja da parede atrás dela. Ela estava se levantando ao lado de uma panela

cozinhando em vapor em um fogão preto encardido, e estava arrumando na estante,

panelas, potes esquálidos e panos sobre isto. O cabelo dela estava fino e sombrio e

ela tinha uma planície, empalidecida na face bastante pesada. Os olhos dela, como o

irmão dela, fitaram em direções opostas. Ela olhava um pouco mais suavemente que

os dois homens, mas Harry pensou que nunca tinha visto uma pessoa com o aspecto

mais derrotado.

"Minha filha, Merope", disse rancorosamente Gaunt, quando Ogden olhou de modo

inquiridor para ela.

"Bom dia", disse Ogden.

Ela não respondeu, mas com um relance amedrontado ao pai, voltou ao quarto e

continuou trocando as panelas na estante atrás dela.

"Bem, Sr. Gaunt", disse Ogden, "Indo direto ao ponto, nós temos razão para acreditar

que seu filho, Morfin, executou magia em frente a um Trouxa ontem à noite."

Havia um tinido ensurdecedor. Merope tinha derrubado um das panelas.

"Pegue!" Gaunt berrou a ela. "Isso é, fica grudada no chão como se fosse uma

desprezível trouxa, pra que serve sua varinha, seu inútil saco de muco??" Sr. Gaunt,

por favor!" disse Ogden em uma voz chocada, como Merope que já tinha apanhado a

panela, visivelmente corada, perdido sua atenção novamente na panela, tirou a

varinha do bolso, apontou à panela, e murmurou um feitiço precipitado, inaudível que

fez a panela atirar pelo chão longe dela, bater na parede oposta, e rachar em dois.

Morfin deixou sair uma risada que parecia um cacarejo furioso. Gaunt gritou,

"Conserte isso, sua insensata, conserte!"

Merope tropeçou pelo quarto, mas antes de ela teve tempo para elevar a vara dela,

Ogden tinha erguido sua também e disse firmemente, "Reparo". A panela se reparou

imediatamente.

Gaunt parou um momento como se fosse gritar com Ogden, mas pareceu pensar

melhor. Ao invés, ele zombou da filha dele, "Agradável o afortunado homem do

Ministério aqui, não é? Talvez ele a leve embora, talvez ele não ligue para sátiras

sujas...."

Sem olhar para qualquer pessoa ou agradecer Ogden, Merope apanhou a panela e a

devolveu, com as mãos tremendo, para sua estante. Ela ficava parada então, contra a

parede entre a janela imunda e o fogão, como se não desejasse nada além de

afundar na pedra e desaparecer.

"Sr. Gaunt", Ogden começou novamente," como disse eu: a razão para minha visita-"

"Eu o ouvi na primeira vez!" gritou Gaunt. "E o que tem? Morfin deu ao Troxa um

pouco do que estava vindo a ele - o que diz sobre isto, então"?

"Morfin quebrou lei de magia" disse severamente Ogden.

"' Morfin quebrou lei de magia" Gaunt imitava Ogden, enquanto fazendo isto de um

modo pomposo e cantado. Morfin cacarejou novamente. "Ele ensinou para um Trouxa

imundo uma lição que é agora ilegal, é?"

"Sim", disse Ogden. "Receio que sim".

Ele puxou de um bolso interior um rolo de papel pequeno de pergaminho e

demonstrou isto.

"O que isso então, a sentença dele?" disse Gaunt, subindo sua voz furiosamente.

"É uma convocação ao Ministério para uma audição-"

"Convocação! Convocação? Quem você pensa que é, chamando meu filho para

convocação ou qualquer lugar?"

"Eu sou chefe do Esquadrão de Execução de Lei Mágica," disse Ogden.

"E você pensa que nós somos gente baixa, pensa?" irritou-se Gaunt, avançando em

Ogden, com um dedo amarelo sujo apontado ao tórax dele. "Sabe que irá correndo ao

Ministério quando ele chama? Você sabe com quem você está falando, seu pequeno

sangue ruim imundo, você sabe?".

"Eu tinha a impressão que eu estava falando Sr. Gaunt", disse Ogden, parecendo

cauteloso, mas mantendo sua postura.

"Isso é certo!" rugiu Gaunt. Por um momento, Harry pensou que Gaunt estava fazendo

um gesto de mão obsceno, entretanto percebeu que ele estava mostrando para

Ogden o anel feio, enegrecido que usava no dedo mediano, tirando-o ante os olhos de

Ogden. "Veja isto? Veja isto? Sabe o que é? Sabe de onde veio? Há séculos tem

estado em nossa família que é em seu ramo mais distante, puro-sangue todo o modo!

Sabe quanto representa isto, o brasão de Peverell gravado na pedra?".

"Eu realmente não tenho nenhuma idéia", disse Ogden, piscando enquanto o anel

passava dentro de uma polegada do nariz dele, "Mas é bastante fora do assunto, Sr.

Gaunt, seu filho cometeu-"

Com um uivo de raiva, Gaunt correu para a filha dele. Durante um segundo, Harry

pensou que ele ia a estrangular, a mão dele voou à garganta dela; em um momento,

ele a estava arrastando ao redor para Ogden por uma corrente de ouro no pescoço

dela.

"Veja isto!" ele berrou a Ogden, balançando o medalhão de ouro

pesado trancado a

ela, enquanto Merope sufocada, ofegava.

"Eu vejo, eu vejo!" disse Ogden apressadamente.

"Slytherins!" gritou Gaunt. "Salazar Slytherin! Nós somos os últimos descendentes

vivos dele , o que isso diz a você, eh"?

"Sr. Gaunt, sua filha!" disse Ogden em alarme, mas Magro já tinha libertado Merope;

ela cambaleou longe, para o canto dela, massageando o pescoço e tragando ar.

"Assim!" disse Gaunt triunfalmente, como se tivesse provado há pouco um ponto de

vista complicado além de toda possível disputa. "Não venha você falando conosco

como se fossemos sujeira em seus sapatos! Gerações de puros sangues, feiticeiros

tudo o mais que você pode dizer, eu não duvido!"

E ele cai no chão a pés de Ogden. Morfin cacarejou novamente. Merope, se precipitou

ao lado da janela, a cabeça dela se curvou e a face escondida pelo cabelo magro, não

disse nada.

"Sr. Gaunt" disse bravamente Ogden, "Eu tenho medo de seus antepassados, e os

meus não têm qualquer coisa haver com o assunto em discussão. Eu estou aqui por

causa de Morfin, Morfin e o Trouxa que ele azarou ontem à noite. "Nossa informação ele olhou no seu rolo de papel de pergaminho-é aquele Morfin executou um traga má

sorte ou enfeitiçou o Trouxa, fazendo o estourar em urticárias

altamente dolorosas."

Morfin deu risada.

"Quieto, menino!", rosnou Gaunt em ofideoguês, e Morfin fez silencio novamente.

"E então, se ele tivesse feito isso?" Gaunt disse arrogantemente para Ogden. "Eu

espero que você tenha limpado a face imunda do Trouxa, e sua memória-".

"Isso não é o ponto, Sr. Gaunt?" disse Ogden. "Este foi um ataque não provocado em

um indefeso-"

"Ar, eu logo percebi um amante dos Trouxas no momento que eu o vi", zombou

Magro, e ele desova no chão novamente.

"Esta discussão não está nos levando a lugar algum", disse Ogden firmemente. "Está

claro pela atitude de seu filho que ele não sente nenhum remorso pelas ações dele".

Ele olhou novamente ao rolo de papel de pergaminho. "Morfin assistirá a uma audição

no dia 14 de setembro respondendo ao ato de usar magia em frente a um Trouxa e

causar dano e afligir o mesmo Trou-"

Ogden parou. O som, trote de cavalos e vozes altas, risonhas estava atravessando a

janela aberta. Aparentemente a pista sinuosa para a aldeia passava muito perto do

lugar onde a casa estava. Gaunt gelou, escutando, com os olhos bem abertos. Morfin

assobiou e dirigiu a face em direção aos sons, a expressão faminta.

Merope elevou a

cabeça. Sua face, Harry viu, era rigidamente branca.

"Meu Deus, isso que um terçol!" Falou a voz de uma menina, claramente audível pela

janela aberta como se ela tivesse se no quarto ao lado deles. "Seu pai não pode estar

naquela choupana, Tom?".

"Não é nossa", disse a voz de um homem jovem. "Tudo no outro lado do vale pertence

a nós, mas aquela cabana pertence a um velho chamado Gaunt, e as crianças dele. O

filho é bastante furioso, você deveria ouvir algumas das histórias eles contam na

aldeia-"

A menina riu. O som, barulhos do trote iam crescendo mais altos e mais alto. Morfin

saiu da poltrona dele. "Mantenha seu assento", disse cuidadosamente o pai dele, em

ofidioguês.

"Tom", disse a voz da menina novamente, agora tão perto que eles tinham impressão

claramente de estar ao lado da casa, "Eu poderia estar errada-mas alguém pregou

uma cobra àquela porta?".

"Bom, você tem razão!" disse a voz do homem. "Isso deve ser o filho, eu lhe falei ele

não tem razão na cabeça. Não olhe para isto, Cecília, querida".

O barulho e sons de trote eram agora novamente crescentes e lânguidos.

"Querida", sussurrou Morfin em ofidioguês, enquanto olhava para a irmã dele.

"Querida, ele a chamou. Você não o teria de qualquer maneira.".

Merope estava tão branca, que Harry sentia que ela ia desfalecer.

"O que é isso?" disse Gaunt nitidamente, também em ofidioguês, olhando do filho dele

à filha. "O que disse você, Morfin?".

"Ela gosta de olhar para aquele Trouxa", disse Morfin, uma expressão vitoriosa na

face, encarou a irmã, que agora parecia apavorada. "Sempre no jardim quando ele

passa, ela fica o examinando pela cerca viva. E ontem à noite-".

Merope tremeu, sacudindo a cabeça, suplicantemente, mas Morfin foi em irredutível.

"Se pendurando na janela a espera que ele se aproxime da casa, não era?".

"Pendurada na janela olhar para um Trouxa?" disse Gaunt quietamente.

Os três Gaunts pareciam ter esquecido de Ogden que estava parecendo confuso e

irritado a esta erupção renovada de assobiar incompreensíveis.

"É verdade?" disse Gaunt em uma voz mortal, enquanto avançando um passo ou dois

para a menina apavorada. "Minha filha - descendente do puro sangue de Salazar

Slytherin - desejando de um Trouxa imundo, sangue sujo?".

Merope tremeu balançando a cabeça, enquanto se apertava contra a parede,

aparentemente incapaz falar.

"Mas eu o peguei, Pai", cacarejou Morfin. "Eu o enfeiticei ele não parecia tão bonito

com urticárias por toda parte, parecia, Merope?".

"Você me repugna, você, pequena traidora de sangue imundo!" rugiu Gaunt, perdendo

o controle, as mãos fecharam ao redor do garganta da filha. Harry e Ogden gritaram

"Não!" ao mesmo tempo; Ogden elevou a varinha e chorou,"Relaskio!"

Gaunt foi lançado para trás, longe da filha; tropeçou em uma cadeira e caiu duro. Com

um rugido de raiva, Morfin saltou da cadeira dele e correu a Ogden, enquanto brandia

a faca sangrenta e feitiços incendiavam indiscriminadamente da varinha dele.

Ogden correu para salvar sua vida. Dumbledore indicou que eles deveriam seguir e o

Harry obedeceu, os gritos de Merope ainda ecoam nas suas orelhas.

Ogden correu para cima do caminho e alcançou a pista principal, os braços dele em

cima da cabeça, onde colidiu com o cavalo castanho lustroso montada por um homem

jovem muito bonito, de cabelo escuro. Ambos, ele e a bonita menina, que montava ao

lado dele em um cavalo cinza reagiram com risadas ao ver Ogden que saltou fora o

flanco do cavalo e caiu novamente, com o casaco de túnica, cobrindo-lhe a cabeça,

fazendo-o correr a esmo para a pista.

"Eu acho que já está bom, Harry", disse Dumbledore. Ele levou Harry pelo cotovelo e

arrastou. Logo após, ambos estavam planando levemente pela escuridão, até que

pousaram em cheio nos pés, no escritório de Dumbledore novamente.

"O que aconteceu à menina na cabana?" disse Harry imediatamente, assim que

Dumbledore acendeu abajures extras com um estalido de sua varinha. "Merope, era o

nome dela, era?".

"Oh, ela sobreviveu", disse Dumbledore, sentando-se atrás da escrivaninha e

indicando que Harry também deveria se sentar. "Ogden aparatou para o Ministério e

voltou com reforços dentro de quinze minutos. Morfin e o pai dele tentaram lutar, mas

foram dominados, afastado da cabana, e conseqüentemente condenados pelo

ministério. Morfin que já teve um registro de ataques a trouxas foi condenado á três

anos em Azkaban. Marvolo que tinha prejudicado vários empregados do Ministério,

inclusive Ogden recebeu seis meses".

"Marvolo?" Harry repetiu maravilhado.

"Isso é certo", disse Dumbledore, enquanto sorria em aprovação. "Eu estou alegre de

o ver atento".

"Aquele homem velho era-?"

"O avô de Voldemort, sim", disse Dumbledore. "Marvolo, o filho dele, Morfin, e a filha

dele, Merope, foi o último do Gaunts, uma família de bruxos muito antiga marcada por

uma veia de instabilidade e violência que floresceram pelas gerações devido ao hábito

deles se casar os próprios primos. A falta de senso se uniu a uma grande preferência

pela grandeza, pela qual o ouro familiar foi desperdiçado várias gerações antes que

Marvolo nascesse. Ele, como você viu, foi criado em esqualidez e pobreza, com um

temperamento muito sórdido, uma quantia fantástica de arrogância e orgulho, e um

par de heranças familiares que ele entesourou da mesma maneira que o filho dele, e

muito mais que a filha".

"Assim Merope", disse o Harry, apoiando-se na cadeira e falando a Dumbledore,

"assim Merope era... Senhor, isso significa que ela era... a mãe de Voldemort?".

"Significa", disse Dumbledore. "Acontece que nós também tivemos uma visão rápida

do pai de Voldemort. Eu desejo saber se você notou?".

"O trouxa que Morfin atacou? O homem no cavalo?".

"Muito bom, realmente", disse Dumbledore, irradiando. "Sim, ele era Tom Riddle

sênior, o trouxa bonito que ia montar perto da cabana Gaunt e para quem Merope

Gaunt confiou um segredo, paixão ardente".

"E eles terminaram casando?" Harry disse em descrença, incapaz imaginar duas

pessoas menos prováveis para se apaixonar.

"Eu penso você está esquecendo", disse Dumbledore, " Merope era uma

bruxa. Eu

não acredito que os poderes mágicos dela foram mostrados da melhor forma

enquanto ela estava sendo aterrorizada pelo pai. Uma vez Marvolo e Morfin estavam

seguramente em Azkaban, ela estava só e livre pela primeira vez na vida, então, eu

estou certo, ela pôde dar rédea cheia às habilidades dela e delinear a fuga da vida

desesperada que ela tinha conduzido durante dezoito anos".

"Você não pode pensar em qualquer medida que Merope poderia ter tomado para

fazer Tom Riddle esquecer da companheira trouxa, e se apaixonar por ela?"

"A Maldição de Imperius?" Harry sugeriu. "Ou um filtro amoroso?".

"Muito bom. Pessoalmente, eu sou inclinado para pensar que ela usou um filtro

amoroso. Eu acho que teria parecido mais romântico a ela, e eu não penso que teria

sido muito difícil, algum dia quente, quando Riddle estava montando só, pode tê-lo

persuadido a tomar uma água. Em todo caso, dentro de alguns meses da cena

testemunhamos há pouco, a aldeia de Little Hangleton desfrutou um tremendo

escândalo. Você pode imaginar a fofoca que causou quando o filho do escudeiro

escapou com a filha do velho Gaunt, Merope".

"Mas o choque dos aldeões não era nada comparado ao de Marvolo. Ele voltou de

Azkaban, esperando achar a filha esperando seu retorno com submissão e uma

refeição quente pronta na mesa. Ao invés, ele achou uma polegada clara de pó e a

nota dela de adeus, explicando o que ela tinha feito".

"De tudo aquilo eu pude descobrir, ele nunca mencionou adiante o nome dela ou

existência daquele tempo. O choque abandono dela pode ter contribuído à sua morte

precoce ou talvez ele simplesmente nunca tenha aprendido se alimentar. Azkaban

tinha debilitado muito Marvolo, e ele não viveu para ver Morfin voltar à cabana".

"E Merope? Ela... ela morreu, não foi? Voldemort não foi deixado em um orfanato?".

Realmente, "Sim" disse Dumbledore. "Nós temos que fazer uma certa adivinhação

aqui, embora eu não ache que é difícil deduzir o que aconteceu. Você vê, dentro de

alguns meses do matrimônio fugitivo deles, Tom Riddle reapareceu na casa de solar

em Little Hangleton sem a esposa dele. O rumor correu na vizinhança era que ele

tinha sido enganado. O que ele quis dizer, eu estou seguro, é que ele tinha estado sob

encantamento que agora tinha acabado, entretanto eu creio que ele não ousou usar

essas palavras precisas por medo de ser julgado insano. Quando eles ouviram o que

ele estava dizendo, porém, os aldeões julgaram que Merope tinha mentido a Tom

Riddle, fingindo que ela ia ter o bebê dele, e que ele tinha se casado por isto".

"Mas ela teve o bebê dele".

"Mas não até um ano depois que eles estivessem casados. Tom Riddle a deixou

quando ela ainda estava grávida".

"O que deu errado?" Harry perguntou. "Por que o filtro amoroso deixou de trabalhar?".

"Novamente, são conjeturas", disse Dumbledore, "mas eu acredito que Merope que

estava profundamente apaixonado pelo marido, não pudesse agüentar continuar o

escravizando através de meios mágicos. Eu acredito que ela fez a escolha para deixar

de lhe dar a poção. Talvez, boba como era ela, ela tenha se convencido que ele teria

se apaixonado. Talvez ela tenha pensado que ele ficaria por causa do bebê. Nesse

caso, ela estava errada em ambas as contas. Ele a deixou, nunca a viu novamente, e

nunca se preocupou em descobrir o que restou o filho".

O céu lá fora era preto como tinta e os abajures no escritório de Dumbledore parecia

arder mais brilhantemente que antes.

"Eu acho que está bom para esta noite, Harry", disse Dumbledore depois de um

momento ou dois.

"Sim, senhor", disse o Harry.

Ele levantou, mas não partiu.

"Senhor... é importante saber tudo isso sobre o passado de Voldemort?".

"Muito importante, eu penso", disse Dumbledore.

"E isto... é tem algo relacionado com a profecia?".

"Tem tudo a ver com a profecia".

"Certo" disse Harry, um pouco confuso, mas Ressegurou-se.

Ele virou para ir, então outra pergunta o ocorreu, e ele retrocedeu novamente.

"Senhor, me permite contar para o Ron e para Hermione tudo você me falou?".

Dumbledore o considerou por um momento, então disse, "Sim, eu penso Sr. Weasley

e Senhorita Granger provaram ser merecedores de confiança. Mas Harry, eu vou lhe

pedir que lhes peça que não repitam nada disto outro a qualquer pessoa. Não seria

uma idéia boa saberem por ai de quanto eu sei, ou suspeito, sobre os segredos de

Lord Voldemort".

"Não, senhor. Eu terei certeza, só Ron e Hermione. Boa noite".

Ele se virou novamente, e quase estava à porta quando ele viu. Sentado entre as

pequenas mesas com pernas de fuso que apoiaram tantos instrumentos prateados

delicados, havia um anel de ouro feio, com um grande e rachada pedra preta.

"Senhor", disse o Harry, enquanto encarava. "Aquele anel-"

"Sim?" disse Dumbledore.

"Você estava usando isso quando nós visitamos Professor Slughorn

naquela noite".

"Sim estava" Dumbledore concordou.

"Mas não é este... senhor, não é o mesmo anel que Marvolo Gaunt mostrou para

Ogden?".

Dumbledore dobrou a cabeça. "O mesmo sim".

"Mas como veio-? Você sempre teve isto?".

"Não, eu adquiri isto muito recentemente", disse Dumbledore. "Alguns dias antes de

eu o ir buscar de sua tia e tio, na realidade".

"Isso estaria mais ou menos próximo a quando você machucou sua mão, então,

senhor?".

"Ao redor daquele tempo, sim, Harry".

Harry hesitou. Dumbledore estava sorrindo.

"Senhor, como exatamente-?"

"Muito tarde, Harry! Você ouvirá a história outra hora. Boa noite".

"Boa noite, senhor".

CHAPTER ELEVEN



HERMIONE'S HELPING HAND

Capítulo 11: Uma mãozinha de Hermione

Assim como Hermione havia previsto, o tempo de folga dos sextanistas não eram

horas para relaxar como Rony havia imaginado, mas sim tempo para ficar em dia

com a enorme quantidade de tarefas que tinham. Não somente estavam estudando

como se tivessem exames todos os dias, mas a dificuldade das lições em si exigiam

agora muito mais deles do que antes. Harry mal compreendera metade do que a Prof.

McGonagall lhes havia dito nesses dias; até mesmo Hermione teve de pedi-la para

que repetisse instruções uma ou duas

vezes. Inacreditavelmente, e para o crescente ressentimento de Hermione, a matéria

favorita de Harry tinha, inesperadamente, se tornado Poções, graças ao Príncipe

Mestiço. Feitiços não-verbais eram agora muito aguardados, não apenas em Defesa

contra a Artes das Trevas, como também em Feitiços e Transfiguração.

Harry freqüentemente olhava para seus colegas ao redor da sala comunal ou na hora

das refeições e via-os com o rosto roxo e repuxando como se tivessem sofrido uma

overdose de "Un-No-Poo"; mas ele sabia que eles apenas estavam se esforçando

para que os feitiços funcionassem sem que fosse preciso dizer os encantamentos em

voz alta. Era um alívio não precisar ir mais às estufas; os alunos estavam trabalhando

com plantas mais perigosas do que nunca em Herbologia, mas pelo menos ainda

estavam avisados que podiam gritar caso um tentáculo venenoso aparecesse por trás

deles.Uma das evidências da enorme dedicação e das frenéticas horas de prática aos

encantos não-verbais dos alunos era que Harry, Ron e Hermione estavam longe de

ter tempo livre para ir visitar Hagrid. Ele não estava comparecendo às refeições no

Salão Principal, o que era um mau sinal, e nas poucas ocasiões que os garotos

passavam por ele nos corredores ou nos jardins, Hagrid estava misterioso demais

para notá-los ou ouvir seus cumprimentos."Nós temos que nos explicar" disse

Hermione, olhando para a imensa cadeira vazia na mesa principal durante o café da

manhã que se seguira.

"Nós temos que treinar quadribol esta manhã!" Retrucou Rony. "E vamos

supostamente praticar aquele Feitiço Aguamenti do Flitwick! De qualquer maneira,

explicar o quê? Como vamos contar que odiamos essa matéria idiota?".

"Nós não odiamos" disse Hermione.

"Fale por si mesma, eu ainda não esqueci dos explosivins," disse Ron obscuramente.

"E vou te dizer agora, nós escapamos por pouco".

"Eu odeio ficar sem falar com Hagrid", disse Hermione, parecendo chateada.

"Iremos até lá depois do quadribol", Harry assegurou-lhe. Ele também sentia falta de

Hagrid, embora, como Rony, pensava que estavam melhores sem Grawp em suas

vidas. "Mas os testes devem levar toda a manhã, muitas pessoas se inscreveram". Ele

se sentiu ligeiramente nervoso de ter que enfrentar o primeiro obstáculo de ser

capitão. "Eu não sei o motivo dessa popularidade tão repentina do time"

"Ah, Harry", disse Hermione, repentinamente impaciente. "Não é o quadribol que é

popular, e sim você! Você nunca foi tão interessante, e francamente, nunca foi tão

fantástico como agora". Rony abocanhou um grande pedaço de salmão. Hermione

dedicou-lhe um olhar de desdenho antes de voltar-se para Harry. "Todo mundo sabe

que agora você está dizendo a verdade, não é? Toda a comunidade mágica teve de

admitir que você estava certo sobre Voldemort ter voltado, e que você realmente

encontrou com ele nos últimos dois anos,

escapando nas duas vezes. E agora estão te chamando de O Escolhido - bem, vamos

lá, vai dizer que você não consegue ver porquê as pessoas estão fascinadas por

você?".

Harry encontrou o Salão Principal subitamente quente, ainda que o teto continuasse

parecendo frio e chuvoso.

"E você estava envolvido com aquela perseguição do Ministério quando eles estavam

tentando pintá-lo como inseguro e mentiroso. Ainda dá pra ver as marcas nas costas

de sua mão de quando aquela mulher diabólica te fez escrever com seu próprio

sangue, mas você continuou firme com a sua história..."

"Ainda dá pra ver onde aqueles cérebros de apossaram de mim no Ministério, veja",

disse Rony, agitando suas luvas para trás.

"E você amadureceu muito nesse verão e não doeu nada", Hermione terminou,

ignorando Ron.

"Eu sou alto" disse Rony sem motivo aparente.

O correio matinal chegara, escancarando as janelas protegidas da chuva e assim

provocando a dispersão de todos devido às gotas de água que caíam. A maioria dos

alunos recebeu mais correspondência do que o habitual; parentes ansiosos estavam

aflitos para saber de seus filhos e tranqüilizá-los, por sua vez, de que tudo estava bem

em casa. Harry não recebera nenhuma carta desde o começo do ano; seu único

correspondente fixo estava agora morto e, embora ele esperasse que Lupin pudesse

escrevê-lo ocasionalmente, estava bastante desapontado. Harry ficou bastante

surpreso, portanto, de ver Edwiges surgir coberta de neve branca por entre todas as

corujas cinzas e marrons. Ela aterrissou de frente para Harry, carregando um grande

pacote quadrado. Um momento mais tarde, um pacote idêntico pousou em frente

a Rony, esmagando sua minúscula e exausta coruja, Pítchi.

"Ha!" Disse Harry, desembrulhando o pacote para revelar um novo exemplar do Livro

Avançado de Poções da Floreios & Borrões."Oh, ótimo", disse Hermione, satisfeita.

"Agora você pode devolver aquele outro rabiscado".

"Você está louca?" Falou Harry. "Vou continuar com ele! Veja, eu estive pensando ...". O garoto puxou a velha cópia do Livro Avançado de Poções da mochila e deu um

tapa com a varinha na sua capa, dizendo, "Dijjindo!". A capa se soltou. Fez a mesma

coisa com o recém-adquirido livro (Hermione pareceu

escandalizada). Trocou, então, as capas, dizendo, "Reparo!". Lá estava o livro do

Príncipe, disfarçado como se fosse novo, e lá estava a cópia fresca da Floreios &

Borrões, parecendo completamente desgastada.

"Devolverei a Slughorn o livro novo (com a capa velha), ele não pode se queixar, isto

me custou nove Galeões".

Hermione pressionou os lábios, parecendo zangada e com um olhar de

desaprovação, mas foi distraída por uma terceira aterrissagem de coruja, agora lhe

trazendo seu exemplar do Profeta Diário. Folheou-o rapidamente e voltou à página

principal.

"Algum conhecido morto?" Perguntou Rony com uma voz casual; ele fazia a mesma

pergunta toda vez que Hermione abria o papel.

"Não, mas houve mais ataques de dementadores", disse Hermione. "E uma prisão".

"Excelente, de quem?" Perguntou Harry, pensando em Bellatrix Lestrange. "

Stan Shunpike," respondeu Hermione.

"Quê?" Disse Harry.

"Stanley Shunpike, o popular condutor do transporte para bruxos Nôitibus, foi preso

pela suspeita de envolvimento nas atividades de Comensais da Morte. Mr. Shunpike,

21 anos, foi colocado sob custódia noite

passada, depois de uma batida em sua casa em Clapham...".

"Stan Shunpike, um Comensal da Morte?" Disse Harry, lembrando-se da primeira vez

que se encontraram, há três anos atrás. "Sem chance!".

"Ele provavelmente estava sob o feitiço Imperius", falou Ron, razoável.

"Nunca haverá como saber"

"Não me parece que foi isto", disse Hermione, que continuava lendo. "Aqui diz que ele

foi preso depois de uma conversa sobre os planos secretos dos Comensais da Morte

num pub". Ela olhou para cima com uma expressão conturbada no rosto. "Se ele

estava sob o feitiço Imperius, mal poderia bisbilhotar ao seu redor, poderia?".

"Parece que ele queria dizer mais do que realmente sabia", disse Ron. "Não foi ele

que disse que estava prestes a se tornar Ministro da Magia enquanto tentava

impressionar aquela veela?

"Sim, ele mesmo" disse Harry. "Sinceramente, eu não sei o que eles estavam

planejando, levando Stan".

"Eles provavelmente queriam ver como eles estão fazendo alguma coisa" disse

Hermione, franzindo a testa. "As pessoas são impressionantes - você viu os pais das

gêmeas Patil querendo que elas fossem para casa? E Eloise Midgen já se foi. Seu pai

veio buscá-la noite passada".

"O quê?!" disse Ron, "Mas Hogwarts é muito mais segura que as casas deles! Nós

temos Aurores, e todos os feitiços extras, e nós temos Dumbledore!"

"Eu não acho que o tenhamos a todo o momento" disse Hermione tranqüilamente,

olhando de relance por cima do Profeta para a mesa principal.

"Vocês não observaram? Seu assento está tão vazio quanto o de Hagrid na semana

passada"."Harry e Rony olharam para a mesa principal. A cadeira do diretor estava

decididamente vazia. Agora Harry começava a pensar naquilo, ele não vira

Dumbledore desde a lição particular, uma semana atrás".

"Eu acho que ele deixou a escola para fazer alguma coisa para a Ordem", disse

Hermione com uma voz baixa. "Quero dizer... todos parecem sérios, não parecem?".

Harry e Ron não responderam, mas Harry sabia que estavam pensando a mesma

coisa. Havia ocorrido um horrível acidente um dia antes, quando Anna Abbott deixou

Herbologia para saber que sua mãe fora encontrada morta. Eles não tornaram a ver

Anna depois daquilo.

Quando os garotos deixaram a mesa da Grifinória cinco minutos depois para ir até o

campo de quadribol, passaram por Lavender Brown e Parvati Patil. Lembrando-se do

que Hermione havia dito sobre o desejo dos pais das gêmeas Patil de que as filhas

deixassem a escola, Harry não ficou surpreso de ver que as duas melhores amigas

sussurravam, parecendo aflitas. O que o surpreendeu foi que, quando Ron

emparelhou com elas, Parvati repentinamente cutucou Lavender, que olhou ao redor e

sorriu amplamente para Rony. Ron piscou para ela e retribuiu o sorriso, incerto. Seu

caminhar instantaneamente se tornou mais pomposo. Harry resistiu a tentação de rir,

lembrado-se de que Ron se conteve da vez em que Malfoy quebrara seu nariz;

Hermione, contudo, pareceu fria e distante durante todo o caminho para o estádio; lá

partiu para encontrar um lugar nas arquibancadas, sem desejar boa sorte a Rony.

Como Harry já esperava, os testes tomaram a maior parte da manhã. Metade da casa

da Grifinória pareceu ter se entusiasmado: de alunos de primeiro ano que apareceram

com as velhas e terríveis vassouras da escola, até alunos do sétimo ano, os quais

agiam como se fossem bem melhores do que o resto, parecendo até intimidantes. O

último incluía um grande e despenteado garoto, o qual Harry reconheceu

imediatamente do Expresso de Hogwarts.

"Nós nos conhecemos no trem, na cabine do Slug", ele disse, confiante, se separando

da multidão para poder apertar a mão de Harry. "Cormac McLaggen, goleiro".

"Você não tentou entrar para o time ano passado, tentou?" Perguntou Harry, notando

a largura de McLaggen e pensando que ele provavelmente poderia bloquear todos os

três gols sem nem sequer se mover.

"Eu estive no hospital quando os testes aconteceram" disse McLaggen. "Comi ovos de

doxy por causa de uma aposta"

"Certo" disse Harry. "Bem... se você esperar ali..." Ele apontou para a borda do

campo, perto de onde Hermione estava sentada. Harry pensou ter visto uma ponta de

aborrecimento passar pelo rosto de McLaggen e quis saber se o que ele esperava era

um tratamento especial pelo fato de ambos serem os

"favoritos do Slug". Harry decidiu começar com um teste básico, pedindo a todos os

pretendentes a entrar para o time que se dividissem em grupos de dez e voassem ao

redor do campo. Foi uma boa decisão: os primeiros dez foram compostos de alunos

do primeiro ano, e não puderam voar sem que caíssem no

chão logo depois. Somente um garoto conseguiu permanecer no ar por mais que

alguns segundos, e levou um susto ao bater prontamente em um dos aros do gol. O

segundo grupo compreendia dez das garotas mais bobas que Harry já tinha visto, as

quais, quando ele apitou, caíram na risada e ficaram se cutucando.

Romilda Vance estava entre elas. Quando Harry disse-lhes para que

saíssem do

campo, elas ficaram alegremente quietas e foram sentar-se nas arquibancadas junto

com os outros. O terceiro grupo fez um giro incompleto ao redor do campo. A maioria

do quarto grupo chegou sem vassouras. Os do quinto grupo eram da Lufa-lufa. "Se há

mais alguém aqui que não seja da Grifinória", Harry rugiu, começando a se irritar

seriamente, "vá embora agora, por favor!". Houve uma pausa, e dois pequenos alunos

da Corvinal correram para fora do campo, soltando bufos e gargalhadas.

Após duas horas, muitas queixas e diversas irritações envolvendo uma Comet 260

estragada e diversos dentes quebrados, Harry havia encontrado três artilheiras: Katie

Bell, de volta à equipe após um teste excelente; um novo achado que se chamava

Demelza Robins, que era particularmente boa em evitar

balaços; e Gina Weasley, que manteve a dianteira em toda a competição e marcou

dezessete gols. Embora estivesse satisfeito com suas escolhas, Harry teve que gritar

asperamente com muitos companheiros, agora estava numa batalha semelhante com

os batedores rejeitados.

"Esta é a minha decisão final, e se não saírem do caminho como os goleiros, eu vou

azarar vocês!" - Ele gritou. Nenhum de seus batedores escolhidos tiveram o

brilhantismo de Fred e George, mas ele estava

razoavelmente satisfeito com eles: Jimmy Peakes, um menino curto mas de

compleição larga do terceiro-ano, que agitou o bastão furiosamente acertando um

balaço que fez brotar uma protuberância do tamanho de um ovo na parte traseira da

cabeça de Harry , e Ritchie Coote, que não era muito forte mas apontava bem.

Juntaram-se agora à Katie, Demelza, e Gina nas arquibancada para prestar atenção à

seleção do último membro da equipe.

Harry tinha deixado deliberadamente a seleção dos goleiros por último, esperando por

um estádio mais vazio e menos pressão da torcida. Infelizmente, todos os jogadores

rejeitados e um número de gente que tinha vindo para o campo prestar atenção

depois do almoço tinham formado uma multidão agora, de modo que

estava maior do que antes. Enquanto cada goleiro voou até os aros para as defesas,

a multidão rugia e gritava em igual medida. Harry olhou de relance para Ron, que

sempre havia demonstrado problemas com os nervos; Harry tinha esperado que

ganhar a final do último ano pudesse tê-lo curado, mas aparentemente não: Ron

estava num tom delicado de verde. Nenhuns dos primeiros cinco pretendentes

defenderam mais de dois gols cada. Para o grande desapontamento de Harry,

Cormac McLaggen defendeu quatro faltas de cinco. No último, entretanto, disparou

fora no sentido completamente errado; a multidão riu e vaiou, e McLaggen retornou ao

chão rangendo os dentes.

Ron olhou pronto parecendo prestes a desmaiar quando montou sua Cleansweep 11.

"Boa sorte!" Gritou uma voz das arquibancadas. Harry olhou ao redor, esperando ver

Hermione, mas era Lavender. Ele gostaria de ter

escondido seu rosto em suas mãos, como fez um momento mais tarde, mas pensou

que como capitão ele deveria se mostrar ligeiramente mais confiante, e assim girou

para ver o teste de Ron.

Contudo não precisava ter-se preocupado: Ron defendeu um, dois, três, quatro, cinco

faltas seguidas. Encantado, e resistindo aos aplausos da multidão com dificuldade,

Harry foi até McLaggen para dizer-lhe que

infelizmente, Ron o tinha batido, mas encontrou apenas a cara vermelha de

McLaggen avançando em sua direção. Deu um passo para trás rapidamente.

"Sua irmã não o testou realmente", disse McLaggen de modo ameaçador. Havia uma

veia que pulsava em sua têmpora como Harry via freqüentemente no tio Válter. "Ela

deu-lhe defesas fáceis"."Besteira" disse Harry friamente. "Aquele foi o que ele quase

perdeu...".

McLaggen se aproximou de Harry, que agora estava no solo. "Dê-me outra chance".

"Não" disse Harry. "Você teve sua chance. Você defendeu quatro. Ron defendeu

cinco. Ron é o goleiro, ele ganhou honestamente. Saia de minha frente".

Harry pensou por um momento que McLaggen fosse o esmurrar, mas ele se satisfez

com um sorriso feio e tempestuoso e se afastou, rosnando o que soava como

ameaças soltas no ar. Harry girou ao redor para encontrar sua nova equipe sorrindo

de alegria.

"Muito bem", resmungou. "Você voou realmente bem!".

"Você foi brilhante, Ron!".

Desta vez era realmente Hermione que gritava para eles das arquibancadas; Harry viu

Lavender diminuir o ritmo, de braço dado com Parvati, uma expressão levemente

irritada. Ron ficou extremamente contente com

ele mesmo e mais alto do que o usual enquanto sorriu para a equipe e para Hermione.

Após marcar o primeiro treino completo para a próxima quinta-feira, Harry, Ron e

Hermione se despediram do resto da equipe e dirigiram-se em direção à cabana de

Hagrid. Um sol aquoso agora tentava aparecer através das nuvens e

havia parado de

chuviscar finalmente. Harry sentiu-se extremamente faminto; esperou que tivesse algo

para comer na casa de Hagrid.

"Eu pensei que não iria pegar a quarta falta", Ron disse feliz. "Arremesso complicado

de Demelza, você viu, teve um pouco de curva nela...".

"Sim, sim, você foi magnífico", disse Hermione, olhando distraidamente.

"Eu era melhor do que esse McLaggen de qualquer maneira", disse Ron com uma voz

altamente satisfeita. "Você o viu virar a vassoura na direção errada em sua quinta

falta? Ele pareceu confuso...".

Para a surpresa de Harry, Hermione corou profundamente quando ouviu estas

palavras. Ron não observou nada; estava demasiado ocupado descrevendo cada uma

de suas outras faltas em detalhes apaixonados.

O hipógrifo cinzento grande, Bicuço, estava em frente à cabana de Hagrid. Estalou

seu bico afiado como navalha por causa da aproximação e girou sua cabeça enorme

para eles.

"Oh meu Deus!" Disse Hermione nervosa. "Ele ainda é um bocado assustador, não

é?"

"Sai dessa! Você montou nele, não montou?" Ron disse. Harry deu um passo à frente

e fez uma reverência para o hipógrifo mantendo o contato visual e sem piscar. Após

alguns segundos, Bicuço afundou-se em grande reverência.

"Como você está?" Harry perguntou em uma voz baixa, acariciando suas plumas,

fazendo-o mover a cabeça levemente. "Senti sua falta. Mas você está bem aqui com

Hagrid, não está?"

"Olá!" Disse uma voz alta. Hagrid estava vindo da lateral de sua cabana desgastada

em um avental florido grande e carregando um saco de batatas. Seu cão enorme,

canino, estava em seu encalço; Canino deu um latido alto e parou à frente.

"Saiam daqui! Ou ele comerá seus dedos - oh. Ele é perigoso".

Canino estava pulando em cima de Hermione e Ron, tentando lamber suas orelhas.

Hagrid foi até a porta que estava rachada, abriu e entrou com um estrondo em sua

cabana, batendo a porta atrás dele.

"Oh Hagrid!" Hermione disse, olhando abatida.

"Não se preocupe com ele", disse Harry friamente. Andou até a porta e bateu alto.

"Hagrid! Abra, nós queremos falar com você!".

Não havia nenhum som no interior da cabana.

"Se você não abrir a porta, nós a explodiremos!" Harry disse, puxando sua varinha.

"Harry!" Hermione disse, parecendo chocada. "Você não pode fazer isso"

"Sim, eu posso!" Disse Harry. "Saia do caminho...".

Mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta abriu outra vez como Harry

sabia que abriria, e Hagrid olhava bravo para ele, apesar do avental florido,

positivamente alarmante.

"Eu sou um professor!" Rugiu para Harry. "Um professor, Potter! Como você ameaça

derrubar a porta da minha cabana?!"

"Me desculpe, senhor" disse Harry, enfatizando a última palavra quando guardou sua

varinha dentro de suas vestes. Hagrid olhou chocado. "Desde quando tem o costume

de me chamar de 'senhor'?"

"Desde quando tem o costume de me chamar de 'potter'?".

"Oh, muito inteligente". Resmungou Hagrid. "Muito cômico' Então é mais inteligente do

que eu, não é? Está certo', entre então, pequeno mal agradecido..."

Resmungando no escuro, afastou-se para trás e deixou-os passar. Hermione entrou

logo após Harry, olhando um pouco temerosa.

"Bom?" Hagrid disse irritado, assim que Harry, Ron, e Hermione se sentaram em torno

de sua enorme mesa de madeira. Canino colocou sua cabeça imediatamente em cima

do joelho de Harry e babou em cima de

suas vestes. "O que é isso? Sentiu-se preocupado comigo? Pensou que eu estava

solitário ou abandonado?".

"Não". Disse Harry de uma vez. "Nós queríamos vê-lo".

"Nós sentimos sua falta!" Hermione disse tremendo.

"Sentiram minha falta, é?" Bufou Hagrid. "Sim, claro!". Ele parou, preparou um chá em

sua chaleira de cobre enorme, murmurando de vez em quando. Finalmente bateu três

canecas parecendo baldes sob medida de um chá marrom na frente deles e bolachas

que pareciam rochas. Harry estava com muita fome, mas conhecia a comida de

Hagrid e examinou primeiramente.

"Hagrid", disse Hermione tímida, quando ele foi para a pia e começou descascar suas

batatas com uma brutalidade que sugeria que cada uma tinha cometido um erro

pessoal grande, "Nós queríamos realmente

continuar com Trato das Criaturas Mágicas, sabe".

Hagrid deu outra grande bufada. Harry preferivelmente pensou que haveria algumas

lágrimas misturadas às batatas, e se ficou intimamente grato por que não

permaneceriam para o jantar.

"Nós queríamos!" Hermione disse. "Mas nenhuns de nós poderia colocá-lo em nossos

horários!"

"É. Certo'" disse Hagrid outra vez. Havia um som engraçado de algo pesado caindo, e

olharam todos ao redor: Hermione se esquivou rapidamente, e Ron

pulou fora da sua

cadeira e apressado em torno da

mesa para longe do tambor grande que estava num canto, e que tinham apenas

observado. Estava cheio de bichos como larvas com longos pés, limo, brancos, e

artificiais.

"O que são eles, Hagrid?" Harry perguntou, tentando soar mais interessado do que

revoltado, mas colocando suas bolachas de rocha todas nos bolsos.

"Só larvas gigantes" disse Hagrid.

"E crescem aonde...?" Ron perguntou, olhando apreensivo.

"Elas não crescem em nada" Disse Hagrid. "Eu as consegui dando comida a

Aragogue". (Não temos certeza desta parte – Original: They won' grow inter nuthin',

"said Hagrid. "I got 'em ter feed ter Aragog.) E sem aviso, desatou a chorar.

"Hagrid!" Hermione gritou, levantando-se, dando rapidamente a volta à mesa, de

modo a evitar o tambor das larvas, colocando um braço em volta de seus ombros que

balançavam. "O que é isso?".

"É... ele..." Hagrid engoliu em seco, seus olhos de besouros-pretos lacrimejaram,

enquanto ele esfregava sua cara com o avental. "É... Aragogue... Eu acho que está

morrendo... Começou a adoecer este verão, e ele não está melhorando... Eu não sei o

que eu farei sem ele... se... Nós estamos juntos a tanto tempo...".

Hermione bateu no ombro de Hagrid, olhando completamente perdida, sem saber o

que dizer. Harry sabia como ele se sentia. Ele sabia que Hagrid tinha o vício de

confundir um perigoso dragão com um ursinho

inofensivo, sem falar nos escorpiões gigantes que queimavam, sugavam e tinham

espinhos, e na tentativa de ensinar seu brutal meio-irmão gigante, mas este talvez

fosse a mais incompreensível de todas suas fantasias de monstros: a aranha

gigantesca que fala, Aragogue, que residia embrenhada na floresta proibida, e da qual

ele e Ron tinham escapado há somente quatro anos aproximadamente."Há alguma

coisa que nós podemos fazer?" Hermione pediu, ignorando as caretas de Ron e

sacudindo a cabeça freneticamente.

"Eu não acho que há Hermione", engasgou Hagrid, tentando conter a enchente de

lágrimas. "Veja, o resto de sua raça... A família de Aragogue... estão aproveitando

enquanto há tempo... só um pouco inquietos...".

"Sim, eu penso que nós vimos um pouco desse lado deles", disse Ron em um tom

baixo.

"... Eu não calculo que seja seguro a qualquer um, mas eu estou perto da colônia no

momento" Hagrid terminou, fungando seu nariz duro no avental e

olhando acima.

"Mas agradeço a oferta, Hermione... Isso

significa muito para mim".

Após isso, a atmosfera se amenizou consideravelmente, porque embora nem Harry

nem Ron mostrassem inclinação para ir alimentar a uma aranha homicida e

gigantesca com as larvas gigantes, Hagrid pareceu

concordar que eles só queriam fazer seu usual ego voltar ao normal mais uma vez.

"Ar, eu fiquei sabendo que seria difícil me espremer em seus horários". Ele disse

bruscamente, servindo-os de mais chá. "Mesmo se

vocês usassem o Vira-Tempo...".

"Nós não poderíamos fazer isso" disse Hermione. "Nós despedaçamos o estoque

inteiro de Vira-Tempos do ministério quando estivemos lá no último verão. Estava no

Profeta Diário".

"Bem, então" Disse Hagrid, "não havia maneira de vocês resolverem isso... Sinto

muito, eu estive... – E ainda estou - Eu somente estive preocupado com Aragogue. E

eu estive pensando, se a Professora Grubbly-Plank ainda estivesse ensinando...".

Neste momento os três mentiram categoricamente sobre a Professora Grubbly-Plank,

que havia substituído Hagrid algumas vezes, dizendo que era uma professora terrível,

que os resultados do tempo com Hagrid os levava pra longe das premissas de um

crepúsculo, e ele olhou totalmente cheio de si.

"Eu estou morrendo de fome", disse Harry, uma vez que a porta se tinha fechado

atrás deles e estavam se apressando através da escuridão dos jardins desertos; tinha

abandonado o bolo de pedra após um ruído ameaçador de uma rachadura em seus

dentes molares.

"E eu tenho aquela detenção com Snape hoje à noite, e não tenho muito tempo para o

jantar...".

Enquanto eles estavam indo para o castelo encontraram Cormac McLaggen entrando

no Salão Principal. Ele fez duas tentativas de passar pelas portas; fora ricocheteado

do quadro na primeira tentativa. Ron meramente gargalhou e caminhou para dentro

do Salão após ele, mas Harry travou o braço de Hermione e prendeu-a para trás.

"Que?" Disse Hermione defensivamente.

"Se você me perguntasse", disse Harry quietamente, "McLaggen parecia confuso esta

manhã. E ele estava em pé exatamente em frente ao lugar onde você estava

sentada".

Hermione corou. "Oh, tudo bem então, eu fiz aquilo", ela sussurrou. "Mas você deveria

ter ouvido a maneira que falava sobre Ron e Gina! De qualquer forma, ele tem um

temperamento asqueroso, você viu como ele reagiu por não estar dentro... Você não

iria querer alguém como ele na equipe".

"Não". Disse Harry. "Não, eu suponho que é verdade. Mas isso não é desonesto,

Hermione? Quero dizer, você é uma monitora, não é?".

"Oh, fique quieto", ela vociferou, enquanto ele dava um sorriso forçado.

"O que vocês dois estão fazendo?" Reclamou Ron, reaparecendo na entrada do Salão

Principal e olhando suspeito.

"Nada", disseram Harry e Hermione juntos, e apressaram-se atrás de Ron. O cheiro

da carne assada fez o estômago de Harry doer de fome, mas tinham dado apenas

três passos em direção à mesa da Grifinória

quando o professor Slughorn apareceu na frente deles, obstruindo seu trajeto.

"Harry, Harry, justamente o homem que eu esperava ver!" Ele disse alegremente,

girando as extremidades de seu bigode de morsa e estufando sua barriga enorme,

"Eu esperava encontrá-lo antes do jantar! Que você diz de jantar hoje à noite em

meus aposentos preferivelmente? Nós estamos tendo uma pequena festa, apenas

algumas estrelas em ascensão, eu chamei McLaggen e Zabini, a encantadora Melinda

Bobbin... Eu não sei se você a conhece! Sua família possui uma grande rede de

farmácias... E, naturalmente, eu espero muito que

a senhorita Granger me favoreça vindo também".Slughorn fez a Hermione uma

reverência enquanto terminava de falar. Era como se Ron não estivesse presente;

Slughorn não lançou se quer um olhar a ele.

"Eu não posso ir, professor", disse Harry de uma vez. "Eu tenho uma detenção com o

professor Snape".

"Oh, meu caro!" Slughorn disse, sua cara esmorecendo comicamente. "Meu querido,

eu estava contando com você, Harry! Bem, agora, eu terei que apenas ter uma

palavra com Severus e explicar a situação. Eu sou certo que eu poderei persuadi-lo a

adiar sua detenção. Sim, eu verei ambos mais tarde!" E apressou-se para fora do

Salão.

"Não há nenhuma chance de persuadir Snape", disse Harry, no momento em que

Slughorn ficou fora do alcance da voz. "Esta detenção já foi cancelada uma vez;

Dumbledore pediu a Snape, mas não o fará para

ninguém mais".

"Oh, eu gostaria que você pudesse vir, eu não quero ir sozinha!" Hermione disse

ansiosamente; Harry percebeu que ela estava pensando em McLaggen.

"Eu duvido que você estará sozinha, Gina provavelmente foi convidada", completou

Ron, que não via com bons olhos o desprezo de Slughorn.

Após o jantar voltaram rapidamente à torre da Grifinória. O salão comunal estava

muito cheio, porque a maioria dos alunos tinha terminado o jantar àquela hora, mas os

três conseguiram encontrar uma mesa livre e se sentaram; Ron, que estava de mau

humor desde o encontro com Slughorn, balançou os braços e fitou o teto com uma

carranca. Hermione alcançou uma cópia do Profeta Diário, que alguém havia

abandonado em uma cadeira.

"Algo novo?" Disse Harry.

"Não realmente". Hermione tinha aberto o jornal e fazia a leitura das páginas internas.

"Oh, olha, seu pai aqui, Ron, ele está ok!" Acrescentou rapidamente, porque Ron tinha

olhado ao redor alarmado.

"Diz apenas que está revistando a casa dos Malfoy".

"A segunda busca à casa dos Comensais da Morte parece não ter rendido nenhum

resultado. Arthur Weasley, do escritório de Detenção e Apreensão de Contra-feitiços

Defensivos e Objetos Protetores diz que

sua equipe tem agido em cima de uma denúncia confidencial."

"Sim, a minha!" Harry disse. "Eu lhe disse na estação sobre Malfoy e essa coisa que

estava tentando fazer Borgin arrumar! Bem, se não estiver em sua casa, deve ter

trazido o que quer que seja a Hogwarts com

ele...".

"Mas como ele pode ter feito isso, Harry?" Disse Hermione, abaixando o jornal com

um olhar surpreendido. "Todos nós fomos revistados quando chegamos, não fomos?".

"Vocês foram?" Disse Harry, tentando se lembrar. "Eu não fui!".

"Oh não, naturalmente você não foi, me esqueci que você chegou atrasado. Bem,

Filch passou sobre todos nós com sensores de segredo quando chegamos ao saguão

de entrada. Todo o objeto suspeito seria

encontrado, Eu soube que Crabbe teve uma cabeça encolhida confiscada.

Como você vê, Malfoy não pode ter trazido em qualquer coisa perigosa!" Parando

momentaneamente, Harry observou Gina Weasley jogando com Arnold o Pygmy Puff

por um momento antes de ver uma maneira de argumentar.

"Alguém lhe enviou pelo correio coruja, então", disse. "Sua mãe ou alguém".

"Todas as corujas estão sendo verificadas também", disse Hermione. "Filch disse-nos

que assim que ele terminar com aqueles sensores de segredos, todos os lugares

seriam revistados".

Realmente perplexo, Harry não encontrou nada mais para dizer. Não pareceu haver

nenhuma maneira pela qual Malfoy poderia ter trazido um objeto perigoso ou suspeito

para a escola. Olhou esperançosamente em

Ron, que se estava sentado com seus braços dobrados, olhando fixamente para

Lavender Brown.

"Você pode imaginar uma maneira de Malfoy...?".

"Oh, deixe isso pra lá, Harry", disse Ron.

"Escute, não é minha culpa que Hermione e eu fomos convidados por Slughorn para

seu clube estúpido, nenhum de nós quis ir, você sabe!" Harry disse, explodindo.

"Bem, porque eu não sou convidado para nenhum clube". Disse Ron, se levantando

outra vez. "Acho que vou para a cama".

E saiu porta afora rumo aos dormitórios, deixando Harry e Hermione olhando

fixamente suas costas.

"Harry?" Disse a nova artilheira, Demelza Robins, aparecendo de repente em seu

ombro. "Eu tenho uma mensagem para você".

"Do Professor Slughorn?" Harry perguntou, se sentando esperançosamente.

"Não... do professor Snape". Disse Demelza.

O coração de Harry se afundou.

"Diz que você deve vir hoje à noite a seu escritório às oito e meia cumprir sua

detenção... hum.. não importa quantos convites de festas de você tenha recebido. E

ele quer que você saiba que estará classificando vermes podres para serem usados

em poções e... e ele disse que não há necessidade de trazer luvas

protetoras."."Certo", disse Harry rigidamente. "Muito obrigado, Demelza.".

CHAPTER TWELVE



SILVER AND OPALS

Capítulo 12: Prata e opalas

Onde estava Dumbledore, e o que ele estava fazendo?

Harry percebeu que o diretor só esteve presente duas vezes nas últimas semanas.

Ele raramente aparecia durante as refeições, e Harry tinha certeza que Hermione

estava certa ao pensar que ele andava se ausentando da escola por alguns dias. Será

que ele tinha se esquecido das lições que ele supostamente daria a Harry este ano?

Dumbledore havia dito que as lições tinham algo a ver com a profecia; Harry tinha

se sentido encorajado, estimulado e agora ele sentia-se um pouco abandonado.

Na metade de Outubro aconteceu a primeira visita dos alunos a Hogsmeade. Harry

havia se perguntado se essas visitas ainda seriam permitidas, visto as novas medidas

de segurança máxima instaladas ao redor da escola, mas estava feliz em saber que

eles estavam indo; era sempre bom sair do terreno do castelo por algumas horas.

Harry acordou cedo naquela manhã, que estava prometendo ser tempestuosa, e

passou o tempo até a hora do café da manha, lendo sua cópia do Livro Avançado de

Preparação de Poções. Ele não costumava deitar-se na cama para ler seus livros

escolares, aquele tipo de comportamento, como Rony com toda razão diria, era

indecente para qualquer um, exceção feita a Hermione, que normalmente agia

estranho desta forma. De qualquer forma, Harry sentia, que a cópia do Livro

Avançado de Preparação de Poções do Príncipe Mestiço dificilmente poderia ser

qualificada como livro escolar. Quanto mais Harry aprofundava-se no livro, mais ele

percebia o quanto havia lá, não somente as dicas escritas manualmente e atalhos

para preparar as poções o que lhe rendia uma ótima reputação com Slughorn, mas

também a pequenas e imaginativas azarações e feitiços escritos nas margens, os

quais Harry tinha certeza, julgando pelas conferências e revisões, foram inventadas

pelo próprio Príncipe.

Harry já tinha tentado alguns dos feitiços do Príncipe. Havia uma azaração que

causou um crescimento alarmantemente rápido das unhas do pé (ele havia tentado

em Crabbe no corredor, com resultados bem atrativos); uma outra que grudava a

língua no céu da boca (a qual ele havia experimentado duas vezes, sendo aplaudido

por todos, em um inocente Argus Filch); e, talvez a mais útil de todas, Muffliato, um

feitiço que preenchia os ouvidos de qualquer um com um zumbido irreconhecível, de

forma que conversas prolongadas poderiam ser mantidas na sala sem que ninguém

as ouvisse por acaso. A única pessoa que não achava essas coisas atrativas era

Hermione, que fazia uma expressão rígida de desaprovação e se recusava a falar

enquanto Harry mantivesse o feitiço Muffliato em alguém nas proximidades.

Sentando-se na cama, Harry virou o livro para examinar mais de perto algumas

instruções rabiscadas de um feitiço que parecia ter causado alguns problemas para o

Príncipe. Havia muitos riscos e alterações, mas finalmente, espremido no canto da

página, o seguinte: Levicorpus (nvbl)

Enquanto o vento e a neve golpeavam com crueldade as janelas, e Neville roncava

alto, Harry colocou os olhos nas letras entre parênteses. NVBL... o que significava

"não verbal". Harry tinha lá suas dúvidas se seria capaz de realizar este feitiço; ele

ainda tinha dificuldades com os feitiços não verbais, coisa que o Snape fazia questão

de comentar em todas as aulas de DcAt. Por outro lado, o Príncipe tinha se

demonstrado um professor mais competente do que Snape até agora.

Apontando sua varinha para nada em particular, ele deu um golpe para cima com ela

e disse mentalmente "Levicorpus"!

Àaaaaaargh!' Houve um flash de luz e o quarto estava cheio de vozes: Todos

acordaram quando Rony gritou. Harry jogou o Livro Avançado de Preparação de

Poções em pânico; Rony balançando de cabeça para baixo

no meio do ar como se um gancho estivesse o levantando pelo tornozelo.

`Desculpa!' gritou Harry, quando Simas e Dino Thomas romperam-se em gargalhadas,

e Neville acabou no chão ao cair da cama. Àgüenta aí... Eu vou colocar você no

chão'.

Ele procurou o livro de poções e folheou em pânico, tentando encontrar a página

certa; finalmente ele a encontrou e decifrou as palavras espremidas abaixo do feitiço:

Rezando para elas fossem o contra-feitiço, Harry pensou "Liberacorpur!" com toda a

sua coragem. Houve um outro flash de luz, e Rony caiu em cima de seu colchão.

`Desculpa' repetiu Harry de forma envergonhada, enquanto Simas e Dino

continuavam a dar gargalhadas.

Àmanha' disse Rony com uma voz abafada. Èu preferiria que você apontasse sua

varinha para o despertador'.

Após eles terem se vestido, com muitos suéteres feitos pela Sra.

Weasley e levando

também, casacos, cachecóis e luvas, Rony já havia se acalmado e decidido que o

novo feitiço de Harry era bastante divertido; tão divertido, de fato, que ele não perdeu

tempo em contar a Hermione toda a estória assim que eles se sentaram para o café

da manhã.

`... e então houve um outro flash de luz e eu estava sobre a cama de novo' Rony deu

um riso forçado servindo-se de salsicha.

Hermione não havia dado um sorriso durante toda a estória, e agora descarregava

uma expressão de fria desaprovação sobre Harry. `Tem alguma chance de este feitiço

ser outro feitiço daquele seu livro de poções?' ela perguntou.

Harry respondeu com desdém para ela. `Você sempre indo para a pior conclusão, não

é?'

Èra?'

`Bom... sim, ele era, mas e daí?'

Èntão você apenas decidiu experimentar um feitiço desconhecido, escrito a mão e

ver o que aconteceria?'

`Qual a importância se ele foi escrito a mão?' disse Harry, preferindo

não responder a

outra parte da pergunta.

`Por que é bem provável não ser um feitiço aprovado pelo Ministério da Magia,' disse

Hermione. È também,' ela acrescentou, quando Harry e Rony levantaram seus olhos,

`por que eu estou começando a pensar que este Príncipe não era boa coisa.'

Tanto Harry como Rony gritaram com ela ao mesmo tempo. Èra uma piada' disse

Rony, colocando ketchup em cima de suas salsichas. Àpenas uma piada, Hermione,

só isso!'

`Pendurar as pessoas de ponta cabeça pelo tornozelo?' disse Hermione. `Quem põe

seu tempo e energia em inventar feitiços como este?'

`Fred e Jorge' disse Rony dando de ombros ìsto é o tipo de coisas deles. E, é...'

`Meu pais' disse Harry. Havia vindo a tona de repente em sua mente

Ò que?' disse Rony e Hermione juntos.

`Meu pai usou este feitiço' disse Harry. Èu... Lupin me contou.'

Esta última parte não era verdade; de fato, Harry havia visto seu pai usar o feitiço em

Snape, mas ele nunca contou a Rony e Hermione sobre esta particular excursão

dentro da Penseira. Agora, de qualquer forma,

uma maravilhosa possibilidade lhe ocorreu. `Será que há a possibilidade do Príncipe

Mestiço ser...?'

`Talvez tenha usado Harry', disse Hermione, `mas ele não é o único. Nós vimos um

grupo de pessoas usando ele, no caso de você ter esquecido. Pendurando pessoas

no ar. Fazendo-as flutuar por ai, adormecidas, desprotegidas.'

Harry olhou para ela. Com um sentimento de tristeza, ele também lembrou-se do

comportamento dos Comensais da Morte, na Copa Mundial de Quadribol. Rony veio

para ajudá-lo.

Àquilo foi diferente', ele disse firmemente. Èles estavam maltratando. Harry e seu pai

estavam apenas se divertindo. Você não gosta do Príncipe, Hermione,' ele

acrescentou, apontando uma salsicha para ela com severidade, `por que ele é melhor

que você em Poções'.

`Não tem nada haver com isso' disse Hermione, suas bochechas ficando vermelhas.

Èu apenas acho é muita irresponsabilidade começar a lançar feitiços quando você

nem mesmo sabe para o que eles servem, e pare de falar no "Príncipe" como se este

fosse o título dele, eu aposto que é apenas um apelido ridículo, e não

me parece que

ele fosse uma boa pessoa!'

Èu não vejo de onde você tirou isso' disse Harry raivosamente. `Se ele fosse um

Comensal da Morte ele não estaria se gabando sobre ser de sangue mestiço, estaria?

Como ele mesmo havia dito, Harry lembrou-se que seu pai era de sangue puro, mas

ele decidiu pensar nisso mais tarde...

Òs Comensais da Morte não podem se todos de puro sangue, não sobraram bruxos

de sangue puro o suficiente' disse Hermione com teimosia. Èu suponho que a maior

parte deles são mestiços fingindo ser de sangue puro. São apenas os nascidos

trouxas que eles odeiam, eles ficariam muito felizes de deixar você e Rony se

juntarem a eles.'

`Não há nenhuma possibilidade de eles permitirem que eu me torne um Comensal da

Morte' disse Rony com indignação, um pouco de salsicha voou do seu garfo, que ele

estava agora brandindo contra Hermione, atingindo Ernie Macmillan na cabeça.

`Minha família inteira são de traidores do sangue. Isto é pior do que um nascido trouxa

para os Comensais da Morte!'

È eles adorariam ter a mim,' disse Harry com sarcasmo. `Nós teríamos

sidos

melhores amigos se eles não continuassem tentando me matar.' Isto fez Rony rir, até

mesmo Hermione deu um sorriso fraco, e a distração do assunto em pauta veio na

forma de Gina.

Èi, Harry. Eu tenho que lhe dar isto.' Era um rolo de pergaminho com o nome de

Harry escrito em letras finas, inclinadas e familiares a Harry.

Òbrigado Gina... É a próxima aula de Dumbledore!' Harry contou a Rony e Hermione,

abrindo o pergaminho e lendo rapidamente o seu conteúdo. `Segunda a noite!' Ele

sentiu-se repentinamente leve e feliz. `Quer

ficar com a gente em Hogsmeade, Gina?' ele perguntou.

Èu vou junto com o Dino... talvez eu os veja lá.' Ela respondeu, acenando para eles

enquanto ia embora.

Filch estava parado na porta da frente como sempre, checando os nomes das

pessoas que tinham permissão para ir a Hogsmeade. O processo levou mais tempo

que o normal já que Filch estava checando três vezes em todo mundo o Sensor de

segredo.

Ò que interessa se nós estamos contrabandeando coisas para fora do castelo?'

exigiu saber Rony, observando o longo e fino Sensor de Segredo com apreensão.

`Certamente você vai chegar o que nós estamos trazendo de volta para dentro?' Suas

bochechas renderam a ele um pouco de tempo extra com o Sensor, e ele estava

recuando a medida que eles saíram em direção vendo a chuva de neve.

A caminhada para Hogsmeade não foi agradável. Harry cobriu o seu rosto com o

cachecol; a parte exposta sentiu dormência. A estrada para a vila estava cheia de

estudantes que se dirigiam em duplas contra o

vento amargo. Mais de uma vez Harry perguntou-se se eles não teriam aproveitado

mais o tempo em uma quentinha e aconchegante sala comunal, e quando eles

finalmente chegaram a Hogsmeade e viram a loja de Logros Zonko aparecer, Harry

tomou como confirmação de que esta viagem não estava destinada a ser divertida.

Rony apontou, com a mão espessa por causa da luva, em direção a Dedos de Mel, a

qual estava

misericordiosamente aberta, e Harry e Hermione chocados com sua trilha para dentro

da loja lotada.

`Graças a Deus,' tremeu Rony assim que eles estavam envolvidos pelo calor, e pelo

ar adocicado. `Vamos ficar aqui a tarde inteira.'

`Harry meu garoto!' disse uma voz rouca atrás dele.

Àh não,' resmungou Harry. Os três viraram para encontrar o professor Slughorn, que

estava vestindo um enorme chapéu peludo e um sobretudo com colarinho de pele,

carregando uma mala larga de abacaxis cristalizados, e ocupando pelo menos um

quarto da loja.

`Harry, este é o terceiro dos meus pequenos jantares que você tem perdido agora!'

disse Slughorn, batendo alegremente no peito. Ìsto não pode acontecer meu garoto,

eu faço questão da sua presença! Srta. Granger adora eles, não é mesmo?'

`Sim,' disse Hermione sem jeito, èles são realmente...'

Èntão por que você não se junta a nós Harry?' Pediu Slughorn.

`Bem, eu tenho tido treino de Quadribol professor' disse Harry, quem tinha procurado

sempre agendar treinos de Quadribol toda vez que recebia um convite amarrado com

fita violeta enviado por Slughorn. Esta estratégia significava que Rony não estava de

fora, e eles geralmente riam com Gina, imaginando Hermione quieta com Maclaggen

e Zabini.

`Bem, eu certamente espero que você vença sua primeira partida depois de todo este

trabalho duro!' disse Slughorn. `Mas um pouco de recreação nunca machuca

ninguém. Agora, como em uma noite de segunda,

você pode supostamente querer praticar com este tempo...'

Èu não pude professor, Eu tinha tido... é... um compromisso com o professor

Dumbledore naquela noite.'

`Sem sorte de novo!' disse Sloghorn dramaticamente. "Bom... você não pode se

esquivar de mim para sempre Harry!'.¨E com um aceno largo, ele saiu caminhando

como um pato para fora da loja, tendo uma pequena percepção da presença de Rony,

como se ele fosse uma amostra de grupo de barata.¨Èu não acredito que você

escapou de outro' disse Hermione, balançando suas mãos. Èles não são tão ruins,

sabia... Eles até são divertidos algumas vezes..' mas então ela percebeu a expressão

de Rony. Òh,·veja... eles receberam penas de luxo açucaradas – aquelas durariam

horas. Feliz que Hermione tinha mudado de assunto, Harry mostrou-se muito mais

interessado na nova extra larga pena açucarada do que geralmente estaria, mas Rony

continuou a olhar mal humorado e apenas encolheu os ombros quando Hermione

perguntou onde ele queria ir depois.`Vamos ao Três Vassouras,' disse Harry. `Lá

estará quente.'··Eles protegeram seus rostos com os cachecóis novamente e saíram

da loja de doces. O vento amargo era como facas nos seus rostos após o ar quente

e". adocicado da Dedos de Mel. A rua não estava muito cheia,

ninguém estava conversando, apenas correndo em direção aos seus destinos.

Exceção feita a dois homens um pouco a frente deles, parados do lado de fora do

Três Vassouras. Um era muito alto e magro, olhando

através dos seus óculos molhados pela chuva, Harry reconheceu o barman que

trabalhava no outro pub de Hogsmeade, no Cabeça de Javali. Como Harry, Rony e

Hermione se aproximaram, o barman apertou sua capa com força ao redor do

pescoço e entrou, deixando o homem mais baixo mexendo em algo nos seus braços.

Eles estavam a poucos passos dele quando Harry percebeu quem o era o segundo

homem.

`Mundungus!'

O homem curvado sobre as pernas com um cabelo longo, bagunçado e de cor

avermelhada pulou e deixou cair uma mala velha, a qual abriu a força, mostrando o

que parecia ser todo o conteúdo de uma vitrine de

loja de porcarias.

Òh, Fala ai , Arry' disse Mundungus fletcher, com a mais não convincente ar de

animação. `Bem, não me deixe mante você. E ele começou a pegar do chão todo o

conteúdo de sua mala parecendo desesperado para ir embora.

`Você está vendendo estas coisas?' perguntou Harry, vendo Mundungus agarrar

diversos objetos sujos pelo chão.

Òh, bem, eu preciso sobreviver,' disse Mundungus. `Me de isso!' Rony tinha parado e

pego algo prateado.

Èspera ai,' Rony disse devagar. Ìsto parece familiar'

Òbrigado'! disse Mundungus, agarrando a taça das mãos de Rony e colocando de

volta dentro da mala.

`Bem, eu vejo vocês por aí. UI!' Harry preso Mundungus contra a parede do pub pela

garganta. Segurando

ele rápido com uma mão, ele puxou sua varinha.

`Harry!' gritou Hermione.

`Você roubou isso da casa de Sirius', disse Harry, que estava quase cara a cara com

Mundungus e estava exalava um cheiro desagradável de fumo e

bebida. Ìsto tem o

brasão da família Black gravado.'

Èu... não... o quê?' disse Mundungus com dificuldade, que estava se tornado roxo

aos poucos.

Ò que você fez, voltou na noite em que ele morreu e limpou a casa?' gritou Harry

com fúria.

Èu... não...'

`Dá isso aqui!'

`Harry, você não faça isso!' implorou Hermione, quando Mundungus começou a ficar

azul.

Houve um bang e Harry sentiu suas mãos voarem da garganta de Mundungus.

Engasgado e sussurrando, Mundungus agarrou sua mala caída no chão, e CRACK –

ele desaparatou.

Harry xingou alto, procurando desesperadamente para ver onde Mundungus tinha ido.

`VOLTA AQUI SEU LADRÃO!'

`Não não há razão para isso Harry.' Tonks tinha aparecido do nada, seu cabelo cor de

rato molhado com a nevasca.

`Mundungus já está em Londres a está hora. Não há porque ficar gritando.'

Èle esta roubando as coisas de Sirius! Roubando!'

`Sim, mais ainda,' disse Tonks, que parecia perfeitamente despreocupada com esta

informação. `Você deveria sair dessa friagem.' Ela vigiou eles passarem pela porta do

Três Vassouras.

No momento em que ele estava dentro, Harry arrombou, Èle esta roubando as coisas

de Sirius!'

"Eu sei, Harry, mas, por favor, não grite, as pessoas estão olhando", vendo Hermione.

"Vá e se sente, eu o pegarei uma bebida".

Harry ainda estava bufando quando Hermione voltou à mesa com três garrfas de

cerveja amanteigada.

"A Ordem não pode controlar Mundungus?" Harry perguntou a eles em um sussurro

furioso. "Eles não podem faze-lo parar de roubar as coisas que estão na sede?"

"Shh!" Disse Hermione desesperadamente, enquanto dava uma olhada para ter

certeza que ninguém estava escutando; havia um par de feiticeiros que estavam

sentadoss perto encarando Harry com grande interesse, e Zabini estava sentado

contra um pilar não muito longe. "Harry, eu também ficaria chateada, eu sei que são

suas coisas que ele está roubando—" Harry bebeu um gole da sua cerveja

amanteigada; ele tinha se esquecido momentaneamente que ele era dono do Largo

Grimauld 12.

"Sim, são minhas coisas!" Ele disse. "Não me surpreende que ele não gostou de me

ver! Bem, eu vou contar para Dumbledore, ele é o único que assusta Mundungo."

"Boa Idéia" sussurrou Hermione vendo Harry se acalmar. "Ron, o que você esta

pensando?"

"Nada", disse o Ron, enquanto olhando ao redor do bar, mas Harry soube que ele

estava observando a atraente atendente do bar, a Senhora Rosmerta, para quem ele

tinha uma queda há muito tempo.

"Eu acredito no 'nada' na parte de trás do balcão" disse rispidamente Hermione. Ron

ignorou, tomando um gole da bebida dele em o que ele considerou ser um silêncio

digno evidentemente. Harry estava pensando em Sirius, e como ele tinha odiado esse

cálice prateado de qualquer maneira. Hermione tamborilou seus dedos na mesa, os

olhos dela passando entre Ron e o bar. No momento em que Harry

deu o ultimo gole

na garrafa, ela disse "nós chamaremos isto de um dia e voltaremos para escola"?

O outro dois concordaram com a cabeça; não tinha sido uma viagem divertida e o

tempo estava ficando pior com o passar das horas. Novamente eles puxaram suas

capas ao redor deles, arrumaram os lenços deles, e colocaram suas luvas, Katie Bell

então seguido e uma amiga do bar seguiram pela Rua Alta. Os pensamentos de Harry

foram Gina enquanto eles caminhavam de volta a Hogwarts. Eles não tinham se

encontrado lá, provavelmente, pensou Harry, porque ela e Dino estavam dentro da

casa de Chá Madame Puddifoot, aquele lugar casais felizes. Fazendo careta, ele

inclinou sua cabeça contra o granizo e continuou andando.

Demorou um pouco até que Harry percebesse que as vozes atrás dele eram de Katie

Bell e sua amiga, com o vento as vozes tinham ficado mais estridentes e mais altas.

Harry piscou às figuras indistintas delas. As duas meninas estavam tendo uma

conversa sobre algo que Katie estava segurando na mão dela. "Não tem nada a ver

com você, Leanne!" Harry ouviu a Katie dizer.

Eles fizeram a curva na estrada, com o granizo caindo mais grosso e rápido,

embaçando os óculos de Harry. Da mesma maneira que ele levantou a mão para

esfregar, Leanne fez para agarrar o pacote que Katie estava segurando; Katie

arrastou isto para trás e o pacote caiu ao chão.

Imediatamente, Katie subiu no ar, não como tinha feito o Ron, comicamente suspenso

pelo tornozelo, mas graciosamente, os braços dela estendido, como se ela estava a

ponto de voar. Ainda havia algo errado, alguma coisa sinistra... O cabelo foi

chicoteado ao redor dela pelo vento feroz, mas os olhos dela estavam fechados e a

face dela estava sem expressão. Harry, Ron, Hermione, e Leanne ficaram parados no

rosto dela vendo.

Então, a seis pés do chão, Katie deixou sair um grito terrível. Os olhos dela se abriram

deixando mostrar que ela estava sentindo ou vendo, estava causando uma angústia

terrível. Ela gritou e gritou; Leanne começou a também gritar e agarrou os tornozelos

de Katie, tentando arrastar o dela atrás para o chão. Harry, Ron, e Hermione

apressaram-se para ajudar, mas quando eles agarraram as pernas de Katie, ela caiu

em cima deles; Harry e Ron conseguiram a segurar, porém ela estava se contorcendo

tanto que eles não agüentariam

muito. Então eles a colocaram no chão, onde ela gritava e se torcia, incapaz de

reconhecer qualquer um deles.

Harry olhou em volta; a paisagem parecia deserta. "Fique lá!" Ele gritou aos outros em

cima do vento uivante. "Eu vou chamar ajuda!". Ele começou a correr para a escola;

ele nunca tinha visto alguém se comportar como Katie há pouco tinha se comportado

e não pôde pensar o que tinha causado isto; ele fez a curva ao redor da estrada e

colidiu com o que parecia ser um urso enorme.

"Hagrid!" Ele arquejou, enquanto se desembaraçava da cerca viva na qual ele tinha

caído.

"Harry!" Disse Hagrid que tinha granizo até nas sobrancelhas, e estava usando o

grande, felpudo casaco de pele de castor dele. Eu estava indo justamente visitar

Grawp ele esta aqui por perto.

"Hagrid, tem alguém machucado ou azarado lá—"

"Que?" Disse Hagrid, enquanto abaixando para ouvir o que Harry tentava dizer com o

vento.

"Alguém foi azarado" Harry gritou.

"Azarado? Quem foi azarado? —Ron? Hermione?"

"Não, não são eles, é Katie Bell—por aqui..."

Junto eles correram ao longo da pista. Não foi difícil achar o pequeno grupo das

pessoas ao redor de Katie que ainda estava se torcendo e estava gritando no chão;

Ron, Hermione, e Leanne eram os únicos tentando acalma-la.

"Saiam dai!" gritou Harry, "deixe-me vê-la"

"Aconteceu alguma coisa com ela!" chorou Leanne. "Eu não sei o que —" Hagrid

encarou Katie durante um segundo, então sem uma palavra, abaixou, a pegou no

colo, e correu para o castelo com ela. Dentro de

segundos, os gritos de Katie que perfuravam o vento se extinguiram.

O Hermione apressou-se sobre a amiga de Katie e pôs o braço ao redor dela.

"Você é Leanne, não é?” A menina confirmou com a cabeça. "Isso aconteceu de

repente, ou—?"

"Foi quando aquele pacote rasgou", chorou Leanne, enquanto apontava pacote de

papel marrom encharcado no chão, no qual aberto revelava um resplendor

esverdeado. Ron se ajoelhou, esticando a mão, mas Harry agarrou o braço dele e o

retirou.

"Não toque!" Ele se agachou. Um colar de opala era visível, ressaltado sobre o papel.

"Eu já o vi antes" disse Harry, olhando a coisa. "Estava à mostra em Borgin e Burkes

anos atrás. A embalagem foi amaldiçoada. Katie deve ter tocado". Ele olhou para

Leanne que tinha começado a tremer

incontrolavelmente. "Como Katie conseguiu isto?"

"Bem, isso é por isso que nós estávamos discutindo. Ela saiu do banheiro no Três

Vassouras segurando isto, disse que era um prêmio surpresa para alguém em

Hogwarts e ela tinha que entregar. Ela parecia toda engraçada quando disse isto... Oh

não, oh não, eu aposto que ela sofreu a maldição Imperius e eu não percebi!"

Leanne tremeu com soluços renovados. Hermione bateu levemente o ombro dela

suavemente.

"Ela não disse quem deu isto a ela, Leanne"?

"Não... ela não me falaria... e eu disse que ela estava sendo estúpida e em levar isto a

escola, mas não escutava e... e então eu tentei tirar isto dela... e—e—" Leanne

deixou sair uma lagrima de desespero.

"É melhor irmos para escola" disse Hermione, o braço dela ainda ao redor de Leanne.

"Nós poderemos descobrir como ela esta. Venha..."

Harry hesitou para um momento, então puxou o lenço dele ao redor do rosto e,

ignorando o suspiro de Ron, cuidadosamente enrolou o colar nisto e o apanhou.

"Nós precisaremos mostrar para Madame Pomfrey," ele disse. Como eles seguiram

Hermione e Leanne estrada a cima, Harry estava pensando furiosamente. Eles tinham

acabado de entrar, quando Harry não segurou seus pensamentos. "Malfoy sabe sobre

este colar. Estava em uma mala quatro anos atrás na Borgin e Burkes, eu o vi

mantendo o olhar nele enquanto eu me escondia dele e de seu pai. Isto é o que ele

estava comprando aquele dia quando nós o seguimos! Ele se lembrou e voltou para

isto!"

"Eu—eu não sei, Harry," disse o Ron indecisamente. "Várias pessoas vão a Borgin e

Burkes... e aquela menina não disse que Katie adquiriu isto no banheiro das

meninas?"

"Ela disse que ela voltou do banheiro com isto, ela necessariamente não adquiriu isto

no próprio banheiro—"

"McGonagall!", chamou Ron desesperadamente.

Harry observou. Certamente, Professora McGonagall estava indo aos degraus para

encontrar com eles.

"Hagrid disse que vocês quatro viram o que aconteceu com Katie Bell —subam ao

meu escritório, por favor! O que é que você está segurando, Potter?"

"É a coisa que ela tocou" disse Harry.

"Bom Deus" disse Professora McGonagall, parecendo assustada quando o viu o colar

com Harry. "Não, não, Filch, eles estão comigo!" Ela acrescentou apressadamente,

quando Filch veio arrastando avidamente

pelo corredor de entrada o Sensor de Segredo dele. "Leve este colar imediatamente

ao Professor Snape, mas não toque nisto, mantenha embrulhado no lenço!"

Harry e os outros seguiram Professora McGonagall escada acima até o escritório

dela. As janelas estavam respingadas de granizo tagarelando nas armações delas, e

o quarto estava frio apesar da crepitação de fogo na lareira. Professora McGonagall

fechou a porta e sentou na escrivaninha ao estar em frente de Harry, Ron,

Hermione, e o Leanne ainda chorando.

"Bem?" Ela disse nitidamente. "O que aconteceu?"

Devagar e com muitas pausas enquanto ela tentava controlar o choro, Leanne contou

para Professora McGonagall como Katie tinha entrado para o banheiro nos Três

Vassouras e tinha voltado com o pacote sem

marca, como Katie estava estranha, e como elas tinham discutido sobre concordar em

entregar o objeto desconhecido, no momento em que a parte de cima do pacote

rasgou e abriu. Neste momento, Leanne

superou não havia mais nenhuma palavra saindo de sua boca.

"Certo" disse Professora McGonagall, delicadamente, "suba a ala hospitalar, por favor,

Leanne, e peça para Madame Pomfrey lhe dar algo para o choque."

Quando ela tinha deixado o quarto, Professor McGonagall voltou a Harry, Ron, e

Hermione.

"O que aconteceu quando a Katie tocou o colar?"

"Ela subiu no ar" disse o Harry, antes de Ron ou Hermione responder "e então

começou a gritar, e se caiu. Professora, eu posso ver Professor Dumbledore, por

favor?"

"O diretor está fora até segunda-feira, Potter", disse Professora McGonagall,

parecendo surpresa.

"Fora?" Harry repetiu.

"Sim, Potter, fora!" Disse Professor McGonagall. "Mas qualquer coisa você tem que

dizer sobre este acontecimento horrível pode dizer a mim, eu lhe garanto!"

Por uma fração de segundo Harry exitou. Professora McGonagall não convidou a

fazer confidencias; Dumbledore, entretanto em formas mais intimidadoras, ainda

parecia desprezar uma teoria menos provável,

porém selvagem. Esta era uma questão de vida-ou-morte, entretanto, e não tinha de

se importar se iria rir dele. Eu acho que Draco Malfoy deu o colar a Katie, Professora".

Em um lado, Ron esfregou o nariz dele em um embaraçamento aparente; no outro,

Hermione arrastou os pés dela como se bastante um pouco de distância entre ela e

Harry.

"Isso é uma acusação muito séria, Potter" disse Professora McGonagall, depois de

uma pausa chocada. "Você tem alguma prova?"

"Não" disse Harry, "mas..." e ele lhe falou sobre Malfoy na para Borgin e Burkes e a

conversa que eles ouviram entre ele e Sr. Borgin Quando ele tinha terminado a frase,

Professora McGonagall olhou ligeiramente confusa.

"Malfoy levou algo a Borgin e Burkes para conserto?"

"Não, Professora, ele queria que Borgin lhe contasse como reparar algo, ele não teve

como fazer isso. Mas isso não é o ponto, a coisa é que ele comprou algo ao mesmo

tempo, e eu acho que era aquele colar—"

"Você viu Malfoy deixar a loja com um pacote semelhante?"

"Não, Professora, ele disse para Borgin que mantivesse isto na loja para ele—"

"Mas Harry" Hermione interrompeu, "Borgin lhe perguntou se ele queria levar isto, e

Malfoy disse não—"

"Porque ele não quis tocar nele, obviamente!" Disse Harry furiosamente.

"O que ele disse na verdade foi 'Como eu levaria isso rua abaixo?'" Disse Hermione.

"Bem, ele ficaria um pouco estranho levando o colar" interrompeu Ron."Oh, Ron"

Hermione desesperando, "seria tudo embrulhado, assim ele não teria que tocar isto, e

é bastante fácil esconder dentro de uma capa, assim ninguém veria! Eu acho que ele

reservou a Borgin e Burkes era barulhento ou volumoso, algo que ele soube que

chamaria atenção se ele levasse — e em todo caso", ela pressionou altamente, antes

que Harry pudesse interromper, "eu perguntei para Borgin pelo colar, você não se

lembra? Quando eu entrei tentar e descobrir o que Malfoy tinha lhe pedido que

mantivesse, eu vi isto lá. E Borgin há pouco me falou o preço, ele não disse que já

estava vendido ou qualquer coisa—"

"Bem, você estava sendo realmente óbvia, ele percebeu quem você era em cinco

segundos, claro que ele não ia lhe falar—de qualquer maneira, Malfoy poderia ter

pegado isso depois—"

"Isso é bastante!" Disse Professora McGonagall, quando Hermione abriu a boca para

replicar, parecendo furiosa. "Potter, eu agradeço por me contar isto, mas nós não

podemos acusar de culpa a Sr. Malfoy puramente porque ele visitou a loja onde este

colar poderia ter sido comprado. Centenas de pessoas poderiam fazer isto!"

"—foi o que eu disse—" murmurou Ron.

"—e em todo caso, nós pusemos segurança estrita este ano. Eu não acredito que o

colar poderia ter entrado na escola sem nosso conhecimento—"

"Mas—"

"—e mais" disse Professor McGonagall, com um ar de finalidade terrível" Sr. Malfoy

não estava em Hogsmeade hoje." O Harry ficou boquiaberto.

"Como você sabe, Professora?"

"Porque ele estava fazendo detenção comigo. Ele deixou de fazer as lições de

transfiguração por duas semanas. Então, obrigado por me contar suas

suspeitas,

Potter" ela disse e marchou além deles "preciso subir a ala hospitalar agora para

inspecionar Katie Bell. Bom dia para todos vocês." Ela segurou a porta do escritório

aberta. Eles não tiveram escolha a não ser sair sem dizer mais nada.

Harry estava bravo com os dois por apoiar McGonagall; não obstante, ele sentia

compelido por ter que participar de mais uma discussão deles sobre o ocorrido.

"Então, quem você acha que pode ter dado o colar para Katie?" Ron perguntou,

enquanto eles subiam os degraus até o salão comunal.

"Só Deus sabe", disse Hermione. "Mas quem quer que fosse teve uma fuga estreita.

Ninguém poderia ter aberto aquele pacote sem tocar o colar."

"Poderiam ser muitas pessoas" disse Harry. "Dumbledore—os Comensais de Morte

adorariam se livrar dele, ele deve ser um dos principais alvos deles. Ou Slughorn—

Dumbledore realmente acha que Voldemort o

quis e eles gostaram que ele apoiasse Dumbledore. Ou—"

"Ou você" disse Hermione, parecendo preocupado.

"Não poderia ser" disse Harry, "ou Katie teria se virado no caminho e teria dado isto a

mim, não teria? Eu estava atrás dela todo caminho do Três Vassouras. Faria mais

sentido me entregar o pacote fora de Hogwarts, com Filch procurando todo mundo em

que vai e fora. Eu queria saber por que Malfoy lhe disse que levasse isto no castelo?"

"Harry, Malfoy não estava em Hogsmeade!" Disse Hermione batendo o pé de

frustração.

"Ele deve ter usado um cúmplice, então", disse Harry. "Crabbe ou Goyle—ou,

pensando assim, outro Comensal de Morte, ele terá comparsas melhores que Crabbe

e Goyle agora que se uniu a eles—"

O Ron e Hermione trocaram olhares que para não discutir com ele.

'Dilligrout" disse Hermione firmemente quando chegaram a Senhora Gorda. O retrato

balançou abrindo para o salão comunal. Estava bastante cheio e cheirando roupa

úmida; muitas pessoas pareciam ter voltado cedo de Hogsmeade por causa do tempo

ruim. Não havia nenhum barulho de medo ou especulação, porém: Claramente, as

notícias de Katie não tinham ainda se espalhado.

"Não foi um ataque muito firme, quando você pára e pensa nisto" disse Ron,

empurrando casualmente um dos alunos do primeiro ano para que pudesse se sentar

em frente ao fogo. "A maldição nem mesmo se

fez no castelo, não é o que você chamaria de infalível"

"Você tem razão" disse Hermione, cutucando Ron para fora da poltrona com o pé dela

e oferecendo novamente ao aluno do primeiro ano. "Não foi muito bem pensamento."

"Mas desde quando Malfoy foi um dos grandes pensadores do mundo? Harry

perguntou".

Nem Ron nem Hermione lhe responderam.

Capítulo 13: O Segredo de Riddle

No dia seguinte, Katie foi levada para o Hospital St. Mungus para Acidentes e Danos

Mágicos e em pouco tempo a notícia que ela tinha sido enfeitiçada tinha se espalhado

por toda a escola. Entretanto, os detalhes estavam confusos e ninguém além de

Harry, Ron, Hermione e Leanne pareciam saber que a própria Katie não tinha sido o

objetivo principal.

" Oh, e Malfoy sabe, claro," Harry disse para Ron e Hermione que continuaram a nova

política de fingir surdez sempre que Harry mencionava a teoria dele

de Malfoy ser um

Comensal da Morte.

Harry gostaria de saber se Dumbledore voltaria de onde quer que ele tenha ido, a

tempo da lição de segunda-feira à noite, mas não tendo nenhuma palavra ao

contrário, ele se apresentou do lado de fora do escritório de Dumbledore, às oito,

bateu e o mandaram entrar. Lá, Dumbledore estava sentado com um olhar

incomumente cansado; a mão dele estava negra e queimando como sempre, mas ele

sorriu quando gesticulou a Harry para se sentar. A Penseira estava novamente sobre

a escrivaninha, lançando brilhos prateados de luz no teto.

" Você esteve ocupado enquanto eu estive fora, " Dumbledore disse. " Eu acredito que

você testemunhou o acidente de Katie".

" Sim, senhor. Como ela está?

" Ainda muito indisposta, embora tenha tido relativamente sorte. Ela parece ter

escovado o colar temendo a menor possibilidade de descascar; havia um buraco

minúsculo na luva dela.

Se ela tivesse colocado ele ou, até mesmo, segurado isto na mão dela sem luvas, ela

teria morrido, talvez imediatamente. Afortunadamente, o Professor Snape pôde fazer

bastante para prevenir uma expansão rápida da maldição -"

" Por que ele "? perguntou Harry depressa. " Por que não a Madame Pomfrey "?

" Impertinente, " disse uma voz suave de um dos retratos na parede e Phineas

Nigellus Black, o tataravô de Sirius, elevou a cabeça dos braços onde ele tinha

parecido estar dormindo. " Eu não teria permitido um estudante questionar o modo de

Hogwarts operar nos meus dias ".

" Sim, obrigado, Phineas, " disse Dumbledore penosamente. " Professor Snape sabe

muito mais sobre as Artes das Trevas que Madame Pomfrey, Harry. De qualquer

maneira, o pessoal do St. Mungus está me enviando relatórios de hora em hora, e eu

tenho esperanças que Katie tenha uma recuperação completa em pouco tempo ".

“ Onde esteve essa semana, senhor?” Perguntou Harry, desconsiderando o forte

sentimento que poderia estar testando a sorte dele, um sentimento aparentemente

compartilhado por Phineas Nigellus que assobiou suavemente.

“Eu não direi tudo agora”, disse Dumbledore. “Entretanto, lhe contarei em partes,

claro”.

“Contará?” perguntou Harry, assustado.

“Sim, eu espero que sim”, disse Dumbledore retirando vários fios prateados de

memória de dentro de sua têmpora com a ponta da varinha.

“Senhor”. disse Harry experimentalmente. “Eu encontrei Mundugus em Hogsmeade”.

“Há sim, já estou atento que Mundugus tem tratado sua herança com um leve toque

de cobiça”. disse Dumbledore um pouco carrancudo. “Ele seguiu você desde que você

o abordou fora do Três Vassouras; Eu realmente penso que ele tem medo de ficar

frente a frente comigo. Entretanto, descansa seguro que não irá se desfazer de

nenhuma das velhas posses de Sirius.”

“Aquele velho mestiço ranhoso tem roubado a herança dos Black?” Disse Phineas

Nigellus, extravagante; deslocando-se lateralmente do seu quadro, decisivamente

para visitar seu quadro em Grimmauld Place, número 12.

“Professor”, disse Harry após uma pequena pausa, “A professora McGonagall lhe

falou o que eu contei a ela depois de Katie ser atacada? Sobre Draco Malfoy?”.

“Ela me contou sobre suas suspeitas, sim.” disse Dumbledore.

“E o senhor-?”

“Eu devo tomar todas as medidas apropriadas para investigar qualquer um que possa

ter posto a mão no acidente de Katie”, disse Dumbledore. “Mas o que me preocupa

agora, Harry, é a nossa lição”.

Harry sentiu-se ressentido com isso: Se essas lições fossem assim tão importantes,

porque houve um grande espaço de tempo entre a primeira e a segunda? Entretanto,

ele não falou nada mais sobre Draco, mas assistiu Dumbledore colocando

pensamentos recentes na Penseira e os mesmos recomeçando a rodopiar na bacia

de pedra, mais uma vez, Dumbledore a segurava entre suas mãos de dedos longos.

“Você lembrará, estou certo, do nosso último conto sobre o começo de Lord

Voldemort, no ponto onde o bonito trouxa, Tom Riddle, tinha abandonado sua esposa

bruxa, Merope, e retornou para a casa de sua família em Little Hangleton. Merope foi

esquecida em Londres, esperando um bebê que um dia se tornaria, Lord Voldemort”.

" Como você sabe que ela estava em Londres, senhor "?

" Por causa da evidência de Caractacus Burke," disse Dumbledore " que, por uma

estranha coincidência, ajudou a achar a mesma loja onde veio o colar sobre o qual

nós discutimos a pouco".

Ele remexeu o conteúdo da Penseira como Harry tinha o visto fazer antes, mais como

um garimpeiro peneirando por ouro. Por cima da superfície, a massa prateada

subindo um pouco, o velho homem revolvendo lentamente na Penseira, prateado

como um fantasma, mas muito mais sólido, com uma mecha de cabelo cobrindo

completamente os olhos dele.

" Sim, nós adquirimos isto em circunstâncias curiosas. Foi trazido por uma jovem

bruxa antes do Natal, oh, há muitos anos atrás. Ela disse que precisava do ouro, bem,

mas isso era óbvio. Coberta com trapos e bem longe de bonita. . . Esperando um

bebê, veja. Ela disse que o medalhão tinha sido de Slytherin. Bem, nós ouvíamos

aquele tipo de história todo o tempo, ' Oh, isto era de Merlim, está era a chaleira

favorita dele, ' mas quando eu olhei, a marca dele estava certa, e alguns feitiços

simples eram o bastante para eu saber a verdade. Claro que, isso o fez bastante

precioso. Ela não parecia ter qualquer idéia quanto ao preço. Feliz por receber dez

Galeões por isso. Foi a melhor pechincha que nós fizemos "!

Dumbledore deu a penseira uma remexida mais vigorosa e Caractacus Burke desceu

através da massa de memória rodante de onde ele tinha vindo.

" Ele só lhe deu dez Galeões "? disse Harry indignado.

" Caractacus Burke não era afamado para a generosidade dele”, Dumbledore disse. "

Assim nós soubemos que, próximo ao fim da gravidez dela, Merope estava só em

Londres, passando necessidade e desesperada por ouro, desesperada o bastante

para vender seu único e mais valioso bem, o medalhão que era uma herança da

família Marvolo.

" Mas ela poderia fazer magia "! disse Harry impaciente. " Ela poderia ter comida e

tudo para ela por magia, não é "?

" Ah, "Dumbledore disse, " talvez ela pudesse. Mas eu acredito, estou adivinhando

novamente, mas estou seguro que tenho razão - que quando o marido dela a

abandonou, Merope deixou de usar magia. Eu penso que ela não quis ser mais uma

bruxa. Claro que, também é possível que a rejeição do amor dela e o desespero

ajudaram a bloquear os poderes dela; isso pode acontecer. Em todo caso, como você

pode ver, Merope recusou a usar a varinha dela até mesmo para salvar a própria vida

".

" Ela não iria viver nem mesmo pelo filho dela"?

Dumbledore ergueu as sobrancelhas. "Você poderia estar sentindo pena de Lorde

Voldemort "?

" Não", Harry disse depressa, " mas ela teve uma escolha, ela não fez, não foi como

minha mãe -"

" Sua mãe teve uma escolha também," Dumbledore disse com suavidade. " Sim,

Merope Riddle escolheu morrer apesar do filho que precisava dela, mas não a julgue

muito severamente, Harry. Ela estava muito debilitada por muito tempo de sofrimento

e ela nunca teve a coragem de sua mãe. E agora, se você me acompanhar..."

" Onde nós vamos "? Harry perguntou, quando Dumbledore se uniu à frente da

escrivaninha.

" Neste tempo," Dumbledore disse, " nós vamos entrar em minha memória. Eu acho

que você encontrará detalhes ricos e satisfatoriamente precisos. Depois de você,

Harry..."

Harry se agachou para a Penseira; a face dele quebrou a superfície lisa da memória e

então ele estava caindo pela escuridão novamente. . . . Segundos depois, os pés dele

bateram em solo firme; ele abriu os olhos e achou que ele e Dumbledore estavam

numa antiquada e movimentada rua de Londres.

" Lá estou eu", disse Dumbledore alegremente apontando à frente deles para uma

figura alta que cruzava a rua na frente de uma carrocinha de leiteiro.

Um mais jovem Alvo Dumbledore de cabelo longo e barba ruiva. Tendo alcançado o

lado deles na rua, ele subiu para o passeio e ganhou muitos olhares curiosos devido

ao terno vistoso de corte de veludo cor de ameixa que ele estava usando.

" Terno discreto, senhor," Harry disse, antes que conseguisse evitar, mas Dumbledore

somente riu quando eles seguiram a versão mais jovem dele a uma pequena distância

e atravessaram um portão duplo de ferro, finalmente entrando num pátio vazio e

quadrado em frente a um edifício muito feio, cercado de grades altas. Ele subiu alguns

degraus até à porta dianteira e bateu uma vez. Depois de um momento ou dois, a

porta foi aberta por uma menina desprezível usando um avental.

"Boa tarde. Eu tenho um compromisso com a Sra. Cole que, eu acredito, é a

encarregada aqui "?

" Oh, " disse a menina com um olhar confuso olhando a aparência excêntrica de

Dumbledore. " Um. . só um mo'. . . SRA. COLE "! ela gritou por cima do ombro dela.

Harry ouviu uma voz distante gritando algo em resposta. A menina deixou

Dumbledore entrar. " Entre, ela virá ao seu encontro.”

Dumbledore pisou num corredor ladrilhado preto e branco; o lugar inteiro era velho,

mas muito limpo. Harry e o Dumbledore mais velho o seguiram. Antes que a porta

dianteira tivesse fechado atrás deles, uma mulher fraca, de olhar hostil veio correndo

até eles. Ela tinha um rosto comprido que aparecia mais ansioso que indelicado,

estava discutindo sobre o ombro com outro ajudante de avental, ela caminhou junto a

Dumbledore.

“.. e levou o iodo para Martha, Billy Stubbs estava tirando a casca de suas feridas e

Eric Whalley estava sujando todo o seu lençol – E além de tudo, ainda tem a

catapora,” ela não falava para ninguém em particular, então ela pôs seus olhos em

Dumbledore e parou mortificada com seus passos.

“Boa Noite,” disse Dumbledore oferecendo-lhe a mão. A sra. Cole ficou de queixo

caído.

“Meu nome é Alvo Dumbledore. Eu lhe mandei uma carta pedindo um encontro e você

amavelmente me convidou aqui hoje”.

A sra. Cole piscou. Aparentemente decidindo que Dumbledore não era uma

alucinação, ela disse fracamente, “Ah sim, bem – bem então – seria melhor você vir

ao meu quarto. Sim.”

Ela conduziu Dumbledore a um pequeno quarto que parte parecia uma Sala de Estar,

a outra parte um escritório. Era tão miseráveis quanto o corredor e a mobília era velha

e acabada. Ela convidou Dumbledore a se sentar em uma cadeira raquítica, sentando

ela mesma atrás de uma escrivaninha atravancada, olhando para ele nervosamente.

“Estou aqui, como eu lhe falei em minha carta, para discutir sobre Tom Riddle e os

planos para o seu futuro,” disse Dumbledore”

“Você é da família?” perguntou Sra Cole.

“Não, sou um professor,” disse Dumbledore. “ Vim aqui para oferecer a Tom um lugar

em minha escola.

“Que escola é, então?”

“Ela se chama Hogwarts,” disse Dumbledore.

“Então por que o senhor está tão interessado em Tom?”

“Nós acreditamos que ele tem qualidades que estamos procurando.”

“Você quer dizer que ele ganhou uma bolsa escolar? O que ele fez pra isso? Ele

nunca conseguiu uma.”

“Bem, o nome dele foi gravado em nossa escola no momento em que ele nasceu-“

“Quem o registrou? Os pais dele?”

Não havia nenhuma dúvida que a Sra. Cole era uma inconvenientemente uma mulher

cortante. Aparentemente, Dumbledore também pensou, pois Harry o viu retirar a

varinha para fora do bolso do terno aveludado dele, retirando, ao mesmo tempo, um

pedaço de papel perfeitamente em branco de cima da escrivaninha da Sra. Cole.

" Aqui", disse Dumbledore , que movimentou a varinha dele uma vez quando ele

passou o pedaço de papel para ela, " eu penso que isto deixará tudo claro ".

Os olhos da Sra.Cole saíram fora de foco e ela contemplou atentamente ao papel em

branco por um momento.

" Isso parece estar perfeitamente em ordem, " ela disse calmamente e devolvendo o

papel. Então, os olhos dela caíram em uma garrafa de gim e dois copos que

certamente não estavam ali alguns segundos antes.

" Er - eu posso lhe oferecer um copo de gim "? ela disse em uma voz

refinada.

" Muito obrigado", Dumbledore disse radiante.

Ficou logo claro que a Sra. Cole não era nenhuma principiante quando pegou a

garrafa para beber. Virando uma dose generosa para ambos eles, ela pegou o próprio

copo para um trago. Estalando os lábios dela francamente, ela sorriu pela primeira vez

a Dumbledore, e ele não vacilou em tirar vantagem disso.

" Eu gostaria de saber se você poderia me contar qualquer coisa da história de Tom

Riddle? Eu penso que ele nasceu aqui no orfanato "?

" Isso é certo, " disse a Sra. Cole se servindo de mais gim. " Eu me lembro disto

claramente, como qualquer coisa, porque eu havia começado aqui a pouco. Era

véspera do ano novo, mais amargamente frio, nevando, você sabe. Noite horrível. E,

esta menina, não muito mais velha que eu era na ocasião, veio cambaleando nos

degraus dianteiros. Bem, ela não foi a primeira. Nós a alojamos e ela teve o bebê em

uma hora. E ela estava morta na outra hora ". Sra. Cole cambaleou e tomou outro

trago generoso de gim.

Ela disse qualquer coisa antes de morrer "? perguntou Dumbledore. " Qualquer coisa

sobre o pai do menino, por exemplo "?

" Agora, como acontece, ela disse, " disse a Sra. Cole que parecia estar desfrutando

bastante agora do gim na mão dela e uma audiência ansiosa pela história. " Eu me

lembro que ela disse para mim, ' eu espero que ele se pareça com o pai dele, ' e eu

não mentirei, ela tinha razão em esperar isto, porque ela não era nenhuma beleza - e

então ela me falou que ele seria chamado Tom, como o pai dele, e Marvolo, como o

pai dela - sim, eu sei, nome engraçado, não é? Nós desejamos saber se ela veio de

um circo - e ela disse que o sobrenome do menino devia ser Riddle. E ela morreu em

seguida sem outra palavra.

“Bem, nós o nomeamos da maneira que ela nos disse, parecia tão importante para a

pobre menina, mas nem Tom, nem Marvolo, muito menos Riddle vieram procurando

por ele, nem nenhuma família, então, ele veio para o orfanato e tem estado aqui

desde então.”

Ela se serviu, quase se preparando, para outra saudável dose de gim. Ela corara.

Então ela disse, “Ele é um garoto engraçado”.

“Sim”, disse Dumbledore. “Eu achei que ele poderia ser.”

"Ele era um bebê engraçado também. Era muito difícil ele chorar, você sabe. Então,

quando ele envelheceu ele ficou...estranho."

" Estranho de que modo?" perguntou Dumbledore gentilmente.

"Bem, ele-" Mas Sra. Cole parou de repente, e não havia nada obscuro ou vago sobre

o olhar de inquisitorial que ela atirou em Dumbledore em cima do copo de gim dela.

"Ele definitivamente tem um lugar na sua escola, não é?"

"Definitivamente", disse Dumbledore.

"E há nada que eu diga que possa reverter essa situação?"

"Não," disse Dumbledore"

"Você vai leva-lo embora, certo?"

"Certo", repetiu Dumbledore gravemente.

Ela piscou, olhando pra ele, decidindo se confiaria nele ou não. Aparentemente ela

decidiu que confiaria, pois ela disse em uma pressa súbita, "Ele assusta as outras

crianças."

"Você acha que ele está perturbado? perguntou Dumbledore.

"Eu acho que ele deva estar," disse Sra. Cole, sendo ligeiramente carrancuda, "Mas é

muito difícil pegá-lo no ato. Houveram incidentes... coisas sórdidas..."

Dumbledore não a pressionou, embora o Harry pudesse jurar que ele estava

interessado. Ela ainda levou bebeu outro gole de Gim e as bochechas róseas dela

ficaram ainda mais róseas.

O coelho de " Billy Stubbs. . . bem, o Tom disse que ele não fez isto e eu não vejo

como ele pôde fazer, mas mesmo assim, o coelho não se pendurou nas vigas, se

pendurou?”

" Eu não deveria pensar assim, não," Dumbledore disse baixinho.

" Mas eu sou uma dançarina se eu sei como ele conseguiu fazer isto lá. Tudo que eu

sei é que ele e Billy tinham discutido um dia antes. E então " - a Sra. Cole tomou outro

gole de gim que espirrou um pouco no queixo dela este momento - " na excursão de

verão - nós os levamos para sair, você sabe, uma vez por ano, para a zona rural ou

para o litoral - bem, Amy Benson e Dennis Bishop nunca estavam totalmente certos

depois e tudo que nós sabemos deles é que eles tinham entrado em uma caverna

com Tom Riddle. Ele jurou só ter ido explorar, mas algo aconteceu lá, eu estou segura

disto. E, bem, houve muitas coisas, coisas engraçadas. . . ." Ela deu uma olhada

novamente a Dumbledore, e embora as bochechas dela estivessem enxaguadas, o

olhar dela era fixo. " Eu não acho que muitas pessoas ficarão tristes em vê-lo pelas

costas ".

" Você entende, eu estou certo, que nós não o estaremos mantendo

permanentemente "? disse Dumbledore. " Ele terá que voltar aqui, pelo menos, todos

os verões ".

" Oh, bem, isso é melhor que um golpe no nariz com uma soqueira enferrujada." disse

a Sra. Cole com um soluço. Ela trocou os pés e Harry ficou impressionado por ver que

ela estava bastante segura, embora já tivessem sido dois terços da garrafa de gim

agora. " Eu suponho que você gostaria de vê-lo?

" Muito," disse Dumbledore subindo.

Ela o conduziu para fora do escritório e subindo os degraus de pedra, dando

instruções e advertências aos ajudantes e crianças pelos quais ela passou. Os órfãos,

Harry viu, estavam todos usando o mesmo tipo de túnica cinzenta. Eles pareciam

razoavelmente bem, mas não havia nenhum dúvida que este era um lugar horrendo

no qual crescer.

" Aqui estamos nós, " disse a Sra. Cole, quando eles viraram e pararam ao lado de

fora da primeira porta em um longo corredor. Ela bateu duas vezes e

entrou.

" Tom? Você tem uma visita. Este é Sr. Dumberton – ou melhor, Dunderbore. Ele veio

lhe falar - bem, eu o deixarei fazer isto ".

Harry e os dois Dumbledores entraram no quarto, e a Sra. Cole fechou a porta atrás

deles. Era um quarto vazio e pequeno com nada mais que um guarda roupa velho e

uma cama de armar de ferro. Um menino estava sentando em cima das mantas

cinzas, as pernas dele esticadas para fora e segurando um livro.

Não havia nenhum sinal dos 'Gaunts' na face de Tom Riddle. Merope agonizante teve

seu desejo realizado: Ele era bonito como pai mais jovem, alto para onze anos ,

cabelos escuros e pálido. Os olhos dele estreitaram ligeiramente com o aparecimento

excêntrico de Dumbledore. Houve o silêncio por um momento.

"Como você está, Tom ?" disse Dumbledore, caminhando para frente e oferecendo a

mão a ele.

O garoto hesitou, então levado isto, eles apertaram as mãos. Dumbledore preparou a

cadeira de madeira dura ao lado de Riddle, então de forma que o olhou bastante

como um paciente de hospital e visita.

“Eu sou o Professor Dumbledore.”

“Professor?,” repetiu Riddle. Ele parecia cauteloso. “ É como Médico? O que está

fazendo o que aqui? Ela o deixou entrar para poder me examinar.” Ele estava

apontando à porta pela qual Sra. Cole a pouco tinha partido.

“Não, não,” disse Dumbledore, sorrindo.

“Eu não acredito em você,” disse Riddle. “Ela quer que eu seja examinado, não quer?

Fale a verdade!”

Ele falou as últimas três palavras com uma força tocante, que soaram quase como um

trovão. Ele era como um comandante pois essas últimas três palavras soaram como

se ele tinha feito isto muitas vezes antes. Suas pupilas se alargaram e cintilaram na

direção de Dumbledore, que não formulou resposta alguma, apenas continuou

sorrindo agradavelmente. Depois de alguns segundos, Riddle parou de olhar

fixamente, entretanto, ele olhava para tudo muito cauteloso.

“Quem é você?”

“Eu já lhe disse. Meu nome é Professor Dumbledore e eu trabalho em uma escola

chamada Hogwarts. Eu venho para oferecer-lhe uma vaga na minha escola – sua

nova escola, se você quiser vir”.

A reação de Riddle foi surpreendente. Saltou da cama, para ficar longe de

Dumbledore, parecia furioso.

“Você não conseguirá me enganar. Do Asilo, é de onde você é. ‘Professor,’ sim, claro

– bem, eu não vou, viu? Aquele gato velho, ele sim deveria estar no Asilo. Eu nunca

fiz qualquer coisa a pequena Amy Benson ou Dennis Bishop, e você pode lhes

perguntar, eles lhe falarão!”

“Eu não sou do Asilo,” disse Dumbledore pacientemente. “ Eu sou professor e se você

se sentar calmamente, eu lhe falarei mais sobre Hogwarts. Claro, se você não decidir

ir para a escola, ninguém lhe forçará-“

" Eu gostaria de vê-los tentar, " zombou Riddle.

" Hogwarts, " Dumbledore disse como se não tivesse ouvido as últimas palavras de

Riddle, " é uma escola para pessoas com habilidades especiais -"

" Eu não sou louco "!

" Eu sei que você não está louco. Hogwarts não é uma escola para pessoas loucas. É

uma escola de magia ".

Houve silêncio. Riddle ficou gelado, a face inexpressiva, mas os olhos dele estavam

indo de um olho para outro de Dumbledore, como se tentasse pegar um deles

mentindo. "Magia "? ele repetiu em um sussurro.

"É" disse Dumbledore.

" É. . é magia, o que eu posso fazer "?

" O que é que você pode fazer "?

" Todo tipo de coisas, "Riddle respirou. Um rubor de excitação estava se subindo pelo

pescoço e nas bochechas dele; ele olhou febrilmente. " Eu posso mover arquivos sem

os tocar. Eu posso fazer animais fazerem o que eu quero que eles façam, sem os

treinar. Eu posso fazer coisas ruins acontecer às pessoas que me aborrecem. Eu

posso lhes causar dor se eu quiser ".

As pernas dele estavam tremendo. Ele tropeçou e se sentou novamente na cama e

encarando as mãos dele, a cabeça curvada como se em oração.

" Eu soube que eu era diferente, " ele sussurrou aos próprios dedos que tremiam. " Eu

soube que eu era especial. Sempre, eu soube que havia algo ".

" Bem, você estava bastante certo", Dumbledore disse,já não estava sorrindo mas

olhando Riddle atentamente. " Você é um mago ".

Riddle ergueu a cabeça. A face dele estava transfigurada: Havia uma felicidade

selvagem nisto, contudo por alguma razão não melhorou a expressão dele; pelo

contrário, as características finamente esculpidas dele pareciam mais ásperas, de

alguma maneira, a expressão dele quase bestial.

"Você também é um mago? "

" Sim, eu sou ".

" Prove, " Riddle disse imediatamente, no mesmo tom dominante que tinha usado ele

quando ele tinha dito, " Conte a verdade ".

Dumbledore ergueu as sobrancelhas. " Se, eu fizer isto, você estará aceitando seu

lugar em Hogwarts -"

" Claro que eu vou "!

" Então você me tratará como ' Professor' ou ' o senhor. '"

A expressão de Riddle endureceu por um momento passageiro antes que ele

dissesse, em uma irreconhecível voz cortes, " Eu sinto muito, senhor. Eu quis dizer -

por favor, Professor, você poderia mostrar para mim -?"

Harry tinha certeza que Dumbledore ia recusar, que ele contaria a Riddle que haveria

bastante tempo para demonstrações práticas em Hogwarts, que eles estavam em um

edifício cheio de trouxas e deviam ser mais cautelosos. Para a grande surpresa dele,

porém, Dumbledore tirou a varinha do bolso interior da jaqueta do terno dele, apontou

para o guarda roupa no canto e deu com a varinha um estalido casual.

A guarda roupa explodiu em chamas.

Riddle saltou; Harry não o poderia culpar por quase uivar em choque e ira; todos seus

bens deviam estar lá. Mas quando Riddle se afastou de Dumbledore, as chamas

desapareceram e deixando o guarda roupa completamente intacto.

Riddle olhou do guarda roupa para Dumbledore; então, com uma expressão ávida, ele

apontou à varinha. " Onde eu posso adquirir uma dessas "?

" Tudo a seu tempo", Dumbledore disse. " Eu penso que há algo tentando sair de seu

guarda roupa ".

E, seguramente, uns ruídos baixos poderiam ser ouvidos de dentro dele. Pela primeira

vez, Riddle olhou assustado.

" Abra a porta", Dumbledore disse.

Riddle vacilou, então cruzou o quarto e abriu a porta de guarda roupa. Na prateleira

mais alta, sobre um monte de roupas puídas, estava balançando uma caixa de

papelão pequena e sacudindo tanto como se houvesse vários ratos frenéticos presos

dentro dela.

" Tire", Dumbledore disse.

Riddle tirou a caixa que tremia. Ele olhou nervoso.

" Há qualquer coisa naquela caixa que você não deveria ter "? perguntou Dumbledore.

Riddle lançou Dumbledore um longo, claro e calculista olhar. " Sim, eu acho que sim,

senhor, " ele disse finalmente, numa voz inexpressiva.

" Abra isto", Dumbledore disse.

Riddle abriu a tampa e virou o conteúdo sobre a cama dele sem os olhar. Harry, que

tinha esperado algo muito mais excitante, viu uma bagunça de objetos pequenos,

cotidianos: um io-io, um dedal prateado, e uma gaita manchado entre eles. Uma vez

livre da caixa, eles deixaram de tremer e ainda se deitaram nas mantas velhas.

" Você os devolverá aos donos deles com suas desculpas," Dumbledore disse

calmamente, repondo a varinha na jaqueta dele. " Eu saberei se foi feito. E advirto:

Furto não é tolerado em Hogwarts ".

Riddle não parecia nem remotamente envergonhado; ele ainda estava encarando

Dumbledore friamente. Afinal ele disse em uma voz inexpressiva, " Sim, senhor ".

" Em Hogwarts, " Dumbledore disse, " nós não só lhe ensinamos a usar magia, mas a

controlar. Você tem - inadvertidamente, eu estou seguro - usado seus poderes de

certo modo. Isso não é nem ensinado nem tolerado em nossa escola. Você não é o

primeiro, nem você será o último, a usar sua magia para ajudar você. Mas você

deveria saber que Hogwarts pode expulsar os estudantes, e o Ministério de Magia -

sim, há um Ministério - ainda castigará mais severamente os transgressores da lei.

Todos os magos menores têm que aceitar que, entrando em nosso mundo, eles

cumprem nossas leis ".

" Sim, senhor", Riddle disse novamente.

Era impossível saber o que ele estava pensando; a face dele permanecia bastante

inexpressiva quando ele repôs, no pequeno esconderijo, os objetos roubados na caixa

de papelão. Quando ele tinha terminado, ele virou a Dumbledore e disse maldoso, "

eu não tenho dinheiro ".

" Isso é corrigido facilmente", Dumbledore disse, tirando uma bolsa de couro com

dinheiro do bolso. Há uma bolsa em Hogwarts para os que precisam de ajuda para

comprar livros e uniformes. Você poderia ter que comprar algum de seu livros de

feitiços e os outros de segunda mão , mas -"

" Onde você compra livros de feitiços "? interrompeu Riddle que tinha guardado a

bolsa de dinheiro pesada sem agradecer Dumbledore e estava examinando um

Galeão de ouro grosso agora.

" No Beco Diagonal", Dumbledore disse. " Eu tenho sua lista de livros e material

escolar comigo. Eu posso lhe ajudar a achar tudo -"

" Você está vindo comigo "? perguntou Riddle observando.

"Certamente, se você -"

"Eu não preciso de você, disse Riddle." Eu faço as coisas que eu quero, eu vou para

Londres quando eu quiser. Como você chega neste beco Diagonal - senhor "? ele

adicionou, captando o olhar de Dumbledore.

Harry pensou que Dumbledore insistiria em acompanhar Riddle, mas mais uma vez

teve uma surpresa. Dumbledore entregou a Riddle o envelope com sua lista de

matérias e de depois dizer exatamente como chegar do Orfanato ao Caldeirão

Furado, ele disse, “Você tem possibilidade de ser visto, devido aos trouxas que te

rodeiam, as pessoas não-mágicas, mas não será. Peça para o Tom o” barman “-é

bastante fácil de se lembrar, como ele saberá seu nome -”.

Riddle deu um estremeção irritável, como se tentando espantar uma mosca.

“Você repugna o nome Tom?”

“Há muito Toms,” murmurou Tom. Então, como se ele não pôde suprimir a pergunta,

como se tivesse estourado de sua boca, ele perguntou, “Meu pai era um bruxo? Ele

se chamava Tom Riddle também, me falaram”.

" Eu estou amedrontado, eu não sei,” disse Dumbledore com sua voz gentil

" Minha mãe não pode ter sido bruxa, ou ela não teria morrido," disse Riddle mais

para ele mesmo do que pra Dumbledore. “Deveria ter sido ele. Então - quando eu tiver

todos meus materiais - quando eu irei a esta Hogwarts"?

" Todos os detalhes estão no segundo pedaço de pergaminho em seu envelope,"

disse Dumbledore "Você partirá da Estação King's Cross no dia primeiro de setembro.

Há uma passagem de trem lá também.”

“Riddle acenou com a cabeça. Dumbledore pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão de

novo. Pegando-a Riddle disse-lhe, “Eu posso falar com as cobras. Eu descobri

quando nós fomos viajar pelo país, elas me acharam, eles sussurram pra mim. Isso é

normal para um bruxo "?

Harry poderia jurar que ele tinha guardado a menção deste poder estranho até aquele

momento, determinado a impressionar.

“É incomum,” disse Dumbledore, após um momento de hesitação, “mas não

desconhecido.”

O tom dele era casual, mas os olhos dele moveram curiosamente sobre a face de

Riddle. Eles ficaram durante um momento, homem e menino, encarando um ao outro.

Então quando o aperto de mão foi quebrado; Dumbledore estava à porta.

"Adeus, Tom. Nos veremos em Hogwarts ".

"Então foi assim que aconteceu," disse o Dumbledore de cabelos brancos ao lado de

Harry e um segundo depois, eles estavam flutuando mais uma vez para a escuridão

antes de pousar no escritório atual.

“Sente-se,” disse Dumbledore pousando ao lado dele.”

Harry obedeceu, a mente dele ainda cheia do que ele há pouco tinha visto.

"Ele acreditou nisto muito mais rápido do que eu - eu quero dizer, quando você lhe

falou que ele era um bruxo," disse Harry," eu não acreditei em Hagrid de primeira

quando ele me disse.

" Sim, Riddle estava perfeitamente pronto para acreditar que ele era - usando a

palavra dele - ' especial, ' " disse Dumbledore.

"Você soube - então?" perguntou para o Harry.

"Se eu soube que eu tinha conhecido o bruxo das trevas mais perigoso de todos os

tempos?" disse Dumbledore, "Não, eu não tive nenhuma idéia que ele ao crescer seria

o que ele é. Porém, eu fiquei certamente intrigado por ele. Eu voltei a Hogwarts

pretendendo manter um olho nele, algo que eu deveria ter feito em todo caso,

determinado que ele estava só e sem amigos, mas já que eu sentia que deveria fazer

por causa de outros'".

"Os poderes dele, como você ouviu, foi desenvolvido surpreendentemente para um

bruxo jovem e - de forma interessante e sinistra - ele já tinha descoberto que tinha

alguma controle sobre eles e começado a usar os conscientemente. Ele já estava

pronto para usar magia contra outras pessoas, amedrontar, castigar, controlar. As

pequenas histórias do coelho estrangulado e o menino jovem e menina que ele atraiu

em uma caverna eram muito sugestivas. . . . ' Eu os posso machucar se eu quiser. . . .

'"

"E ele era Ofidioglota,” interviu Harry”

" Sim, realmente; uma habilidade rara e um supostamente conectado com as Artes

das trevas, embora como nós sabemos, há Ofidioglotas entre as trevas e o bem

também. Na realidade, a habilidade dele para falar com serpentes não me fez tão

intranqüilo quanto os instintos óbvios dele para crueldade, segredo, e dominação.

"O tempo está nos fazendo de bobos,” disse Dumbledore, indicando o céu escuro

além das janelas, novamente. "Mas antes de nos despedirmos, eu quero chamar sua

atenção a certas características da cena que nós há pouco testemunhamos, porque

elas têm um grande porte nos assuntos que nós estaremos discutindo em reuniões

futuras.

"Primeiramente, eu esperei que você notasse a reação de Riddle quando eu

mencionei que outro compartilhou o primeiro nome dele, ' Tom' "?

Harry concordou.

" Lá ele mostrou o desprezo dele por qualquer coisa que prendia a outras pessoas,

qualquer coisa que o fazia comum. Até mesmo, então, ele desejou ser diferente,

único, notório. Ele infiltrou o nome dele, como você sabe, dentro de alguns poucos

anos daquela conversação e criou a máscara de Lorde Voldemort' atrás do qual ele

ficou muito tempo escondido.

" Eu confio que você também notou que aquele Tom Riddle já era altamente

independente, reservado, e, aparentemente, sem amigos? Ele não quis ajuda ou

companhia na viagem dele para o Beco Diagonal. Ele preferiu ir sozinho. O adulto

Voldemort é o mesmo. Você ouvirá muitos dos Comensais da Morte reivindicando que

eles são de confiança dele, próximos e que o compreendem. Eles estão iludidos.

Lorde Voldemort nunca teve um amigo, nem eu acredito que ele alguma vez quis um.

" E, ultimamente - eu espero que você não tenha muito sono para prestar atenção a

isto, Harry - o Tom Riddle jovem sempre gostou de colecionar troféus. Você viu a

caixa de artigos roubados que ele tinha escondido no quarto dele. Estes foram

levados de vítimas do comportamento perseguidor dele, recordações, de partes

particularmente desagradáveis de magia. Tenha em mente esta

tendência, pois isto,

particularmente, será importante depois.

" E agora, realmente é tempo de ir para a cama ".

Harry seguiu os passos dele. Como ele caminhou para o outro lado da sala, os olhos

dele recaíram na pequena mesa na qual o anel de Marvolo Gaunt tinha estado nos

últimos tempos, mas o anel não estava mais lá.

" Sim, Harry "? disse Dumbledore para Harry que estava vindo e parou.

“Mas eu pensei que você poderia ter a gaita ou algo do tipo.”

Dumbledore sorriu para ele, perscrutando no topo no hall os espetáculos da Lua.

" Muito astuto, Harry, mas a gaita era somente a gaita.

E, com aquela nota enigmática, ele acenou, Harry entendeu e se despediu.

Capítulo 14: Felix Felicis

A primeira aula de Harry da manhã seguinte era Herbologia. Durante o café da

manhã, ele não comentou com Ron e Hermione sobre a aula com Dumbledore,

receando ser ouvido por outras pessoas e deixando assim

para contar-lhes no caminho para as estufas. O vento brutal do fim de semana

finalmente desaparecera; a névoa misteriosa havia voltado, o que acabou levando os

garotos a um caminho um pouco mais longo que o

habitual, até achar a estufa correta.

"Uau, pensamento assustador, sobre o menino Você-sabe-quem," Ron disse baixinho,

ao tomarem seus lugares ao redor dos tocos nodosos de Snargaluff, os quais

formavam u

m casulo protegido, e a pegar as luvas protetoras. " Mas eu ainda não entendo por

que Dumbledore está mostrando a você tudo isso. Eu quero dizer, é realmente

interessante, mas qual é o objetivo"?

" Bem," Harry disse, colocando um protetor de gengiva. " Ele diz que isso tudo é

importante e me ajudará a sobreviver ".

"Eu penso que é fascinante" disse Hermione. "Faz total sentido saber tanto quanto

possível sobre Voldemort. Como você descobriria as fraquezas dele? "

" E então, como foi a última festa do Slughorn?" Harry lhe perguntou.

" Oh, realmente muito divertida," Hermione disse, enquanto colocava os óculos de

proteção. " Quero dizer, ele falou um pouco sobre suas façanhas famosas e bajulou

absurdamente McLaggen pelo fato de ser bem relacionado, mas comemos realmente

bem e ele nos apresentou a Gwenog Jones ".

" Gwenog Jones "? disse Ron, arregalando os olhos por baixo dos óculos de proteção.

"A Gwenog Jones? Capitã do Holyhead Harpies "?

" Ela própria" Hermione disse. " Pessoalmente, eu a achei um pouco cheia de si, mas

-"

" Há muita conversa por aqui!" interrompeu a Professora Sprout agitada, atarefada e

olhando duramente para eles. " Vocês estão ficando para trás, todos já começaram, e

Neville já pegou seu primeiro 'pod'!" Os garotos olharam ao redor; certamente lá

estava Neville, sentado com os lábios sangrando e vários arranhões feios ao longo de

um lado do rosto, mas apertando um desagradável objeto verde do tamanho de uma

toranja (gruta parecida com a laranja só que bem maior).

" Certo, Professora, nós estamos começando agora!" disse Ron, que acrescentou

baixinho ao ver que a Prof. virara-se novamente: "Devíamos usar o Muffliato, Harry ".

" Não, nós não deveríamos!" disse Hermione imediatamente, olhando, como ela

sempre fazia, muito contrariada à simples menção do Príncipe Mestiço e seus feitiços.

" Bem, venha... nós mudaremos isso. ..." Ela deu outro olhar apreensivo aos dois; eles

respiraram fundo e então se concentraram no nodoso toco entre eles.Aquilo

imediatamente ganhou vida; longos e espinhosos ramos de 'bramblelike' voaram ao

topo e se chicotearam no ar. Um deles enroscou no cabelo de Hermione e Ron jogouos para trás com um par de 'secateurs' (tesoura de jardinagem); Harry teve sucesso

apanhando um par de ramos e amarrando um no outro; um buraco se abriu no meio

dos tentáculos e Hermione corajosamente mergulhou seu braço nele, mas o mesmo

se fechou como uma armadilha em torno de seu cotovelo; Harry e Ron arrastaram e

torceram os galhos para forçar o buraco a se abrir novamente; a garota, usando o

braço livre, apertou nos dedos um 'pod' igual ao de Neville. Imediatamente os galhos

espinhosos recuaram para dentro e o toco nodoso se aquietou, como um inofensivo

pedaço de madeira.

"Sabe, acho que não vou querer ter qualquer um destes em meu jardim quando tiver

minha própria casa", Rony disse, empurrando os óculos de proteção até a testa e

enxugando o suor do rosto.

"Me alcance uma tigela", Hermione disse, segurando o pod; Harry entregou-lhe e ela

depositou o pod com um olhar de desgosto.

"Não seja enjoada, esprema-no para fora, eles são melhores quando

estão frescos!"

disse a Professora Sprout.

"De qualquer modo," Hermione disse, continuando a conversa interrompida como se

aquele pedaço de madeira não os tivesse atacado, "Slughorn dará uma festa de

Natal, Harry, e não há como você escapar pois

ele, na verdade, me pediu que conferisse suas noites livres, assim ele estaria seguro

de ter uma noite que você possa ir ".

Harry gemeu. Enquanto isso, Ron, que tentava estourar o pod na tigela com as duas

mãos, espremendo o máximo que podia, disse furiosamente, "Outra festa só para os

favoritos do Slughorn, é?"

"Somente para o Clube do Slug, sim," Hermione respondeu.

O pod escapou por entre dos dedos de Ron e bateu no vidro da estufa, passando por

trás da cabeça da Professora Sprout e derrubando seu chapéu velho e remendado.

Harry foi recapturar o pod; e quando ele voltou, Hermione dizia, "Olhe, eu não inventei

o nome 'Clube do Slug' -"

" 'Clube do Slug,' " repetiu Ron com uma zombaria típica do Malfoy. " É patético. Bem,

eu espero que você desfrute sua festa. Por que você não tenta ir com McLaggen, aí

Slughorn poderia fazer de vocês o Rei e a

Rainha Slug-?"

"É permitido levar convidados", disse Hermione, que por alguma razão ficara

vermelha, brilhante e fervente, "e eu ia pedir para que você fosse, mas se é tão

patético quanto você pensa não o aborrecerei mais!"

Harry, de repente, desejou que o pod tivesse voado um pouco mais longe, de modo

que ele não precisasse continuar sentado ali. Querendo ou não, fechou a tigela onde

estava guardado o pod e tentou abri-la da forma

mais ruidosa e escandalosa que ele pudesse imaginar; mas, infelizmente, ainda era

possível ouvir cada palavra da conversa da dupla.

" Você ia me chamar?" perguntou Ron, com uma voz completamente diferente.

" Sim", Hermione disse furiosa. " Mas, obviamente, se você acha que eu deveria ir

com McLaggen..."

Houve uma pausa, enquanto Harry continuava torturando o pod de borracha com uma

espátula.

"Não, eu não acho" Ron disse, em uma voz muito baixa.

Harry perdeu o pod, bateu a tigela e ela se quebrou. "Reparo," ele disse rápido,

juntando os pedaços com sua varinha, e a tigela ficou inteira novamente. O estrondo,

porém, pareceu ter lembrado Ron e Hermione da presença de Harry. Hermione olhou

agitada e imediatamente começou a folhear de modo exagerado a sua cópia de

'Árvores Carnívoras do Mundo' para descobrir o modo correto de fazer suco de

Snargaluff pods

(?); Rony, por outro lado, parecia embaraçado, mas também bastante satisfeito.

" Veja isso, Harry", Hermione disse. " Diz que é necessário perfurá-los com algo

afiado. . . ."

Harry passou à ela o pod na tigela; ele e Ron colocaram sobre os olhos os óculos de

proteção e mergulharam, mais uma vez, para o toco.

'Ele realmente se surpreendeu', pensou Harry, enquanto lutava contra um galho

espinhoso com a intenção de estrangulá-lo; ele já tivera um pressentimento que isso

pudesse acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas Harry não estava certo de como se

sentia sobre o assunto... Ele e Cho ficavam agora envergonhados quando trocavam

olhares ou conversarem sozinhos; o que aconteceria se Ron e Hermione

começassem a sair juntos? Será que a amizade do trio sobreviveria a isto? Harry

lembrou-se das semanas no terceiro ano em que eles não estavam se falando; ele

não gostara nada de tentar vencer a distância entre os dois. E então, o que

aconteceria se isso os separasse? E se ambos se tornassem igual Gui e Fleur e ele

se sentisse dolorosamente envergonhado por estar na presença deles, de modo que

tivesse que se afastar por bem?

"Legal "! gritou Ron, puxando um segundo pod do toco exatamente como Hermione

fizera para pegar o primeiro, de forma que a tigela se enchera de tubérculos com

lombrigas verdes pálidas ziguezagueando.

O resto da aula passou sem comentários sobre a festa de Slughorn. Embora Harry

observasse os dois amigos mais atentamente durante os próximos dias, Ron e

Hermione não pareceram diferentes, a não ser pelo fato de estarem um pouco mais

educados um com o outro do que o normal. Harry supôs que teria de esperar para ver

o que aconteceria sob influência da cerveja amanteigada no quarto vagamente

iluminado de Slughorn na noite da festa. Todavia, enquanto isso, ele tinha

preocupações mais urgentes. Katie Bell ainda estava no Hospital St. Mungus sem

previsão de alta, o que significava que o promissor time da Grifinória,

tão

cuidadosamente treinado por Harry, era um adversário desfalcado. Ele continuou sem

substituir Katie, na esperança de que ela voltasse, mas a primeira partida deles contra

Sonserina estava se aproximando e ele

teve de aceitar, finalmente, que ela não regressaria a tempo de jogar. Harry não

pensou que poderia estar num outro teste da Taça das Casas. Com um sentimento

depressivo de que tinha pouco a fazer com Quadribol, encurralou Dino Thomas após

Transfiguração um dia. A maioria da classe já tinha saído, embora diversos pássaros

amarelos zumbissem ainda em torno da sala, todos criações de Hermione; ninguém

tinha conseguido conjurar mais que uma pena no ar fino.

"Você ainda se interessa em ser artilheiro?"

"O que? Claro, naturalmente!" Dino disse excitado.

Harry viu Simas Finnegan guardar seus livros na mochila, olhando

desagradavelmente. Uma das razões porque Harry preferia ter que pedir que Dino

jogasse era que conhecia Simas e não gostaria que ele jogasse. Por outro lado, teve

que fazer o que era melhor para a equipe, e Dino esteve na dianteira de Simas nos

pênaltis. "bom então, você está dentro," disse Harry. "treino hoje à noite, sete horas."

"Certo," disse o Dino. "Beleza, Harry! Blimey, eu não posso esperar para dizer a

Gina!" Correndo para fora do quarto, deixando Harry e Simas sozinhos, um momento

incômodo feito que não melhorou quando um dos

pássaros caiu na cabeça de Simas.

Simas não era a única pessoa que desgostosa com a escolha do substituto de Katie.

Havia um murmúrio no salão comunal sobre o fato que Harry tinha escolhido agora

dois de seus companheiros de quarto para a equipe. Porque Harry tinha resistido a

alguns cochichos muito mais maldosos do que este em sua carreira da escola, não foi

incomodado particularmente, mas todo o mesmo, a pressão estava aumentando para

fornecer uma vitória no campeonato logo no encontro contra Sonserina. Se Grifinória

ganhasse, Harry soube que a casa inteira se esqueceria de que o tinham criticado e

iriam jurar que sempre souberam que era uma grande

equipe. Se perderem. . bem, Harry pensou vagamente, ele tinha resistido ainda umas

fofocas mais maldosas.

Harry não teve nenhuma razão para lamentar sua escolha uma vez que viu Dino a

noite; trabalhou muito bem com Gina e Demelza. Os batedores, Peakes e Coote,

começavam a ficar melhor a cada hora. O único problema era Ron.

Harry sabia ao

longo do ano Ron era um jogador inconsistente que sofria dos nervos e de uma falta

da confiança, e infelizmente, isso apareceu no jogo da abertura da estação que trouxe

para fora todas suas velhas inseguranças.

Após deixar passar uma dúzia de gols, a maioria deles marcados por Gina, sua

técnica tornou-se mais selvagem e mais selvagem, até que finalmente acertou o nariz

de Demelza.

"foi um acidente, sinto muito, Demelza, realmente sinto!" Ron a seguiu ziguezagueando atrás dela para à terra, gotejando o sangue em toda parte. "Eu apenas -"

"apavorou-se," Gina disse irritadamente, pousando ao lado de Demelza e examinando

sua boca.

"Você é burro, Ron, olha o estado dela!"

"Eu posso arrumar isso," disse Harry, pousando ao lado das duas meninas,

apontando sua varinha na boca de Demelzas, e dizendo "Episkey." "e Gina, não

chama Ron de burro, você não é o capitão desta equipe -"

"Bem, você pareceu um pouco ocupado para chamar Rony de burro e eu pensei

quem alguém deveria -"

Harry forçou-se a não rir. "no ar, vamos todos. . ".

No geral, esse foi um dos piores treinos que eles haviam tido no semestre , embora

Harry não sentisse que a honestidade era a melhor política quando eles estivessem

tão perto do jogo. "Trabalho bom, todos, eu acho que nós achataremos Sonserina"

disse incentivando, e os artilheiros e os batedores deixaram os vestiários

razoavelmente felizes consigo mesmo.

"Eu joguei como um saco de esterco de dragão," disse Ron em uma voz oca quando a

porta tinha balançado e fechado atrás de Gina.

"Não., você não ," disse Harry firmemente. "você é o melhor goleiro que eu testei, seu

único problema é nervoso."

Ele prosseguiu um implacável fluxo de incentivo todo o caminho de volta para o

castelo, e quando eles alcançaram o segundo andar, Ron estava olhando mais alegre.

Quando Harry empurrou a tapeçaria para fazer seu usual caminho mais curto para a

Torre da Grifinória, entretanto, encontraram-se olhando para

Dino e Gina, que estavam travados em um abraço apertado e beijando ferozmente

como se estivessem colados. Era como se algo grande e escamoso estourasse no

estômago de Harry, agarrando em seus

interiores: O sangue quente pareceu inundar seu cérebro, de modo que todo o

pensamento fosse extinguido, substituído por um impulso selvagem de transformar

Dino em uma geléia. Lutando com esta loucura

repentina, ouviu a voz de Ron como se viesse de muito longe.

"Oi!" Dino e Gina se distanciaram e olharam ao redor.

"Que?" Gina disse. "eu não quero encontrar minha própria irmã beijando pessoas em

público!"

"Este era um corredor deserto até que você chegar!" Gina disse.

O Dino estava olhando embaraçado. Deu a Harry sorriso forçado que Harry não

retornou, porque o monstro

recém-nascido dentro dele estava rugindo para a demissão imediata de Dino da

equipe.

"Você vai!" Gina disse. "eu quero dar uma palavra com meu caro irmão! Dino saiu,

olhando como se não fosse bom sair da cena.

"Certo," disse Gina, lançando seu cabelo vermelho longo fora de sua cara e fitando

Ron, "vamos conversar direito uma vez por todas. Não é da sua conta se eu saio ou o

que eu faço com eles, Ron -

""É, sim!" Ron disse, apenas irritado. "Você pensa que eu não ouço os outros falando

da minha irmã"

"Que?" Gina gritou, tirando sua varinha.

"O que, exatamente?"

"Não significa qualquer coisa, Gina -" disse Harry automaticamente, embora o monstro

rugisse sua aprovação

às palavras de Ron.

"Oh sim!" disse, alargando-se acima em Harry. "apenas porque você nunca beijou

qualquer uma em sua vida,

apenas porque o melhor beijo que você recebeu foi de nossa Tia Muriel -"

"Feche sua boca!" Ron gritou, seu rosto mudando do marrom para o vermelho

rapidamente.

"Não., eu não!" Gina gritando, ao lado dele. "eu o vejo com a Fleur, esperando ela

beijá-lo no rosto cada vez que você a vê, você é patético!! Se você saísse e

começasse a namorar um pouco como eu, você não se ocuparia tanto de me vigiar!"

Ron tinha retirado sua varinha também; Harry se postou rapidamente entre eles.

"Você não sabe o que está falando!" Ron rugiu, tentando acertar Gina em torno de

Harry, que estava agora na frente dela com seus braços abertos.

"Apenas porque eu não o faço em público -!" Gina deu uma grande gargalhada,

tentando empurrar Harry

para longe.

"Você tem beijado Pigwidgeon, tem? Ou talvez tenha começado num retrato de Tia

Muriel?" Você - Um raio de luz alaranjada voou sob o braço esquerdo de Harry e errou

Gina por polegadas; Harry empurrou Ron de encontro à parede.

"Não seja estúpido -"

"Harry beijou Cho Chang!" Gina gritou, soando ato agora. "e Hermione beijou Viktor

Krum, é somente você que age como se ele fosse algo que repugna, Ron, e isso é

porque você tem tanta experiência quanto uma velha de doze anos!" E com esta, se

afastou. Harry olhou rapidamente para Ron; seu o olhar era assassino. Ambos

permaneceram lá, respirando pesadamente, até a Madame Norra, gata do Filch,

aparecera em um canto, quebrando a tensão.

"Vamos," disse Harry, porque o som dos pés de Filch alcançou suas orelhas.

Apressaram-se escadas acima e ao longo de um corredor do sétimo andar.

"Oi!" Ron grunhiu para que uma aluna pequena saltasse para o lado e deixasse cair

um frasco de ovas de sapo. Harry observou distantemente o som de quebrar o vidro;

sentiu-se desorientado, atordoado; como se tivesse sido golpeado.

É justo porque é irmã de Ron, ele pensou. Você apenas não gostou de vê-la beijando

alguém porque é irmã de Ron. . . Mas escondida em sua mente veio uma imagem

daquela o mesmo corredor deserto com ele beijando Gina preferivelmente. . . O

mostro em sua caixa ronronou. . . mas então viu que se Ron os visse e apontasse sua

varinha para Harry, eles talvez deixassem de ser amigos". "Suposto para ser meu

amigo". . .

"Você pensa que Hermione ficou com Krum? "Krum?" Ron parou abruptamente,

porque se aproximaram da Mulher Gorda.

Harry pensou culpado e trancou sua imaginação de um corredor deserto onde não

haveria Ron, em que e Gina estavam completamente sozinhos -"que?" disse confuso.

"Oh... er..." A resposta honesta era "sim,"

mas não quis dá-la. Entretanto, Ron pareceu recolher a resposta do olhar de Harry.

"Dilligrout," disse escura à senhora gorda, e entraram através do buraco do retrato na

sala comunal.

Nenhuns deles mencionou Gina ou Hermione outra vez; se deitaram na cama em

silêncio, cada um absorto em seus próprios pensamentos.

Harry permaneceu acordado por muito tempo, olhando acima no dossel de sua cama

e tentando convencer-se que seus sentimentos com a Gina eram inteiramente de

camaradagem. Não tinham vivido como irmão e irmã todo o verão, jogando Quadribol,

irritando Ron, e rindo sobre Fleur? Conhecia Gina a anos agora... Era natural se

sentir protetor. . . natural que queira olhar para ela. . . que queira bater o membro do

time que a beijava... Não... teria que controlar esse detalhe que sentia. . . Ron deu um

ronco grande. É irmã de Ron, Harry disse a si mesmo firmemente. Irmã de Ron. Não

arriscaria sua amizade com Ron por qualquer coisa. Procurou se deitar de uma forma

mais confortável e esperou o sono vir, tentando ao máximo não permitir que seus

pensamentos voltassem a Gina.

Harry acordou na manhã seguinte sentindo-se entorpecido e aturdido por uma série

dos sonhos em que Ron o tinha perseguido com o bastão de um batedor, mas pelo

meio-dia trocaria feliz o Ron dos sonhos pelo real,

que estaria mau-humorado não somente Gina com e seu par, mas também indiferente

e confuso em relação à Hermione. Além do mais, Ron pareceu ter-se tornado, de

noite, tão sensível e pronto para chicotear como um Snap Explosivo.

Harry gastou o dia tentando manter a paz entre Ron e Hermione sem nenhum

sucesso; finalmente, Hermione partiu para a cama no andar de cima, e Ron foi para

os dormitórios após se irritar com os diversos alunos do

primeiro ano que paravam para olhá-lo. Ao desânimo de Harry, o novo perfil agressivo

de Ron não se desgastou. Isso coincidiu com um mergulho mais profundo e uniforme

em suas habilidades, que o fizeram

ainda mais agressivo, de modo que durante a prática final de Quadribol antes de

sábado, ele não pegou um único gol que os artilheiros marcaram, mas gritou para

todos assim que reduziu Demelza Robins aos rasgos.

"Você fecha acima e me deixa sozinho!" Peakes gritou, que estava a uma altura de

aproximadamente dois terços de Ron, carregando um bastão pesado.

"BASTANTES!" Harry gritou, pois tinha visto Gina girando no sentido de Ron e,

recordando sua reputação como um rodador do Bastão-Bogey, correu para intervir

antes que as coisas saíssem do controle.

"Peakes, vai e cerca acima do Bludgers. Demelza, você jogou realmente bem hoje,

Ron. . esperou-o até que o restante da equipe estivesse fora do alcance antes de o

dizer, "é meu melhor goleiro, mas continua a tratar o resto deles mal, e eu estou

pensando em tirá-lo da equipe." Pensou realmente por um momento que Ron

pudesse bater nele, mas então algo muito pior aconteceu: Ron pareceu desistir em

sua vassoura de toda a luta e disse, "eu renuncio. Eu sou patético."

"Você não é patético, e você não está renunciando!" Harry disse ferozmente,

segurando Ron pela parte dianteira de suas vestes. "você pode segurar qualquer gol

quando está confiante, são os seus nervos que você tem que controlar".

"Você acha que tenho um problema mental?" "yeah, talvez eu seja demente!" Se

encararam por um momento, então Ron agitou sua cabeça cansadamente. "eu sei

que você não tem tempo para encontrar um outro goleiro, assim que eu jogarei

amanhã, mas se nós perdemos, e nós vamos perder, eu estarei fora da equipe."

Nada que Harry disse fez alguma diferença. Ele tentou de todas maneiras aumentar a

confiança de Ron durante o jantar, mas Ron estava muito ocupado

sendo sarcástico e

rude com Hermione para notar. Harry

persistiu igualmente na sala comunal, mas a afirmação dele que o time inteiro ficaria

devastado se Ron saísse foi minada, um pouco, pelo fato, do resto do time estar

sentando em um canto distante, murmurando claramente contra Ron e lhe lançando

olhares atravessados.

Finalmente, Harry tentou ficar bravo novamente na esperança de provocar Ron em

um desafio, na esperança que fosse uma atitude salvadora, mas esta estratégia não

pareceu funcionar mais que o encorajamento; Ron foi para cama tão abatido e

desesperado como sempre.

Harry permaneceu acordado durante um longo tempo na escuridão. Ele não queria

perder a partida de estréia; não só por ser a primeira dele como Capitão, mas ele

estava determinado a derrotar Draco Malfoy

no quadribol, já que ele ainda não pôde provar suas suspeitas sobre ele. Se Ron

jogasse como ele tinha feito nos últimos treinos, as chances deles de ganharem eram

muito poucas. . . . Se houvesse algo que ele pudesse fazer para Ron se concentrar...

lhe fazer jogar com o melhor de sua forma . . . algo que asseguraria que Ron teria um

dia realmente bom.... E a resposta chegou a Harry em um golpe súbito e glorioso de

inspiração.

O café da manhã estava mais alvoroçado que o habitual na manhã seguinte; os

Sonserinos assobiaram e gritaram ruidosamente quando cada membro do time da

Grifinória entrou no Salão Principal. Harry olhou para o teto e viu um céu azul claro,

pálido: um bom presságio.

A mesa de Grifinória, uma massa sólida de vermelho e ouro, se alegrou quando Harry

e Ron se aproximaram. Harry sorriu e acenou; Ron deu um sorriso fraco e balançou a

cabeça dele.

" Se anime, Ron "! chamou Lilá. " Eu sei que você será brilhante "!: Ron a ignorou.

"Chá "? Harry lhe perguntou. " Café? suco de abóbora?"

"Qualquer coisa,' Ron disse taciturno, dando uma mordida mal-humorada na torrada.

Alguns minutos depois, Hermione, que tinha ficado tão cansada do recente

comportamento desagradável de Ron que não tinha vindo para o café da manhã com

eles, parou ao lado deles na mesa.

"Como vocês estão se sentindo "? ela perguntou, os olhos fixos na nuca de Ron.

" Bem", Harry disse enquanto se concentrava em dar a Ron um copo de suco de

abóbora. " aqui está, Ron. Beba." Ron tinha levado copo aos lábios dele quando

Hermione disse nitidamente.

"Não beba isso, Ron "! Harry e Ron olharam para ela

"Por que não "? disse Ron.

Hermione, agora, estava encarando Harry como se ela não pudesse acreditar nos

próprios olhos.

"Você colocou algo naquela bebida ".

"Desculpe "? disse Harry.

" Você me ouviu. Eu o vi. Você colocou algo na bebida de Ron. Você ainda está com

a garrafa em sua mão direita" !

" Eu não sei sobre o que você está falando, "Harry disse, guardando a pequena

garrafa rapidamente no bolso.

" Ron, eu te aconselho, não beba isto "! Hermione disse novamente, alarmada, mas

Ron apanhou o copo, tomou um gole e disse, " Pare de mandar em mim, Hermione ".

Ela o olhou escandalizada. Se abaixando de forma que só Harry poderia ouvir, ela

disse, "Você poderia ser expulso por isso. Eu nunca creditaria isso a você, Harry "!

" Olhe quem está falando, " ele sussurrou de volta. " Confundindo alguém ultimamente

"?

Ela ruidosamente foi para longe deles na mesa. Harry a viu ir sem pesar. Hermione

nunca, realmente, tinha compreendido o quão sério um jogo de quadribol era. Então,

ele deu uma olhada para Ron que estava

estalando os lábios.

" Quase na hora ' disse jovialmente.

A grama gelada amassou sob os pés deles quando foram para o campo.

" Que sorte o clima estar bom, né "? Harry perguntou para Ron.

" Sim," Ron disse, pálido e com aparência doentia.

Gina e Demelza já estavam usando os uniformes de Quadribol e esperando no

vestiário.

" Condições ideais",disse Gina, ignorando Ron. " E adivinha? Vaisey, aquele artilheiro

da Sonserina, - ele levou um balaço na cabeça ontem durante o treino

e está muito

dolorido jogar! E o melhor é que -

Malfoy está doente também "!

"O que "? disse Harry, girando para a encarar. " Ele está doente? O que está errado

com ele "?

" Não faço idéia, mas é ótimo para nós", disse Gina alegre. " Harper está jogando no

lugar dele; ele está no mesmo ano que eu e é um idiota ".

Harry sorriu vagamente, mas quando ele puxou as vestes escarlates dele, a mente

estava bem longe do quadribol. Malfoy uma vez disse que não poderia jogar devido a

um ferimento, mas naquela ocasião tinha

tido certeza que a partida inteira foi marcada para uma data mais conveniente para a

Sonserina. Por que agora ele estava satisfeito em ser substituído? Ele estava

realmente doente, ou ele estava fingindo?

" Suspeito, não é?" ele disse a meia voz ao Ron. " Malfoy não jogar "?

" Sorte, eu chamo isto," Ron disse, parecendo ligeiramente mais animado. " E com

Vaisey fora também, ele é o melhor artilheiro do time deles, eu não imaginei - eh "! ele

disse, de repente, e parou a meio caminho de colocar as luvas de goleiro e encarar

Harry.

"O que "?

" Eu... você. . ". Ron tinha perdido a voz, parecia assustado e excitado. " Minha

bebida... meu suco de abóbora... você não colocou...?"

Harry ergueu as sobrancelhas dele, mas não disse nada, exceto, " Nós estaremos

começando em, aproximadamente, cinco minutos, é melhor você calçar suas botas".

Eles caminharam para fora sob o barulho de rugidos tumultuosos e vaias. Um lado do

estádio era totalmente vermelho e ouro; o outro, um mar de verde e prateado. Muitos

Lufa-Lufa e Corvinal tinham tomado partido também: Entre todos gritando e batendo

palmas, o rugido do famoso chapéu com leão de Luna Lovegood podia ser ouvido

distintamente. Harry alcançou Madame Hooch, a árbitra que estava pronta para

lançar as bolas da caixa.

" Capitães dêem um aperto de mão, " ela disse e Harry teve a mão dele esmagada

pelo novo Capitão da Sonserina, Urquhart. " Monte suas vassouras. No apito. . . três...

dois... um..." O apito soou, Harry e os outros impulsionaram o solo duro e congelado e

eles voaram.

Harry planou ao redor do perímetro do campo, olhando a procura do pomo e

mantendo um olho em Harper que estava ziguezagueando logo abaixo dele. Então,

uma voz que era diferente do comentarista habitual, começou.

" Bem, lá vão eles e eu acho que nós todos fomos surpreendidos ao ver o time que

Potter reuniu este ano. Muitos pensaram, devido ao desempenho horroroso de Ronald

Weasley como goleiro ano passado, que

ele seria retirado do time, mas claro que, uma amizade pessoal e íntima com o

Capitão ajuda. . . ."

Estas palavras foram saudadas com zombarias e aplausos no fim pelos sonserinos.

Harry deu uma volta com a vassoura para olhar para o pódio do comentarista. Um

visitante, loiro aguado com um nariz virado para cima estava lá, falando no megafone

mágico que tinha sido uma vez Lino Jordan; Harry reconheceu Zacharias Smith, um

jogador de Lufa Lufa de quem ele desgostava.

" Oh, e aqui vem a primeira tentativa de Sonserina de gol, é Urquhart que lidera o

lance e -" Estômago de Harry revirou. " - Weasley defendeu, bem, algumas vezes a

pessoa tem sorte, eu suponho. . . ."

" Isso é certo, Smith, ele tem," Harry murmurou, sorrindo,

mergulhando entre os

artilheiros com os olhos procurando em volta por alguma sugestão do pomo de ouro.

Com uma hora do jogo, Grifinória estava na frente com sessenta pontos a zero, Ron

tinha feito algumas defesas verdadeiramente espetaculares, algumas com a ponta das

luvas dele, e Gina tinha marcado quatro dos seis gols da Grifinória. Zacharias

efetivamente tinha parado de dizer ruidosamente que o dois Weasleys só estavam lá

porque Harry gostava deles, e começou a falar de Peakes e Coote.

" Claro que, Coote realmente não é a escolha habitual para um batedor," Zacharias

disse orgulhoso, " eles têm, geralmente, um pouco mais de músculo -"

" Rebata um balaço nele "! Harry disse para Coote quando ele passou zunindo, mas

Coote sorriu amplamente e escolheu apontar o próximo balaço para Harper, que

estava passando por Harry na direção oposta.

Harry ficou feliz ao ouvir o barulho que significava que o balaço tinha encontrado seu

alvo.

Parecia que Grifinória não poderia fazer nada errado. Eles marcaram de novo e de

novo, e de novo e de novo, ao fim de outro lance, Ron defendeu gols com aparente

facilidade. Ele estava sorrindo de fato agora, e quando a multidão

saudou uma defesa

particularmente boa com um velho coro favorito de "Weasley é Nosso Rei, " ele

pretendeu regê-los do alto.

" Ele pensa que é alguém especial hoje, não é "? disse uma voz maliciosa, e Harry

quase caiu da vassoura quando Harper colidiu dura e deliberadamente com ele.

" Seu traidor do próprio sangue ... "

Madame Hooch estava virada e, embora os torcedores da Grifinória abaixo gritassem

de raiva, até que ela desse uma olhada, Harper já estava longe. Com o ombro

doendo, Harry voou atrás dele, determinado

a acertá-lo por atrás. ...

" E eu acho que Harper da Sonserina viu o pomo "! disse Zacharias Smith pelo

megafone dele. "

"Sim, ele viu algo que Potter não viu, certamente! Smith realmente era um idiota,

pensou Harry, ele não os tinha visto colidir? Mas no momento seguinte, o estômago

dele despencou - Smith tinha razão e Harry estava errado: Harper não estava voando

para cima ao acaso, ele tinha avistado o que Harry não viu: O pomo estava

acelerando no alto sobre eles, refletindo contra o céu azul claro. Harry

acelerou; o

vento assobiando nas orelhas de forma que isto sobrepujou todo o som dos

comentários de Smith ou a multidão, mas Harper ainda estava à frente dele, e

Grifinória estava só cem pontos na frente; se Harper chegasse lá primeiro Grifinória

teria perdido. . . e agora Harper estava próximo disto, a mão dele estendida. ...

" Oi, Harper "! gritou Harry em desespero. " Quanto Malfoy pagou para vir em vez dele

"?

Ele não soube o que o fez dizer isso, mas Harper reduziu; ele apalpou o pomo e o

deixou deslizar pelos dedos. Harry esticou para a minúscula e trêmula bola e a pegou.

"SIM "! Harry gritou. Dando voltas, ele retornou ao solo, o pomo seguro alto na mão

dele. Quando a multidão percebeu o que tinha acontecido, um grande grito subiu que

quase sobrepujou o som do apito que sinalizava o fim do jogo.

" Gina, onde você vai "? gritou Harry que tinha ousado no meio do campo para

encontrar com o resto do time, mas Gina voou para além deles até que , com um

estrondo alto, ela colidiu com o pódio de comentaristas. A multidão gritou e riu, o time

de Grifinória aterrissou ao lado dos destroços de madeira debaixo do qual Zacharias

estava se mexendo, Harry ouviu Gina dizendo a uma Professora McGonagall

encolerizada, " Esqueci de frear, Professora, desculpe ".

Rindo, Harry se livrou do resto do time e abraçou Gina, mas a largou bem depressa.

Evitando o olhar dela, ele cumprimentou Ron com tapinhas nas costas, toda a

inimizade esquecida, o time da Grifinória andando lado a lado e acenando aos

torcedores.

A atmosfera no vestiário era jubilosa. " Festa na sala comunal", disse Simas!

Dino gritou exuberante. " Venha, Gina, Demelza "!

Ron e Harry foram os últimos a deixar o vestiário. Eles quase partiram quando

Hermione entrou. Ela estava torcendo a echarpe da Grifinória nas mãos e parecia

chateada, mas determinada.

"Eu quero dar uma palavra com você, Harry ". Ela levou respirou funda. " Você não

deveria ter feito isto. Você ouviu Slughorn, é ilegal ".

" O que vai você fazer, nos entregar "? exigiu Ron. " Do é que é você dois estão

falando afinal "? perguntou Harry, se virando para retirar o uniforme de modo que

nenhum dos dois o visse sorrindo.

"Você sabe perfeitamente bem sobre o que nós estamos falando!" disse Hermione

estridente. "Você colocou no suco de Ron a poção da sorte no café da manhã! Felix

Felicis "!

" Não, eu não coloquei", Harry disse, virando para ficar de frente para eles.

" Sim, você colocou, Harry, e é por isso que tudo deu certo, faltaram jogadores da

Sonserina e Ron defendeu tudo "!

" Eu não coloquei "! disse Harry sorrindo amplamente. Ele enfiou a mão dentro do

bolso de jaqueta e tirou a garrafa minúscula que Hermione tinha visto na mão dele de

manhã. Estava cheia da poção dourada e a cortiça ainda estava lacrada firmemente

com cera. " Eu queria que Ron pensasse que eu tinha feito isto, assim eu fingi quando

eu soube que você estava olhando ". Ele olhou Ron. " Você defendeu tudo porque

você se sentia afortunado. Você fez tudo por você ". Ele guardou a poção novamente.

"Realmente, não havia qualquer coisa em meu suco de abóbora?" Ron disse

surpreendido.

" Mas o bom tempo. . . e Vaisey não poder jogar. ... Honestamente, eu não tomei nada

da poção da sorte?"

Harry balançou a cabeça, negando. Ron abriu a boca por um momento, então virou

para Hermione e imitou a voz dela. " Você colocou Felix Felicis esta manhã no suco

de Ron e é por isso ele defendeu tudo! Veja! Eu posso defender gols sem ajuda,

Hermione "!

" Eu nunca disse que você não podia, Ron, você também pensou que tinha sido feito

isto! Mas Ron já tinha aberto e saído porta afora com a vassoura em cima do ombro

dele.

" Er," Harry disse no súbito silêncio; ele não esperava que o plano dele terminasse

assim, " Vamos para a festa, então "?

" Você vai "! disse Hermione, pestanejando por entre lágrimas. " Eu estou cansada de

Ron, no momento, eu não sei o que é que eu fiz. . . ." E ela também saiu

tempestuosamente para fora do vestiário.

Harry caminhou lentamente através dos terrenos do castelo pela multidão, muitos dos

quais gritaram parabéns a ele, mas ele sentia uma grande sensação de vazio; ele

estava seguro que se Ron ganhasse a

partida, ele e Hermione seriam novamente e imediatamente amigos.

Ele não viu como

ele poderia explicar a Hermione que o que ela tinha feito para ofender Ron,

possivelmente, era o beijo a Viktor Krum, não quando a ofensa tinha acontecido há

tanto tempo.

Harry não viu Hermione na festa de comemoração da Grifinória que estava no auge

quando ele chegou.

Alegrias renovadas e palmas saudaram o aparecimento dele e ele foi cercado logo por

uma turba das pessoas que o felicitavam. Apesar de evitar os irmãos Creevey que

quiseram uma análise da partida minuto a minuto e um grupo grande de meninas que

o cercaram e riam dos menos divertidos comentários dele e

batiam as pálpebras delas, passou algum tempo antes que ele pudesse tentar achar

Ron. Afinal, ele se desembaraçou de Romilda Vance que estava dando indiretas que

gostaria de ir a festa de Natal de

Slughorn com ele.

Quando ele estava indo para a mesa de bebidas, ele se dirigiu diretamente para Gina

que estava com Arnold, o Pygmy Puff, no ombro dela e Bichento que miava

esperançosamente aos pés dela.

" Procurando Ron "? ela perguntou e sorriu maliciosamente. " Ele está ali, o hipócrita

imundo.

Harry olhou para canto no qual ela estava indicando. Lá, para completa visão da sala

comunal, Ron estava abraçado tão próximo a Lilá Brown que era difícil saber que mão

era de quem.

" Parece que está comendo o rosto dela, não é "? disse Gina sem emoção. " Mas eu

imagino que ele deva conseguir melhorar a técnica de alguma maneira. Bom jogo,

Harry ".

Ela bateu levemente no braço dele; Harry sentiu o estômago afundando, entretanto

ela caminhou para se servir de mais cerveja amanteigada. Bichento trotou atrás dela,

os olhos amarelos dele fixos em Arnold o rato dela.

Harry foi para longe de Ron que não viu que ele estava perto, ao mesmo tempo que o

buraco do retrato estava fechando. Com uma sensação de pesar, ele pensou ter visto

uma juba de cabelo castanho antes que

o quadro se fechasse.

Ele foi para adiante, evitando Romilda Vance novamente e empurrou o retrato da

Mulher Gorda. O corredor do lado de fora parecia vazio. "Hermione "?

Ele a achou na primeira sala de aula destrancada que ele tentou. Ela estava sentada

na escrivaninha do professor, sozinha com exceção de um círculo pequeno de

pássaros amarelos cantando que em volta da

cabeça dela que tinha claramente acabado de conjurar. Harry não pôde deixar de

admirar o trabalho pelo feitiço dela.

" Oh, oi, Harry, " ela disse em uma voz frágil. " Eu só estava praticando ".

" Sim. . . eles são - er - realmente bom. ... " disse Harry. Ele não tinha nenhuma idéia

do que dizer a ela. Ele estava desejando saber se havia alguma chance dela não ter

notado Ron e ter deixado a sala somente porque a festa estava um pouco desordeira,

quando ela disse, em um voz incomum, " Ron parece estar desfrutando as

comemorações ".

" Er. . . ele estava"? disse Harry.

"Não finja que você não o viu", Hermione disse. " Ele não estava escondendo

exatamente, não é -?"

A porta atrás deles se abriu com estrondo. Para o horror de Harry, Ron entrou rindo,

puxando Lilá pela mão. ; '

" Oh, " ele disse e estreitando os olhas à vista de Harry e Hermione.

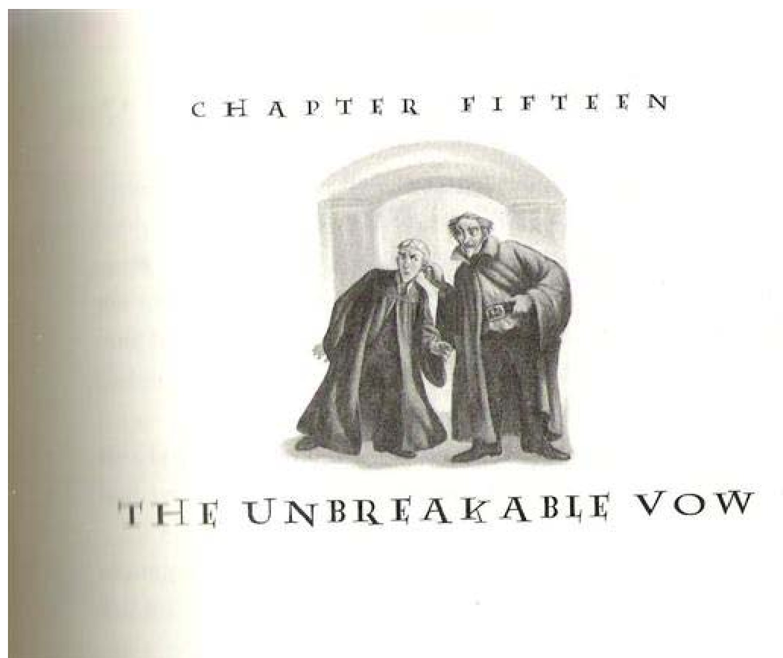
"Oops "! disse Lilá e se retirou da sala dando risada. A porta fechando bateu atrás

dela. Houve um horrível, denso e constrangedor silêncio. Hermione estava encarando

Ron que se recusou a olhar, mas disse com uma mistura estranha de desafio e falta

de jeito, " Oi, Harry! Queria saber onde você estava "!

Hermione saiu de trás da escrivaninha. O pequeno rebanho de pássaros dourados



continuava cantando em círculos ao redor da cabeça dela de forma que ela se parecia

um modelo estranho e plumoso do sistema solar.

" Você não deveria deixar Lilá esperando, " ela disse baixo. " Ela desejará saber onde

você foi ".

Ela caminhou lentamente e ereta até a porta. Harry olhou de soslaio

para Ron que

estava aliviado que nada pior tivesse acontecido.

"Oppugno "! Veio um grito agudo da porta.

Harry girou para ver Hermione que apontava a varinha dela para Ron, a expressão

selvagem: O pequeno rebanho de pássaros estava acelerando como balas douradas

gordas para Ron que gemeu e cobriu o rosto com as mãos, mas os pássaros

atacaram, bicaram e arranharam todo pedaço de

carne que eles podiam alcançar.

"Gerremoffme "! ele gritou, mas com um último olhar de fúria vingativa, Hermione

abriu porta e desapareceu por ela. Harry pensou ter ouvido um soluço antes dela

bater.

Capítulo 15: O Voto Inquebrável

Neve estava caindo mais uma vez contra as janelas frias; o Natal estava se

aproximando rapidamente. Hagrid já havia providenciado as doze usuais árvores de

natal para o Saguão de Entrada; guirlandas de azevinho e fitas tinham sido trançadas

ao redor dos corrimãos dos degraus; velas de chama eterna ardiam de

dentro dos

capacetes das armaduras e grandes ramos de visco tinham sido pendurados em

intervalos ao longo dos corredores. Grupos grandes de meninas tendiam a convergir

debaixo dos ramos de visco toda vez que Harry passava, o que causava bloqueios

nos corredores; sua sorte, porém, era que os freqüentes passeios noturnos de Harry

tinham lhe dado um extraordinário conhecimento das passagens secretas do castelo,

de forma que ele, sem muita dificuldade, andava por rotas livres entre as aulas.

Ron, que não via necessidade destes desvios por ciúmes em lugar de alegria,

simplesmente reagiu com risadas. Mesmo assim, Harry preferiu este riso, era melhor

ter o Ron engraçado do que o modelo mal-humorado, agressivo que Harry vinha

suportando durante as últimas semanas; Ron melhorava, mas a um alto preço.

Primeiramente, Harry teve que agüentar a presença freqüente de Lavender Brown,

que parecia considerar qualquer momento que não estivesse beijando Ron como

desperdiçado; e depois, Harry se achou o melhor amigo de duas pessoas que

pareciam que improvavelmente falariam novamente um ao outro.

Ron, cujo antebraço ainda tinha arranhões e cortes do ataque do pássaro de

Hermione, estava com um tom defensivo e ressentido.

"Ela não pode reclamar", falou para Harry. "Ela namora Krum. Ela acha que eu não

namoraria ninguém também. Bem, é um país livre. Eu não fiz nada de errado".

Harry não respondeu, mas fingiu estar absorvido no livro que supostamente teria que

ler para a aula de Feitiços da manhã seguinte (Quintessência: Uma descoberta).

Estava determinado a permanecer amigo de Ron e Hermione, por isso estava

passando muito tempo com a boca bem fechada.

"Eu nunca prometi nada para Hermione ", Ron resmungou. "Quero dizer... certo, eu ia

com ela para a festa de Natal de Slughorn, mas ela nunca disse... apenas amigos...

Eu sou uma pessoa livre..."

Harry virou uma página do Quintessência atento, ainda ouvindo Ron. A voz dele

arrastava-se como murmúrios, entretanto, pouco audível, abafada pela crepitação alta

do fogo, Harry pescou as palavras" Krum" e " não pode reclamar" novamente.

O horário de Hermione estava tão cheio que o Harry só podia falar direito com ela pela

noite. Ron estava, em todo caso, firmemente distraído com Lavender, que não notou o

que Harry estava fazendo. Hermione se recusou a sentar na sala

comunal enquanto

Ron estava lá, Assim Harry geralmente se unia a ela na biblioteca em conversações

sussurradas.

"Ele é perfeitamente livre para beijar quem ele gosta", disse Hermione, enquanto a

bibliotecária, Senhora Pince, rondou as estantes atrás deles. "Eu realmente não me

importo mais”.

Ela elevou a pena dela e pontilhou um 'i' tão ferozmente que perfurou um buraco no

pergaminho. Harry não disse nada. Ele pensou que a voz dele seria desnecessária.

Ele se curvou um pouco sobre o Fabricação Avançada de Poções e continuou

fazendo notas em Elixires Perpétuos, enquanto pausava para decifrar as úteis dicas

do príncipe, sendo auxiliado pelo texto de Libatius Borage ocasionalmente.

"E aproveitando", disse Hermione, depois de alguns momentos, “você precisa ter

cuidado”.

"Pela última vez", disse Harry, falando em um tom ligeiramente rouco após três

quartos de hora de silêncio, "eu não vou devolver este livro. Eu aprendi mais com o

príncipe mestiço do que Snape ou Slughorn me ensinariam--"

"Eu não estou falando sobre seu príncipe estúpido", disse Hermione,

dando para o

livro um olhar sórdido como se ele tivesse sido rude com a ela. "Estou falando sobre

hoje cedo. Entrei no banheiro das meninas, logo antes de vir pra cá e lá havia uma

dúzia de meninas, inclusive Romilda Vance, tentando decidir como utilizar em você

um filtro amoroso. Tudo que elas estão esperando conseguir é que você as leve à

festa de Slughorn, e elas parecem ter comprado de Fred e George poções do amor,

eu tenho medo de ela provavelmente funcione--".

"Por que você não as confiscou então?" Harry exigiu, parecia extraordinário que a

mania de Hermione em apoiar as regras a abandonasse nesta situação.

"Elas não estavam com as poções no banheiro", disse Hermione desdenhosa. "Elas

estavam discutindo táticas. Como eu duvido, o "príncipe mestiço" ela deu para o livro

outro olhar desdenhoso, poderia inventar um antídoto imediatamente para uma dúzia

de filtros amorosos diferentes. Assim, eu convidaria alguém para ir com você, isso

pararia todas que estão pensando que ainda tem uma chance. Amanhã a noite, elas

estarão desesperadas".

"Não há ninguém que eu queira convidar", resmungou Harry, que estava tentando não

pensar em Gina por mais que ela pudesse ajudar, apesar do fato de ela continuar

semeando os sonhos Harry, de modo que lhe ele se sentia aliviadamente grato que

Ron não pudesse executar Legilimancia.

"Bem, só tenha cuidado com o que você bebe, porque Romilda Vance vai tentar

executar seu plano", disse Hermione severamente.

Ela se debruçou em cima do rolo longo de pergaminho, no qual estava escrevendo

seu ensaio de Aritmancia, e continuou arranhando com sua pena. Harry a assistia

com a mente longe.

"Espere um momento", ele disse lentamente. "Eu pensei que Filch tinha proibido

qualquer coisa comprada dos Artigos de Feitiçaria Weasley?".

"E quando qualquer um se importou com o que Filch proíbe?" Hermione perguntou,

ainda concentrada na composição dela.

"Mas eu pensei que todas as corujas eram rastreadas. Assim como estas garotas

puderam trazer filtros amorosos à escola?".

"Fred e George os enviam disfarçados como perfumes e poções de tosse", disse

Hermione. "Faz parte do serviço de entrega por Corujas deles”.

"Você sabe muito sobre isto”.

Hermione lhe deu o olhar sórdido que tinha dado há pouco para o livro de Fabricação

Avançada de Poções.

"Estava tudo na parte de trás das garrafas que eles e Gina me mostraram no verão",

ela disse friamente, "eu não passo pondo poções nas bebidas de pessoas... ou

pretendendo, o que é ruim da mesma maneira...".

"Sim, bem, não importa", disse o Harry depressa. "O ponto é, Filch está sendo

enganado, não? Estas meninas estão trazendo materiais proibidos a escola,

disfarçados como qualquer outra coisa! Assim por que Malfoy não poderia ter trazido o

colar--?"

"Oh, Harry... de novo não..."

"Vamos... Por que não?" Harry exigiu.

"Olhe", suspirou Hermione, “Sensores de Segredo descobrem amuletos de má sorte,

maldições, e encantamentos, não é? Eles são usados para achar magia negra e seus

objetos. Eles teriam apanhado uma maldição poderosa, como a do colar, em

segundos. Mas algo que é posto em garrafa errada não--de qualquer maneira filtros

amorosos não são nenhuma magia negra perigosa---".

"Fácil para você, dizer isso" murmurou Harry, enquanto pensava em Romilda Vance.

"--estaria fora do alcance de Filch perceber que isto não era uma poção de tosse, ele

não é um feiticeiro muito bom, eu duvido que ele possa conhecer uma poção de--".

Hermione parou estarrecida; Harry tinha ouvido também. Alguém tinha se movido

atrás deles entre as estantes escuras. Eles esperaram, e momentos depois, viram o

semblante de Senhora Pince como um vulto aparecendo no canto do corredor, suas

bochechas afundadas, a pele como pergaminho, e o nariz curvo longo dela

iluminavam-se fracamente pelo abajur que ela estava carregando.

"A biblioteca está agora fechada", ela disse, "Você deve devolver qualquer coisa que

você pegou emprestada--o que você faz com este livro, menino depravado?"

"Não é da biblioteca, é meu!" Disse o Harry apressadamente, enquanto arrebatava

seu Livro de Poções Avançadas da mesa, ela se apressou e o pegou com uma mão

de garras.

"Deteriorado!" ela assobiou. "Profanado, sujo!"

"É apenas um livro que foi rabiscado!", disse Harry, enquanto

arrancava o livro dela.

Ela olhou como se fosse ter um ataque apoplético; Hermione, que tinha empacotado

as coisas dela apressadamente, agarrou Harry pelo braço e o fez marchar para fora

da biblioteca.

"Ela o proibirá da biblioteca se você não tiver cuidado. Por que você tinha que trazer

aquele livro estúpido?".

"Não é pela minha falta que ela está latindo furiosa, Hermione. Ou você pensa que ela

não escutou que estávamos sendo rudes com Filch? Eu sempre achei que havia algo

entre eles...".

"Oh, ha ha.."

Desfrutando o fato que eles pudessem falar normalmente de novo, eles retornaram ao

longo dos corredores desertos iluminados pelos abajures para a sala comunal,

discutindo se Filch e Senhora Pince poderiam estar secretamente apaixonados.

"Bugigangas" disse Harry à Senhora Gorda, isto que é a contra-senha nova, festiva.

"O mesmo para você", disse a senhora gorda com um sorriso mau, e ela girou para

admitir a entrada.

"Oi, Harry"! disse Romilda Vance, no momento em que ele apareceu pelo buraco de

retrato. "Aceita um gelinho?".

Hermione o deu um "O-que-eu-falei-a-você?" Por sobre os ombros.

"Não, obrigado", disse Harry depressa. "Não gosto muito".

"Bem, leve estas de qualquer maneira", disse Romilda, enquanto empurrava uma

caixa nas mãos dele. “Caldeirões de chocolate", têm sabores neles. Meus avós os

enviaram a mim, mas eu não gosto".

"Oh--certo--muito obrigado." disse Harry que não pôde pensar em mais nada para

dizer. " Er—eu estava vindo pra cá com.. "

Ele se apressou atrás de Hermione, seguindo a voz dela.

"Lhe falei", disse sucintamente Hermione, "Quanto mais cedo você convidar alguém,

mais cedo elas vão deixá-lo em paz e você pode--".

Mas de repente a face dela ficou branca; ela tinha visto há pouco Ron e Lavender

sentados na mesma poltrona.

"Bem, boa noite, Harry" disse Hermione, entretanto eram só sete horas da noite, e ela

foi para o dormitório feminino sem nenhuma outra palavra.

Harry foi para cama confortando-se que havia mais um único dia de

lições, e após a

festa de Slughorn, ele e Ron partiriam juntos para a Toca. Parecia impossível agora

que Ron e Hermione fizessem as pazes antes dos feriados, mas talvez, de alguma

maneira, o afastamento lhes daria tempo para se tranqüilizar e pensar melhor nos

seus comportamentos...

Mas as esperanças dele não eram muitas, e diminuíram ainda mais depois de

suportar uma aula de Transfiguração com os dois no dia seguinte. Eles tinham

entrado em um tópico extremamente difícil de transfiguração humana; trabalhando em

frente a espelhos, onde tentavam mudar a cor das próprias sobrancelhas. Hermione

riu indelicadamente quando Ron desastrado, em sua primeira tentativa, conseguiu se

dar um enorme bigode espetacular de alguma maneira; Ron retaliou fazendo uma

imitação cruel, mas precisa de Hermione, quando ela mexia-se no assento toda vez

que Professora McGonagall fazia uma pergunta. Lavender e Parvati acharam muito

divertido, e Hermione reduziu-se a beira de lágrimas novamente. Ela correu para fora

da sala de aula ao toque do sino, deixando para trás suas coisas; Harry, decidindo

que a necessidade dela era maior que a de Ron agora, recolheu os pertences dela e a

seguiu.

Quando ele a alcançou finalmente, ela entrou no banheiro feminino do andar de baixo.

Foi acompanhada por Luna Lovegood que estava batendo levemente em suas costas.

"Oh, oi, Harry," disse Luna. " Você sabe que uma de suas sobrancelhas esta

amarela?".

"Oi, Luna. Hermione, você deixou seus materiais..."

Ele ofereceu os livros dela.

"Oh, sim", disse Hermione, em uma voz sufocada, carregando suas coisas e se

virando depressa para esconder o fato que estava esfregando os olhos com sua

lapiseira. “Obrigado, Harry. Bem, melhor eu voltar..."

E ela se apressou, sem dar qualquer tempo a Harry para oferecer palavras de

conforto, entretanto ele devia admitir que não havia pensado em nada.

"Ela está um pouco transtornada," disse Luna. "Eu achava no princípio que era a

Murta que Geme, mas encontrei Hermione. Ela disse algo sobre Ron Weasley...".

"Sim, eles tiveram um desentendimento", disse Harry.

"Ele às vezes diz coisas engraçadas, não?" disse Luna quando partiram juntos ao

corredor. "Mas ele pode ser um pouco indelicado. Eu notei ano passado”.

"Eu suponho", disse Harry. Luna estava demonstrando a destreza habitual de falar

verdades incômodas; ele nunca tinha conhecido qualquer pessoa como ela. "Você

está tendo um bom período?".

"Oh, está tudo certo", disse Luna. "Um pouco só sem Gina por perto, entretanto. Ela

parou dois meninos em nossa aula de Transfiguração, depois chamando-me de Loony

outro dia--"

"Você gostaria de vir hoje à noite à festa de Slughorn comigo?”.

As palavras estavam fora da boca de Harry antes de ele as pudesse parar; ele se

ouviu as dizer como se fosse a sua fala mais estranha.

Luna virou os olhos protuberantes a ele, surpresa.

“A festa de Slughorn? Com você?" "Sim," disse Harry," é comum convidar alguém,

pensei que você poderia gostar.. Eu quero dizer..." Ele não estava conseguindo deixar

suas intenções perfeitamente claras. "Eu quero dizer, como amigos, você sabe. Mas

se você não quiser...". Como que já esperasse ela não querer.

"Oh não, eu amaria ir com você, como amigos!" disse Luna, irradiando como nunca

ele tinha visto antes. "Ninguém nunca me convidou a uma festa antes, como um

amigo! Você tingiu sua sobrancelha, para a festa? Eu deveria tingir a minha também?"

"Não" Harry disse firmemente, "Isso foi um engano. Eu pedirei que Hermione conserte

isto para mim. Assim te encontro então no corredor de entrada às oito horas".

"AHA!" gritou uma voz, e ambos saltaram; aparecia de repente Pirraça, que estava

pendurando de cabeça para baixo em um lustre e estava sorrindo maliciosamente

para eles.

"Potty convidou Loony para ir a festa ! Potty ama Loony! Potty aaaaama Looooony!"

E ele zuniu gargalhando corredor afora e gritando,"Potty ama Loony!"

"Obrigada por manter as coisas privadas", disse o Harry. E certamente, num instante

toda a escola parecia saber que o Harry Potter levaria Luna Lovegood à festa de

Slughorn.

"Você poderia ter levado qualquer uma!" disse Ron em descrença no

jantar. "Qualquer

uma! E você escolheu Luna Lovegood?"

"Não chame ela assim, Ron!" disse Gina, parando atrás de Harry unindo-se aos

amigos. "Eu estou realmente alegre por você levá-la Harry, ela esta tão

entusiasmada".

E ela mudou de mesa para sentar-se com Dino. Harry tentou se sentir contente em

saber que Gina estava alegre por ele estar levando Luna à festa, mas não podia

administrar isto totalmente. Longe deles na mesa, Hermione estava sentada só,

brincando com seu guisado. Harry notou Ron olhando furtivamente para ela.

"Você poderia dizer que está arrependido", sugeriu Harry abruptamente.

"O que, e é atacado por outro rebanho de canários?" Ron murmurou.

"Por que você teve que imitá-la?".

"Ela riu do meu bigode!".

"Assim eu fiz também, era a coisa mais estúpida que já vi."

Mas o Ron não parecia ter ouvido; Lavender tinha chegado há pouco com Parvati. Se

apertando entre o Harry e Ron, Lavender arremessou os braços ao redor do pescoço

de Ron.

"Oi, Harry", disse Parvati que, como Harry, olhou um pouco envergonhada e enfadouse com o comportamento dos dois amigos.

"Oi", disse Harry, "Como você está? Você vai ficar Hogwarts, então? Eu ouvi que seus

pais queriam que você partisse".

"Eu consegui os convencer a ficar" disse Parvati. "Aquela Katie realmente apavorou

eles, mas como não ocorreu qualquer coisa desde... Oh, ola, Hermione"!

Parvati irradiou positivamente. Harry poderia contar que ela estava se sentindo

culpada por ter rido de Hermione em Transfiguração. Ele deu uma olhada e viu que

Hermione estava de volta radiante, até mesmo mais brilhante. Meninas às vezes eram

muito estranhas.

"Oi, Parvati"! Disse Hermione, enquanto ignorava Ron e Lavender completamente.

"Você vai hoje à noite para a festa de Slughorn?”

"Nenhum convite", disse Parvati tristemente. "Eu amaria ir, no entanto... parece que

vai ser realmente boa... Você vai, não é?”.

"Sim, eu vou encontrar Cormac as oito, e nós vamos -”.

Houve um barulho como uma rolha que está sendo retirada de uma pia bloqueada, e

Ron apareceu. Hermione agiu como se ela tivesse visto ou ouvido qualquer coisa.

"-nós estamos indo a festa juntos."

"Cormac?" disse Parvati. "Cormac McLaggen, você quer dizer?"

"Este mesmo" disse Hermione docemente. "O que *quase* - ela pôs muita ênfase na

palavra – tornou-se Rebatedor de Grifinória”.

"Você está saindo com ele, então?" Parvati perguntou, olhos arregalados.

"Oh - sim - você não soube?" disse Hermione, com uma não-pertencente-a-Hermione

risadinha.

"Não!" disse Parvati, enquanto parecendo impaciente por esta fofoca. "Wow, você

gosta de seus jogadores de Quadribol, não? Primeiro Krum, então McLaggen..."

"Eu gosto de * realmente bons * jogadores de Quadribol", Hermione a corrigiu,

enquanto sorria. "Bem, nos vemos... Vou indo me preparar para a festa...".

Ela partiu. Imediatamente Lavender e Parvati se consultaram mutuamente para

discutir este novo acontecimento, em tudo que elas tinham ouvido falar alguma vez de

McLaggen, nunca teriam adivinhado sobre Hermione. Ron parecia estranhamente

branco e não disse nada. Harry foi levado a ponderar em silêncio, o que as meninas

fariam em resposta.

Quando ele chegou no corredor de entrada às oito horas que noite, ele achou um

número extraordinariamente grande de meninas que espreitavam, todos pareciam

estar encarando recentidamente quando chegou Luna. Ela estava usando um

conjunto de lantejoulas prateadas que estava atraindo uma certa quantia de

risadinhas dos espectadores, mas em todo caso ela parecia bastante agradável. Harry

estava alegre, ela tinha deixado seus brincos de rabanete, o colar com o copo de

cerveja amanteigada, e o espectroscópio dela.

"Oi" ele disse. "Vamos?”

"Oh sim", ela disse felizmente. "Onde está a festa?”

“No escritório de Slughorn”, disse Harry, enquanto a conduzia pela escadaria

marmórea longe de todos o fitando e murmurando. "Você ouviu, é provável que um

vampiro esteja vindo?"

"Rufus Scrimgeour?" Luna perguntou.

"Eu - O que? disse Harry, desconcertado. "Você quer dizer o Ministro da Magia?".

"Sim, ele é um vampiro", disse Luna inteirada do assunto. "Papai escreveu um artigo

muito longo sobre isto, quando Scrimgeour assumiu o lugar de Cornelius Fudge, mas

ele foi forçado a não publicar por alguém do Ministério. Obviamente, eles não

quiseram que a verdade vazasse!"

Harry, pensou que fosse improvável Rufus Scrimgeour ser vampiro, mas acostumado

com as visões estranhas do pai de Luna acerca dos fatos, não respondeu; eles já

estavam se aproximando do escritório de Slughorn, e os sons de risada, música, e

conversação alta, estavam crescendo mais a cada passo que eles davam.

Se tinha sido construído assim, ou se ele tivesse usado algum artifício mágico para

fazê-lo, o escritório de Slughorn era muito maior que os escritórios de professor

habituais. Tinham sido drapejados, o teto e paredes com esmeralda, rubis, e toques

de ouro, de forma parecida a uma vasta tenda. O quarto era abarrotado e sufocante,

uma luz vermelha fixa a um abajur dourado fazia parte do elenco, ornado, oscilando

no centro do teto no qual fadas reais estavam tremulando, como pintas brilhantes de

luz. Um som alto, acompanhado pelo que parecia bandolins soando em um canto

distante; uma neblina de fumaça, vinda de um tubo pendurado em

cima de vários

feiticeiros anciãos que conversavam ao fundo, e vários duendes estavam serviam de

modo deles pela imensidão de joelhos, obscurecidos pelas travessas prateadas

pesadas de comida que eles estavam carregando, de forma que eles se parecia

pequenas mesas perambulando.

"Harry, meu garoto!" Slughorn falava, quase assim que Harry e Luna apareceram pela

porta. "Entre tantas pessoas eu gostaria de encontrar você!".

Slughorn estava usando um chapéu aveludado ornado com bolas para combinar com

sua jaqueta. Agarrou o braço de Harry tão firmemente que poderia ter desaparatado

com ele, Slughorn o conduziu cheio de intentos na festa; Harry agarrou a mão de

Luna e a arrastou junto com ele.

"Harry, eu gostaria que você conhecesse Eldred Worple, um antigo aluno meu, o autor

de Os Irmãos consangüíneos: Minha Vida Entre os Vampiros - e, claro que, o amigo

dele Sanguini".

Worple que era um pequeno, robusto, um homem grande, agarrou a mão de Harry e a

sacudiu entusiasticamente; o vampiro Sanguini era alto e emagrecia com as sombras

escuras debaixo dos olhos, somente acenou com a cabeça. Ele olhou

bastante

enfadado. Um grupo de meninas estava se levantando perto dele, parecendo curioso

e entusiasmado.

"Harry Potter, eu simplesmente estou encantado!" disse Worple, enquanto investigava

discretamente a testa de Harry. "Eu estava dizendo a Professor Slughorn outro dia,

Onde a biografia de Harry Potter que todos nos estamos esperando?"

"Er," disse o Harry," você disse?"

"Modesto da mesma maneira que Horace descreveu!" disse Worple.

"Mas seriamente”,—a maneira dele de falar mudou; ficou repentinamente em um tom

de negócios—" me seria um prazer escrever isto — as pessoas almejam saber mais

sobre você, querido, almejam! Se você estiver preparado para me conceder algumas

entrevistas, digo sessões de quatro ou cinco horas, nós poderíamos ter um livro

pronto dentro de meses. E tudo com muito pouco esforço de sua parte, eu o asseguro

— pergunte para Sanguini se não for totalmente — Sanguini, fique aqui!" Worple

disse, repentinamente duro, para o vampiro que estava dirigindo para perto do grupo

de meninas, com um olhar bastante faminto. "Aqui, distraia-se com isto", disse

Worple, enquanto agarrava um duende que passava e ou deu na mão

de Sanguini

antes de voltar a dar atenção para Harry. "Meu querido, o ouro que poderíamos fazer,

você não tem idéia—".

"Eu definitivamente não estou interessado", disse o Harry firmemente, "e vi há pouco

uma amiga minha, com licença". E puxou Luna depois dele na multidão; ele realmente

tinha só visto uma longa juba de cabelo marrom desaparecer entre o que se parecia

dois membros dos Irmãos Estranhos.

"Hermione! Hermione!".

"Harry! Ai está você, graças! Oi, Luna"!

"O que aconteceu?" Harry perguntou, para Hermione que parecia distintamente

desordenada, como se tivesse com uma moita de Armadilha de Diabo.

"Oh, eu há pouco escapei — eu quero dizer, eu deixei Cormac", ela disse. "Debaixo

do visco", ela somou em explicação, quando Harry continuou olhando para ela

questionando-a.

"Você estava vindo com ele", ele lhe falou severamente. "Eu pensei que isso

aborreceria Ron", disse Hermione desapontada. "Eu pensei durante algum tempo em

Zacharias Smith, mas, em geral—"

"Você considerou o Smith?" disse Harry, revogando.

"Sim, considerei, e estou começando a desejar tê-lo escolhido, McLaggen faz Grawp

parecer um cavalheiro. Estranho, só vim perceber quando estávamos vindo, ele é tão

alto. . " Os três dirigiram-se para o outro lado do salão, atropelando duendes no

caminho, percebendo que Professora Trelawney estava por lá sozinha.

"Oi," disse Luna educadamente a Professora Trelawney.

"Boa noite, minha querida", disse Professora Trelawney, enquanto focalizava Luna

com alguma dificuldade. Harry podia sentir o cheiro de licor novamente. "Eu não a vi

ultimamente em minhas aulas...".

"Não, eu estou com Firenze este ano," disse Luna.

"Oh, claro", disse Professora Trelawney brava, rindo como bêbada. "Ou Dobbin,

prefiro pensar nele. Você poderia ter pensado, ou não, que agora que volto a escola

Professor Dumbledore liberaria este cavalo? Mas não... nós compartilhamos aulas. . .

. É um insulto, francamente, um insulto. Você sabe..." Professora Trelawney parecia

bastante alterada para ter reconhecido Harry.

Debaixo das críticas furiosas dela a Firenze, Harry chamou Hermione a um canto e

disse, "Deixe eu te perguntar. Você está planejando para falar Ron que você interferiu

nas provas de Rebatedor?”.

Hermione elevou as sobrancelhas dela. "Você realmente acha que fiz isso?"

Harry olhou seriamente para ela. "Hermione, você pode perguntar para McLaggen—"

“Há diferenças", disse Hermione com dignidade. “Eu não tenho nenhum plano para

contar para Ron, ou qualquer coisa sobre que possa, ou não ter acontecido no teste

para a seleção de Rebatedores”.

"Bom", disse o Harry fervorosamente. "Porque se ele falhar novamente, nós

perderemos a próxima partida—".

"Quadribol!" disse Hermione furiosamente. "É com isso que todos os meninos se

preocupam? Cormac não me perguntou uma única coisa, não, eu há pouco fui tratada

como 'A Grande Salvação Feita por Cormac McLaggen' interrompendo-se —oh não,

ai vem ele!" Ela se moveu tão rápido que era como se tivesse desaparatado; em um

momento tinha se colocado entre duas bruxas rindo tinha desaparecido.

Viu Hermione?”McLaggen perguntou, forçando-se pela multidão”.

"Não, desculpe", disse o Harry, e ele se virou para conversar com Luna depressa,

esquecendo durante um segundo a quem ela estava falando.

"Harry Potter!" disse Professora Trelawney em tons fundos, vibrantes, notando-o pela

primeira vez.

"Oh, oi", disse Harry sem entusiasmo.

"Meu querido!" Ela disse em um sussurro. "Os rumores! As histórias! 'O Escolhido! '

Claro que, eu já sabia há tempo.. . Os presságios nunca eram bons, Harry. . . Mas por

que você não se inscreveu em Adivinhação? Para você, entre todas as pessoas, o

assunto é da extrema importância!"

"Ah, Sibila, todos nós pensamos que nosso assunto é mais importante!" disse uma

voz alta, e Slughorn apareceu a Professora Trelawney pelo outro lado, a face dele

muito vermelha, o chapéu aveludado um pouco obliquo, um copo de mead em uma

mão e um enorme pedaço de torta na outra. "Mas eu não acho que haja algo tão

natural quanto Poções!" disse Slughorn, dirigindo a Harry um aficionado olhar.

"Instintivo, você sabe— como a mãe dele! Eu só ensinei alguns tipos de habilidade, e

eu já posso lhe falar, Sibila — quando apareceu Severus— para o horror de Harry.

Slughorn lhe passou o braço e parecia puxar o magro Snape pelo ar para perto deles.

"Deixe de se esconder e venha, Severus!", dizia Slughorn alegremente. "Eu estava

falando sobre capacidade excepcional de Harry em fabricar poções! Algum crédito

você tem que ter, claro, você o ensinou durante cinco anos!"

Acanhado, com os braços de Slughorn ao redor dos ombros dele, Snape olhou para

baixo de seu nariz curvo para Harry, os olhos pretos estreitaram. "Engraçado, eu

sempre tive a impressão que nunca consegui ensinar qualquer coisa para Potter".

"Bem, então, é habilidade natural!" Slughorn gritou. "Você deveria ter visto fez,

primeiro lição, Esboço de Morte Viva — nunca vi um resultado melhor de estudante

em uma primeira tentativa, acho que nem você, Severus—".

"Serio?" disse Snape, os olhos dele ainda grudados em Harry que sentia uma certa

inquietação, calado. A última coisa que ele queria era Snape começando a investigar

a fonte do brilho recém descoberto dele em Poções.

"Que outras matérias você está cursando, Harry?" Slughorn perguntou.

"Defesa Contra as Artes das Trevas, Encantos, Transfiguração, Herbologia...".

Em resumo, "todos os assuntos requeridos para um Auror," disse Snape zombando

languidamente.

"Sim, bem, é isso o que eu gostaria de fazer," disse Harry desafiadoramente.

"E um grande você será!” Slughorn prosperou.

"Eu não penso que você deveria ser um Auror, Harry," disse Luna inesperadamente.

Todo mundo olhou para ela. "O Aurores fazem parte da Conspiração de Rotfang, eu

pensei que todo mundo soubesse isso. Eles estão planejando derrubar o Ministério de

Magia que usando combinação de Magia Negra e outras armas”.

Harry respirou fundo e baixou a cabeça. Pensou se realmente, tinha valido trazer

Luna. Emergiu, tossindo, sem jeito, mas ainda sorrindo, ele viu algo que reanimou seu

espírito: Draco Malfoy sendo arrastado pela orelha em direção a eles por Argus Filch.

"Professor Slughorn", ofegou Filch, o ar de queixas e a luz maníaca da descoberta

nos olhos inchados dele, "eu peguei este menino espreitando um corredor do andar

superior. Ele diz ter sido convidado a sua festa e ter partido atrasado. Você realmente

o convidou?".

Malfoy se livrou das garras de Filch, parecendo furioso. "Não, eu não fui convidado!"

ele disse furiosamente. "Eu estava tentando entrar, feliz agora?”.

"Não, não estou! disse Filch, numa declaração de extrema vantagem estampada em

sua face. "Você está em apuros, isso sim! As ordens superiores mandam não rondar

por ai, a menos que você tenha permissão, não e, eh"?

-"Certo, Argus esta certo; disse Slughorn, “É Natal, e não é um crime querer vir a uma

festa”. Então, nós esqueceremos qualquer castigo; você pode ficar, Draco.

A expressão de furiosa decepção de Filch era perfeitamente compreensível; mas por

que, Harry queria saber, observando Malfoy, ele parecia quase igualmente infeliz? E

por que Snape olhava Malfoy como se estivesse bravo e. . . Seria possível? ...

levemente amedrontado? Mas antes de Harry registrar o que ele tinha visto, Filch

tinha se virado e saído, resmungando ruidosamente; Malfoy recompôs o rosto com um

sorriso e estava agradecendo a Slughorn por sua generosidade e o rosto de Snape

exibia novamente uma calma inescrutável.

" Não é nada, nada," Slughorn disse, renunciando ao agradecimentos de Malfoy. " Eu

conheci seu avô, afinal de contas...."

" Ele sempre falou muito bem sobre você, senhor," Malfoy disse depressa. " Disse que

você era o melhor para fazer poções que ele havia conhecido. ..."

Harry encarou Malfoy. Não era vê-lo puxando saco que o intrigava; ele tinha visto

Malfoy fazer isso por muito tempo com Snape. Era o fato de Malfoy ter, afinal de

contas, um olhar um pouco doente. Era a primeira vez em que ele tinha visto Malfoy

agir como um idoso; agora ele reparou que Malfoy tinha sombras escuras debaixo dos

olhos e uma cor distintamente cinzenta de pele.

" Eu gostaria de ter uma palavra com você, Draco," Snape disse de repente.

" Agora, Severus," Slughorn disse soluçando novamente, " Por Cristo, não seja muito

duro-"

" Eu sou o Diretor da Casa dele e eu decidirei quão duro, ou caso contrário, gentil

devo ser", Snape disse." Siga-me, Draco ".

Eles partiram, Snape a frente com Malfoy parecendo ressentido. Harry esperou um

momento, irresoluto, então disse, " Eu voltarei daqui a pouco, Luna - er - banheiro ".

" Certo, " ela disse distraída e ele pensou tê-la ouvido, quando se apressou para longe

da multidão, retomar o assunto da Conspiração de Rotfang com a Professora

Trelawney que parecia genuinamente interessada. Era fácil, uma vez fora da festa,

retirar a Capa da Invisibilidade do bolso dele e colocá-la por cima, no corredor

completamente vazio. O mais difícil era achar Snape e Malfoy. Harry correu pelo

corredor, o ruído dos pés disfarçados pela música e conversa alta que ainda saia do

escritório de Slughorn atrás dele. Talvez Snape tivesse levado Malfoy ao escritório

dele nos calabouços... ou talvez ele o estivesse escoltando para a sala comunal da

Sonserina ... Harry encostava a orelha de porta em porta pelo corredor até que, com

um grande sobressalto de excitação, ele se abaixou para o buraco da fechadura da

última sala de aula no corredor e ouviu vozes.

." . . não pode cometer erros, porque se você for expulso -"

" Eu não tive nada a ver com isto, certo "?

" Eu espero que você esteja contando a verdade, porque isso foi tolo e desajeitado.

Você já é suspeito de ter uma mão nisto ".

" Quem suspeita de mim"? disse Malfoy furiosamente. " Da última vez, eu não fiz

nada, certo? Aquela garota, Bell, deve ter algum inimigo e não sabe - não me olha

como se eu gostasse disso! Eu sei o que você está fazendo, eu não sou estúpido,

mas não trabalhará - eu posso parar você!"

Houve uma pausa e, então, Snape disse baixo, " Ah. . . Tia Bellatrix tem lhe ensinado

Oclumência, eu vejo. Que pensamentos estará você tentando esconder de seu

mestre, Draco"?

" Eu não estou tentando esconder qualquer coisa dele, eu só não o quero se

intrometendo! Harry ainda apertou mais a orelha contra a fechadura. . . . O que teria

acontecido para fazer Malfoy falar a Snape assim - Snape, para quem ele tinha

mostrado sempre respeito e tinha até mesmo gostado?

" Então, é por isso que você tem me evitado? Você temeu minha interferência? Você

percebeu isso, tendo faltado e não veio a meu escritório quando eu tinha lhe dito

repetidamente para ir lá, Draco -"

" Então, me ponha em detenção! Informe para Dumbledore "! zombou Malfoy.

Houve outra pausa. Então Snape disse, " Você sabe perfeitamente que eu não posso

ou desejo fazer qualquer uma dessas coisas ".

" Você agiria melhor parando de dizer me para ir ao seu escritório!

" Escute me", Snape disse, a voz dele tão baixa agora que Harry teve que encostar a

orelha dele bem forte contra a fechadura para ouvir. " Eu estou tentando ajudar. Eu

jurei a sua mãe que eu o protegeria. Eu fiz o Voto Inquebrável, Draco -"

" Vocês terão que quebrar isto, então, porque eu não preciso de sua proteção! É meu

trabalho, ele deu isto para mim e eu estou fazendo, eu tenho um plano e vou cumprir,

só está levando um pouco mais de tempo que eu pensei que iria "!

" Qual é seu plano "?

" Não é assunto seu"!

" Se você me contar o que você está tentando fazer, eu posso ajudar..."

" Eu tenho toda a ajuda de que preciso, obrigado, eu não estou só "!

" Você estava sozinho, certamente, esta noite, na qual foi tolo ao extremo, vagando

pelos corredores sem vigia ou auxilio, estes são erros elementares -"

"Eu teria Crabbe e Goyle comigo se você não os tivesse posto em detenção!"

"Controle sua voz! brigou Snape, para Malfoy que tinha subido sua voz

excitadamente. "Se seus amigos Crabbe e Goyle pretendem passar a coruja pela

defesa contra as artes das trevas, eles precisarão trabalhar melhor do que eles estão

fazendo apes-"

"O que importa?" disse Malfoy. "Defesa Contra as Artes das trevas - parece piada, não

é, um ato? Como se algum de nós precisasse dessa Defesa-"

"Este passo é crucial para nosso sucesso, Draco"! disse Snape. "Onde você acha que

eu teria chegado todos estes anos, se eu não soubesse agir? Agora me escute! Você

está sendo descuidado, vagando à noite, se for pego, e se você está colocando sua

confiança em assistentes como Crabbe e Goyle-"

"Eles não são os únicos, tenho outras pessoas a meu lado, pessoas melhores!".

"Então por que não confia em mim, e eu posso-"

"Eu sei como você é! Você quer roubar minha glória!"

Houve outra pausa, então Snape disse friamente, "Você está falando como uma

criança. Eu entendo totalmente que a prisão de seus pais o transtornou, mas-"

Harry teve um segundo apenas para alertar-se; ele ouviu os passos de Malfoy no

outro lado da porta e se arremessou para fora no momento em que a porta estourou

abrindo. Malfoy estava descendo o corredor, para além da porta aberta do escritório

de Slughorn, e sumiu por um canto distante, longe da vista. Quase não ousando

respirar, Harry permaneceu abaixado ate Snape deixar lentamente a sala de aula.

Com uma expressão desconcertada, ele voltou à festa. Harry ficou no chão,

escondeu-se perto de uma armadura, com a mente em uma grande corrida.

Capítulo 16 -Um Natal Muito Gelado

“Então Snape estava oferecendo ajuda a ele? Ele realmente estava oferecendo ajuda

a ele?”

"Se você perguntar isso mais uma vez, disse Harry," Eu vou pegar esse galho de

broto-"

"Eu só estou checando!" disse Rony. Eles estavam parados sozinhos na cozinha da

Toca, descascando montanhas de brotos para a Sra. Weasley. A neve batia com

força na janela em frente a eles.

"Sim, Snape estava se oferecendo para ajudá-lo!" disse Harry. "Ele disse que

prometeu para sua mãe que iria protegê-lo, isso porque ele fez um inquebrável

juramento ou alguma coisa parecida-"

"Um Juramento Inquebrável?" disse Rony, olhando espantado."Nem, ele não pode

ter... você tem certeza?"

"Sim, eu tenho," falou Harry. "Por que, O que isso significa?"

"Bem, você não pode quebrar um Juramento Inquebrável... "

“O que acontece se você o quebra, então?"

"Você morre" disse Rony simplesmente. "Fred e George tentaram me pegar para

fazer um quando eu tinha mais ou menos 5 anos. Eu quase fiz também, já estava

dando as mãos e tudo com o Fred quando papai achou a gente. Ele saiu do sério,"

disse Rony, com os olhos iluminados. "Foi a única vez que vi papai tão zangado

quanto a mamãe, Fred contou que a nádega esquerda dele nunca mais foi a mesma

desde então".

"É, bem, pensando melhor, na nádega esquerda do Fred-"

"Desculpe-me?"disse a voz de Fred e os gêmeos entraram na cozinha.

"Aaah, Jorge, olhe isso. Eles estão usando facas e tudo. Que sortudos."

" Eu vou fazer dezessete daqui a pouco" falou Rony mal-humorado" e então eu vou

ser capaz de fazer isso com magia, ta?"

"Mas por enquanto," disse George, sentando na mesa da cozinha e colocando seu

pés também," nós podemos nos divertir olhando você demonstrar a forma correta de

usar a ---Ôpa!"

"Você me fez fazer isso!"disse Rony furioso, sugando seu polegar cortado, "espere

até eu ter dezessete -"

"Eu tenho certeza que você ia se deslumbrar todo com a nossa, até agora, insuspeita

habilidade mágica," bocejou Fred.

"E falando de até agora insuspeita habilidade, Ronald," falou George, "O que é isso

que ouvimos da Gina sobre você e a sua jovem senhorita chamada - até onde a

nossa informação vai - Lilá Brown?"

Rony ficou um pouco vermelho, mas não olhou ofendido quando ele retornou para os

brotos. "Opine sobre seus negócios."

"Que resposta mais rude," falou Fred. "Eu realmente não sei como você

pensa em respostas assim. Não, o que nós queremos saber é: como aconteceu?"

"Como assim?"

"Ela sofreu algum acidente ou algo parecido?"

"QUE?!?! “

"Bem, Como ela consegue sustentar tal grande dano no cérebro? Tenha

cuidado, agora!"

A Sra. Weasley entrou na sala bem na hora de ver Rony arremessar a faca de cortar

broto em Fred, que transformou isso num aviãozinho de papel com um aceno

preguiçoso de sua varinha.

"RONY!" ela falou furiosa."Não quero nunca mais ver você atirando facas de novo!"

"Eu não-," disse Rony "ele vai ver só," ele controlou sua respiração, e se virou para a

montanha de brotos.

"Fred, George, me desculpem, queridos, mas Remo está chegando hoje à

noite, portanto Gui terá que se espremer no quarto com vocês dois."

"Nenhum problema," disse George.

"Então, como Carlinhos não está vindo para casa, teremos apenas Harry e Rony no

sótão, e se as coisas de Fleur ficassem com a Gina-“

"e alegrassem o natal de Gina" murmurou Fred.

"Todos ficariam confortáveis. Bem, elas têm que ir para cama, em todo o caso" disse

a Sra. Weasley, soando ligeiramente incomodada.

"Percy definitivamente não mostrará a sua cara feia, então?" Fred perguntou.

A Sra. Weasley pensou um pouco antes de responder. "Não, ele está ocupado, creio,

no ministério."

"Ou é maior mentira do mundo," disse Fred, e a Sra. Weasley deixou a cozinha. "Um

dos dois, Bem, vamos indo, então, George."

"O que vocês dois vão fazer?", Rony indagou. "você podia nos ajudar com esses

brotos? Você poderia apenas usar sua varinha e então nós estaríamos livres

também!"

"Não, eu creio que nós não podemos fazer isso," disse Fred seriamente "é algo muito

construtivo, aprender a descascar brotos sem mágica, faz com que você aprecie

como é difícil para os trouxas e abortos, e se você quiser pessoas que te ajudem,

Rony" adicionou Jorge, jogando o avião de papel nele, "não lance facas neles.

Apenas uma pequena sugestão. Nós vamos ficar fora da vila, há uma menina muito

bonita que trabalha na loja de papel e que pensa que meus truques de cartão são

algo maravilhoso. . quase como a mágica real..."

"Seu Idiota!" disse Rony sombriamente, prestando atenção a Fred e a Jorge que

estavam se sentando através da neve. "Você poderia fazer durante 10 segundos e

nós faríamos o resto?”

"Eu não poderia," disse Harry. "eu prometi a Dumbledore que eu não faria nada de

errado enquanto estivesse aqui."

"Ah, sim," disse Rony e descascou mais alguns brotos,"me diga então,

você vai dizer para Dumbledore o que você ouviu da conversa entre Snape e Malfoy?"

"Aham," disse Harry "eu vou dizer a qualquer um que possa por um final nisso, e

Dumbledore é o primeiro da lista . Talvez eu possa dar outra palavrinha com seu pai"

"Tenha dó, você não ouviu o que o Malfoy está realmente fazendo, apesar de tudo."

"Eu não consegui saber, consegui ? Aquele era o exato momento, ele estava se

recusando a dizer Snape."

Se passou um momento ou dois de silêncio, depois Ron disse, "Claro!, e você sabe o

que papai e Dumbledore vão dizer? Dirão que Snape não está tentando realmente

ajudar a Malfoy, ele estava é tentando descobrir o que Malfoy quer."

" Mas eles não o ouviram dizer" disse Harry . "Ninguém é tão bom ator

assim, muito menos o Snape"

"É. . . Eu já lhe disse, deixe isso" disse Rony.

Harry girou para encará-lo, "você acha que eu estou certo, não é?"

"Sim, eu acho!" disse Rony rapidamente. "é serio, eu acho! Mas todos

pensam que ele é fiel a ordem e tudo, não é?"

Harry não disse nada. Já tinha lhe ocorrido que seria a objeção mais provável à sua

nova evidência; poderia ouvir Hermione agora: “Obviamente, Harry, ele estava

pensando em fingir oferecer ajuda, assim poderia enganar Malfoy e fazer com que ele

contasse o que está acontecendo...” Isso era pura imaginação, entretanto, porque

não havia tido nenhuma oportunidade de dizer a Hermione o que ele

tinha em mente.

Ela desapareceu da festa de Slughorn antes ele retornar, ele tinha sido informado por

um McLaggen irado, e ela já havia ido para o quarto aquela hora. E como ele e Rony

tiveram que sair para a Toca cedo naquele dia, mal tinham tido tempo para desejarlhe um feliz natal e para dizer que tinham uma notícia muito importante quando

voltassem do feriado. Não era totalmente certo que o tinha ouvido. Rony e Lilá

estavam fazendo uma despedida perfeitamente não-verbal, mais ou menos naquela

hora.

Ainda que até mesmo Hermione não poderia negar uma coisa: Malfoy estava

definitivamente tramando algo, e Snape sabia o que era, então Harry sentiu que

estaria inteiramente certo em dizer "eu te disse, não?" Como já tinha feito várias

vezes com Rony.

Harry não teve nenhuma chance de falar com o Sr. Weasley, que trabalhava muitas

horas no ministério, até a noite de natal. Os Weasleys e seus convidados estavam

sentados na sala de estar, que Gina tinha decorado de maneira tão supérflua que era

como se sentar em uma explosão de paper-chain.

Fred, George, Harry, e Rony eram únicos que sabiam que o anjo no alto da árvore era

na verdade um gnomo de jardim que mordeu Fred no tornozelo

quando ele colhia as

cenouras para o jantar de natal. Estupefato, pintado de ouro, apertado em uma sainha

de bailarina e com pequenas asas coladas às suas costas, ele pensou, esse era o

anjo mais feio que Harry já tinha visto, com uma cabeça careca e grande como uma

batata e uns pés particularmente cabeludos.

Todos foram escutar uma transmissão de Natal, que era feita pela cantora favorita da

Sra. Weasley, Celestina Warbeck, cuja voz saía muito alta de dentro do rádio de

madeira. Fleur, que achou Celestina muito maçante, estava falando tão alto no canto

da sala que a Sra. Weasley lhe lançou um olhar de fúria e, com a sua varinha apontou

para o volume do rádio, aumentando-o de modo que a voz de Celestina ficasse mais

alta.

Oculto por um número especial de jazz chamado: "um caldeirão cheio e quente, forte

de amor," Fred e Jorge começaram uma partida de Snap Explosivo com Gina. Ron

manteve olhares discretos para Gui e Fleur, como se esperasse flagrar algo.

Entrementes, Remo Lupin, que estava mais magro e tinha o olhar agudo de sempre,

estava sentado ao lado do fogo, olhando fixamente em suas profundidades, como se

não pudesse ouvir a voz de Celestina.

"O Oh, vem agitar meu caldeirão, e se você fizer isso direito, eu fervê-lo-ei acima de

um amor mais forte e quente para mantê-lo morno hoje à noite".

"Nós dançávamos isso quando tínhamos dezoito!" disse a Sra. Weasley, limpando

seus olhos no seu tricô," você se lembra, Arthur?"

"Mphf?" disse o Sr.Weasley, cuja a cabeça estava inclinada sobre o satsuma que

estava descascando. "Ah sim, que maravilhosa música...“. Com um esforço, sentou

um pouco mais reto e olhou em volta para Harry, que estava sentando ao lado dele.

"Me desculpe sobre isso," disse, apontando sua cabeça para o rádio enquanto

Celestina cantava o refrão. "vai acabar logo."

"Sem problema," disse Harry, sorrindo. "tem tido muito trabalho no Ministério?"

"Muito," disse o Sr. Weasley. "eu não me importaria de se nós ficássemos em

qualquer lugar, mas das três apreensões que nós fizemos nos últimos meses, eu

suspeito que somente um deles é um genuíno Comensal da Morte - só não comente

isso, Harry," ele adicionou rapidamente, parecendo muito mais atento de repente.

"Ainda não prenderam Stanilaus, não é?" perguntou Harry.

"Temo que sim," disse o Sr. Weasley. "eu sei que Dumbledore foi apelar diretamente

a Quim sobre Stan... .Quero dizer, qualquer um que realmente o

entrevistou concorda

que ele é um Comensal da Morte tanto quanto este satsuma... mas os superiores

querem ver se estão fazendo algum progresso, e 'três sons das apreensões é

melhores do que ' três apreensões e liberações equivocadas '. . . mas ainda, isso é

segredo dos superiores-"

"Eu não direi nada," disse Harry.

Ele hesitou por um momento, procurando saber qual era melhor maneira de dizer o

que ele queria falar; enquanto ele estava organizando seus pensamentos, Celestina

Warbeck começou uma canção chamada "Você

seduziu completamente o meu coração."

"Sr. Weasley, você entendeu o que eu lhe disse lá na estação da-?"

"Eu verifiquei isso, Harry," disse o Sr. Weasley . "eu fui procurar na casa dos Malfoy.

Não havia nada, nem quebrado ou inteiro, que não deveria estar lá."

"Sim, eu sei, vi no Profeta que você revistou. . . mas isso é algo diferente... Bem, algo

mais... "

Ele disse ao Sr. Weasley tudo que ele ouviu por acaso entre Malfoy e Snape;

conforme Harry foi contando, ele viu a cabeça de Lupin se virar um pouco mais para o

lado, captando cada palavra. Quando ele terminou de contar, havia um grande

silêncio, com exceção da canção da Celestina ("Oh, meu coração

pobre, aonde foi?

Me deixou por um encanto...")

"Lhe ocorreu, Harry," disse Sr. Weasley, "que Snape estava simplesmente fingindo -?"

"Fingindo oferecer a ajuda, de modo que pudesse descobrir o que Malfoy está

fazendo? "Harry disse rapidamente. "Sim, eu pensei que você diria isso. Mas como

nós podemos ter certeza?"

"Não é nosso negócio saber," disse Lupin inesperadamente. Tinha saído de perto no

fogo e agora e estava argumentando com Harry por trás do Sr. Weasley. "é um

assunto de Dumbledore. Dumbledore confia em Severo, e isso deve ser o suficiente

para todos nós."

"Mas," disse Harry, "eu só disse -eu só disse que Dumbledore pode ter cometido um

erro sobre Snape"

"As pessoas vivem dizendo isso, muitas vezes. Isso vale se você confia no julgamento

de Dumbledore. Eu confio; conseqüentemente, confio em Severo."

"Mas Dumbledore pode cometer erros," Harry argumentou. "ele mesmo disse. E você

"--olhou Lupin diretamente nos olhos --" você, honestamente, gosta de Snape?"

"Eu não gosto nem desgosto de Severo," disse Lupin. "Não, Harry, eu estou falando a

verdade", ele acrescentou, enquanto Harry fez uma expressão cética. "nós nunca

seremos amigos do peito, talvez; após tudo que aconteceu entre Thiago, Sirius e

Severo, há muita amargura. Mas eu não me esqueço de que durante o ano em que

eu ensinei em Hogwarts, Severo fazia a poção de Mata-Cão todo mês para mim,

fazia-a corretamente, de modo que eu não tinha que sofrer como eu normalmente

sofro a na lua cheia."

"Mas, acidentalmente" disse Harry " deixou escapar que você é um lobisomem, assim

você teve que ir embora!"disse Harry irritadamente.

Lupin deu de ombros, "a notícia viria à tona de qualquer maneira. Nós sempre

soubemos que ele quis meu trabalho, mas poderia ter descarregado sua raiva

alterando a poção, o que teria me causado danos maiores. Ele manteve-me saudável.

Eu devo ser grato."

"Talvez não ousou criar problemas com a poção porque o Dumbledore estava

de olho nele!" falou Harry.

"Você está determinado a odiá-lo, Harry," disse Lupin com um sorriso fraco,"e eu

compreendo; Thiago é seu pai e Sirius é seu padrinho, você herdou um preconceito

velho. Apesar de tudo, diga a Dumbledore o que disse à Arthur a mim, mas não

espere que ele compartilhe o seu ponto de vista; não espere que ele se surpreenda

por você lhe dizer isso. Pode ter sido ordens de Dumbledore que Snape estivesse

questionando Draco."

("' . . e agora você o despedaçou e o separou completamente, e eu te agradecerei por

me devolver meu coração"!) Celestina terminou sua canção em uma nota muito

longa, berrante e em um aplauso alto emitido fora do rádio, ao qual a Sra. Weasley se

juntou entusiasicamente..

"Issso terrminon?"disse Fleur alto,"Obrrigado meu Deus, que coisa mais

horrrível"

"Vamos tomar mais uma bebida, então?"perguntou alto o Sr.Weasley, dando um

salto. "Quem quer gemada?"

"O que tem acontecido ultimamente?" perguntou Harry para Lupin, enquanto o

Sr.Weasley se apressou para buscar a gemada, e a conversa recomeçou.

"Oh, eu estive no às escondidas," disse Lupin. "quase literalmente. É por isso que eu

não pude escrever, Harry; emitir-lhe letras seria algo digno de um traidor."

"O que você quer dizer com isso?"

"Eu tenho vivido entre meus companheiros, meus semelhantes," disse Lupin.

"Lobisomens", adicionou, ao ver o olhar de incompreensão. "Quase todos estão no

lado de Voldemort. Dumbledore quis um espião e aqui eu estava.... Pronto para tudo."

Soou um pouco amargo, e talvez tenha percebido, porque sorriu mais calorosamente

quando continuou, "eu não estou me queixando; é um trabalho necessário e quem o

faria melhor do que eu? Entretanto, foi difícil ganhar a confiança deles. Eu carrego os

sinais de ter tentado viver entre os bruxos, pra você ver, visto que evito a sociedade

normal e vivo nas margens, roubando --e matando às vezes para comer."

"Como eles vieram a gostar de Voldemort?"

"Pensam que, sob seu domínio, terão uma vida melhor," disse Lupin. "e é duro discutir

com o Greyback lá fora.

"Quem é Greyback?"

"Você não ouviu falarem dele?" As mãos de Lupin fecharam-se compulsivamente na

roupa. "Fenrir Greyback é, talvez, o lobisomem mais selvagem vivo hoje. A honra da

missão de sua vida é morder e contaminar tantas pessoas quanto for possível; ele

quer criar muitos lobisomens para superar os bruxos. Voldemort prometeu-lhe a

rapina no retorno para seus serviços. Greyback especializa-se nas crianças. . . Morder

jovens, disse ele, e educa-los afastado de seus pais, levando-os a odiar os bruxos

normais. Voldemort tem ameaçado levar os lobisomens a atacarem os filhos e as

filhas das pessoas; e essa ameaça geralmente produz bons resultados."Lupin fez

uma pausa e então disse, "foi Greyback que me mordeu."

"O que?!"disse Harry surpreso. "quando - quando você era um garoto, você quer

dizer?"

"Sim. Meu pai o tinha ofendido. Eu não sabia, por um longo tempo, a identidade do

lobisomem que tinha me atacado; Eu sentia pena dele, pensando que ele não havia

tido nenhum controle, sabendo, como agora era comigo, que o fraco se transforma.

Mas Greyback não é como os outros. Na lua cheia, posiciona-se perto das vítimas,

assegurando-se de que esteja perto o bastante para golpear. Ele planeja tudo. E este

é o homem que Voldemort está usando de marechal para controlar os lobisomens. Eu

não posso fingir que meu tipo particular de argumento racional está fazendo muito

progresso contra a insistência de Greyback que nós, os lobisomens, merecemos

sangue, que nós devemos nos vingar das pessoas normais."

"Mas você é normal!"disse Harry ferozmente,"você apenas tem um-um problema"

Lupin caiu na gargalhada."às vezes você me lembra muito o Thiago. Ele chamou-me

de "meu pequeno problema cabeludo e companhia". Muitas pessoas tinham a

impressão que eu possuía um coelho mal comportado."

Aceitou um copo de gemada do Sr. Weasley com uma palavra de agradecimento,

olhando ligeiramente mais animado. Harry, entrementes, sentiu-se mais feliz. Esta

última menção na lembrança de seu pai fez Harry se lembrar que havia algo que ele

estava ansioso para perguntar para Lupin.

"Você já ouviu falar de alguém chamado de o príncipe mestiço?"

"Mestiço o que?"

"Príncipe," disse Harry, prestando atenção nos sinais de reconhecimento dele.

"Não há nenhum príncipe entre os bruxos ," disse Lupin, sorrindo agora. "é este o

título que você pensa adotar? Eu pensei que o 'escolhido' seria bastante."

"Não tem nada a ver comigo!"Disse Harry indignado."o príncipe mestiço é alguém que

costumava freqüentar Hogwarts, eu achei um livro velho de poções. Ele escreveu

feitiços em todo o livro, feitiços que ele inventou. E um deles se chama Levicorpos .

"Oh Levicorpus, essa foi uma grande moda durante o meu tempo em Hogwarts "disse

Lupin "houve alguns meses em meu quinto ano em que você não poderia se mover

sem ser içado no ar por seu tornozelo."

"Meu pai usou isso," disse Harry. "eu vi ele na Penseira, ele usou em Snape." Tentou

fazer com que soasse ocasional, como se este fosse um comentário sem nenhuma

importância real, mas ele não tinha certeza se tinha conseguido o efeito que ele

queria; O sorriso de Lupin era de compreensão.

"Sim," disse, "mas não era único. Como eu disse, era muito popular... Você sabe,

estes feitiços indo e vindo...

"Mas soa como ele era quando você estava na escola," Harry insistiu.

"Não necessariamente" disse Lupin "Feitiços entram e saem de moda como todas as

coisas"

Ele olhou para a face de Harry e então disse calmamente "James era um puro

sangue, Harry, e eu prometo a você, ele nunca pediu a nós para o chamar de

`Príncipe".

Abandonando a pretensão, Harry disse "E não era Sirius? Ou você?"

"Definitivamente não"

"Oh" Harry encarou o fogo. "Eu apenas pensei - bem, ele me ajudou muito nas aulas

de Poções, o Príncipe"

"Quanto tempo tem esse livro, Harry?"

"Eu não sei, Eu nunca chequei"

"Bem, talvez isto te dê uma dica de quando o Príncipe esteve em Hogwarts" disse

Lupin.

Pouco depois disso, Fleur decidiu imitar Celestina cantando "Um caldeirão cheio de

calor, forte amor" o que pendeu a atenção de todos, um vez que eles

ficaram

vislumbrados. A expressão da Sra. Weasley, dava a pista que era hora de ir para a

cama. Harry e Ron escalaram o sótão até o quarto de Ron, onde uma cama extra fora

adicionada para Harry.

Ron caiu no sono quase que imediatamente, mas Harry procurou em seu baú e o

puxou sua cópia de Poções Avançadas antes de ir para a cama. Virava as páginas,

procurando até que ele finalmente encontrou, na frente do livro, a data em que ele foi

publicado. Isto foi a quase cinqüenta anos atrás. Nenhum de seus pais, ou amigos de

seus pais, esteve em Hogwarts cinqüenta anos atrás. Se sentindo desapontando,

Harry jogou o livro de volta no baú, desligou a lâmpada e se virou na cama pensando

em lobisomens e Snape, Stan Shunpike e o Principe Mestiço, e finalmente caiu em

um sono desconfortável cheio de sombras rastejantes e o choro de crianças

mordidas.

"Ela deve estar brincando..."Harry acordou encontrando uma saliente meia comprida

saindo de sua cama. Ele colocou seus óculos e olhou em volta. A pequena janela

estava quase completamente obscura por causa da neve e na sua frente, Ron estava

sentado completamente ereto e examinando o que parecia ser um

colar pesado de

ouro.

"O que há?" perguntou Harry

"Isto veio de Lilár" disse soando revoltado. "Ela mandou pensando honestamente que

eu usaria..."

Harry olhou mais de perto e soltou muitas risadas. Balançando no colar em largas

letras douradas tinha as palavras

"Meu amor"

"Legal" ele disse "Na moda. Você devia definitivamente usar isto na frente de Fred e

George"

"Se você contar a eles,"Ron disse, tirando o colar de vista, por baixo de seu

travesseiro, "Eu - Eu - Eu vou -"

"Gaguejar para mim?" disse Harry gargalhando.

“Vem cá, você acha-... Como ela pode pensar que eu gostaria de algo como isto, de

alguma forma?" Ron precisou de um pouco de ar, olhando particularmente chocado.

"Bem, pense" disse Harry "Você já lhe deu bilhete que você gostaria de sair em

publico com as palavras meu amor' em volta do pescoço"

"Bem... nós realmente não conversamos muito" disso Ron "Isto é principalmente..."

"Agarração" disse Harry.

"Bem, sim" disse Ron. Ele hesitou por um momento, então disse,

"Hermione está

saindo com o McLaggen?"

"Não sei," disse Harry. "Eles foram à festa do Slughorn juntos, mas não acho que

tenha ido tão bem."

Ron parecia ligeiramente mais alegre enquanto vestia mais sua meia.

Os presentes de Harry incluíam um suéter com um grande Espião Dourado na frente,

feito a mão pela Sra. Weasley, uma caixa grande do Feiticexpresso dos Weasleys,

produtos dos gêmeos, e um pacote um pouco úmido, cheirando a mofo que veio com

um rótulo para o Mestre, De Kreacher.

Harry encarou aquilo. "Você considera seguro abrir isto?" ele perguntou. "Não pode

ser nada perigoso, todos nosso correios ainda está sendo examinado pelo Ministério”,

respondeu Ron, entretanto ele estava olhando o pacote suspeitosamente.

"Eu não pensei em dar nada para Kreacher. Pessoas normalmente dão aos seus elfos

domésticos presentes de Natal?" perguntou Harry, cutucando o pacote

cuidadosamente.

"Hermione daria," disse o Ron. "Mas vamos esperar e ver o que é antes de você

começar se sentir culpado."

Um momento depois, Harry deu um grito alto e saltou fora da cama; o pacote

continha um número grande de larvas de inseto.

"Agradável," disse o Ron, enquanto rugia com risadas. "Muito bem pensado." "Eu os

preferiria a ter que usar aquele colar," disse Harry, o que sossegou Ron mais uma

vez.

Todo o mundo estava usando suéteres novos quando todos eles se sentaram para o

almoço de Natal, todos menos Fleur (com quem, ele teve impressão, de que Sra.

Weasley não tinha querido desperdiçar um) e a própria Sra. Weasley, que estava

ostentando um novo chapéu de bruxa azul brilhante com o que pareciam pequenos

brilhantes diamantes e um espetacular colar dourado.

"Fred e George os deram para mim! Eles não estão bonitos?" .: "Bem, nós achamos

que nós apreciamos você cada vez mais, Mamãe, agora que nós estamos lavando

nossas próprias meias," disse George, enquanto acenava com a mão no ar.

"Parsnips, Remus"?

"Harry, você tem uma larva de inseto em seu cabelo," disse Ginny alegremente,

enquanto apoiava na mesa para tira-la; Harry sentiu arrepios na nuca que não tinham

nada a ver com a larva de inseto.

" Ow, horrível" disse Fleur, com um pequeno tremor fingido.

"Sim, não é?" disse Ron. "Molho, Fleur"?

Em sua ânsia para ajuda-la, ele jogou a tigela de molho no ar; Gui agitou sua varinha

e o molho planou no ar e voltou docilmente para a tigela.

"Você é tão ruim quanto Tonks," disse Fleur a Ron, quando ela tinha terminado de

beijar Gui agradecendo. "Ela sempre está batendo-" "Eu convidei a querida Tonks a

hoje," disse Sra. Weasley, colocando as cenouras na mesa com uma força

desnecessária e olhando furiosamente a Fleur. "Mas ela não de vir. Você falou

ultimamente com ela, Remus"?

"Não, eu não entrei muito em contato com qualquer pessoa," disse Lupin. "Mas Tonks

tem a própria família dela para ir, não tem?"

"Hmmm," disse Sra. Weasley. "Talvez. Eu tive a impressão que ela estava planejando

passar o Natal só, de fato". Ela deu para Lupin um olhar aborrecido, como se fosse

sua culpa ela estar adquirindo Fleur para nora em vez de Tonks, mas Harry, olhando

para Fleur que agora estava alimentando Gui com pedaços de peru usando o seu

próprio garfo, pensou que Sra. Weasley estava lutando uma longa batalha perdida.

Porém, lhe fizeram lembrar de uma pergunta que ele teve sobre Tonks, e quem

melhor perguntar que Lupin, o homem que conhece tudo sobre Patronos?

O Patrono de Tonks" mudou sua forma," ele lhe falou. "Snape deixou isso escapar. Eu

não soube que isso pudesse acontecer. Por que seu Patrono mudaria?"

Lupin levou um tempo mastigando seu peru e engoliu antes de dizer lentamente," Às

vezes... um grande choque... uma reviravolta emocional ..."

"Parecia grande, e tinha quatro pernas," disse Harry, golpeado por um repentino

pensamento e abaixando a voz dele. "Ei... não pôde ser...?"

"Arthur!" disso Sra. Weasley de repente. Ela tinha levantado da cadeira dela; a mão

dela apertada em cima do coração, ela estava olhando parafora da janela da cozinha.

"Arthur-é Percy!"

"O quê?"

Sr. Weasley deu uma olhada. Todo o mundo olhou depressa para a janela; Ginny

lutava por uma visão melhor. Aquele, com certeza, era Percy Weasley, parado

próximo ao jardim com neve, seus óculos de armação de chifre com suas bordas

refletindo na luz solar. Porém, ele não estava só.

"Arthur, ele está-ele está com o Ministro!"

E certamente, o homem que o Harry tinha visto no Profeta Diário estava seguindo

junto com Percy, mancando ligeiramente, a juba dele de cabelo grisalhos e a capa

preta manchada com neve. Antes de qualquer coisa, eles não poderiam dizer nada,

não mais do Sr. e Sra. Weasley: uma troca estonteante de olhares, a porta dos fundos

abriu e lá estava de pé Percy. Houve o silêncio doloroso por um momento. Então

Percy disse com bastante rigor," Feliz Natal, Mãe".

"Oh, Percy!" disse Sra. Weasley, e ela se lançou nos braços dele.

Rufus Scrimgeour parou na entrada inclinando-se sobre sua bengala, sorrindo

enquanto observava esta cena afetiva.

"Você deve perdoar esta intrusão," ele disse, quando Sra. Weasley olhou para ele,

arregalando e esfregando os olhos. "Percy e eu estávamos na redondezatrabalhando, você sabe-e ele não pôde resistir à tentação de fazer um visita e ver

todos. Mas Percy mostrou nenhum sinal de querer cumprimentar qualquer membro

restante da família. Ele estava de pé, ereto e olhando desajeitado, e fitou todos por

cimas das cabeças. O Sr. Weasley, Fred, e George estavam todos observando-o,

com cara dura.

"Por favor, entre, se sente, Ministro"! tremulou Sra. Weasley, endireitando o chapéu

dela. Há algum problema, ou ... Eu quero dizer-"

"Não, não, minha querida Molly," disse Scrimgeour. Harry adivinhou que ele tinha

conferido o nome dela com Percy antes de eles entrassem na casa. "Eu não quero

intrometer, não estaria aqui nada se Percy não tivesse querido tanto ver vocês..."

"Oh, Percy!" disse Sra. Weasley em prantos, alcançando até o beijar.

... Nós só ficaremos uns cinco minutos, assim eu darei um passeio ao

redor do jardim

enquanto você fica com Percy. Não, não, eu o asseguro, eu não quero me intrometer!

Bem, se qualquer pessoa se preocupasse em me mostrar seu charmoso jardim... Ah

este jovem terminou, por que ele não dá uma volta comigo?"

A atmosfera ao redor da mesa mudou perceptivelmente. Todo mundo olhou de

Scrimgeour a Harry. Ninguém parecia achar a pretensão de Scrimgeour de não saber

o nome de Harry convincente, ou acharia natural que ele tivesse sido escolhido

acompanhar o Ministro ao redor do jardim quando Ginny, Fleur, e George também

estavam pratos limpos.

"Sim, certo," disse o Harry quebrando o silêncio.

Ele não se enganou; Scrimgeour disse que eles há pouco tinham estado na área, que

Percy quis ver a família dele, esta deve ser a real razão que eles tinham vindo, de

forma que Scrimgeour poderia falar só com Harry.

"Está bem," ele disse quietamente, quando ele passou por Lupin que meio que se

levantou de sua cadeira. "Ótimo," ele acrescentou, quando Sr. Weasley abriu a boca

para falar.

"Maravilhoso!" disse Scrimgeour, enquanto esperou para Harry passar pela porta à

frente. "Nós apenas levaremos um tempo no jardim, e Percy e eu iremos. Continuem,

todos"!

Harry caminhou para o outro lado do jardim enorme, coberto de neve dos Weasleys,

Scrimgeour mancando um pouco, ao lado dele. Ele foi, Harry sabia, Chefe do

escritório de Auror; ele parecia duro e marcado com uma cicatriz, muito diferente do

solene Fudge em seu chapéu de bolicheiro.

"Encantador," disse Scrimgeour, enquanto parava à cerca de jardim e olhando fora

em cima do gramado nevado e as plantas indistinguíveis. "Encantador"

Harry não disse nada. Ele poderia dizer que Scrimgeour estava o acompanhando.

"Eu quis conhecê-lo durante um tempo muito longo," disse Scrimgeour, depois de

alguns momentos. "Você sabia disso?"

"Não," disse Harry sinceramente.

"Oh sim, durante um tempo muito longo. Mas Dumbledore tem protegido muito você,"

disse Scrimgeour. "Natural, claro que, natural, depois de tudo o que você passou. . . .

Especialmente o que aconteceu no Ministério...":

Ele esperou por Harry dizer algo, mas Harry não o fez: então ele continuou," eu tenho

esperado para uma ocasião para falar com você desde que eu obtive um escritório,

mas Dumbledore vem-de forma compreensível, como eu digo-prevendo isto."

Harry continuou sem dizer nada, esperando.

"Os rumores que se espalharam por todos os lados!" disse Scrimgeour. "Bem, claro

que nós ambos sabemos como estas histórias são torcidas... todos estes boatos de

uma profecia. . . de você sendo' o Escolhido.' . ."

Eles estavam chegando, Harry pensou, à razão pela qual Scrimgeour estava aqui.

"Eu suponho que Dumbledore discutiu estes assuntos com você"?,

Harry hesitou, desejando saber se ele deveria mentir ou não. Ele deu uma olhada

nas pequenas marcas de gnomo ao redor dos canteiros de flores, vendo o desgaste

do remendo que marcou o local onde Fred tinha pegado o gnomo que usa o gorro

agora ao topo da árvore de Natal. Finalmente, ele se decidiu pela verdade... ou um

pouco dela.

"Sim, nós discutimos isto."

"Vocês tem, vocês tem. . ." disse Scrimgeour. Harry poderia ver, fora do canto do olho

dele, Scrimgeour olhando para ele, então ele fingiu estar muito interessado em um

gnomo que tinha colocado há pouco sua cabeça para fora debaixo de um arbusto

congelado. "E o que Dumbledore lhe contou, Harry"?

"Desculpe, mas isso é entre nós," disse o Harry. Ele manteve a voz dele tão agradável

quanto ele pôde, e o tom de Scrimgeour, também, estava claro e amigável quando ele

respondeu," Oh, claro que, se for uma pergunta confidencial, eu não

quereria que

você divulgasse. . . não, não... e em todo caso, realmente importa se você é' o

Escolhido' ou não?"

Harry teve que ponderar durante alguns segundos antes de responder. "Eu realmente

não sei o que você quer dizer, Ministro".

"Bem, a você importará de uma forma imensa" disse Scrimgeour com um riso. "Mas

para a maioria da comunidade mágica. . . é tudo pressentimento não é? É o que

pessoas acreditam, isso é importante."

Harry não disse nada. Ele vagamente percebeu para onde o assunto iria, mas ele não

ia ajudar para Scrimgeour a chegar lá. O gnomo debaixo do arbusto estava cavando

agora vermes e a suas raízes, e Harry manteve seus olhos fixados nisto.

"As pessoas acreditam que você é' o Escolhido,' entende?," disse Scrimgeour. "Eles

pensam que você é absolutamente um herói - o qual, claro que, você é, Harry, sendo

escolhido ou não! Quantas vezes você esteve frente a frente com aquele-que-nãodeve-ser-nomeado? " De qualquer maneira ele apertou, sem esperar por uma

resposta, " o ponto é, você é um símbolo de esperança para muitos, Harry. A idéia

que há alguém lá fora que poderia ser capaz, que poderia ser destinado até mesmo, a

destruir Ele-que-não-deve-ser-nomeado, bem, naturalmente, dá um animo para as

pessoas. E eu não posso ajudar mas posso sentir que, uma vez que você perceber

isto, você poderia considerar isto, bem, quase um dever, se levantar ao lado do

Ministério, e dar para todo mundo um apoio."

O gnomo há pouco tinha conseguido pegar um verme. Estava arrastando fortemente,

tentando sair com o bicho do chão congelado. Harry estava num silencio tão longo

que Scrimgeour disse olhando de Harry para o gnomo,

" Engraçadinhos, eles não são? Mas o que o diz, Harry"?

"Eu não entendo o que você quer exatamente," disse Harry lentamente. "' Me manter

ao lado do Ministério.' . . O que significa isso?"

"Oh, bem, nada opressivo, eu o asseguro," disse Scrimgeour. "Se você fosse visto

rodando pelo Ministério, de vez em quando, Isto daria a impressão certa. E claro que,

enquanto você estiver lá, você teria a oportunidade para falar com Gawain Robards,

meu sucessor como cabeça do escritório de Auror. Dolores Umbridge me falou que

você tem ambições de se tornar um Auror. Bem, isso poderia ser organizado muito

facilmente. ..."

Harry sentiu sua raiva borbulhar na cova do seu estômago: Então Dolores Umbridge

ainda estava ao Ministério, não estava?

"Basicamente," ele disse, como se ele há pouco quisesse apenas clarear alguns

pontos," você gostaria de dar a impressão que eu estou trabalhando para o

Ministério?"

"Daria um encorajamento à todos pensar que você está mais envolvido, Harry," disse

Scrimgeour, parecendo aliviado ao perceber que Harry se tornou seu amigo tão

depressa. " ' O Escolhido,' você sabe. . . Isso daria às pessoas esperança, o

sentimento que coisas emocionantes estão acontecendo..."

"Mas se eu continuar rodando pra lá e pra cá no Ministério," disse Harry, enquanto

ainda esforçava-se em manter sua voz amigável," isso não parecerá como se eu

aprovasse o que o Ministério faz? "

"Bem," disse Scrimgeour, franzindo a testa ligeiramente," bem, sim, isso é em parte

por que nós gostaríamos-"

"Não, eu não penso que irei," disse Harry agradavelmente. "Você vê, eu não gosto de

algumas das coisas que o Ministério está fazendo. Prendendo Stan Shunpike, por

exemplo".

Scrimgeour não falou imediatamente mas sua expressão endureceu por um momento

. "Eu não esperaria que você entendesse," ele disse, e não obteve sucesso em

manter a raiva afastada da voz dele como Harry tinha feito. "Estes são tempos

perigosos, e certas medidas precisam ser tomadas. Você tem dezesseis

anos-"

"Dumbledore tem muito mais que dezesseis, e não pensa que Stan deveria estar em

Azkaban também" disse Harry. "Você está fazendo Stan parecer um bode expiatório,

como há pouco, igualmente, você desejou me fazer de mascote."

Eles olharam para um ao outro, longa e duramente. Finalmente Scrimgeour disse,

sem pretensão ou entusiasmo, "Eu entendo. Você prefere - como seu herói,

Dumbledore - se desassociar do Ministério?"

"Eu não quero ser usado," disse Harry.

"Alguns diriam que é seu dever ser usado pelo Ministério!"

"Sim, e outros poderiam dizer é seu dever conferir que as pessoas são realmente

Comensais da Morte antes de você as atirar na prisão,"

disse Harry, seu temperamento subindo agora. "Você está fazendo o que Bartô

Crouch fez. Vocês nunca entendem bem as pessoas, entendem? Fudge também,

fingindo ser todo adorável enquanto as pessoas são assassinadas bem debaixo do

nariz dele, ou nós temos você, atirando as pessoas erradas na prisão e tentando fingir

que têm "O Escolhido" trabalhando para você!"

"Assim você não é' o Escolhido'?" dito Scrimgeour. '

"Eu pensei que você tinha dito que não se importa com isso?" disse Harry, com um

riso amargo. "Não para você de qualquer maneira."

"Eu não deveria ter dito aquilo," disse Scrimgeour depressa. "Foi uma falta de tato -"

"Não, era honesto," disse Harry. "Um das únicas coisas honestas que você disse a

mim: Você não se preocupa se ficar vivo ou morto, mas você se preocupa que eu lhe

ajude a convencer todo o mundo que você está ganhando a guerra contra Voldemort.

Eu não esqueci, Ministro...."

Ele levantou o punho direito dele. Lá, marcado, brilhando em branco na parte de trás

da mão dele, estavam as cicatrizes que Dolores Umbridge tinha o forçado a esculpir

na sua própria carne: eu não devo contar mentiras.

"Eu não me lembro de você estar apressando a minha defesa quando eu estava

tentando contar para todo o mundo que Voldemort estava de volta. O Ministério não

era tão interessando em ser meu amigo no ano passado."

Eles se levantaram num silêncio tão frio quanto o chão em baixo dos pés deles. O

gnomo tinha conseguido desembaraçar o verme dele e finalmente estava o chupando

felizmente, encostado no galho mais baixo do arbusto.

"O que Dumbledore faz? Disse Scrimgeour bruscamente" Onde ele vai quando fica

ausente de Hogwarts?"

"Não tenho idéia," disse Harry.

"E você não me falaria se soubesse," disse Scrimgeour," Falaria?"

"Não, não falaria" disse Harry.

"Bem, então, eu terei que ver se não posso descobrir através de outros meios."

"Você pode tentar," disse Harry indiferentemente. "Mas você parece ser mais esperto

do que Fudge, por isso pensei que tivesse aprendido algo. Ele tentou interferir em

Hogwarts. Você pode ter notado que ele é não é mais ministro, mas Dumbledore

ainda é o diretor. Eu deixaria Dumbledore sozinho, se eu fosse você."

Houve uma pausa longa.

"Bem, está claro para mim que ele fez um trabalho muito bom com você," disse

Scrimgeour, os olhos dele frios e duros atrás dos óculos, "o homem de Dumbledore

haja o que houver, você não é, Potter?"

"Sim, eu sou," disse Harry. "Satisfatoriamente chegamos a uma conclusão, então."

E virando as costas para o Ministro da Magia, ele entrou de volta na casa.

.



Capitulo 17-A lembrança Adulterada.

No fim da tarde, alguns dias depois do Ano Novo, Harry, Rony e Gina formaram uma

fila ao lado do fogo da cozinha para o retorno à Hogwarts. O Ministério arranjou uma

conexão pela rede de pó de Flu para o retorno rápido e seguro dos alunos à escola.

Somente a Srª. Weasley estava lá para se despedir, já que o Sr Weasley, Fred, Jorge,

Gui e Fleur voltaram ao trabalho. A Srª Weasley se dissolveu em lágrimas no

momento da partida. Na verdade, qualquer coisinha fazia Srª Weasley

entrar numa

crise de choro, chorava desde a repentina chegada de Percy no dia de Natal com os

óculos cheios de pastinaga (pelo qual Fred, Jorge e Gina reclamavam os créditos).

“Não chora, mamãe” disse Gina acariciando as costas da mãe, enquanto ela soluçava

em seus ombros “está tudo bem...”

“Não se preocupe com a gente”, disse Rony permitindo que a mãe desse um longo e

molhado beijo em sua bochecha, “ou com Percy. Ele é só um idiota, não é uma

grande perda, não é mesmo?”

Srª Weasley soluçou ainda mais forte enquanto abraçava Harry.

“Prometa-me que você vai se cuidar.. se manter longe de encrenca...”

“Eu sempre me mantenho, Srª Weasley”, disse Harry, “ Eu gosto de uma vida calma, a

Srª me conhece.”

Ela deu um sorriso e um passo atrás, “Fiquem bem, então, todos vocês...”

Harry entrou nas chamas esverdeadas e gritou “Hogwarts” Ele deu uma última e

rápida olhada na cozinha dos Weasley e na Srª Weasley, enquanto as chamas o

tragavam. Girando rápido, ele viu imagens desfocadas de outros aposentos de

bruxos, que sumiam de vista antes que ele pudesse olhar melhor, então a velocidade

foi diminuindo até que parou na lareira da sala da Profª Mcgonagall. Ela mal desviou

os olhos do que estava fazendo enquanto ele saia da lareira.

“Boa noite, Potter. Tente não sujar o carpete com as cinzas.”

“Não, professora”

Harry ajeitou seus óculos e alisou os cabelos enquanto Rony aparecia rodopiando.

Quando Gina chegou, os três se retiraram da sala de McGonagall e foram em direção

à torre da Grifinória. Harry olhou pelas janelas do corredor e percebeu que o sol já se

escondia por detrás dos terrenos cobertos de neve como a que ele viu na Toca. De

longe, pôde observar Hagrid alimentando Bicuço na frente de sua cabana.

“Baubles” disse Rony confiante, quando chegaram à Mulher Gorda, que parecia estar

mais pálida que o normal.

“Não!” disse a Dama com sua voz alta.

“O que você quer dizer com ‘não’?”

“Tem uma nova senha” disse “ e por favor, não grite”

“Mas nós não estávamos no castelo, como você acha que nós..”

“Harry! Gina!”

Hermione vinha correndo na direção deles, com o rosto corado e vestindo uma capa,

chapéu e luvas.

“Cheguei a algumas horas, estava indo visitar Hagrid e bic–quer dizer, Witherwings”

disse ofegante “Tiveram um bom Natal?”

“Sim,” disse Rony de uma vez, “cheio de eventos, Rufus Scrim--”

“ Tenho uma coisa pra você, Harry”, disse Hermione, sem olhar para Rony e nem

mesmo demonstrar ter ouvido o que ele disse. “Oh, esperem – a senha, Abstinência”

“Precisamente” disse a Dama Gorda, e moveu-se revelando a passagem.

“O que houve com ela?” perguntou Harry.

“Animação do Natal, aparentemente,” disse Hermione, enquanto liderava o caminho

para o salão comunal. “Ela e Violeta beberam todo o vinho naquele quadro dos

monges bêbados no corredor de Feitiços. De qualquer forma...”

Ela meteu a mão em seu bolso e puxou um pedaço de pergaminho contendo a letra

de Dumbledore.

“Ótimo”, disse Harry, desenrolando o pergaminho e descobrindo que sua próxima aula

com Dumbledore estava marcada para noite seguinte. “Eu tenho muita coisa para

contar a ele – e para vocês. Vamos nos sentar...”

Mas neste momento, ouviu-se alguém dizer “Won-Won” e Lilá Brown veio correndo e

jogou-se nos braços de Rony. As pessoas que estavam por perto deram risinhos;

Hermione também deu uma risadinha. “Tem uma mensagem aqui... vem comigo,

Gina?”

“Não, obrigado. Marquei de encontrar Dino.” Disse Gina, com pouco entusiasmo,

como Harry não pode deixar de notar. Deixando Rony e Lilá numa espécie de luta em

pé, Harry levou Hermione para uma mesa quadrada.

“Então, como foi o Natal?”

“Ah, bom,” disse, “nada de especial. Como foi na casa de Won-Won?”

“Te falo em um minuto”, disse Harry. “Olha, Hermione, você não poderia...”

“Não, não posso”, disse. “Portanto não precisa nem pedir.”

“Pensei que, você sabe, pelo Natal...”

“Foi a Dama Gorda que bebeu um galão de vinho de 500 anos, e não eu. Então, quais

são as novidades importantes que você tem para me dizer?”

Ela pareceu muito firme para discutir no momento, por isso, Harry deixou o assunto

sobre Rony de lado e contou tudo o que ele ouviu da conversa entre Malfoy e Snape.

Quando terminou, Hermione pensou por um momento e, então, disse: “Você não acha

que...”

“.. ele estava fingindo oferecer ajuda para enganar Malfoy e descobrir o que ele

estava armando?”

“Bem, isso”, disse Hermione.

“Sr. Weasley e Lupin acham isso”, disse Harry, “E isso prova que ele está tramando

alguma coisa, você não pode negar isso.”

“Não, não posso” respondeu calmamente.

“E ele está a mando de Lord Voldemort, como eu tinha dito.”

“Er.. Algum dos dois chegou a mencionar o nome de Voldemort??”

Harry franziu a testa, tentando lembrar. “Não tenho certeza... Snape certamente disse

‘seu mestre’, e quem mais poderia ser?”

“Eu não sei”, disse batendo nos lábios, “O pai dele, talvez?”

Ela olhava fixamente através da sala, aparentemente perdida em seus pensamentos,

nem mesmo percebeu Lilá fazendo cócegas em Rony. “Como está

Lupin?”

“Nada bem”, e contou-lhe sobre a missão dele de se infiltrar entre os lobisomens e as

dificuldades disso. “Você já ouviu falar em Fenrir Grayback?”

“Sim, eu já ouviu”, respondeu de sobressalto, “E você também, Harry!”

“Quando? Em História da Magia? Você sabe muito bem que eu não prestava

atenção...”

“Não, não, História da Magia não! Malfoy ameaçou Borgin sobre ele!” disse Hermione.

“Lá na Travessa do Tranco, não se lembra? Ele disse para Borgin que Fenrir

Grayback era um velho amigo da família e que ele estaria de olho nos progressos de

Borgin.”

Harry respondeu “Eu esqueci! Mas isso prova que Malfoy é um Comensal de Morte,

de que outra forma ele entraria em contato com Grayback e diria o que ele teria de

fazer?”

“É muito suspeito” disse Hermione, “a não ser que...”

“Ah, qual é?” disse Harry exasperado, “você não pode se livrar desta prova!”

“Bem, existe a possibilidade de ser um mero blefe”

"Você é inacreditável, é sim!" disse sacudindo a cabeça.

"Veja quem está certo! Você vai se arrepender assim como o Ministério. Ah é, eu tive

um encontro com Rufus Scrimgeor também..."

E o restante da noite passou com uma conversa educada sobre o abuso do Ministério;

para Hermione assim como para Rony, pensar nisto depois de tudo o que o Ministério

fez Harry passar no ano anterior, e ainda ter a cara-de-pau de pedir ajuda agora...

O novo semestre começou na manhã seguinte com uma surpresa agradável aos

alunos do sexto ano: um grande aviso foi preso no quadro de avisos durante a noite.

AULAS DE APARATAÇÃO

Se você tem dezessete anos ou vai fazer dezessete antes do próximo dia 31 de

agosto, você está habilitado para um curso de doze semanas de Aulas de Aparatação

com um Instrutor de aparatação do Ministério. Por favor, assine abaixo para participar.

Custo: 12 galeões.

Harry e Rony juntaram-se ao aglomerado que se formou perto do aviso e revezaramse para assinar seus nomes. Rony estava se preparando para assinar seu nome

quando Lilá veio por trás, passou a mão sobre seus olhos e perguntou "Adivinha quem

é, Won-Won!” Harry virou-se para ver Hermione saindo quietamente para não ser

vista, ele foi se juntar com ela, sem desejar manter-se perto de Rony e Lilá, mas para

sua surpresa Rony se juntou a eles logo depois de terem saído pelo buraco do

quadro, com suas orelhas vermelhas e uma expressão de irritação. Sem dar uma

palavra, Hermione se apressou para acompanhar Neville.

“Então, aparatação”, disse Rony, mantendo um tom perfeitamente claro para fingir que

nada tinha acontecido. “Deve ser moleza, né?”

“Não sei”, disse Harry. “Talvez seja melhor quando se faz por si mesmo, não gostei

muito quando Dumbledore me levou para um passeio.”

“Esqueci que você já tinha feito... é melhor eu passar no teste na primeira vez.” Disse

Rony, parecendo ansioso. “Fred e Jorge conseguiram”

“Mas Carlinhos repetiu, não foi?”

“Sim, mas Carlinhos é maior que eu”, Rony manteve os braços por fora do corpo

como se fosse um gorila-“por isso, Fred e Jorge não brincaram a respeito, pelo

menos não na frente de Carlinhos...”

“ Quando poderemos fazer o teste?”

“Assim que completarmos dezessete. Será só em Março para mim!”

“Sim, mas você não poderia aparatar aqui, pelo menos não no castelo...”

“Não é esse o objetivo, todo mundo saberia que eu posso aparatar se eu quiser.”

Rony não era o único animado por causa da Aparatação. Por todo aquele dia, houve

conversas sobre o curso que estava por vir, uma grande quantidade de conversas

sobre desaparecer e aparecer em outro lugar que quiser.

“Como será legal quando – ” Simas estalou o dedo indicando o desaparecimento.

“Meu primo Fergus faz isso só para me aborrecer, ele não imagina quando eu puder

revidar... Ele não terá outro momento de sossego.”

Perdido na visão de sua futura habilidade, ele brandiu sua varinha muito

entusiasmadamente e ao invés de produzir uma calma fonte de água pura, que era o

assunto da aula de Feitiços do dia, saiu um forte jato de água que ricocheteou no teto

e derrubou professor Flitwick de cara no chão.

“Harry já aparatou”, Rony contou ao envergonhado Simas, depois do professor

Flitwick ter secado a si mesmo com um brandir da varinha e dizer a Simas: Sou um

bruxo e não um macaco sacudindo um graveto!” “Bem – er – alguém o

levou. Carona

por aparatação.”

“Uau” sussurrou Simas, e ele, Dino e Neville uniram mais um pouco suas cabeças

para ouvir como é Aparatar. Todos pareciam mais impressionados do que

desacreditados, à medida que Harry contou a sua desconfortável experiência,

respondendo detalhadamente as perguntas até as dez para oito, quando ele disse que

precisava devolver um livro na biblioteca, e assim pôde escapar e rumar para a aula

de Dumbledore.

Havia luz na sala de Dumbledore, os quadros dos antigos diretores roncavam

tranqüilamente em suas telas e a Penseira estava posta e preparada em cima da

mesa. As mãos de Dumbledore repousavam ao lado do objeto, a mão direita

continuava negra e queimada como sempre. Não parecia ter se curado de forma

alguma e Harry pensou, pela centésima vez, o que poderia ter causado, mas ele não

perguntou; Dumbledore já havia dito que ele saberia em algum momento e havia outro

assunto que ele queria perguntar. Mas antes que Harry pudesse falar qualquer coisa

sobre Snape e Malfoy, Dumbledore perguntou:

“Ouvi que você se encontrou com o Ministro da Magia?”

“Sim”, disse Harry, “E ele não ficou nada contente comigo.”

“Não”, concordou Dumbledore. “Ele também não está muito contente comigo. Não

devemos ceder às nossas angústias, Harry, mas, sim, continuar a batalha.”

Harry sorriu. “Ele queria que eu dissesse à comunidade dos Bruxos que o Ministério

está fazendo um trabalho maravilhoso.”

Dumbledore deu um sorriso e disse “Foi a idéia original de Fudge, sabe. Durante seus

últimos dias de Ministro, quando ele estava desesperadamente tentando manter seu

posto, ele queria ter um encontro com você, esperando que você pudesse lhe dar

apoio...”

“Depois de tudo o que Fudge fez ano passado?” disse Harry com raiva. “Depois de

Umbridge?”

“Eu disse a Cornelius que ele não tinha nenhuma chance, mas a idéia não morreu

quando ele saiu. Depois de horas em um encontro com Scrimgeour ele pediu-me um

encontro com você...”

“Então foi por isso que vocês discutiram!” disse de ímpeto Harry. “Estava no Profeta

Diário."

"O Profeta consegue publicar verdades de vez em quando", disse Dumbledore, "mas

somente por acidente. Sim, foi por isso que discutimos. Bem, parece que Rufus

encontrou um jeito de espreitá-lo, no final das contas."

"Ele me acusou de ser um de seus homens."

"Que grosseiro da parte dele."

"Mas eu disse que eu era."

Dumbledore abriu sua boca para falar, mas fechou novamente. Por trás de Harry,

Fawkes, a fênix, soltou uma suave nota musical. Para o grande embaraço de Harry,

ele percebeu que os olhos azuis e brilhantes de Dumbledore estavam, agora, cheios

de água, Harry não pode evitar de olhar para baixo, encarando seus próprios joelhos.

Contudo, quando Dumbledore voltou a falar, sua voz estava bastante firme.

"Estou muito emocionado, Harry."

"Scrimgeour queria saber para onde você vai quando você não está em Hogwarts,"

disse Harry ainda olhando para seus próprios joelhos.

"Sim, ele está muito curioso a respeito disto", disse Dumbledore, parecendo muito

animado e Harry achou que era seguro levantar a cabeça de novo.

“Ele até mesmo tentou me seguir. Incrível, mesmo! Ele mandou Dawlish me seguir.

Não foi nada legal. Eu fui forçado a enfeitiçar Dawlish uma vez, e eu tive de fazer de

novo com um grande pesar.”

“Então eles não sabem aonde o senhor foi?” perguntou Harry, esperançoso por

maiores informações sobre este assunto, mas Dumbledore mal sorriu por debaixo de

seus óculos de meia-lua.

“Não, eles não sabem, e ainda não é o momento para você saber. Agora eu sugiro

que comecemos, a não ser que você tenha algo a dizer?”

“Na verdade, tenho sim, senhor!” disse Harry. “É sobre Malfoy e Snape.”

“Professor Snape, Harry.”

“Sim, senhor. Eu os ouvi durante a festa do professor Slughorn... bem, eu os segui, na

verdade...”

Dumbledore ouviu a historia que Harry contava sem demonstrar nenhum sentimento.

Quando Harry terminou, ele ficou alguns minutos em silêncio, e então, disse

“Obrigado por me contar, Harry, mas sugiro que você esqueça isso, não é importante.”

“Não é importante? Professor, o senhor não entendeu...?”

“Sim, Harry, abençoado como eu sou com um grande poder cerebral, eu entendi tudo

o que você me contou”, disse Dumbledore um pouco ríspido. “Eu acho que você

deveria considerar a possibilidade de eu ter entendido mais que você mesmo.

Novamente, fico feliz por ter contado, mas deixe-me assegurar-lhe que você não me

contou nada que me deixe inquieto.”

Harry manteve seu olhar em Dumbledore, silencioso. O que estava acontecendo? Isto

significava que Dumbledore realmente mandou Snape descobrir o que Malfoy está

tramando, e neste caso já teria ouvido de Snape o que Harry acabara de contar? Ou

será que ele realmente se preocupava com o que acabou de ouvir, mas está fingindo

que não?

“Então, senhor”, disse tentando manter seu tom de voz o mais educado e calmo

possível, “definitivamente você ainda confia em...”

“Fui tolerante o suficiente para responder a essa pergunta outras vezes”, respondeu

Dumbledore, apesar de não parecer mais tão tolerante. “Minha resposta não mudou!”

“Eu deveria saber que não”, disse uma voz desagradável; Phineas Nigellus estava

claramente fingindo estar dormindo. Dumbledore ignorou-o.

“E agora, Harry, eu insisto que devemos seguir adiante. Tenho coisas mais

importantes para debater com você esta noite”.

Harry sentou sentindo-se desgostoso. Como seria se ele não permitisse mudar de

assunto, se ele insistisse em continuar as acusações contra Malfoy? Como se tivesse

lido a mente de Harry, Dumbledore sacudiu a cabeça.

“Ah, Harry. Como isso acontece com freqüência, até mesmo, entre melhores amigos!

Cada um de nós acredita que tem a dizer é mais importante do que qualquer coisa

que o outro tem a contribuir.”

“Eu não digo que o que o senhor tem a dizer é sem importância”, disse Harry

formalmente.

“Bem, você está certo, porque é importante”, disse Dumbledore. “Tenho mais duas

memórias para te mostrar hoje, ambas obtidas com enorme dificuldade, e a segunda

delas é, acredito eu, uma das mais importantes que coletei”.

Harry não disse nada, ainda sentia-se com raiva pela forma como suas palavras foram

recebidas, mas sabia que não conseguiria nada se continuasse discutindo.

“Então”, disse Dumbledore, “continuamos esta noite com o conto de Tom Riddle, a

quem nós deixamos, da última vez, no inicio de seus anos em Hogwarts. Você se

lembra o quanto ele ficou animado ao descobrir que era bruxo, e que recusou minha

companhia na viagem para o Beco Diagonal, ao mesmo tempo em que eu o avisei

sobre continuar roubando dentro da escola”.

“O ano letivo chegou e junto dele veio Tom Riddle, um menino quieto em suas roupas

de segunda mão, que entrou na fila para ser sorteado. Ele foi posto na Sonserina

quase no momento em que o chapéu tocou sua cabeça”, continuou Dumbledore,

sacudindo sua mão branca em direção a prateleira onde estava o Chapéu Seletor,

muito antigo e imóvel. “Quando Riddle descobriu que o famoso criador de sua casa

podia falar com cobras, eu não sei – talvez naquela mesma noite. Esse conhecimento

somente excitou-o e aumentou seu senso de auto-importância.”

“No entanto, se ele estava assustando ou impressionando seus colegas sonserinos

com sua habilidade de ofidioglota, nenhum dos professores chegou a saber sobre

isso. Ele não mostrou nenhum sinal de arrogância ou de agressividade. Como era um

talentoso e muito bonito órfão, ele chamou a atenção e a simpatia dos professores

quase que no momento em que chegou na escola. Ele parecia correto, quieto e

sedento por conhecimento. Quase todos tinham uma boa impressão dele".

"O senhor não contou como ele era quando o conheceu no orfanato?" perguntou

Harry.

"Não, não contei. Apesar de que ele não mostrou nenhuma ponta de remorso, era

possível que sentisse arrependido pela forma como se comportou antes e resolveu ter

um novo começo. Eu escolhi lhe dar esta chance."

Dumbledore fez uma pausa e observou curiosamente Harry, que tinha aberto sua

boca para falar. Aqui, de novo, estava a tendência de Dumbledore de confiar nas

pessoas que claramente não mereciam! Mas, então, Harry lembrou-se de uma coisa...

"Mas você não confiou nele realmente, senhor? Ele me contou... o Riddle que saiu do

diário disse 'Dumbledore nunca pareceu gostar de mim como os demais professores.'"

"Vamos dizer que eu realmente não achei que ele fosse de todo confiável", disse

Dumbledore. "Eu decidi, como já indiquei, que ficaria de olhos bem atentos sobre ele,

e assim eu o fiz. Devo dizer que não obtive muitas informações sobre ele no início. Ele

era muito reservado comigo, ele sentia, tenho certeza, que a emoção de ter

descoberto sua verdadeira identidade já tinha me contado muito sobre ele. Ele teve

cuidado de nunca mais revelar tanto novamente, mas ele não poderia tomar de volta o

que ele já tinha deixado aparecer em sua excitação, ou mesmo o que Srª Cole tinha

me confidenciado. No entanto, ele sentia que não deveria tentar me conquistar assim

como ele conquistou tanto de meus colegas."

"Na medida em que ele crescia na escola, ele formou à sua volta um grupo de amigos

dedicados a ele; chamo-os de amigos, por não haver uma palavra melhor do que esta,

pois como já indiquei, Riddle não sentia nenhuma afeição por qualquer um deles. Este

grupo tinha uma espécie de encanto, um glamour obscuro dentro do castelo. Os

integrantes do grupo eram bem diferentes; uma mistura de fracos procurando

proteção, ambiciosos procurando uma repartição de glória e uma atração violenta por

um líder que mostrava a eles as mais refinadas formas de crueldade. Em outras

palavras, eram os futuros Comensais de Morte, e, de fato, alguns deles se tornaram

os primeiros Comensais depois que saíram da escola."

"Rigidamente controlados por Riddle, eles nunca foram pegos fazendo alguma coisa

errada, apesar de seus sete anos de Hogwarts terem sido marcados por incidentes

suspeitos aos quais eles nunca estavam satisfatoriamente ligado; o mais grave de

todos foi, é claro, a abertura da Câmara Secreta, que resultou na morte de uma

garota. Como você sabe, Hagrid foi falsamente acusado deste crime.”

“Não fui capaz de encontrar muitas memórias de Riddle em Hogwarts”, disse

Dumbledore, pousando sua mão ferida sobre a Penseira. “Os poucos que o

conheciam não estavam preparados para falar sobre ele, eles estavam muito

aterrorizados. O que eu sei, descobri depois que ele saiu de Hogwarts, depois de

muito esforço, depois de procurar alguns que poderiam ser enganados numa

conversa, depois de procurar por velhos registros de questionamentos a Trouxas e

Bruxos que testemunharam-no.”

“Aqueles que eu persuadi a falar me contou que Riddle tinha obsessão por sua

linhagem hereditária. Isto era compreensível, é claro; ele cresceu em um orfanato e

queria descobrir como foi parar lá. Parece que ele procurou ligação com seu pai Tom

Riddle nos escudos da Sala dos Troféus, nas listas de monitores antigos da escola, e

até mesmo nos livros de história do mundo dos Bruxos. Finalmente ele percebeu que

seu pai nunca colocou os pés em Hogwarts. Acredito que foi neste momento que ele

deixou de usar o nome de seu pai, assumindo a identidade de Lord Voldemort,

começando a investigar a família de sua mãe – a mulher que, você se lembra, ele

achou que não poderia ser bruxa já que sucumbiu à vergonhosa fraqueza humana da

morte.”

“Tudo o que ele tinha a procurar era somente o nome Servolo (Marvolo), que ele

descobriu, nos tempos de orfanato, ter sido do pai de sua mãe. Finalmente, depois de

trabalhosa pesquisa em livros de famílias de Bruxos, ele descobriu a linhagem

sobrevivente de Slyterin. No verão de seu décimo sexto aniversário, ele saiu do

orfanato para onde voltava todo ano e foi à procura de seus parentes Gaunt. E agora,

Harry, se você se levantar...”

Dumbledore se levantou e Harry pôde ver que ele novamente segurava uma pequena

garrafa de cristal cheia por um fio prateado de lembrança.

“Tive muita sorte de coletar esta aqui”, ele disse, colocando a massa brilhante na

Penseira. “Você vai entender quando mergulharmos nela. Vamos?”

Harry deu um passo em direção a base de pedra e curvou-se até seu rosto afundar na

lembrança. Ele sentiu a familiar sensação de cair no nada e aterrissou em um chão

sujo quase na escuridão total.

Demorou alguns segundos para reconhecer o local. A casa dos Gaunt estava agora

mais suja do qualquer lugar onde Harry já esteve. O teto estava repleto de teias de

aranha e o chão coberto de lama, comida apodrecida estava em cima da mesa junto a

panelas imundas. A única luz vinha de uma vela que estava aos pés de um homem

com cabelos e barba enormes, e Harry não conseguia ver os olhos ou a boca dele. O

homem estava jogado em uma poltrona perto do fogo e Harry se perguntou, por um

momento, se ele estava morto. Porém, alguém bateu na porta e o homem moveu-se,

erguendo uma varinha na mãe direita enquanto segurava uma faca na esquerda. A

porta se abriu com um estalo. Ali, no limiar da porta, segurando uma velha lamparina,

encontrava-se um garoto que Harry reconheceu no ato: alto, pálido, cabelos escuros,

e muito bonito – Voldemort adolescente.

Os olhos de Voldemort olharam por dentro da casa até que viu o homem na poltrona.

Por alguns segundos, ambos se olharam, o homem se levantou derrubando garrafas

vazias que se encontravam a seus pés.

“VOCÊ!” gritou. “VOCÊ!”.

E correu em direção a Riddle, varinha e faca prontas para atacar.

“Pare”.

Riddle falou em língua de cobra. O homem escorregou e bateu na mesa, derrubando

as panelas. Olhou assustado para Riddle. Houve um grande momento de silêncio

enquanto se olhavam. Até que o homem falou:

“Você também fala?”

“Sim, eu falo”, disse Riddle. Ele entrou na casa, batendo a porta por atrás de si. Harry

não pode evitar sentir uma admiração à coragem de Voldemort. Seu rosto quase não

mostrava nojo ou, até mesmo, decepção.

“Onde está Servolo?” perguntou.

“Morto”, disse o outro. “Morreu a alguns anos atrás.”

Riddle franziu a testa.

“Quem é você, então?”

“Sou Morfin, não sou?”

“Filho de Servolo?”

“Claro que sou, então...”

Morfin tirou o cabelo de seu rosto para poder ver Riddle melhor e Harry pode ver que

ele usava em sua mão direita o anel contendo a jóia negra que pertencera a Servolo.

“Pensei que você fosse aquele Trouxa”, sussurrou Morfin. “Você se parece muito com

ele.”

“Que trouxa?” Perguntou Riddle asperamente.

“O Trouxa que minha irmã gostava, o Trouxa que morava na mansão do outro lado”,

disse Morfin, e cuspiu inesperadamente no chão. “Você se parece exatamente com

ele. Riddle. Mas ele está mais velho agora, não está? Ele é mais velho que você,

agora vejo...”

Morfin olhava fixamente e chegou pro lado um pouco, ainda se apoiando na quina da

mesa. “Ele voltou, percebe...” acrescentou.

Voldemort olhava para Morfin, pensando em suas possibilidades. Moveu-se um pouco

mais perto de Morfin e disse “Riddle voltou?”

“Er, ele a largou, e que isso sirva de lição a ela, casamento imundo”, disse Morfin,

mais uma vez cuspindo no chão. “Nos roubou, antes de fugir. Onde está o colar, o

colar de Slyterin?”.

Voldemort não respondeu. Morfin estava ficando irado novamente, sacudiu a faca e

gritou "Ela nos desonrou, sim, ela nos desonrou, vadia imunda! E você, vindo aqui e

perguntando coisas a respeito disso tudo? Acabou.... acabou..."

Ele virou o rosto, e Voldemort andou em sua direção. E quando fez isso uma estranha

escuridão surgiu, apagando a lamparina de Voldemort e a vela de Morfin, apagando

tudo... Os dedos de Dumbledore seguraram firmemente o braço de Harry e eles

voltaram ao presente. A suave luz dourada da sala de Dumbledore cegou os olhos de

Harry depois da impenetrável escuridão.

"Isso é tudo?" Disse Harry de uma vez. "Por que tudo ficou tão escuro de repente?"

"Porque Morfin não conseguia lembrar de mais nada depois deste ponto", disse

Dumbledore, apontando para que Harry se assentasse novamente em sua cadeira.

"Quando ele acordou na manhã seguinte, estava deitado no chão, sozinho. O anel de

Servolo havia desaparecido".

"Enquanto isso, na vila de Little Hangleton, uma empregada corria pela rua principal,

gritando que havia três corpos estendidos na sala de jantar da mansão; Tom Riddle

pai, sua mãe e seu pai."

As autoridades Trouxas estavam perplexas. Até onde eu sei, eles não sabiam como

os Riddles haviam morrido, já que a maldição Avada Kedavra não deixa nenhum sinal

de dano... A exceção está em minha frente", Dumbledore acrescentou olhando para a

cicatriz de Harry. "O Ministério, por outro lado, sabia que isto tinha sido um

assassinato cometido por um bruxo. Eles também sabiam que um convicto bruxo que

odiava Trouxas morava depois do vale perto da mansão dos Riddle, alguém que

odiava Trouxas e que já havia atacado uma das pessoas assassinadas."

"Assim, o Ministério convocou Morfin. Eles não precisaram perguntá-lo, usando

Veritaserum ou Legilimência. Ele admitiu o assassinato, dizendo detalhes que só o

assassino poderia saber. Ele estava orgulhoso, ele disse, por ter matado os Trouxas,

esteve esperando a chance por muitos anos. Ele entregou sua varinha, e ficou

provado que ela utilizada no assassinato. E ele se permitiu ser levado sem lutar direto

para Azkaban.

"Só o que incomodava ele era o fato de que o anel de seu pai havia desaparecido.

"Ele vai me matar por ter perdido", ele disse várias vezes às pessoas que o

prenderam. "Ele vai me matar por ter perdido!" E isso, aparentemente,

foi tudo o que

ele disse novamente. Durante o período em que ficou em Azkaban, ele reviveu esta

lembrança, lamentando a perda do último artefato da herança de Servolo, e está

enterrado ao lado da prisão, ao lado de muitos outros que morreram lá dentro. “

“Então, Voldemort roubou a varinha de Morfin e usou-a?” Disse Harry, sentando com

a coluna ereta.

“Isso mesmo”, disse Dumbledore. “Não temos nenhuma lembrança que possa nos

mostrar isso, mas acho que podemos ter toda certeza que foi isto o que aconteceu.

Voldemort estuporou seu tio, pegou sua varinha e foi em direção a mansão do outro

lado do vale. Lá, ele matou o Trouxa que havia abandonado sua mãe, e, também,

seus avós Trouxas, exterminando o último dos Riddles e vingando-se do homem que

nunca o quis como um filho. Então, retornou a cabana dos Gaunt, fez uma magia

complexa que implantaria uma falsa lembrança na mente de seu tio, deixou a varinha

de Morfin ao lado de seu dono inconsciente, pegou o velho anel que ele usava e foi

embora.”

“E Morfin nunca percebeu que ele não fez nada daquilo?”

“Nunca”, disse Dumbledore, “ e ele deu uma confissão detalhada.”

“Mas ele tinha essa lembrança verdadeira o tempo todo?”

“Sim, mas foi preciso um grande esforço da poderosa Legilimência para obter isso

dele”, disse Dumbledore, “e pra que alguém investigaria a fundo a mente de Morfin

quando ele já havia confessado o crime? No entanto, eu consegui fazer uma visita a

Morfin nas suas últimas semanas de vida, pois naquele momento eu tentava descobrir

o máximo possível sobre o passado de Voldemort. Obtive essa lembrança com muita

dificuldade. Quando vi o que continha, tentei utilizá-la para retirar Morfin de Azkaban.

Mas antes do Ministério chegar a uma decisão, ele já havia morrido.”

“Mas como o Ministério não havia percebido que Voldemort tinha feito isso tudo com

Morfin?” Harry perguntou com raiva. “Ele era menor de idade naquela época, não era?

Achei que era possível detectar magia feita por menores de idade.”

“Você tem razão - eles podem detectar magia, mas não quem a fez. Você se lembra

que foi acusado de usar magia de Levitação quando na verdade quem utilizou foi ...”

“Dobby”, disse Harry; essa injustiça ainda o incomodava. “Então, se você é menor de

idade e faz magia dentro da casa de um Bruxo adulto, o Ministério não vai saber?”

“O ministério certamente saberá dizer quem praticou a magia”, disse Dumbledore,

sorrindo gentilmente enquanto olhava a indignação de Harry. “Eles cobram aos bruxos

adultos que seus filhos obedeçam enquanto estão dentro da casa.”

“Isso é muita besteira”, esbravejou Harry. “Olha o que aconteceu aqui, olha o que

aconteceu com Morfin.”

“Eu concordo”, disse Dumbledore. “Mesmo por tudo o que Morfin foi, ele não merecia

morrer da forma que morreu, acusado de assassinatos que ele não cometeu. Está

ficando tarde, e ainda quero que você olhe mais uma lembrança antes de irmos...”

Dumbledore tirou de um bolso outra garrafinha de cristal e Harry ficou em silencio

novamente, lembrando que Dumbledore disse que esta fora a mais importante que ele

conseguiu coletar. Harry percebeu que o conteúdo foi difícil de ser despejado na

Penseira, como se ela tivesse se tornado mais sólida, será que as lembranças se

estragam?

“Isto não vai demorar”, disse Dumbledore, quando ele finalmente esvaziou o vidrinho.

“Devemos estar de volta antes de você notar. Bem, vamos entrar mais uma vez na

Penseira...”

Harry caiu mais uma vez dentro do liquido prateado e aterrissou, desta vez, em frente

a um homem que ele logo reconheceu.

Era um bem mais jovem Horácio Slughorn. Harry estava tão acostumado com ele

careca que vê-lo com cabelo grosso, brilhante e cor de palha era um pouco

desconcertante, apesar de já haver uma careca do tamanho de um galeão no topo de

sua cabeça. Seu bigode, mas fino do que o atual era de um louro avermelhado. Ele

não era tão gordo quanto o Slughorn que Harry conhecia. Seus pequenos pés

repousavam em cima de um pufe, ele estava sentado bem confortável em uma

poltrona, uma das mãos segurando uma pequena taça de vinho e a outra vasculhando

uma caixa de abacaxi cristalizado.

Harry olhou a volta enquanto Dumbledore chegava, e percebeu que estavam na sala

de Slughorn. Uma meia dúzia de garotos estava sentada ao redor de Slughorn, todos

por volta de 15 anos. Harry reconheceu Voldemort logo de cara. Ele era o mais bonito

entre todos e o que parecia mais relaxado. Seu braço direito estava deitado

relaxadamente sobre o braço de sua poltrona, com um susto, Harry percebeu que ele

usava o anel dourado-e-preto de Servolo, ele já havia matado seu pai.

“Senhor, é verdade que professor Merrythought está se aposentando do cargo?” ele

perguntou.

“Tom, Tom, se eu soubesse não poderia lhe dizer”, disse Slughorn, sacudindo um

dedo açucarado de desaprovação, mas que perdia efeito à medida que seus olhos

piscavam. “Devo dizer que gostaria de saber como você consegue ter acesso a certas

informações, você sabe mais que alguns de meus colegas.”

Riddle sorriu e os demais garotos olharam-no com admiração.

“Com essa incomum habilidade de saber coisas que você não deveria e sua

cuidadosa habilidade de agradar pessoas importantes - obrigado pelo abacaxi, sim,

são os meus favoritos –”

Depois que alguns garotos riram com um certo nervoso, uma coisa muito estranha

aconteceu. Toda a sala encheu-se com uma grossa nevoa branca, e Harry não podia

ver nada além do rosto de Dumbledore, que estava ao seu lado. Então a voz de

Slughorn ecoou por entre a névoa, estranhamente alta “...você vai pelo caminho

errado, garoto, lembre-se de minhas palavras!”

A névoa sumiu tão subitamente quanto surgiu, e ninguém pareceu reparar isto, ou

ninguém agiu como se algo diferente tivesse acontecido. Alarmado, Harry olhou à

volta e viu um grande relógio dourado acima da cabeça de Slughorn marcando onze

horas da noite.

"Bom Deus, já está tão tarde assim?" Disse Slughorn. "É melhor vocês irem garotos

ou estaremos todos encrencados. Lestrange, quero seu artigo para amanhã ou estará

em detenção. O mesmo para você, Avery!"

Slughorn levantou-se da cadeira e levou seu copo vazio até a mesa, enquanto os

meninos saíam da sala. Voldemort, no entanto, ficou para trás. Harry sabia que ele se

atrasou de propósito para poder fica a sós com Slughorn.

"Tome cuidado, Tom", olhando à volta e vendo-o ainda lá, "você não quer ser pego a

essa hora da noite, ainda mais sendo monitor..."

"Senhor, quero lhe perguntar uma coisa."

"Pode perguntar, então, garoto, pode perguntar..."

"Senhor, queria saber o que você sabe sobre Horcruxes?"

E, então, aconteceu tudo de novo: a densa névoa de forma que Harry não conseguia

ver nem Slughorn nem Voldemort; somente Dumbledore, que sorria serenamente.

Então, a voz de Slughorn ecoou novamente, assim como antes.

"Eu não sei nada sobre Horcruxes e mesmo se soubesse não diria! Agora saia daqui

de uma vez e não permita que eu ouça você mencionado isto de novo!"

"Bem, é isso", disse Dumbledore calmamente ao lado de Harry.

"É hora de irmos."

Os pés de Harry saíram do chão da lembrança e voltaram ao chão da sala de

Dumbledore.

"Isso é tudo?" Perguntou Harry atônito.

Dumbledore havia dito que esta era a lembrança mais importante de todas, mas ele

não conseguia ver o que tinha de tão importante a respeito. Com certeza a névoa e o

fato de ninguém haver percebido, foi estranho, mas, além disso, nada pareceu ter

acontecido, a não ser o fato de Voldemort ter feito uma pergunta e não ter obtido

resposta.

"Como você deve ter percebido", disse Dumbledore sentando por detrás da mesa,

"esta lembrança foi adulterada."

“Adulterada?” repetiu Harry, sentando-se também.

“Certamente”, disse Dumbledore. “Professor Slughorn interferiu em suas próprias

lembranças.”

“Mas por que ele faria isso?”

“Porque, eu acredito, ele está envergonhado do que se lembra”, disse Dumbledore.

“Ele tentou refazer a lembrança para mostrar-se a si mesmo sob uma perspectiva

melhor, escondendo as partes que ele não desejava ver. Foi, como você pode

perceber, mal feito e isso foi uma coisa boa, pois mostra que a verdadeira memória

está lá por baixo das alterações.”

“E também, pela primeira vez, eu estou lhe dando um dever de casa, Harry. Será seu

dever convencer professor Slughorn a divulgar a real lembrança que será, sem

dúvida, um pedaço crucial de informação.”

Harry olhou fixamente.“Mas, senhor, é óbvio que você pode usar Legilimência ou

Veritaserum...”

“Professor Slughorn é um bruxo poderoso que estará pronto para qualquer um dos

dois”, disse Dumbledore. “Ele é muito mais preparado em Oclumência do que o pobre

Morfin Gaunt, e eu me surpreenderia se ele não carregasse consigo um antídoto para

Veritaserum desde quando eu tentei fazer com que ele me desse esta versão

travestida de suas memória.”

“Não, eu acho que seria idiotice tentar obter a verdade do professor Slughorn

utilizando a força, seria muito mais prejudicial do que benéfico. Eu não quero que ele

saia de Hogwarts. No entanto, ele tem fraquezas como todos nós e eu tenho certeza

que você é uma das pessoas que seria capaz de penetrar em suas defesas. É muito

importante que obtenhamos a verdadeira lembrança, Harry... o quão importante só

saberemos quando a tivermos em mãos. Então, boa sorte e boa noite.”

Um pouco estupefato pela despedida súbita, Harry levantou-se rapidamente “Boa

noite, senhor.”

Enquanto fechava a porta do escritório, ouviu Phineas dizer “Não consigo ver como o

garoto se sairia melhor que você, Dumbledore.”

“Eu não esperaria que você visse, Phineas”, respondeu Dumbledore e Fawkes soltou

mais uma nota musical.



Capítulo 18: Surpresas de Aniversário

No dia seguinte Harry confiou a Ron e Hermione a tarefa que Dumbledore tinha dado

a ele, embora separadamente, pois Hermione ainda se recusava a tolerar a presença

de Ron por mais tempo do que o necessário para lhe dar um olhar de desprezo.

Ron pensou que era improvável que Harry tivesse problemas com Slughorn afinal.

- Ele ama você! - Ele disse após o café da manhã, assoprando o ar quente de um

garfo cheio de ovos fritos. - Não recusará nada a você, não é mesmo? Não ao seu

pequeno Príncipe de Poções . Você só precisa se atrasar após a aula da tarde e

perguntá-lo.

Hermione, entretanto, fez uma análise mais desanimadora.

- Ele deve estar determinado a esconder o que realmente aconteceu, se Dumbledore

não foi capaz de retirar a informação dele. - ela disse em voz baixa, enquanto

estavam no pátio deserto e cheio de neve durante o intervalo - Horcruxes...

Horcruxes... Eu nunca ouvi nada sobre eles, você ouviu?

Harry estava desapontado; ele havia esperado que Hermione pudesse lhe dar uma

dica do que eram Horcruxes.

- Devem ser Artes das Trevas realmente avançadas, pois senão porque Voldemort iria

querer saber sobre eles? Eu acho que será difícil conseguir a informação, Harry, você

terá que agir com muita cautela ao se aproximar de Slughorn, pensar numa

estratégia...

- Ron disse que eu deveria simplesmente me atrasar na saída da aula de Poções esta

tarde...

- Oh, claro, se "Won-Won" pensa assim, é melhor faze-lo! - ela disse, explodindo mais

uma vez - Além do mais, quando foi que a opinião de "Won-Won" foi errada?

- Hermione, você não poderia. .

- Não!

Ela disse com raiva, e se afastou violentamente, deixando Harry sozinho e atolado na

neve. As aulas de Poções eram bastante incômodas, pois Harry, Ron e Hermione

compartilhavam uma mesa. Hoje, Hermione havia levado seu caldeirão pela mesa de

modo que ficasse perto de Ernie, e ignorou Harry e Ron.

- O que você fez? - Ron murmurou para Harry, olhando o perfil arrogante de

Hermione.

Mas antes que Harry pudesse responder, Slughorn estava solicitando o silêncio em

frente à classe.

- Assentem-se, assentem-se, por favor! Rápido, agora, temos muito trabalho pela

frente esta tarde! A terceira lei de Golpalott, alguém pode me dizer qual é? A senhorita

Granger pode, com certeza.

Hermione recitou em alta velocidade: A terceira Lei de Golpalott diz

que o antídoto

para um veneno será igual à soma dos antídotos para cada um dos componentes que

o compõe.

- Precisamente! - disse Slughorn radiante - Dez pontos para Grifinória! Agora, se nós

aceitarmos que a terceira Lei de Golpalott é verdade...

Harry estava aceitando que a palavra de Slughorn sobre essa terceira Lei de Golpalott

era verdadeira, porque ele não havia entendido nada dela. Ninguém além de

Hermione pareceu entender o que Slughorn disse depois, também.

-... Que significa, claro que assumindo que nós venhamos a conseguir a identificação

correta dos ingredientes pela Scarpin Relelaspell (palavra reveladora de Scarpin?),

nosso primeiro alvo não é simplesmente selecionar antídotos para os ingredientes da

mesma, mas encontrar o componente adicionado que, por um processo quase

químico, transforme esses elementos...

Ron estava sentado ao lado de Harry com a boca meio-aberta, olhando fixamente seu

novo livro de Poções Avançadas. Ron continuava sem lembrar de que não poderia

confiar em Hermione para socorre-lo quando não entendesse o que estava

acontecendo.

- E então - finalizou Slughorn - eu quero que cada um de vocês venha aqui e pegue

um desses frascos em minha mesa. Vocês criarão antídotos para o veneno dentro

dele antes do fim da aula. Boa sorte, e não se esqueçam de suas luvas protetoras.

Hermione deixou seu assento e já havia caminhado a metade do caminho em direção

à mesa de Slughorn antes que o resto da turma compreendesse que deviam se

mover, e quando Harry, Ron e Ernie retornaram à mesa, ela já havia virado o

conteúdo de seu frasco no caldeirão, e estava acendendo o fogo embaixo dele.

- É uma pena que o Prince não poderá ajuda-lo muito nisto, Harry. - Ela disse de

maneira vivaz enquanto se e endireitava. - Você tem que entender os princípios

envolvidos desta vez. Nada de atalhos ou fraudes!

Irritado, Harry abriu o veneno que tinha pegado na mesa de Slughorn, que era de uma

aparência rosa extravagante, a derrubou em seu caldeirão e acendeu o fogo abaixo

dele. Ele não fazia idéia do que deveria fazer a seguir. Olhou de relance para Ron,

que o observava de esguelha, copiando tudo o que Harry fazia.

- Você está certo de que o Prince não deixou nenhum palpite? - Ron resmungou para

Harry.

Harry pegou sua cópia de confiança de Poções Avançadas e abriu no capítulo sobre

Antídotos. Lá estava a terceira Lei de Golpalott, explicada com todas as palavras que

Hermione havia recitado, mas nenhuma singela dica pela mão de Prince explicando o

que significava. Aparentemente o Prince, como Hermione, não tinha dificuldades em

entender aquilo.

- Nada. - Disse Harry melancolicamente.

Hermione estava agora acenando sua varinha entusiasticamente sobre o seu

caldeirão. Infelizmente, eles não poderiam copiar o feitiço que esta estava fazendo

porque ela agora dominava tão bem os feitiços não verbais que ela não precisou

mencionar as palavras em voz alta. Ernie Macmillan, entretanto, murmurava "Specialis

Revelio!" sobre seu caldeirão, o que soou impressivo, então Harry e Ron rapidamente

o imitaram.

Levou somente cinco minutos para que Harry compreendesse que sua reputação

como o melhor aluno de poções da classe se espatifava ao redor de si. Slughorn tinha

examinado o seu caldeirão esperançosamente em sua primeira inspeção pela

masmorra, preparado para exclamar deliciado como sempre, e havia retirado sua

cabeça rapidamente, tossindo, ao sentir o cheiro de ovos podres sobre si.

A expressão de Hermione não poderia estar mais satisfeita; ela havia odiado não se

destacar em cada aula de Poções. Ela estava agora decantando os misteriosos

ingredientes separados de seu veneno em dez frascos de cristal diferentes. Mais para

evitar essa visão irritante do que por qualquer outra coisa, Harry inclinou-se sobre o

livro de Prince, virando algumas páginas com força desnecessária.

E lá estava, rabiscado através de uma longa linha de antídotos.

Apenas empurre um bezoar pelas suas gargantas.

Harry fitou as palavras longamente. Ele não havia ouvido, há muito tempo, sobre os

bezoars? Snape não havia mencionado eles na primeira aula de Poções?

"Uma pedra tirada do estômago de uma cabra, que o livrará da maioria dos venenos".

Não era uma resposta para o problema de Golpalott, e se Snape ainda fosse o seu

professor, Harry não ousaria faze-lo, mas este era um momento para medidas

desesperadas.

Ele foi em direção ao armário de estoques e, empurrando para o lado os chifres de

unicórnio e um emaranhado de ervas ressecadas, encontrou, bem no fundo, uma

pequena caixa onde se lia a palavra "Bezoars".

Ele abriu a caixa exatamente quando Slughorn avisou:

- Mais cinco minutos, pessoal!

Dentro dela havia uma dúzia de objetos marrons enrugados, parecendo mais rins

secos do que pedras. Harry apanhou um, devolveu a caixa para o armário e voltou

apressado ao seu caldeirão.

- O tempo acabou! - Disse Slughorn animadamente. - Bem, vamos ver o que vocês

conseguiram fazer! Blaise... O que você tem para mim?

Lentamente, Slughorn se moveu pela sala, examinando os vários antídotos. Ninguém

havia conseguido terminar a tarefa, embora Hermione estivesse tentando meter à

força alguns poucos ingredientes em sua garrafa antes de Slughorn a alcançar. Ron

havia desistido completamente, e estava tentando meramente parar de respirar os

aromas pútridos que saíam de seu caldeirão. Harry permaneceu esperando, o bezoar

seguro em uma mão ligeiramente suada.

Slughorn alcançou a última mesa. Cheirou a poção de Ernie e passou sobre Ron com

uma careta. Ele não se demorou no caldeirão de Ron, mas se afastou rapidamente,

ligeiramente nauseado.

- E você, Harry. - Ele disse - O que você tem para me mostrar?

Harry mostrou sua mão, o bezoar repousando em sua palma.

Slughorn olhou para baixo por dez longos segundos. Harry imaginou, por um

momento, se ele iria gritar com ele. Então ele jogou sua cabeça para trás e rugiu

gargalhadas.

- Você é ousado, garoto! - explodiu ele, pegando o bezoar e mantendo-o no alto para

que toda a classe pudesse ver. - Oh, você é como sua mãe... Bem, eu não posso

criticá-lo... Um bezoar certamente agiria como antídoto para todas estas poções!

Hermione, com a face suada e fuligem em seu nariz. Ficou lívida. Seu antídoto não

terminado, compreendendo cinqüenta e dois ingredientes, incluindo um chumaço do

seu próprio cabelo, borbulhou lentamente atrás de Slughorn, que só tinha olhos para

Harry.

- E você pensou no bezoar sozinho, não pensou, Harry? - Ela perguntou por entre os

dentes.

- Este é o espírito que um verdadeiro fazedor de poções precisa! - Disse Slughorn

alegremente, antes que Harry pudesse responder. - Exatamente como sua mãe, ela

tinha a mesma compreensão intuitiva fazendo poções, definitivamente você herdou

isso de Lílian... Sim, Harry, sim, se você tiver um bezoar à mão, é claro que você fará

o truque... Embora eles não funcionem em todos os casos, e sejam muito raros, ainda

tem seu valor saber como preparar antídotos.

A única pessoa na sala com um olhar mais bravo do que Hermione era Malfoy, que,

Harry ficou encantado em observar, havia derramado algo que parecia como um gato

doente sobre si mesmo. Antes que qualquer um deles pudesse expressar sua fúria

por Harry ficar em primeiro lugar na classe sem fazer nada, entretanto, o sino bateu.

- Tempo de guardar o material! - Disse Slughorn. - E dez pontos extras para Grifinória

pela mudança ousada!

Ainda rindo, ele voltou gingando para sua mesa à frente da masmorra.

Harry ficou para trás, gastando uma grande quantidade de tempo para fechar sua

mochila. Nem Ron e nem Hermione lhe desejaram boa sorte quando saíram; ambos

lhe dedicaram olhares irritados. Finalmente só havia Harry e Slughorn na sala.

- Vamos, agora, Harry, você ficará atrasado para sua próxima aula! - Disse Slughorn

amavelmente, estalando os ganchos dourados de sua pasta de couro de dragão.

- Senhor, - Disse Harry, lembrando-se irresistivelmente de Voldemort - eu queria lhe

perguntar algo.

- Pergunte o que quiser, então, meu querido, pergunte o que quiser.

- Senhor, eu queria saber o que você sabe sobre... Sobre Horcruxes?

Slughorn congelou. Sua face redonda pareceu afundar dentro de si. Ele umedeceu os

lábios e disse asperamente:

- O que você disse?

- Eu perguntei o que sabe sobre Horcruxes, senhor. O senhor sabe...

- Dumbledore lhe pediu isso! - Sussurrou Slughorn.

Sua voz havia mudado completamente. Não era mais genial, e sim chocado,

estarrecido. Ele levou a mão ao bolso e retirou um lenço, e esfregou sua testa suada.

- Dumbledore lhe mostrou aquilo - aquela memória! - Disse Slughorn. - Então? Ele

não mostrou?

- Sim - Disse Harry, decidindo no momento que era melhor não mentir.

- Sim, é claro. - Disse Slughorn quietamente, ainda esfregando sua face pálida. - É

claro... Bem, se você viu aquela memória, Harry. Você sabe que eu não sei nada -

NADA - ele repetiu a palavra com força - sobre Horcruxes.

Ele pegou sua pasta de couro de dragão, colocou o lenço no bolso e marchou para a

porta da masmorra.

- Senhor - Disse Harry desesperadamente. - Eu só pensei que poderia haver um

pouco mais daquela memória...

- Pensou? - Disse Slughorn. Então pensou errado, está ouvindo? ERRADO!

Ele berrou a última palavra e, antes que Harry pudesse dizer qualquer coisa, bateu a

porta da masmorra atrás dele.

Nem Ron nem Hermione ficaram animados quando Harry lhes contou a entrevista

desastrosa. Hermione ainda estava chateada por Harry ter triunfado sem fazer o

trabalho corretamente. Ron estava ressentido que Harry não tinha capturado para ele

nenhum bezoar, também.

'Teria parecido estúpido se nós todos tivéssemos feito isto!' disse Harry irritado. 'Olha,

eu tinha que tentar o amolecer para assim lhe perguntar sobre Voldemort, não tinha?

Oh, como se você fosse conseguisse!' ele somou em exasperação, Ron estremeceu

ao som do nome.

Enfurecido pelo fracasso dele e pela atitude de Ron e Hermione, Harry pensou em

fazer algo logo nos próximos dias para chegar a Slughorn. Por enquanto, ele decidiu

que ele deixaria Slughorn pensar que ele tinha esquecido totalmente o Horcruxes; era

certamente melhor para o acalmar, causando falso senso de segurança antes de

voltar ao ataque.

Quando Harry questionou Slughorn novamente, o mestre de Poções retornou ao

tratamento afetuoso habitual dele, e parecia ter tirado o assunto da mente dele. Harry

esperou um convite a uma das pequenas festas de inicio de noite de Slughorn,

determinado a aceitá-lo desta vez, mesmo se tivesse que replanejar seus treinos de

Quadribol. Porém, infelizmente, nenhum convite chegou. Harry conferiu com

Hermione e Gina: nenhuma delas tinha recebido convite algum e nem, até onde elas

souberam, não houve qualquer pessoa que o tivesse recebido.

Harry não podia negar que Slughorn não tinha esquecido tudo tão rapidamente quanto

pareceu, simplesmente ele estava determinado a não dar a Harry nenhuma outra

oportunidade para questioná-lo.

Enquanto isso, na biblioteca de Hogwarts, Hermione tinha fracassado pela primeira

vez em toda história de vida. Ela estava tão triste, que esqueceu até mesmo seu

aborrecimento com Harry pelo bezoar.

'Eu não achei uma única explicação do que Horcruxes são!" ela falou. 'Nem uma

única! Eu estive olhando na seção proibida e até mesmo nos livros mais horríveis

onde eles lhe contam como fabricar as poções mais horrendas - nada! Tudo que eu

pude achar foi isto, no Introdução para Magia Mais Diabólica - escute-"do Horcrux, a

mais maligna das invenções mágicas, nós não falaremos nem daremos receita"... Por

que menciona isto, então?' ela disse impacientemente, enquanto fechava livro velho

batendo-o; ele soltou uma lamúria fantasmagórica. 'Oh, se cale' ela resmungou,

enquanto colocava o livro na bolsa.

A neve derretia ao redor da escola quando fevereiro chegou, o frio foi sendo

substituído por uma umidade melancólica. Nuvens cinzentas bem baixas pareciam

penduradas em cima do castelo e uma constante chuva fria caindo faziam os

gramados escorregadios e barrentos.

Iniciava-se também a primeira aula de Aparatar para os sextanistas, que foi agendada

para uma manhã de sábado, de forma que nenhuma das matérias normais fosse

prejudicada, e aconteceu no Grande Salão.

Quando o Harry e Hermione chegaram ao Salão (Ron tinha ficado com Lavender),

eles perceberam que as mesas haviam desaparecido. A chuva chicoteava contra as

janelas altas e o teto encantado se erguia escurecido sobre eles, enquanto se

ajuntavam em frente aos Professores McGonagall, Snape, Flitwick e Sprout - os

Chefes das Casas - e um bruxo pequeno, que Harry imaginou ser o Instrutor de

Aparição do Ministério. Ele era esquisitamente pálido, com cílios transparentes, cabelo

delgado e um ar insubstancial, como se uma única rajada de vento pudesse levá-lo

embora. Harry desejou saber se aparecimentos, e constantes reaparições tinham

diminuído a matéria dele de alguma maneira, ou se esta forma delicada era a ideal

para qualquer um que desejasse desaparecer.

'Bom dia', disse o bruxo de Ministério, quando todos os alunos tinham chegado e os

Chefes das Casas pediram silêncio. 'Meu nome é Wilkie Twycross e eu serei seu

Instrutor de Aparatar do Ministério - durante as próximas doze semanas. Eu espero

poder prepará-los para seu teste de Aparatar neste período-'.

'Malfoy, fique quieto e preste atenção!' rosnou a Professora McGonagall.

Todo mundo olhou em volta. Malfoy tinha corado sombriamente; ele parecia tão

furioso que se afastou de Crabbe, com quem ele estava sussurrando alguma coisa.

Harry olhou depressa, para Snape, que parecia muito aborrecido, o que Harry

suspeitou ser menos pela falta de Malfoy do que pelo fato de McGonagall ter

repreendido um aluno da casa dele. '-em algum tempo, muitos de vocês estarão

prontos para fazer sua prova,' Twycross continuou, como se não tivesse havido

nenhuma interrupção.

'Como vocês sabem, é impossível a Aparatar ou Desaparatar dentro de Hogwarts. O

Diretor desfez este encanto, somente dentro do Grande Salão, durante uma hora,

para possibilitar nossa prática. Eu devo enfatizar que você não será capaz de

Aparatar fora das paredes deste Corredor, e espero que você não seja burro de

tentar.

'Eu gostaria que cada um de vocês se posicionasse agora de tal forma que tenha uns

cinco passos de espaço em frente a você.'

Houve um grande tumulto, na separação das pessoas, elas batiam-se umas nas

outras, e organizavam-se erroneamente. Os Chefes das Casas moveram-se entre os

estudantes, colocando-os em posição e solucionando problemas.

'Harry aonde você vai? Hermione perguntou.

Mas Harry não respondeu; ele estava se movendo depressa pela multidão, além do

lugar onde Professor Flitwick estava relutante tentando posicionar alguns Corvinais,

todos querendo estar na frente e, passando pela Professora Sprout, que alinhava as

Lufa-Lufas que insistiam em aglomerar-se ao redor de Ernie Macmillan, ele conseguiu

se posicionar na parte de trás da multidão, exatamente atrás de Malfoy que estava

tirando proveito do motim geral para continuar a conversa com Crabbe, posicionandose a cinco pés de distância, mas parecendo revoltado.

'Eu não sei quanto mais, certo?' Malfoy disse a ele, sem perceber que Harry estava

logo atrás. 'Está levando muito mais tempo do que eu pensei'. Crabbe abriu a boca,

mas Malfoy pareceu adivinhar o que ele ia dizer.

'Olha, não é nenhum segredo o que estou fazendo, Crabbe, você e Goyle mantém

uma vigia, é isso que devem fazer!'

'Eu diria a meus amigos o que faria, se eles precisassem manter uma vigilância para

mim," Harry disse, alto bastante para Malfoy o ouvir.

Malfoy girou, a mão dele agarrando a varinha, mas, nesse preciso momento os quatro

Chefes das Casas gritaram, 'Quietos!', e o silêncio reinou novamente. Malfoy virou-se

para frente lentamente.

'Obrigado' disse Twycross. Agora então... '.

Ele balançou sua varinha. Arcos antiquados de madeira apareceram imediatamente

no chão em frente a cada estudante.

As coisas importantes para se lembrar quando Aparatar são os três D's!' Disse

Twycross. 'Destino, Determinação, Deliberação!'

'Passo um: fixe sua mente firmemente no destino desejado,'

Disse Twycross. 'Neste caso, o interior de seu arco.'

Gentilmente, concentre-se agora neste destino'.

Todo mundo dava uma olhada furtiva, para conferir se os outros estavam fitando seu

arco, então apressadamente fizeram como lhes foi falado.

Harry contemplou o remendo circular de chão pardo incluído no seu arco e tentou não

pensar em nada mais. Isto era impossível, pois ele não podia deixar de pensar no que

Malfoy estava fazendo, a ponto de precisar de vigias.

"Passo dois,' disse Twycross,' foque sua determinação em ocupar o espaço

visualizado! Deixe este seu anseio inundar sua mente e partir para cada partícula de

seu corpo!'.

Harry olhou sorrateiramente ao redor. Um pouco a sua esquerda, Ernie Macmillan

estava contemplando o arco dele tão firme que sua face tinha ficado rosa; olhava

como se estivesse tentando botar um ovo do tamanho de uma Goles. Harry mordeu

um riso e apressadamente voltou o olhar ao seu próprio arco.

'Passo três,' chamou Twycross,' e somente quando eu der o comando... Imaginem

aquele mesmo lugar, tentem não sentir mais nada, movendo-se com deliberação. Em

meu comando, agora... um -

Harry olhou ao redor novamente; muitas pessoas estavam olhando alarmadas,

perguntando-se se já iam aparatar tão depressa.

Harry tentou fixar os pensamentos dele novamente no arco; ele já tinha esquecido o

que três D's representavam.

- 'TRÊS!'.

Harry girou naquele mesmo lugar, perdeu o equilíbrio e quase caiu. Ele não foi o

único. O Salão inteiro estava, de repente, cheio de pessoas cambaleantes; Neville

estava caído atrás dele; Ernie Macmillan, por outro lado, tinha feito um tipo pirueta

saltando no arco dele e parecia momentaneamente emocionado, até que viu Dino

Thomas que rugindo de tanto rir dele.

'Não se distraiam, não se distraiam', disse Twycross secamente, que não parecia

estar esperando qualquer coisa melhor. 'Ajustem seus arcos, por favor, e para trás em

suas posições originais... '

A segunda tentativa não foi melhor que a primeira. A terceira foi da mesma maneira

ruim. Nada até a quarta trouxe qualquer acontecimento excitante. Houve um guincho

horrível de dor e todo mundo olhou, apavorado, vendo Susan Bones de Lufa-Lufa que

cambaleava no arco dela com a perna esquerda parada a cinco pés de distância do

lugar de onde ela tinha começado.

Os Chefes das Casas foram até a ela; houve um grande estrondo e uma bola de

fumaça roxa apareceu, revelando uma Susan que chorava, com a perna no lugar,

mas, horrorizada.

'A Fraturação ou separação de corpos', disse Twycross desapontado, 'acontece

quando a mente está insuficientemente determinada. Você tem que se concentrar

continuamente em seu destino, e se mover, sem hesitar, mas com deliberação...

assim'.

Twycross pisou adiante, graciosamente girando no mesmo lugar com os braços

estendidos e desapareceu em um redemoinho de roupas, enquanto reaparecia na

parte de trás do Salão. 'Se lembrem dos três D;s,' ele disse,' e tentem novamente...

um - dois - três -'

Mas de uma hora depois, e a Fraturação de Susan ainda era coisa mais

interessante

que tinha acontecido. Twycross não parecia desanimado. Firmando o capote dele ao

pescoço, ele somente disse, 'Até sábado que vem a todos, e não esqueçam:

Destinação. Determinação. Deliberação'.

Com isso, ele balançou a varinha, e enquanto os arcos desapareciam, saiu do Salão

acompanhado pela Professora McGonagall. Conversando, as pessoas se dirigiam

para o Saguão de Entrada.

'O que você fez?' perguntou Harry para Ron, enquanto saíam. ' Eu acho que senti

algo da última vez que tentei - um tipo de formigar em meus pés'.

'Eu achei estes treinos muito fáceis, facinhos', disse uma voz atrás deles, e Hermione

os olhou, enquanto sorria maliciosamente.

'Eu não sentia nada', disse Harry, ignorando a interrupção. “Mas não é isso que me

preocupa agora -’. ·’O que você quer dizer, que não se preocupa... Você não quer

aprender a Aparatar?’ Disse Ron incrédulo. ·’Eu não estou interessado, realmente. Eu

prefiro voar’, disse Harry, enquanto olhava por cima do ombro para ver onde Malfoy

estava, e acelerou quando eles entraram no Saguão de Entrada. ‘Olhe, se apresse,

vamos, há algo que eu quero fazer...’. ·Perplexo, Ron seguiu Harry para a torre da

Grifinória correndo. Eles foram temporariamente detidos por pirraça,

que tinha jogado

uma porta no quarto andar fechando-o e se recusando deixar qualquer um passar até

que atearam fogo às calças dele, mas Harry e Ron simplesmente retrocederam e

foram por atalhos já conhecidos. Dentro de cinco minutos, eles estavam entrando pelo

buraco do retrato. ·'Você vai me contar o que nós estamos fazendo, então?'

Perguntou Ron, arquejando ligeiramente. ·'Para cima', disse Harry, cruzando a sala

comunal e entrando pela porta para a escadaria dos meninos. ·O dormitório". deles

estava, como previsto, vazio. Ele abriu sua mala e começou a procurar algo, enquanto

Ron assistia impacientemente.

'Harry... '

'Malfoy está usando Crabbe e Goyle como vigias. Ele estava discutindo agora mesmo

com Crabbe. Quer saber... aha!'.

Ele tinha achado, um quadrado dobrado de pergaminho aparentemente em branco

que ele abriu e bateu com a varinha.

'Eu solene juro que não sou bom... Ou Malfoy é!'

Imediatamente, o Mapa do Maroto apareceu na superfície do pergaminho. Era um

plano detalhado de todo os pisos do castelo e, movendo-se nele, minúsculos, pontos

pretos que representavam cada dos ocupantes do castelo.

'Me ajude a achar Malfoy,' disse Harry apressadamente.

Ele pôs o mapa na cama dele, e ele e Ron se apoiaram, enquanto procuravam.

'Lá!' disse Ron, depois de um minuto. 'Ele está na sala comunal de Sonserina, olhe...

com Parkinson, Zabini, Crabbe e Goyle..."

Harry olhou para o mapa, desapontado, e o guardou quase que imediatamente.

'Bem, vou manter o olho nele de agora em diante nele', disse firmemente. 'E no

momento que eu o vir espreitando em algum lugar com Crabbe e Goyle, será com a

Capa da Invisibilidade que vou descobrir o que ele quer -'

Ele parou quando Neville entrou no dormitório, trazendo com ele um cheiro forte de

material chamuscado, e começou a procurar em sua mala um par limpo de roupas.

Apesar da determinação de capturar Malfoy, Harry não teve sorte por todo resto da

semana. Embora ele consultasse o mapa tão freqüentemente quanto podia, às vezes

fazendo visitas desnecessárias ao banheiro entre as aulas para olhar, ele não viu

nenhuma vez Malfoy em lugar suspeito. Realmente, ele notou que Crabbe e Goyle

rondavam o castelo mais freqüentemente que o habitual, às vezes permanecendo

estacionados em corredores desertos, mas sempre Malfoy não só estava em

nenhuma parte perto deles, mas impossível de ser localizado no mapa nada. Isto era

muito misterioso. Harry pensou na possibilidade de Malfoy estar realmente deixando

os terrenos escolares, mas não pôde ver como ele poderia estar fazendo isto, devido

ao alto nível de segurança que operava agora dentro do castelo. Ele poderia somente

supor que pudesse ter perdido Malfoy entre as centenas de pontos pretos minúsculos

no mapa. Como Malfoy, Crabbe e Goyle pareciam agir de modo diferente, já que eram

normalmente inseparáveis, estas coisas poderiam demonstrar que estavam se

afastando - Ron e Hermione, Harry refletiu tristemente, eram prova viva disso.

Março não trouxe mudanças no tempo, a não ser que ficou ventoso, além de úmido.

Para indignação geral, uma nota apareceu em todos os quadros de aviso das salas

comunais, a próxima viagem a Hogsmeade tinha sido cancelada. Ron estava furioso.

'Era no meu aniversário!' ele disse,' estava esperando isso!'

'Não uma surpresa grande, entretanto, é?' Disse Harry. 'Não depois do que aconteceu

a Katie.'

Ela ainda não tinha voltado do St. Mungus. E ainda mais, tinham sido notificados mais

desaparecimentos no Profeta Diário, incluindo vários parentes de estudantes a

Hogwarts.

'Mas agora tudo que quero é avançar nas lições de Aparatar estúpidas!' Disse Ron

emburrado. 'grande presente de aniversário...'.

Três lições depois, e Aparição estava se mostrando bem difícil já, e mais algumas

pessoas tinham se fraturado. A frustração era grande e havia uma certa quantia de

piadas sobre Wilkie Twycross e o três D's que tinham inspirado vários apelidos para

ele, os mais educados deles eram Respiração de Cachorro e Cabeça de Esterco.

'Feliz aniversário Ron', disse Harry, quando eles acordaram no dia primeiro de março

enquanto Simas e Dino se levantavam ruidosamente para o café da manhã. 'Tenho

um presente'.

Ele jogou um pacote para a cama de Ron onde apareceu uma pilha pequena deles

que, Harry assumiu, foram entregues à noite por elfos.

'Coragem' disse Ron. Quando ele arrancava o papel, Harry saiu da cama, abriu a

própria mala e começou a procurar o Mapa do Maroto que ele escondeu depois de

tanto uso. Ele tirou vários de seus pertences e remexeu suas meias nas quais ele

ainda estava mantendo a garrafa de sua poção de sorte, Felix Felicis.

"Certo " ele murmurou, levando o mapa de volta para cama com ele, batendo e

murmurando, 'eu juro solenemente não fazer nada de bom', de modo que Neville, que

estava passando próximo a cama dele na hora, não ouvisse.

'Legal, Harry! ' Disse Ron entusiasmado, mexendo no par novo de

luvas de goleiro de

quadribol que Harry tinha lhe dado.

'Sem problemas', disse Harry distraidamente, enquanto ele procurava o dormitório da

Sonserina para localizar Malfoy.' Eh... eu não acho que ele esteja mesmo na cama

dele... '

Ron não respondeu; ele estava muito ocupado desembrulhando presentes e soltava

uma exclamação de prazer de vez em quando.

' Sério, este foi um bom ano! ' Ele anunciou, mostrando um relógio de ouro pesado

com símbolos estranhos ao redor e estrelas minúsculas se movendo em vez de

ponteiros. ' Veja o que mamãe e papai me deram! Eu quero ver o que ganharei

quando fizer aniversário ano que vem...

' Calma, ' murmurou Harry, olhando o relógio antes de verificar mais de perto o mapa.

Onde Malfoy estava? Ele não parecia estar à mesa da Sonserina no Salão Principal,

tomando o café da manhã... Ele não estava em nenhuma parte perto de Snape que

estava sentando na sala dele... Ele não estava em quaisquer dos banheiros ou na ala

hospitalar...

'Quer um? '' Ron disse com voz abafada, oferecendo uma caixa de caldeirão de

chocolate.

'Não obrigado, ' disse Harry, observando. ' Malfoy saiu novamente! '

'Não pode ter feito isso, ' disse Ron, enchendo a boca com o segundo caldeirão,

deslizando para fora da cama para se vestir. ' Vem. Se você não se apressar terá de

aparatar de estômago vazio... Poderia fazer isto mais fácil, eu suponho..."

Ron olhou pensativamente a caixa de caldeirões de chocolate, então encolheu os

ombros e se serviu de um terceiro.

Harry bateu no mapa com a varinha, murmurando, ' Mal feito - feito, ' entretanto não

tinha sido, foi se vestir refletindo. Devia haver uma explicação para os

desaparecimentos periódicos de Malfoy, mas ele não podia simplesmente pensar no

que poderia ser. O melhor modo de encontra-lo seria o seguindo, mas mesmo com a

capa da invisibilidade esta não era uma boa idéia; ele tinha as aulas, prática de

quadribol, deveres e aparatação; ele não podia seguir Malfoy pela escola toda sem

sua ausência ser notada.

' Pronto? ' Ele disse para Ron.

Ele estava a meio caminho da porta do dormitório quando ele percebeu que Ron não

tinha se movido, mas estava apoiado na cama, fitando o lado de fora da janela

molhada de chuva com um estranho olhar desfocado no rosto.

' Ron? O café da manhã. '

' Eu não tenho fome, '

Harry olhou para ele.

' Você não disse -? '

"Bem, certo, eu irei com você, ' suspirou Ron, " mas eu não quero comer.".

Harry o olhou, desconfiado.

' Você comeu somente meia caixa de caldeirão de chocolate, não foi? '

' Não, é que ' Ron suspirou novamente. ' Você... você não entenderia. '

' Serei imparcial, ' disse Harry, embora contrariamente, ele se virou para abrir a porta.

' Harry! ' Disse Ron de repente.

' O que? '

' Harry, eu não posso fazer isto! '

' Você não pode fazer isso que? ' Perguntou Harry, agora começando, definitivamente,

a se sentir alarmado. Ron estava bastante pálido e parecia doente.

' Eu não posso deixar de pensar nela! ' Disse Ron asperamente.

O queixo de Harry caiu. Ele não tinha esperado isto e, seguramente, ele não queria

ouvir isto. Eles podiam ser amigos, mas se Ron começasse chamando Lilá de ' Lili ',

ele sairia correndo escada abaixo.

' Por que não a procura no café da manhã? ' Harry perguntou tentando injetar uma

nota de bom senso na conversa.

' Eu não penso que ela saiba que eu exista, ' disse Ron com um gesto desesperado.

' Ela definitivamente sabe que você existe, ' disse Harry, confuso. ' Ela

tem ficado com

você, não tem? '

Ron piscou.

' Sobre quem você está falando? '

"Sobre quem você está falando?" Disse Harry, com uma sensação crescente de que

toda a razão tinha escapado da conversa.

' Romilda Vance, ' disse Ron suavemente e o rosto

inteiro pareceu se iluminar quando ele disse isto, como se batesse um raio da mais

pura luz solar. Eles se encararam durante quase um minuto inteiro, antes que Harry

dissesse, ' Isto é uma piada, certo? Você está brincando. ' Você está brincando. '

"Eu acho, Harry, eu acho que eu a amo, ' disse Ron numa voz estrangulada.

' OK, ' disse Harry e caminhou até Ron que tinha um olhar vítreo e aparência pálida, '

OK... diga novamente olhando para mim. '

' Eu a amo, ' repetiu Ron. ' Tenho visto o cabelo dela, todo negro, brilhante e sedoso...

E os olhos dela? Os olhos escuros e grandes dela? E o - '

' Isto é realmente engraçado e tudo, ' disse Harry impacientemente, ' mas é piada,

certo? Chega. '

Ele virou para partir e tinha dado dois passos para a porta quando um soco o acertou

na orelha direita. Cambaleando, ele olhou em volta. O punho de Ron preparado, o

rosto contorcido de raiva; ele estava a ponto de golpear novamente.

Harry reagiu instintivamente; a varinha estava fora do bolso e o encantamento saiu

sem um pensamento consciente: Levicorpus!

Ron gritou quando foi virado mais uma vez; ele oscilou de cabeça para baixo, as

vestes penduradas.

' O que foi isso? ' Harry berrou.

' Você a insultou, Harry! Você disse que era uma piada! ' Gritou Ron que estava

ficando com o rosto púrpura lentamente à medida que o sangue descia para a cabeça

dele.

'Isso é loucura! ' Disse Harry. ' O que aconteceu -? '

E então ele viu a caixa aberta na cama de Ron e a verdade o atingiu com a força do

bastão de um trasgo...

' Onde você conseguiu esses caldeirões de chocolate? '

' Eles foram um presente de aniversário! ' Gritou Ron, remexendo lentamente no ar

lutando para se pôr livre. ' Eu lhe ofereci um, não foi? '

' Você só os apanhou do chão, não é? '

' Eles tinham caído na minha cama, certo? Me deixe ir! '

' Eles não caíram na sua cama, você encontrou, você não entende? Eles eram meus,

eu os atirei para fora do meu malão quando eu estava procurando o mapa. Eles são

os caldeirões de chocolate que Romilda me deu antes de Natal e eles

estão cheios de

poção do amor! '

Mas somente uma palavra disto parecia ter sido registrada por Ron.

' Romilda? ' Ele repetiu. ' Você disse Romilda? Harry - você a conhece? Você pode

me apresentar?

Harry encarou Ron vacilando, o rosto agora parecia tremendamente esperançoso e

lutou com uma forte vontade de rir. Uma parte dele - a parte da orelha direita que

ainda pulsava - tinha um forte desejo de soltar Ron e assistir até os efeitos da poção

passar... Mas por outro lado, eles eram amigos, Ron não tinha sido ele mesmo

quando o atacou e Harry - pensou que ele mereceria outro soco se ele permitisse que

Ron declarasse amor eterno para Romilda Vance.

' Sim, eu o apresentarei, ' disse Harry, pensando rapidamente. ' Eu vou te soltar agora,

OK? '

Ele deixou Ron se chocar contra o chão (a orelha dele doía ainda), mas Ron

simplesmente saltou novamente aos pés dele e sorriu.

' Ela estará no escritório de Slughorn", Harry disse confiante, abrindo à porta.

' Por que ela estará lá? ' Perguntou ansiosamente Ron e se apressando a sair.

' Oh, ela tem lições de Poções extras com ele, ' disse Harry inventando rapidamente.

' Talvez eu possa perguntar se eu posso tê-las com ela? ' Disse Ron ansioso.

' Grande idéia, ' disse Harry. Lilá estava esperando ao lado do buraco do retrato, uma

complicação que Harry não tinha previsto.

' Você está atrasado, Ron Ron! ' Ela fez beicinho. ' Eu devo a você um presente - '

' Deixe-me sozinho, ' disse Ron impaciente, ' Harry vai me apresentar Romilda Vance.

' E sem outra palavra para ela, empurrou o quadro e se foram. Harry tentou fazer uma

cara sem entender para Lilá, mas simplesmente poderia ter rido, porque ela olhava

mais ofendida que nunca quando a Mulher Gorda se fechou atrás deles.

Harry estava preocupada pois Slughorn poderia estar tomando café da manhã, mas

ele atendeu a porta de escritório dele à primeira batida, usando um traje aveludado

verde e touca.

' Harry, ' ele murmurou. ' É muito cedo para uma chamada... Eu geralmente durmo

tarde no sábado..."

' Professor, eu realmente sinto muito em o perturbar, ' disse Harry tão baixo quanto

possível, enquanto Ron estava nas pontas dos pés, tentando ver atrás de Slughorn,

dentro do quarto dele, ' mas meu amigo Ron bebeu uma poção de amor por engano.

Você não pode lhe fazer um antídoto, pode? Eu o levaria à Madame Pomfrey, mas

nós não queremos ter relação com alguma Gemialidade Weasley, você entende...

Perguntas indesejadas... '

Você não poderia ter preparado o antídoto, Harry, um preparador de poções

especialista como você? ' Perguntou Slughorn.

' Er, ' disse Harry, um pouco distraído pelo fato que Ron estava o acotovelando agora

nas costelas em uma tentativa para forçar a entrada dele no quarto, ' bem, eu nunca

preparei um antídoto para uma poção de amor, senhor, e até que eu aprenda isto,

Ron certamente poderia fazer algo sério -

Felizmente, Ron escolheu este momento para gemer, ' eu não posso vê-la. Harry - ele

está a escondendo? '

' Esta poção estava dentro de algo? ' Perguntou Slughorn, agora olhando Ron com

interesse profissional. ' Eles podem a concentrar, você sabe, para os efeitos serem

preservados muito tempo. '

"Isso explicaria tudo", disse Harry, lutando ferozmente, agora, com Ron para impedir

de ir para cima de Slughorn. ' É o aniversário dele, Professor, ele tomou

inadvertidamente."

' Oh, certo, entre, então, entre, ' disse Slughorn cedendo. ' Eu tenho o necessário aqui

em minha bolsa, não é um antídoto difícil... '

Ron correu pela porta adentro da sala abarrotada de Slughorn, tropeçou n uma

banqueta, recuperou o equilíbrio se agarrando ao pescoço de Harry e murmurou, ' Ela

não viu o que fiz, né? '

' Ela não está aqui, ' disse Harry e assistindo Slughorn abrir o kit de poção dele e ir

adicionando algumas pitadas disto e daquilo numa garrafa cristalina pequena.

“ Isso é bom, ' disse Ron fervorosamente. ' Como eu estou? '

' Muito bonito, ' disse Slughorn suavemente e deu para Ron um vidro de líquido claro. '

Agora beba, é um tônico para os nervos, manterá você calmo quando ela chegar,

você sabe,'

' Brilhante, ' disse Ron ansioso e ele bebeu o antídoto ruidosamente.

Harry e Slughorn o assistiram. Por um momento, Ron sorriu para eles. Então, muito

lentamente, o sorriso dele despencou e desapareceu, para ser substituído por uma

expressão de horror extremo.

' Voltou ao normal, então? ' Disse Harry e sorrindo. Slughorn riu. Muito obrigado

Professor. '

' De nada, garoto, de nada, ' disse Slughorn, quando Ron desmoronou em uma

poltrona perto e com o olhar devastado. ' Cerveja amanteigada, isso é o que ele

precisa, ' Slughorn continuou, agora atarefado mexendo em cima de uma mesa

carregada com bebidas. ' Eu tenho cerveja amanteigada, eu tenho vinho, eu tenho a

última garrafa de mel de carvalho maduro... hmm... Pretendia dar isso a Dumbledore

no Natal.. ah bem..." Ele encolheu os ombros ... "Ele não pode perder o que ele

nunca teve! Por que nós não abrimos isto agora e celebramos o aniversário do Sr.

Weasley? Nada como um bom espírito para esquecer as agonias das decepções de

amor... '

Ele riu novamente e Harry se uniu a ele. Este era o primeiro momento que ele estava

praticamente só com Slughorn desde a desastrosa primeira tentativa de extrair a

verdadeira memória dele. Talvez, se ele pudesse manter Slughorn de bom humor...

Talvez se eles consumissem bastante do mel de carvalho maduro...

'Há você, então, ' disse Slughorn e deu para Harry e Ron um copo de mel, antes de

erguer o próprio. ' Bem, um feliz aniversário, Ralph - '

' - Ron - ' sussurrou Harry.

Mas Ron que não aparecia estar escutando ao brinde já tinha lançado o mel na boca

dele e tinha bebido tudo.

Houve um segundo, dificilmente mais que uma batida do coração em qual Harry

soube que havia algo terrivelmente errado e Slughorn, parecia não notar.

" - e que você possa ter muitos outros -"

' Ron! '

Ron tinha derrubado o copo dele; subido na poltrona e, então, apertado os braços

dela incontrolavelmente. Uma espuma estava pingando da boca e os olhos estavam

inchando das nas órbitas.

' Professor! ' Harry berrou. ' Faça algo '

Mas Slughorn parecia paralisado pelo choque. Ron crispou e sufocou: a pele dele

estava ficando azul.

' O que - mas - ' gaguejou Slughorn.

Harry deixou o copo em cima de uma mesa baixa e correu para o kit de poção aberto

de Slughorn e tirou jarros e bolsas, enquanto o som terrível de Ron gargarejando sem

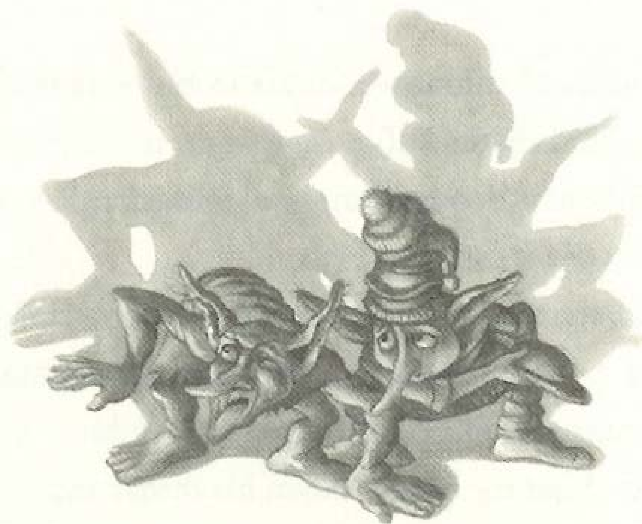
respiração encheu o quarto. Então ele achou - a pedra extraída do rim de cobra que

Slughorn tinha pegado dele na aula de Poções.

Ele voltou para o lado de Ron, abrindo a mandíbula dele e empurrando o bezoar na

boca dele. Ron deu um grande tremor, uma sacudidela e o corpo dele ficou flácido e

calmo.



Capítulo 19: rabo de elfo

“Então, ao todo, não foi um dos melhores aniversários do Rony?” Disse Fred.

Estava anoitecendo; a ala hospitalar estava quieta, as janelas com as cortinas

fechadas, e as luminárias acesas. Rony era o único que ocupava uma cama. Harry,

Hermione, e Gina estavam sentados ao seu redor; tinham esperado o dia inteiro do

lado de fora das portas duplas, tentando ver o interior sempre que alguém entrava ou

saía. Madame Pomfrey só os deixou entrar às oito horas. Fred e Jorge chegaram dez

minutos depois.

"Não era assim que imaginávamos dar nosso presente", disse Jorge

severamente, derrubando um presente embrulhado grande no gabinete de lado da

cama do Rony e sentando ao lado de Gina.

"Sim, quando nós imaginamos a cena, ele estava consciente", disse Fred.

"Estávamos lá em Hogsmeade, esperando para surpreendê-lo" disse Jorge.

"Vocês estavam em Hogsmeade?" Perguntou Gina, olhando acima.

"Nós estávamos pensando em comprar a Zonko's", disse Fred tristemente.

"Uma filial em Hogsmeade, sabe, mas um gordo lote faria muito sucesso se não fosse

permitido sair nos fins de semana para comprar nosso material... Mas isso não

importa agora".

Ele puxou uma cadeira ao lado de Harry e olhou para rosto de pálido de Rony.

"Como exatamente aconteceu, Harry?".

Harry recontou a história que havia acabado de contar, ele sentiu como se já o

tivesse feito umas cem vezes para Dumbledore, para McGonagall, para Madame

Pomfrey, para Hermione, e para Gina.

"... e então eu enfiei o bezoar sua garganta abaixo o que facilitou um pouco sua

respiração, Slughorn correu para pedir ajuda, McGonagall e Madame Pomfrey foram

buscá-lo, e elas trouxeram Rony para cá. Elas acreditam que ele ficará bem. Madame

Pomfrey diz que ele terá que ficar aqui uma semana ou mais, tomando essência de

arruda”.

"Nossa, sorte que você pensou no bezoar”, disse Jorge em voz baixa;

“Sorte que tinha um na sala”, disse Harry, ficando frio só de pensar no que teria

acontecido se ele não tivesse sido capaz achar a pequena pedra.

Hermione deu uma quase inaudível fungada. Ela esteve excepcionalmente

quieta o dia todo. Esbarrando, pálida, com Harry saindo da ala hospitalar e exigindo

saber o que havia acontecido, ela não tomou quase nenhuma parte da discussão

obsessiva de Harry e Gina sobre como Rony tinha sido envenenado, mas

simplesmente permaneceu ao lado deles, calada e assustada até terem permissão de

vê-lo.

"Mamãe e Papai sabem?" Fred perguntou a Gina.

"Eles já o viram, chegaram uma hora atrás - eles estão no escritório de

Dumbledore agora, mas voltarão logo...”.

Houve uma pausa enquanto todos assistiram Rony murmurar um

pouco em

seu sono.

"Então o veneno estava na bebida?" Disse Fred quietamente.

"Sim", disse Harry imediatamente; ele não conseguia pensar mais nada e

estava contente com a oportunidade de começar a discussão novamente. "Slughorn

despejou isto -"

"Ele seria capaz de derramar algo no copo do Rony sem você ver?".

"Provavelmente", disse Harry, "mas por que Slughorn iria querer envenenar

Rony?".

"Não tenho idéia", disse Fred, franzindo a testa. "Você não acha que ele

poderia ter trocado os copos por engano? Querendo envenenar você?".

"Por que Slughorn iria querer envenenar Harry?" Gina perguntou.

"Eu não sei", disse Fred, "mas deve haver um monte de pessoas por aí que

gostariam de envenenar Harry, Não? 'O Escolhido ' e tudo mais?"

"Então você acha que Slughorn é um Comensal da morte?" Disse Gina.

"Qualquer coisa é possível", disse Fred de modo ameaçador. "Ele podia estar

sob uma Maldição Imperius", disse Jorge.

"Ou ele podia ser inocente", disse Gina. "O veneno poderia estar na garrafa, no

caso estava provavelmente designado para o próprio Slughorn".

"Quem iria querer matar Slughorn?".

"Dumbledore acredita que Voldemort quis Slughorn a seu lado", disse

Harry.

"Slughorn esteve escondido por um ano antes de vir para Hogwarts. E..." Ele pensou

sobre a memória que Dumbledore ainda não podia extrair de Slughorn. "E talvez

Voldemort o queira fora do caminho, talvez pense ele podia ser valioso para

Dumbledore".

"Mas você disse que Slughorn tinha planejado dar para Dumbledore de Natal",

Gina lembrou a ele. "Então ele poderia envenenar Dumbledore facilmente".

"Então o envenenador não conhecia Slughorn muito bem", disse Hermione,

falando pela primeira vez em horas e soando como se ela tivesse acabado de sair de

um resfriado. "Qualquer um que conhecesse Slughorn saberia que existia uma boa

chance dele manter algo que lhe interesse para ele mesmo".

"Mio-neee", resmungou Rony inesperadamente entre eles.

Todos se calaram, observando-o preocupadamente, mas depois de murmurar

de forma incompreensível por um momento ele meramente começou a roncar.

As portas do dormitório se abriram de repente, fazendo todos pularem: Hagrid

veio caminhando até eles a passos largos, seu cabelo despenteado, seu casaco de

pele de urso batendo por trás dele, um arco-e-flecha em sua mão, deixando uma trilha

de barrentas pegadas do tamanho de golfinhos por todo chão.

"Estive na floresta o dia todo!" Ele ofegou. "Péssima situação do Aragogue, eu

estive lendo para ele - não levantou pra jantar até agora e então a Professora Sprout

me contou sobre Rony! Como ele está?”.

"Meio ruim”, disse Harry. "Eles dizem que ele ficará bem”.

"Não mais do que seis visitas de cada vez!" Disse Madame Pomfrey,

apressando-se para fora de seu escritório.

"Hagrid faz seis”, Jorge apontou.

"Oh... sim.. " Disse Madame Pomfrey, que pareceu estar contando Hagrid

como várias pessoas devido a sua imensidade. Para cobrir sua confusão, ela

apressou-se a limpar suas pisadas barrentas com sua varinha.

"Eu não acredito nisto”, disse Hagrid roucamente, agitando sua grande cabeça

despenteada à medida que ele olhava fixamente para Rony. "Simplesmente eu não

acredito nisso... Olhe para ele ali.. Quem iria querer feri-lo,?"

"Isto é justamente o que estávamos discutindo”, disse Harry. "Nós não

sabemos”.

"Alguém poderia ter rancor contra o time de Quadribol da Grifinória, não é?"

Disse Hagrid ansiosamente. "Primeiro Katie, agora Rony...”.

"Eu não consigo imaginar ninguém tentando matar um time de Quadribol”,

disse Harry.

“Wood possivelmente teria feito com a Sonserina se ele pudesse escapar sem

punição”, disse Fred claramente.

“Bem, eu não acho que é o Quadribol, mas eu acho que existe uma conexão

entre os ataques”, disse Hermione calmamente.

"Como você imagina isto possível?" Perguntou Fred.

"Bem, vejam uma coisa, ambos deviam ter sido fatais e não foram, embora isso

tenha sido pura sorte. E por outro lado, nem o veneno nem o colar parecem ter

alcançado a pessoa que supostamente deveria ser morta. Claro”, ela acrescentou

pensativa, "Isso faz da pessoa por detrás deste até mais perigoso de um certo modo,

porque eles não parecem se importar com quantas pessoas serão liquidadas até

realmente alcançarem sua vítima”.

Antes de alguém poder responder a este pronunciamento misterioso, as portas

de ferro do dormitório foram abertas novamente e Senhor e Senhora Weasley se

apressaram a avançar. Eles queriam garantir que Rony teria uma recuperação

completa em sua última visita para a ala hospitalar; Agora Senhora Weasley segurava

Harry e o abraçava fortemente. "Dumbledore nos contou como você o salvou com o

bezoar”, ela soluçou. "Oh, Harry, o que nós podemos dizer? Você salvou Gina... Você

salvou Arthur... agora você salvou Rony”.

“Não seja que... eu não fiz..." murmurou Harry sem jeito. "Metade de nossa

família parece dever a você suas vidas, agora eu paro e penso”, Senhor Weasley

disse em uma voz constrangida. "Bem, tudo que eu posso dizer é que foi uma sorte

para os Weasley’s quando Rony decidiu se sentar em seu compartimento no

Expresso de Hogwarts, Harry”.

Harry não podia pensar em qualquer resposta para isso, quando Madame

Pomfrey lembrou a eles que só poderiam ser seis os visitantes ao redor da cama de

Rony; Ele e Hermione levantaram-se de uma vez para partir e Hagrid decidiu ir com

eles, deixando Rony com sua família.

"É terrível”, rosnou Hagrid por baixo de sua barba, à medida que os três

caminhavam através do longo do corredor para a escadaria de mármore. "Mesmo com

esta nova segurança, umas crianças ainda estão conseguindo se ferir... Dumbledore

anda doente de preocupação... Ele não diz muito, mas eu posso dizer...”.

"Ele não tem nenhuma idéia, Hagrid?" Perguntou Hermione

desesperadamente.

"Eu acredito que ele tem centenas de idéias, num cérebro como o dele”, disse

Hagrid. "Mas ele não sabe quem enviou aquele colar nem quem pôs

veneno naquele

vinho, ou ele já o teria capturado, não acham? O que me preocupa", disse Hagrid,

abaixando sua voz e espiando acima de seu ombro (Harry, para garantir, verificou o

teto procurando Pirraça), "é por quanto tempo Hogwarts pode ficar aberta se crianças

estão sendo atacadas. Uma espécie de Câmara Secreta de novo, não é? Existirá

pânico, mais pais tirando seus filhos da escola, a próxima chegará ao conhecimento

do Ministério...".

Hagrid parou de conversar enquanto o fantasma de uma mulher cabeluda

movia-se serenamente sobre eles, então retomado em um sussurro rouco, "... O

Ministério anda falando sobre fechar Hogwarts".

"Certamente não?" Disse Hermione, olhando preocupada.

"Veja isto pelo ponto de vista deles", disse Hagrid fortemente. "Eu quero dizer,

eles estão sempre alertas quanto ao risco de uma criança enviada à Hogwarts, não é?

Esperam acidentes, não é, com centenas de bruxos menores de idade presos juntos,

mas tentativa de assassinato é diferente. Não é de se espantar que Dumbledore

esteja bravo com Sna... -".

Hagrid parou em seus caminhos, uma expressão familiar, culpada, que era

visível de seu rosto acima de sua barba preta.

"O que?" Disse Harry depressa. "Dumbledore está bravo com Snape?”.

"Eu nunca disse iss...-”, disse Hagrid, entretanto seu olhar de pânico não podia

ter sido de maior denúncia. "Olhe para as horas, é quase meia-noite, eu preciso-”.

"Hagrid, por que Dumbledore está bravo com Snape?" Harry perguntado

ruidosamente.

"Shhhh!" Disse Hagrid, olhando nervoso e bravo ao mesmo tempo. "Não grite

isso dessa maneira, Harry, você quer que eu perca meu emprego? Pense, eu não

supus que você se importaria, não agora que abriu mão dos cuidados de Mag-”.

"Não tente nem me faça sentir culpado, ele estava se acostumado ao trabalho!"

Disse Harry vigorosamente. “O que Snape fez?”.

"Eu não sei, Harry, eu nem deveria ter ouvido isto mesmo! Eu - bem, eu estava

saindo da floresta uma outra noite e eu os escutei conversando - bem, discutindo. Não

tinha chamado a minha atenção, então eu tentei escapar para tentar não ouvir, mas

eles estavam numa - bem, numa discussão tempestuosa e não era fácil não escutála”.

"E então?" Harry o encorajou, já que Hagrid arrastava seus enormes pés de

maneira nervosa.

"Bem - eu só ouvi Snape dizendo para Dumbledore segurar com mais

eficiência, assim ele talvez - Snape - não desejaria fazer isto mais -”

"O que?”.

"Eu não sei, Harry, parecia que Snape estava se sentindo um pouco

escravizado, isso é tudo - de qualquer maneira, Dumbledore disse a ele que ele tinha

concordado em fazer isto e era por isso que ele ainda vivia. Foi firme com ele. E então

ele disse sobre Snape estar fazendo investigações em sua casa, na Sonserina. Bem,

não há nada estranho nisto!" Hagrid apressadamente acrescentou, já que Harry e

Hermione trocavam olhares significativos. "Todos os Chefes das Casas estão

perguntando, patrulhando aquele negócio do colar -"

"Sim, mas Dumbledore não está tendo ‘trabalho’ como o resto deles, não é?"

Disse Harry.

"Olhe”, Hagrid girando seu arco e flecha desconfortavelmente em suas mãos;

houve um ruidoso som de algo lascando e com um estalo partiu-se em dois. "Eu sei o

que vocês estão pensando do Snape, Harry, e eu não quero vocês interpretando isso

como se houvesse mais alguma coisa”.

"Olhe”, disse Hermione de forma sintetizada.

Eles viraram no momento exato para ver a sombra de Argo Filch aproximando

além da parede atrás deles antes do homem virar a esquina, corcunda, com seu

queixo duplo.

"Ahá!" Ele ofegou. "Fora da cama tão tarde, isso significará detenção!”.

"Não significará, Filch”, disse Hagrid imediatamente. "Eles estão comigo, não?”.

"E que diferença que faz?" Perguntou Filch de forma arrogante.

"Eu sou um professor, disse corando, não sou? Você que fica andando

furtivamente!" Disse Hagrid, descarregando tudo de uma vez.

Houve um sórdido barulho de assovio à medida que Filch inchava de fúria;

Madame. Norrrra chegou, despercebida, e estava se torcendo sinuosamente ao redor

dos tornozelos fracos de Filch.

"Vão”, disse Hagrid pelo canto de sua boca.

Harry não precisou ouvir duas vezes; Ele e Hermione saíram apressados; As

vozes elevadas de Hagrid e Filch ecoavam atrás deles à medida que corriam. Eles

passaram por Pirraça próximo à Torre da Grifinória, mas ele estava correndo feliz

gritando, cacarejando e chamando,

“Quando houver discussão e quando houver dificuldade

Visite o Pirraça, ele fará o dobro!”.

A Mulher Gorda estava cochilando e não ficou feliz ao ser despertada, mas

girando o quadro raivosamente permitiu que eles entrassem no aconchegante, calmo

e vazio Salão Comunal. Não parecia que aquelas pessoas já sabiam sobre Rony;

Harry estava muito aliviado: Ele tinha sido interrogado o suficiente naquele dia.

Hermione desejou a ele boa noite e partiu para o dormitório das meninas. Harry,

porém, permaneceu para trás, sentando-se ao lado do fogo e olhando abaixo na

agonizante brasa.

Então Dumbledore havia discutido com Snape. Apesar de tudo que ele dissera

a Harry, apesar dele insistir que ele confiava em Snape completamente, ele perdeu a

paciência com ele... Ele não achou que Snape tivesse sido duro suficiente para

investigar os sonserinos... ou, talvez, investigar um único sonserino: Malfoy?

Será que era porque Dumbledore não queria que Harry fizesse qualquer coisa

tola, que agisse por suas próprias mãos, que ele fingiu que não existia nada nas

suspeitas de Harry? Parecia provável. Poderia ser que Dumbledore não quisesse que

nada distraísse Harry de suas lições, ou de obter aquela memória de Slughorn. Talvez

Dumbledore não achava certo confiar suas suspeitas sobre seu pessoal para um

garoto de dezesseis anos...

"Você está aí, Potter!”.

Harry ficou em pé num salto, sua varinha preparada. Ele estava

completamente seguro que o Salão Comunal estava vazio; Ele não estava de maneira

nenhuma preparado para que uma figura grosseira levantasse de repente de uma

cadeira distante. Um olhar mais próximo o mostrou que era Cormac McLaggen.

"Eu tenho esperado você voltar", disse McLaggen, desconsiderando a varinha

de Harry. "Devo ter adormecido. Olhe, eu os vi levando o Weasley até a ala hospitalar

mais cedo. Não pareceu que ele recuperaria até a partida da semana que vem".

Harry levou alguns segundos até perceber sobre o que McLaggen estava

conversando.

"Oh... certo... Quadribol", ele disse, pondo sua varinha atrás no cinto de sua

calça jeans e passando uma mão cansadamente por seu cabelo. "Sim... ele não

poderá jogar".

"Bem, então, eu jogarei de goleiro, não?" Disse McLaggen.

"Sim", disse Harry. "Sim, eu suponho...".

Ele não podia pensar em nenhum argumento contra isto; Afinal, McLaggen

apresentou-se certamente como o segundo melhor nos testes.

"Excelente", disse McLaggen com uma voz satisfeita. "Então quando é o

treino?".

"O que? Oh... haverá um amanhã à noite".

"Bom. Escute Potter, nós deveríamos conversar antes do treino. Eu tenho

algumas idéias de estratégias que você poderia achar útil".

"Certo", disse Harry sem entusiasmo. "Bem, eu ouvirei elas amanhã,

então. Eu

estou muito cansado agora... até mais...".

A notícia de que Rony tinha sido envenenado espalhou-se rapidamente no dia

seguinte, mas não causou a surpresa que o ataque de Katie causou. As pessoas

pareceram pensar que poderia ter sido um acidente, supondo que ele estava na sala

do mestre de poções no momento, e que, como ele recebeu o antídoto

imediatamente, não houve nenhum dano real. Na realidade, o Grifinórios realmente

estavam muito mais interessados na próxima partida de Quadribol contra Lufa-Lufa,

muitos deles queriam ver Zacharias Smith, atacante do time da Lufa-Lufa, castigado

corretamente pelo seu comentário durante a partida de abertura contra Sonserina.

Harry, porém, nunca esteve tão desinteressado em Quadribol; Ele estava

rapidamente ficando obcecado com Draco Malfoy. Ainda verificava o Mapa do Maroto

sempre que tinha uma chance, às vezes fazia desvios para onde quer que Malfoy

fosse, mas ainda não havia descoberto ele fazendo nada fora do comum. E ainda

havia aquelas inexplicáveis horas quando Malfoy simplesmente desaparecia do

mapa...

Mas Harry não tinha muito tempo para considerar o problema com os treinos

de Quadribol, tarefas, e o fato de que ele estava agora sendo perseguido onde quer

que fosse por Cormac McLaggen e Lilá Brown.

Ele não podia decidir qual deles era mais importuno. McLaggen continuou com

constantes sugestões de como ele seria um Goleiro permanente melhor que Rony, e

que agora que Harry estava o vendo jogar regularmente ele certamente pensaria

desta forma também; ele, além disso, criticava os outros jogadores e fornecia Harry

esquemas detalhados de treinamento, de forma que mais de uma vez Harry era

forçado a lembrá-lo que ele, Harry, era o Capitão.

Enquanto isso, Lilá ficava andando ao lado de Harry para discutir sobre Rony,

o que Harry achava quase mais cansativo que as palestras sobre Quadribol de

McLaggen. A princípio, Lilá tinha ficado muito aborrecida porque ninguém pensou em

contar-lhe que Rony estava na ala hospitalar - "eu quero dizer, eu sou sua namorada!"

- Mas infelizmente decidiu perdoar Harry por este lapso de memória e estava ansiosa

para ter muitas conversas detalhadas com ele sobre como Rony estava se sentindo, a

maioria desconfortáveis experiências que Harry teve a felicidade de abrir mão.

"Olhe, por que você não conversa com Rony sobre tudo isso?" Harry

perguntou, depois de um particularmente longo interrogatório de Lilá sobre se o que

ela entendeu tudo que certamente Rony disse sobre suas novas vestes indicava que

Rony considerou seu relacionamento com Lilá para ser "sério”.

"Bem, eu iria, mas ele está sempre adormecido quando eu vou e o vejo!" Disse

Lilá chateada.

"Está?" Disse Harry, surpreso, pois ele encontrava Rony perfeitamente

acordado toda vez que ia até a ala hospitalar, ambos altamente interessados nas

notícias da briga de Dumbledore e Snape e afiado em ofender McLaggen sempre que

possível.

"Hermione Granger ainda o está visitando?" Lilá exigiu de repente.

"Sim, eu acho. Bem, eles são amigos, não são?" Disse Harry

desconfortavelmente.

"Amigos, não me faça rir”, disse Lilá com desdém. "Ela não conversou com ele

por semanas depois que ele começou a sair comigo! Mas eu suponho que ela queira

fazer as pazes com ele agora que ele está todo interessante...”.

"Você chamaria envenenado de estar interessante?" Perguntou Harry. "De

qualquer maneira - desculpe, preciso ir - McLaggen está me esperando para

conversarmos sobre Quadribol”, Disse Harry às pressas, e ele lançou-se lateralmente

por uma porta que fingia ser uma parede sólida e correu pelo atalho que o levaria para

longe de Poções onde, com gratidão, nenhuma Lilá nem McLaggen

podia segui-lo.

Na manhã da partida de quadribol contra Lufa-Lufa, Harry entrou na ala

hospitalar antes de ir para o jogo. Ron estava muito agitado; Madame Pomfrey não o

deixaria assistir a partida, pois sentia que ia aumentar a agitação dele.

"Então, o quanto McLaggen está preparado?", ele perguntou nervosamente

para Harry, esquecendo aparentemente que já tinha feito duas vezes a mesma

pergunta.

"Eu já lhe falei", disse Harry pacientemente, "ele poderia ser o melhor do

mundo e eu não o manteria. Ele continua tentando dizer para todo o mundo o que

fazer, ele pensa que pode jogar melhor em qualquer posição que todos nós. Eu não

vejo a hora de me livrar dele. E falando em evitar pessoas", Harry falou, levantando e

pegando a Firebolt dele, "você vai parar de fingir estar adormecido quando a Lilá vier

visitá-lo? Ela está me deixando louco com isso".

"Oh", disse Rony, parecendo embaraçado. "Sim. Certo".

"Se você não quiser sair mais com ela, só lhe fale", disse Harry.

"Sim... bem... não é fácil, né?", disse Rony. Ele parou. "Hermione virá me ver

antes da partida?", ele perguntou casualmente.

"Não, ela já foi para o jogo com Gina".

"Oh", disse Rony, parecendo bastante mal humorado. "Certo. Bem,

sorte.

Espero que você acabe com McLag - eu quero dizer, Smith".

"Eu tentarei", disse Harry, apoiando a vassoura nos ombros. "O vejo depois da

partida”.

Ele se apressou pelos corredores desertos; a escola inteira estava lá fora,

sentada no estádio, ou então indo nesta direção. Ele estava olhando para fora das

janelas que passavam, tentando calcular quanto vento eles iriam enfrentar, quando

um barulho o fez olhar para frente e ele viu Malfoy caminhando para ele,

acompanhado por duas meninas, ambas parecendo mal humoradas e ressentidas.

Malfoy parou a curta distância de Harry, então deu um riso curto, sem humor, e

continuou andando.

"Aonde você vai?", Harry exigiu.

"Sim, eu realmente vou lhe dizer, porque isso é da sua conta, Potter", zombou

Malfoy. "Você faria melhor se apressando, eles estão esperando para ver 'o Capitão

Escolhido' - ' o Menino Que Sobreviveu' - tudo que eles o chamam estes dias".

Um das meninas deu uma risadinha sem graça. Harry a encarou. Ela se

ruborizou. Malfoy empurrou Harry para passar e, sendo seguido a trote pelas amigas,

virou a esquerda, desaparecendo de vista.

Harry ficou preso no mesmo lugar e os viu desaparecer. Isto estava

enfurecendo-o; ele estava em cima da hora para a partida, e Malfoy estava se

escondendo aqui dentro enquanto o resto da escola estava ausente. Era, contudo, a

melhor chance de Harry descobrir o que Malfoy fazia. Passaram-se alguns segundos

silenciosos e Harry permaneceu onde estava, congelado, contemplando o lugar onde

Malfoy tinha desaparecido...

"Onde você esteve?", Gina exigiu, quando Harry correu para o vestiário. O time

inteiro estava de uniforme e pronto; Coote e Peakes, os batedores, estavam batendo

os bastões deles nervosamente contra as pernas.

"Eu encontrei Malfoy", Harry lhe falou baixo, quando ele puxou o uniforme

escarlate por cima da cabeça dele.

"Assim eu quis saber por que ele está no castelo com duas namoradas

enquanto todo o mundo está aqui em baixo...".

"Isso importa agora?".

"Bem, não é provável que eu descubra, não é?", disse Harry, agarrando a

Firebolt dele e empurrando os óculos. "Vamos então!".

E sem outra palavra, ele marchou para fora sobre uma chuva de vaias e

palmas ensurdecedoras.

Havia um pouco de vento; céu cheio de nuvens, de vez em quando

deslumbrando raios luminosos do sol.

"Condições enganadoras!", McLaggen disse ao time. "Coote, Peakes, quero

que vocês voem fora do sol, assim eles não os verão vindo - "

"Eu sou o Capitão, McLaggen, eu dou as instruções a eles", disse Harry

furiosamente. "Somente vá para o gol!".

Uma vez que McLaggen tinha saído, Harry virou para Coote e Peakes.

"Tenho certeza que vocês voarão fora do sol", ele lhes disse.

Ele deu um aperto de mão no capitão da Lufa Lufa, e então, Madame Hooch

apitou, ele impulsionou e ganhou o ar, mais alto que o resto do time, voando ao redor

do campo à procura do pomo. Se ele pudesse pegá-lo bem e rápido, poderia ter uma

chance de voltar até o castelo, pegar o Mapa do Maroto e descobrir o que Malfoy

estava fazendo...

"E lá Smith da Lufa Lufa com a goles", disse uma voz sonhadora, ecoando

acima do campo. "Ele tinha sido o comentarista no jogo passado, claro, e Gina

Weasley voou nele, eu acho que provavelmente de propósito, ao que parece. Smith

estava sendo bastante rude com Grifinória, eu espero que ele lamente isso agora que

está jogando com eles - oh, olhe, ele perdeu a goles, Gina o roubou dele, eu gosto

dela, ela é muito agradável...".

Harry olhou para baixo no pódio do comentarista. Seguramente

ninguém em sã

consciência teria deixado Luna Lovegood comentar. Mas mesmo de onde estava não

poderia se enganar sobre aquele cabelo longo, loiro, nem o colar de rolha de cerveja

amanteigada. . . . Ao lado de Luna, a Professora McGonagall estava parecendo

ligeiramente incomodada, como se ela estivesse tendo outros pensamentos realmente

sobre este evento.

"... mas agora aquele jogador grande da Lufa Lufa pegou a goles dela, eu não

posso me lembrar do nome dele, é algo como Bibble - não, Buggins -”.

"É Cadwallader!", disse a Professora McGonagall ruidosamente ao lado de

Luna. A multidão riu.

Harry buscou ao redor pelo pomo; não havia nenhum sinal dele. Momentos

depois, Cadwallader marcou. McLaggen tinha gritado críticas para Gina por permitir a

perda da posse da goles, tendo como resultado ele não ter notado a bola vermelha

grande que passou rente à orelha direita.

"McLaggen, preste atenção ao que você está fazendo e deixe o resto do time

em paz!", Harry berrou, girando até ficar de frente para o goleiro deles.

"Você não está dando um grande exemplo!", McLaggen gritou, corado e

furioso.

"E Harry Potter está discutindo agora com o goleiro dele", disse Luna

serenamente, enquanto a multidão de Lufa Lufa e Sonserina ria e zombava. "Eu não

penso que isso lhe ajudará a achar o pomo, mas talvez seja um ardil inteligente...".

Xingando furiosamente, Harry deu meia volta e partiu novamente ao redor do

campo, esquadrinhando os céus por algum sinal da minúscula bola dourada, alada.

Gina e Demelza marcaram um gol cada, dando aos torcedores vermelho e

ouro abaixo algo para se alegrar. Então Cadwallader marcou novamente, fazendo o

placar empatar, mas Luna não parecia ter notado; ela apareceu singularmente

desinteressada em tais coisas mundanas como a contagem, e continuou tentando

chamar a atenção da multidão para coisas tais como nuvens de forma interessante e

a possibilidade de Zacharias Smith, que não manteve a posse da goles por mais que

um minuto, estar sofrendo algo chamado de "eminência de Perdedor”.

"Setenta a quarenta para Lufa Lufa!", gritou a Professora McGonagall no

megafone de Luna.

"É, já?", disse Luna vagamente. "Oh, olhe! O goleiro da Grinfória pegou o

bastão de um dos batedores”.

Harry girou em pleno ar ao redor dele. Definitivamente, McLaggen, por razões

boas o suficiente para ele, tinha pegado o bastão de Peakes e parecia estar

demonstrando como rebater um balaço na direção de Cadwallader.

"Vá, devolva o bastão dele e volte para as traves!", rugiu Harry, jogando pedras

para McLaggen da mesma maneira que McLaggen rebateu ferozmente ao balaço e o

jogou nele.

Uma cegueira de dor repugnante... Um flash de luz... Gritos distantes... E a

sensação de cair por um túnel longo...

E a próxima coisa que Harry soube, era ele estava em uma cama notavelmente

morna e confortável e estava olhando para um abajur que lançava um círculo de luz

dourada sobre um teto sombrio. Ele elevou a cabeça desajeitadamente. Lá, à

esquerda dele havia uma familiar pessoa ruiva.

"Bom você ter aparecido", disse Rony, sorrindo.

Harry piscou e deu uma olhada. Claro: ele estava na ala hospitalar. O céu lá

fora era anil riscado com vermelho. A partida deveria ter terminado horas atrás... Sem

qualquer esperança de encurralar Malfoy. Harry sentia a cabeça estranhamente

pesada; ele elevou uma mão e sentia um turbante duro de bandagens.

"O que aconteceu?".

"Crânio rachado", disse Madame Pomfrey, atarefada, o empurrando para trás

contra os travesseiros. "Nada para se preocupar, eu consertei isto imediatamente,

mas eu estou o mantendo aqui por esta noite. Você não deve ficar em pé durante

algumas horas".

"Eu não quero ficar aqui esta noite", disse Harry furiosamente, sentando e

atirando as cobertas longe. "Eu quero achar McLaggen e o matar".

"Eu tinha medo que ficasse realmente super agitado", disse Madame Pomfrey,

empurrando-o firmemente para trás sobre a cama e erguendo a varinha de uma

maneira ameaçadora. "Você ficará aqui até que eu o libere, Potter, ou eu chamarei o

diretor".

Ela voltou a trabalhar no escritório dela e Harry afundou de volta nos

travesseiros dele, bufando.

"Você sabe por quanto nós perdemos?", ele perguntou para Rony entre dentes.

"Bem, sim eu sei", disse Rony. "Placar final: trezentos e vinte a sessenta".

"Brilhante", disse Harry selvagemente. "Realmente brilhante! Quando eu

colocar as mãos em McLaggen -”.

"Você não quer colocar as mãos nele, ele é do tamanho de um trasgo", disse

Rony razoavelmente. "Pessoalmente, eu acho que seria muito bom azarar com aquela

coisa da unha de dedo do pé do Príncipe. De qualquer maneira, o resto do time deve

ter cuidado dele antes de você sair daqui, eles não estão contentes...".

Havia uma nota de alegria mal disfarçada na voz de Rony; Harry poderia contar

que ele não estava nada triste por McLaggen ter feito confusão tão grande. Harry se

deitou, encarando o facho de luz no teto, o crânio recentemente consertado doendo,

certamente, mas o sentindo ligeiramente macio debaixo de toda a atadura.

"Eu pude ouvir os comentários da partida daqui", disse Rony, a voz dele

tremendo agora com a risada. "Eu espero que Luna sempre comente de agora em

diante... O Entusiasmo de perdedor...".

Mas Harry ainda estava muito bravo para ver graça na situação, e depois de

um tempo, os risos de Rony diminuíram.

"Gina veio te visitar enquanto você estava inconsciente", ele disse, depois de

uma pausa longa, e a imaginação de Harry voou rápida, reconstruindo uma cena na

qual Gina, lamentando em cima da forma inanimada dele, confessou os sentimentos

de atração profunda a ele enquanto Ron lhes dava a bênção dele... "Ela disse que

você chegou em cima da hora para a partida. O que aconteceu? Você saiu daqui

bastante cedo".

"Oh...", disse Harry, com a cena na mente dele implodindo. "Sim... bem, eu vi

Malfoy se movendo furtivamente com um par de meninas que não pareciam querer

estar com ele, e esta é a segunda vez que ele com certeza não estava no jogo de

quadribol com o resto da escola; ele faltou à última partida também, se lembra?",

Harry suspirou. "Desejaria ter seguido-o agora, a partida foi um fiasco...".

"Não seja estúpido", disse Rony nitidamente. "Você não poderia faltar a uma

partida de Quadribol só para seguir Malfoy, você é o Capitão!".

"Eu quero saber o que ele está fazendo”, disse Harry. "E imaginei tudo na

minha cabeça, depois do que eu ouvi entre ele e Snape -".

"Eu nunca disse que era tudo da sua cabeça", disse Rony, se apoiando no

cotovelo e encarando Harry, "mas não há nenhuma regra que resolva tudo neste

lugar! Você está ficando obcecado com Malfoy, Harry. Eu quero dizer, pensando

perder uma partida para o seguir...".

"Eu quero pegá-lo!", disse Harry frustrado. "Eu quero saber, aonde ele vai

quando desaparece do mapa?".

"Eu não sei... Hogsmeade?", Rony sugeriu, bocejando.

"Eu nunca o vi indo ao longo de qualquer passagem secreta no mapa. De

qualquer maneira, eu acho que elas estão sendo vigiadas agora, não ? "

"Bem então, eu não sei", disse Ron.

O silêncio caiu entre eles. Harry encarou o círculo de luz de abajur sobre ele,

pensando...

Se ele tivesse o poder de Rufus Scrimgeour, ele poderia colocar um espião

seguindo Malfoy, mas infelizmente Harry não tinha um escritório cheio de Aurores sob

o comando dele... Ele poderia tentar montar algo como a A. D., mas novamente havia

o problema que ninguém ia querer perder as aulas; afinal de contas, a maioria deles

ainda tinha horários cheios. . . .

Houve um ronco baixo vindo da cama de Ron. Depois de um tempo Madame

Pomfrey saiu do escritório dela, usando um roupão grosso. Era mais fácil fingir dormir;

Harry rolou do lado dele e escutou toda a movimentação de cortinas em volta deles

quando ela usou a varinha dela apagando os abajures, e voltando ao escritório dela;

ele ouviu a porta fazer um clique atrás dela e soube que ela havia ido para cama.

Essa era, Harry refletiu na escuridão, a terceira vez que ele tinha sido trazido à

ala hospitalar por causa de um ferimento de Quadribol. Uma vez, ele tinha caído da

vassoura dele devido à presença de dementadores ao redor do campo e, antes disso,

todos os ossos tinham sido removidos do braço dele pelo erro no conserto pelo

Professor Lockhart . . . Esse tinha sido, sem dúvida, o ferimento mais

doloroso dele...

ele se lembrou da agonia de fazer crescer todos os ossos do braço em uma noite, um

desconforto não aliviado pela chegada de uma visita inesperada no meio da -

Harry sentou ereto, o coração batendo, balançando o turbante de ataduras

dele. Ele teve a solução, afinal: Havia um modo para Malfoy ser seguido - como ele

pôde esquecer, por que não tinha pensado nisto antes?

Mas a pergunta era, como o chamar? O que fazer? Baixinho, numa tentativa,

Harry disse na escuridão.

"Kreacher? "

Houve um estalado muito alto e os sons de luta e ranger encheu o quarto

silencioso. Ron despertou com um gemido.

"O que está -? "

Harry apontou a varinha apressadamente para a porta do escritório de

Madame Pomfrey e murmurou, "Muffliato! " de forma que ela não viria correndo. Então

ele foi para ponta da cama dele para ver melhor.

Dois elfos domésticos estavam rolando no chão no meio do dormitório, um que

usava um colete marrom pequeno e vários gorros de lã, o outro, um trapo velho

imundo amarrado nos quadris dele como uma tanga. Então houve outro estrondo alto,

e Pirraça, o Poltergeist, apareceu em pleno ar sobre os elfos lutando.

"Eu estava assistindo, Potty! " ele contou para Harry indignado, apontando à

briga abaixo, antes de deixar sair um cacarejo alto. "Olhe para aquelas criaturas

imundas brigando, mordendo e mordendo, socando e socando - "

"Kreacher não insultará Harry Potter na frente do Dobby, ele não vai, ou Dobby

fechará a boca de Kreacher para ele! " chiou Dobby em uma voz estridente.

"-Chute, idiota! " chiou Pirraça felizmente, jogando pedaços de giz nos elfos

para os enfurecer ainda mais.

"Belisca, empurra! "

"Kreacher dirá que ele gosta do mestre dele, oh sim, também que ele é que um

mestre, amigo imundo de Sangue ruim, oh, o que diria a pobre senhora de Kreacher ? "

Exatamente o que a senhora de Kreacher teria dito eles não souberam, pois

naquele momento Dobby afundou o pequeno punho na boca de Kreacher e arrancou

fora metade dos dentes dele. Harry e Ron saltaram das camas e separaram os elfos,

entretanto eles continuaram tentando dar pontapés e esmurrar um ao outro, incitados

por Pirraça, que flutuava ao redor do abajur gritando, "enfia os dedos no nariz dele,

avança no pescoço e puxa a orelha dele - "

Harry apontou a varinha dele para Pirraça e disse, "Langlock! " Pirraça apertou

à garganta dele, tragou, então saiu do quarto fazendo gestos obscenos, mas incapaz

falar, porque a língua dele tinha grudado no céu da boca.

"Bom", disse Ron apreciando, já erguendo Dobby no ar, de forma que os

membros agitados dele não tivessem contato com Kreacher. "Isso era outro feitiço do

Príncipe, não era? "

"Sim", disse Harry, torcendo o braço seco de Kreacher em um golpe de luta

livre. "Certo - eu os proíbo de lutarem um com o outro! Bem, Kreacher, você está

proibido de lutar com o Dobby. Dobby, eu sei que não me permitem lhe dar ordens - "

"Dobby é um elfo doméstico e ele pode obedecer a qualquer um que ele gostar

e Dobby fará qualquer coisa que Harry Potter quer que ele faça! " disse Dobby,

abaixando o rosto para o pequeno colete dele.

"Prove então", disse Harry, e ele e Ron libertaram os elfos que caíram no chão,

mas não continuaram lutando.

"Mestre me chamou? " Kreacher chiou, fazendo uma mesura enquanto dava a

Harry um olhar que claramente lhe desejava uma morte dolorosa.

"Sim, eu fiz", disse Harry, olhando para a porta do escritório de Madame

Pomfrey para verificar que o feitiço do Muf liato ainda estava funcionando; não havia

nenhum sinal que ela tivesse ouvido qualquer coisa da comoção. "Eu

tenho um

trabalho para você."

"Kreacher fará qualquer coisa que Mestre quer", disse Kreacher, fazendo uma

mesura tão grande que os lábios dele encostaram no chão, "porque Kreacher não tem

escolha, mas Kreacher está envergonhado de ter tal mestre, sim - "

"Dobby fará isto, Harry Potter! " rangeu Dobby, os olhos do tamanho de bolas

de tênis marejados de lágrimas. "Dobby seria honrado em ajudar Harry Potter! "

"Pensando nisto, seria bom ter vocês dois", disse Harry. "Certo, então... eu

quero que você siga Draco Malfoy."

Ignorando o olhar de surpresa e exasperação na face de Ron, Harry continuou,

"eu quero saber onde ele vai, com quem ele está se encontrando e o que ele está

fazendo. Eu quero que vocês o siga o tempo todo."

"Sim, Harry Potter! " disse Dobby, os grandes olhos dele brilhando de

excitação, imediatamente. "E se Dobby errar, Dobby se lançará de fora da torre mais

alta, Harry Potter! "

Não haverá necessidade disso", disse Harry rápido.

"Mestre quer que eu siga o mais jovem do Malfoys? " Kreacher coaxou.

"Mestre quer que eu espie o sobrinho puro sangue de minha antiga senhora? "

"Isso.", disse Harry, prevendo um grande perigo e determinado a remediar isso

imediatamente. "E o proíbo de dar informações para ele, Kreacher, ou se mostrar ou

falar com ele alguma coisa ou lhe escrever mensagens ou... ou o contatar de alguma

forma. Entendeu isto? "

Ele esperou para ver Kreacher lutando para ver uma falha nas instruções que

ele há pouco tinha sido recebido e tinha esperado. Depois de um momento ou dois e,

para grande satisfação de Harry, Kreacher se curvou profundamente novamente e

disse, com ressentimento amargo, "Mestre pensa em tudo e Kreacher tem que o

obedecer embora Kreacher ficaria muito satisfeito em ser o criado do menino de

Malfoy, oh sim. . . . "

"Isso está resolvido, então", disse Harry. "Eu quero relatórios regulares, mas

tenham certeza que eu esteja sozinho quando vocês aparecerem. Ron e Hermione,

tudo bem. E não contem para ninguém o que vocês estão fazendo. Grudem em

Malfoy como um par de verrugas.

CHAPTER TWENTY



LORD VOLDEMORT'S REQUEST

Capitulo 20: O Pedido de Lord Voldemort

Harry e Rony deixaram o hospital nas primeiras horas da manhã de segunda-feira, a

saúde plena restabelecida pelas administrações de Madame Pomfrey e agora

capazes de saber dos benefícios de estar desacordado após ter sido envenenado, o

melhor de tudo era Hermione ter retomado a amizade com Rony. Hermione os

escoltou até o café da manhã, enquanto trazendo com ela as notícias que Gina tinha

discutido com Dino. A criatura sonolenta, no tórax de Harry, despertou, fazendo ele

elevar sua cabeça rapidamente, aspirando o ar esperançosamente.

Sobre o que eles discutiram?", Ele perguntou, tentando soar casual à medida que eles

viravam no corredor do sétimo andar, que estava vazio exceto por uma garotinha que

examinava a tapeçaria dos trolls vestidos de bailarina. Ela parecia apavorada ao ver

os sextanistas e derrubou a pesada balança que estava carregando".

"Está tudo bem!" disse Hermione amavelmente, adiantando -se para ajuda-la.

"Aqui...".

Ela bateu a sua varinha na balança quebrada e disse, "Reparo".A menina não

agradeceu, mas permaneceu encolhida como um ponto à medida que eles passavam.

Rony virou e deu um olhar de relance para ela.

"Eu juro que eles estão ficando pequenos", ele disse.

"Não ligue pra ela", disse Harry, um pouco impaciente. "O que fez Gina e Dino

discutirem, Hermione?".

"Oh, Dino estava rindo, quando McLaggen acertou você com aquele balaço" disse

Hermione.

"Deve ter sido engraçado", disse Rony justificando. "Não pareceu nada engraçado",

disse Hermione ardentemente. "Pareceu terrível e se Coote e Cumes não tivessem

pegado Harry, ele poderia ter se machucado seriamente".

"Sim, bem, não havia necessidade para Gina e Dino terem se separado por causa

disso”, disse Harry, ainda tentando soar casual. "Ou eles estão ainda juntos?".

"Sim, eles estão - mas por que você está tão interessado?" Hermione perguntou,

dando a Harry um olhar afiado.

"Eu só não quero meu time de Quadribol bagunçado novamente!", ele disse

apressadamente, mas Hermione continuou olhando suspeitamente, e ele pareceu

mais aliviado quando uma voz atrás dele o chamou, “Harry!”, dando uma desculpa

para virar de costas para Mione. “Oh, oi Luna”.

"Eu fui até a ala do hospital procurar você", disse Luna, remexendo em sua bolsa.

"Mas me disseram que você tinha saído...”.

Ela empurrou o que pareceram ser uma cebola verde, um grande cogumelo

manchado, e uma quantia considerável do que parecia coco de gato nas mãos de

Rony.

Finalmente retirou um rolo de bastante sujo de pergaminho, que deu para Harry.

“.. Eu tinha que entregar isso a você".

Era um rolo pequeno de pergaminho, que Harry reconheceu como mais um convite

para alguma lição com Dumbledore.

"Hoje à noite", ele disse a Rony e Hermione, quando o abriu.

"Comentário agradável à última partida!", disse Rony devolvendo a Luna a Cebola

verde, o cogumelo, e coco de gato. Luna sorriu vagamente.

"Você está rindo de mim, não é?" Ela disse. "Todo mundo diz que eu era terrível”.

"Não, é verdade!", disse Rony determinadamente. "Eu não lembro de ter feito nenhum

comentário! O que é isto, a propósito?" Ele disse, segurando a cebola ao nível do

olho.

"Oh, é um Gurdyroot", ela disse, colocando a sujeira e o cogumelo de volta em sua

bolsa. "Você pode ficar com ele se você gostar, eu tenho alguns deles. Eles são

realmente excelentes para afastar Trasgos Grudentos“. Ela foi embora, deixando

Rony, e rindo, ainda olhando o Gurdyroot.

"Você sabe, ela gruda em mim, Luna”, ele disse, quando eles partiram novamente

para o Grande Corredor. "Eu sei que ela é insana, mas está bem-" Ele deixou de falar

repentinamente. Lilá Brown estava ao pé da escadaria marmórea parecendo

atordoada. "Oi", disse o Rony nervosamente.

"Vamos", Harry murmurou para Hermione, e eles aceleraram o passo, entretanto não

antes de ouvirem Lilá dizer, "Por que você não me disse que tinha saído hoje? E por

que ela estava com você?".

Rony olhou ambos mal-humorado e aborrecido quando apareceu no

café da manhã,

meia hora mais tarde, entretanto ele se sentou com Lilá, mas Harry não os viu

trocando uma palavra sequer durante todo o tempo, que estiveram juntos. Hermione

estava agindo como se nada estivesse acontecendo, mas uma ou duas vezes Harry a

viu com um sorriso malicioso. Durante todo aquele dia ela pareceu particularmente

animada, e naquela noite na sala comunal ela consentiu em olhar (em outras

palavras, terminar de escrever) o trabalho de herbologia do Harry, coisa que ela já

tinha se recusado a fazer, pois ela sabia que Harry iria deixar Rony copiar.

"Muito obrigado, Hermione", disse Harry, dando um tapinha leve em suas costas,

então verificou seu relógio e viu que já era quase oito horas. "Escute, preciso me

apressar ou chegarei atrasado para Dumbledore...". Ela não respondeu, somente

desejou alguma sorte enquanto escrevia. Sorrindo, Harry saiu pelo buraco do retrato

apressado e foi para o escritório do diretor. A Gárgula saltou de lado na menção de

balas de leite, e Harry subiu a escadaria em espiral, dois degraus de cada vez,

batendo a porta exatamente no momento em que o relógio bateu oito horas.

"Entre", chamou Dumbledore, mas quando Harry estendeu uma mão para empurrar a

porta, ela foi aberta violentamente... Lá estava a professora Trelawney.

"Aha!" Ela chorou, apontando dramaticamente para Harry piscando para ele através

de seus esplendorosos óculos.

"Então esta é a razão de eu ser expulsa sem cerimônia de seu escritório

Dumbledore!".

"Minha querida Sibilla", disse que Dumbledore em levemente exasperado. "Não há

motivo para eu tirá-la sem cerimônia de nenhum lugar, mas Harry tem um

compromisso e eu realmente não acho que tenhamos nada mais a ser dito".

"Muito bem", disse a Professora Trelawney, com uma voz profundamente ferida. "Se

você não irá banir aquele cavalo velho, assim seja...".

"Talvez eu deva achar uma escola onde meus talentos sejam mais bem apreciados...".

Ela empurrou Harry e desapareceu, escadaria espiral abaixo; Eles ouviram seu

tropeção caminho abaixo, Harry achou que seria em um de seus xales.

"Por favor, feche a porta e sente-se, Harry". disse Dumbledore, soando bastante

cansado.

Harry obedeceu, sentando-se na cadeira habitualmente na frente da mesa de

Dumbledore, aquela onde a Penseira se localizava entre eles, mais uma vez com

suas minúsculas garrafas de cristal cheias de memórias que rodavam.

"A professora Trelawney não está feliz por Firenze continuar ensinando, não é?" Harry

perguntou.

"Não", disse Dumbledore, "Adivinhação está apresentando muito mais dificuldades do

que eu poderia ter previsto, nunca tendo estudado o assunto. Eu não posso pedir a

Firenze para voltar à floresta de onde ele foi banido nem posso pedir para Sybila

Trelawney partir. Só entre nós mesmos, ela não tem nenhuma idéia do perigo que

corre fora do castelo. Ela não sabe - e eu penso que seria impossível para ela

advinhar - que fez a profecia sobre você e Voldemort, veja você."

Dumbledore deu um suspiro profundo, então disse, "Mas não importa meus problemas

de ordem pessoal. Nós temos assuntos muito mais importantes para discutir. Em

primeiro lugar - conseguiu realizar a tarefa que eu determinei ao término de nossa

lição anterior? "

"Ah", disse Harry, pensando rápido. Com lições de Aparatação, Quadribol, Ron sendo

envenenado e ele rachando a cabeça na determinação de descobrir o que Draco

Malfoy estava fazendo, Harry quase tinha se esquecido da lembrança que

Dumbledore tinha lhe pedido que extraísse do Professor Slughorn.

"Bem, eu perguntei

para Professor Slughorn por isto ao término da aula de Poções, senhor, mas, er, ele

não disse nada para mim." Houve um certo silêncio.

"Eu sei", disse Dumbledore eventualmente, investigando Harry dos seus óculos de

meia-lua e Harry tendo a impressão habitual que estava sendo radiografado. "Você

sente que tem mostrado seus melhores esforços neste assunto, tem? Que você

exercitou tudo de sua ingenuidade considerável? Que você não deixou nenhum traço

de esperteza em sua indagação para pegar a memória? "

"Bem", Harry protelou, perdendo logo o que ele ia dizer. A única tentativa para

conseguir recuperar a memória, de repente, pareceu embaraçosamente fraca. "Bem.

. . no dia que Ron engoliu a poção do amor por engano, eu o levei ao Professor

Slughorn. Eu pensei que talvez eu conseguisse pegar o Professor Slughorn com

bastante bom humor - " "E cumpriu o trabalho? " Dumbledore perguntou. "Bem, não,

senhor, porque Ron foi envenenado - " "-e, naturalmente, me fez esquecer qualquer

tentativa de conseguir a memória. "Eu não teria esperado nada mais, já que seu

melhor amigo estava em perigo. Porém, uma vez ficou claro que Sr. Weasley ia ter

uma recuperação plena, eu teria esperado que você voltasse à tarefa

que eu lhe

estabeleci. Eu pensei que tinha deixado claro para você quão importante aquela

memória é. Realmente, eu fiz o melhor para embutir em você que é aquela memória é

o mais crucial de tudo e que nós estaremos desperdiçando nosso tempo sem ela."

Um sentimento quente e espinhoso de vergonha se espalhou do topo da cabeça de

Harry até os pés. Dumbledore não tinha erguido a voz, ele nem mesmo fez um som

bravo, mas Harry teria preferido que ele gritasse; esta decepção fria era pior que

qualquer coisa.

"Senhor", ele disse, um pouco desesperadamente, "não é que eu não esteja

aborrecido ou outra coisa, é que eu tive outras - outras coisas. . . "

"Outras coisas em sua mente", Dumbledore terminou a oração por ele. "Eu vejo."

O silêncio caiu novamente entre eles, o silêncio mais incômodo que Harry alguma vez

tinha experimentado com Dumbledore; parecia não ter fim, só pontuados pelos

pequenos roncos grunhidos do retrato de Armando Dippet sobre a cabeça de

Dumbledore. Harry se sentiu estranhamente diminuído, como se ele tivesse encolhido

um pouco desde que ele entrou na sala. Ele disse, "Professor Dumbledore, eu

realmente sinto muito. Eu deveria ter feito mais. ... Eu deveria ter percebido que você

não teria me pedido para fazer isto se não fosse realmente importante."

"Obrigado por dizer isso, Harry", disse Dumbledore baixo. "Eu posso esperar, então,

que você dará, de agora em diante, alta prioridade para este assunto? Interrompemos

nossos encontros depois de hoje a noite a menos que nós tenhamos aquela

memória."

"Eu farei isto, senhor, eu a obterei", ele disse sério.

"Então, nós não falaremos mais sobre isso sobre isto agora ", disse Dumbledore mais

amável, "mas continuaremos com nossa história onde nós paramos. Você se lembra

onde foi isso? "

"Sim, senhor", disse Harry depressa. "Voldemort matou o pai dele e os avós e fez

parecer como se o Tio Morfin tivesse feito isto. Então ele voltou para Hogwarts e

perguntou... ele perguntou para o Professor Slughorn por Horcruxes", ele resmungou

envergonhado.

"Muito bom", disse Dumbledore. "Agora, você se lembrará, eu espero, que eu lhe

disse no início destas nossas reuniões que nós estávamos entrando nos reinos de

conjeturas e especulação? "

"Sim, senhor."

"Assim, como espero eu que você concorde, eu lhe mostrei fontes, razoavelmente

fortes, de fatos para minhas deduções sobre o que Voldemort fez até a idade de

dezessete anos? "

Harry concordou com a cabeça.

"Mas agora, Harry", disse Dumbledore, "agora coisas ficam mais obscuras e mais

estranhas. Se era difícil de achar evidência sobre Riddle criança, ficado quase

impossível achar qualquer um preparado para se lembrar sobre o homem Voldemort.

Na realidade, eu duvido que haja uma alma viva, fora dele, que poderia nos dar conta

completa da vida dele desde que ele deixou Hogwarts. Porém, eu tenho duas últimas

recordações que eu gostaria de compartilhar com você." Dumbledore indicou as duas

pequenas garrafas de cristal que vislumbram ao lado da Penseira. "Eu ficarei alegre,

então, se sua opinião sobre as conclusões que eu tirei delas parecerem prováveis."

A idéia que Dumbledore tinha a opinião de Harry em alta conta, o fez se sentir tão

igualmente envergonhado quanto, quando ele tinha falhado na tarefa de conseguir a

memória de Horcrux, e ele se mexeu culpado no assento quando Dumbledore elevou

a primeira das duas garrafas à luz e a examinou.

"Eu espero que você não esteja cansado de mergulhar nas recordações de outras

pessoas, porque elas são lembranças curiosas, a destes dois", ele disse. "Este

primeiro veio de uma elfa doméstica muito velha de nome Hokey. Antes de nós

vermos o que Hokey testemunhou, eu tenho que contar depressa como Lorde

Voldemort deixou Hogwarts.

"Ele alcançou o sétimo ano da instrução dele com, como você poderia ter esperado,

graus elevados em todos exames que ele tinha prestado. Ao redor dele, os colegas

estavam decidindo quais trabalhos iriam procurar uma vez que eles tinham deixado

Hogwarts. Quase todo o mundo esperou coisas espetaculares de Tom Riddle,

perfeito, monitor chefe, ganhador do Prêmio por Serviços Especiais Prestados a

Escola. Eu sei que vários professores, Professor Slughorn entre eles, sugeriram que

ele se unisse com o Ministério de Magia, marcando encontros, colocando o em

contato com pessoas importantes. Ele recusou todas as ofertas. A próxima coisa que

o pessoal soube, era que Voldemort estava trabalhando na Borgin e Burkes."

"Na Borgin e Burkes? " Harry repetiu, atordoado.

"Na Borgin e Burkes", Dumbledore repetiu calmamente. "Eu penso que você verá que

atrações o segurou naquele lugar quando nós entrarmos na memória de Hokey. Mas

esta não foi a primeira escolha de Voldemort de trabalho. Quase ninguém soube disto

na ocasião - eu era um do poucos em quem o diretor confiou - mas Voldemort chegou

ao Professor Dippet primeiro e perguntou se ele poderia permanecer em Hogwarts

como professor."

"Ele quis ficar aqui? Por que? " Harry perguntou, mais pasmo ainda.

"Eu acredito que ele teve várias razões, entretanto ele não confiou nenhuma deles ao

Professor Dippet", disse Dumbledore. "Primeira e mais importante, Voldemort era, eu

acredito, mais preso a esta escola do que ele alguma vez foi a uma pessoa. Hogwarts

era onde ele tinha estado mais contente; o primeiro lugar onde ele tinha se sentido em

casa."

Harry se sentiu ligeiramente incomodado por estas palavras, pois isto era exatamente

como ele também se sentia sobre Hogwarts.

"Segundo, o castelo é um lugar seguro de magia antiga. Indubitavelmente Voldemort

tinha descoberto muitos mais de seus segredos que a maioria dos estudantes que

passaram pelo lugar, mas ele pode ter sentido que ainda havia mistérios para

desvendar, estoques de magia para encontrar.

"E em terceiro lugar, como um professor, ele teria tido grande poder e influência sobre

as jovens bruxas e bruxos. Talvez ele tenha recebido a idéia do Professor Slughorn, o

professor com qual ele estava em melhores condições de perceber quão influente o

papel de professor pode ser. Eu não imagino nem por um momento que Voldemort

pretendia passar o resto da vida dele em Hogwarts, mas eu penso que ele viu isto

como um local de recrutamento útil, um lugar onde ele poderia começar a construir

um exército para ele".

"Mas ele não arrumou o emprego, senhor? "

"Não, ele não conseguiu. Professor Dippet lhe falou que ele era muito jovem aos

dezoito, mas o convidou a tentar novamente em alguns anos, se ele ainda desejasse

ensinar."

"Como você se sentiu sobre isso, senhor? " Harry perguntou indeciso.

"Profundamente intranqüilo", disse Dumbledore. "Eu tinha desaconselhado ao

Armando a contratação - eu não dei as mesmas razões que eu lhe dei, pois o

Professor Dippet era mesmo apaixonado por Voldemort e convencido da honestidade

dele. Mas eu não quis que Lorde Voldemort ficasse nesta escola, e, especialmente,

em uma posição de poder."

"Qual trabalho ele quis, senhor? Que assunto ele quis ensinar? "

De alguma maneira, Harry sabia a resposta antes mesmo de Dumbledore falar.

"Defesa Contra as Artes das Trevas. Estava sendo ensinada na ocasião por uma

Professora velha de nome de Galatea Merrythought que tinha estado em Hogwarts

durante quase cinqüenta anos.

"Assim Voldemort foi embora para Borgin e Burkes e todo o pessoal que tinha o

admirado, disse que isso era um desperdício, um jovem bruxo brilhante como ele,

trabalhando em uma loja. Porém, Voldemort não era um mero assistente. Cortês,

bonito e inteligente, ele logo passou a fazer determinados trabalhos particulares do

tipo que só existe em lugares especializados como Borgin e Burkes como você sabe,

Harry, em objetos com propriedades incomuns e poderosas. Voldemort foi enviado a

persuadir as pessoas para colocarem à venda os tesouros deles para os sócios, e ele

era, por todas as contas, extraordinariamente talentoso nisto."

"Eu aposto que sim", disse Harry, incapaz se conter.

"Bem, realmente", disse Dumbledore, com um sorriso lânguido. "E agora está na hora

de ter notícias de Hokey, a elfa doméstica que trabalhou para uma bruxa muito velha,

muito rica de nome Hepzibah Smith."

Dumbledore bateu na garrafa com a varinha dele, a cortiça voou fora e ele derramou a

memória rodopiando na Penseira, dizendo depois que ele fez isso, "Depois de você,

Harry."

Harry levantou e se abaixou para conteúdo prateado ondulante da bacia de pedra

mais uma vez até que a face dele o tocou. Ele caiu pelo escuro e pousou em um

quarto, sentando em frente a uma senhora velha, imensamente gorda que usava uma

elaborada peruca cor de gengibre e um jogo rosa brilhante de vestes que flutuavam

ao redor dela, dando a ela uma aparência de bolo gelado derretendo. Ela estava

olhando em um pequeno espelho enfeitado com jóias e passando ruge de leve sobre

as bochechas já escarlates com um grande pompom de pó, enquanto a elfa

doméstica mais minúscula e velha que Harry alguma vez tinha visto estava atada aos

pés carnudos com chinelos apertados cetinosos dela.

"Se apresse, Hokey! " dito Hepzibah imperiosa. "Ele disse que viria as

quatro, é só

faltam alguns minutos e ele, contudo, nunca chega atrasado! "

Ela apertou o pompom de pó dela quando a elfa doméstica se endireitou. O topo da

cabeça do elfa doméstica alcançava apenas o assento da cadeira de Hepzibah e a

pele encaroçada dela estava pendurada desalinhada com o lenço amassado que ela

vestia preso como uma toga.

"Como eu pareço? " disse Hepzibah, virando a cabeça dela admirar os vários ângulos

do rosto no espelho.

"Graciosa, senhora", chiou Hokey.

Harry só poderia assumir que estava no contrato de Hokey que ela tinha que mentir

pelos dentes dela quando respondeu esta pergunta, porque Hepzibah Smith olhou em

sua direção pela adorável opinião dela.

A campainha da porta tocou e senhora e a elfa saltaram.

"Rápido, rápido, ele está aqui, Hokey! " choramingou Hepzibah e a elfa correu para

fora do quarto que estava cheio com objetos que parecia difícil ver como qualquer

pessoa poderia andar por ele de modo a não derrubar pelo menos uma dúzia de

coisas: Havia armários cheios de pequenas caixas envernizadas, estojos

cheio de

livros com relevos em ouro, estantes de orbes e globos celestiais e muitas plantas que

floresceram em vasos. Na realidade, o quarto parecia um cruzamento entre uma loja

de antiguidades mágica e um conservatório.

A elfa doméstica retornou dentro de alguns minutos, seguido por um homem jovem e

alto o Harry não teve nenhuma dificuldade em reconhecer como Voldemort. Ele

estava vestido com um terno preto; o cabelo dele estava um pouco mais longo que

tinha estado a escola e as bochechas dele mais encovadas, mas no conjunto ele

estava mais bonito ainda. Ele o modo que ele andou pelo quarto mostrava que ele o

tinha visitado muitas vezes antes e se abaixou por cima da gorducha e pequena mão

de Hepzibah, tocando a com os lábios.

"Eu trouxe flores para você", ele disse baixo, produzindo um ramalhete de rosas do

nada.

"Você é um menino malcriado, você não deveria ter! " gritou a velha Hepzibah,

entretanto Harry notou que ela tinha um vaso vazio pronto na pequena mesa mais

próxima. "Você mima esta velha senhora, Tom. ... Sente-se, sente-se. . . . Onde

Hokey está? Ah... "

A elfa doméstica tinha voltado enérgica ao quarto trazendo uma bandeja com vários

bolos que ela acertou no cotovelo senhora dela.

"Sirva-se, Tom", disse Hepzibah, "eu sei como você ama meus bolos. Agora, como

está você? Você parece pálido. Eles exploram naquela loja, eu disse isso cem vezes.

... "

Voldemort sorriu mecanicamente e Hepzibah sorriu. . ¦!

"Bem, qual é sua desculpa visitando este horário? " ela perguntou, batendo os cílios

dela.

"Sr. Burke gostaria de fazer uma oferta melhor para a armadura efito por elfos", disse

Voldemort. "Quinhentos Galeões, ele sente é o melhor que - "

"Agora, agora, não tão rápido, ou eu pensarei que você está aqui só por causa das

minhas quinquilharias! " Hepzibah fez beicinho.

"Me ordenam vir aqui por causa deles", disse Voldemort baixo. "Eu sou só um

assistente pobre, senhora que tem que fazer como é mandado. o sr. Burke deseja

que eu indague - "

"Oh, Sr. Burke! " disse Hepzibah, balançando a pequena mão. "Eu tenho algo a

mostrar para você que eu nunca mostrei ao Sr. Burke! Você pode manter segredo,

Tom? Você promete que não contará para o Sr. Burke que eu tenho isto? Ele nunca

me deixaria descansar se ele soubesse que eu mostrei isto a você, e eu não estou

vendendo, não para Burke, não para qualquer um! Mas você, Tom, você apreciará isto

para sua história, nem com muitos galeões você poderia adquirir isto".

"Eu ficaria alegre em ver qualquer coisa que a Senhorita Hepzibah mostrar para mim",

disse Voldemort baixinho e Hepzibah deu outra risadinha como garota.

"Eu mando Hokey buscar para mim. . . Hokey onde você está? Eu quero mostrar para

o sr. Riddle nosso melhor tesouro. ... Na realidade, traga ambos, enquanto você faz

isto. ... "

"Aqui, senhora", chiou a elfa doméstica e Harry viu duas caixas de couro, uma em

cima da outra, movendo se pelo quarto como se tivesse vontade própria, mas ele

sabia que a elfa minúscula estava os segurando em cima da cabeça dela, passando

entre mesas, pufes e bancos.

"Agora", disse Hepzibah, pegando as caixas da elfa, colocando as no colo e

preparando se para abrir a de cima, "eu penso felizmente que você

gostará isto, Tom.

. . . Oh, se minha família soubesse que eu estou mostrando isso para você. . . . Eles

não podem esperar para colocarem as mãos deles nisto! "

Ela abriu a tampa. Harry se esticou para ter uma visão melhor e viu o que se parecia

uma taça dourada pequena com duas asas finamente forjadas.

"Eu gostaria de saber se você sabe o que é isso, Tom? Apanhe, dê uma boa olhada! "

Hepzibah sussurrou e Voldemort esticou uma mão longa e fina e ergueu a taça

através de uma asa para fora de suas capas sedosas. Harry pensou ter visto um

vislumbre vermelho nos olhos escuros dele. A expressão gananciosa dele se refletiu

curiosamente na face de Hepzibah, mas os olhos minúsculos dela estavam fixos nas

características bonitas de Voldemort.

"Um texugo", Voldemort murmurou, examinando a gravura na taça. "Então isto era. . .

? "

"De Helga Hufflepuff , como você muito bem sabe, você é um menino inteligente! "

disse Hepzibah, indo para frente com um ranger alto das roupas e beliscando a

bochecha oca dele. "Eu não lhe falei eu era uma descendente distinta? Isto foi

passado na família durante anos e anos. Graciosa, não é? E todos os

tipos de

poderes é suposto que também possui, mas eu não os testei completamente, eu só a

mantenho agradável e segura bem aqui. . . . "

Ela retirou a taça do longo dedo indicador de Voldemort e guardou suavemente na

sua caixa, sua intenção era resolver isto cuidadosamente depois de notar a sombra

que cruzou a face de Voldemort quando a taça foi tomada.

"Agora então", disse Hepzibah felizmente, "onde Hokey está? Oh sim, lá está você -

guarde o objeto agora, Hokey."

A elfa levou a taça encaixotada obedientemente e Hepzibah voltou a atenção dela

para a outra caixa mais aplainada no colo dela.

"Eu penso que você gostará deste mesmo muito mais, Tom", que ela sussurrou. "Se

incline um pouco, querido menino, assim você pode ver. . . . Claro que, Burke sabe

que eu tenho este aqui, eu comprei isto dele, e eu tenho certeza que ele adoraria

voltar a ter quando eu tenho ido. ... "

Ela deslizou o gancho do filigrana para atrás e sacudiu a caixa aberta. Lá, sobre o

veludo carmesim liso, havia um medalhão dourado pesado.

Voldemort retirou o medalhão, sem convite para isso, e segurou isto contra a luz, o

encarando.

"A marca de Slytherin", ele disse baixo, quando a luz refletiu num S serpentino

ornado.

"Isso é certo! " disse Hepzibah, aparentemente encantada, aparentemente, à vista de

Voldemort que contemplava ao medalhão dela. "Eu tive que pagar um braço e uma

perna por isto, mas eu não pude deixar isto passar, não um real tesouro assim, tinha

que ter isto na minha coleção. Burke comprou isto, aparentemente, de uma mulher

pobre, devia ter roubado isto, mas não tinha nenhuma idéia de seu verdadeiro valor - "

Não havia nenhum equivocando isto este tempo: Os olhos de Voldemort brilharam

escarlata às palavras, e o Harry viu as juntas dele embranquecerem na cadeia do

medalhão.

"-Eu soube que Burke lhe pagou uma ninharia, mas veja você. . . . Bonito, não é? E

novamente, todos os tipos de poderes atribuíram a isto, entretanto, eu só o mantenho

agradável e seguro. . . . "

Ela pegou de volta o medalhão. Por um momento, pensou Harry que Voldemort não ia

deixar lá fazer isso, entretanto tinha deslizado pelos dedos dele e voltado para sua

almofada aveludada vermelha.

"Assim, você está lá, Tom, querido, e eu espero que você desfrute isso!”

Pela primeira vez, ela o olhou em cheio no rosto, Harry viu o sorriso tolo dela hesitar.

"Você é bem, querido? "

"Oh sim", disse Voldemort baixo. "Sim, eu estou muito bem. ... "

"Eu pensei - foi um truque da luz, eu suponho - " disse Hepzibah, olhando nervosa, e

Harry adivinhou que ela tinha visto o vislumbre vermelho momentâneo também nos

olhos de Voldemort. "Aqui, Hokey, leve embora estes e os tranque novamente. ... Os

encantos habituais... "

"Tempo de partir, Harry", disse Dumbledore baixo e quando a elfa doméstica subiu e

desceu, pegando as caixas, Dumbledore agarrou Harry uma vez mais pelo cotovelo e

juntos, eles se levantaram por oblivion e voltaram para o escritório de Dumbledore.

"Hepzibah Smith morreu dois dias depois daquela pequena cena", disse Dumbledore,

enquanto retomava seu assento e indicava que Harry deveria fazer o mesmo. "Hokey,

a duende da casa, foi condenada pelo Ministério por envenenar o chocolate do

amante dela sem querer".

"Sem chance!" disse Harry furiosamente.

"Eu vejo que nós somos de uma só opinião", disse Dumbledore. "Certamente, são

muitas semelhanças entre esta morte e a dos Riddles. Em ambos os casos, alguém

levou a culpa por outro, alguém que teve uma impressão clara de ter causado a

morte-" Hokey confessou?"".

"Ela se lembrou de pôr algo no chocolate do amante que parecia não ser açúcar, mas

um veneno letal e pouco conhecido, disse Dumbledore".Foi concluído que ela não

tinha pretensão de fazer isto, mas sendo velha e confusa-".

"Voldemort modificou a memória dela, assim como fez com Morfin!". "Sim, isso

também é minha conclusão", disse Dumbledore. "E, da mesma maneira que com

Morfin, o Ministério foi predisposto a suspeitar de Hokey-".

"-porque ela era um elfo doméstico", disse Harry. Ele raramente tinha sentido mais

condolência com esta classe, desde que Hermione tinha lançado o P.A.R.E.

"Precisamente", disse Dumbledore. "Ela era velha, ela admitiu ter mexido na bebida, e

ninguém do Ministério se preocupou em investigar mais. Como no caso de Morfin, até

que eu a localizasse e consegui extrair esta memória, a vida dela quase terminou mas a memória dela, claro, não prova nada a não ser que Voldemort sabia da

existência da xícara e do medalhão”.

“Até que Hokey fosse condenada, a família de Hepzibah não tinha percebido que

estavam perdendo dois dos seus maiores tesouros. Levou tempo para perceberem,

porque ela tinha muitos esconderijos, sempre vigiando sua coleção com ciúmes e

cuidados. Mas antes de estarem seguros que a xícara e o medalhão haviam sido

levados, o assistente que tinha trabalhado para Borgin e Burkes, o homem jovem que

tinha visitado Hepzibah tão regularmente e a tinha encantado tão bem, tinha

resignado seu posto e desaparecido. Os superiores dele não tiveram nenhuma idéia

de onde ele tinha ido; eles estavam tão surpresos quanto quaisquer um com o

desaparecimento. E isso foi a última coisa que se viu ou ouviu falar de Tom Riddle

durante um bom tempo”.

"Agora", disse Dumbledore, "se você não notou, Harry, eu quero chamar sua atenção

para certos pontos de nossa história mais uma vez. Voldemort tinha cometido outro

assassinato; o primeiro dele desde que ele matou os Riddles, eu não sei, mas acho

que era. Agora, como você viu, ele não matou por vingança, mas para ganho. Ele quis

os dois troféus fabulosos que, boba, a mulher velha mostrou para ele. Da mesma

maneira que ele tinha roubado as outras crianças uma vez no

orfanato, da mesma

maneira que ele tinha roubado o anel do Tio Morfin, assim ele escapou com xícara de

Hepzibah e o medalhão”.

"Mas", disse Harry, enquanto fechava a cara, "parece curioso... Arriscando tudo,

jogando fora o trabalho, só por esses...".

"Curioso a você, talvez, mas não para Voldemort", disse Dumbledore. "Eu espero que

você entenda, no tempo devido, exatamente o que esses objetos significaram para

ele, Harry, você que tem que admitir que não é difícil imaginar que ele viu o medalhão,

pelo menos, como legalmente seu". "O medalhão talvez", disse Harry, “mas por que

levar a xícara?".

"Tinha pertencido a outro dos fundadores de Hogwarts" disse Dumbledore. "Eu acho

que ele ainda sentia um grande apego à escola e não podia resistir a um objeto que

figurasse na história de Hogwarts. Havia outras razões, eu acho... Eu espero poder as

mostrar a você no tempo certo”.

"E agora vamos para a última lembrança que eu tenho que mostrar para você, pelo

menos até que você conseguir a memória de Professor Slughorn para nós. Dez anos

separam a memória de Hokey e esta aqui, dez anos durante os quais nós só podemos

imaginar o que Lord Voldemort esteve fazendo..." Harry juntou mais

uma vez seus

pés, quando Dumbledore esvaziou a última memória na Penseira.

"De quem é essa memória?", ele perguntou. "Minha", disse Dumbledore.

E Harry mergulhou depois de Dumbledore pela massa prateada inconstante, e pousou

no mesmo escritório, de onde há pouco tinha partido. Fawkes dormia felizmente no

poleiro, e lá atrás da escrivaninha estava Dumbledore, bem parecido ao Dumbledore

que se levantava ao lado de Harry, no entanto, as mãos estavam inteiras e não

danificadas e a face dele era, talvez, um pouco menos enrugada. Uma diferença entre

o escritório atual e este aqui era que estava nevando no passado; manchas azuladas

estavam vagueando além da janela na escuridão, e acumulando no lado de fora em

sua borda.

O Dumbledore mais jovem parecia estar esperando por algo, e seguro bastante,

momentos depois da chegada deles, houve uma batida na porta e ele disse, "Entre".

Harry deixou sair um suspiro apressadamente abafado. Voldemort tinha entrado na

sala. As características dele não eram essas que Harry tinha visto emergir do grande

caldeirão de pedra quase dois anos atrás: Eles não eram como cobra, os olhos não

eram escarlates, a face não parecia uma mascara, ainda era o bonito Tom Riddle. Era

como se as características dele tivessem sido queimadas e borradas; eram

esquisitamente torcidas, e os brancos dos olhos tinham agora, um olhar

permanentemente sangrento, entretanto, o aluno não tinha os vestígios do que Harry

sabia que ele se tornaria. Ele estava usando uma capa preta longa, e a face dele era

tão pálida, quanto a neve que brilhava em seus ombros.

O Dumbledore que estava atrás da escrivaninha não mostrou nenhum sinal de

surpresa. Evidentemente, esta visita tinha sido feita através de algum compromisso.

"Boa noite, Tom", disse Dumbledore docilmente. "Você não se sentará?”.

“Obrigado", disse Voldemort, e ele afastou o assento para o qual Dumbledore tinha

gesticulado - o mesmo assento, pelo visto, que Harry há pouco tinha desocupado no

presente. "Eu ouvi que você tinha se tornado o diretor", ele disse, a voz dele era

ligeiramente mais alta fria. "Uma escolha merecedora".

"Eu estou alegre que você aprova", disse Dumbledore, enquanto sorria. "Eu posso lhe

oferecer uma bebida?".

"Seria ótimo", disse Voldemort. "Eu vim de longe".

Dumbledore levantou e dirigiu-se para o gabinete onde mantinha a Penseira agora,

mas que então estava cheio de garrafas. Tendo dado para Voldemort uma taça de

vinho e serviu um para si, voltou ao assento atrás da escrivaninha... "Então, Tom... a

que devo o prazer?".

Voldemort não respondeu imediatamente, mas somente tomou um gole do vinho dele.

"Eles não me chamam de Tom mais", ele disse. "Agora, sou conhecido como-”.

"Eu sei como você é conhecido", disse Dumbledore, enquanto sorria, agradavelmente.

"Mas para mim, me desculpe, você sempre será Tom Riddle. É um das coisas

irritantes de professores velhos. Desculpe se eles não esquecem totalmente de seus

jovens no inicio”.

Ele elevou copo brindando com Voldemort cuja face permaneceu inexpressiva. Não

obstante, Harry sentia a atmosfera da sala sutilmente mudando: a recusa de

Dumbledore para usar o nome escolhido de Voldemort era uma recusa para permitir

que Voldemort ditasse as condições da reunião, e o Harry poderia contar que

Voldemort entendeu também.

"Eu estou surpreso por você ainda permanecer aqui". disse Voldemort, depois de uma

pausa curta. "Eu sempre desejei saber por que um feiticeiro como você nunca desejou

deixar esta escola".

"Bem", disse Dumbledore, enquanto ainda sorria, "para um feiticeiro como eu, não

pode haver nada mais importante que passar habilidades antigas, enquanto ajuda a

afiar as mentes jovens. Se me lembro corretamente, você se atraiu para o ensino uma

vez também".

"E ainda me atrai", disse Voldemort. "Eu somente desejei saber por que você -que

recebe pedidos freqüentemente do conselho para Ministério, e a quem por duas

vezes, eu acho, já foi oferecido o posto de Ministro-".

"Três vezes à última conta, de fato", disse Dumbledore. "Mas o Ministério nunca me

atraiu como uma carreira. Novamente, algo que nós temos em comum, eu penso".

Voldemort inclinou a cabeça, sério, e tomou outro gole de vinho. Dumbledore não

rompeu o silêncio que estirava entre eles, mas esperou, com um olhar de expectativa

agradável, que Voldemort falasse primeiro.

"Retornei", ele disse, depois de um pequeno tempo, "tarde, talvez, mais que Professor

Dippet esperava... mas voltei, e agora, vim pedir o que ele me falou uma vez que eu

era muito jovem ter. Eu vim a você pedir que me permita voltar a este castelo, ensinar.

Eu acho que você sabe que tenho visto e feito muito desde que eu deixei este lugar.

Eu poderia mostrar e contar a seus estudantes que os tornarão melhores que

qualquer outro feiticeiro".

Dumbledore olhou Voldemort durante algum tempo por cima do topo da própria taça

antes de falar.

"Sim, eu sei certamente que você viu e fez muito desde que nos deixou", ele disse

quietamente. "Rumores de suas ações chegaram a sua velha escola, Tom. Eu deveria

estar arrependido em acreditar na metade deles".

A expressão de Voldemort permaneceu impassível quando ele disse, "Grandeza

inspira inveja, inveja gera despeito, despeito gera mentiras. Você tem que saber isto,

Dumbledore".

"Você chama isto 'grandeza', o que você tem feito?", Dumbledore perguntou

delicadamente.

"Certamente", disse Voldemort, e os olhos dele pareciam queimar, vermelhos. "Eu

tenho experimentado; ampliado os limites da magia, talvez, mais do que nunca foram

ampliados-".

"De alguns tipos de magia", Dumbledore o corrigiu quietamente. "De alguns. De

outros, você permanece... me perdoe... completamente ignorante".

Pela primeira vez, Voldemort sorriu. Era um olhar lascivo, uma coisa má, mais

ameaçadora que um olhar de raiva.

"O velho argumento", ele disse suavemente. "Mas nada que eu vi no mundo apoiou

seus pronunciamentos famosos que o amor é mais poderoso que meu tipo de magia,

Dumbledore".

"Talvez você tenha olhado nos lugares errados", sugeriu Dumbledore.

"Bem, então, que lugar melhor para começar minhas novas pesquisas que aqui, em

Hogwarts?", disse Voldemort. "Você me deixará voltar? Compartilhar meu

conhecimento com seus estudantes? Eu coloco meus talentos à sua disposição. Eu

sou seu serviçal".

Dumbledore elevou suas sobrancelhas. "E o que restará desses que você comanda?

O que acontecerá a esses que se chamam os Comensais da Morte?".

Harry poderia contar que Voldemort não esperava que Dumbledore soubesse este

nome; ele viu os olhos de Voldemort flamejarem novamente assim como suas narinas,

semelhantes a fendas.

"Meus amigos", ele disse, depois de pausar um momento, "continuarão sem mim,

seguramente".

"Eu estou alegre em ouvir que você os considera como amigos", disse Dumbledore.

"Eu estava tinha a impressão que eles eram pra você, não mais que criados".

"Você está enganado", disse Voldemort.

"Então, se eu fosse esta noite ao Cabeça de Porco, eu não acharia um grupo deles Nott, Rosier, Muldber, Dolohov -esperando seu retorno? Amigos dedicados realmente,

viajar esta distancia com você em uma noite nevada, somente para lhe desejar sorte

em sua tentativa de conseguir um posto pedagógico”.

Não poderia haver nenhuma dúvida do conhecimento detalhado de Dumbledore

acerca da viagem e até mesmo da chegada de Voldemort; no entanto, ele se

informara quase imediatamente.

"Como você é onisciente, Dumbledore".

"Oh não, apenas amigo dos donos de botecos locais", disse Dumbledore ligeiramente.

"Agora, Tom...”.

Dumbledore deixou o copo vazio dele e ajeitou-se no seu assento, as pontas dos

dedos juntas em um gesto muito característico.

"Fale abertamente. Por que você veio aqui, cercado por homens, hoje à noite pedir

um trabalho que nós dois sabemos que você não quer?".

Voldemort olhou friamente surpreso. "Um trabalho que eu não quero? Pelo contrário,

Dumbledore, eu quero muito".

"Oh, você quer voltar a Hogwarts, mas você não quer ensinar mais como quis quando

você tinha dezoito anos. É o que vem depois, Tom? Por que não tente um pedido

aberto de uma vez?".

Voldemort zombou. "Se você não quer me dar um trabalho-”

"Claro que não é isso", disse Dumbledore. "E eu não acho que por algum momento

você esperou outra coisa. Não obstante, você veio aqui, você pediu,

você deve ter tido

um propósito".

Voldemort levantou. Ele olhou menos como Tom Riddle que nunca, transformado pela

raiva. "Esta é sua palavra final" é?

"É", disse Dumbledore, também de pé.

"Então nós não temos nada mais dizer a um ao outro".

"Não, nada", disse Dumbledore, e uma grande tristeza encheu a face dele. "Esta vindo

o tempo que você amedrontara ardentemente e poderei o forçar a pagar por seus

crimes. Mas eu desejo poder, Tom... Eu desejo que eu possa...".

Durante um segundo, Harry estava à beira de gritar uma advertência insensata: Ele

estava seguro que a mão de Voldemort tinha se contraído para o bolso dele e a

varinha; entretanto o momento tinha passado, Voldemort tinha se virado, a porta

estava fechando, e ele devia ter ido.

Harry sentia toque da mão de Dumbledore novamente seu braço e momentos depois,

eles estavam juntos, parados quase na mesma situação, mas não havia nenhuma

neve na borda de janela, e a mão de Dumbledore foi enegrecida e com aspecto

necrosado, mais uma vez.

"Por que?", disse Harry imediatamente, enquanto observava a face de Dumbledore.

"Por que ele voltou? Você já descobriu?”.

"Eu tenho idéias", disse Dumbledore, “mas não mais que isso".

"Que idéias, senhor?”.

"Eu, Harry, lhe falarei quando você conseguir aquela memória do Professor Slughorn",

disse Dumbledore.

"Quando você tiver este última peça do quebra-cabeça, tudo vai, eu espero, ser

esclarecido... para nós dois".

Harry ainda estava queimando com curiosidade e embora Dumbledore tivesse

caminhado à porta e segurado-a aberto para Harry, ele não se moveu imediatamente.

"Ele queria antes a Defesa Contra a Arte das Trevas, senhor? Ele não disse...".

"Oh, ele definitivamente quis a Defesa Contra as Artes das Trevas", disse

Dumbledore. "O resultado de nossa pequena reunião provou isso. Você vê, nós

conseguimos manter um professor por um período mais longo que um ano, desde que

eu recusei o pedido de Lord Voldemort".

CHAPTER TWENTY-ONE



THE UNKNOWABLE ROOM

Capítulo 21 - A Sala Precisa

Harry quebrou a cabeça durante a semana seguinte pensando em como ele

persuadiria Slughorn para que ele desse a verdadeira memória, mas nada ocorreu em

sua mente e ele se reduziu à fazer o que agora sempre fazia quando tinha uma

decepção: Folheava seu livro de Poções, esperando que o Príncipe tivesse escrito

algo proveitoso em alguma margem, como ele havia feito muitas vezes antes.

“Você não vai achar nada aí”-disse firmemente Hermione, já tarde no domingo.

‘Não começa, Hermione” - disse Harry. “Se não fosse pelo Príncipe, Rony não estaria

sentado aqui agora.”

“Ele estaria se você tivesse escutado Snape no nosso primeiro ano” - disse

desdenhosamente Hermione.

Harry a ignorou. Ele havia acabado de achar um encanto “Sectumsempra!” rabiscado

numa margem acima das intrigantes palavras “Para inimigos”, e ficou ansioso para

tentá-lo, mas achou melhor não fazê-lo na frente de Hermione. Ao invés disso, ele

secretamente fez um vinco na página. Eles estavam sentados ao lado da lareira na

Sala Comunal; as únicas pessoas ainda acordadas eram outros sextanistas. Havia

uma certa excitação quando eles voltaram do jantar para procurar algum aviso no

quadro que anunciasse a data do Teste de Aparatação. Aqueles que já

tivessem 17

anos ou que completariam antes do primeiro dia de teste, 21 de Abril, tinham a opção

de se inscreverem para aulas adicionais, cujo lugar seria (extremamente

supervisionado) em Hogsmade.

Ron havia entrado em pânico ao ler o aviso; ele ainda não havia conseguido aparatar

e temia que não estivesse pronto para o teste. Hermione, que agora já havia

conseguido aparatar duas vezes, estava mais confiante, mas Harry, que não

completaria 17 anos nos próximos quatro meses, não poderia fazer o teste, estando

ele pronto ou não.

“Pelo menos você pode aparatar, mesmo assim!” - disse Ron tensamente. “Você não

terá problemas até que Julho chegue!”

“Eu fiz isso apenas uma vez”, Harry relembrou à ele; ele finalmente havia conseguido

desaparecer e se rematerializar dentro de seu arco durante suas aulas.

Tendo perdido muito tempo em se preocupar de mais em Aparatação, Ron estava

agora se esforçando para terminar uma redação muito difícil para Snape que Harry e

Hermione já tinham terminado. Harry esperava que recebesse uma nota baixa com a

sua, porque havia descordado de Snape sobre a melhor maneira de se

lidar com

dementadores, mas ele não se importava: a memória de Slughorn era a coisa mais

importante pra ele agora.

“Eu estou te avisando, o Príncipe estúpido não vai te ajudar nisso, Harry!” - disse

Hermione, com a voz mais alta. “Só há uma maneira de forçar alguém à fazer algo

que você quer, e é com a Maldição Imperius, que é ilegal”.

‘Sim, eu sei disso, obrigado, ” - Harry disse, não tirando os olhos do livro. “É por isso

que estou procurando algo diferente. Dumbledore diz que Veritaserum não funcionará,

mas deve haver outra coisa, uma poção ou feitiço...”

“Você está fazendo isso da maneira errada” - Hermione disse. “Só você pode

conseguir a memória, Dumbledore disse. Isso deve significar que você pode persuadir

Slughorn quando ninguém mais pode. Não é questão de lhe dar uma poção, qualquer

um poderia fazer isso...”

“Como se soletra ‘beligerante’?” - disse Ron, agitando dificilmente sua pena enquanto

olhava fixamente seu pergaminho. “Não pode ser B - U - M...”

“Não, não é,” - disse Hermione, puxando a redação de Ron até ela. “Nem “presságio”

começa com O - R - G também. Qual tipo de pena você está usando?”

“Uma das penas “Checar-Soletragem“ do Fred e do Jorge, mas eu acho que o feitiço

deve estar falhando.

“Sim, deve mesmo,” - disse Hermione, apontando para o título da redação, “porque

fomos perguntados como nós lidaríamos com dementadores, e não ‘bombas de

bosta’, e não me lembro de você ter mudado seu nome para “Roonil Wazlib’,

também.”

‘Ah não!” - disse Ron, encarando horrorizado para o pergaminho. “Não diga que eu

terei de reescrever tudo isso de novo!”

“Tudo bem, a gente pode consertar, “ - disse Hermione, puxando a redação para perto

dela e pegando sua varinha.

“Eu te amo, Hermione!,” - disse Ron afundando em sua cadeira, piscando seus olhos--. Hermione ficou fracamente rosada, mas apenas disse “ Não deixe Lavender escutar

você dizer isso.”

“Não deixarei,” - disse Ron entre suas mãos. “Ou talvez eu deixe, assim ela termina

comigo.”

“Porque você não termina com ela já que não quer mais ficar com ela? - perguntou

Harry.

“Você nunca teve de dar um fora em alguém, não é? - disse Ron. “Você e Cho

apenas...”

“Nos separamos de alguma maneira, sim,” - disse Harry.

“Gostaria que isso acontecesse com a Lavender e eu,” disse Ron tristemente, vendo

Hermione silenciosamente batendo nas palavras escritas incorretamente na redação

de Ron com a ponta de sua varinha, assim elas se autocorrigiam na página. “Mas

quanto mais eu dou a entender que quero terminar, mais ela me abraça. É como estar

saindo com a lula gigante.”

“Aqui,” - disse Hermione, mais ou menos vinte minutos mais tarde, devolvendo a

redação de Ron.

“Muitíssimo obrigado,” - disse Ron. “Posso pegar sua pena emprestada pra escrever a

conclusão?”. Harry, que não havia encontrado nada de útil nas anotações do Príncipe

Mestiço até então, olhou ao redor; eles três eram as únicas pessoas restantes na Sala

Comunal, Simas acabara de subir para ir deitar, amaldiçoando Snape e sua redação.

Os únicos ruídos eram os estalados do fogo e o arranhar da pena de Hermione, que

Ron usava escrevendo no pergaminho o último parágrafo sobre dementadores. Harry

havia apenas fechado o livro do Príncipe Mestiço, bocejando, quando...

Crack!

Hermione soltou um gritinho; Ron derramou tinta em sua recém terminada redação, e

Harry disse, “Kreacher!”

O elfo-doméstico fez uma reverência e disse aos seus próprios ásperos dedos do pé.

“Mestre disse que ele queria relatórios regulares sobre o que o menino Malfoy está

fazendo, então Kreacher veio dar...”

Crack!

Dobby apareceu do lado de Kreacher, com seu chapéu de abafador de chá torto.

“Dobby têm ajudado também, Harry Potter!” ele gritou, dando em Kreacher um olhar

de ressentimento. “E Kreacher teve a obrigação de dizer à Dobby quando ele ia ver

Harry Potter para que assim os dois pudessem fazer seus relatórios juntos!”

“O que é isso?” - perguntou Hermione, ainda olhando socada para as aparições

repentinas. “O que está acontecendo, Harry?” Harry hesitou antes de responder,

porque ele não havia contado a Hermione que tinha mandado Kreacher e Dobby

ficarem atrás de Malfoy; elfos-domésticos eram sempre um assunto muito tocante

para ela.

“Bem… eles têm seguido Malfoy pra mim,” ele disse.

“Dia e noite,” grasnou Kreacher.

“Dobby não têm dormido ha uma semana, Harry Potter!” - disse Dobby, balançando

onde ele estava. Hermione olhou indignada.

“Você não têm dormido, Dobby? Mas claramente, Harry, você não disse a ele que

não…”

“Não, claro que não,” - disse Harry rapidamente. “Dobby, você pode dormir, ta legal?”

Mas nenhum de vocês descobriu nada? Ele se apressou para perguntar antes que

Hermione pudesse intervir de novo.

“Mestre Malfoy se movimenta com a nobreza de um próprio sangue-puro,” - guinchou

Kreacher o quanto antes. “Suas feições recordam as da minha ama e suas maneiras

são as de…”

“Draco Malfoy é um menino mau!” - gritou Dobby irritadamente. “Um menino mau que,

que…” Ele tremeu da borda de seu chapéu aos dedos dos pés em suas meias e então

correu até o fogo, prestes à se jogar nele. Harry, atento a essa atitude que não era

inteiramente inesperada, agarrou-o pelo meio e segurou-o rápido. Por alguns

segundos Dobby relutou, mas depois mancou.

“Obrigado, Harry Potter,” - ele ofegou. “Dobby ainda acha difícil falar mal de seus

velhos mestres..” Harry soltou-o; Dobby ajeitou seu chapéu e disse desafiadoramente

à Kreacher, “ mas Kreacher deveria saber que Draco Malfoy não é um bom mestre

para um elfo-doméstico!”

“Sim, nós não precisamos ouvir sobre você estar apaixonado por Malfoy,” - Harry

disse à Kreacher. “Vamos direto sobre onde ele na verdade têm ido.”

Kreacher fez reverência novamente, olhando furiosamente, e disse, “Mestre Malfoy

come no Salão Principal, ele dorme no dormitório nas masmorras, ele presta atenção

em suas aulas numa variedade de...”

“Dobby, me diga você,” - disse Harry, interrompendo Kreacher. “Ele têm ido a algum

lugar que não deveria ir?”

“Harry Potter, senhor,” confessou Dobby, seus grandes e oblíquos olhos estavam

brilhando por causa da lareira, “o menino Malfoy não está quebrando nenhuma regra

que Dobby possa descobrir, mas ele ainda lamentavelmente tem evitado revelar algo.

Ele tem feito visitas regulares ao 7º andar com vários outros alunos, que ficam

vigiando para ele enquanto ele entra...”

“A Sala Precisa!” - disse Harry, batendo em sua testa com o livro “Fazendo Poções

Avançadas”. Hermione e Ron o encararam. “É pra lá que ele têm escapado! É lá que

ele tem feito... seja lá o que está fazendo! E aposto que é por isso que ele tem sumido

do mapa - pensando nisso, eu nunca vi a Sala Precisa no mapa!”

“Talvez os Marotos nunca souberam da existência da sala,” - disse Ron.

“Eu acho que isso faz parte da mágica da Sala,” - disse Hermione. “Se você precisa

que seja secreta, ela será.”

“Dobby, você pode entrar na Sala e ver o que é que Malfoy está fazendo?” - disse

Harry ansiosamente.

“Não Harry Potter, isso é impossível,” - disse Dobby.

“Não, não é,” - disse Harry o quanto antes. “Malfoy entrou na A.D. no ano passado,

então eu serei capaz de entrar e espioná-lo, sem problema.”

“Mas eu não acho que você vá conseguir, Harry!” Disse Hermione lentamente. Malfoy

já sabia exatamente como nós estávamos usando a sala, sabia por que

aquela idiota da Marietta dedurou. Ele precisava que a sala se transformasse

no quartel da A.D.,e ela se transformou.Mas você não sabe no que a sala se

transforma quando Malfoy entra nela,então você não sabe no que mandá-la se

transformar.”

“Haverá um jeito” disse Harry dispersamente.” Você foi brilhante, Dobby.”

“Kreacher foi bem também,” disse Hermione gentilmente; mas longe de parecer

engrandecido, Kreacher desviou seus enormes olhos cor de sangue e coaxou no

forro, “A sangue ruim está falando com Kreacher, Kreacher fingir que não

pode ouvir-“

“Pare com isso,” Harry o ordenou, e Kreacher fez uma última reverência e

desaparatou. “Seria melhor você dormir um pouco também, Dobby.”

“Obrigado, senhor Harry Potter!” rangeu Dobby alegremente, e também sumiu.

“Isso não é bom?! Disse Harry entusiasticamente, virando-se para Ron e

Hermione no momento em que a sala estava sem elfos de novo. “Nós sabemos

onde Malfoy está indo! Nós o cercamos agora!”

“Sim, isso é ótimo.” Disse Ron raivosamente, cuja tentativa de limpar

a

encharcada massa de tinta se tornou quase uma completa experiência. Hermione

Puxou a varinha e começou a retirar a tinta.

“Mas o que está acontecendo com ele para ir lá com um monte de alunos?”

disse Hermione.”Quantas pessoas estão nisso? Você não acha que ele confia em

todos eles para saber o que ele está fazendo---“

“Sim, isso é estranho.” Disse Harry, franzindo a testa. “Eu o ouvi dizendo a

Crabbe que não era da conta dele o que ele estava fazendo... então o que ele

quer dizer com isso...isso...” a voz de Harry sumiu,ele olhava furtivamente

para a lareira.”Deus,que idiota eu fui.” Disse ele sussurrante.” É óbvio,não

é?Tinha um monte disso no calabouço... ele poderia ter roubado um pouco

durante a lição...”

“Roubado o que?” disse Ron.

“Poção Polissuco. Ele roubou um pouco da poção Polissuco que Slughorn nos

mostrou na nossa primeira aula de poções... não há muitos alunos montando

guarda para Malfoy... É só Crabbe e Goyle como de costume... Sim, Tudo se

encaixa!” disse Harry, que levantou de um salto e começou a andar

em frente

à lareira. “Eles são suficientemente idiotas para fazer o que ele manda

mesmo que não saibam o que ele pretende, mas ele não quer que eles sejam

vistos rondando a Sala precisa, então ele os fez tomar Poção Polissuco para

fazê-los parecer com outras pessoas... Aquelas duas garotas que eu vi com

ele quando ele perdeu o Quadribol - há! Crabbe e Goyle!”

“Você quer dizer,” disse Hermione numa voz comedida,” que aquela garotinha

cuja balança eu consertei --?”

“Sim,claro!” Disse Harry alto, olhando furtivamente para ela. “Claro! Malfoy

devia estar dentro da sala naquela hora, então ela - do que eu estou

falando? - ele derrubou as balanças para dizer a Malfoy não sair,por que tinha alguém

lá! E havia aquela garota que deixou cair a ova de sapo também! Nós passamos por

ele esse tempo todo e não percebemos!”

“Ele fez Crabbe e Goyle se transformarem em garotas?”Indagou

Ron.”Coitados...por isso eles não pareciam muito alegres esses dias. Estou

surpreso por eles não dizerem a Malfoy para não fazer isso.”

“Bem,eles não iriam,iriam,se ele tivesse mostrado sua Marca negra?” disse

Harry

“Humm... a Marca Negra nós não sabemos se existe.” Disse Hermione

sensatamente, pegando a redação seca de Ron antes que pudesse causar mais

estragos e segurando pra ele.

“Veremos” disse Harry secretamente.

“Sim,nós veremos.” disse Hermione, abaixando e alongando-se. “mas,Harry,

antes que você se empolgue, eu ainda não acho que você consiga entrar na

Sala Precisa sem saber o que há lá antes. E eu acho que você não deveria

esquecer disso”-Ele pôs sua mochila no ombro e olhou para ele seriamente ---“Você deveria estar se concentrando em pegar aquela memória de Slughorn. Boa

noite.”

Harry viu ela sair, sentindo-se mal. Uma vez que a porta do dormitório

feminino fechou atrás dela ele virou-se para Ron.” O que você acha?”

“Queria poder desaparatar como um elfo doméstico.” Disse Ron, olhando

furtivamente para o lugar de onde Dobby havia sumido. “Aquele teste de

aparatação seria moleza.”

Harry não dormiu direito àquela noite. Ele ficou acordado pelo que pareceram

horas, imaginando como Malfoy estava usando a Sala Precisa e o que

ele, Harry, veria quando entrasse lá no dia seguinte, pelo que Hermione

disse, Harry tinha certeza de que se Malfoy pode ver o quartel general da

A.D., ele poderia ver o de Malfoy. O que poderia ser? Um lugar de encontros?

Um esconderijo? Um workshop? A mente de Harry trabalhou fervorosamente e seus

sonhos, quando ele finalmente dormiu, eram quebrados e perturbado por imagens de

Malfoy, que se transformou em Slughorn, que se transformou em Snape...

Harry estava muito adiantado para o café da manhã no dia seguinte; ele tinha

um tempo livre antes da aula de Defesa contra as artes das trevas e estava

determinado a passá-lo tentando entrar na Sala Precisa. Hermione não

mostrava nenhum interesse em seus planos de entrar na Sala, o que irritou

Harry, Por que ele achou que ela seria de grande ajuda se quisesse.

“Olhe,” disse ele discretamente, levantando-se e pondo a mão no Profeta

Diário, que ela havia acabado de receber pelo correio coruja, para impedi-la

de abri-lo e sumir atrás dele. “Eu não esqueci sobre Slughorn, mas eu não

tenho idéia de como pegar aquela memória dele, e até eu conseguir uma lavagem

cerebral por que eu não deveria descobrir o que Malfoy está fazendo?”

“Eu já disse, você tem que persuadir Slughorn,”disse Hermione. “Isso não é

uma questão de pegá-lo ou enfeitiçá-lo, ou Dumbledore poderia ter feito isso

em um segundo. Ao invés de rondar a Sala Precisa” -Ela tirou o Profeta

Diário debaixo da mão de Harry e focou a primeira página-“você deveria ir,

encontrar Slughorn e começar a apelar à sua bondade natural.”

“Alguém conhecido ---?” perguntou Ron, quando Hermione olhou rapidamente as

manchetes.

“Sim!” disse Hermione, fazendo que tanto Harry quanto a Ron parassem o café

da manhã.”Mas está tudo bem, ele não está morto ---é Mundungus, ele foi

preso e mandado para Azkaban! Algo a ver com conjurar um Inferius durante uma

tentativa de assalto,e alguém chamado Octavius Pepper desapareceu. Oh, que

horrível, um garoto de nove anos foi preso por tentar matar seus avós, eles

acham que o garoto estava sob a maldição Imperius.”

Eles terminaram seu café da manhã em silêncio. Hermione foi imediatamente

para a aula de Runas antigas; Ron para o salão comunal, onde ele ainda tinha

que acabar sua dissertação sobre dementadores para Snape, e Harry para o

corredor no sétimo andar na parede oposta a que estava a tapeçaria de

Barnabás, o Tolo ensinando trasgos a dançar balé.

Harry saiu de sua capa de invisibilidade uma vez que ele encontrou uma

passagem vazia, mas ele não podia ser interrompido. Quando ele alcançou seu

destino ele encontrou o lugar vazio. Harry não estava certo se suas chances

de entrar na sala eram melhores com Malfoy dentro ou fora dela, mas pelo

menos sua primeira tentativa não seria complicada pela presença de Crabbe ou

Goyle fingindo ser uma garota de onze anos.

Ele fechou os olhos e se aproximou de onde a porta da Sala precisa estava

escondida. Ele sabia o que tinha que fazer; ele aprimorou-se nisso no ano

anterior. Concentrando-se com toda sua força ele pensou, “Eu preciso ver o

que Malfoy está fazendo aqui... preciso ver o que Malfoy está fazendo

aqui... preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui...”

Três vezes ele passou pela porta; depois, seu coração batendo com excitação,

ele abriu os olhos e olhou mas ele ainda estava olhando para uma parede

vazia. Ele deu um passo a frente e experimentou empurrar. A rocha

permaneceu sólida e imóvel.

“Tudo bem” disse Harry alto.”Tudo bem... eu pensei na coisa errada...” ele

refletiu por um momento depois parou de novo,olhos fechados,concentrando-se

o mais forte que podia.”Eu preciso ver o lugar que Malfoy freqüenta

secretamente... Eu preciso ver o lugar que Malfoy freqüenta secretamente...

Eu preciso ver o lugar que Malfoy freqüenta secretamente...” Depois de andar

em frente a porta por três vezes, ele abriu os olhos.

Não havia porta.

“Oh, vamos lá” ele disse à parede irritadamente.”Aquilo era um pedido

claro.Legal.” Ele pensou muito por vários minutos antes de tentar mais uma

vez. “ Eu preciso que você se torne o lugar que se tornou para Draco Malfoy...”

Ele não abriu os olhos imediatamente quando acabou sua patrulha; ele estava

prestando atenção, como se ele fosse ouvir a porta aparecer. Ele não ouviu

nada,no entanto, exceto o distante piar dos pássaros do lado de fora. Ele

abriu os olhos;

Ainda não havia nenhuma porta.

Harry jurava. Alguém gritou. Ele olhou ao redor para ver um grupo de

alunos do

primeiro ano correndo de costas pra parede, dando a impressão de que eles haviam

encontrado um fantasma aparentemente desbocado.

Harry pensou de todo o jeito “Preciso ver o que Malfoy está fazendo ai dentro" que

ele pôde pensar durante uma hora inteira, no fim, ele foi obrigado a admitir que

Hermione estava certa: A sala simplesmente não quis se abrir para ele. Frustrado e

aborrecido, ele partiu para aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, tirando a Capa

de Invisibilidade e guardando junto a sua bolsa.

"Atrasado novamente, Potter", disse Snape friamente, quando Harry se apressou para

entrar na sala. "Dez pontos da Grifinória". Harry olhou feio para Snape e se

arremessou ao assento ao lado de Ron. Metade da classe ainda estava de pé, tirando

livros e organizando suas coisas; ele não poderia ter demorado muito mais que eles.

"Antes de nós começarmos, eu quero seus ensaios sobre dementadores" disse

Snape, agitando sua varinha, de forma que vinte e cinco rolos de pergaminho

planaram no ar e se empilharam sobre a mesa dele. "E eu espero que eles estejam

melhores do que o ensaio que eu pedi sobre a Maldição Imperius. Agora, se vocês

abrirem seus livros na pagina-o que foi, Sr Finnigan?"

"Senhor" disse o Simas "eu gostaria de saber, qual é a diferença entre um Inferius e

um fantasma? Porque havia algo no jornal sobre um Inferius-"

"Não, não havia" disse Snape numa voz entediada.

"Mas senhor, eu ouvi as pessoas falarem que-”

"Se você tivesse lido o artigo em questão, Sr Finnigan, você saberia que o Inferius

nada mais era que um ladrão covarde e fedorento que atende pelo nome de

Mundungus Fletcher”.

"Eu pensei que Snape e Mundungus estavam do mesmo lado" murmurou Harry para

Ron e Hermione. " ele não deve ter ficado chateado por o mesmo ter sido apanhado -"

"Mas Potter parece ter muito que dizer sobre o assunto”, disse Snape, apontando de

repente ao fundo da sala, os olhos pretos dele fixos em Harry. "Nos deixe perguntar

Potter, como nós saberíamos a diferença entre um Inferius e um Fantasma”.

A classe inteira virou-se para Harry que apressadamente que tentava se lembrar do

que Dumbledore lhe falou na noite em que foram visitar Slughorn. "Er- bem-fantasmas

são transparentes-" ele disse.

"Muito bom", disse Snape torcendo seu lábio. "É, é notável que seis anos de

educação mágica não foram desperdiçados em você, Potter. 'Fantasmas são

transparentes’”.

Pansy Parkinson soltara uma risadinha aguda. Vários outros também sorriam de

satisfação. Harry respirou fundo e calmamente continuou, entretanto seu interior

estava fervendo, "Sim, fantasmas são transparentes, mas Inferius são corpos mortos,

não são? Então eles são sólidos-”

"Uma pessoa de cinco anos poderia ter nos contado o mesmo" zombou Snape. "O

Inferius é um cadáver que foi reanimado por feitiço de um Bruxo das Trevas. Não está

vivo, é meramente usado como um fantoche pelo bruxo. Um fantasma, como acredito

que vocês agora saibam, é a impressão de uma alma passada na terra, e claro, como

Potter tão sabiamente nos falou, transparente”.

"Bem, o que Harry disse é mais útil se encontrarmos com um!" Disse Ron. "Quando

nós encontrarmos com um cara a cara veremos se ele é sólido, não é, não iremos

perguntar 'com licença, você é a impressão de uma alma passada?'" Houve um

acesso de risadas por toda sala, que foi interrompido pelo olhar lançado por Snape.

"Outros dez pontos da Grifinória” disse Snape. "Eu não esperaria nada mais

sofisticado de você, Ronald Weasley, tão sólido que não consegue aparatar meia

polegada através do aro".

"Não!" Hermione sussurrou agarrando Harry pelo braço quando ele abriu a boca dele

furiosamente. “ Mais um pouco e você irá cumprir detenção outra vez, deixe.”

"Agora abram seus livros na página duzentos e treze”, disse Snape, com um pequeno

sorriso de satisfação, “e leiam os dois primeiros parágrafos da Maldição Cruciatus”.

Ron era muito requisitado na classe. Quando o sino soou ao término da aula, Lilá

alcançou Ron e Harry (Hermione misteriosamente sumiu como se tivesse aparatado) .

Ela tentou desviar o assunto de Snape, que abusou calorosamente, zombando da

aparatação de Ron, mas isso pareceu irritar Ron, e ele livrou-se dela fazendo um

desvio pelo banheiro dos meninos junto a Harry.

“Snape esta certo, não está?” Disse Ron, depois de fitar um espelho rachado por um

minuto ou dois. "Eu não sei se deveria fazer o teste. Eu posso cair tentando aparatar”.

"Você pode fazer as sessões extras em Hogsmeade e ver por onde eles começam”,

disse Harry razoavelmente. "Será mais interessante que tentar em um arco estúpido

de qualquer maneira. Então, se você ainda não for sabe, tão bom quanto você

gostaria de ser, você pode adiar o teste, faça comigo durante o verão - Murta, este é o

banheiro dos meninos!”

O fantasma de uma menina saiu de um boxe atrás deles e agora flutuava pelo ar,

encarando-os pelos óculos grossos, brancos e redondos. "Oh", ela disse

abatida. "São

vocês dois."

"Quem você estava esperando?" Disse Ron, olhando para ela no espelho.

"Ninguém", disse Murta, selecionando tristemente uma mancha em seu queixo. "Ele

disse que voltaria pra me ver, entretanto você disse que apareceria e me visitaria

também" - e lançou um olhar de reprovação a Harry - "e eu não o vi por meses e

meses. Eu aprendi a não esperar muito dos meninos."

"Eu pensei que você vivia no banheiro das meninas?" Disse Harry que tinha tido

cuidado de dar um espaço entre o box durante alguns anos.

"Eu vivo" ela disse mal-humorada encolhendo os ombros, "mas isso não quer dizer

que eu não visito outros lugares. Eu vim e o vi uma vez em seu banho, lembra-se?"

"Nitidamente", disse Harry.

"Mas eu pensei que ele gostasse de mim" disse ela queixosamente. "Talvez se vocês

dois deixassem, ele voltaria novamente. Nós tivemos muito em comum. Eu acho que

ele também percebeu isso."

E ela olhou esperançosamente para a porta. "Quando você diz que vocês têm muito

em comum", disse Ron, soando bastante engraçado agora, "Significa que ele também

vive curvado?".

"Não", disse Murta desafiante, a voz dela ecoava ruidosamente ao redor do ladrilho

do velho banheiro. "Eu quero dizer ele é sensível, as pessoas o intimidam também,

ele sente só e tem não tem ninguém para conversar, e ele não tem medo de mostrar

seus sentimentos e chorar!”.

“Havia um menino chorando aqui?" Disse Harry curiosamente. "Um garoto jovem?”

"Você não notaria!" Disse Murta, seus pequenos olhos fixaram em Ron que estava

sorrindo. "Eu prometi que não contaria para ninguém, e levarei o segredo dele para o"

"-não ao tumulo, certamente?” Disse Ron com um bufo. "Os esgotos, talvez". Murta

deu um uivo de raiva e mergulhou de costas no banheiro, fazendo a água espirrar por

todos os lados e sobre o chão. Provocar Murta parecia ter dado um coração fresco em

Ron. "Você tem razão”, ele disse balançando a maleta escolar sobre seu ombro, "eu

farei as sessões de prática em Hogsmeade antes que eu decida se irei fazer a prova”.

E assim no fim de semana seguinte, Ron uniu-se a Hermione e o resto dos sextanista

que completariam dezessete a tempo para fazer a prova em quinze dias. Harry sentiuse com ciúmes ao ver todos prontos para ir ao vilarejo; ele sentiu falta das viagens

para lá, e era um dia de primavera particularmente bom, um dos primeiros que o céu

estava claro como eles não viam há muito tempo. Porém, ele tinha

decidido que era

hora de tentar outro assalto a Sala Precisa.

Você faria melhor, “ disse Hermione, quando ela confiou esta planta a Rony durante

sua entrada no saguão, "indo direto ao escritório de Slughorn e tentando tirar essa

memória dele."

"Eu tenho tentado!" disse Harry atravessado,o que era perfeitamente verdadeiro.

Tinha voltado após cada aula de poções durante a semana, em uma tentativa de falar

com Slughorn de canto, mas o mestre de poções virava sempre à esquerda em

direção às masmorras tão rapidamente que Harry não tinha conseguido pegar.

Por duas vezes, Harry tinha ido a seu escritório e batido a porta, mas não recebeu

nenhuma resposta.Porém, na segunda ocasião teve certeza que havia ouvido os sons

rapidamente sufocados de um gramofone velho.

"Ele não quer falar comigo, Hermione! Pode me dizer pra tentar começar outra vez

nos seus próprios, e não está deixando acontecer.”

"Bem, você tem apenas começado a manter-se nele,você não tem?" A fila curta das

pessoas que esperavam passar por Filch, que fazia seu ato usual com o sensor de

segredos, estando mais a frente um pouco depois, Harry não

respondeu caso fosse

ouvido pelo zelador. Desejou boa sorte a Rony e Hermione, e então virou e subiu a

escadaria de mármore, determinado, novamente, mesmo com qualquer coisa que

Hermione disse-se, a dedicar uma hora ou duas para a Sala Precisa.

Uma vez longe da vista do corredor de entrada, Harry puxou o Mapa do Maroto e a

Capa da Invisibilidade de sua mochila. Tendo se escondido, ele bateu no mapa, e

murmurou," Juro solenemente não fazer nada de bom," cuidadosamente.

Como era domingo pela manhã, quase todos os estudantes estavam dentro das

várias salas comunais; da Grifinória em uma torre, os da Corvinal em outra, os

Sonserinos nos calabouços, e o da Lufa-Lufa no porão perto da cozinha. Aqui e lá

uma pessoa perdida vagava ao redor da biblioteca ou num corredor de cima. Tinham

poucas pessoas nos andares, e lá, sozinho no corredor do sétimo andar, estava

Gregori Goyle. Não havia nenhum sinal da “Sala Precisa”, mas Harry não estava

preocupado com isso; se Goyle estava de guarda do lado de fora, o quarto estava

aberto, o mapa mostrando isso ou não. Ele correu então para cima, subindo os

degraus, só reduzindo a velocidade quando alcançou um canto no corredor, quando

ele começou a rastejar, muito lentamente, em direção a uma menininha que

segurava suas tão pesadas balanças de latão, aquela que hermione tinha ajudado

há uns 15 dias antes tão amavelmente. Ele esperou até chegar atrás dela antes de se

abaixar e muito baixo sussurrar :

" Olá...você é muito linda, não é? "

Goyle deu um grito alto, morrendo de medo, jogou para cima as balanças no ar, e

correu pra fora, enquanto desaparecia da visão de Harry antes do som das balanças

que caíram no chão ecoar ao redor. Rindo, Harry virou-se para contemplar a parede

em branco atrás da qual, ele estava seguro, Draco Malfoy estava gelado agora e de

pé, informado que alguém mal vindo está lá fora, mas não ousou fazer um

aparecimento. Deu para Harry um sentimento mais agradável de poder, então ele

tentou se lembrar que forma de palavras já havia usado e começou a fazer as que ele

ainda não havia experimentado.

Mas esta disposição esperançosa não durou muito tempo. Meia hora depois, ele

havia tentado muitas variações de pedido para ver Malfoy, e a parede continuava

da mesma maneira. Harry sentiu-se inacreditavelmente frustrado.

Malfoy poderia estar só há alguns passos longe dele, e ainda não havia um pequeno

indício sobre o que ele estava fazendo lá. Perdendo a paciência completamente,

Harry correu à parede e a chutou .

"AI!"

Ele pensou que poderia ter quebrado o dedo do pé; como ele apertou e pulou em um

pé, a cada da Invisibilidade deslizou sobre ele.

"Harry?"

Ele girou ao redor, viu um par de pernas, e tombou de lado. Lá, para sua surpresa

absoluta, era Tonks, caminhando para ele como se, freqüentemente passa-se neste

corredor.

"O que você está fazendo aqui?" ele disse, subindo novamente e rastejando com

seus pés; por que ela sempre acha escondido no chão?

"Eu vim ver Dumbledore," disse Tonks. Harry pensou que ela parecia terrível: mais

magra que habitual, o cabelo rato-colorido dela ralo e sem vida.

O escritório dele não é a aqui," disse Harry," é redondo e fica do outro lado do

castelo, atrás da gárgula-"

"Eu sei," disse Tonks. "Ele não está lá. Aparentemente, teve de ir

embora

novamente."

"Ele teve?” disse Harry, enquanto recolocava o pé contundido no chão. "Ei-você não

sabe aonde ele vai, eu suponho?"

"Não," disse Tonks.

"O que você quer, para vim vê-lo aqui?"

"Nada em particular," disse Tonks, enquanto escolhia, aparentemente dissimulada a

cor da manga de seu roupão. "Eu há pouco pensei que ele poderia saber na onde vai.

Eu ouvi rumores… as pessoas ficando loucas."

"Sim, eu sei, tudo está nos jornais," disse Harry. "Isso lhe lembrou, aquela criança

está tentando matar seu... -"

"O Profeta às vezes está atrás disso," disse Tonks que não parecia estar escutando.

"Você não recebeu nenhuma carta recentemente de qualquer membro da Ordem ?”

"Ninguém da Ordem escreve mais para mim," disse Harry," não desde Sirius-“Ele viu

que os olhos dela tinham enchido de lágrimas.”

"Eu sinto muito," ele murmurou desajeitadamente. "Eu quero dizer... Eu sinto falta

dele, foi minha culpa".

"O que?" Disse Tonks inexpressivamente, como se ela não o tivesse ouvido. "Bem. Eu

o verei por ai, Harry."

Ela se virou abruptamente e caminhou de volta para o corredor de baixo, deixando

Harry sair depois dela. Depois de um minuto ou assim pareceu, ele puxou a capa de

Invisibilidade novamente e retomou seus esforços em conseguir entrar na Sala

Precisa, mas o coração dele não estava nisto. Finalmente, o vazio que sentia no

estômago e o conhecimento de que Ron e Hermione iriam logo voltar para o almoço

o fizeram abandonar a tentativa e deixar o corredor para Malfoy que,

esperançosamente, teria demasiado medo de deixar durante algumas horas para que

ninguém o visse.

Ele achou Ron e Hermione no Salão Principal, já a meio caminho para o almoço.

"Eu fiz isto-bem, quase!" Ron falou entusiasmado para Harry quando ele olhou para

ele. "Eu deveria aparatar do lado de fora da loja de Chá da Madame Puddifoots e eu

excedi isto um pouco, terminei perto de Scrivenshafts, mas pelo menos eu me movi!"

"Bom", disse Harry. "Como você foi, Hermione?"

"Oh, ela estava perfeita, obviamente," disse Ron antes de Hermione pudesse

responder. “Deliberação perfeita, Destino e Determinação ou qualquer outro inferno

que seja -todos nós entramos para uma bebida rápida nos Três Vassouras depois e

você deveria ter ouvido o que Twycross falou sobre ela-eu ficarei surpreso se ele não

estourar a perguntar logo-"

"E você?" Hermione perguntou, ignorando o Ron. "Você esteve na Sala Precisa todo

esse tempo?"

"Sim," disse Harry. "E imagina com quem eu esbarrei lá em cima? Tonks!"

"Tonks?" Ron e Hermione repetiram juntos, parecendo surpresos.

"Sim, ela disse que vinha visitar Dumbledore."

"Se você me perguntasse," disse Ron uma vez que Harry tinha terminado de contar

a conversa dele com Tonks," ela está um pouco depressiva. Ela perdeu o controle

depois do que aconteceu ao Ministério."

"É um pouco estranho," disse Hermione que por alguma razão parecia muito

preocupada. “Ela está vigiando a escola, por que ela abandonaria seu posto de

repente para vir ver Dumbledore quando ele nem está mesmo aqui?"

"Eu tive um pensamento," disse distraidamente Harry. Ele se sentia estranho sobre

expressar isto; este era um território dominado muito mais por Hermione do que por

ele. "Você não pensa que ela pode ter sido... você sabe... apaixonada por Sirius?"

Hermione o encarou. "O que no mundo o faz dizer isso?"

"Eu não sei" disse Harry, enquanto encolhia os ombros," mas ela quase estava

chorando quando eu mencionei o nome dele, e o Patrono dela é agora uma coisa

quadrúpede e grande. Eu desejei saber se não tinha se tornado... você sabe... ele."

"É um pensamento," disse Hermione lentamente. "Mas eu ainda não sei por que ela

estaria dentro do castelo para ver Dumbledore, supondo que esse seja o real motivo

dela estar aqui."

"Volta para o que eu disse, não é?" disse Ron que estava colocando mais purê de

batata em sua boca . "Ela apaixonada é pouco engraçada. Perdendo o controle...

Mulheres," e disse sabiamente a Harry," elas ficam facilmente chateados."

"E ainda," disse Hermione, enquanto saia do seu devaneio," eu duvido que você

encontraria uma mulher que fica de mau humor por meia hora, só porque a Madame

Rosmerta não riu da piada dela sobre o Bruxo Curandeiro, e a Mimbulus

mimbletonia."

Ron a olhou ferozmente.

CHAPTER TWENTY-TWO



AFTER THE BURIAL

Capítulo 22: Depois do Enterro

Pedaços de céu azul luminoso estavam começando a aparecer por cima das

torres de castelo, mas estes sinais de chegada do verão não melhoraram o humor de

Harry. Ele estava fracassado, em ambas as tentativas: a de descobrir o que Malfoy

estava fazendo e nos esforços para começar uma conversa com Slughorn que

poderia conduzir, de alguma maneira, para a memória que Slughorn tinha escondido,

aparentemente, durante décadas.

" Esqueça Malfoy por um tempo", Hermione falou firme para Harry.

Eles estavam sentados com Ron num canto ensolarado do pátio depois

do

almoço. Hermione e Ron estavam folheando um folheto Ministério da Magia -

Enganos Comuns de Aparatação e Como os Evitar - porque eles estariam fazendo as

provas nesta mesma tarde, mas no geral os folhetos não estavam acalmando aos

nervos deles.

Ron começou a tentar se esconder atrás de Hermione quando uma garota veio

em direção a eles.

"Não é a Lilá", disse Hermione penosamente.

"Ah, bom", disse Ron, relaxando.

"Harry Potter? " disse a garota. "Me pediram para lhe entregar isto."

"Obrigado... "

O coração de Harry afundou quando ele pegou o rolo pequeno de pergaminho.

Uma vez que a garota estava fora do alcance de sua voz, ele disse, "Dumbledore

disse que nós não teríamos mais nenhuma lição até que eu conseguisse a lembrança!

"

"Talvez ele queira verificar como você está fazendo?" Hermione sugeriu,

quando Harry mostrou o pergaminho; mas em vez de encontrar a letra longa, inclinada

e fina de Dumbledore, ele viu uma letra desalinhada, muito difícil de ler devido à

presença de grandes manchas no pergaminho onde a tinta tinha

escorrido.

"Queridos Harry, Ron e Hermione!

Aragogue morreu ontem à noite. Harry e Ron, vocês o conheceram e sabem

como ele era especial.

Hermione, eu sei que você teria gostado dele.

Significaria muito para mim se vocês dessem um pulo aqui hoje à noite para o

enterro.

Eu estou planejando fazer isto ao crepúsculo que era o horário favorito dele do

dia.

Eu sei que não é permitido a vocês saírem a noite, mas vocês podem usar a

capa.

Eu não pediria, mas não posso enfrentar isto sozinho.

Hagrid "

"Olhe para isto", disse Harry, dando a nota para Hermione. "Oh, Deus", ela

disse, lendo depressa e passando para Ron que lia ficando cada vez mais incrédulo.

"Ele é louco" ele falou furioso. "Aquela coisa disse para seus filhos comerem o Harry e

eu! Disse para se servirem! E, agora, Hagrid espera que a gente desça lá e chore em

cima de seu corpo cabeludo horrível! "

"Não é só isso", disse Hermione. "Ele está nos pedindo para deixar o castelo à

noite e ele sabe que a segurança está milhões de vezes mais apertada, e em quanta

dificuldade nós estaríamos se fôssemos pegos."

"Nós iremos descer para vê-lo antes de anoitecer", disse Harry.

"Sim, mas para quê? " disse Hermione. "Nós nos arriscamos muito para ajudar

Hagrid, mas afinal de contas - Aragogue está morto. Se fosse uma questão de salválo - "

"-Eu nem ao menos queria ir," disse Ron firmemente. "Você não o conheceu,

Hermione. Acredite-me, estando morto estaremos muito melhor."

Harry pegou o pergaminho de volta e viu, por toda parte, manchas grandes que

borraram a tinta. Claramente, lágrimas tinham caído grossas e rápidas no

pergaminho. . . .

"Harry, você não pode estar pensando em ir", disse Hermione. "É uma coisa

insensata para se ganhar uma detenção."

Harry suspirou. "Sim, eu sei", ele disse. "Eu suponho que Hagrid terá que

enterrar Aragogue sem nós."

"Sim, ele vai", disse Hermione, olhando-o aliviada. "Olhe, a aula de poções

estará quase vazia esta tarde, conosco fazendo nossos testes... Tente e amoleça

Slughorn mais um pouco! "

"Cinqüenta e sete vezes mais sorte, você acha? " disse Harry amargamente.

"Sorte", disse Ron de repente. "Harry, é isto - fique mais sortudo! "

"Que significa isso? "

"Use sua poção afortunada! "

"Ron o que é - é isto! " disse Hermione, soando atordoada. "Claro! Por que eu

não pensei nisto? "

Harry os encarou. "Felix Felicis? " ele disse. "Eu não... Eu queria guardá-la. ... "

"Para que? " Ron perguntou incrédulo.

"O que no mundo é mais importante que esta memória, Harry? " Hermione

perguntou.

Harry não respondeu. O pensamento daquela pequena garrafa dourada tinha

pairado nas margens de sua imaginação durante algum tempo; planos vagos e

indefinidos de Gina terminando com Dino e Ron de algum modo contente de a ver

com um namorado novo, tinha estado adormecido nas profundezas do cérebro dele,

desconhecido exceto durante os sonhos ou no tempo entre o dormir e o despertar. . . .

"Harry? Você está nós ouvindo? " Hermione perguntou.

"Que -? Sim, claro", ele disse, se concentrando. "Bem... está certo. Se eu não

puder conseguir que Slughorn fale esta tarde, eu usarei um pouco da Felix e voltarei

hoje à noite."

"Está decidido, então", disse Hermione vivamente, ficando em pé e

executando

uma pirueta graciosa. "Destino... determinação... deliberação... " ela murmurou.

"Oh, pare", Ron implorou, "eu fico bastante mal com - rápido, me esconda! "

"Não é a Lilá! " disse Hermione impaciente, quando outras garotas apareceram

no pátio e Ron mergulhou atrás dela.

"Legal", disse Ron, investigando por cima de Hermione para conferir. "Elas não

parecem felizes, parecem? "

"Elas são as irmãs Montgomery e claro que elas não parecem felizes, você não

ouviu o que aconteceu ao irmãozinho delas? " disse Hermione.

"Eu estou perdendo tudo o que está acontecendo aos parentes dos outros,

para ser honesto", disse Ron.

"Bem, o irmão delas foi atacado por um lobisomem. Há um boato que a mãe

deles se recusou a ajudar os Comensais da Morte. De qualquer maneira, o menino só

tinha cinco anos e morreu no St. Mungus, eles não o puderam salvar."

"Ele morreu?" Harry repetiu, chocado. "Mas, seguramente, lobisomens não

matam, eles não só o transformam em um deles? "

"Eles às vezes matam", disse Ron com olhar extraordinariamente grave agora.

"Eu ouvi falar que isso acontece quando o lobisomem foge."

"Qual o nome do lobisomem? " disse Harry depressa.

"Bem, o boato é que era Fenrir Greyback", disse Hermione.

"Eu conheço ele - um maníaco que gosta de atacar crianças, Lupin me falou

sobre ele! " Harry disse furioso.

Hermione olhou para ele desolada.

"Harry, você tem que conseguir aquela lembrança", ela disse. "Isso é tudo para

parar Voldemort, não é? Estas coisas terríveis que estão acontecendo são culpa dele .

. . "

O sino tocou no castelo e Hermione e Ron se sobressaltaram, parecendo

apavorados.

"Vocês se sairão bem", Harry lhes disse, quando eles foram em direção a porta

de entrada para se juntar ao restante das pessoas que fariam a Prova de Aparatação.

"Boa sorte".

"Você também!" disse Hermione com um olhar significativo, quando Harry foi

para os calabouços.

Havia só três deles em Poções naquela tarde: Harry, Ernie e Draco Malfoy.

"Muito jovens para Aparatar? disse Slughorh obviamente, "não têm dezessete

ainda? "

Eles negaram com a cabeça.

"Ah, bem", disse Slughorn animado, "como nós somos tão poucos, nós

faremos algo divertido. Eu quero que vocês todos preparem-me uma poção para

diversão! "

"Isso soa bem, senhor", disse Ernie, esfregando as mãos. Por outro lado,

Malfoy não abriu um sorriso.

"O que você quer dizer com, 'para diversão'? " ele disse irritado. "Oh,

surpreenda-me, disse Slughorn levianamente."

Malfoy abriu a cópia dele de Poções Avançadas com uma expressão mal

humorada. Não poderia estar mais claro que ele pensava que esta lição era um

desperdício de tempo. Indubitavelmente, Harry pensou, olhando para ele por cima do

próprio livro, Malfoy estava com raiva pelo tempo que ele poderia estar passando na

Sala Precisa.

Era imaginação dele, ou tanto Malfoy quanto Tonks, pareciam mais magros!

Certamente, ele parecia mais pálido; a pele dele ainda estava naquela cor

acinzentada, provavelmente porque ele tão raramente via luz do dia estes tempos.

Mas não havia nenhum ar de presunção, excitação ou superioridade; de quando ele

estava se vangloriando no Expresso de Hogwarts, quando ele tinha ostentado

abertamente da missão que tinha sido determinado por Voldemort... Poderia haver só

uma conclusão, na opinião de Harry: a missão, ao que tudo indicava,

ia mal.

Alegre por este pensamento, Harry folheou a cópia dele de Poções Avançadas

e achou a versão do Príncipe Mestiço bastante corrigida de "Um Elixir para Induzir

Euforia" que não só parecia conhecer as instruções de Slughorn, mas que pode (o

coração de Harry saltou ante este pensamento) colocar Slughorn com tanto bom

humor que ele estaria preparado para entregar aquela memória se Harry o pudesse

persuadir provar um pouco. . . .

"Bem, ora, isto parece absolutamente maravilhoso", disse Slughorn uma hora e

meia depois, aplaudindo quando ele olhou, sob o sol, o conteúdo amarelo do caldeirão

de Harry. "Euforia, eu creio? E o que é que eu cheiro? Mmmm. . . você adicionou um

galho de hortelã, não foi? Pouco ortodoxo, mas isso é um golpe de inspiração, Harry,

claro que isso tenderia a contrabalançar os efeitos colaterais ocasionais de cantoria e

nariz formigando... Eu realmente não sei onde você adquire estas inspirações, meu

menino... A menos que - "

Harry empurrou o livro do Príncipe Mestiço mais para o fundo da bolsa dele

com o pé.

"-que sejam os genes de sua mãe que há em você! "

"Oh. . . sim, talvez", disse Harry, aliviado.

Ernie parecia bastante amuado; determinado a exceder em brilho Harry pelo

menos uma vez, ele inventou a maior parte da própria poção e ela tinha coalhado e

formado um tipo de bolinho de massa roxo ao fundo do caldeirão dele. Malfoy já

estava recolhendo seu material, azedo; Slughorn tinha dito que a Poção de Soluço

dele era meramente "passável."

O sino tocou e Ernie e Malfoy partiram imediatamente. "Senhor", Harry

começou, mas Slughorn olhou imediatamente por cima do ombro dele; quando ele viu

que a sala estava vazia somente com ele e Harry, saiu com pressa, tão rápido quanto

ele pôde.

"Professor - Professor, você não quer experimentar minha po -? " Harry

chamou desesperado.

Mas Slughorn tinha ido. Desapontado Harry esvaziou o caldeirão, juntou as

coisas dele, deixou o calabouço e caminhou lentamente para escada em direção à

sala comunal.

Ron e Hermione voltaram no fim da tarde.

"Harry! " gritou Hermione quando ela entrou pelo buraco do retrato. "Harry, eu

passei! "

"Ótimo! " ele disse. "E Ron? "

"Ele - ele falhou", Hermione sussurrou, quando Ron veio encurvado

pelo quarto

parecendo muito sombrio. "Realmente uma falta de sorte, uma coisa minúscula, o

examinador notou que ele tinha deixado para trás meia sobrancelha... Como foi com

Slughorn? "

"Nenhuma novidade", disse Harry, quando Ron se uniu a eles. "Falta de sorte,

companheiro, mas você passará da próxima vez - nós podemos fazer isto juntos."

"Sim, eu acho", disse Ron amuado. "Mas meia sobrancelha - como se fosse

importante! "

"Eu sei", disse Hermione ternamente, "parece realmente severo. ... "

Eles gastaram a maior parte do jantar deles xingando o examinador de

Aparatação completamente, e Ron parecia parcialmente mais alegre quando eles

voltaram para a sala comunal, agora, continuando a discutir sobre o problema de

Slughorn e a memória.

"Então, Harry - você vai usar o Felix Felicis ou o quê? " Ron exigiu.

"Sim, eu acho que será melhor", disse Harry. "Eu não acho que precisarei de

tudo, não vinte e quatro horas de sorte, não devo gastar a noite toda... eu levarei só

um pouco. Duas ou três horas devem dar para fazer isto."

"Será uma grande responsabilidade quando você tomar", disse Ron. "Você não

fará nada errado"

“Sobre o que você está falando? " disse Hermione, rindo. "Você nunca tomou! "

"Sim, mas eu pensei que tomei, não é? " disse Ron, pensando o óbvio. "

Realmente, tem alguma diferença... "

Como eles só veriam Slughorn no Salão Principal e soubessem que ele

gostava de se demorar nas refeições, eles ficaram durante algum tempo na sala

comunal, planejando como Harry deveria ir mais uma vez ao escritório de Slughorn e

quanto tempo o professor levaria para voltar para lá. Quando o sol tinha descido ao

nível das copas de árvore da Floresta Proibida, eles decidiram que era o momento, e

depois de verificarem cuidadosamente se Neville, Dino e Simas eram os únicos na

sala comunal, se moveram furtivamente até o dormitório dos meninos.

Harry retirou o par de meias do fundo do malão dele e extraiu a minúscula e

cintilante garrafa.

"Bem, aqui está", disse Harry e ele elevou a pequena garrafa e deu um trago

cuidadosamente medido.

“Como é que se sente? " Hermione sussurrando.

Harry não respondeu por um momento. Então, lenta, mas seguramente, um

senso engraçado de oportunidade infinita tomou conta ele; ele se sentia como se ele

pudesse fazer qualquer coisa, qualquer coisa... e obter a memória de Slughorn

repentinamente não só pareciam possíveis, mas positivamente fácil...

Ele se ergueu, sorrindo, completamente cheio de confiança.

"Excelente", ele disse. "Realmente, excelente. Certo... Eu estou indo ao Hagrid.

"

"O que? " disseram Ron e Hermione juntos, parecendo espantados.

"Não, Harry - você tem que ir e ver Slughorn, se lembra?" disse Hermione.

"Não", disse Harry confiante. "Eu vou ao Hagrid, eu tenho um bom

pressentimento sobre ir ver Hagrid. "

"Você tem um sentimento bom sobre enterrar uma aranha gigantesca? " Ron

perguntou, parecendo atordoado.

"Sim", disse Harry, arrancando a Capa da Invisibilidade da bolsa dele. "Eu sinto

como se fosse o lugar certo para ir hoje à noite, você sabe o que eu quero dizer? "

"Não", disseram Ron e Hermione juntos, ambos olhando claramente alarmados

agora.

"Isto é Felix Felicis, certo? " disse Hermione ansiosa, levando a garrafa à luz.

"Você não utilizou outra pequena garrafa cheio de - eu não sei - "

"Essência de Loucura? " Ron sugeriu, quando Harry balançou a capa por cima

de seus ombros.

Harry riu e Ron e Hermione o olharam ainda mais alarmados.

"Confiem em mim", ele disse. "Eu sei o que eu estou fazendo... ou pelo

menos"

ele foi confiantemente para porta – “a Felix sabe."

Ele puxou a capa da invisibilidade por cima da cabeça e desceu os degraus,

Ron e Hermione se apressaram juntos atrás dele. Aos pés da escada, Harry deslizou

pela porta aberta.

"O que você estava fazendo lá em cima com ela!" Lilá Brown gritou, olhando

diretamente por Harry, para Ron e Hermione que saíam juntos dos dormitórios dos

meninos. Harry ouviu Ron balbuciando atrás dele antes de sair pela sala para longe

deles.

Sair pelo buraco de retrato era simples; quando ele foi fazer isso, Gina e Dino

passaram por ele e Harry pôde deslizar entre eles. Quando fez ele isso, esbarrou em

Gina acidentalmente.

"Por favor, não me empurre, Dino", ela disse, soando aborrecida. ; "Você

sempre está fazendo isso, eu posso perfeitamente seguir bem por conta própria... "

O retrato fechou atrás de Harry, mas não antes dele ter ouvido Dino fazer uma

réplica brava... . O sentimento dele de exaltação aumentou, Harry saiu andando pelo

castelo. Ele não teve que rastejar porque ele não encontrou ninguém pelo caminho,

mas isto não o pegou de surpresa nem de leve. Hoje à noite, ele era a

pessoa mais

afortunada a Hogwarts.

Por que ele sabia que ir à casa de Hagrid era a coisa certa a fazer, ele não

tinha nenhuma idéia. Era como se a poção iluminasse alguns passos do caminho de

cada vez. Ele não podia ver o destino final, ele não podia ver onde Slughorn entrava,

mas ele sabia que ele estava no caminho certo para conseguir aquela memória.

Quando ele chegou ao corredor de entrada ele viu que Filch tinha esquecido de fechar

a porta da frente. Radiante, Harry saiu para espaço aberto e inspirou o cheiro de ar

limpo e grama por um momento antes descer em direção ao crepúsculo.

Quando ele alcançou o fundo do vale, lhe ocorreu quão agradável seria entrar

naquela vegetação na ida dele a casa de Hagrid. Não estava no caminho

estritamente, mas parecia claro a Harry que este era um capricho com o qual ele

deveria agir, assim ele redirecionou os pés dele imediatamente para a vegetação

onde ele ficou contente, mas não completamente surpreso, em achar o Professor

Slughorn em conversação com a Professora Sprout. Harry espreitou por trás de uma

parede de pedra, sentindo-se em paz com o mundo e escutando a conversa deles.

"Eu lhe agradeço por ter tomado seu tempo, Pomona", Slughorn estava

dizendo cortesmente, “a maioria das autoridades concorda que eles são mais eficazes

se colhidos ao crepúsculo."

"Oh, eu concordo totalmente,” disse a Professora Sprout calorosamente. "Isto é

o bastante para você? "

"Bastante, bastante", disse Slughorn que, Harry viu, estava levando uma

braçada de plantas copadas. "Isto deveria dar algumas folhas para cada de meus

terceiranista, e algumas para guardar se qualquer pessoa precisar. Bem, boa noite

para você e muito obrigado novamente! "

A professora Sprout se dirigiu na escuridão em direção às estufas e Slughorn

dirigiu os passos ao lugar onde Harry estava de pé, invisível.

Tomado por um desejo súbito de se revelar, Harry saiu debaixo da capa com

um floreio.

"Boa noite, Professor".

Pela barba de Merlin", Harry, você me assustou", disse Slughorn, parando e

parecendo cauteloso. "Como você saiu do castelo? "

"Eu acho que Filch deve ter esquecido de fechar as portas", disse Harry

alegremente e encantado ao ver carranca de Slughorn.

"Eu irei informar sobre aquele homem, ele se preocupa mais com lixo que com

própria segurança se você me perguntar... Mas por que você está aqui fora então,

Harry? "

"Bem, senhor, é Hagrid", disse Harry sabendo que a coisa certa para fazer

agora, era mesmo falar a verdade. "Ele está bem chateado... Mas você não contará

para ninguém, Professor? Eu não quero dificuldades para ele. ... "

A curiosidade de Slughorn foi evidentemente despertada. "Bem, eu não posso

prometer", ele disse grosseiramente. "Mas eu sei que Dumbledore confia muito em

Hagrid, assim estou seguro que ele não pode estar com nada muito terrível...."

"Bem, era uma aranha gigantesca, ele tem há anos.... Morava na floresta.

Podia falar e tudo—"

"Eu ouvi rumores que havia acromântulas na floresta," disse Slughorn

suavemente, enquanto examinava a massa de árvores pretas. "É verdade, então"?.

"Sim", disse Harry. "Mas esta aqui, Aragogue, foi a primeira que Hagrid

adquiriu, que morreu ontem à noite. Ele está arrasado. Ele quer companhia para

enterrá-la e eu disse que iria."

"Tocante, tocante", disse Slughorn distraidamente, seus olhos grandes e

inclinados se fixaram nas luzes distantes da cabana de Hagrid. "Mas veneno de

acromântula é muito valioso... Se a besta só morreu ainda pode não ter secado

totalmente... Claro que, eu não iria querer fazer qualquer coisa

insensível se Hagrid

for ficar chateado... mas se houvesse um modo de obter algumas amostras... Eu

quero dizer, é quase impossível obter veneno de uma acromântula enquanto viva... ".

Slughorn parecia estar falando mais com ele do que com Harry. "... parece um

desperdício terrível não coletar isto... poderia adquirir uns mil Galeões... Para ser

honesto, meu salário não é grande..."

E agora, Harry viu o que devia ser feito claramente. "Bem", ele disse, com uma

hesitação mais convincente, "se você quisesse vir, Professor, Hagrid provavelmente

ficaria realmente agradecido... Dar a Aragogue um fim mais digno, você sabe..."

"Sim, claro", disse Slughorn, os olhos dele vislumbram com entusiasmo. "Eu

lhe falo, Harry, te encontrarei lá embaixo com uma garrafa ou duas... Nós encheremos

na pobre besta —sem saúde— e guardaremos, de qualquer maneira, no enterro. Vou

então mudar minha gravata, esta aqui, um modelo exuberante para a ocasião...".

Ele estava atarefado no castelo, enquanto Harry correu para a cabana Hagrid,

encontrá-lo.

"Vem, entra", coaxou Hagrid, quando abriu a porta e viu Harry emergir da Capa

de Invisibilidade.

"Sim — Ron e Hermione não puderam, entretanto", disse Harry. "Eles

realmente sentem muito".

"Não —não importa... estou comovido por você estar aqui, Harry...".

Hagrid deu um grande soluço. Ele tinha se feito uma braçadeira preta que mais

se parecia um trapo imenso de plástico de botas, e os olhos dele estavam vermelhos

e inchados. Harry bateu levemente consolando-o, no cotovelo, que era o ponto mais

alto de Hagrid que ele poderia alcançar facilmente.

"Onde nós o enterraremos?" ele perguntou. "Na floresta?"

"Melhor não," disse Hagrid, enquanto esfregava os olhos no remendo da

camisa dele. "As outras aranhas não me deixariam chegar próximo das teias agora

que Aragogue se foi. Voltei lá sem as ordens dela e elas ameaçaram comer! Pode

acreditar, Harry?"

A resposta honesta era" sim"; Harry recordou com facilidade a dolorosa cena

quando ele e Ron tinham visto face-a-face as acromântulas. Eles tinham tido certeza

que Aragogue era a única coisa que não deixava atacarem Hagrid.

"Nunca mais andarei pela floresta como antes!" disse Hagrid, enquanto

balançava a cabeça. "Isto não é fácil, tirar o corpo de Aragogue, eu posso imaginar—

eles normalmente comem seus mortos... Mas eu quis dar a ela um enterro

agradável... um fim digno...".

Ele rompeu em soluços novamente e Harry tornou a bater levemente no

cotovelo dele, enquanto dizia para não ficar assim (para a situação parecia a coisa

certa a fazer), "Professor Slughorn me viu vindo aqui, Hagrid".

"Você não está em apuros, está?" disse Hagrid observando alarmado. Você

não pode estar fora do castelo a essa hora', eu reconheço, é uma falta minha —".

"Não, não, quando ele ouviu o que eu estava fazendo, disse que gostaria de vir

e dar seus últimos cumprimentos também a Aragogue", disse Harry.

"Ele foi vestir algo melhor, eu acho… e disse que traria algumas garrafas assim

nós podemos beber em memória de Aragogue...".

"Sim?" disse Hagrid, enquanto olhava surpreendido. "certo! É muito agradável

da parte dele. Eu nunca tive muitas relações com Horace Slughorn antes... Vindo ver

a velha Aragogue, no entanto, é? Bem... se ele gostar, Aragogue também iria...".

Harry pensou reservadamente que o que Aragogue teria gostado de Slughorn,

era a ampla quantia de carne comestível nele, mas ele somente moveu-se à janela de

trás da cabana de Hagrid, onde teve a visão horrível da enorme aranha morta que

estava com a parte de trás exposta, suas pernas enroladas e enroscadas.

"Nós vamos enterrá-la aqui, Hagrid, em seu jardim"?

“Por trás das abóboras, pensei", disse Hagrid em uma voz sufocada. "Eu já

cavei —você sabe— a sepultura. Só quero dizer coisas agradáveis sobre isso —

recordações felizes, você sabe—"

A voz dele tremeu e falhou. Bateram na porta, e ele virou para atender,

enquanto assoava o nariz no grande lenço já manchado. Slughorn se apressou pelo

batente, com várias garrafas nos braços, usando um paletó preto sombrio.

"Hagrid", ele disse, em uma voz funda, séria. "estou muito sentido, ouvi falar de

sua perda."

"Obrigado", disse Hagrid. "Muito obrigado. E obrigado por não dar a Harry

nenhuma detenção...".

"Nem teria pensado isto", disse Slughorn. Noite triste, noite triste... Onde a

pobre criatura está?”.

"Aqui fora", disse Hagrid em uma voz trêmula. "Vamos começar, então?”.

Os três foram para o jardim da parte de trás da cabana. A lua estava brilhando

palidamente entre as árvores, e seus raios entrosavam-se com a luz claro da janela

de Hagrid, iluminando o corpo de Aragogue que jazia na extremidade de uma cova

volumosa, por volta de uns dez pés – e um monte alto terra frescamente cavada.

"Magnífico", disse Slughorn, enquanto aproximava-se da cabeça da aranha,

onde oito olhos sem vida encaravam o céu inexpressivamente e dois alicates

enormes, curvados, imóveis, brilhavam ao luar. Harry ouviu o tinido de garrafas

quando Slughorn se agachou próximo às pinças, examinando a enorme cabeça

cabeluda atentamente.

"Não há seres tão bonitos quanto estes', disse Hagrid para Slughorn, com

lágrimas escoando dos cantos dos olhos marejados. "Eu não sabia que você se

interessava por criaturas como Aragogue, Horace".

"Interessado? Meu querido Hagrid, eu os venero", disse Slughorn, enquanto

levantava. Harry viu o reflexo de uma garrafa desaparecer por baixo do capote de

Slug, entretanto Hagrid, esfregando os olhos mais uma vez, não notou nada. "Agora...

podemos iniciar o enterro?".

Hagrid acenou com a cabeça e avançou. Ele levantou a aranha gigantesca nos

braços e, com um grunhido enorme, colocou-a na cova escura. Ela bateu no fundo

com um estrondo horrível, chocante. Hagrid começou a chorar novamente.

"Claro que, é difícil para você, que o conheceu melhor," disse Slughorn que

como Harry não poderia alcançar nada mais alto que cotovelos de Hagrid, mas bateu

levemente neles assim mesmo. "Por que eu não digo algumas palavras?".

Ele deve ter pegado muito veneno de boa qualidade de Aragogue, Harry

pensou, porque Slughorn tinha um sorriso satisfeito à beira da cova e dizia, numa voz

lenta, impressionante:

"Adeus, Aragogue, rainha dos aracnídeos que lhe ofereceram uma amizade

fiel, e que souberam que você não os esquecerá! Embora seu corpo se deteriore, que

seu espírito permanece aqui, nos círculos das teias de sua casa na floresta. Que seus

muitos descendentes floresçam e seus amigos humanos achem consolo pela perda."

"Tão... tão... Bonito!" Hagrid uivou, desmoronando sobre o monte de terra, e

chorando copiosamente.

"Ora, ora." disse Slughorn, enquanto balançava a varinha de forma que a pilha

enorme de terra caísse no buraco, produzindo um estrondo amortecido, sobre a

aranha morta, formando um monte liso. "Vamos entrar e tomar algo. Segure-o, do

outro lado, Harry... Isso, isto... Venha, Hagrid. . Bem..."

Eles colocaram Hagrid em uma cadeira à mesa. Canino, que estava escondido

em sua cesta durante o enterro, veio agora, acolchoando-se suavemente entre eles e

pondo a cabeça pesada como sempre no colo de Harry. Slughorn desarrolhou um das

garrafas de vinho que ele tinha trazido.

"Eu testei todas contra veneno", ele assegurou a Harry, enquanto vertia grande

parte da primeira garrafa em um copo, que classificou como balde devido ao tamanho,

e deu a Hagrid. "Testei todas as garrafas depois do que aconteceu a seu pobre amigo

Rupert".

Harry viu, em sua mente, a expressão na face de Hermione se ela ouvisse falar

deste abuso das regras das casas, e decidiu nunca mencionar isto a ela.

"Um para Harry..." dito Slughorn, enquanto dividia uma segunda garrafa entre

dois copos. "... e um para mim. Bem — ele elevou o copo dele ao alto —" para

Aragogue".

"Aragogue" disseram Harry e Hagrid juntos. Slughorn e Hagrid beberam

profundamente. Porém, Harry iluminado pela Felix Felicis, soube que não devia beber,

assim ele fingiu tomar um gole e virou o copo atrás de si.

"Eu o criei desde ovo, foi, sabem", disse Hagrid sombriamente. "Era uma

pequena coisa minúscula quando chocou. 'Do tamanho de um Pekingese”

"Que doce", disse Slughorn.

“Usei um armário na escola para ele até que... bem..."

A face de Hagrid escureceu e o Harry soube por que: Tom Riddle tinha, para

Hagrid ser expulso da escola, culpado-o por abrir a Câmara Secreta. Porém, Slughorn

não parecia estar escutando; ele estava olhando para o teto do qual várias panelas de

metal pendiam, e também uma meada longa, sedosa de cabelo branco luminoso.

"Isso é pêlo de unicórnio não é, Hagrid?"

"Oh, sim" disse Hagrid indiferentemente. É arrancado dos rabos deles, na

floresta, sim sabem..."

"Mas meu querido parceiro, você sabe quanto isso vale?"

"Eu uso isto em bandagens quando alguma criatura se machuca" disse Hagrid,

enquanto encolhia os ombros. "Está morto, mas útil... muito forte”

Slughorn tomou outro gole, movendo os olhos cuidadosamente ao redor da

cabana, observando, Harry sabia, para achar mais tesouros com os quais poderia

suprir suas manipulações, carvalho maduro, abacaxis cristalizados, e jaquetas

aveludadas. Ele reencheu o copo de Hagrid e o dele, e o questionou sobre as

criaturas que moravam na floresta e como Hagrid pôde cuidar de tudo. Hagrid,

vistosamente expansivo sob a influência da bebida e lisonjeado pelo interesse de

Slughorn, deixou de esfregar os olhos e entrou alegremente em uma explicação longa

de criação de bowtruckle.

O Felix Felicis deu em Harry um pequeno cutucão neste momento, e

ele notou

que a provisão de bebida que Slughorn tinha trazido acabando rapidamente. Harry

não conseguiu, no entanto, realizar o Encanto de Reencher sem dizê-lo em voz alta,

mas ele não tinha idéia quando saiu do castelo de como esta noite seria cômica:

Realmente, Harry sorriu a ele mesmo, enquanto Hagrid e Slughorn (falando contos do

comércio ilegal de dragões) apontou a vara debaixo da mesa às garrafas vazias e eles

começaram a se reencher imediatamente.

Depois de uma hora ou mais, Hagrid e Slughorn começaram a fazer

comentários extravagantes: para Hogwarts, para Dumbledore, para vinho feito por

duendes, e para...-"Harry Potter!" Hagrid berrou, espirrando um pouco do seu décimo quarto copo

de vinho pelo queixo.

Realmente, "sim" chorou Slughorn um pouco densamente, "Parry Otter, o

Menino Escolhido que — bem — ...algo desse tipo," ele resmungou, e escoou o vinho

dele também.

Não muito depois disto, Hagrid ficou choroso novamente e deu o rabo de

unicórnio inteiro para Slughorn que embolsou isto gritando, "Pela amizade! Por

generosidade! Por dez Galeões um cabelo!".

E durante algum tempo depois disso, Hagrid e Slughorn ficaram sentados lado

a lado, abraçados, enquanto cantavam uma canção triste e lenta sobre um feiticeiro

agonizante, chamado Odo.

"Aaargh, os bons morrem jovens", murmurou Hagrid, enquanto caía embaixo

da mesa, um pouco estrábico, e Slughorn continuava a soltar o refrão. "Meu pai não

tinha idade pra ir. . nem mamãe, nem papai, Harry...".

Grandes e gordas lágrimas escoaram novamente pelo canto dos olhos

marejados de Hagrid; ele agarrou o braço de Harry e o balançou.

“Grandes bruxos e bruxas de sua era… como eu nunca soube... coisa terrível...

coisa terrível...".

“E Odo, o herói, voltou para casa,

Para o lugar que ele tinha conhecido quando rapaz,” cantava tristemente

Slughorn.

“Eles o puseram para descansar com seu chapéu,

E a varinha deu dois estalos tristes”.

"...terrível", Hagrid grunhiu, e a grande cabeça felpuda dele rolou lateralmente

sobre os braços e dormiu, enquanto roncava profundamente.

"Comovente", disse Slughorn com um soluço. "Não pode a música salvar

minha vida".

"Hagrid não estava falando sobre seu cantar", disse Harry quietamente. "Ele

estava falando sobre a morte de meus pais".

"Oh", disse Slughorn, enquanto reprimia um arroto grande. "Oh querido. Sim,

isso e —realmente terrível. Terrível... terrível...".

Ele contemplou uma falta do que dizer, e tornou a reencher seus copos.

"Eu não —não suponho que você se lembre disto, Harry?", ele perguntou

desajeitadamente.

"Não —bem, eu era o único lá quando eles morreram", disse Harry, os olhos na

chama da vela que iluminava os roncos pesados de Hagrid. "Mas eu descobri quase

tudo o que aconteceu desde então. Meu pai morreu primeiro. Você sabe algo?".

"Eu — eu não sei", disse Slughorn em uma voz silenciada.

"Sim... Voldemort o assassinou e então pisou em cima do corpo dele para

chegar a minha mãe", disse Harry.

Slughorn deu um grande tremor, mas ele não parecia capaz de tirar o olhar

horrorizado da face de Harry.

"Ele lhe disse que saísse", disse Harry com remorso. "Ele falou a ela que não

precisava morrer. Ele só queria a mim. Ela poderia ter corrido".

"Oh querido", respirou Slughorn. "Ela poderia ter... ela não precisava... Isso é

terrível...".

"É, não é?", disse Harry, em uma voz pouco mais que um sussurro. "Mas ela

não se moveu. Meu pai já estava morto, e ela não queria que eu fosse também. Ela

tentou negociar com Voldemort... mas ele só riu...".

"Isso é bastante!", disse Slughorn de repente, enquanto elevava uma mão

tremendo. "Realmente, meu querido menino, bastante... Eu sou um homem velho...

Eu não preciso ouvir... Eu não quero ouvir...".

"Desculpe", mentiu Harry, Felix Felicis o seduzindo. "Você gostava dela, não?”.

"Gostar dela?", disse Slughorn, os olhos dele enchendo até a borda mais uma

vez com lágrimas. "Eu não imagino qualquer um que a conheceu que não tenha

gostado dela... Muito valente... Muito engraçada... Isso é a coisa mais horrível...".

"Mas você não ajuda o filho dela", disse Harry. "Ela me deu a vida dela, mas

você não me dá uma memória".

Os roncos estrondosos de Hagrid encheram a cabana. Harry olhava

continuamente nos olhos cheios de lágrimas de Slughorn. O professor de Poções

parecia impossibilitado olhar para fora.

“Não diga que," ele sussurrou. " Não é uma pergunta... Se fosse o ajudar, claro

que. . . mas há nenhum propósito pode servir. . ."

" Pode”, Harry disse claramente. " Dumbledore precisa da informação. Eu

preciso da informação ".

Ele sabia que ele estava seguro: Felix estava lhe dizendo que Slughorn não se

lembraria de nada disto de manhã. Olhando Slughorn diretamente nos olhos, Harry foi

um pouco mais além.

" Eu sou o Escolhido. Eu tenho que o matar. Eu preciso daquela memória”.

Slughorn ficou mais pálido que o normal; a testa brilhante, cintilando com suor.

" Você é o Escolhido?. Eu...”

" Claro que eu sou, Harry " disse calmamente.

" Entretanto. . . meu querido menino. . . você está tentando um grande

negócio. . você está, de fato, pedindo-me para o ajudar em sua tentativa de destruir -"

" Você não quer pegar o bruxo que matou Lílian Evans? '"

" Harry, Harry claro que eu quero, mas -"

" Você está com medo dele descobrir que me " ajudou?

Slughorn não disse nada; o olhar terrificado.

" Seja valente como minha mãe, Professor...

Slughorn ergueu uma mão rechonchuda e apertou a boca com os dedos

tremendo; ele pareceu, por um momento, um bebê bastante grande.

"Eu não estou orgulhoso. . ". Ele sussurrou através ele. "Eu estou

envergonhado disso que - disso que está naquela de memória. ... Eu creio que possa

ter feito um grande mal naquele dia. ..."

" Você cancelará qualquer coisa que você fez me entregando a memória",

Harry disse. "Seria uma coisa muito valente e nobre de se fazer ".

Hagrid encrespou no sono e roncou, Slughorn e Harry encararam um ao outro

por cima da vela de tripa. Houve um longo tempo em silêncio, mas Felix Felicis disse

para Harry não o quebrar e esperar. Então, muito lentamente, Slughorn pôs a mão no

bolso e retirou a varinha. Ele pôs a outra mão dentro da capa e tirou uma garrafa

pequena e vazia. Ainda olhando nos olhos de Harry, Slughorn encostou a ponta da

varinha na têmpora dele e retirou algo, na forma de uma linha longa e prateada de

memória e agarrada a ponta da varinha. Mais e mais tempo de memória se esticou

até que quebrou e balançou, prateada e luminosa, da varinha. Slughorn levou até a

garrafa onde enfiou e expandiu como gás. Ele arrolhou a garrafa com uma mão

trêmula e então passou pela mesa para Harry.

" Muito obrigado, Professor ".

" Você é um menino bom," disse o Professor Slughorn, lágrimas caindo pelas

bochechas gordas dele no bigode de morsa. " E você tem os olhos dela... Apenas não

pense tão mal sobre mim uma vez que você tenha entendido isso

E ele deitou a cabeça sobre os braços, deu um suspiro fundo e dormiu.



Capítulo 23 Horcruxes

Harry pôde sentir o efeito da poção Felix Felicis acabar enquanto ele se movia

lentamente de volta ao castelo. A porta da frente havia permanecido aberta para ele,

mas no terceiro andar ele encontrou Peeves e evitou que o percebesse se esquivando

por um de seus atalhos. Mas até que ele chegasse ao retrato da Mulher Gorda e

tirasse sua capa, não se surpreendeu ao encontra-la num grande mau humor.

- Isso são horas?

- Eu realmente sinto muito - precisei sair por um motivo importante.

- Bem, a senha mudou à meia-noite, portanto você terá que simplesmente dormir no

corredor, certo?

- Você está brincando! -disse Harry - Por que ela teve que mudar à meia-noite?

- Porque é este o procedimento, disse a Mulher Gorda. Se você está zangado,

procure o diretor, ele é quem reforçou a segurança.

- Ótimo! -disse Harry amargamente, olhando à sua volta no corredor - Realmente

brilhante! Sim, eu poderia conversar com Dumbledore se ele estivesse aqui, pois foi

ele quem me pediu para...

- Ele está aqui! -disse uma voz atrás de Harry - Professor Dumbledore retornou à

escola há uma hora.

Nick Quase Sem Cabeça estava flutuando em direção a Harry, sua cabeça oscilando

como sempre sobre a gola de rufos.

- O Barão Sangrento o viu chegar - disse Nick - Ele aparenta estar muito bem,

segundo o Barão, mas um pouco cansado, é claro.

- Onde ele está? - disse Harry, com o coração aos pulos.

- Oh, suspirando e gemendo na Torre de Astronomia, um de seus passatempos

favoritos.

- Não o Barão Sangrento, Nick, o Dumbledore!

- Oh, em seu escritório - disse Nick - Eu creio, pelo que o Barão disse, que ele tinha

negócios a resolver após sua chegada.

- Sim, ele tinha. - disse Harry, uma chama de excitamento dentro de si ante a

perspectiva de contar a Dumbledore que ele havia resgatado a memória. Ele deu

meia-volta e correu a toda velocidade, ignorando os gritos da Mulher Gorda que o

chamava:

- Volte! Ok, eu menti! Eu estava aborrecida porque você me acordou! A senha

continua sendo "tapeworm" (tênia, solitária).

Mas Harry já estava voltando pelo longo corredor e, em poucos minutos, ele dizia

"toffee eclairs" (?) para a gárgula de Dumbledore, que pulou para o lado, dando a

Harry o acesso à escada espiral.

- Entre! -disse Dumbledore, quando Harry bateu à porta. Sua voz dava sinais de

exaustão. Harry empurrou e abriu a porta. Lá estava o escritório de

Dumbledore, com

a mesma aparência de sempre, mas com o céu negro pontilhado de estrelas visível

através das janelas.

- Que bom, Harry! - disse Dumbledore surpreso. A que eu devo este tardio gosto?

- Senhor, eu consegui. Eu consegui a memória de Slughorn.

Harry puxou a garrafa de vidro e mostrou-a a Dumbledore. Por um momento ou dois,

o diretor olhou atordoado. Então sua face se rasgou num vasto sorriso.

- Harry, estão são notícias espetaculares! Você fez muito bem, de fato! Eu sabia que

você conseguiria!

Com o atraso da hora aparentemente esquecido, ele rapidamente rodeou sua

escrivaninha, pegou a garrafa com a memória de Slughorn com sua mão ilesa, e foi

com passos largos até o armário onde ele mantinha a Penseira.

- E agora - disse Dumbledore, colocando a bacia de pedra sobre a escrivaninha e

esvaziando o conteúdo da garrafa nela.-agora, finalmente nós iremos ver. Harry,

rápido...

Harry se curvou obedientemente sobre a penseira e cruelmente seus pés deixaram o

chão do escritório. ... Mais uma vez ele sentiu a escuridão do escritório de Horace

Slughorn de anos atrás. Lá estava o muito mais novo Slughorn, com seu abundante e

brilhante cabelo sem cor, e seu enérgico bigode loiro, sentado novamente numa

confortável poltrona em seu escritório, seus pés descansando sobre um aveludado

pufe, um pequeno copo de vinho em uma mão, e a outra remexendo numa caixa de

abacaxis cristalizados. E lá estava a meia dúzia de adolescentes sentados em volta

de Slughorn, Tom Riddle entre eles, o anel negro e dourado dos Marvolos

vislumbrando em seu dedo.

Dumbledore apareceu ao redor de Harry quando Riddle perguntou: "Senhor, é

verdade que o Professor Merrythought está se aposentando?".

- Tom, Tom, se eu soubesse eu não poderia dize-lo. - disse Slughorn, sacudindo seu

dedo de modo repreensivo para Riddle, embora pestanejasse ao mesmo tempo. - Eu

devo dizer, eu gostaria de saber onde você ouviu isso, garoto, pois tem mais

conhecimento do que metade do corpo docente, sabe?

Riddle riu. Os outros garotos gargalharam e olharam admirados para ele.

- Com sua habilidade sobrenatural de saber coisas que não devia, e sua bajulação às

pessoas que importam - obrigado pelos abacaxis, a propósito; você estava certo, são

meus favoritos - Vários alunos tagarelaram novamente - Eu espero confiantemente

que você chegue a Ministro da Magia em vinte anos. Quinze, se você continuar me

mandando abacaxis, eu tenho excelentes contatos com o Ministro.

Tom Riddle meramente sorriu enquanto os outros riram novamente. Harry observou

que ele não era o mais velho do grupo de garotos, mas todos os outros olhavam para

ele como para seu líder.

- Eu não sei para que a política me serviria, senhor - ele disse quando as risadas

acabaram. - Eu não tenho o tipo certo para a coisa.

Um par de garotos ao redor dele riram uns dos outros. Harry teve certeza de que eles

apreciavam um gracejo confidencial, indubitavelmente sobre o que eles sabiam, ou

suspeitavam, a respeito do famoso antecessor de seu líder.

- Absurdo - disse Slughorn vivamente - não poderia ser mais franco do que você vindo

de uma maravilhosa descendência de Magia, habilidades como as suas. Não, você irá

longe, Tom, Eu nunca estive errado sobre um estudante até agora.

O pequeno relógio de ouro na escrivaninha de Slughorn marcou onze horas atrás

dele, e ele olhou ao redor.

Bom Deus, já é esta hora? É melhor vocês irem, garotos, ou nós todos teremos

problemas. Lestrange, eu quero seu dever amanhã ou você receberá uma detenção.

O mesmo para você, Avery.

Um por um, os meninos saíram da sala. Slughorn se levantou de sua poltrona e levou

o copo vazio até sua escrivaninha. Um movimento atrás dele o fez olhar em volta:

Riddle ainda estava ali.

- Fique vigilante, Tom, você não quer ser encontrado fora de sua cama após o horário,

e você é monitor...

- Senhor, eu queria lhe perguntar algo...

- Pergunte então, meu garoto, pergunte...

- Senhor, eu queria saber o que você sabe sobre... sobre Horcruxes?

Slughorn olhou fixamente para ele, seus grossos dedos pressionando sem sentir seu

copo de vinho.

- Um projeto para Defesa Contra Artes das Trevas, é?

Mas Harry poderia dizer que Slughorn sabia perfeitamente que isso não tinha nada a

ver com escola.

- Não exatamente, senhor. - disse Riddle. - Eu me deparei com o termo quando lia e

não o compreendi totalmente.

- Não... Bem.. Você teria um árduo trabalho para encontrar um livro em Hogwarts que

lhe desse detalhes sobre Horcruxes, Tom, isso é material muito escuro, muito escuro.

- disse Slughorn.

- Mas você obviamente sabe tudo sobre isso, senhor? Quero dizer, um bruxo como o

senhor - desculpe, digo, se você não puder me dizer, obviamente - eu só saberia se

alguém pudesse me contar, você poderia; então eu apenas pensei que...

Foi muito bem feito, Pensou Harry, a hesitação, o tom casual, a bajulação cuidadosa,

nenhum deles exagerado. Ele, Harry, havia tido muita experiência de tentar tirar

informações de pessoas relutantes para não reconhecer um mestre no serviço. Ele

poderia dizer que Riddle queria muito a informação; talvez viesse trabalhando para

este momento há semanas.

- Bem, -disse Slughorn, sem olhar para Riddle, mas brincando com a fita em cima da

sua caixa de abacaxis cristalizados - bem, não fará mal lhe dar uma visão geral,

naturalmente. Somente para que você entenda o termo. Um Horcrux é a palavra

usada para um objeto onde a pessoa escondeu uma parte de sua alma.

- Eu não entendi exatamente como isso funciona, entretanto, senhor. - disse Riddle.

Sua voz estava cuidadosamente controlada, Harry podia sentir sua excitação.

- Bem, você divide sua alma, você vê - disse Slughorn - e oculta parte dela em um

objeto fora do corpo. Então, se seu corpo é atacado ou destruído, ele não pode

morrer, pois resta uma parte da alma segura e não danificada. Mas, é claro, a

existência em tal forma...

A face de Slughorn se contraiu e Harry se viu lembrando as palavras que havia ouvido

dois anos antes: "Eu fui tirado do meu corpo, era menos que um espírito, menos que

um simples fantasma... mas, ainda assim, eu estava vivo".

-... poucos iriam quere-la, Tom, muito poucos. A morte seria preferível.

Mas a ansiedade de Riddle era agora aparente; sua expressão era voraz, ele não

poderia esconder seu desejo.

- Como você divide sua alma?

- Bem, - disse Slughorn desconfortável - você precisa entender que a alma foi feita

para permanecer intacta e inteira. Racha-la é um ato de violação, é contra a natureza.

- Mas como se faz isso?

- Através de um ato de maldade - o supremo ato da maldade. Cometendo

assassinato. Matar rasga a alma. A intenção do bruxo criando um Horcrux usará os

prejuízos a seu favor. Ele encaixaria a parte rasgada...

- Encaixaria? Mas como?

- Há um feitiço, mas não me pergunte, eu não sei! -disse Slughorn balançando sua

cabeça como um velho elefante incomodado por mosquitos. - Eu pareço alguém que

tentou - eu pareço um assassino?

- Não, senhor, claro que não, - disse Riddle rapidamente. - Eu sinto muito... Eu não

queria ofendê-lo.

- De modo nenhum, de modo nenhum, não estou ofendido. - disse

Slughorn

rudemente.-é natural sentir curiosidade sobre essas coisas. Bruxos de um certo tipo

foram sempre atraídos por esse aspecto da magia...

- Sim, senhor, - disse Riddle. - O que eu não entendo, contudo - apenas por

curiosidade-quero dizer, um Horcrux seria de muito uso? Você poderia dividir sua

alma somente uma vez? Não seria melhor, para faze-lo mais forte, dividir sua alma em

mais partes, digo, por exemplo, não é sete o número mágico mais poderoso, não

seria?

- Pelas barbas de Merlin, Tom! - ganiu Slughorn. - Sete! Não é mau o bastante pensar

em matar uma pessoa? E em todo caso... mau o bastante para dividir a alma... mas

dividi-la em sete pedaços...

Slughorn parecia profundamente incomodado agora. Ele estava olhando Riddle como

se nunca o tivesse visto claramente antes, e Harry poderia dizer que ele lamentava ter

entrado no assunto.

- É claro, ele resmungou, isso tudo é hipotético, o que estamos discutindo, não é

mesmo? Tudo acadêmico...

- Sim, é claro! - disse Riddle rapidamente

- Mas reafirmo o que disse Tom... mantenha-se em silêncio, eu havia lhe dito - sobre

isso que discutimos. As pessoas não gostariam de pensar que nos estivemos

discutindo sobre Horcruxes. É um assunto banido em Hogwarts, você sabe...

Dumbledore fica particularmente feroz sobre isso...

- Eu não direi uma palavra, senhor. - disse Riddle, e ele saiu, mas não antes que

Harry observasse sua face, cheia da mesma felicidade extenuada que o tinha atingido

quando ele soube que era um bruxo; esta felicidade não realçou suas características

boas, mas o fez, de alguma forma, menos humano.

- Obrigada, Harry - disse Dumbledore tranqüilamente. - Vamos...

Quando Harry retornou ao escritório, Dumbledore já estava sentado atrás de sua

escrivaninha. Harry se sentou também e esperou que Dumbledore falasse.

- Eu tenho esperado por esta peça de evidência por muito tempo - disse Dumbledore

finalmente. Isto confirma a teoria na qual eu tenho trabalhado, me diz como eu estou

certo, e também o quão longe ainda será necessário ir...

Harry observou de repente que cada diretor e diretora nos retratos da parede estava

acordado e ouvindo a conversa. Um bruxo corpulento, e de nariz vermelho, estava

tirando uma trombeta de ouvido.

- Bem, Harry, estou certo de que você entendeu o significado do que acabamos de

ouvir. Quando tinha a sua idade, com mais ou menos meses, Tom

Riddle estava

fazendo tudo o que podia para descobrir como se tornar imortal.

- Você acha que ele obteve sucesso, senhor? Ele fez um Horcrux? E este é o motivo

dele não ter morrido quando me atacou? Ele tinha um Horcrux escondido em algum

lugar? Um pouco da sua alma estava segura?

- Um pouco... ou mais - disse Dumbledore - Você ouviu Voldemort, ele quis de Horace

uma opinião sobre o que aconteceria ao bruxo que criasse mais do que um Horcrux, o

que aconteceria ao bruxo determinado a vencer a morte, que ele estaria preparado

para matar muitas vezes, dividir sua alma repetidamente, para armazena-la em muitos

Horcrux escondidos separadamente. Nenhum livro daria a ele tal informação. Tanto

quanto eu sei - como estou certo, Voldemort soube - nenhum bruxo havia tentado

mais do que rasgar sua alma em dois.

Dumbledore ficou em silêncio por um momento, organizando seus pensamentos, e

então disse:

- Quatro anos atrás, eu recebi o que considerei uma prova de que Voldemort havia

rachado sua alma.

- Onde? - perguntou Harry - Como?

- Você o trouxe até mim, Harry - disse Dumbledore. - O diário, o Diário de Riddle, com

instruções de como reabrir a Câmara Secreta.

- Eu não entendo, Senhor. - disse Harry.

- Bem, embora eu não tenha visto o Riddle que saiu do diário, o que você me

descreveu foi um fenômeno que nunca vi. Uma mera memória, consumindo a vida da

garota em cujas mãos havia caído? Não, algo muito mais sinistro vivia dentro daquele

livro. Um fragmento da alma, eu estava quase certo disso. O diário tinha sido um

Horcrux. Mas isso trouxe tantas perguntas quanto respondeu. O que me intrigou e

alarmou mais foi que aquele diário tinha pretendido ser tanto uma arma quanto uma

proteção.

- Eu continuo sem entender - disse Harry.

- Bem, Funcionou como um Horcrux deveria supostamente funcionar - em outras

palavras, o fragmento de alma dentro dele foi mantido seguro e tinha feito sua parte

para prevenir a morte do seu proprietário. Mas não poderia haver nenhuma dúvida

que Riddle realmente queria que o diário fosse lido, queria que a parte de sua alma

habitasse ou possuísse mais alguém, de modo que o monstro de Slyterin atacasse

outra vez.

- Bem, ele não quis que seu trabalho duro fosse desperdiçado. - disse Harry. - Ele

quis que as pessoas soubessem que ele era o herdeiro de Slyterin,

porque não podia

levar o crédito por isso naquela época.

- Completamente correto - disse Dumbledore, assentindo. - Mas você não vê, Harry,

se ele pretendia que o diário fosse passado, ou plantado em algum futuro estudante

de Hogwarts, ele estava sendo notavelmente negligente com o precioso pedaço de

sua alma que estava escondida nele. O ponto de um Horcrux deve ser, conforme a

explicação do Professor Slughorn, manter parte de si escondido seguramente, e não

dar para qualquer pessoa, correndo o risco de destruí-lo - como realmente aconteceu.

Aquele fragmento da alma não existe mais, você viu isso.

- A maneira descuidada com que Voldemort considerou este Horcrux pareceu muito

omisso a mim. Isto sugeriu que ele deve ter feito, ou estava planejando fazer, mais

Horcruxes, então a perda do seu primeiro não seria tão prejudicial. Eu não desejo

acreditar nisso, mas nada mais pareceu fazer sentido. Então você disse a mim, dois

anos mais tarde, na noite que Voldemort retornou a seu corpo, que ele deu um

inquietante e esclarecedor aviso aos seus Comensais da Morte. "Eu, que cheguei

mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade!" Foi como você

me disse que ele falou. "Mais longe do que qualquer outro!" E eu pensei que sabia o

que isso significava, entretanto os Comensais não compreendiam. Ele estava se

referindo a seus Horcruxes, Horcruxes no plural, Harry, o que não acredito que outro

bruxo já havia feito. Todavia era certo: Lord Voldemort pareceu menos humano no

passar dos anos, e a transformação a que havia se submetido só poderia ser

explicada para mim se sua alma houvesse sido mutilada além dos domínios do que

nós chamamos de "mal usual".

- Então ele se tornou impossível de matar assassinando outras pessoas? - disse

Harry. - Por que ele não fez uma Pedra Filosofal, ou roubou uma, se estava tão

interessado em ser imortal?

- Bem, nós sabemos que ele tentou fazer isso, há cinco anos. Mas eu creio que há

diversas razões pelas quais se explicaria que uma Pedra Filosofal seria menos

atrativa do que Horcruxes a Lord Voldemort. Para que o elixir da vida torne alguém

imortal, é preciso bebê-lo regularmente, por toda a eternidade. Conseqüentemente,

Voldemort seria inteiramente dependente do elixir, e se ele acabasse, ou fosse

contaminado, ou se a pedra fosse roubada, ele morreria como qualquer outro homem.

Voldemort gosta de trabalhar sozinho, lembre-se. Eu acredito que ele achou a idéia de

ser dependente, para sempre, do elixir, intolerável. É claro que ele

estava preparado

para bebê-lo se fosse para se livrar da semivida horrível à qual ele estava condenado

após ter atacado você, mas somente para recuperar um corpo. Depois disso, eu estou

convencido, ele pretendia continuar confiando em seus Horcruxes. Ele não precisaria

de nada mais, se ele pudesse retornar à forma humana. Ele já era imortal, como pode

ver... Ou estava mais próximo de ser imortal do que qualquer homem já havia estado.

Mas agora, Harry, armado com esta informação, esta importante memória que você

obteve para nós, estamos mais perto do segredo de como derrotar Voldemort do que

jamais estivemos. Você o ouviu, Harry: "Não seria melhor, para faze-lo mais forte,

dividir sua alma em mais partes, digo, por exemplo, não é sete o número mágico mais

poderoso, não seria?". Sim, eu acredito que a idéia de dividir a alma em sete partes

atrairia Lord Voldemort.

- Ele fez sete Horcruxes? - disse Harry, golpeado pelo horror, enquanto vários dos

retratos nas paredes fizeram ruídos similares ao choque e ultraje. - Mas eles poderiam

estar em qualquer lugar no mundo - escondidos - enterrados ou invisíveis!

- Fico feliz em perceber sua avaliação correta do problema. - disse Dumbledore

calmamente. - Mas, primeiramente, Harry, não sete Horcruxes: seis. A

sétima parte de

sua alma, mutilada de qualquer forma, reside no interior do seu corpo regenerado.

Esta foi a parte dele que teve uma existência espectral por tantos anos durante seu

exílio; sem ela, ele não teria nada de si afinal. A sétima parte de sua alma será a que

qualquer um que deseja matar Voldemort deve atacar por último - a parte que vive em

seu corpo.

- Mas os seis Horcruxes, então, - disse Harry, um pouco desesperado, - como

poderemos encontra-los?

- Você está se esquecendo... Você já destruiu um deles. E eu destruí outro.

- Você destruiu? - disse Harry ansiosamente.

- Sim, certamente. - disse Dumbledore, e levantou sua mão machucada. - O anel,

Harry, o anel de Marvolo. E uma terrível maldição estava sobre ele também. Se não

fosse - desculpe-me pela falta de falsa modéstia - por minha própria habilidade, e pela

ação oportuna do Professor Snape quando eu retornei a Hogwarts,

desesperadamente ferido, eu poderia não ter sobrevivido para contar a história.

Entretanto, uma mão mutilada não parece uma troca injusta por um sétimo da alma de

Voldemort. O anel não é mais um Horcrux.

- Mas como você o encontrou?

- Bem, como você sabe, por muitos anos eu me esforcei ao máximo para descobrir

tudo quanto foi possível sobre o passado de Voldemort. Viajei extensamente,

visitando aqueles lugares onde ele esteve. Eu tropecei no anel escondido nas ruínas

da casa de Gaunt. Parece que uma vez que Voldemort tinha resolvido selar uma parte

de sua alma ao lado dele, não quis o desgastar mais. Escondeu-o, protegido por

encantamentos poderosos, na cabana onde seus ancestrais haviam vivido uma vez

(Morfin havia estado preso em Azkaban, é claro), sem supor que chegaria o dia em

que eu visitaria a ruína, ou que eu poderia estar mantendo um olho aberto para traços

de magia oculta.

- Entretanto, não devemos nos congratular demais. Você destruiu o diário, e eu o anel,

mas se nós estamos certos quanto à teoria das sete partes da alma, restam quatro

Horcruxes.

- E eles poderiam ser qualquer coisa? - disse Harry - Poderiam ser latas, imagino, ou

fracos vazios de poções...

- Você está pensando em coisas portáteis, Harry, que poderiam ser objetos comuns,

fáceis de negligenciar. Mas Voldemort usaria latas ou frascos vazios de poções para

guardar sua preciosa alma? Você está esquecendo do que mostrei a você. Voldemort

gostava de colecionar troféus, e preferia objetos um poder mágico histórico em si, sua

crença em sua própria superioridade, sua determinação em esculpir para si um lugar

de destaque na História da Magia,... Estas coisas sugerem a mim que Voldemort

escolheu seus Horcruxes com algum cuidado, favorecendo objetos dignos de honra.

- O diário não era tão especial.

- O diário, como você mesmo disse, era a prova de que ele era o herdeiro de Slyterin.

Eu tenho certeza que Voldemort considera esse fato como sendo de extrema

importância.

- Então, e os outros Horcruxes? - disse Harry - Você acha que sabe o que são eles,

senhor?

- Eu só posso supor. - disse Dumbledore - Pelas razões que já lhe dei, acredito que

Lord Voldemort iria preferir objetos que, em si próprios, tivessem certa grandeza. Eu

viajei pelo passado de Voldemort para ver se descobria evidências de que tais

artefatos desapareceram ao redor dele.

- O medalhão! -disse Harry - A taça de Hufflepuff!

- Sim, disse Dumbledore, sorrindo. Eu apostar - talvez não a minha outra mão, mas

um par de dedos, que eles são o terceiro e o quarto Horcruxes. Os dois restantes,

supondo que ele criou um total de seis, são mais um problema, mas eu

arrisco um

palpite que, assegurando-se de pegar objetos de Hufflepuff e Slyterin, ele prosseguiu

em busca de objetos de Gryffindor ou Ravenclaw. Quatro objetos dos quatro

fundadores teriam, estou certo, exercido uma atração poderosa na imaginação de

Voldemort. Eu não posso dizer se ele conseguiu achar algo de Ravenclaw. Estou

confiante, contudo, que a única relíquia deixada por Gryffindor permanece segura.

- Dumbledore apontou seus dedos enegrecidos para a parede atrás dele, onde uma

espada incrustada com rubis repousava numa proteção de vidro.

- Você acha que esta é a razão pela qual ele queria tanto voltar para Hogwarts,

senhor? Para tentar achar algo de algum dos outros fundadores?

- Meus pensamentos, precisamente. - disse Dumbledore. -Mas, infelizmente, isso não

nos leva muito adiante, porque ele não voltou, ou assim acredito eu, a ter a

oportunidade de procurar a escola. Sou forçado a concluir que ele nunca alcançou sua

ambição de colecionar objetos dos quatro fundadores. Definitivamente ele teve dois -

ele pode ter encontrado três - isso é o melhor que podemos fazer agora.

- Mesmo se ele houvesse conseguido algo de Ravenclaw ou de Gryffindor, isso nos

leva a seis Horcruxes, - disse Harry, contando nos dedos - a menos que ele tenha

conseguido ambos?

- Não penso assim. - disse Dumbledore - Acredito que sei o que é o sexto Horcrux.

Gostaria de saber o que você dirá quando eu confessar que o comportamento da

cobra, Nagini, me deixou curioso?

- A cobra? - disse Harry, estarrecido. Pode-se usar animais como Horcruxes?

- Bem, é inapropriado faze-lo, porque confiar uma parte de sua alma a algo que pode

pensar e se movimentar seria obviamente muito arriscado. Entretanto, se meus

cálculos estão corretos, Voldemor mantinha um último Horcrux em suas metas ao

entrar na casa de seus pais para matar você. Parece ter reservado o processo de

fazer Horcruxes para mortes particularmente significativas. Sua morte certamente

seria uma destas. Ele acreditou que matando você, estaria destruindo o perigo que a

profecia havia mencionado. Acreditou que se faria invencível. Estou certo que ele

tinha a intenção de fazer o último Horcrux com sua morte. Como sabemos, ele falhou.

Depois de um alguns anos, porém, ele usou Nagini para matar um velho trouxa, e

pode ter-lhe ocorrido usa-la em seu último Horcrux. Ela destaca a ligação com

Slyterin, que realça o mistério de Lord Voldemort. Penso que talvez ele tenha

encontrado nela o que poderia encontrar em qualquer coisa; ele

certamente gosta de

mantê-la por perto, e ele parece ter um controle incomum sobre ela, mesmo para um

Ofidiodiglota.

- Então, - disse Harry - o diário se foi, o anel também. A taça, o medalhão e a cobra

continuam intactos, e você acredita que há um Horcrux de Ravenclaw ou Gryffindor?

- Um admirável e correto resumo, sim. - disse Dumbledore, curvando a cabeça.

- Então... você ainda está procurando por ele, senhor? Foi onde o senhor esteve

quando não se encontrava na escola?

- Certo! Eu estive procurando por um longo tempo. Penso que... talvez... Posso estar

próximo de encontrar outro. Há esperançosos sinais.

- E se você o encontrar - disse Harry rapidamente - eu posso ir com o senhor e ajudar

a se livrar dele?

Dumbledore fitou Harry intensamente por um momento antes de responder.

- Sim, acredito que sim.

- Eu posso? - disse Harry completamente aparvalhado.

- Oh, claro. - disse Dumbledore, sorrindo ligeiramente. - Creio que você ganhou esse

direito.

Harry sentiu seu coração se elevar.Era muito ouvir palavras diferentes de cuidado e

precaução pra variar. Os diretores e diretoras nas paredes pareceram

menos

impressionados pela decisão de Dumbledore. Harry viu alguns deles balançando suas

cabeças, e Phineas Nigellus bufou.

- Voldemort sabe quando um Horcrux foi destruído, senhor? Ele pode sentir isso? -

Harry perguntou, ignorando os retratos.

- Uma pergunta muito interessante, Harry. Eu acredito que não. Acho que Voldemort

está tão inundado de maldade, e estas partes dele estão distantes há tanto tempo,

que ele não sente como nós. Talvez, no momento da morte, ele possa estar ciente de

sua perda... Mas ele não sabia, por exemplo, que o diário havia sido destruído, até

que forçou a verdade de Lúcio Malfoy. Quando Voldemort descobriu que o diário havia

sido mutilado e destituído de seus poderes, acredito que sua raiva foi algo terrível de

se observar.

- Mas eu pensei que ele havia pedido a Lúcio Malfoy que contrabandeasse o diário

para Hogwarts.

- Sim, ele pediu, anos atrás, quando ele estava certo que seria capaz de criar mais

Horcruxes, mas ainda que Lúcio estivesse disposto a esperar a ordem de Voldemort,

e ele nunca a recebeu, pois Voldemort desapareceu após ter lhe dado o diário. Não

há dúvidas de que ele acreditava que Lúcio não ousaria fazer qualquer

coisa com o

Horcrux além de protege-lo cuidadosamente, mas ele contava acima de tudo com o

medo de Lúcio de um mestre que havia sumido há anos o que Lúcio considerasse

morto. Claro, Lúcio não sabia o que o diário realmente era. Eu acredito que Voldemort

lhe disse que o diário abriria novamente a Câmera Secreta porque ele tinha um

encantamento de inteligência. Se Lúcio soubesse que teve em suas mãos uma porção

da alma de seu mestre, certamente a teria tratado com mais reverência - mas ele foi

adiante e continuou o velho plano visando seus próprios objetivos. Passando o diário

para a filha de Arthur, ele desejava desacreditar Arthur e se desfazer de um objeto

mágico extremamente incriminador de uma vez. Ah, pobre Lúcio... com a fúria que

despertou em Voldemort ao usar um Horcrux para seus fins, somada ao fiasco no

Ministério no ano anterior, não me surpreenderia se ele estivesse secretamente feliz

por estar seguro em Azkaban no momento.

Harry refletiu por um momento, e então perguntou: Então se todos os Horcruxes forem

destruídos, Voldemort poderá ser morto?

- Sim, acredito que sim. -disse Dumbledore - Sem os Horcruxes, Voldemort será um

homem mortal com uma alma mutilada e destruída. Nunca se esqueça, contudo,

embora sua alma possa estar danificada além do reparo, seu cérebro e seus poderes

mágicos continuam intactos. Será necessário poder e habilidade incomuns para matar

um bruxo como Voldemort, mesmo sem os seus Horcruxes.

- Mas eu não tenho poderes e habilidades incomuns. - disse Harry, antes que pudesse

se conter.

- Sim, você tem. - disse Dumbledore com convicção. - Você tem um poder que

Voldemort nunca teve. Você tem...

- Eu sei! - disse Harry bruscamente. - Eu tenho amor. - Com grande dificuldade Harry

se conteve de acrescentar: Grande coisa!

- Sim, Harry, você pode amar. - disse Dumbledore, como se soubesse exatamente o

que Harry havia pretendido dizer - E, considerando tudo o que aconteceu com você, é

um feito notável. Você é muito jovem para entender o quão incomum você é, Harry.

- Então, quando a profecia disse que eu teria um poder que o Lord das Trevas

desconhece, se referia somente a... amor? - perguntou Harry, se sentindo um pouco

desanimado.

- Sim, somente amor. - disse Dumbledore. - Mas, Harry, nunca se esqueça que o que

a profecia diz tem significado porque Voldemort a fez assim. Eu lhe disse isso no fim

do ano passado. Voldemort escolheu você como a pessoa que

representava um maior

perigo para ele, e fazendo isso, fez de você a pessoa que mais perigosa para ele!

- Mas continua sendo o mesmo...

- Não, não continua! - Dumbledore disse impacientemente agora. Apontando a Harry

com sua mão mutilada e enegrecida, ele disse: - Você está dando muito valor à

profecia!

- Mas - atalhou Harry - você disse que a profecia significa...

- Se Voldemort nunca tivesse ouvido a profecia, ela se cumpriria? Significaria qualquer

coisa? Claro que não! Você acredita que cada profecia da sala de Profecias se

cumpriu?

- Mas - disse Harry completamente desnorteado - no ano passado, você disse que um

de nós terá que matar o outro...

- Harry, Harry, isso somente porque Voldemort cometeu um grave erro, e agiu

conforme as palavras da Professora Trelawney. Se Voldemort nunca tivesse

assassinado o seu pai, você teria em si esse furioso desejo de vingança? É claro que

não! Se ele não tivesse forçado a sua mãe a morrer por você, ele teria lhe dado uma

proteção mágica que não podia superar? Claro que não, Harry! Você não percebe?

Voldemort criou seu próprio inimigo, assim como os tiranos fazem por todo o lado!

Você faz idéia do quanto os tiranos temem as pessoas que eles oprimem? Todos eles

acreditam que, um dia, dentre suas muitas vítimas, é certo que haverá um que irá se

levantar contra ele e enfrenta-lo. Voldemort não é diferente! Sempre foi cuidadoso

para com aquele que o desafiaria. Ele ouviu a profecia e entrou em ação, e como

resultado não somente escolheu cuidadosamente aquele que poderia derrotá-lo, mas

deu a ele armas excepcionalmente mortais!

- Mas...

- É essencial que você entenda isso! - disse Dumbledore, se levantando e dando

passos largos pelo escritório, suas vestes resplandecentes farfalhando em seu rastro;

Harry nunca o tinha visto tão agitado. - Tentando mata-lo, Voldemort fez com que a

pessoa notável que está sentada diante de mim se revelasse, e lhe deu as armas para

o trabalho! É uma falha de Voldemort que você possa ver seus pensamentos, suas

ambições, que você compreenda a língua das cobras e até lhes dê ordens, no

entanto, Harry, a despeito de sua privilegiada inserção no mundo de Voldemort (que,

incidentalmente, é um dom que qualquer Comensal da Morte mataria para ter), você

nunca foi seduzido pelas Artes das Trevas, nunca, nem por um segundo, demonstrou

o desejo de se tornar um dos seguidores de Voldemort!

- É claro que não! - Harry se sentiu indignado - Ele matou meus pais!

- Você é protegido, levemente, por sua habilidade de amar! - disse Dumbledore

sonoramente - A única proteção que tem possibilidade de ir contra a atração pelo

poder que Voldemort tem. Apesar de toda a tentação contra a qual você lutou, todo o

sofrimento, você permanece puro em seu coração, tão puro quando como você tinha

onze anos, quando você olhou fixamente num espelho que mostrava o desejo de seu

coração, e ele mostrou a você a única maneira de impedir Lord Voldemort, e não

imortalidade ou riquezas. Harry, você faz idéia de quão poucos bruxos veriam o que

você viu no espelho? Voldemort deveria então ter percebido do que se tratava, mas

ele não conseguiu! Mas ele sabe disso agora. Você invadiu a mente de Voldemort

sem danos a si próprio, mas ele não pode possuí-lo sem sentir uma agonia mortal,

como você descobriu no Ministério. Eu não creio que ele entende porquê, Harry, mas

naquele tempo, ele tinha tal pressa de mutilar sua própria alma, que ele nunca parou

para entender o incomparável poder de uma alma imaculada e inteira.

- Mas senhor, - disse Harry, se esforçando corajosamente para não soar

argumentativo-tudo volta para a mesma questão, não é? Eu tenho que tentar mata-lo,

ou...

- Morrer? - disse Dumbledore - É claro que terá! Mas não por causa da profecia. Mas

porque você, você mesmo, nunca descansará até que tenha tentado! Ambos sabemos

disso! Imagine, por um breve momento, que você nunca tivesse ouvido aquela

profecia! Como você se sentiria em relação a Voldemort agora? Pense!

Harry observou Dumbledore andando de um lado para o outro à sua frente, e pensou.

Ele pensou em sua mãe, em seu pai, e em Sirius. Ele pensou em Cedrico Diggory.

Ele pensou em todas as terríveis ações que Lord Voldemort cometeu. Uma chama

pareceu pular dentro do seu peito, queimando sua garganta.

- Eu iria que ele morresse. - disse Harry serenamente - E eu iria querer fazer isso.

- Naturalmente você iria querer! - exclamou Dumbledore! - Veja, a existência da

profecia não significa que você tem que fazer alguma coisa. Mas a profecia fez com

que Voldemort o marcasse como um igual. Em outras palavras, você é livre para

escolher seu caminho, igualmente livre para se voltar à profecia! Mas Voldemort

continua a escolher seu caminho pela profecia. Ele continuará a caça-lo... O que se

mostra correto, realmente, uma vez que...

- Um de nos acabará matando o outro. - disse Harry - Sim.

Mas Harry finalmente entendeu o que Dumbledore vinha tentando lhe explicar. Era,

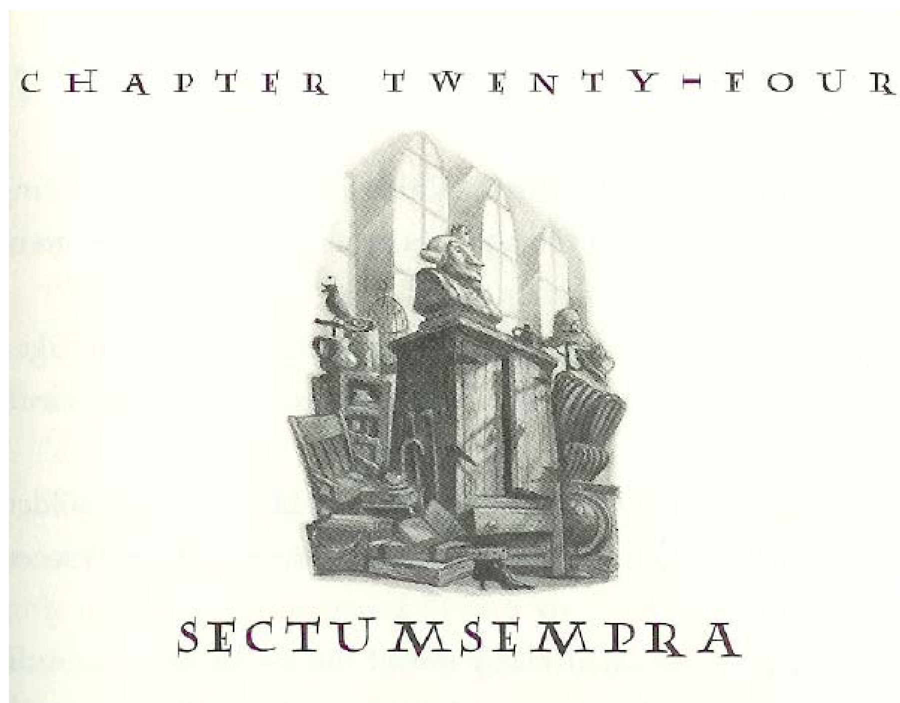
ele pensou, como a diferença entre ser levado para uma arena para enfrentar uma

batalha até à morte e andar em direção à arena de cabeça elevada. Algumas

pessoas, talvez, diriam que havia pouca diferença entre as duas maneiras, mas

Dumbledore sabia - e eu também, pensou Harry e, com um sentimento feroz de

orgulho, assim como meus pais - que fazia toda a diferença do mundo.



Capítulo 24: Sectumsempra

Exausto, mas satisfeito com o trabalho noturno, Harry contou a Rony e

Hermione tudo que aconteceu durante a lição de Feitiços da manhã (estavam

lançando o feitiço *Muffliato* sobre quem estava perto). Eles estavam muito

impressionados com o caminho que ele usou para descobrir a memória apagada de

Slughorn, e positivamente aterrorizados quando ele contou sobre os Horcruxes de

Voldemort, e a promessa de Dumbledore de deixá-lo só, enquanto ele procura pelos

outros.

"Uau!", disse Rony, quando Harry finalmente terminou de contar tudo. Rony

estava movendo sua mão muito vagamente na direção do teto sem prestar a mínima

atenção no que estava fazendo. "Uau!". Você está junto com Dumbledore... E tentar e

destruir... Uau!

"Rony, você está criando esta neve", disse Hermione pacientemente,

segurando o seu pulso e afastando-o do teto do qual, antes vazio,

grandes flocos

brancos estavam começando a cair. "Lilá Brown", avisou Harry, "fuzilou Hermione

próxima à mesa e está com os olhos vermelhos", e Hermione imediatamente soltou o

braço de Rony.

"Oh, sim!" Disse Rony, olhando para baixo de seu corpo com vaga surpresa.

"Desculpem-me... Ehrr... olhem como estamos com uma caspa terrível agora...".

Ele escovou alguma neve falsificada dos ombros de Hermione e Lilá explodiu

em lágrimas... Rony olhou imensamente culpado e se voltou para ela.

"Nós brigamos", ele disse a Harry com o canto de sua boca, "Na última noite,

quando ela me viu sair do dormitório com Hermione. Logicamente ela não pôde te ver,

assim pensou que estávamos a sós".

"Ah!" Disse Harry. "Bem - você não acha que está acabado, acha?".

"Não", admitiu Rony. "Foi ruim enquanto ela estava gritando, mas ao menos eu

não tive que terminar".

"Covarde!" Disse Hermione, embora olhasse divertidamente. "Bem, para todos

não era uma boa noite para romances. Gina e Dino também brigaram, Harry".

Harry, sabendo por que ela lhe disse aquilo, melhorou o seu olhar, mas ela não

tinha a possibilidade de descobrir que, intimamente, ele dançava uma conga. Manteve

sua face imóvel e com uma voz indiferente e fria, ele perguntou "E como foi isso?".

"Oh! Algo realmente tonto... ela disse que ele sempre tentava a ajudar a passar

pela entrada do retrato, como se ela não pudesse passar por ela mesma... Mas eles

estavam por um fio há tempos".

Harry lançou um olhar sobre Dino no outro lado da classe. Ele certamente

estava parecendo infeliz.

"Claro! Isso te coloca em um pequeno dilema, não é mesmo?" Disse Hermione.

"O quê você quer dizer com isso?", disse Harry rapidamente.

"O time de quadribol", disse Hermione. "Se Gina e Dino não estão se

falando...".

"Oh! Oh! Claro!" Disse Harry.

"Flitwick", disse Rony em tom de alarme. O pequeno mestre de Feitiços estava

se sacudindo, ao seu modo, para eles, e Hermione era a única que havia conseguido

transformar o vinagre em vinho; seu frasco de vidro estava cheio de um líquido

carmesim profundo, enquanto o de Harry e Rony permanecia marrom vergonhoso.

"Agora... agora, garotos!" Murmurou o Professor Flitwick reprovadoramente.

"Um pouco menos de conversa, e um pouco mais de ação... Deixe-me ver vocês dois

tentarem...".

Juntos eles levantaram suas varinhas, concentraram todos os seus poderes, e

apontaram para seus frascos. O vinagre de Harry se transformou em gelo; o frasco de

Rony explodiu.

"Sim... lição de casa" disse o Professor Flitwick, reaparecendo debaixo da

mesa e limpando os cacos do alto de seu chapéu, "prática.".

Eles tiveram um de seus raros períodos livres depois de Feitiços e voltaram

para a classe juntos. Rony pareceu positivamente aliviado sobre o fim de seu

relacionamento com Lilá, e Hermione pareceu adorável, embora, quando perguntava

o por quê ela simplesmente dissesse: "Hoje é um bom dia!". Nenhum deles, porém,

percebeu a batalha feroz que se passava dentro da cabeça de Harry:

“Ela é irmã do Rony...

Mas ela acabou com Dino!

Mas ela continua sendo irmã do Rony!

Mas eu sou seu melhor amigo!

Mas isso o zangará!

Se eu falar com ele primeiro-...

Ele vai te socar.

E se eu não me importar?

Ele vai te matar...”.

Harry mal observou que estavam atravessando o buraco do retrato na sala

comunal, e vagamente registrou o pequeno grupo de alunos do sétimo ano agrupados

juntos, enquanto Hermione gritava: "Katie! Você voltou! Você está bem?".

Harry parou: Era certamente Katie Bell, olhando completamente recuperada e

cercada por seus rejubilados amigos.

"Estou realmente bem!" Ela disse alegremente. "Eles me deixaram sair do St.

Mungus no domingo, eu fiquei alguns dias em casa com mamãe e com papai e então

voltei para cá esta manhã. Leane estava justamente me contando sobre MacLaggen e

o último jogo, Harry...".

"Sim", disse Harry, "bem, agora que você voltou e Rony melhorou, nós teremos

uma chance decente de arrasar a Corvinal, acho que nós ainda podemos estar na

corrida para a Taça. Ouça, Katie...".

Ele explicou a questão, até então. Sua curiosidade até fez com que Gina

saísse de sua cabeça temporariamente. Ela deixou cair suas coisas, enquanto os

amigos de Katie começaram a apanhá-las; aparentemente eles teriam aulas de

Transfiguração mais tarde.

“... o colar... você pode se lembrar quem o entregou agora?".

"Não", disse Katie, balançando pesarosamente a cabeça. "Todos têm me

perguntado, mas não consegui nenhuma pista. A última coisa que eu

me lembro era

que estava andando dentro do banheiro das meninas no Três Vassouras".

"Você entrou definitivamente no banheiro das meninas, então?" Disse

Hermione.

"Bem, eu sei que abri a porta", disse Katie, "e eu suponho que alguém me

dominou justamente enquanto eu entrava. Depois disso minha memória está branca

até dois meses atrás em St. Mungus. Ouçam, é melhor eu ir, eu não posso me atrasar

para a aula com McGonagall justamente no meu primeiro dia de volta...".

Ela correu para apanhar a sua bolsa e se apressou depois de seus amigos,

deixando Harry, Rony e Hermione sentados diante da mesa da janela e ponderando o

que ela havia dito.

"Só pode ser uma garota ou uma mulher quem deu a Katie o colar", disse

Hermione, "dentro do banheiro das meninas".

"Ou alguém que se parecia com uma garota ou uma mulher", disse Harry. "Não

esqueça, existia um caldeirão cheio de poção polissuco em Hogwarts. Sabemos que

alguém conseguiu roubá-la...".

E em seu pensamento ele observou um desfile de Crabbes e Goyles passando

na sua frente, todos transformados em garotas.

"Eu acho... Eu vou tomar outra dose de Felix", disse Harry, "e eu vou até a

Sala Precisa novamente".

"Que seria uma perda completa da poção", disse Hermione placidamente,

pegando a cópia de Feitiços de Syllabary que acabara de retirar de sua bolsa. "Sorte

pode-se somente conseguir por hora, Harry. A situação com Slughorn era diferente,

você sempre teve habilidade para persuadi-lo, você só precisava de um pouquinho de

sorte nas circunstâncias. Sorte não é suficiente para você ter um encantamento

poderoso. Não vá desperdiçar o resto da poção. Você vai precisar da maior sorte do

mundo se Dumbledore o levar junto com ele...". Ela abaixou sua voz a um sussurro.

"Não podíamos fazer mais algumas garrafas?". Rony perguntou a Harry,

ignorando Hermione. "Eu acho ótimo ter um estoque dele... Que tal olhar no livro...".

Harry puxou sua cópia de Poções Avançadas de sua bolsa, e olhou em cima

de Felix Felicis.

"Bom, isso é realmente complicado" ele disse, correndo os olhos sobre a lista

de ingredientes. "E levará seis meses... Você tem que deixar cozinhar..."

"Típico" disse Rony.

Harry estava a ponto de guardar seu livro outra vez quando ele notou um canto

da página dobrado abaixo, desdobrando-a ele viu o feitiço *Sectumsempra,* subintitulado "para os inimigos" que ele havia marcado há algumas semanas. Ele ainda

não tinha encontrado o que fazer com isso, principalmente porque ele não quis testar

próximo a Hermione, mas ele estava considerando tentá-lo sobre McLaggen na

próxima vez que ele aparecesse diante deles.

A única pessoa que não estava particularmente agradecida por ver Katie Bell

voltar à escola era Dino Thomas, porque ele não seria requerido por muito tempo para

a posição de artilheiro. Ele suspirou estoicamente quando Harry lhe disse, meramente

grunhindo e rangendo, mas Harry teve uma sensação diferente enquanto se

distanciava de Dino e Simas que ficaram atrás dele.

A noite de treinamento seguinte foi para Harry a melhor prática de Quadribol

desde que se tornou Capitão. Seu time estava muito satisfeito com a saída de

McLaggen, felizes por ter Katie de volta, e eles estavam voando excepcionalmente

bem.

Gina não parecia transtornada com o rompimento com Dino, ao contrário, ela

era a vida e a alma do time. Suas imitações de Rony se movendo ansiosamente para

cima e para baixo diante dos postes do gol como goleiro se apressando para dar a ele

uma das ordens frias dadas por Harry a McLaggen antes de ser

nocauteado, tornouas todas muito hilárias. Harry, sorrindo juntamente com todos, estava contente por ter

uma razão inocente para olhar para Gina; e ele tinha recebido mais ferimentos

durante a prática porque ele não conseguia manter seus olhos nos balaços.

A batalha estava furiosa em sua cabeça: Gina ou Rony? Às vezes ele pensava

que após Lilá, Rony não iria se importar se ele perdesse Gina para outro, mas então

ele lembrou a expressão de Rony quando ele a viu beijando Dino, e era certo que

Rony consideraria uma traição se Harry fosse um pretendente de Gina.

Contudo Harry não podia ajudar-se conversando com Gina, rindo com ela,

voltando do treino com ela, e consciência doeu demais, ele encontrou-se maravilhado

de como a conseguiria. Teria sido ideal se Slughorn tivesse dado outra de suas

pequenos festas, para Rony não estar por perto - mas infortunadamente, Slughorn

parecia tê-las acabado. Uma ou duas vezes Harry considerou em pedir ajuda da

Hermione, mas ele não pensou que suportaria ficar parado vendo o olhar satisfeito em

seu rosto; travou quando Hermione o flagrou olhando Gina e suas piadas. E para

complicar a situação, ele teve a irritante preocupação de que se não o fizesse, um

outro faria em breve: ele e Rony pelo menos concordavam para seu próprio bem com

o fato de que ela era popular demais.

De qualquer forma, a tentação de tomar outro gole de Felix Felicis estava

ficando mais forte com o passar dos dias, e certamente era um argumento para,

segundo Hermione, "aproveitar as circunstâncias". Os dias balsâmicos transcorreram

gentilmente em Maio, e Rony parecia estar sempre no ombro de Harry quando ele via

Gina. Harry descobriu que apenas um golpe de sorte poderia, de alguma maneira,

fazer com que Rony realizasse aquilo que o faria mais feliz, como seu melhor amigo,

sua irmã aparecendo para que eles pudessem ficar juntos e a sós mais do que alguns

segundos. Nenhuma oportunidade surgiu enquanto se aproximava o final da estação

e o Torneio de Quadribol. Rony procurava falar de táticas com Harry todo o tempo e

não tinha pensamentos para mais nada.

Rony não era o único a esse respeito; o interesse no jogo Grifinória-Corvinal

estava correndo extremamente alto na escola, para o jogo final que decidiria o

Campenato, que ainda não estava decidido. Se Grifinória batesse a Corvinal por uma

margem de trezentos pontos (um número alto, porém Harry nunca tinha visto seu time

voando melhor) então eles conseguiriam vencer o Campeonato. Se eles vencessem

por menos de trezentos pontos, eles ficariam em segundo após

Corvinal, se eles

perdessem pela diferença de cem pontos ficariam em terceiro atrás da Lufa-Lufa e se

eles perdessem por mais de cem pontos, estariam em quarto lugar e em lugar

nenhum, e o pensamento de Harry nunca o deixou se esquecer que ele seria o

Capitão da Grifinória que a colocaria no fundo da tabela em dois anos seguidos.

O ponto crítico do jogo tinha as mesmas características de sempre: membros

das casas rivais tentando intimidar os adversários nos corredores; desagradáveis

canções sobre um jogador individual ensaiadas com assovios de passarinhos; os

próprios membros das equipes circulando ao redor para gozar de toda a atenção ou

senão entrando em banheiros e dando tiros para cima. De alguma maneira o jogo

havia se ligado inexplicavelmente ao êxito ou fracasso de seus planos com Gina. Ele

não evitar sentir que se eles vencessem por mais de trezentos pontos, as cenas de

euforia e a ótima e calorosa festa de aclamação justamente com um saboroso trago

de Felix Felicis... E no meio de tantas preocupações, Harry não havia esquecido sua

outra ambição; descobrir o que Malfoy estava fazendo na Sala Precisa. Ele ficava

verificando o Mapa do Maroto, e não conseguia localizar o local onde estava Malfoy,

deduzindo que Malfoy estava perdendo o seu tempo dentro daquela sala. Embora

Harry houvesse perdido as esperanças de descobrir o que acontecia dentro da Sala

Precisa, tentou entrar sempre que estava por perto reformulando sempre seu pedido,

mas a parede permaneceu firmemente fechada.

Algum dia antes da partida contra a Corvinal, Harry encontrou-se andando

sozinho próximo a Sala Comunal, Rony estava fora em um banheiro próximo, e

Hermione não saindo do seu normal foi ver o Professor Vector sobre um erro que ela

pensou ter cometido em seu último ensaio de Aritmancia. Mais por hábito do que por

qualquer coisa, Harry fez a sua usual tentativa no corredor do sétimo andar, checando

o Mapa do Maroto. Por um momento ele não conseguiu localizar Malfoy em nenhum

lugar e assumiu que ele estivesse dentro da Sala Precisa novamente, mas então ele

viu Malfoy pequenininho, sobre um ponto no banheiro dos meninos no andar abaixo,

acompanhado, não por Crabbe ou Goyle, porém por Murta que Geme.

Harry somente parou para olhar essa improvável dupla quando ele virou a

direita em um conjunto de armaduras. O alto ruído trouxe-o de volta de seu devaneio;

apressando-se em sair de cena antes que Filch chegasse, dos pontos tracejados na

escada de mármore e ao longo da passagem abaixo. Fora do banheiro,

ele

pressionou sua orelha de encontro à porta. Ele não podia ouvir nada. Ele muito

silenciosamente abriu a porta.

Draco Malfoy estava de costas para a porta, suas mãos agarravam os lados da

pia, seus cabelos branco-louros arqueados.

"Não!", soou a voz da Murta que Geme de um dos cubículos. "Não... conte-me

o que está errado... Eu posso ajudá-lo...".

"Ninguém pode me ajudar", disse Malfoy. Seu corpo estava todo tremendo.

"Não posso fazer isso... Eu não posso... Não quero trabalhar... e a menos que eu faça

logo... Ele disse que me matará...".

E Harry observava, com um choque tão grande que parecia enraizá-lo àquele

ponto, aquele Malfoy chorando - realmente chorando - lágrimas rolando sobre sua

pálida face dentro da pia. Malfoy tossiu e engasgou-se e então, com um grande

suspiro, olhou para a imagem no espelho rachado viu Harry parado olhando fixamente

para ele.

Malfoy bufou, puxando sua varinha. Instintivamente, Harry puxou a sua. O

feitiço de Malfoy errou Harry por centímetros, quebrando a lâmpada ao lado de Harry

na parede. Harry jogou-se de lado no chão, pensando Levicorpus e apontando sua

varinha, mas Malfoy bloqueou o feitiço e levantou sua varinha para outro...

"Não! Não" Parem com isso!". Guinchou Murta que Geme, sua voz ecoando

alto por todo o andar. “Parem! PAREM!".

Houve um estrondo alto e o escaninho atrás de Harry explodiu; Harry tentou

um Feitiço das Pernas Presas para contra-atacar, passando ao lado da orelha de

Malfoy e esmagando a cisterna abaixo de Murta que Geme, que gritava

escandalosamente alto; água jorrou por todo lado e Harry deslizou enquanto Malfoy,

de face retorcida, gritou "Cruci-".

"SECTUMSEMPRA!" Gritou Harry do assoalho, agitando sua varinha

descontroladamente.

O sangue jorrou do rosto e do peito de Malfoy como se ele tivesse sido

chicoteado ou cortado por uma espada invisível. Ele balançou para trás e caiu no

assoalho com um grande respingo de água, sua varinha caindo brandamente de sua

mão direita.

"Não..." engasgou-se Harry. Deslizando e desconcertado, Harry mergulhou

seus pés em direção a Malfoy, cujo rosto brilhava em vermelho escarlate, suas mãos

brancas embebidas em sangue em seu peito.

"Não, Eu não queria..." Harry não sabia o que dizer. Ele caiu de joelhos ao lado

de Malfoy, que estava se agitando descontroladamente banhado pelo próprio sangue.

Murta que Geme soltou um grito alto e descontrolado: "ASSASSINATO!

ASSASSINATO NO BANHEIRO! ASSASSINATO!".

A porta bateu atrás de Harry que ergueu os olhos, estarrecido: Snape havia

entrado no banheiro, com a face lívida. Empurrando Harry de lado, ajoelhou-se ao

lado de Malfoy, pegou sua varinha, e lançou um feitiço sobre as profundas feridas que

Harry tinha provocado, sussurrando um feitiço que soou quase como uma canção. O

fluxo de sangue pareceu diminuir, Snape limpou o resíduo que havia sobre a face de

Malfoy e repetiu o feitiço.Agora as feridas pareciam que faziam pontos.

Harry permaneceu observando, horrorizado com o que havia feito, pouco

ciente de que estava embebido em sangue e água. Murta que Geme permaneceu

gemendo e chorando logo acima. Enquanto Snape estava executando um contrafeitiço pela terceira vez, a meia-vida de Malfoy permaneceu na mesma posição.

"Você necessita ir para a ala hospitalar. Pode haver certa quantidade de

marcas e cicatrizes, mas se você tomar a poção certa imediatamente pode ser que

até isso evitemos... Venha...".

Ele apoiou Malfoy através do banheiro, voltando-se para a porta disse em uma

voz furiosa e fria, "E você, Potter... E você espera por mim aqui".

Não ocorreu nem por um segundo a Harry em desobedecer. Ele levantou-se

lentamente, e olhou abaixo o assoalho molhado. Ali havia manchas de sangue

flutuando como flores de carmesim sobre a sua superfície. Não poderia nem mesmo

contar com a Murta que Geme para ficar quieta, e ela continuava lamentando com

prazer cada vez mais evidente.

Snape retornou dez minutos depois. Ele parou dentro do banheiro e fechou a

porta atrás de si.

"Vá!", ele disse à Murta, e ela mergulhou dentro de seu vaso de uma vez,

deixando um silêncio soando atrás dela.

"Eu não sei o que aconteceu", disse Harry por um momento. Sua voz ecoou no

vazio, aquoso espaço. "Eu não sabia o que esse feitiço faria".

Mas Snape ignorou isso. "Aparentemente eu superestimei você, Potter", ele

disse calmamente. "Quem diria que você conhecia tal feitiço das Artes das Trevas?

Quem lhe ensinou esse feitiço?".

"Eu... li sobre ele em algum lugar".

"Onde?".

"Eu o li... em um livro na biblioteca", inventou Harry. "Eu não consigo recordar

como ele se chamava...".

"Mentiroso", disse Snape. A garganta de Harry ficou seca. Ele sabia o que

Snape estava fazendo e ele nunca tinha conseguido o impedir...

O banheiro pareceu nublar-se diante de seus olhos. Ele tentou bloquear com

toda a força de seu pensamento, mas a metade da cópia do livro do Príncipe Mestiço

avançava nadando nebulosa do fundo de sua mente.

Então estava olhando para Snape novamente, no meio da destruição, no

banheiro molhado. Olhou fixamente nos olhos negro de Snape, esperando

esperançosamente que Snape não visse o que temia, mas...

"Traga-me sua mala escolar", disse Snape suavemente, "e todos os seus livros

escolares. Todos eles. Traga-os aqui. Agora!".

Não havia nenhum ponto para discutir. Harry girou uma vez e saiu fora no

corredor, e foi rapidamente para a Torre da Grifinória; a maioria do pessoal estava

andando por outro caminho, ele todo molhado, encharcado de água e sangue, mas

não respondeu nenhuma pergunta que lhe fizeram enquanto ele passava.

Ele se sentia atordoado; era como se um animal de estimação tivesse

retornado totalmente selvagem; em que o Príncipe tinha pensado para transcrever tal

encanto em seu livro? O que aconteceria quando Snape o visse? O que diria ao

Slughorn - Harry tinha seu estômago revirado - como tinha alcançado

tão bons

resultados em Poções durante o ano inteiro? Ele confiscaria e destruiria o livro que

tinha ensinado tanto a Harry o ano inteiro? ... O livro havia se tornado uma espécie de

guia e amigo? Harry não podia deixar isso acontecer, não podia...

"Onde você estava? Porquê você está ensopado? E esse sangue?". Rony

estava parado no alto das escadarias, olhando fascinado, o aspecto de Harry.

"Eu preciso de seu livro" Harry palpitou."Seu livro de Poções. Rápido... Dême...".

"Mas e quanto ao Mestiço -".

"Eu explico depois!”.

Rony arrancou a cópia de Poções Avançadas da bolsa e o entregou; Harry

correu para sair da sala comunal. Aqui, ele prendeu a mochila, ignorando os olhares

pasmos de várias pessoas que já tinham terminado o jantar e se atirou para fora do

buraco do retrato e correu ao longo do corredor de sétimo andar.

Ele deslizou por uma parede ao lado da tapeçaria dos trasgos dançantes e

fechando os olhos começou a caminhar.

Eu preciso de um lugar para esconder meu livro... Eu preciso de um lugar para

esconder meu livro... Eu preciso de um lugar para esconder meu livro...

Ele passou três vezes para cima e para baixo pela parede branca. Quando

abriu os olhos, estava lá enfim: a porta para a Sala Precisa. Harry puxou para abrir e

se lançou para dentro, batendo a porta. Ofegou. Apesar da sua pressa, do seu pânico,

do medo do que o esperava quando voltasse ao banheiro, não poderia se intimidar

pelo que estava vendo. Ele estava em um quarto do tamanho de uma catedral grande,

cujas janelas eram altas e enviavam feixes de luz para baixo, o que parecia uma

cidade com paredes imponentes, construídas, pelo que Harry soube, por objetos de

gerações antepassadas de Hogwarts. Havia becos e estradas limitadas por pilhas de

mobílias estragadas e quebradas, guardadas ali, talvez, para esconder magias malfeitas, ou então por elfos domésticos orgulhosos. Havia milhares e milhares de livros,

que sem dúvida eram roubados, rabiscados ou proibidos. Havia catapultas aladas e

Frisbees Dentados, alguns, com vida o suficiente para pairar sobre montanhas de

outras coisas proibidas; Havia garrafas de poções congeladas, chapéus, jóias, capas;

algo que parecia cascas de ovo de dragão, garrafas arrolhadas cujos conteúdos ainda

brilhavam, várias espadas enferrujadas e um machado pesado, manchado de sangue.

Harry se apressou adiante de um dos becos entre todos esses tesouros

escondidos. Ele virou a direita após um enorme duende gigante, correu por um curto

caminho, tomou a esquerda no armário de Desaparecimento quebrado, no qual

Montague perdeu-se no ano anterior, parando finalmente ao lado de um armário

grande que parecia ter ácido jogado sobre a superfície embolorada. Ele abriu o

armário, rangendo as portas: já tinha sido usado como esconderijo para alguma jaula

que morreu há muito tempo; seu esqueleto tinha cinco pernas. Ele colocou o livro do

Príncipe Mestiço escondido atrás da gaiola e bateu a porta. Ele parou por um

momento, seu coração batendo horrivelmente, contemplando toda desordem ao

redor... Ele poderia achar este local novamente entre toda essa tranqueira? Ele

prendeu o busto lascado de um feiticeiro velho em cima de um engradado, colocou

em pé sobre o armário que o livro estava escondido, empoleirou uma peruca velha e

uma tiara manchada na cabeça de estátuas deixando marcado, então voltou pelos

becos de tranqueiras escondidas tão rápido quanto ele chegou, voltou para porta, saiu

para o corredor e a porta atrás dele voltou-se imediatamente a virar pedra.

Harry correu pelo corredor afora para o banheiro no andar debaixo, colocando

a cópia de Ron de Poções Avançadas na bolsa enquanto corria.

Um minuto depois, ele estava na frente de Snape que estendeu a mão sem

nenhuma palavra para a mochila de Harry. Harry a entregou e arquejou, com uma dor

lancinante de lado e esperou.

Um por um, Snape retirou os livros de Harry e os examinou. Finalmente, o

único livro que deixou era o de Poções, que ele olhou muito cuidadosamente antes de

falar.

"Esta é sua cópia de Poções Avançadas, é, Potter?”.

"Sim” Harry disse ainda tomando fôlego.

"Você está bastante seguro disso, não é, Potter?”.

"Sim” Harry disse, com um tom de desafio.

"Está é a cópia de Poções Avançadas que você comprou da Floreios e Borrões

"? "Sim” Harry disse firmemente.

"Então por que”, Snape perguntou, “tem o nome ' Roonil Wazlib' escrito dentro

da capa?”.

O coração de Harry saltou uma batida. "Esse é meu apelido" ele disse.

"Seu apelido” Snape repetiu.

"Sim... é assim que meus amigos me chamam” Harry disse.

"Eu entendo o que é um apelido”, Snape disse. Os olhos pretos e frios estavam

mais uma vez fixos em Harry; ele tentou não olhar neles. Feche sua mente... Feche

sua mente... Mas ele nunca tinha aprendido a fazer isto corretamente...

“Você sabe o que eu acho, Potter?" Disse Snape, muito baixo. "Eu acho que

você é um mentiroso e uma fraude, e que você merece detenção

comigo todos os

sábados até o fim de ano. O que você acha, Potter?".

"Eu - eu não concordo, senhor” Harry disse, ainda recusando a olhar nos olhos

de Snape.

"Bem, nós veremos como você se sente depois de suas detenções” Snape

disse. "Dez da manhã de sábado, Potter. Meu escritório".

"Mas o senhor..." Disse Harry, desesperado. "Quadribol... A última partida

do...".

“Às dez”, Snape sussurrou, com um sorriso que mostrou os dentes amarelos

dele. “Pobre Grifinória... Quarto lugar este ano, eu temo...".

E ele deixou o banheiro sem outra palavra, deixando Harry olhando no espelho

rachado, sentindo mais mal, ele estava seguro, que Ron alguma vez tinha se sentido

na vida dele.

"Eu não direi 'eu lhe falei,'” disse Hermione, uma hora depois na sala comunal.

"Deixe disto, Hermione”, Ron disse furioso.

Harry nunca tinha feito isto ao jantar; ele não tinha nenhum apetite. Ele só

contou a Ron, Hermione e Gina o que tinha acontecido, não que houvesse muita

necessidade. As notícias corriam muito rapidamente: Murta que Geme aparentemente

tinha se encarregado de aparecer em todo banheiro do castelo para

contar a história;

Malfoy já tinha sido visitado na ala hospitalar por Pansy Parkinson que não tinha

perdido nenhum tempo para contar-lhe sobre Harry e Snape, e tinha contado para o

pessoal o que tinha acontecido. Harry já tinha sido convocado a sala comunal para

suportar quinze minutos altamente desagradáveis na companhia da Professora

McGonagall que tinha lhe falado como ele teve sorte em não ter sido expulso e que

ela apoiava integralmente o castigo de Snape de detenção todos os sábados até o fim

de ano.

"Eu disse que havia algo errado com aquele de Príncipe" Hermione disse,

evidentemente impossibilitada de parar. "E eu tinha razão, eu não estava...".

"Não, eu não penso que você estava" Harry disse obstinado.

Ele estava tendo um momento bastante ruim sem o que Hermione pudesse

dizer; os olhares nos rostos do time da Grifinória, quando ele lhes falou que não

poderia jogar no sábado foi o pior castigo de todos. Ele poderia sentir os olhos de

Gina agora nele, mas não os procurou; ele não quis ver decepção ou raiva lá. Ele

tinha lhe falado há pouco que ela estaria jogando como apanhadora no sábado, e que

Dino estaria se reunindo ao time como artilheiro no lugar dela. Talvez, se eles

ganhassem, Gina e Dino dariam a volta por cima durante a comemoração... O

pensamento passou por Harry como uma faca glacial...

"Harry” Hermione disse, "como ainda você pode ficar com aquele livro quando

aquele feitiço -".

"Deixe de ficar insistindo sobre o livro!” Interrompeu Harry. "O Príncipe só

copiou! Não estava com ele aconselhando qualquer um para o usar! Tudo que nós

sabemos é que ele estava fazendo uma nota de algo que tinha sido usado contra

ele!”.

"Eu não acredito nisto” Hermione disse. "Você está defendendo o fato-“

"Eu não estou defendendo o que eu fiz!” Disse Harry depressa. "Eu desejava

não ter feito isto, e não só porque eu tenho uma dúzia de detenções. Você sabe que

eu não teria usado um feitiço assim, nem mesmo em Malfoy, mas você não pode

culpar o Príncipe, ele não tinha escrito 'experimente isto, é realmente é bom' - ele

estava só fazendo para ele, não para outro qualquer...".

"Você está me falando" disse Hermione, "que você vai voltar -?".

"E pegar o livro? Sim, eu estou". Harry disse vigorosamente. "Escute, sem o

Príncipe eu nunca ganharia o Felix Felicis. Eu nunca saberia salvar Ron de se

envenenar, eu nunca teria -".

"-adquirido uma reputação brilhante de Poções que você não merece"

Hermione disse sordidamente.

"Deixa disso, Hermione!" Disse Gina e Harry ficou tão pasmo, tão agradecido,

ele observou. “Pelo jeito, Malfoy estava tentando usar uma Maldição Imperdoável e

você deveria estar contente de Harry ter algo escondido na manga!”.

"Bem, claro que eu estou contente por Harry não ter sido amaldiçoado!”. Disse

Hermione, claramente. "Mas você não pode dizer que aquele Sectumsempra seja um

feitiço bom, Gina, olhe onde foi encontrado! E eu teria pensado e visto o que isto fez a

suas chances na partida-“.

"Oh, não comece a agir como se você entendesse de quadribol" Gina estalou,

"você só se envergonhará".

Harry e Ron fitaram Hermione e Gina, que sempre haviam se dado muito bem,

sentadas agora com os braços cruzados e olhando para direções opostas. Ron olhou

Harry nervosamente, então arrebatou ao acaso um livro e se escondeu atrás dele.

Porém, Harry percebeu, sentiu-se incrivelmente alegre de repente, embora nenhum

deles se falasse novamente pelo resto da noite.

A alegria dele durou pouco. Havia Sonserinos escarnecendo de maneira

insuportável no dia seguinte, sem mencionar a imensa raiva da Grifinória que estava

muito infeliz pelo Capitão deles ter sido proibido de jogar a partida final da copa. No

sábado pela manhã, apesar de tudo que ele disse para Hermione, Harry teria trocado

alegremente todo o Felix Felicis do mundo para estar caminhando até o campo de

quadribol com Ron, Gina e os outros. Era quase insuportável não virar para longe da

massa de estudantes que fluíam para a luz do sol, todos eles vestindo roseta,

chapéus e brandindo bandeiras, e ter que descer os degraus de pedra para as

masmorras e caminhar até os sons distantes da multidão diminuírem totalmente, e

sabre que ele não poderia ouvir uma palavra de comentário, ou alegria, ou gemido.

"Ah, Potter" Snape disse, quando Harry tinha batido na porta dele e entrado

sem licença no escritório familiar de Snape, que apesar de ensinar nos andares de

cima agora, ele não tinha desocupado; era vagamente iluminado como sempre, e os

mesmos objetos mortos viscosos permaneciam suspensos em poções coloridas ao

redor das paredes. Contrariamente, havia muitas caixas de cheias de papéis

empilhadas em uma mesa onde, claramente, Harry se sentaria; elas tinham uma aura

de trabalho tedioso, duro e insensato sobre elas.

"Sr. Filch tem procurado alguém para esvaziar estes arquivos velhos" Snape

disse suavemente. "Eles são os registros de outros malfeitores de Hogwarts e os

castigos deles. Onde a tinta escorreu ou os cartões sofreram dano de ratos, nós

gostaríamos que você copiasse mais uma vez os crimes e castigos e, tendo certeza

que eles estão em ordem alfabética, os substitua nas caixas. Você não usará magia".

"Certo, Professor", Harry disse, com tanto desprezo quanto ele poderia pôr nas

últimas três sílabas.

"Eu acho que você poderia começar" Snape disse, um sorriso malicioso nos

lábios, "com as caixas mil e doze a mil e cinqüenta e seis. Você achará alguns nomes

familiares lá que deverá tornar a tarefa mais interessante. Aqui, você vê...".

Ele tirou um cartão de uma das caixas do topo com um floreio e leu: "James

Potter e Sirius Black. Apreendidos usando um feitiço ilegal em Bertram Aubrey. A

cabeça de Aubrey aumentou de tamanho duas vezes. Detenção dobrada", Snape

zombou. "Deve ser uma coisa reconfortante que, embora eles tenham ido, um registro

das grandes realizações deles permanece".

Harry sentia a sensação familiar fervente na boca do estômago. Mordendo a

língua para evitar responder, ele se sentou na frente das caixas e puxou uma para ele.

Era, como Harry tinha pensado, trabalhos inúteis, enfadonhos,

pontuados

(como Snape tinha planejado claramente) com uma habitual pontada no estômago

que significava que ele tinha lido a pouco os nomes de seu pai e de Sirius,

normalmente juntos em várias malandragens insignificantes, ocasionalmente

acompanhados pelos nomes de Remo e Peter Pettigrew. E enquanto ele copiava

várias de suas ofensas e castigos, ele desejou saber o estava acontecendo lá fora, se

o jogo já tinha começado... Gina sendo a Apanhadora contra Cho...

Harry olhou e olhou repetidas vezes no grande relógio na parede, que não

parecia estar movendo tão rápido quanto um relógio regular; talvez Snape o tivesse

enfeitiçado para ir extra-lentamente? Ele não poderia ter estado ali por apenas meio

uma hora... Uma hora... Uma hora e meia talvez...

O estômago de Harry começou a roncar quando o relógio mostrou que eram

quase doze horas. Snape, que não tinha falado nada desde ter estabelecido a tarefa

para Harry, finalmente o olhou quando era 10 pra uma.

"Acho que por hoje é só" disse friamente.

"Marque o lugar onde você parou. Você continuará às dez horas no sábado

que vem".

"Sim, senhor".

Harry colocou um marcador curvado em qualquer lugar na caixa e se apressou

para fora antes que Snape pudesse mudar de idéia, e enquanto corria tentou ouvir

algo além de seus passos correndo, aguçando seus ouvidos para ter notícias, um som

do lance, mas tudo estava quieto.

Ele hesitou de fora do Salão Principal abarrotado, então correu pela escadaria

de mármore; se Grifinória tivesse ganhado ou perdido, o time normalmente celebraria

ou se entristeceria no próprio salão comunal.

"Nós vencemos?”. Ele disse à Mulher Gorda e desejando saber o que ele

acharia lá dentro.

A expressão dela era inexpressiva quando ela respondeu "Você verá".

E ela girou para frente.

Um rugido de celebração estourou do buraco atrás dela. Harry ficou de queixo

caído, as pessoas começaram a gritar à vista dele; várias mãos o puxaram para

dentro.

"Nós ganhamos!" Gritou Ron, saltando e brandindo a Taça prateada para

Harry. "Nós ganhamos! Quatrocentos e cinqüenta a cento e quarenta! Nós

ganhamos!”.

Harry deu uma olhada; viu Gina correndo para ele; ela tinha um olhar duro,

ardente na face quando lançou seus braços ao redor dele. E sem pensar, sem

planejar isto, sem se preocupar com o fato que cinqüenta pessoas estavam

assistindo, Harry a beijou.

Depois de vários longos momentos - ou poderia ter sido meio hora - ou

possivelmente vários dias iluminados pelo sol - eles se separaram. A sala comunal

tinha ficado muito quieta. Então várias pessoas uivaram, e houve uma erupção de

risadas nervosas. Harry olhou sobre o topo da cabeça de Gina para ver Dino Thomas,

que segurava um copo quebrado na mão, e Romilda Vane, que olhava como se ela

fosse jogar algo. Hermione estava radiante, mas os olhos de Harry buscaram Ron.

Afinal ele o achou, ainda apertando a Taça e com a expressão de quem aparentava

ter levado um duro golpe na cabeça. Por uma fração de segundos, eles olharam um

para o outro, então Ron deu uma acenada minúscula com a cabeça, e Harry entendeu

que estava tudo bem.

A criatura no tórax dele rugiu em triunfo, ele sorriu para Gina e gesticulou para

fora do buraco de retrato. Um passeio longo nos terrenos parecia apropriado, durante

o qual - se eles tivessem tempo - poderiam discutir a partida.

CHAPTER TWENTY-FIVE



THE SEER OVERHEARD

Capítulo 25 - O Vidente ouvido secretamente

O fato de que Harry Potter estava saindo com Gina Weasley pareceu

interessar um grande número de pessoas, na maioria garotas; apesar disso Harry

sentiu-se feliz pelas fofocas que aconteceram durante algumas semanas. Afinal, era

uma boa mudança ser assunto por um motivo que o estava deixando mais feliz do que

ele podia se lembrar em longo tempo, ao invés de virar fofoca por

estar envolvido em

horríveis cenas de magia negra.

"Você pensaria que as pessoas têm assuntos melhores pra fofocar" - disse

Gina, enquanto se sentava no chão da sala comunal, encostando-se às pernas de

Harry e lendo o Profeta Diário. "Três ataques de dementadores em uma semana, e

tudo o que Romilda Vane me pergunta é se é verdade que você tem um Hipógrifo

tatuado no peito".

Rony e Hermione riram. Harry os ignorou.

"O que você disse pra ela?".

"Eu disse que é um Rabo-Córneo Húngaro", falou Gina, virando a página do

jornal preguiçosamente. "Muito mais masculino".

"Obrigado" disse Harry, sorrindo. "E o que você disse pra ela que o Rony

tem?".

"Um Ursinho Anão, mas não disse onde".

Rony olhou zangado enquanto Hermione rolava de rir.

"Cuidado!" Ele disse, apontando para Harry e Gina. "Só porque eu dei minha

permissão não significa que eu não posso retirá-la".

"Permissão?" Zombou Gina. "Desde quando você me dá permissão pra fazer

alguma coisa? De qualquer forma, você mesmo disse que preferia que fosse Harry ao

invés de Michael ou Dino”.

“Sim, eu prefiro” disse Rony de má vontade. "Contanto que vocês não

comecem a se agarrar em público".

"Seu hipócrita! E você e Lilá, se pegando como enguias em todos os lugares?"

- perguntou Gina.

Mas a tolerância de Rony não estava pra ser testada enquanto eles entravam

em Junho, e o tempo de Harry e Gina juntos tinha se tornado muito restrito. Os NOM's

de Gina estavam se aproximando, portanto ela era forçada a revisar as matérias até

de noite. Em uma delas, quando Gina foi para a biblioteca e Harry estava sentado

perto da janela do salão comunal, supostamente terminando sua lição de Herbologia

quando na realidade estava revivendo uma hora particularmente alegre que ele

passou perto do lago com Gina na hora do almoço, Hermione se largou no assento

entre Harry e Rony com uma expressão positivamente desagradável.

"Quero falar com você Harry”.

"Sobre o que?" Disse Harry desconfiado. No dia anterior, Hermione tinha lhe

dado uma bronca por distrair Gina quando ela deveria estar se preparando para seus

exames.

“Sobre o que se autodenomina Príncipe Mestiço”.

"Ah, não isso de novo", ele suspirou. "Deixe isso pra lá, por favor?".

Ele não tinha se atrevido a voltar à Sala Precisa para retirar o livro, e sua

performance em Poções estava sofrível. (apesar de Slughorn, que aprovava Gina, ter

comicamente atribuído isso ao fato de Harry estar doente de amor). Mas Harry estava

certo de que Snape ainda não tinha desistido de colocar as mãos no livro, e estava

determinado a deixá-lo onde estava enquanto Snape continuasse observando.

"Não deixo pra lá, não" disse Hermione firmemente, “Até você me escutar.

Agora, eu venho tentado encontrar alguma coisa sobre quem teria como hobby

inventar feitiços obscuros”.

"Ele não fazia disso um hobby...".

"Ele, ele - quem disse que é 'ele'?".

"Nós já discutimos isso" disse Harry zangado. "Príncipe, Hermione, Príncipe!".

"Certo!" Disse Hermione, com as bochechas vermelhas enquanto puxava um

pedaço de jornal bem velho de dentro de sua mala e batia na mesa que estava na

frente de Harry. "Olhe isso! Olhe esta foto!".

Harry pegou o pedaço de papel e encarou a foto em movimento, amarelada

pela idade. Rony se inclinou para olhar também. A foto mostrava uma garota

magrinha, por volta dos 15 anos. Ela não era bonita, parecia aflita e mau-humorada ao

mesmo tempo, com uma forte expressão e uma pele pálida. Embaixo da foto vinha a

legenda: Eileen Prince, capitã do time de Bexigas de Hogwarts.

"E...?" Disse Harry, lendo a curta notícia à qual a figura pertencia. Era uma

história sobre competições intercolegiais.

"O nome dela era Eileen Prince. Prince, Harry”.

Eles se olharam e então Harry percebeu o que Hermione estava tentando

dizer. Ele começou a rir.

"Sem chances”.

“O quê?".

"Você acha que ela era o príncipe-mestiço...? Ah, fala sério...".

"Bom, por que não? Harry, não existem príncipes no mundo dos bruxos. Ou

isso é um apelido, um título inventado que alguém deu para si mesmo, ou pode ser

seu nome de verdade, não pode? Preste atenção! Se, digamos, o pai dela fosse um

bruxo com o sobrenome 'Prince', e sua mãe fosse trouxa, isso a faria o ‘half-blood

Prince!’”.

"Sim, muito engenhoso, Hermione...".

"Mas faria! Talvez ela tivesse orgulho de ser uma meio Prince!".

"Ouça, Hermione, eu posso dizer que não é uma garota. Simplesmente posso”.

"A verdade é que você não pensa que uma garota pode ter sido esperta

suficiente”, disse Hermione brava.

"Como eu posso ter andado com você por cinco anos e não pensar que as

garotas são espertas?" Disse Harry atormentado. "É o jeito que ele escreve. Eu

simplesmente sei que o príncipe era um homem. Essa garota não tem nada a ver com

isso. Alias, onde você arranjou isso?".

"Na biblioteca”. Disse Hermione, previsivelmente. "Tem toda uma coleção de

velhos Profetas lá em cima. Bom, eu vou encontrar mais sobre Eileen Prince se eu

puder”.

"Divirta-se”. Disse Harry irritado.

"Eu vou!" Disse Hermione. "E o primeiro lugar que eu irei olhar”, disse ela pra

Harry, assim que chegou ao buraco do retrato da mulher gorda, "é o registro de

antigos prêmios de Poções!".

Harry olhou zangado para ela por um momento, e então continuou a

contemplar o céu que escurecia.

"Ela nunca vai superar o fato de que você se deu melhor que ela em Poções”,

disse Rony, retornando a sua cópia de 1000 ervas mágicas e fungos.

"Você não acha que estou louco, por querer aquele livro de volta, acha?".

"Claro que não”, disse Rony vigorosamente. "Ele era um gênio, o príncipe. De

qualquer forma, sem a dica do bezoar..." Ele passou o dedo pela própria garganta de

maneira significativa, "Eu não estaria aqui pra discutir isso, estaria? Digo, não estou

falando que o feitiço que você usou no Malfoy era ótimo...".

"Nem eu”, disse Harry rapidamente.

"Mas ele se curou bem, não? Ficou de pé novamente bem rápido”.

"Sim", disse Harry; isso era perfeitamente verdade, apesar de que sua

consciência dizia aborrecida: 'Graças ao Snape...'

"Você ainda tem detenção com o Snape nesse sábado?" - Rony continuou.

"Sim, e no sábado depois desse, e no outro", disse Harry. "E ele está dizendo

agora que se eu não tiver terminado todas as caixas até o fim do período, nos

continuaremos no ano que vem”.

Ele estava achando essas detenções particularmente cansativas porque

diminuía ainda mais o já limitado tempo que ele podia passar com Gina. De fato, ele

vinha imaginando ultimamente que Snape sabia disso, porque ele segurava Harry até

mais tarde, em cada sábado, enquanto falava sobre Harry estar perdendo o bom

tempo e as diversas oportunidades que este oferecia.

Harry foi sacudido dessas amargas reflexões pela chegada de Jimmy Peakes,

que estava segurando um pedaço de pergaminho.

"Obrigado Jimmy... Hei, é do Dumbledore!" Disse Harry excitado, desenrolando

o pergaminho e começando a ler. "Ele quer que eu vá até a sala dele o mais rápido

possível!".

Eles se encararam.

"Caramba", sussurrou Rony, "Você não acha... ele não encontrou...?".

"Melhor eu ir e ver, não?" - disse Harry, levantando.

Ele correu para fora da sala comunal e foi até o sétimo andar o mais rápido

que pode, sem passar por ninguém além de Pirraça, que passava indo à direção

oposta, jogando pedaços de giz em Harry de forma costumeira e rindo alto quando se

esquivava da azaração defensiva de Harry. Assim que Pirraça foi embora, o corredor

ficou em silêncio; com apenas 15 minutos para o toque de recolher a maioria das

pessoas já tinha retornado para seus salões comunais.

E então Harry ouviu um grito e um estampido. Ele parou e escutou.

"Como - você - se - atreve - aaaaaargh!".

O barulho estava vindo de um corredor próximo. Harry correu em sua direção,

com sua varinha pronta, virou mais um canto e viu a Professora Trelawney estirada no

chão, sua cabeça coberta por um de seus muitos xales, diversas garrafas de vinho ao

lado dela, uma quebrada.

"Professora...".

Harry se apressou e ajudou a Professora Trelawney a se levantar. Algumas de

suas brilhantes contas tinham emaranhado com seus óculos. Ela soluçou alto,

arrumou o cabelo, e se apoiou no braço que Harry ofereceu.

"O que aconteceu, professora?".

"Você pode perguntar!" Disse ela numa voz aguda. “Eu estava caminhando por

aí, meditando sobre alguns obscuros presságios que eu tive...".

Mas Harry não estava prestando muita atenção. Ele tinha acabado de notar

onde eles estavam parados. À sua direita tinha a tapeçaria dos trasgos dançantes e a

esquerda aquela impenetrável parede de pedra que guardava... -

"Professora, você estava tentando entrar na Sala Precisa?".

"... anunciavam que eu fui autorizada - o quê?".

De repente ela pareceu sagaz.

"A Sala Precisa", repetiu Harry. "Você estava tentando entrar lá?".

"Eu - bem - eu não sabia que os alunos sabiam sobre...”.

"Nem todos sabem”, disse Harry. "Mas o que aconteceu? Você gritou! Soou

como se você estivesse machucada...".

"Bem - eu”, disse Professora Trelawney, tirando seu xale e olhando para ele

como seus vastos e magníficos olhos. "Eu queria - ah - colocar certos- hum - itens

pessoais na Sala..." E ela murmurou algo como "desagradáveis acusações".

"Certo", disse Harry, olhando para as garrafas de vinho logo abaixo. "Mas você

não conseguiu entrar e escondê-las?".

Ele achou isso muito estranho. A sala abriu pra ele, quando ele quis

esconder

o livro do Half-Blood Prince.

"Oh, eu entrei sim", disse Professora Trelawney, encarando a parede. "Mas já

havia alguém lá dentro”.

"Alguém lá -? Quem?" Perguntou Harry. "Quem estava lá dentro?".

"Não tenho nem idéia”, disse a professora, estranhando a urgência na voz de

Harry. "Eu entrei na sala e ouvi vozes, o que nunca tinha acontecido em todos os

meus anos de esconder - de usar a sala, digo eu”.

"Uma voz? Dizendo o quê?".

"Eu não sei, não estava falando nada”, disse Trelawney. "Estava... gritando!".

"Gritando?".

"Alegremente", ela disse, balançando a cabeça afirmativamente.

Harry a encarou.

“Era homem ou mulher?”.

"Eu diria que era um homem”, disse a professora.

"E parecia feliz?".

"Muito feliz", disse Trelawney desdenhosamente.

“Como se estivesse celebrando?”.

"Definitivamente...".

"E então...?".

"E então eu disse 'Quem está aí?'...".

"Você não poderia ter descoberto quem era sem perguntar?" - Perguntou

Harry, meio frustrado.

"A visão interior", disse a professora com dignidade, esticando seu xale e

vários cordões de contas brilhantes, "está fixada sobre coisas além do mundano

campo das alegres vozes”.

"Certo”, disse Harry de forma hostil. Ele ouvira falar da visão interior da

professora com muita freqüência antes. "E a voz disse quem estava lá?”.

"Não, não disse”, falou a professora. "Tudo escureceu e logo em seguida eu

estava sendo arremessada de ponta cabeça para fora da sala!".

"E você não previu isso?” Disse Harry, sem conseguir se conter.

"Não, eu não previ, como eu disse, estava escuro”. Ela parou e fixou os olhos

nele suspeitamente.

"Eu acho que você deve contar ao Professor Dumbledore”, disse Harry. "Ele

deve saber que Malfoy está celebrando - quer dizer, que alguém jogou você para fora

da sala”.

Para sua surpresa, Professora Trelawney o olhou de forma arrogante depois

dessa sugestão.

"O diretor disse que ele prefere receber menos visitas minhas”, disse ela,

friamente. "Eu não vou pressionar a minha companhia sobre aqueles que não a

valorizam. Se Dumbledore escolhe ignorar os avisos que as cartas mostram...".

Sua mão ossuda se fechou de repente em torno do pulso de Harry.

"De novo e mais uma vez, não importa como eu as tire-".

E ela puxou uma carta dramaticamente de dentro de seu xale.

“A brilhante torre”, ela sussurrou. "Calamidade. Desastre. Vindo mais perto

todo o tempo...".

"Certo”, disse Harry novamente. "Bem... Eu ainda acho que você deve contar

ao Dumbledore sobre essa voz e sobre tudo ter escurecido e você ter sido jogada pra

fora da sala...".

"Você acha?" A professora parecia estar considerando o assunto por um

instante, mas Harry podia dizer que ela gostou da idéia de recontar sua pequena

aventura.

"Eu estava indo vê-lo agora”. Disse Harry. Eu tenho uma reunião com ele. Nós

podemos ir juntos.

“Bom, neste caso”, disse a professora com um sorriso. Ela se abaixou, pegou

suas garrafas de vinho e as jogou sem cerimônia num grande vaso azul e branco que

ficava em um vão ali perto.

“Eu sinto falta de lhe ter nas minhas aulas, Harry”, disse ela de modo nobre,

quando eles começaram a andar juntos. “Você não tinha muito talento

como vidente...

mas era um maravilhoso Objeto...”.

Harry não respondeu. Ele tinha odiado ser o objeto de predição de futuro da

professora.

“Eu acho que”, ela continuou, “que o cavalo - quer dizer, o centauro - não sabe

nada de cartomancia. Eu perguntei pra ele - de um vidente para outro - se ele não

estava sentindo a vibração de catástrofes chegando, também? Mas ele pareceu me

achar quase cômica. Sim, cômica”.

Sua voz soou meio histérica e Harry sentiu um poderoso bafo de vinho, mesmo

com as garrafas de vinho tendo ficado para trás.

“Talvez o cavalo tenha ouvido que eu não herdei o dom da minha tetravó.

Esses rumores têm sido espalhados pelos invejosos por muitos anos. Você sabe o

que eu digo pra esse tipo de pessoa, Harry? Dumbledore teria me deixado ensinar

nessa maravilhosa escola, colocado tanta confiança em mim todos esses anos, se eu

não tivesse me provado pra ele?”.

Harry resmungou algo indistinto.

“Eu bem me lembro da minha primeira entrevista com o Dumbledore”,

continuou Professora Trelawney, em um tom gutural. “Ele estava profundamente

impressionado, claro, profundamente impressionado... Eu estava hospedada no

Cabeça de Javali, que, aliás, eu não recomendo - insetos na cama, querido - mas os

fundos estavam baixos. Dumbledore fez a cortesia de me chamar no meu quarto da

hospedaria. Ele me perguntou... Eu devo confessar que no começo ele parecia

desconfiado com relação à Adivinhação... eu lembro que eu estava começando a me

sentir mal, não tinha comido nada naquele dia... mas então...”

E agora Harry estava prestando atenção, provavelmente pela primeira vez,

porque ele sabia o que tinha acontecido então: a professora tinha feito a profecia que

alterou todo o curso da vida dele, a profecia sobre ele e Voldemort.

“.. mas então nós fomos bruscamente interrompidos por Severo Snape!”.

“O quê?!”

“Sim, havia um barulho lá fora e então a porta abriu, e lá estava aquele

estranho barman parado com Snape, que estava dizendo que tinha subido pelo lado

errado, apesar de que eu acho que ele estava pretendendo escutar a minha entrevista

com Dumbledore - veja, ele mesmo estava procurando um emprego naquele

momento, e sem dúvidas esperava pegar algumas dicas! Bom, depois disso, sabe,

Dumbledore pareceu muito mais disposto para me dar o emprego, e eu não consegui

evitar de pensar, Harry, que isso aconteceu porque ele apreciou o rígido contraste

entre os meus modestos modos e absoluto talento, comparado com o impulsivo jovem

que estava pronto para ouvir pelo buraco da fechadura - Harry, querido?"

Ela olhou pra trás, só percebendo agora que Harry não estava mais com ela;

ele tinha parado de andar e eles estavam agora a 10 passos um do outro.

"Harry?" Ela repetiu, incerta.

Talvez o rosto dele estivesse branco, para fazer com que ela parecesse tão

preocupada e assustada. Harry estava parado, chocado, apagando tudo menos a

informação que tinha sido escondida dele por tanto tempo...

Foi Snape quem ouviu a profecia. Foi Snape quem levou as notícias da

profecia para Voldemort. Snape e Pedro Pettigrew mandaram, juntos, Voldemort

perseguir Lílian, Tiago e seu filho...

Nada mais importava para Harry agora.

"Harry?" Disse a professora mais uma vez. "Harry - eu achei que nós iríamos

ver o diretor juntos?".

"Você fica aqui", disse Harry através de seus lábios paralisados.

"Mas, querido... eu ia contar a ele como eu fui atacada na Sala -".

"Você fica aqui!" Repetiu Harry bravo;

Ela pareceu preocupada quando ele passou por ela, virou o canto rumo ao

corredor onde ficava a gárgula que permitia a entrada no escritório de Dumbledore.

Harry gritou a senha e subiu correndo a escada espiral, três degraus por vez. Ele

espancou a porta, ou invés de bater. E a calma voz respondeu ‘entre’ depois que

Harry já tinha se arremessado pra dentro da sala.

Fawkes, a fênix olhou em volta, seus brilhantes olhos pretos vislumbrando o

pôr do sol pela da janela. Dumbledore estava próximo à janela olhando para os

terrenos com uma capa preta de viagem em seus braços.

“Bom, Harry, eu prometi que você poderia vir comigo”.

Por um momento, ou dois, Harry não entendeu. A conversa com Trelawney

tinha tirado todo o resto de sua cabeça e seu cérebro parecia se mover de forma bem

devagar.

“Ir... com você?”.

“Claro que somente se você quiser...”.

“Se eu...”.

E então Harry lembrou porque tinha sido chamado, a princípio, para ir ao

escritório de Dumbledore.

“Você achou um? Você achou um Horcrux?”.

“Acredito que sim”.

Raiva e ressentimento começaram a lutar contra o choque e empolgação. Por

alguns momentos, Harry não conseguiu falar.

“É natural sentir medo”, disse Dumbledore.

“Eu não estou com medo!” Disse Harry de uma vez, e era perfeitamente

verdade. Medo era uma emoção que ele não estava sentindo. “Qual Horcrux é? Onde

está?”.

“Eu não tenho certeza de qual é - apesar de que acho que podemos esquecer

a cobra - mas eu acredito que está escondido numa caverna a milhares de

quilômetros daqui, uma caverna que eu venho tentando localizar por muito tempo: a

caverna em que Tom Riddle uma vez aterrorizou duas crianças em uma das viagens

anuais de seu orfanato, você se lembra?”.

“Sim”, disse Harry. “Como está protegido?”.

“Eu não sei. Eu tenho algumas suspeitas que podem estar completamente

erradas”, disse Dumbledore hesitante, e então disse, “Harry eu prometi que você

poderia vir comigo e eu mantenho essa promessa, mas seria muito errado da minha

parte não o alertar para o fato de que será extremamente perigoso”.

“Eu vou”, disse Harry, antes mesmo de Dumbledore terminar de falar.

Espumando de raiva de Snape, seu desejo de fazer algo desesperador e arriscado

tinha aumentado dez vezes nos últimos minutos. Aparentemente isso tinha

transparecido no rosto de Harry, porque Dumbledore se afastou da janela, e olhou

mais de perto para Harry, uma pequena ruga surgindo entre suas sobrancelhas

prateadas.

“O que aconteceu com você?”.

“Nada”, mentiu Harry prontamente.

“O que te chateou?”.

“Eu não estou chateado”.

“Harry, você nunca foi um bom oclumente”.

Essa palavra inflamou a fúria de Harry.

“Snape!” Disse Harry, muito alto, e Fawkes deu um suave grasno atrás deles.

“Snape, foi o que aconteceu! Foi ele quem contou para Voldemort sobre a profecia, foi

ele, ele ouviu por fora da porta, Trelawney me contou!”.

A expressão de Dumbledore não mudou, mas Harry percebeu que seu rosto

empalideceu, por baixo do reflexo do sol que estava sumindo. Por um longo momento

Dumbledore não falou nada.

“Quando você descobriu isso?” Ele perguntou, finalmente.

“Agora!” Disse Harry que estava se impedindo de gritar com grande dificuldade.

E então, de repente, ele não conseguiu se conter. “E VOCÊ O DEIXOU ENSINAR

AQUI, E ELE DISSE PARA VOLDEMOR IR ATRÁS DE MINHA MÃE E MEU PAI!”.

Respirando com dificuldade como se tivesse lutado, Harry deu as costas para

Dumbledore, que até então não tinha movido um músculo, e passeou pela sala,

esfregando os nós de seus dedos e se contendo para não sair quebrando todas as

coisas. Ele queria berrar com Dumbledore, mas ao mesmo tempo ele queria ir com ele

e tentar destruir o Horcrux; ele queria dizer que Dumbledore era um velho idiota por

confiar em Snape, mas estava com medo de que Dumbledore não o levasse se não

controlasse sua raiva...

"Harry", disse Dumbledore calmamente. "Por favor, me escute".

Foi difícil controlar seus nervos para não começar a gritar. Harry parou, mordeu

seus lábios e olhou para o rosto de Dumbledore.

"O professor Snape cometeu um terrível...".

"Não me diga que foi um engano, senhor, ele estava ouvindo através da

porta!".

"Por favor, deixe-me terminar". Dumbledore esperou que Harry acenasse e

então continuou. "Snape cometeu um terrível erro. Ele ainda era um empregado de

Lord Voldemort na noite em que ele ouviu metade da profecia da professora.

Naturalmente, ele correu para contar ao seu mestre o que tinha ouvido, porque isso

muito o interessava. Mas ele não sabia - ele não tinha como saber -

qual garoto

Voldemort iria perseguir dali em diante, ou que os pais que ele destruiria em sua saga

assassina eram pessoas que ele, Snape, conhecia; que eles eram seus pais”.

Harry deixou escapar uma risada melancólica.

“Ele odiava meu pai como odiava Sirius! Você não notou, Professor, como as

pessoas que Snape odeia tendem a acabar morrendo?”.

“Você não tem idéia do remorso que Snape sentiu quando ele percebeu como

Voldemort tinha interpretado a profecia, Harry. Eu acredito que tenha sido o maior

arrependimento da vida dele e razão que fez com que ele voltasse...”.

“Mas ele é um ótimo oclumente, não é senhor?” Disse Harry, cuja voz estava

tremendo com o esforço para mantê-la calma. “E Voldemort não estava convencido de

que Snape estava do lado dele, mesmo agora? Professor... como você pode ter

certeza de que Snape está do nosso lado?”.

Dumbledore não falou nada por um instante. Ele parecia estar tentando

organizar sua mente sobre alguma coisa. Enfim ele disse, “Eu tenho certeza. Eu

confio completamente em Severo Snape”.

Harry respirou profundamente por alguns instantes enquanto se esforçava para

acalmar a si mesmo. Mas não funcionou.

"Bom, mas eu não!" Disse ele tão alto quanto antes. "Ele está tramando algo

com Malfoy agora, bem debaixo de seu nariz, e você ainda -".

"Nós já discutimos isso, Harry", disse Dumbledore e agora ele parecia severo

novamente. "Eu já te contei minha visão".

"Você vai deixar a escola hoje à noite e eu aposto que você nem considerou

que Snape e Malfoy podem decidir -"

"Fazer o quê?" Perguntou Dumbledore, com suas sobrancelhas levantadas. "O

que você acha que eles estão fazendo, precisamente?".

"Eu… eles estão aprontando alguma coisa!" Disse Harry e ele cerrou os

punhos enquanto falava. "Professora Trelawney estava na Sala Precisa, tentando

esconder suas garrafas de vinho quando ouviu Malfoy comemorando, celebrando! Ele

estava tentando fazer algo perigoso lá dentro, e se você me perguntar, ele conseguiu

e você está prestes a sair da escola sem -".

"Chega", disse Dumbledore. Ele disse isso calmamente, mas mesmo assim

Harry finalmente se calou. Ele sabia que tinha cruzado uma linha invisível. "Você acha

que alguma vez eu deixei a escola desprotegida durante minhas ausências esse ano?

Não deixei. Esta noite, quando eu sair, haverá novamente proteção adicional por aqui.

Por favor, não sugira que eu não levo a sério à segurança de meus

alunos, Harry”.

“Eu não -” murmurou Harry, um pouco envergonhado, mas Dumbledore o

interrompeu.

“Eu não quero mais discutir esse assunto”.

Harry reprimiu sua resposta, com medo de ter ido longe demais, e com isso ter

arruinado sua chance de acompanhar Dumbledore, mas este continuou, “Você

gostaria de ir comigo hoje?”.

“Sim”, disse Harry de uma vez.

“Muito bem, então: escute”.

Dumbledore se levantou por completo.

- “Eu te levo comigo com uma condição: que você obedeça qualquer ordem

que eu dê, sem questionar”.

“Claro”.

“Tenha certeza de que me entendeu, Harry. Eu estou dizendo que você deve

obedecer até mesmo ordens como ‘corra’, ‘se esconda’ ou ‘volte’. Eu tenho sua

palavra?”

“Eu - sim, claro”.

“Se eu falar para você se esconder, você se esconderá?”.

“Sim”.

“Se eu falar pra você se esconder, você irá obedecer?”.

“Sim”.

“Se eu falar para me deixar, e se salvar, você fará o que eu estarei dizendo?”.

“Eu -”

“Harry?”.

Eles se olharam por um momento.

“Sim senhor”.

“Muito bem. Então eu quero que você vá, pegue sua capa e me encontre no

Saguão de Entrada em 5 minutos”.

Dumbledore se virou e olhou para fora da flamejante janela. O sol agora estava

vermelho no horizonte. Harry saiu rapidamente do escritório e desceu a escada

espiral. Sua mente estava estranhamente clara. Ele sabia o que fazer.

Rony e Hermione estavam sentados juntos na sala comunal quando ele voltou.

“O que Dumbledore queria?” - Hermione disse de uma vez. “Harry, você está

bem?” Ela acrescentou ansiosa.

“Eu estou bem”, disse Harry, passando rapidamente por eles. Ele subiu a

escada e entrou no dormitório, abriu seu malão e tirou o Mapa do Maroto e um par de

meias enroladas. Então ele se apressou a descer as escadas até a sala comunal,

derrapando até o lugar onde Rony e Hermione estavam sentados, parecendo

atordoados.

“Eu não tenho muito tempo”, ofegou Harry, “Dumbledore pensa que

eu estou

pegando minha Capa da Invisibilidade. Escutem.. ”.

Rapidamente ele contou aos dois onde estava indo e porquê. Não parou nem

mesmo quando Hermione pareceu horrorizada ou quando Rony fez algumas

perguntas; eles podiam adivinhar os detalhes por conta própria, depois.

“... então vocês entendem o que isto significa?” Harry terminou de uma vez.

“Dumbledore não estará aqui esta noite, então Malfoy terá campo livre para o que

quer que seja que ele está tramando. Não, me escutem!” Ele disse bravo, quando

Rony e Hermione deram sinais de que iam interromper. “Eu sei que era Malfoy

celebrando na Sala Precisa. Aqui -” Ele jogou o Mapa do Maroto nas mãos de

Hermione. “Vocês tem que vigiar ele e Snape também. Usem qualquer pessoa que

vocês conseguirem da AD também. Hermione, aqueles galeões que usávamos para

contanto ainda funcionam, certo? Dumbledore disse que ele colocou proteção extra na

escola, mas se Snape estiver envolvido, ele saberá que proteção é essa e como evitála - mas ele não estará esperando que vocês o estejam vigiando, estará?”.

“Harry -” começou Hermione, seus olhos cheios de medo.

“Não tenho tempo para argumentar”, disse Harry brevemente. “Peguem isso

também -” Ele jogou a meia nas mãos de Rony.

“Obrigado”, disse Rony. “Hum - porque eu preciso de meias?”.

“Você vai precisar do que está dentro delas, é Felix Felicis. Dividam entre

vocês e Gina. Digam ‘tchau’ a ela por mim. Eu preciso ir, Dumbledore está me

esperando -”.

“Não!” Disse Hermione enquanto Rony desenrolava a pequena garrafa com a

poção, olhando intimidado. “Nós não queremos, leve você, pois você, o que você

estará encarando?”.

“Eu ficarei bem, estarei com Dumbledore”, disse Harry. “Eu quero saber que

vocês estarão bem... não olhe assim, Hermione. Vejo vocês depois”.

E então ele correu para a saída do salão comunal rumo ao Saguão de

Entrada.

Dumbledore estava esperando ao lado da porta da frente. Ele se virou

enquanto Harry vinha deslizando no degrau mais alto, ofegando alto e sentindo

pontadas em um dos lados do corpo.

“Eu gostaria que você vestisse sua capa, por favor”, disse Dumbledore, e

esperou que Harry tivesse jogado a capa em si antes de dizer, “Muito bem, vamos,

então?”.

Dumbledore desceu os degraus de pedra, sua capa de viagem balançando no

ar de verão. Harry se apressou para ficar ao lado dele, debaixo da capa da

invisibilidade, ainda ofegando e suando muito.

“Mas o que as pessoas pensarão quando virem o senhor saindo, Professor?”

Harry perguntou, pensando em Malfoy e Snape.

“Que eu fui até Hogsmeade, beber”, disse Dumbledore. “Algumas vezes eu sou

cliente de Rosmerta ou visito o Cabeça de Javali... É uma boa maneira de disfarçar

meu verdadeiro destino”.

Eles seguiram o caminho na passagem no crescente crepúsculo. O ar estava

cheio de cheiros de grama quente, água do lago e fumaça de madeira vinda da

cabana de Hagrid. Era difícil acreditar que eles estavam indo para algo perigoso e

assustador.

“Professor”, disse Harry calmamente, enquanto os portões apareciam no final

do caminho, “nós vamos aparatar?”.

“Sim”, disse Dumbledore. “Você consegue aparatar agora, não?”.

“Sim”, disse Harry, “mas eu não tenho a licença”.

Ele sentiu que era melhor ser honesto. E se ele estragasse tudo aparecendo a

100 metros de onde ele deveria aparecer?

“Não tem problema”, disse Dumbledore, “eu posso te ajudar novamente”.

Eles saíram e entraram no deserto caminho para Hogsmeade. A escuridão

aumentava rápido, e até eles atingirem a estrada à noite já tinha

finalmente caído.

Luzes brilhavam nas janelas das lojas, e quando se aproximaram do Três Vassouras

eles ouviram um berro rouco.

“... e permaneça aí fora!” Gritou Madame Rosmerta, jogando para fora um

bruxo com aparência suja. “Oh, olá, Alvo... você saindo tão tarde...”.

“Boa noite, Rosmerta, boa noite... me perdoe, eu estou indo ao Cabeça de

Javali... Não se ofenda, mas eu prefiro uma atmosfera mais quieta hoje...”

Um minuto depois eles estavam virando a esquina, para o lado onde ficava o

Cabeça de Javali, mas não havia nenhum barulho. Contrastando com o Três

Vassouras, o pub parecia estar completamente vazio.

“Não vai ser necessário entrar”, murmurou Dumbledore, olhando em volta.

“Contando que ninguém nos veja... agora coloque sua mão em cima do meu braço,

Harry. Não tem necessidade de se agarrar com muita força, eu estarei simplesmente

te guiando. No três - um... dois... três...”.

Harry girou. De uma vez, veio aquela horrível sensação de que ele estava

sendo espremido em um fino tubo. Ele mal podia respirar, todo o corpo dele estava

sendo comprimido, quase ultrapassando o tolerável e então, justamente quando ele

pensou que estava sufocando, as fitas invisíveis pareceram abrir, e ele

estava parado

na gelada escuridão, respirando ar fresco e salgado.



Capítulo 26 - A Caverna

Harry podia sentir o cheiro de sal e ouvir a agitação das ondas; uma leve e fria

brisa passava pelo seu cabelo enquanto olhava o mar iluminado pela lua e o céu

cheio de estrelas. Ele estava numa alta pedra escura, com água espumando e

batendo em baixo dele. Ele olhou para trás. Um enorme penhasco sustentava-se

atrás dele, com uma grande queda, preta e sem face. Alguns pedaços grandes de

pedras, como a qual Harry e Dumbledore estavam, pareciam como se tivessem caído

do penhasco em algum lugar no passado. Era uma escura, difícil visão, o mar e as

pedras livres de qualquer árvore, areia ou grama.

“O que você acha?” Perguntou Dumbledore. Ele poderia estar perguntando a

opinião de Harry se aquele era um bom lugar para um piquenique, pelo seu tom de

voz.

“Eles trouxeram as crianças do orfanato para cá?” Perguntou Harry, que não

poderia imaginar um local menos aconchegante para um passeio.

“Não aqui, exatamente”, disse Dumbledore. “Tem uma vila aqui perto. Eu

acredito que os órfãos foram trazidos para cá para um pouco de brisa marinha e uma

visão das ondas. Nenhum trouxa poderia alcançar essas rochas a não ser se fosse

excelente em escalar, e barcos não podem se aproximar dessas pedras, pois as

águas aqui são violentas. Eu acredito que Riddle desceu; magia serviria melhor do

que cordas. E ele trouxe duas crianças com ele, provavelmente pelo prazer de

aterrorizá-las. Eu acho que o passeio sozinho teria servido, não acha?”

Harry olhou para cima do penhasco e sentiu calafrios.

“Mas o destino dele - e o nosso - fica um pouco mais a frente. Venha.”

Dumbledore chamou Harry para o canto da pedra onde vários pedaços

pontiagudos faziam uma escada levando para baixo, para a água e mais próximo ao

penhasco. Era uma descida traiçoeira e Dumbledore, atrapalhado por sua mão

machucada, se movia lentamente. As pedras em baixo eram escorregadias. Harry

podia sentir jatos de sal frio bater em seu rosto. “Lumus”, disse Dumbledore, quando

alcançou a pedra mais próxima do penhasco. Mil feixes de luz dourada atingiram a

escura superfície da água um metro abaixo de onde ele se agachou; a parede preta

de pedras a seu lado estava iluminada também.

“Você vê?” Disse Dumbledore quieto, segurando sua varinha mais alto. Harry

viu um buraco no penhasco por onde a água estava entrando. “Você não vai reclamar

se ficar um pouco molhado?”.

“Não”, disse Harry.

“Então tire sua capa da invisibilidade - não precisará dela agora - e vamos

entrar na água”. E com a agilidade de um homem muito mais jovem, Dumbledore

desceu pela pedra e caiu no mar, começando a nadar perfeitamente bem, em direção

ao espaço vazio e escuro na face da rocha, com a varinha entre os dentes. Harry

tirou a capa, guardou no bolso e o seguiu. A água estava gelada; as roupas

encharcadas de Harry se mexiam em volta dele e o afundavam. Respirando

profundamente e enchendo seus pulmões com o odor de sal e algas, ele se dirigia

para a luz cintilante, que ia se movendo para dentro do penhasco. A abertura logo

levou para um túnel maior que Harry pensou que se encheria de água na maré alta.

As paredes com musgos estavam menos de um metro separadas e brilhavam como

óleo quando a luz da varinha de Dumbledore se aproximava. Um pouco depois a

passagem virava para a direita, e Harry viu que ia longe para dentro do penhasco. Ele

continuou a nadar perto de Dumbledore, a ponta de seus dedos tocando de leve a

dura e úmida pedra.

Então ele viu Dumbledore sair da água em frente, seu cabelo cinza e suas

roupas escuras brilhando. Quando Harry atingiu o mesmo ponto ele encontrou

degraus que levavam a uma grande caverna. Ele os subiu, água escorrendo de suas

roupas encharcadas e saiu da água, tremendo no ar parado e frio.

Dumbledore estava em pé no meio da caverna, sua varinha alta enquanto ele

andava, examinando as paredes e o teto.

“Sim, esse é o lugar”, disse Dumbledore.

“Como você sabe?” Harry perguntou num sussurro.

“Tem magia conhecida”. Dumbledore falou. Harry não sabia dizer se a

tremedeira que ele sentia era em relação ao frio ou ao mesmo sentimento da magia.

Ele via enquanto Dumbledore continuava a se mexer, evidentemente se concentrando

em coisas que Harry não podia ver. “Essa é meramente a antecâmara, o salão de

entrada”, disse Dumbledore depois de um momento. “Nós precisamos penetrar na

parte principal... Agora são os obstáculos de Lord Voldemort que precisamos passar,

não mais sendo os que a natureza fez...”.

Dumbledore se aproximou da parede da caverna e a acariciou com seus dedos

escurecidos, murmurando palavras numa língua que Harry não compreendia. Duas

vezes Dumbledore andou pela caverna, tocando o máximo possível a

áspera pedra,

parando às vezes, passando seus dedos por pontos específicos, até finalmente parar,

sua mão pressionada contra a parede. “Aqui”, ele falou. “Nós vamos por aqui. A

entrada está fechada”. Harry não perguntou como Dumbledore sabia. Ele nunca viu

um bruxo descobrir coisas assim, simplesmente olhando e tocando; mas Harry tinha

descoberto muito antes que barulhos e fumaça eram mais freqüentemente marcas de

inaptidão do que de experiência. Dumbledore deu um passo para trás e apontou a

varinha para a rocha. Por um momento, uma linha apareceu lá, brilhando como se

tivesse uma forte luz atrás da parede.

“Você con-conseguiu!” Disse Harry rangendo os dentes, mas antes que as

palavras tivessem saído de sua boca a linha tinha desaparecido, deixando a pedra

plana e sólida como antes. Dumbledore olhou ao redor.

“Harry, me desculpe, eu esqueci”, ele falou; ele apontou a varinha para Harry e

imediatamente suas roupas ficaram quentes e secas como se tivessem sido

penduradas em frente a chamas de fogo.

“Obrigado”, disse Harry agradecido, mas Dumbledore tinha voltado sua

atenção para a parede sólida da caverna. Ele não tentou fazer mais mágica, mas

ficou em pé olhando para ela intensamente, como se algo extremamente interessante

estivesse escrito nela. Harry permaneceu quieto; ele não queria quebrar a

concentração de Dumbledore. Então, depois de dois sólidos minutos, Dumbledore

falou baixo, “Ah, certamente não. Tão deselegante”.

“O que é, Professor?”.

“Eu penso”, disse Dumbledore, colocando sua mão normal dentro da roupa e

pegando uma curta faca de prata do tipo que Harry usava para cortar os ingredientes

de poções, “que precisamos pagar para passar”.

“Pagar?” Disse Harry. “Você tem que dar algo para a porta?”.

“Sim”, disse Dumbledore. “Sangue, se não me engano”.

“Sangue?”.

“Falei que era deselegante”, disse Dumbledore, que soava desdenhoso, até

desapontado, como se Voldemort não chegasse mais ao nível que Dumbledore

esperava. “A idéia, como tenho certeza de que Voldemort pensava, era que seu

inimigo tivesse que se enfraquecer para entrar. De novo, Lord Voldemort falhou em

descobrir que há coisas piores que dores físicas”.

“Sim, mas ainda, se você pode evitá-las…” disse Harry, que tinha

experimentado dor o suficiente para não querer mais.

“Às vezes, porém, é inevitável”, disse Dumbledore, puxando a manga da roupa

e expondo o antebraço da mão machucada.

“Professor!” Protestou Harry, correndo para ele enquanto Dumbledore

levantava a faca. “Eu o faço, eu sou -” ele não sabia o que dizer - mais jovem, mais

saudável?

Mas Dumbledore meramente sorriu. Houve um brilho de prata e um jorrar de

vermelho; a pedra foi coberta com gotas escuras e brilhantes.

“Você é muito gentil, Harry”, disse Dumbledore, agora passando a ponta de

sua varinha em cima do corte profundo que ele fez no próprio braço, de modo que se

fechou imediatamente, assim como Snape fez com Malfoy, “Mas seu sangue vale

mais do que o meu. Ah, parece que funcionou, não?” A linha cinza de um arco

apareceu na parede de novo, mas dessa vez ela não desapareceu: A rocha molhada

de sangue do lado de dentro simplesmente desapareceu, deixando um espaço aberto

para o que parecia uma total escuridão. “Depois de mim, eu acho”, disse

Dumbledore, enquanto andava pela passagem com Harry atrás,

iluminando sua

varinha rapidamente enquanto avançavam.

Uma estranha luz encontrou os olhos deles: Eles estavam no canto de um

grande lago preto, tão vasto que Harry não podia enxergar o lado oposto, numa

caverna tão alta que o teto também era impossível de se ver. Uma luz verde brilhava

longe no que parecia ser o centro do lago; estava refletida na água parada abaixo. O

brilho esverdeado e a luz das duas varinhas eram as únicas coisas que quebravam a

completa escuridão, apesar de que seus raios não penetravam tão longe como Harry

esperara. A escuridão era de alguma maneira mais densa que o normal.

“Vamos indo”, disse Dumbledore calmamente. “Tenha cuidado para não pisar

na água. Fique perto de mim”. Ele começou a andar ao redor do lago, e Harry o

seguiu de perto. Seus passos ecoavam, fazendo sons na estreita rocha que rodeava

a água. Eles andaram e andaram, mas a visão não mudava: de um lado, a parede da

caverna, do outro, a aparentemente infinita escuridão, no meio da qual havia o brilho

esverdeado. Harry achou o lugar e o silêncio opressivos, enervantes.

“Professor?” Ele disse finalmente. “Você acha que o Horcrux está aqui?”.

“Ah, sim”, disse Dumbledore. “Sim, eu tenho certeza que está. A questão é,

como nós o pegaremos?”.

“Nós não poderíamos... não poderíamos tentar um feitiço Convocatório?” Harry

perguntou, certo de que era uma pergunta estúpida. Mas ele queria sair daquele lugar

o mais rápido possível.

“Certamente nós poderíamos”. Disse Dumbledore, parando tão repentinamente

que Harry quase bateu nele. “Por que você não tenta?”.

“Eu? Ah… tá…” Harry não esperava por isso, mas clareou a garganta e disse

em voz alta, varinha para cima, “Accio Horcrux!”.

Com um barulho de uma explosão, algo muito grande e pálido saiu da água

escura a uns 5 metros deles; antes que Harry pudesse ver o que era, tinha

desaparecido de novo num grande mergulho que fez grandes ondas na água. Harry

andou para trás em choque e bateu na parede; seu coração ainda estava em um ritmo

acelerado quando se virou para Dumbledore.

“O que era aquilo?”.

“Algo, eu acho, que estava pronto para responder se tentássemos pegar o

Horcrux".

Harry olhou de volta para a água. A superfície do lago estava novamente

como um vidro preto e brilhante: as ondas sumiram rapidamente; o coração de Harry,

porém, ainda corria.

"Você sabia que aquilo ia acontecer, senhor?".

"Eu sabia que alguma coisa ia acontecer se fizéssemos uma tentativa óbvia de

por as mãos no Horcrux. Foi uma excelente idéia, Harry; a maneira mais simples de

descobrir o que estamos enfrentando".

"Mas nós não sabemos o que era aquela coisa", disse Harry, olhando para a

água sinistramente calma.

"O que aquelas coisas são, você quer dizer", corrigiu Dumbledore. "Eu duvido

que tenha apenas uma delas. Vamos continuar?".

"Professor?".

"Sim,

Harry?".

"Você acha que vamos ter que entrar no lago?".

"Dentro dele? Só se tivermos muito azar."

"Você não acha que o Horcrux está no fundo?".

"Ah não... eu acho que o Horcrux está no meio". E Dumbledore

apontou para a

luz verde no centro do lago.

“Então nós teremos que cruzar o lago para pegá-lo?”.

“Sim, eu acho que sim”. Harry não falou mais nada. Seus pensamentos

estavam em monstros marinhos, serpentes gigantes, Kappas, e espíritos...

“Ahá”, fez Dumbledore, e ele parou novamente; dessa vez, Harry realmente

bateu nele; por um momento ele quase caiu na água e a mão inteira de Dumbledore

se fechou no seu braço puxando-o de volta. “Desculpe-me Harry, eu devia ter

avisado. Para trás, por favor; eu acho que encontrei o lugar”.

Harry não fazia idéia do que Dumbledore queria dizer; esse pedaço de

escuridão era exatamente igual a todos os outros para ele, mas Dumbledore parecia

ter detectado algo especial. Dessa vez sua mão não estava na parede, mas

levantada para frente, tocando o ar, como se estivesse esperando encontrar algo

invisível.

“Oba!” Disse Dumbledore feliz, segundos depois. Sua mão se fechou no ar

sobre algo que Harry não podia ver. Dumbledore se moveu para mais próximo da

água; Harry olhava nervoso enquanto as pontas dos sapatos de Dumbledore

chegavam perto da água. Mantendo sua mão apertando no ar, Dumbledore levantou

a varinha com a outra e encostou seu punho com a ponta.

Imediatamente uma grossa corrente verde de cobre apareceu, estendendo-se

das profundezas das águas até a mão de Dumbledore. Dumbledore encostou de

novo na corrente, que começou a correr pelo seu punho como uma cobra, se

amontoando no chão com um barulho metálico que ecoava nas pedras, puxando algo

da água escura. Harry se engasgou quando viu a proa do pequeno barco aparecer na

superfície, brilhando verde como a corrente, e flutuando levemente para o ponto da

margem onde estavam Harry e Dumbledore.

“Como você sabia que estava lá?” Harry perguntou surpreso.

“Mágica sempre deixa traços” disse Dumbledore, enquanto o barco atingia a

borda com uma leve batida, “às vezes muito distintos. Eu ensinei Tom Riddle. Eu

conheço seu estilo.”

“Esse... esse barco é seguro?”.

“Ah... sim, eu acho que sim. Voldemort precisava criar uma maneira de cruzar o

lago sem chamar a atenção daquelas criaturas que colocou nele no caso de querer

visitar ou remover seu Horcrux”.

“Então as coisas na água não vão fazer nada se o cruzarmos no barco de

Voldemort?”.

“Eu acho que precisamos aceitar o fato que elas vão, em algum momento,

perceber que não somos Lord Voldemort. Até agora, porém, temos nos saído bem.

Elas nos permitiram pegar o barco”.

“Mas por que elas deixaram?” Perguntou Harry, que não podia livrar-se da

imagem de tentáculos saindo da água negra no momento em que eles se afastassem

da margem.

“Voldemort seria razoavelmente confiante de que ninguém, exceto um grande

mago, poderia achar o barco”, disse Dumbledore. “Eu acho que ele estaria preparado

para arriscar o que era, na cabeça dele, a improvável possibilidade de que alguém o

encontraria, sabendo que ele colocou outros obstáculos à frente que somente ele

poderia penetrar. Veremos se ele estava certo”.

Harry olhou para o barco. Era realmente pequeno. “Não parece como se

tivesse sido feito para duas pessoas. Será que vai nos agüentar? Será que nós não

seremos muito pesados juntos?”.

Dumbledore riu. “Voldemort não se importava com o peso, mas com a

quantidade de poder mágico que cruzasse o lago. Eu prefiro pensar que um

encantamento foi colocado no barco de modo que somente um bruxo por vez poderia

navegar nele”.

“Mas então -?”.

“Eu não acho que você conte, Harry: você é menor de idade e desqualificado.

Voldemort nunca esperaria que um garoto de dezesseis anos alcançasse esse lugar:

eu acho improvável que seus poderes sejam contados se comparados aos meus”.

Essas palavras não ajudaram para levantar a moral de Harry; talvez Dumbledore

tivesse percebido, pois continuou, “Um erro de Voldemort, Harry, um erro de

Voldemort... Idade é tola e ignorável quando se subestima a juventude... Agora, você

primeiro e cuidado para não encostar na água.” Dumbledore ficou de lado e Harry

entrou com cuidado no barco. Dumbledore entrou também, largando a corrente no

chão. Eles se apertaram juntos; Harry não podia se sentar confortavelmente, mas

agachou-se, seus joelhos juntos no canto do barco, que começou a se mover

imediatamente. Não havia som além do assovio da proa mexendo na água; movia-se

sem a ajuda deles, como se uma corda invisível estivesse o puxando para a luz no

centro. Logo eles não puderam mais ver as paredes da caverna; eles poderiam estar

no meio do oceano, exceto pelo fato de não haver ondas.

Harry olhou para baixo e viu o reflexo dourado da luz de sua varinha na

superfície preta da água enquanto passavam. O barco estava fazendo profundas

ondas na superfície lisa do lago...

E então Harry a viu, branca como mármore, flutuando centímetros abaixo da

superfície. "Professor!" Ele chamou, e sua voz assustada ecoou alta sobre a água

silenciosa.

"Harry?".

"Eu acho que vi algo na água - uma mão humana!".

"Sim, eu tenho certeza que você viu", disse Dumbledore calmamente.

Harry olhou para a água, procurando pela mão que sumiu, e um sentimento

doentio apareceu na sua garganta.

"Então aquela coisa que pulou da água-?". Mas Harry sabia a resposta antes

que Dumbledore respondesse; a luz da varinha passou por um espaço

d’água e o

mostrou, dessa vez, um homem morto deitado virado para cima centímetros abaixo da

superfície, seus olhos abertos escondidos como que por teias, seus cabelos e roupas

se mexendo a seu redor como fumaça. “Tem corpos aqui!” Disse Harry, e sua voz

soava muito mais alta que o normal, e diferente da dele.

“Sim”, disse Dumbledore, “mas nós não precisamos nos preocupar com eles

agora”.

“Agora?” Harry repetiu, tirando os olhos da água para olhar Dumbledore.

“Não enquanto estão meramente flutuando pacificamente aí embaixo”, disse

Dumbledore. “Não há nada que se temer de um corpo, Harry, não mais do que se a

de temer da escuridão. Lord Voldemort, que obviamente temia os dois, discorda. Mas

novamente ele mostra sua falta de sabedoria. É o desconhecido que tememos quando

vemos morte e escuridão, nada mais”. Harry não disse nada; ele não queria discutir,

mas achou a idéia de que havia corpos horrível e, pior, ele não acreditou que eles não

eram perigosos.

“Mas um deles pulou”, ele falou, tentando fazer sua voz tão calma e baixa

como a de Dumbledore. “Quando eu tentei convocar o Horcrux, um corpo pulou do

lago”.

“Sim”, disse Dumbledore. “Eu tenho certeza de que uma vez que peguemos o

Horcrux, nós vamos achá-los menos pacíficos. Porém, como várias criaturas que

vivem no frio e na escuridão, eles temem a luz e o calor, os quais devemos chamar

para nos ajudar se tivermos necessidade. Fogo, Harry,” Dumbledore completou com

um sorriso, respondendo à expressão de dúvida de Harry.

“Ah… certo…” disse Harry rapidamente. Ele virou sua cabeça para olhar o

brilho verde no qual o barco continuava a se movimentar. Ele não podia mais fingir

que não estava assustado. O grande lago negro, junto com os mortos... Pareciam

que fora há horas e horas atrás que ele tinha encontrado a Professora Trelawney, que

ele tinha dado o Felix Felicis para Ron e Hermione... Ele de repente queria ter se

despedido melhor deles... E ele nem viu Gina...

“Quase lá”, disse Dumbledore feliz. Certamente a luz verde parecia estar

crescendo, finalmente, e em minutos o barco parou, batendo gentilmente no que Harry

não podia ver de primeira, mas quando levantou sua varinha iluminada viu que

chegaram a uma pequena ilha de pedras no centro do lago. “Cuidado para não tocar

na água”, disse Dumbledore novamente enquanto Harry saía do barco.

A ilha não era maior que o escritório de Dumbledore, um amontoado de pedras

pretas lisas nas quais não havia nada, exceto a fonte daquela luz verde, que parecia

muito mais clara se vista de perto. Harry piscou para ela; no começo, ele achou que

fosse um tipo de lâmpada, mas então ele viu que a luz vinha de uma bacia de pedra

como a penseira, que estava no topo de um pedestal. Dumbledore aproximou a bacia

e Harry o seguiu. Lado a lado, eles a olharam. A bacia estava cheia de um líquido

esmeralda que emitia aquele brilho fosforescente.

“O que é isso?” Harry perguntou, baixo.

“Não tenho certeza”. Disse Dumbledore. “Porém, é algo mais temível que

sangue e corpos”. Dumbledore puxou a manga de sua roupa que estava sobre a mão

escurecida e levou as pontas de seus dedos queimados na direção na superfície da

poção.

“Senhor, não, não toque -!”.

“Eu não posso tocá-la”, disse Dumbledore, sorrindo vagamente. “Está vendo?

Eu não posso me aproximar mais do que isso. Tente".

Observando, Harry pôs sua mão na bacia e tentou tocar na poção. Ele

encontrou uma barreira invisível que o prevenia de chegar a dois centímetros dela.

Não importando quão forte ele empurrasse, seus dedos só encontravam ar sólido e

flexível.

"Fora do caminho, por favor, Harry", disse Dumbledore. Ele ergueu a varinha e

fez complicados movimentos sobre a superfície da poção, murmurando sem fazer

sons. Nada aconteceu, exceto talvez que a poção tenha ficado mais clara. Harry

permaneceu silencioso enquanto Dumbledore trabalhava, mas depois de um tempo

Dumbledore guardou a varinha, e Harry achou seguro voltar a falar.

"Você acha que o Horcrux está aí, senhor?".

"Ah, sim". Dumbledore olhou mais próximo da bacia. Harry viu seu rosto

refletido, de cabeça para baixo, na lisa superfície da poção verde. "Mas como

alcançá-la: Essa poção não pode ser tocada por mãos, não pode desaparecer,

separar-se, despejar-se ou acabar, nem pode ser transfigurada, encantada ou de

alguma forma mudar sua natureza". Quase que inconscientemente, Dumbledore

ergueu a varinha novamente, girou-a no ar, e depois pegou a taça de

cristal que

conjurou do nada. “Eu só posso concluir que essa poção deve ser bebida”.

“O que?” Disse Harry. “Não!”.

“Sim, eu acho que deve: Somente bebendo-a eu posso esvaziar a bacia para

ver o que está no fundo dela”.

“Mas e se - e se ela te matar?”.

“Ah, eu duvido que ela funcione assim”, disse Dumbledore calmamente. “Lord

Voldemort não iria querer matar quem alcançasse essa ilha”. Harry não podia

acreditar. Era essa mais uma parte maluca da idéia de Dumbledore de ver o lado

bom em todos?

“Senhor”, disse Harry, tentando manter sua voz normal, “senhor, é de

Voldemort que estamos -”.

“Me desculpe, Harry; eu devia ter dito, ele não iria querer matar imediatamente

a pessoa que chegasse a essa ilha”, Dumbledore se corrigiu. “Ele iria querer mantê-la

viva tempo o suficiente para descobrir como ela conseguiu penetrar tão longe em suas

defesas e, o mais importante de tudo, por que ela estaria tão interessada em esvaziar

a bacia. Não se esqueça de que Voldemort pensa que somente ele sabe

sobre seus

Horcruxes”.

Harry tentou falar novamente, mas dessa vez Dumbledore levantou a mão

pedindo silêncio, observando o liquido esmeralda, evidentemente pensando. “Sem

dúvida”, ele falou, finalmente, “essa poção deve agir de modo a me prevenir de pegar

o Horcrux. Pode me paralisar, me fazer esquecer por que estou aqui, me dar tanta dor

que eu me distraia, ou me fazer incapaz de outra maneira. Sendo esse o caso, Harry

será o seu dever me manter bebendo, mesmo que você tenha que jogar a poção na

minha protestante boca. Você entende?”.

Seus olhos se encontraram acima da bacia, cada rosto pálido iluminado com

aquela estranha luz verde. Harry não falou nada. Era por isso que ele tinha sido

convidado - para forçar que Dumbledore bebesse a poção que poderia causar grande

dor a ele?

“Você se lembra”, disse Dumbledore, “da condição que eu lhe dei para trazê-lo

comigo?”.

Harry hesitou, olhando nos olhos azuis que se tornaram verdes na luz refletida

da bacia.

“Mas e se -?”.

“Você jurou, ou não, que seguiria qualquer comando que eu lhe passasse?”.

“Sim, mas -”.

“Eu te avisei, ou não, que poderia haver perigo?”.

“Sim”, disse Harry, “mas -”.

“Bem, então”, disse Dumbledore, sacudindo sua manga mais uma vez e

levantando o cálice vazio, “você tem a minha ordem”.

“Por que eu não posso beber a poção no seu lugar?” Pediu Harry desesperado.

“Por que eu sou muito mais velho, mas esperto e menos valioso”, disse

Dumbledore. “De uma vez por todas, Harry, eu tenho ou não a sua palavra de que

você vai fazer tudo a seu poder para me manter bebendo?”.

“Não poderia -?”.

“Eu a tenho?”.

“Mas

-”

“A sua palavra, Harry” .

“Eu - tudo bem, mas -”.

Antes que Harry pudesse continuar a protestar, Dumbledore baixou o cálice

para dentro da poção. Por uma fração de segundo, Harry torceu para que não fosse

capaz de tocar a poção com o cálice, mas o cristal afundou na superfície como se

nada a impedisse; quando a taça estava cheia, Dumbledore a levou a boca. “Para

sua boa saúde, Harry”.

E ele bebeu o copo. Harry assistiu, aterrorizado, suas mãos segurando a base

da bacia tão fortemente que seus dedos estavam brancos.

“Professor?” Ele falou ansioso, enquanto Dumbledore abaixava o copo. “Como

você se sente?”.

Dumbledore balançou a cabeça, seus olhos fechados. Harry imaginava se ele

estava sofrendo. Dumbledore botou a taça cegamente dentro da bacia, reencheu-a, e

bebeu de novo.

Em silêncio, Dumbledore bebeu três copos cheios da poção. Então, no meio

do quarto, ele parou e caiu em direção a bacia. Seus olhos ainda estavam abertos,

sua respiração pesada.

“Professor Dumbledore?” Disse Harry, sua voz estrangulada. “Você pode me

ouvir?”.

Dumbledore não respondeu. Sua face estava se torcendo como se estivesse

profundamente adormecido, mas tendo um terrível pesadelo. Sua força para segurar

o cálice estava indo embora; a poção estava para se derramar. Harry avançou e

conseguiu pegar a taça, segurando-a com firmeza. “Professor, o senhor pode me

ouvir?” Repetiu alto, sua voz ecoando na caverna.

Dumbledore, ofegante, falou numa voz que Harry não reconheceu, pois nunca

tinha ouvido Dumbledore tão assustado como nesse momento.

“Eu não quero... Não me faça…”.

“Você… Você não pode parar, Professor”, disse Harry. “Você tem que

continuar bebendo, lembra? Você me disse que tinha que continuar bebendo. Aqui…”

Se odiando e detestando o que estava fazendo, Harry forçou o cálice de volta para a

boca de Dumbledore e o virou, para que Dumbledore bebesse o restante da poção.

“Não”, ele berrou, enquanto Harry abaixava o copo de volta para a bacia e

reenchia-o. “Eu não quero... Eu não quero... Me deixe ir...”.

“Está bem, Professor”, disse Harry, suas mãos tremendo. “Está tudo bem,

estou aqui -”.

“Faça-o parar, faça-o parar” reclamava Dumbledore.

“Sim... sim, isso vai fazê-lo parar”. Mentiu Harry. Ele derramou o conteúdo do

cálice na boca aberta de Dumbledore. Dumbledore gritou; o som ecoou pela câmara,

através do lago negro.

“Não, não, não, não, não posso, não me faça, eu não quero...”.

“Está tudo bem Professor, tudo bem!” Disse Harry em voz alta, suas mãos

tremendo tanto que ele quase não conseguia segurar o sexto cálice cheio da poção; a

bacia estava na metade agora. “Nada está acontecendo com você, você está a salvo,

isso não é real, eu juro que não é real - tome isso, agora, tome isso...” E

obedientemente, Dumbledore bebia, como se o que Harry oferecia fosse um antídoto,

mas quando bebia, caia em cima de seus joelhos, tremendo incontrolavelmente.

“É tudo minha culpa, minha culpa”, ele soluçava. “Faça-o parar, eu sei que eu

fiz errado, por favor, faça-o parar e eu nunca, nunca mais...”.

“Isso vai fazê-lo parar, Professor”, disse Harry, sua foz falhando enquanto ele

derramava o sétimo copo de poção na boca de Dumbledore.

Dumbledore começou a contrair-se como se torturadores invisíveis o

rodeassem; sua mão machucada quase derrubou o cálice cheio das mãos de Harry

enquanto ele chorava, “Não machuque-os, não machuque-os, por favor, por favor, é

tudo minha culpa, machuque-me ao invés deles...”

“Aqui, beba isso, beba isso, você vai ficar bem”, disse Harry

desesperadamente, e mais uma vez Dumbledore o obedeceu, abrindo a boca mesmo

enquanto mantinha os olhos fechados e tremia da cabeça aos pés. E agora ele caia

para frente, gritando de novo, batendo as mãos contra o chão, enquanto Harry enchia

o nono copo.

“Por favor, por favor, por favor, não... não aquilo, aquilo não, eu farei qualquer

coisa...”.

“Beba, professor, apenas beba...”.

Dumbledore bebeu como uma criança, mas quando terminou, gritou como se

estivesse pegando fogo. “Nada mais, por favor, não quero mais. .”.

Harry pegou uma taça cheia e sentiu o cristal arrastar no fundo da bacia.

“Estamos quase lá, Professor. Beba isso, beba...”.

Ele segurou Dumbledore pelos ombros e novamente, Dumbledore bebeu o

copo; então Harry estava em pé mais uma vez, enchendo o cálice

enquanto

Dumbledore voltava a gritar mais desesperadamente que nunca, “Eu quero morrer! Eu

quero morrer! Faça-o parar, faça-o parar, eu quero morrer!”.

“Beba isso, Professor. Beba isso…”.

Dumbledore bebeu, e assim que acabou, gritou “ME MATE!”.

“Esse - esse irá!” Ofegou Harry. “Beba esse... vai acabar... tudo vai acabar!”

Dumbledore bebeu o cálice, até a última gota, e então, com um grande soluço, caiu

para frente.

“Não!” Gritou Harry, que tinha se levantado para encher novamente o cálice.

Porém, ele deixou cair o copo na bacia, foi para o lado de Dumbledore e virou-o sobre

suas costas; os óculos de Dumbledore estavam torcidos, sua boca aberta, seus olhos

fechados. “Não!” Disse Harry, mexendo Dumbledore, “não, você não está morto, você

disse que não era veneno, acorde, acorde - Rennervate!” Ele gritou, sua varinha

apontando para o peito de Dumbledore; houve uma forte luz vermelha, mas nada

aconteceu “Rennervate - senhor - por favor -”.

As pálpebras de Dumbledore tremularam; O coração de Harry deu um salto,

“Senhor, você está -?”.

“Água”. Resmungou Dumbledore.

“Água”. Repetiu Harry, “Sim -” Ele se levantou e pegou a taça que deixara

caída na bacia; ele mal percebeu a caixa dourada repousando em baixo dela.

“Aguamenti!” Ele gritou, encostando no cálice com a varinha. O cálice se

encheu de água pura; Harry deixou-se cair ao lado de Dumbledore, levantou a cabeça

dele, e levou o copo a seus lábios - mas estava vazio. Dumbledore resmungou e

começou a ofegar. “Mas eu tinha - espera - Aguamenti!” Disse Harry de novo,

apontando a varinha para o cálice. De novo, por um segundo, água apareceu nele,

mas ao se aproximar de Dumbledore a água sumiu novamente. “Senhor, estou

tentando, estou tentando!” Disse Harry desesperado, mas ele não acreditava que

Dumbledore podia ouvi-lo; ele rolou para seu lado e estava respirando rapidamente

como se estivesse agonizando. “Aguamenti - Aguamenti - AGUAMENTI”

O cálice se encheu e se esvaziou mais uma vez. E agora a respiração de

Dumbledore estava falhando. Com seu cérebro girando em pânico, Harry sabia,

instintivamente, a única maneira de obter água, pois Voldemort tinha planejado isto...

Ele foi até o canto da rocha e enfiou o cálice no lago, trazendo-o para cima cheio de

água gelada que não sumia. “Senhor - aqui!” Harry gritou, e se jogando para frente,

derramou a água sobre o rosto de Dumbledore.

Era o melhor que podia fazer, pois o sentimento gelado no seu braço não era

da água fria. Uma mão escorregadia tinha agarrado seu pulso. E a criatura à qual ela

pertencia estava puxando-o, devagar, pela rocha. A superfície do lago não era mais

lisa; estava se mexendo, e para todo lugar que olhava, cabeças brancas e mãos

emergiam da água negra, homens, mulheres e crianças com olhos molhados e sem

visão estavam se movendo em direção à rocha; um exército de mortos aparecendo da

água negra.

“Petrificus Totalus!” Harry gritou, lutando, para a lisa e úmida superfície da ilha

enquanto ele apontava a varinha no Inferius que segurava sua mão. Ele o soltou,

caindo para trás na água, mas muitos outros Inferi estavam subindo para a rocha,

suas mãos de osso segurando na superfície escorregadia, seus olhos brancos fixos

nele, usando trapos encharcados, rostos molhados cheios de malícia.

“Petrificus Totalus” Harry rugiu novamente, dando passos para trás enquanto

balançava a varinha pelo ar; seis ou sete caíram, mas havia mais vindo para ele.

“Impedimenta! Incarcerous!”. Alguns deles tropeçaram, um ou dois presos em cordas,

mas aqueles que estavam vindo simplesmente pisavam sobre os corpos caídos.

Ainda mexendo no ar com sua varinha, Harry gritou, “Sectumsempra!

SECTUMSEMPRA!” Mas apesar de cortes aparecerem nos trapos e nas peles

geladas, eles não tinham sangue para derramar: eles continuavam a andar, sem

sentir, suas mãos erguidas diante dele, e enquanto ele se afastava, sentiu braços se

fecharem por detrás dele, finos, sem pele, frios como a morte, e seus pés perderam

contato com o chão quando eles o levantaram e começaram a carregá-lo,

vagarosamente e certamente de volta para a água onde ele sabia que não haveria

soltura, onde ele seria afogado e se tornaria mais um guardião de um fragmento da

alma de Voldemort...

Mas então, na escuridão, fogo surgiu: vermelho e dourado, um anel de fogo

que rodeava a rocha de modo que os Inferi que seguravam tão fortemente Harry

tropeçaram e hesitaram; eles não se atreviam a passar pelas chamas para chegar à

água. Eles largaram Harry; ele bateu no chão, escorregou pela rocha e caiu,

mexendo seus braços, depois voltando a se levantar, erguendo a varinha e olhando

ao redor.

Dumbledore estava em pé novamente. Pálido como qualquer um dos Inferi ao

redor deles, mas mais alto que qualquer um também, o fogo se refletindo em seus

olhos; sua varinha erguida como uma tocha e de sua ponta saíam chamas, como um

grande laço, circulando todos com calor. Os Inferi batiam-se, tentando cegamente

escapar do fogo no qual estavam presos...

Dumbledore pegou a caixa do fundo da bacia e guardou-a dentro de sua roupa.

Sem falar uma palavra, ele chamou Harry para seu lado. Distraído pelas chamas, os

Inferi pareciam não perceber que sua presa estava escapando com Dumbledore, que

levava Harry de volta ao barco e o anel de fogo movendo junto a eles, fazendo com

que os Inferi os acompanhassem para a borda do lago onde eles desceram

agradecidos de volta para a água escura.

Harry, que estava tremendo, pensou por um momento que Dumbledore poderia

não ser capaz de entrar no barco; ele tropeçou um pouco enquanto tentava; todos os

seus esforços pareciam ser em tentar manter o anel de chamas em volta deles. Harry

o segurou e o ajudou a subir no barco. Assim que eles ficaram a salvo apertados

dentro dele, ele começou a se mover de volta pela água escura, para longe da rocha,

ainda envolto pelo anel de fogo, e parecia que os Inferi amontoados na água não

ousavam subir.

“Senhor”, chamou Harry, “senhor, eu esqueci - sobre o fogo - eles estavam

vindo para mim e eu entrei em pânico -”.

“Compreensível”, murmurou Dumbledore. Harry ficou alarmado ao ouvir quão

fraca a voz dele estava.

Eles alcançaram a margem com uma leve batida e Harry saiu, depois se virou

rapidamente para ajudar Dumbledore. No momento em que Dumbledore alcançou a

margem ele descansou a mão da varinha; o anel de fogo sumiu, mas os Inferi não

emergiram da água novamente. O pequeno barco afundou na água de novo; batendo

e arrastando-se, a corrente desceu na água também. Dumbledore deu um longo

suspiro e se apoiou contra a parede da caverna.

“Eu estou fraco…” ele falou.

“Não se preocupe, senhor”. Disse Harry imediatamente, ansioso sobre a

extrema palidez de Dumbledore e sobre seu ar de exaustão. “Não se preocupe, eu

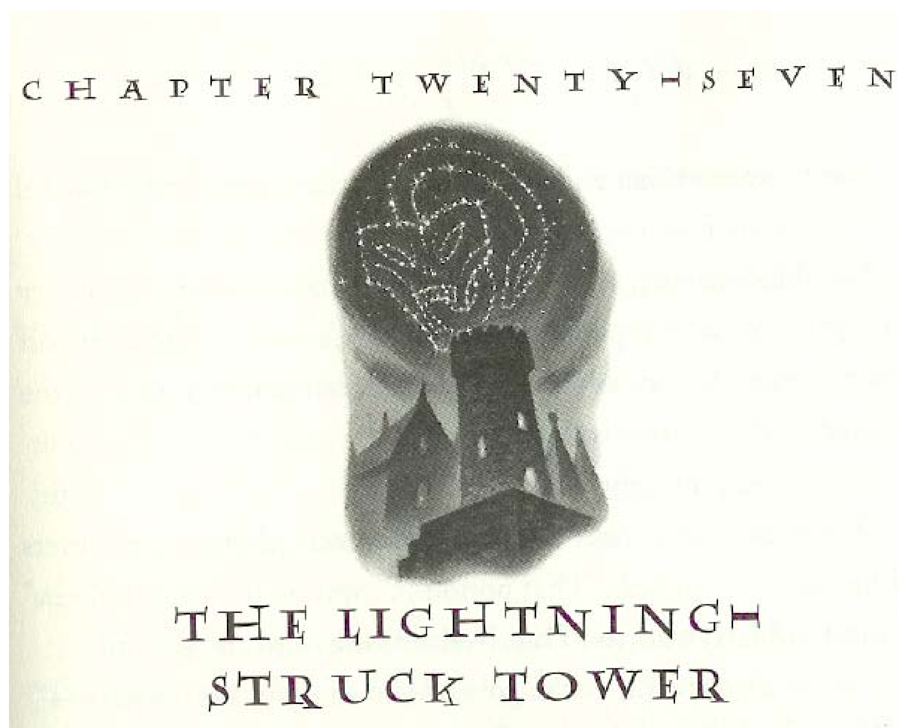
vou nos levar de volta... Apóie-se em mim, senhor...”.

E puxando o braço inteiro de Dumbledore sobre seus ombros, Harry guiou seu

diretor de volta ao redor do lago, carregando a maioria do seu peso.

“A proteção foi... depois de tudo... bem feita”. Disse Dumbledore fracamente.

“Um sozinho não conseguiria... Você fez bem, muito bem, Harry...”.



“Não fale agora”. Disse Harry, temendo o quão pesada a voz de Dumbledore

havia ficado, o peso que seus pés estavam carregando. “Guarde as suas energias,

senhor... Nós logo sairemos daqui....”

"A passagem terá se fechado novamente... Minha faca…".

"Não precisa, eu me cortei na pedra". Disse Harry firmemente. "Só me diga

onde...".

"Aqui.. ".

Harry encostou seu antebraço machucado na pedra: tendo recebido o tributo

de sangue, o arco se reabriu instantaneamente. Eles saíram da caverna, e Harry

ajudou Dumbledore a voltar pela água gelada do mar que enchia a abertura do

penhasco.

"Vai ficar tudo bem, senhor". Harry repetia, mais preocupado pelo silêncio de

Dumbledore do que tinha estado pela sua voz enfraquecida. "Estamos quase lá... Eu

posso nos Aparatar de volta... Não se preocupe...".

"Eu não estou preocupado Harry". Disse Dumbledore, sua voz um pouco mais

forte apesar da água gelada. "Eu estou com você".

Capítulo 27: O raio na Torre

Uma vez de volta sob o céu estrelado, Harry levantou Dumbledore ao

topo da

rocha mais próxima e então o colocou de pé. Encharcado e tremendo, com o peso de

Dumbledore ainda nele, Harry se concentrou como ele jamais tinha feito, o máximo

possível em seu destino: Hogsmeade. Fechando seus olhos, ele agarrou o braço de

Dumbledore tão firmemente quanto pôde e se colocou adiante daquele sentimento de

pressão horrível.

Ele soube que tinha funcionado antes mesmo de abrir os olhos, o cheiro de sal

e brisa marinha tinham sumido. Ele e Dumbledore estavam tremendo e gotejando no

meio da escura Rua Alta em Hogsmeade. Por um momento horrível a imaginação de

Harry lhe mostrou mais Inferis que rastejavam em sua direção ao redor das lojas, mas

ele piscou e viu que nada estava se mexendo; tudo estava parado, uma escuridão

completa à exceção de algumas lâmpadas de rua e altas janelas iluminadas.

'Nós conseguimos, Professor!' Harry sussurrou com dificuldade; de repente ele

percebeu algo queimando em seu peito. 'Nós conseguimos! Nós pegamos o Horcrux!'

Dumbledore cambaleou contra ele. Por um momento, Harry pensou que sua

inexperiente Aparatação tivesse deixado Dumbledore fora de equilíbrio; então ele viu

a face dele, mais pálida e mais úmida que já vira sob a luz distante de

um poste.

'Senhor, está bem?'

'Já estive melhor, ' disse Dumbledore fraco, entretanto os cantos de sua boca

se contraíram. 'Aquela poção. . Não era nada saudável... '

E para o horror de Harry, Dumbledore caiu no chão.

'Senhor...Está tudo bem, senhor, vai ficar bem, não se preocupe.'

Ele olhou em volta desesperadamente por ajuda, mas não havia ninguém para

ser visto e tudo que ele podia pensar era que ele deveria, de alguma maneira, levar

Dumbledore depressa a um hospital.

'Nós precisamos chegar até a escola, Senhor... Madame Pomfrey... '

'Não', disse Dumbledore. 'É... Do Professor Snape que eu preciso... Mas acho

que não posso caminhar muito, contudo... '

'Certo, senhor, escute... Eu vou bater em uma porta, achar um lugar onde você

possa ficar - então eu posso correr e chegar a Madame...'

'Severus', disse Dumbledore claramente. 'Eu preciso de Severus... '

'Certo então, Snape - mas vou ter que o deixá-lo por um momento assim eu

posso...'

Antes que Harry pudesse fazer algum movimento, porém, ele ouviu passos de

alguém correndo. O coração dele saltou: alguém tinha visto, alguém sabia que eles

precisavam de ajuda - e dando uma olhada ao seu redor viu a Madame

Rosmerta que

corria rua abaixo no escuro na direção deles com salto alto, cheio dos frufrus, usando

um roupão de seda bordado com dragões.

'Eu vi vocês aparatando quando estava puxando minhas cortinas do quarto! Oh

meu Deus, não pude pensar no que faz... - mas o que tem de errado com Albus?'

Ela veio hesitante, enquanto arquejava, e fitou os largos olhos de Dumbledore.

'Ele está ferido', disse Harry. 'Madame Rosmerta, ele pode entrar nos Três

Vassouras enquanto eu vou ate a escola e consigo ajuda para ele?'

'Você não pode ate ir ate lá sozinho! Você não percebeu - não o viu?'

'Se você me ajudar a apoiá-lo', disse Harry, não a escutando, 'eu acho que

nós podemos colocá-lo lá dentro...'

'O que aconteceu?' Perguntou Dumbledore. 'Rosmerta, o que tem de errado?'

'A...A Marca Negra, Albus.'

E ela apontou para o céu, na direção de Hogwarts. O medo inundou Harry ao

som dessas palavras... Ele se virou e olhou.

Lá estava, se mantendo no céu sobre a escola: o flamejante crânio verde com

uma língua de serpente, a marca que os Comensais da Morte deixavam para trás

sempre que eles tinham entrado em um edifício... Onde quer que eles tivessem

matado...

'Quando apareceu?' Perguntou Dumbledore, e sua mão apertou dolorosamente

o ombro de Harry enquanto ele lutava para ficar em pé.

'Deve ter sido minutos atrás, não estava lá quando coloquei o gato para fora,

mas quando eu fui para o andar superior-'.

'Nós precisamos voltar imediatamente ao castelo, ' disse Dumbledore.

'Rosmerta', e mesmo cambaleando um pouco, ele parecia ter completamente o

controle da situação, 'nós precisamos de transporte - vassouras-'.

'Eu tenho algumas atrás no bar', ela disse, parecendo muito amedrontada. 'Eu

devo correr e buscá-las?...'

'Não, Harry pode fazer isso.'

Harry elevou sua varinha imediatamente.

'Accio vassouras da Rosmerta.'

Um segundo depois eles ouviram um estrondo alto quando a porta da frente do

bar se abriu; duas vassouras tinham saído para a rua, estavam correndo lado a lado e

pararam imóveis ao lado de Harry, tremendo ligeiramente, na altura da cintura.

'Rosmerta, por favor, envie uma mensagem ao Ministério, ' disse Dumbledore,

enquanto ele montava na vassoura mais próxima dele. 'Pode ser que ninguém dentro

de Hogwarts tenha percebido qualquer coisa de errado... Harry, vista sua capa de

Invisibilidade'.

Harry tirou a sua Capa do bolso e lançou-a sobre si antes de montar sua

vassoura; Madame Rosmerta já estava cambaleando de volta ao bar enquanto Harry

e Dumbledore saíam fora do chão e subiam para ar. Quando eles aceleraram em

direção ao castelo, Harry olhou lateralmente para Dumbledore, pronto para agarrá-lo

se ele caísse, mas a visão da Marca Negra parecia ter agido em Dumbledore como

um estimulante: ele tinha se curvado baixo sobre a vassoura, com os olhos fixos na

Marca, seus longos cabelos prateados e a barba voavam atrás dele no ar noturno.

Harry também olhou à frente para o crânio, e o medo inchou dentro dele como uma

bolha venenosa, enquanto comprimia seus pulmões, controlando todo o desconforto

de sua mente...

Quanto tempo eles tinham estado fora? Tinha a sorte de Ron, Hermione e

Gina se esgotado? Era um deles que tinha feito a Marca Negra ser fixada em cima da

escola, ou era Neville, ou Luna, ou algum outro sócio da AD? E se fosse... Ele que

tinha lhes dito que patrulhassem os corredores, ele tinha lhes pedido que deixassem a

segurança de suas camas... Seria ele responsável, novamente, pela morte de um

amigo? Enquanto eles voavam na escuridão, passavam pelo caminho, abaixo, pelo

qual eles tinham caminhado mais cedo. Harry ouviu, por cima do assobio do ar

noturno em suas orelhas, que Dumbledore murmura novamente em algum idioma

estranho. Ele pensou e entendeu o por que ele sentiu sua vassoura tremer em um

momento quando eles voavam por cima dos muros que delimitavam a escola:

Dumbledore estava desfazendo os encantos que ele tinha fixado ao redor do castelo,

de forma que eles poderiam entrar com velocidade. A Marca Negra estava brilhando

diretamente sobre a Torre de Astronomia, a mais alta do castelo. Isso significava que

a morte tinha acontecido lá?

Dumbledore já tinha cruzado as plataformas e estava desmontando; Harry

pousou próximo a ele segundos depois e deu uma olhada em volta.

As plataformas estavam desertas. A porta para a escada em caracol que

conduzia de volta até o castelo estava fechada. Não havia sinal de luta, nem briga

com morte, nenhum corpo.

'O que isso significa?' Harry perguntou para Dumbledore, enquanto olhava

para o crânio verde com o língua de serpente que se refletia malvadamente sobre

eles. 'É a Marca realmente? Alguém definitivamente foi m... Professor?'

No brilho verde escuro da Marca Harry viu Dumbledore apertar seu tórax com

sua mão enegrecida.

'Vá e desperte Severus, ' disse Dumbledore fracamente, mas de maneira clara.

Conte a ele o que aconteceu e o traga a mim. Não faça mais nada, não fale com

ninguém e não remova sua Capa. Eu esperarei aqui.'

'Mas -'

'Você jurou me obedecer, Harry - vá!'

Harry se apressou para porta que conduzia à escada espiral, mas sua mão só

tinha há pouco fechado sobre anel de ferro da porta quando ele ouviu passos

correndo do outro lado. Ele olhou em volta para Dumbledore que gesticulou para ele

retroceder. Harry voltou, enquanto puxava sua varinha.

A porta se abriu violentamente, alguém entrou e gritou: 'Expelliarmus!'

O corpo de Harry ficou rígido e imóvel imediatamente, e ele se sentiu cair para

trás apoiando na parede da Torre, como uma estátua instável, incapaz de se

movimentar ou falar. Ele não pôde entender como tinha acontecido - Expelliarmus não

era um encantamento para imobilizar.

Então, pela luz da Marca, ele viu a varinha de Dumbledore voando em um arco

para cima da extremidade das plataformas e então... Dumbledore imobilizou Harry

sem usar palavras, e o segundo que ele tinha levado para executar o feitiço tinha lhe

custado a chance de se defender.

Levantando-se contra as plataformas, com a face muito pálida, Dumbledore

ainda não mostrava nenhum sinal de pânico ou angústia. Ele somente olhou para

quem o tinha desarmado e disse: 'boa noite, Draco.'

Malfoy pisou adiante, enquanto olhava depressa ao redor para conferir se ele e

Dumbledore estavam sós. Os olhos dele pararam na segunda vassoura.

'Quem mais está aqui?'

'Essa pergunta eu deveria lhe fazer. Ou você está agindo só?'

Harry viu os olhos pálidos de Malfoy encarando Dumbledore por causa do

clarão esverdeado da Marca.

'Não'. Ele disse. 'Eu tenho ajuda. Há Comensais da Morte aqui em sua escola

esta noite.'

'Bem, bem.' Disse Dumbledore, como se Malfoy estivesse mostrando a ele um

ambicioso projeto de lição de casa. 'Realmente muito bom. Você achou um modo para

os deixar entrar, como o fez?'

'Sim', disse Malfoy, que estava arquejando. 'Bem debaixo do seu nariz e você

nunca percebeu!'

'Engenhoso, ' disse Dumbledore. 'Contudo... Perdoe-me... Onde eles estão

agora? Você parece sem assistência.'

'Eles se encontraram com alguns de seus guardas. Estão tendo uma briga lá

em baixo. Eles não vão demorar... Eu vim na frente. Eu - eu tenho um trabalho para

fazer.' 'Bem, então, você tem que seguir com o que você tem que fazer, meu querido

menino', disse Dumbledore suavemente.

Havia silêncio. Harry estava preso dentro de seu próprio invisível e paralisado

corpo, enquanto encarava os dois, suas orelhas tentando ouvir os sons da briga

distante dos Comensais da Morte, e em frente a ele, Draco Malfoy fez nada mais que

olhar fixo a Albus Dumbledore que, inacreditavelmente, sorriu.

'Draco, Draco, você não é um assassino.'

'Como você sabe?' Disse Malfoy imediatamente.

Ele parecia perceber o quão infantil suas palavras tinham soado; Harry

o viu

corar sob a luz esverdeada da Marca.

'Você não sabe do que eu sou capaz, ' disse Malfoy vigorosamente, ‘você não

sabe o que eu fiz!'

'Oh, sim, eu sei', disse Dumbledore suavemente. 'Você quase matou Katie Bell

e Ronald Weasley. Você tem tentado, com crescente desespero, me matar todo o

ano. Perdoe-me, Draco, mas elas foram tentativas fracas... Tão fracas, para ser

honesto, que eu duvido se seu coração realmente esteve empenhado... '

'Esteve sim!' Disse Malfoy veementemente. 'Eu tenho trabalhado nisso o ano

todo, e hoje à noite...'

Em algum lugar nas profundidades do castelo, debaixo de Harry houve um

grito amortecido. Malfoy endureceu e olhou por cima de seu ombro.

'Alguém está tendo uma briga boa', disse Dumbledore convencionalmente.

'Mas você estava dizendo... Sim, como você planejou introduzir Comensais da Morte

em minha escola que, eu admito, pensei ser impossível... Como você fez isso?'

Mas Malfoy não disse nada: ele ainda estava escutando tudo aquilo que estava

acontecendo abaixo e parecia quase tão paralisado quanto Harry.

'Talvez você deva seguir com o trabalho sozinho', sugeriu Dumbledore. 'E se a

sua ajuda foi impedida pelos meus guardas? Talvez você não tenha percebido, mas

há membros da Ordem da Fênix aqui hoje à noite também. E afinal de contas, você

realmente não precisa de ajuda... Estou sem varinha no momento... Eu não posso me

defender.'

Malfoy somente o encarou.

'Eu vejo', disse Dumbledore amavelmente, quando Malfoy nem se moveu nem

falou. 'Você tem medo de agir até que eles cheguem.'

'Eu não tenho medo!' Rosnou Malfoy, entretanto ele ainda não tinha feito

nenhum movimento para ferir Dumbledore.

'É você que deveria estar assustado!'

'Mas por que? Eu não acho que você me matará, Draco. Matar não é tão fácil

quanto você inocentemente acredita... Assim enquanto nós esperamos por seus

amigos, me fale... Como você os contrabandeou para dentro? Parece ter levado muito

tempo para calcular como fazê-lo.'

Malfoy olhou como se ele estivesse lutando contra o desejo de gritar, ou

vomitar. Ele respirou varias e fundas vezes, enquanto fitava Dumbledore, com sua

varinha apontando diretamente ao coração dele. Então, como se ele não pôde se

controlar, disse, 'Eu tive que reparar aquele Gabinete que Desaparece quebrado que

ninguém tinha usado durante anos. Aquele onde Montague se perdeu no ano

passado.'

'Aaaah.'.

O suspiro de Dumbledore era quase um gemido. Ele fechou seus olhos por um

momento.

'Isso foi inteligente... Há um par, eu assumo?'

'O outro está na Borgin & Burkes' disse Malfoy 'e eles têm um tipo de

passagem entre eles. Montague me falou que quando ele estava preso no de

Hogwarts, ele estava enrolado em limbo, mas às vezes ele podia ouvir o que

acontecia na escola, e às vezes o que estava acontecendo na loja, como se o

Gabinete estivesse viajando entre eles, mas ele não pôde fazer ninguém ouvi-lo... No

fim ele conseguiu Aparatar para fora dele, embora ele não tivesse passado em seu

teste. Ele quase morreu, fazendo isto. Todo o mundo pensou que era realmente uma

boa história, mas eu fui o único que percebeu o significado -mesmo Borgin não sabia -

eu fui o único que percebeu que poderia ter um modo de penetrar Hogwarts, pelos

Gabinetes se eu consertasse o quebrado.'

'Muito bom'. Murmurou Dumbledore. 'Assim os Comensais da Morte puderam

passar de Borgin e Burkes para a escola e o ajudar... Um plano inteligente, um plano

muito inteligente... E, como você disse, bem debaixo do meu nariz...'

'Sim.' Disse Malfoy que, grotescamente, parecia criar coragem e confrontar do

elogio de Dumbledore. 'Sim, era!'

'Mas houve tempos', Dumbledore continuou, 'em que teve certeza do sucesso

reparando o Gabinete, não é? E você resolveu, julgando mal e cruelmente, me enviar

um colar amaldiçoado que acabou por alcançar as mãos erradas... Envenenando,

havia só uma pequena chance que eu poderia beber... '

'Sim, bem, mas você não descobriu quem estava por atrás daquela matériaprima, não é?' Zombou Malfoy, Dumbledore deslizou um pouco sobre as plataformas,

a força de suas pernas estavam enfraquecendo aparentemente, e Harry lutou sem

resultados, contra o encanto que o mantinha.

'De fato, eu sabia'. Disse Dumbledore. 'Eu estava seguro que era você’.

'Por que você não me impediu, então?'

'Eu tentei, Draco. Professor Snape tem mantido os olhos em você sob minhas

ordens -'

'Ele não tem o feito sob suas ordens, ele prometeu a minha mãe -'.

'Claro que isso é o que ele lhe contaria, Draco, mas -'.

'Ele é um agente duplo, seu homem velho e estúpido, ele não está trabalhando

para você, você pensa que ele está!'

'Nós temos que concordar em diferir nisso, Draco. Acontece que eu confio no

Professor Snape -'

'Bem, você está perdendo seu controle, então!' Zombou Malfoy. 'Ele me

ofereceu bastante ajuda, querendo toda a glória para ele, querendo um pouco de

ação. -''O que você está fazendo? Você que fez o colar, estúpido poderia ter acabado

com tudo - "Mas eu não lhe contei o que estava fazendo na Sala Precisa, ele vai

acordar amanhã e tudo estará terminado, ele não será mais o favorito do Senhor

Escuro, ele não será nada comparado a mim, nada!'".

'Muito gratificante' disse Dumbledore suavemente. 'Todos nós gostamos de

apreciação pelo nosso trabalho duro, claro que... Mas você deve ter tido um cúmplice,

afinal de contas... Alguém em Hogsmeade, alguém que pôde levar o colar à Katie ; o,

o, aaaah... '

Dumbledore fechou os seus olhos novamente e chacoalhou a cabeça como se

estivesse a ponto de dormir.

'...Claro que... Rosmerta. Há quanto tempo ela esta debaixo do encantamento

Imperius?'

'Chegou lá afinal, não é?' Malfoy escarneceu.

Houve outro grito vindo de baixo, muito mais alto que o último. Malfoy olhou

nervosamente para trás novamente e de volta a Dumbledore, que continuou.

'Rosmerta, pobrezinha foi forçada a se espreitar no próprio banheiro e passar o

colar para qualquer estudante de Hogwarts que entrasse no lugar desacompanhado?

E o licor envenenado... Bem, naturalmente, Rosmerta pôde envenená-lo para você

antes dela enviar a garrafa a Slughorn, acreditando ser meu presente de Natal... Sim,

muito perfeito... Bem feito... Pobre Filch, claro que não pensou em conferir uma

garrafa de Rosmerta... Diga-me, como você tem se comunicado com Rosmerta? Eu

pensei que nós tínhamos todos os métodos de comunicação dentro e fora da escola

monitorados.'

'Moedas encantadas', disse Malfoy, como se ele tivesse sido compelido a

continuar falando, entretanto a mão de sua varinha estava tremendo bastante. 'Eu

tinha uma e ela tinha a outra eu podia enviar mensagens a ela -'

'Não é esse o método secreto de comunicação que o grupo que se chamava a

Armada de Dumbledore usou o ano passado?' Perguntou Dumbledore. A voz dele

estava clara e sociável, mas Harry o viu deslizar uma polegada abaixo na parede

enquanto ele disse isso.

'Sim, eu usei a idéia deles', disse Malfoy, com um sorriso amarelo. 'Eu peguei

a idéia de envenenar o licor da sangue-ruim Granger, bem, eu a ouvi falando na

biblioteca algo sobre Filch não reconhecer poções... '

'Por favor, não use essa palavra ofensiva na minha frente'. Disse Dumbledore.

Malfoy deu uma risada malvada.

'Você se preocupa quando eu digo "Sangue-ruim?" Quando estou a ponto de

te matar?'

'Sim, eu me importo', disse Dumbledore e Harry viu os pés dele deslizarem um

pouco mais no chão enquanto ele lutava para permanecer em pé. 'Mas sobre estar a

ponto de me matar, Draco, você teve vários longos minutos. Nós estamos bastante a

sós. Eu estou o mais inofensivo que você poderia ter sonhado em me encontrar e

você ainda não agiu... '

A boca de Malfoy se contorceu involuntariamente, como se ele tivesse provado

algo muito amargo.

'Agora, sobre esta noite', Dumbledore foi em frente, 'eu estou um pouco

confuso sobre como aconteceu... Você soube que eu tinha deixado a escola? Mas

claro que...' Ele mesmo respondeu sua própria pergunta, ' Rosmerta me viu partindo,

ela passou a informação usando sua moeda engenhoso, tenho certeza... '

'Está certo', disse Malfoy. 'Mas ela disse que você só estava indo por uma

bebida e estaria de volta... '

'Bem, certamente eu tomei uma bebida... E voltei... Depois de um longo tempo',

resmungou Dumbledore. ' Então você decidiu preparar uma armadilha para mim?'

'Nós decidimos pôr a Marca Negra em cima da Torre para conseguir que você

se apressasse para voltar, ver quem tinha sido morto'. Disse Malfoy. 'E funcionou!'

'Bem... Sim e não...' Disse Dumbledore. 'Mas posso concluir, então, que

ninguém foi assassinado?'

'Alguém está morto' disse Malfoy e a voz dele parecia subir uma nota enquanto

ele dizia isto. 'Um dos seus... Eu não sei quem, estava escuro... Eu pisei em cima de

um corpo... Eu tinha que estar esperando aqui quando você voltasse, só seu grupo da

Fênix ficou no caminho... '

'Sim, eles fazem isso, ' disse Dumbledore.

Houve um estrondo e gritos abaixo, mais alto que nunca; soando como se as

pessoas estivessem lutando na escadaria em espiral que conduziam para onde

Dumbledore, Malfoy e Harry estavam e o coração de Harry trovejou despercebido no

peito invisível dele... Alguém estava morto.. Malfoy tinha pisado em cima do corpo...

Mas quem seria?

Há pouco tempo, de uma maneira ou de outra, ' disse Dumbledore. ' Assim nos

resta discutir suas opções, Draco. '

'Minhas opções!' Disse Malfoy ruidosamente. 'Eu estou aqui com minha varinha

- eu estou a ponto de mata-lo - '

'Meu querido menino, você não me permitiu ter mais nenhuma pretensão sobre

isso. Se você fosse me matar, você teria feito isto antes, quando você me desarmou,

você não teria parado para esta conversa agradável sobre modos e meios.'

'Eu não tenho nenhuma opção!' Disse Malfoy e ele estava com rosto tão

mortalmente pálido quanto Dumbledore. 'Eu tenho que fazer isto! Ele me matará! Ele

matará minha família inteira!'

'Eu percebo a dificuldade de sua posição, ' disse Dumbledore. 'Por que outro

motivo você acha que eu não o confrontei antes? Porque eu soube que você seria

assassinado por Lorde Voldemort se ele percebesse que eu suspeitava. '

Malfoy estremeceu ao som do nome.

“Eu não ousei falar com você sobre esta missão quando eu soube que tinha

sido confiada a você, no caso dele usar Legilimência contra você”. Continuou

Dumbledore. “Mas agora, afinal, nós podemos falar claramente a um ao outro...

Nenhum dano foi causado, você não feriu ninguém, entretanto, você tem muita sorte

que suas vítimas por engano sobreviveram... eu o posso ajudar,

Draco”.

“Não, você não pode”, disse Malfoy, a mão da varinha muito mal, realmente

tremendo. “Ninguém pode. Ele me disse que fizesse isto ou ele me mataria. Eu não

tenho nenhuma escolha”.

“Venha para o lado certo, Draco, e nós poderemos o esconder mais

completamente que você possa imaginar possível. E mais, eu posso enviar os

membros da Ordem, hoje à noite, à sua mãe e esconde-la também. Seu pai está

seguro, no momento, em Azkaban... quando chegar a hora, nós poderemos o proteger

também... venha para o lado certo, Draco... você não é um assassino...”

Malfoy encarou Dumbledore.

“Mas eu fui muito longe, não fui?” Ele disse lentamente. Eles pensaram que eu

morreria na tentativa, mas eu estou aqui.. E você está em meu poder... Eu sou o

único com uma varinha... Você está sob minha clemência...”.

“Não, Draco”. Disse Dumbledore, baixinho. 'É minha clemência, e a não sua o

que importa agora”.

Malfoy não falou. A boca dele estava aberta, a mão da varinha ainda tremendo.

Harry pensou ter visto ele a abaixar por uma fração de segundos -

Mas, de repente, passos estavam ressoando pelos degraus e um segundo

após, Malfoy foi empurrado longe quando quatro pessoas vestidas de negro passaram

pelo baluarte de entrada. Ainda paralisado, olhando sem pestanejar, Harry

contemplou com terror aos quatro estranhos: parecia que os Comensais da Morte

tinham ganhado a batalha lá embaixo.

Um homem de aparência lupina com uma estranha virada para o lado, olhou

de soslaio e deu uma risadinha ofegante.

"Dumbledore acuado!" Ele disse, e virou para uma pequena mulher que

parecia sua irmã e que estava sorrindo ansiosamente. "Dumbledore sem varinha,

Dumbledore sozinho! Bem feito, Draco, muito bem feito!".

"Boa noite, Amycus", disse Dumbledore calmamente, como se dando boasvindas ao homem para uma reunião para o chá. ' E você trouxe Alecto também...

Encantando... '

A mulher deu um curto riso furioso.

"Pensa que suas piadinhas o ajudarão na sua hora da morte, então?" Ela

zombou.

"Piadas? Não, não, de maneira alguma", respondeu Dumbledore.

"Faça", disse o estranho de pé mais próximo a Harry, um grande e musculoso

homem com o cabelo grisalho emaranhado e bigode, cujas vestes pretas de

Comensal da Morte pareciam desconfortavelmente apertadas. Ele tinha uma voz

como nenhuma outra que Harry alguma vez tivesse ouvido: mais um latido áspero que

uma voz. Harry poderia cheirar uma mistura poderosa de sujeira, suor e,

estranhamente, de sangue que vinha dele. As mãos imundas tinham unhas

amareladas há muito tempo.

'É você, Fenrir? ' Perguntou Dumbledore.

Isso é certo, ' disse o outro, com voz rascante. “Feliz em me ver,

Dumbledore?”.

“Não, eu não posso dizer que eu estou...”.

Fenrir Greyback arreganhou e mostrou os dentes pontudos. Sangue gotejava

pelo queixo dele e ele lambia os lábios, obscena e lentamente.

“Mas você sabe como eu gosto de crianças, Dumbledore”.

"Eu devo entender que isso leva você a estar atacando até mesmo agora, sem

a lua cheia? Isto é muito incomum... você desenvolveu um gosto por carne humana

que não pode ser satisfeita apenas uma vez no mês?".

"Correto", disse Greyback. ' Está chocado, Dumbledore? Assusta você?'

'Bem, eu não posso pretender que não me repugne um pouco', disse

Dumbledore. ' E, sim, eu estou um pouco chocado que Draco aqui tenha convidado

você, de todas as pessoas, para a escola onde os amigos dele vivem...’.

' Eu não fiz, ' respirou Malfoy. Ele não estava olhando Greyback; parecia não

querer olhar direto para ele. ' Eu não sabia que ele viria -'

“Eu não perderia uma viagem para Hogwarts, Dumbledore”, falou Greyback.

'Não quando há gargantas para serem arrancadas... Delicioso, delicioso... '

E ele levou uma unha amarela e passou nos dentes da frente olhando de

soslaio para Dumbledore.

“Eu o poderia fazer de aperitivo, Dumbledore...”.

“Não” disse o quarto Comensal da Morte nitidamente. Ele tinha um rosto

pesado e brutal. “Nós temos ordens. Draco é quem fará isto. Agora, Draco e

depressa”.

Malfoy estava mostrando menos resolução que o normal. Ele olhou terrificado

para o rosto de Dumbledore que estava até mais pálido e baixo que o habitual, tendo

deslizado para longe e abaixo do baluarte da entrada.

'Ele não parece de qualquer maneira perigoso, se você me perguntar!' Disse o

homem torto, acompanhando a irmã dele que estava rindo ofegante. 'Olhe para ele - o

que é aconteceu a você, então, Dumby?’

'Oh, resistência mais fraca, reflexos mais lentos, Amycus', disse Dumbledore.

'Idade avançada, em resumo... Um dia, talvez, acontecerá a você... Se você tiver

sorte... '

'O que significa, então, o que significa? ' Gritou o Comensal da Morte,

repentinamente violento. ' Sempre o mesmo, não é, Dumby, falando e não fazendo

nada, nada, nem mesmo sei por que o Lorde das Trevas se está aborrecendo para

matar você! Venha, Draco, faça!’.

Mas naquele momento, houve sons renovados de luta abaixo e uma voz gritou,

' Eles bloquearam os degraus - Reducto! REDUCTO!'

O coração de Harry deu uma parada: então estes quatro não tinham eliminado

toda a oposição, mas meramente furado a briga para o topo da Torre, e, pelo som

disso, criou uma barreira atrás deles -.

'Agora, Draco, depressa! ' Disse homem brutal furiosamente.

Mas as mãos de Malfoy estavam tremendo tanto, que ele mal poderia apontar.

"Eu farei isto" grunhiu Greyback, e se moveu para Dumbledore com as mãos

estendidas, os dentes à mostra.

'Eu disse não!' Gritou o brutamontes; houve um flash de luz e o lobisomem foi

lançado para trás; ele bateu na parede e cambaleou, parecendo furioso. O coração de

Harry estava martelando tão forte que parecia impossível que ninguém pudesse ouvir

e saber que estava lá, preso pelo feitiço de Dumbledore -se ele se só pudesse mover,

ele poderia lançar uma maldição por baixo da capa -.

'Draco, faça ou fique contra nós -' guinchou a mulher, mas naquele preciso

momento a porta para as muralhas foi escancarada mais uma vez e lá estava Snape,

a varinha apertada na mão. Com os olhos pretos dele varreu a cena, de Dumbledore

que afundou contra a parede aos quatro Comensais da Morte, inclusive o lobisomem

enfurecido e Malfoy.

“Nós temos um problema, Snape” disse Amycus grosseiro, olhos e varinha

apontada para Dumbledore, “o menino não parece capaz -”.

Mas alguém falou o nome de Snape, bastante suavemente.

“Severus...”.

O som assustou Harry além de qualquer coisa que ele tivesse experimentado

toda a noite. Pela primeira vez, Dumbledore estava suplicando.

Snape não disse nada, mas caminhou adiante e empurrou Malfoy asperamente

para fora. Os três comensais da morte se retiraram sem uma palavra. Até mesmo o

lobisomem pareceu se acovardar.

Snape contemplou por um momento a Dumbledore, e havia resolução e ódio

marcadas nas linhas rígidas do rosto dele.

'Severus... por favor...".

Snape elevou a varinha e apontou diretamente para Dumbledore.

'Avada Kedavra!'

Um jato de luz verde saiu da ponta da varinha de Snape e acertou diretamente

Dumbledore no peito. O grito de horror de Harry nunca o deixou; silencioso e preso,

ele foi forçado a assistir quando Dumbledore foi lançado no ar: durante um segundo

onde ele pareceu ficar suspenso em baixo do crânio brilhante, e então ele caiu

lentamente para trás, como uma grande boneca de trapo, em cima das ameias e

longe da vista.

Capítulo 28 - O vôo do príncipe

Harry sentiu como se estivesse com uma dor muito forte; isso não podia ter

acontecido... Não podia ter acontecido...

"Fora daqui, rápido" disse Snape.

Ele agarrou Malfoy pelo pescoço e o empurrou pela porta na frente do resto;

Greyback e os irmãos musculosos foram atrás, os dois últimos parecendo muito

excitados. Enquanto desapareciam através da porta, Harry percebeu que poderia se

mexer novamente. O que o mantinha agora paralisado junto à parede não era mágica,

mas horror e choque. Jogou a capa da invisibilidade de lado à medida que o último

Comensal da Morte a deixar o alto da torre desaparecia através da porta.

"Petrificus Totalus!".

O Comensal da Morte endureceu como se fosse algo maciço quando teve suas

costas atingidas e ele caiu no chão, rígido como um boneco de cera, mas nem tinha

atingido o chão ainda quando Harry saltou sobre ele descendo a escadaria escura.

O terror rasgou o coração de Harry.. Tinha que buscar Dumbledore e tinha

que pegar Snape... De algum modo as duas coisas estavam ligadas... Ele poderia

reverter o que havia acontecido se tivesse os dois juntos... Dumbledore não podia ter

morrido...

Harry pulou os últimos dez degraus da escada em espiral e parou onde

aterrissou, sua varinha levantada. Iluminou o corredor que estava cheio de poeira;

metade do teto parecia ter desabado; e parecia ter havido uma batalha terrível antes

dele descer, mas enquanto tentava se perguntar quem lutava com quem, ouviu o grito

da voz odiada, "Está acabado, é hora de ir!" E viu Snape desaparecendo pelo canto

no final do corredor; ele e Malfoy pareciam ter forçado caminho através dos destroços

da luta. Enquanto Harry ia atrás deles, um dos lutadores levantou-se dos escombros

e atacou-o com agressividade: era o lobisomem, Fenrir. Ele foi para cima de Harry

antes mesmo que Harry pudesse levantar sua varinha: Harry caiu para trás, com o

pêlo opaco e imundo em sua cara, o cheiro de suor e sangue que invadia seu nariz e

boca, e a respiração quente e cobiçosa em sua garganta -.

"Petrificus Totalus!".

Harry sentiu Fenrir desabar sobre ele; com um esforço enorme empurrou o

lobisomem para o chão quando um jato de luz verde veio voando em sua direção; ele

abaixou-se e correu, a cabeça erguida, em direção à luta. Seus pés pisaram em algo

espalhado e escorregadio no chão e ele escorregou: Havia dois corpos lá, os rostos

para baixo encontravam-se em uma poça de sangue, mas não havia tempo para

investigar. Harry viu agora o esvoaçar de cabelos vermelhos como chamas logo à

frente: Gina estava presa em combate com um empolado Comensal da Morte,

Amycus, que lançava um feitiço após o outro nela enquanto ela desviava: Amycus

estava tendo um ataque de riso, apreciando os movimentos dela: "Crucio - Crucio -

você não pode dançar para sempre, lindinha-".

"Impedimenta!" Gritou Harry.

Sua azaração acertou Amycus no peito: Ele guinchou de dor como um porco,

sendo erguido do chão e batendo na parede oposta, deslizando por ela, e sumindo de

vista atrás de Rony, da professora McGonagall, e de Lupin, cada um duelando com

um Comensal da Morte diferente. Além deles, Harry viu Tonks lutando com um

enorme bruxo loiro que lançava azarações que voavam em todos os sentidos,

algumas ricocheteavam nas paredes e em torno deles, rachando pedras, e quebrando

a janela mais próxima -.

"Harry, de onde você está vindo?" Gina gritou, mas não havia nenhum tempo

para responder. Abaixou sua cabeça e correu o mais rápido possível adiante,

evitando por pouco uma explosão sobre sua cabeça, lançando em todos pedaços da

parede. Snape não podia escapar, ele precisava alcançar Snape -.

"Peguem eles!" Gritou a professora McGonagall, e Harry vislumbrou um

Comensal da Morte, Alecto, indo corredor abaixo com os braços sobre sua cabeça,

com seu irmão logo atrás dela. Ele se lançou atrás deles, mas seu pé prendeu em

algo, e no momento seguinte ele estava entre as pernas de alguém. Olhando ao

redor, viu Neville pálido, seu rosto redondo virado para o chão. "Neville, é você -?".

"Eu estou bem" murmurou Neville, que apertava seu estômago, "Harry... Snape

e Malfoy... Passaram correndo...”.

"Eu sei, eu estou atrás deles!" Disse Harry, lançando uma azaração no enorme

Comensal da Morte loiro que causava a maioria do caos. O homem deu um uivo de

dor quando o feitiço acertou em seu rosto: Ele deu meia-volta, desconcertado, e então

disparou atrás dos dois irmãos. Harry se levantou do chão e começou a correr ao

longo do corredor, ignorando os estrondos emitidos atrás dele, os gritos dos outros

para voltar, e o pedido silencioso das pessoas caídas no chão cujo destino ainda não

conhecia...

Ele derrapou no canto, seus pés estavam banhados em sangue; Snape tinha

uma vantagem imensa. Era possível que ele já houvesse entrado na Sala Precisa, ou

a Ordem tinha feito barreiras de segurança, para impedir que os Comensais da Morte

batessem em retirada? Ele não ouvia nada além de seus próprios passos, seu próprio

coração disparado enquanto corria ao longo do próximo corredor vazio, mas então

notou uma pegada de sangue que mostrou que ao menos um dos Comensais da

Morte fugitivos estava indo em direção às portas da frente - talvez a Sala Precisa

tivesse sido bloqueada completamente.

Ele derrapou em outro canto e uma azaração passou voando por ele; ele

mergulhou atrás de uma armadura que explodiu. Viu os dois irmãos

descendo as

escadas de mármore em frente e lançou feitiços neles, mas eles meramente bateram

em vários bruxos que usavam peruca em um retrato no patamar da escada, que

correram gritando para pinturas vizinhas. Enquanto pulava os escombros da

armadura, Harry ouviu mais gritos; as pessoas dentro do castelo pareciam ter

acordado...

Ele pegou um atalho, esperando alcançar os irmãos e chegar perto de Snape e

Malfoy, que deviam certamente estar alcançando os terrenos agora. Lembrando de

pular o degrau defeituoso que desaparecia na escadaria abaixo, ele irrompeu através

de uma tapeçaria no pé da escada e saiu em um corredor onde estava um grupo de

alunos desnorteados da Lufa-Lufa ainda vestindo seus pijamas. "Harry! Nós ouvimos

um barulho, e alguém dizendo algo sobre a Marca Negra -" começou Ernesto

Macmillan.

"Saiam do caminho!" Gritou Harry, empurrando dois meninos de lado enquanto

corria para os terrenos e descia o restante da escadaria de mármore. As portas de

carvalho da entrada tinham sido abertas com uma explosão, havia manchas de

sangue, e diversos estudantes estarrecidos estavam amontoados junto às paredes,

um ou dois ainda estavam congelados com seus braços sobre o rosto. A enorme

ampulheta da Grifinória tinha sido quebrada por uma azaração, e os rubis de dentro

ainda caiam, com um barulho alto.

Harry correu através do salão de entrada para fora nos terrenos escuros: Ele

só podia perceber que três vultos corriam através do gramado, dirigindo-se para os

portões além dos quais poderiam desaparatar - podia ver, o enorme Comensal da

Morte loiro e, de alguma maneira na frente dele, Snape e Malfoy...

O ar frio da noite rasgava os pulmões de Harry; viu um clarão de luz distante

que mostrou por um momento a silhueta que ele perseguia. Não sabia o que era, mas

continuou a correr, ainda não estava perto o suficiente para ter uma mira boa para

lançar um feitiço-.

Um outro clarão, gritos, jatos de luz, e Harry compreendeu: Hagrid tinha saído

de sua cabana e estava tentando parar os Comensais da Morte que escapavam, e

embora cada respirada parecesse destruir seus pulmões e a pontada em seu peito

fosse como fogo, Harry apressou-se enquanto uma voz em sua cabeça dizia

constantemente: Hagrid não... Hagrid também não...

Alguma coisa acertou as costas de Harry duramente e ele caiu para frente, seu

rosto colado na terra, e sangue escorrendo de suas narinas: Soube, mesmo enquanto

virava, com sua varinha pronta, que os dois irmãos o tinham alcançado usando seu

atalho e estavam vindo atrás dele...

"Impedimenta!" Ele gritou enquanto se virava novamente, agachando perto da

terra escura, e milagrosamente seu raio bateu em um deles, que tropeçou e caiu,

fazendo o outro tropeçar; Harry então levantou e correu atrás de Snape.

E agora tinha visto o contorno de Hagrid, iluminado pela luz da lua crescente

que fora revelada de repente por trás das nuvens; o enorme Comensal da Morte loiro

lançava feitiço atrás de feitiço no guarda-caças; mas a grande força de Hagrid e a pele

resistente que tinha herdado de sua mãe giganta parecia lhe proteger. Snape e

Malfoy, entretanto, estavam correndo ainda; logo estariam além dos portões, capazes

de desaparatar -.

Harry passou voando por Hagrid e seu oponente, mirou as costas de Snape, e

gritou, "Estupefaça!" Ele falhou; o jato de luz vermelha passou por cima da cabeça de

Snape; Snape gritou, "Corra, Draco!" E se virou. Alguns metros os separavam, ele e

Harry se olharam antes de levantarem suas varinhas simultaneamente.

"Cruc -"

Mas Snape escapou da maldição, arremessando Harry para trás antes que ele

pudesse terminar; Harry caiu e levantou-se outra vez quando um enorme Comensal

da Morte atrás dele gritou, "Incêndio!" Harry ouviu uma explosão e uma luz alaranjada

se esparramou sobre todos eles: A casa de Hagrid estava em chamas.

"Canino está lá dentro, seu miserável -!" Gritou Hagrid.

"Cruc -" gritou Harry pela segunda vez, apontando para o vulto a sua frente

iluminado pelas labaredas, mas Snape bloqueou o feitiço outra vez. Harry podia vê-lo

desdenhando.

"Sem Maldições imperdoáveis para você, Potter!" Ele gritou por cima do

barulho das chamas, dos gritos de Hagrid, e do rugido selvagem de Canino preso.

"Você não tem nem coragem ou habilidade -"

"Incarc-" Harry gritou, mas Snape desviou do feitiço apenas tirando o braço

devagar.

"Volte para a luta!" Harry gritou para ele. "Volte para a luta, seu covarde -”.

"Você me chamou de covarde, Potter?" Snape gritou. "Seu pai nunca me

atacou a menos que estivessem em quatro contra um, do que você o chamaria, eu me

pergunto?".

"Stupe -"

"Bloqueado mais uma vez, e o será várias outras vezes até que aprenda a

manter sua boca calada e sua mente fechada, Potter!" Snape desdenhou, desviando

da azaração mais uma vez. "Agora vamos!" Ele gritou para o enorme Comensal da

Morte atrás de Harry. "É hora de ir, antes que o Ministério apareça -".

"Impedi -"

Mas antes que pudesse terminar este feitiço, uma dor insuportável atingiu

Harry; ele desabou sobre a grama. Alguém estava gritando, ele certamente morreria

nesta agonia, Snape iria torturá-lo à morte ou à loucura.

"Não!" Soou a voz de Snape e a dor parou de repente como tinham começado;

Harry estava curvado sobre a grama escura, apertando sua varinha sem fôlego; em

algum lugar acima de sua cabeça Snape gritava, "Você se esqueceu de nossas

ordens? O Potter pertence ao Lord das Trevas - nós devemos deixá-lo! Vamos!

Vamos!".

E Harry sentiu o chão estremecer embaixo de seu rosto enquanto os irmãos e

o enorme Comensal da Morte obedeciam, correndo para os portões. Harry soltou um

grito de raiva: Naquele momento, ele não se importava se iria viver ou morrer.

Levantando-se outra vez, ele cambaleou cegamente em direção a Snape, o homem

que agora odiava tanto quanto odiava Voldemort-.

"Sectum -"

Snape puxou rapidamente sua varinha e o feitiço foi repelido mais uma vez;

mas Harry estava muito próximo agora e podia ver a cara de Snape claramente: Ele

não estava mais zombando ou rindo de Harry; as chamas que flamejavam mostraram

uma cara completamente tomada de raiva. Reunindo todo seu poder de concentração,

Harry pensou, Levi-.

"Não, Potter!" Gritou Snape. Houve um estrondo muito alto e Harry foi jogado

pra trás, caindo na terra dura outra vez; mas desta vez sua varinha escapou de sua

mão. Ele podia ouvir Hagrid gritando e Canino uivando enquanto Snape se

aproximava olhado pra ele ainda caído, desarmado e indefeso como Dumbledore

tinha estado. A cara pálida de Snape, iluminada pela cabana que ardia em chamas,

emanando ódio como antes de amaldiçoar Dumbledore.

"Você ousa usar meus próprios feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os

inventou - Eu, o príncipe mestiço! E você ia usar minhas invenções em mim, como seu

pai imundo, não ia? Eu acho que não... não,".

Harry tinha mergulhado em direção à sua varinha; Snape disparou um feitiço e

ela voou de seus pés sumindo na escuridão, fora de sua vista.

"Mate me então" disse Harry sem fôlego, ele não sentia medo algum, mas

somente raiva e desprezo. "Me mate como você o matou, seu covarde -".

"NÃO..." gritou Snape, e seu rosto ficou estranho de repente, não era humano,

era como se ele estivesse sofrendo tanto quanto o cão preso na casa em chamas

atrás deles - "... ME CHAME DE COVARDE!".

E ele fez um movimento como se cortasse o ar: Harry sentiu um brilho quente,

alguma coisa parecida com uma chicotada que bateu em seu rosto jogando ele para

trás, no chão. Luzes piscavam na frente de seus olhos e por um momento ele não

conseguiu mais respirar, então ele ouviu um barulho de asas acima dele e algo

enorme ocultou as estrelas. Bicuço tinha voado em direção a Snape, que cambaleou

para trás enquanto as garras afiadas o cortavam. Harry se sentou, sua cabeça ainda

rodava por causa da última batida no chão, ele viu Snape correndo o mais rápido que

podia, a fera enorme batendo as asas atrás dele guinchando como Harry nunca o

tinha ouvido guinchar-.

Harry se apoiou sobre seus pés, olhando ao redor e se arrastando até sua

varinha, esperando começar outra vez a perseguição, mas enquanto seus dedos

tateavam a grama, afastando os galhos, ele soube que estava muito

atrasado, e sem

dúvida, por causa tempo que tinha perdido tentando encontrar sua varinha, ele se

virou e viu somente o hipógrifo cercando os portões. Snape tinha conseguido

desaparatar além dos limites da escola.

"Hagrid" murmurou Harry, ainda atordoado, olhando ao redor. "HAGRID?".

Ele cambaleou em direção à cabana que queimava quando uma figura enorme

surgiu das chamas carregando Canino em seus ombros. Com um choro de

agradecimento, Harry afundou-se em seus joelhos; cada membro de seu corpo tremia,

seu corpo doía por inteiro, e sua respiração vinha em pontadas dolorosas.

"Está tudo bem com você, Harry? Está tudo bem? Fale comigo, Harry...".

Hagrid, com todo seu tamanho e sua cara peluda mergulhou em cima de Harry,

tampando as estrelas. Harry podia sentir o cheiro de madeira queimada e de pêlo de

cachorro; ele estendeu uma mão e se tranqüilizou sentindo o corpo vivo de Canino ao

seu lado, morno e trêmulo.

"Eu estou bem" sussurrou Harry. "E você?".

"Claro que estou... levaria muito tempo para conseguirem acabar comigo”.

Hagrid passou suas mãos sob os braços de Harry e o levantou com tal força

que os pés de Harry saíram do chão por um momento até que Hagrid o colocasse de

pé outra vez. Ele podia ver o sangue que escorria pelo rosto de Hagrid que saía de

um corte profundo embaixo de seu olho, e que inchava rapidamente.

"Nós devemos salvar sua casa" disse Harry, "O feitiço ‘Aguamenti’...”.

"Eu sabia que ia acabar assim" resmungou Hagrid, e ele levantou um

fumegante guarda-chuva cor-de-rosa, e com um floreio disse, "Aguamenti!".

Um jato da água jorrou da ponta do guarda-chuva. Harry levantou seu braço

da varinha, que veio até sua mão, e murmurou "Aguamenti" também: Juntos, ele e

Hagrid derramaram água na casa até que a última chama se apagasse.

"Não está tão mal" disse Hagrid esperançosamente poucos minutos depois,

olhando os destroços fumegantes. "Nada que Dumbledore não seja capaz de

arrumar...".

Harry sentiu uma dor queimar em seu estômago ao som desse nome. Em

silêncio e cheio de sentimentos confusos, o horror surgiu dentro dele.

"Hagrid...".

"Eu estava ocupado com um par de pernas do Bichento quando eu os ouvi

vindo" disse Hagrid tristemente, ainda olhando fixamente sua cabana destruída. "Vão

todas as coisas pro lixo, pobrezinhas...".

"Hagrid...".

"Mas o que aconteceu, Harry? Eu só vi aqueles Comensais da Morte correndo

do castelo, mas que inferno Snape estava fazendo com eles? Onde terá ido - estava

perseguindo eles?".

"Ele...” Harry clareou sua garganta; estava seca por causa do pânico e da

fumaça. "Hagrid, ele matou...”.

"Matou?" Falou Hagrid muito alto, olhando fixamente para Harry. "Snape

matou? Do que você está falando, Harry?".

"Dumbledore" disse Harry. "Snape matou... Dumbledore".

Hagrid simplesmente olhou para ele, o pouco de sua cara que estava

completamente limpa e que se podia ver parecia não compreender.

"Dumbledore o quê, Harry?".

"Está morto. Snape o matou...".

"Não diga isso" disse Hagrid áspero. "Snape matou Dumbledore - não seja

estúpido, Harry. O que fez você dizer isso?".

"Eu vi acontecer”.

"Você não pode ter visto".

"Eu vi, Hagrid".

Hagrid balançou a cabeça; sua expressão era de descrença, e solidariedade, e

Harry soube que Hagrid pensava que ele tinha levado uma pancada na cabeça, que

ele estava confuso, talvez pelos efeitos de um feitiço...

"O que deve ter acontecido é que Dumbledore deve ter dito para

Snape ir com

os Comensais da Morte" disse Hagrid com segurança. "Eu suponho que ele foi para

manter seu disfarce. Olha, vamos levar você de volta para a escola. Vamos, Harry...".

Harry não tentou discutir ou explicar. Ainda estava tremendo

incontrolavelmente. Hagrid logo iria descobrir, muito logo... Enquanto seguiam de

volta para o castelo, Harry viu que muitas janelas estavam iluminadas agora. Podia

imaginar, claramente, as cenas no interior do castelo, as pessoas que deviam estar

indo de quarto em quarto, dizendo umas às outras que os Comensais da Morte tinham

estado lá, e que a Marca Negra estava brilhando sobre Hogwarts, que alguém devia

ter sido morto...

As portas de carvalho permaneciam abertas logo à frente deles, a luz se

espalhava pra fora, pelo caminho e pelo gramado. Lentamente, incertas, as pessoas

estavam descendo as escadas, olhando ao redor nervosas e atentas a algum sinal

dos Comensais da Morte que tinham fugido noite adentro. Os olhos de Harry,

entretanto, estavam fixos na torre mais alta. Ele imaginou que havia visto uma onda

negra se espalhando pela grama, embora estivesse realmente muito afastado para

ver qualquer coisa do tipo. Mas enquanto olhava fixamente sem palavras para o lugar

onde achava que devia estar o corpo de Dumbledore, ele viu as pessoas começarem

a vir em sua direção.

"O que vocês estão olhando?" Disse Hagrid, quando ele e Harry se

aproximaram da entrada do castelo. Canino se mantinha o mais perto que poderia de

seus tornozelos. "O que está se espalhando pela grama?" Hagrid disse de forma

aguda, olhando agora para a alta torre de Astronomia, onde se achava um pequeno

grupo de pessoas. "Está vendo, Harry? Bem no pé da torre? Embaixo de onde a

marca... Ai meu Deus... você não acha que alguém foi morto lá?".

Hagrid ficou em silêncio, com um pensamento aparentemente muito horrível

para dizê-lo alto. Harry andou em volta dele, observando os machucados e a dor em

sua face, e também em suas pernas onde os vários feitiços o tinham acertado nessa

última meia hora, mas por mais incrível que pudesse parecer ele estava sem

expressão alguma, como se ninguém perto dele tivesse sido afetado. A verdade da

qual não se podia escapar era o sentimento terrível que pressionava seu peito...

Ele e Hagrid andaram, sem pensar, através da multidão que murmurava para

os que estavam na frente, onde os estudantes e os professores mudos haviam aberto

uma passagem.

Harry ouviu o gemido de dor e de choque de Hagrid, mas não parou; andou

lentamente em frente até o lugar onde Dumbledore estava deitado e agachou-se ao

lado dele. Ele soube que não havia nenhuma esperança no momento em que o

Feitiço do Corpo Preso que Dumbledore lançou o atingiu, sabia que aquilo havia

acontecido porque ele estava morto, mas ele ainda não estava preparado para vê-lo

ali, jogado no chão, quebrado: o maior de todos os bruxos que Harry já havia visto, ou

havia, conhecido.

Os olhos de Dumbledore estavam fechados; mas pelo ângulo que estavam

seus braços e pernas, poderia estar dormido. Harry chegou perto, endireitou os óculos

de meia-lua em cima do nariz curvado, e limpou o sangue da boca com sua própria

manga. Então olhou para aquele sábio rosto velho e tentou absorver aquela verdade

enorme e incompreensível: Dumbledore nunca mais iria falar com ele, nunca mais

poderia ajudá-lo -.

A multidão murmurava atrás de Harry. Após o que lhe pareceu como um longo

tempo, ele percebeu que estava ajoelhado em cima de algo duro e olhou para baixo.

O colar que haviam tentado roubar algumas horas antes tinha caído do bolso

de Dumbledore. Ele estava aberto, talvez devido à força com que

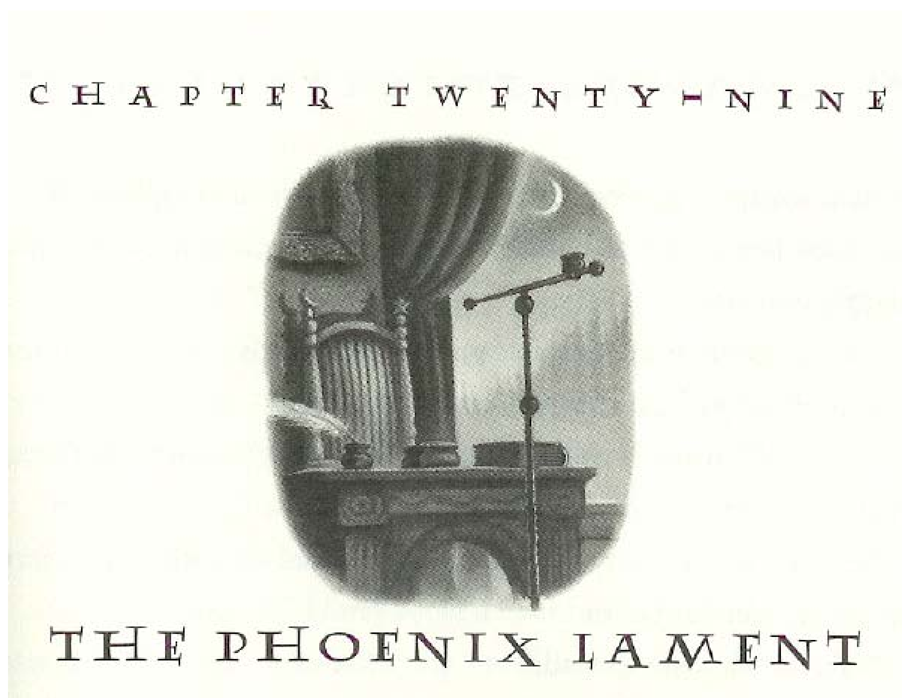
havia batido no

chão. E embora não pudesse sentir mais choque, horror ou tristeza do que já sentia,

Harry soube, enquanto o recolhia, que havia algo errado.

Virou o colar em suas mãos. Não era tão grande como o colar que recordava

ter visto na Penseira, nem havia nada marcando sua superfície, nenhum sinal do S



gravado que supunha ser marca de Salazar Slytherin. Além disso, não havia nada

dentro a não ser um pedacinho de pergaminho dobrado em triângulo preso no lugar

onde devia haver um retrato.

Automaticamente, sem realmente pensar no que fazia, Harry retirou o pedaço

de pergaminho, abriu, e leu graças à luz de muitas varinhas que

tinham sido

acendidas agora atrás dele:

Ao Lord das Trevas

Eu sei que eu já terei sido morto quando você ler isto, mas eu quero que você

saiba que fui eu quem descobriu seu segredo. Eu roubei o Horcrux real e pretendo

destruí-lo assim que puder.

Eu enfrento a morte na esperança de que quando você se encontrar com seu

igual você será mortal outra vez.

R.A.B.

Harry não sabia nem se importava com o significado da mensagem. Somente

uma coisa importava: Aquilo não era um Horcrux. Dumbledore tinha se enfraquecido

bebendo aquela poção terrível para nada. Harry amassou o pergaminho em sua mão,

e seus olhos queimaram em lágrimas enquanto atrás dele Canino começava a uivar.

Capítulo 29 - O Lamento da Fênix

"Venha Aqui, Harry".

"Não"

"Olhe, não pode ficar aqui, Harry... Venha agora... lá dentro”.

“Não".

Ele não queria deixar Dumbledore, ele não queria ir a lugar algum. A mão de

Hagrid em seu ombro estava tremendo. Então uma outra voz disse, "Harry, venha".

Uma mão muito menor e mais quente pegou-o e puxou-o para cima. Ele

obedeceu à pressão daquilo sem pensar no que era. Somente quando foi puxado

cegamente para trás através da multidão ele percebeu, por um cheiro de perfume de

flores, que era Gina quem o conduzia para fora do castelo. As vozes incompreensíveis

golpeavam-no, choros, gritos e lamentos cortavam a noite, mas Harry e Gina

caminhavam, passo a passo até o Salão Principal. Rostos passavam na visão de

Harry, pessoas espreitando-o, sussurrando, admirando, os rubis da Grifinória

brilhando no assoalho como gotas de sangue enquanto eles seguiam seu caminho em

direção à escadaria de mármore.

"Nós estamos indo à ala hospitalar”, disse Gina.

"Eu não estou machucado" disse Harry.

"São ordens de McGonagall", disse Gina. "Todos estão lá. Ron, Hermione,

Lupin e todos-”.

O medo assomou o peito de Harry novamente: Ele havia se esquecido das

figuras inertes que havia deixado para trás.

"Gina, quem mais está morto?".

"Não se preocupe, não é nenhum de nós".

"Mas e Marca Negra - Malfoy disse que pisou sobre um corpo".

"Ele pisou em Gui, mas está tudo bem, ele está vivo".

Mas havia algo em sua voz que Harry sabia que era de mau agouro.

"Você tem certeza?".

"Claro que tenho certeza... Ele só está um pouco mau, e é só. Madame

Pomfrey diz que ele não - não quer mais parecer o mesmo".

A voz de Gina estremeceu um pouco.

“Nós não sabemos quais serão os efeitos colaterais - Quero dizer, Greyback é

um lobisomem, mas não estava transformado naquele momento”.

"Mas e os outros... Havia outros corpos na terra...".

“Neville e Prof Flitwick estão feridos, mas Madame Pomfrey disse que eles

ficarão bem”. E um Comensal da Morte morreu, ele recebeu um feitiço mortal de um

gigante loiro que o estava soltando para todo lado - Harry, se nós não tivéssemos

tomado a sua poção Felix, acho que agora nós estaríamos mortos, mas tudo nesse

momento nos parece perdido-.

Eles haviam alcançado a ala hospitalar. Harry viu Neville deitado,

aparentemente adormecido, em uma cama perto da porta. Ron, Hermione, Luna,

Tonks e Lupin estavam juntos em volta de outro leito no final da ala. Com o som das

portas abrindo, todos olharam. Hermione correu para Harry e o abraçou; Lupin foi ao

seu encontro, olhando ansioso.

"Você está bem Harry?".

"Estou bem... como está Gui?".

"Ninguém respondeu". Harry olhou sobre o ombro de Hermione e viu um rosto

irreconhecível deitado no travesseiro de Gui, tão gravemente retalhado e rasgado que

ele olhou torto. Madame Pomfrey tocou sua pele com algum tipo de pomada verde

áspera. Harry se lembrou de como Snape tinha curado as feridas de Sectumsempra

de Malfoy facilmente com sua varinha.

"Você não pode curá-las com feitiços ou algo assim?", perguntou à enfermeira.

"Nenhuma magia vai resolver isto" disse Madame Pomfrey. "Eu tentei de tudo

que conheço, mas não há nenhuma cura para mordidas de lobisomem".

"Mas não foi mordido na lua cheia" disse Rony, que estava olhando para o

rosto do seu irmão como se ele pudesse de algum jeito curá-lo apenas olhando-o

fixamente.

"Greyback não tinha se transformado, então certamente Gui não vai

ser um,

um...?”.

Ele olhou inseguro para Lupin.

"Não, eu não acho que Gui tenha virado um lobisomem”, disse Lupin. "Mas

isso não quer dizer que não houve contaminação. Essas feridas são amaldiçoadas. É

improvável que elas sejam completamente curadas e... Gui pode ter algumas

características de lobo de agora em diante”.

"Acho que talvez Dumbledore saiba de alguma coisa que possa resolver" disse

Rony. "Onde está ele? Gui lutou com aqueles maníacos sob Ordem de Dumbledore,

Dumbledore deve a ele, ele não pode deixá-lo neste estado!".

"Ron... Dumbledore está morto" disse Gina.

"Não!" Lupin olhou assustado de Gina para Harry, como se Harry pudesse

contradizê-la, mas, quando Harry fez sinal negativo, Lupin desmontou em uma cadeira

ao lado da cama de Gui, com as mãos sobre o rosto. Harry nunca tinha visto Lupin

perder o controle daquele jeito; ele sentiu como se estivesse invadindo alguma coisa

pessoal. Ele se afastou e olhou pra Rony, trocando, em silêncio, um olhar que

confirmava o que Gina havia dito.

"Como ele morreu?", sussurrou Tonks. "Como isso aconteceu?".

"Snape o matou", disse Harry. "Eu estava lá, eu o vi. Nós chegamos

atrás da

Torre de Astronomia porque era lá o lugar onde estava a Marca...” “Dumbledore

estava ruim, estava fraco, mas eu acho que ele entendeu que aquilo era uma

armadilha quando ouviu passos correndo pela escada. Ele me imobilizou, eu não

podia fazer nada, estava debaixo da Capa da Invisibilidade. Então Malfoy apareceu na

porta e o desarmou”.

Hermione levou as mãos à boca e Rony gemeu. A boca de Luna estremeceu.

“Mais Comensais da Morte chegaram - e então Snape - Snape o matou. Com o

Avada Kedavra”. Harry não podia continuar.

Madame Pomfrey desatou a chorar. Ninguém deu atenção a ela, a não ser

Gina, que sussurrou “Shh! Escutem!”.

Engolindo o choro, Madame Pomfrey levou os dedos à boca, seus olhos

arregalados. Em algum lugar na escuridão lá fora, uma Fênix estava cantando de um

jeito que Harry nunca havia ouvido antes: um penetrante lamento de uma terrível

beleza. E Harry sentiu, como se já tivesse sentido o som da Fênix antes, que aquela

musica estava dentro dele, não fora: Ela estava, em sua tristeza, transformada

magicamente em um som que ecoava através das terras e das janelas do castelo.

Quanto tempo eles todos permaneceriam ali, ouvindo, ele não sabe, nem

porquê aquilo pareceu tranqüilizar sua dor, ouvir o som de seu luto, ele sentiu como

se muito tempo tivesse passado quando a Prof. McGonagall entrou na ala hospitalar.

Como todo o resto, ela sofreu seqüelas da recente batalha: havia feridas em seu rosto

e sua túnica estava rasgada.

“Molly e Arthur estão a caminho” ela disse, e o feitiço da música foi quebrado.

Todos despertaram como se saíssem de um transe, voltando a olhar pra Gui, sem

balançarem a cabeça. “Harry, o que aconteceu? De acordo com Hagrid, você estava

com Prof Dumbledore quando ele... quando aconteceu. Ele disse que Prof. Snape

estava envolvido em algo".

“Snape matou Dumbledore!”, disse Harry.

Ela fixou os olhos nele por um momento, de maneira preocupante; Madame

Pomfrey, que pareceu ter desmoronado com ela, correu adiante, conjurando uma

cadeira do nada que ofereceu a McGonagall.

“Snape” repetiu McGonagall fracamente, caindo sobre a cadeira. ”Nós todos

sabíamos... mas ele confiou... sempre... Snape... Eu não posso acreditar...”.

“Snape era perfeito demais em Oclumência”, disse Lupin, sua voz

incomparavelmente áspera. ”Eu sempre soube disso”.

“Mas Dumbledore jurava que ele estava do nosso lado!”, murmurou Tonks. ”Eu

sempre achei que Dumbledore soubesse qualquer coisa sobre Snape que nós não

sabíamos...”.

“Ele sempre sugeriu que tinha uma séria razão para confiar em Snape”

murmurou Prof McGonagall, agora secando seus olhos molhados com um lenço. ”Eu

quero dizer... com a história de Snape... claro que era de se espantar... mas

Dumbledore me disse claramente que o arrependimento de Snape era verdadeiro...

Não ouviria uma palavra contra ele".

“Eu adoraria saber o que Snape disse para convencê-lo”, disse Tonks.

“Eu sei”, disse Harry, e todos tornaram a olhar para ele. ”Snape passou a

Voldemort a informação que o permitiu perseguir os meus pais. Então Snape disse a

Dumbledore que não sabia o que estava fazendo, que ele estava realmente

arrependido do que tinha feito, arrependido de tê-los matado”.

Todos o encararam.

“E Dumbledore acreditou nisso?”, disse Lupin, incrédulo. ”Dumbledore

acreditou que Snape sentia muito por Tiago estar morto? Snape odiava Tiago...”.

“E ele não achava que minha mãe valia uma maldição tampouco” disse Harry,

”Porque ela havia nascido trouxa... ’Sangue-ruim’.. era como ele a chamava”.

Ninguém perguntou como Harry soube disso. Todos eles pareciam estar

perdidos em um choque terrível, tentando engolir a monstruosa verdade do que tinha

acontecido.

“Isso é tudo minha culpa”, disse a Prof McGonagall de repente. Ela olhava

desorientada, torcendo seu lenço molhado em suas mãos. ”Minha culpa. Eu mandei

Filius trazer Snape essa noite. Na verdade, pedi para ele vir e ajudar-nos! Se eu não

tivesse alertado Snape quanto ao que estava acontecendo, ele nunca poderia ter

unido forças com os Comensais da Morte. Eu não acho que ele sabia que eles

estavam lá antes de Filius ter dito a ele, acho que ele não sabia que eles estavam

chegando”.

“Não é sua culpa Minerva”, disse Lupin firmemente. ”Nós todos precisávamos

de ajuda, estávamos satisfeitos por Snape estar a caminho”.

“Então, quando ele chegou para a batalha, passou para o lado dos Comensais

da Morte?”, perguntou Harry, que queria saber mais sobre a duplicidade e traição de

Snape, coletando com ardor mais razões para odiá-lo, para jurar vingança.

“Eu não sei realmente como isso aconteceu” disse Prof McGonagall

distraidamente. ”Isso tudo é tão confuso... Dumbledore havia nos dito que ia deixar a

escola por poucas horas e que ficássemos patrulhando os corredores só pra garantir...

Remus, Gui e Ninfadora iriam se juntar a nós... e então nós patrulhamos. Tudo

parecia calmo. Toda passagem secreta para fora da escola estava coberta. Nós

sabíamos que ninguém poderia entrar voando. Há poderosos encantamentos em cada

entrada do castelo. Eu não sei como os comensais da Morte podem ter entrado".

"Eu sei" disse Harry, e explicou, resumidamente, sobre o par de Armários

Invisíveis e o caminho mágico que eles haviam feito. "Então eles entraram através da

Sala Precisa".

Quase contra sua vontade, ele olhou para Rony e Hermione, ambos olhavam

abatidos.

"Eu estraguei tudo, Harry" disse Rony tristemente. "Nós fizemos como você nos

disse: checamos o Mapa do Maroto e não conseguimos ver Malfoy nele, então

achamos que ele poderia estar na Sala Precisa. Então eu, Gina e Neville fomos

checá-la... mas Malfoy tinha fugido".

"Ele saiu da sala uma hora depois de começarmos a procurá-lo" disse Gina.

"Ele estava sozinho, apertando com força aquele horrível braço enrugado".

"Sua Mão da Glória" disse Rony "Fornece luz apenas para quem a segura,

lembra?”.

“De qualquer maneira”, Gina continuou “Ele poderia estar vendo se a barra

estava limpa para deixar os Comensais da Morte saírem, porque, no momento em que

ele nos viu, jogou alguma coisa no ar e tudo ficou negro como piche”.

“Poder Peruano de Escuridão Instantânea” disse Ron amargamente.

“Nós tentamos de tudo, Lumus, Incêndio”, disse Gina. “Nada penetrava na

escuridão”. “Tudo que nós pudemos fazer foi tatear a saída para o corredor de novo e,

ao mesmo tempo, nós ouvimos pessoas correndo atrás de nós. Obviamente Malfoy

pode ver com aquela coisa na mão e os estava guiando, mas nós não ousamos lançar

feitiços ou qualquer coisa no caso de nós colidirmos e, na hora em que chegamos a

um corredor iluminado, eles já tinham ido”.

“Felizmente” disse Lupin, rouco. ”Rony, Gina e Neville se encontraram conosco

quase que imediatamente e nos disseram o que tinha acontecido. Nós encontramos

os Comensais da Morte minutos depois, indo em direção à Torre de Astronomia.

Malfoy obviamente não esperava encontrar mais pessoas vigiando; ele pareceu ter

esgotado seu suprimento de Poder da Escuridão, de qualquer jeito. Uma luta ocorreu,

eles se dispersaram e nós começamos a persegui-los. Um deles, Gibbon, fugiu e

correu para as escadarias da torre...”.

“Para conjurar a Marca?”, perguntou Harry.

“Ele podia ter feito isso, sim, eles podiam ter planejado aquilo antes de deixar a

Sala Precisa” disse Lupin. ”Mas eu não acho que Gibbon gostou da idéia de ficar

esperando por Dumbledore lá sozinho, porque ele voltou correndo e desistiu das

escadas para retornar a batalha, lançando uma maldição fatal da qual eu apenas

desviei”.

“Então se Rony estava vigiando a Sala Precisa com Gina e Neville” disse

Harry, olhando pra Hermione, “Onde você estava?”.

“Do lado de fora do escritório de Snape, sim”, murmurou Hermione, seus olhos

brilhavam com as lágrimas, “com Luna. Nós esperamos por algum tempo e nada

aconteceu... Nós não sabíamos o que estava acontecendo lá em cima, Rony tinha

levado o mapa... Era quase meia-noite quando o Prof. Flitwick apareceu correndo

atrás de nós dentro das masmorras. Ele estava gritando sobre Comensais da Morte

no castelo. Eu acho que ele não percebeu que eu e Luna estávamos lá, apenas

explodiu seu caminho até o escritório de Snape e nós o ouvimos dizendo que Snape

tinha que voltar com ele e ajudá-lo, e então nós ouvimos uma forte pancada e Snape

veio empurrando tudo de dentro de sua sala e ele nos disse e - e...” - ”O que?” Disse

Harry encorajando-a.

“Eu fui tão estúpida, Harry!”, disse Hermione em um berrante sussurro. ”Ele

disse que o Prof Flitwick havia sofrido um colapso e que nós deveríamos ir e cuidar

dele enquanto ele - enquanto ele ia ajudar na batalha contra os Comensais da Morte"

- Ela cobriu o rosto por vergonha e continuou a falar entre seus dedos, sua voz estava

abafada. ”Nós fomos à sala dele ver se podíamos ajudar o Prof Flitwick e fazê-lo

recuperar a consciência... e, oh, isso é tão óbvio agora, Snape podia ter estuporado

Flitwick, mas nós não podíamos saber, Harry, nós não sabíamos, nós apenas

deixamos Snape ir”.

“Não é culpa sua Hermione”, disse Lupin firmemente. ”Hermione, se você não

tivesse obedecido Snape, tentando tirá-lo do caminho, ele provavelmente teria matado

você e Luna”.

“Depois, então, ele subiu”, disse Harry, que estava vendo Snape correndo para

a escadaria de mármore em seu pensamento, sua capa preta balançando atrás dele

como sempre, puxando sua varinha de dentro de sua capa enquanto ele subia, “e ele

encontrou o lugar onde vocês todos estavam lutando...”.

“Nós estávamos com problemas, estávamos perdendo”, disse Tonks em voz

baixa. “Gibbon havia sido derrotado, mas o resto dos Comensais da Morte parecia

disposto a lutar até o fim. Neville estava machucado; Gui havia sido ferido por

Greyback... estava escuro... havia feitiços voando para todos os lados... Malfoy havia

desaparecido, ele devia ter parado antes, nos degraus de cima... Então mais deles o

seguiram, mas um deles bloqueou a escada atrás deles com algum tipo de feitiço...

Neville correu até lá e colidiu no ar”.

“Nenhum de nós podia continuar prosseguindo” disse Rony, “e aquele

Comensal da Morte forte estava atirando maldições para todo lugar, ele atingia as

paredes e dificilmente nos evitava”.

“E então Snape estava lá” disse Tonks. ”E então não estava -”.

“Eu o vi correndo em direção a nós, mas aquele Comensal da Morte gigante

jogou um feitiço que me atirou pra trás e eu bati a cabeça, desmaiei e perdi a noção

das coisas”, disse Gina.

“Eu o vi passar diretamente pela barreira de feitiço, como se ela não estivesse

lá“ disse Lupin. ”Eu tentei segui-lo, mas fui jogado para trás, como Neville...”.

“Ele podia conhecer um feitiço que nós não sabíamos”, murmurou McGonagall.

”Apesar de tudo - Ele era o professor de Defesa Contra as Artes das

Trevas... Eu

apenas supus que ele estava com pressa pra capturar os Comensais da Morte que

haviam fugido para a torre...”.

“Ele estava”, disse Harry com selvageria. ”Mas para ajudá-los, não para

impedi-los... e eu aposto que ele tinha a Marca Negra para ultrapassar aquela barreira

- então, o que aconteceu quando ele voltou?”.

“Bem, o grande Comensal da Morte soltou um feitiço que fez desabar metade

do teto e, além disso, quebrou o feitiço que bloqueava a passagem”, disse Lupin. ”Nós

todos prosseguimos - aqueles que ainda estavam de pé, - e então Snape e o garoto

surgiram de dentro da poeira - obviamente nenhum de nós os atacou”.

“Nós os deixamos passar“, disse Tonks com uma voz vazia. ”Nós achamos que

eles estavam caçando Comensais da Morte - depois um outro Comensal e Greyback

vieram atrás e nós lutamos de novo - Eu pensei ter ouvido Snape gritar alguma coisa,

mas eu não sei o que" -.

“Ele gritou: ‘Acabou’”. Disse Harry. ”Ele tinha feito o que pretendia”.

Todos eles se calaram. O lamento de Fawkes ainda ecoava sobre a escuridão

dos terrenos lá fora. Enquanto a música soava no ar, instantaneamente, pensamentos

indesejáveis surgiram na mente de Harry... Eles já haviam tirado o corpo de

Dumbledore do pé da torre? O que aconteceria depois? Onde ele jazeria? Ele apertou

seu punho no bolso. Ele podia sentir o pequeno pedaço de Horcrux frio sobre as

pontas de seus dedos da mão direita.

As portas da ala hospitalar se abriram, fazendo todos se sobressaltarem: o Sr.

e a Sra. Weasley estavam caminhando para a ala, Fleur estava atrás deles, seu lindo

rosto aterrorizado.

“Molly - Arthur...“, disse a Prof. McGonagall levantando-se e apressando-se

para cumprimentá-los. ”Eu sinto muito“.

“Gui” sussurrou Sra. Weasley, deixando a Prof. McGonagall pra trás enquanto

mirava o rosto mutilado de Gui. ”Oh, Gui”.

Lupin e Tonks haviam levantado apressadamente e se afastado para que Sr. e

Sra. Weasley pudessem se aproximar da cama. A Sra. Weasley curvou-se sobre seu

filho e levou seus lábios até sua testa sangrenta.

“Você disse que Greyback atacou-o” perguntou o Sr. Weasley à Prof.

McGonagall distraidamente. ”Mas ele não havia se transformado? O que isso

significa? O que vai acontecer com Gui?”.

“Nós ainda não sabemos” disse a Prof. McGonagall, olhando

desamparadamente para Lupin.

“Provavelmente haverá alguma contaminação, Arthur” disse Lupin. ”É um caso

estranho, provavelmente o único... Nós não sabemos qual será o comportamento dele

quando acordar...”.

A Sra. Weasley pegou a pegajosa pomada de Madame Pomfrey e começou a

passar nas feridas de Gui.

“E Dumbledore?” Disse o Sr. Weasley. ”Minerva, isso é verdade...? Ele

realmente está...?”.

Enquanto Prof. Minerva acenava afirmativamente, Harry sentiu Gina se mover

perto dele e olhou para ela. Seus olhos, levemente estreitados, estavam fixos em

Fleur, que observava Gui com uma expressão fria no rosto.

“Dumbledore se foi”, sussurrou o Sr. Weasley, mas a Sra. Weasley só tinha

atenções para seu filho mais velho; ela começou a chorar, suas lágrimas caíam no

rosto mutilado de Gui.

“Claro que não importa como está sua aparência... Isso não é r-realmente

importante... mas ele era um g-garotinho muito bonito... sempre muito bonito... e ele ia

se casar!”.

“Então, o que você quer dizer com isto?”, disse Fleur, de repente, e em voz

alta. ”O que você quis dizer com ’ele *ia* se casar’?”.

A Sra. Weasley levantou seu rosto coberto de lágrimas, olhando

imediatamente. ”Bem - só que -”

“Você acha que Gui não gostaria de se cazzar comigo de qualquer maneira?”,

protestou Fleur. ”Você acha que, por causa dessas mordidas, ele não vai me amar?”.

“Não, não era isso o que eu -”.

“Porque ele vai!”, disse Fleur, controlando-se e jogando para trás sua cascata

de cabelos prateados. ”É preciso mais do que um Lobisomem para que Gui deixe de

me amar”.

“Bem, sim, tenho certeza”, disse Sra Weasley. ”Mas eu acho que talvez - dado

que ele - ele -”.

“Você achou que eu não ia querer me cazzar com ele? Ou talvez você

esperasse isso?”, disse Fleur, suas narinas se dilatando. “O que importa a aparência

dele? Eu sou bonita o bastante para nós dois, eu acho! Todas essas feridas mostram

que meu noivo é corajoso! Eu farei isto!”, ela acrescentou com firmeza, empurrado

Sra. Weasley pro lado e tirando a pomada das mãos dela.

A Sra. Weasley esbarrou em seu marido e viu Fleur limpando as feridas de Gui

com uma expressão muito curiosa em seu rosto. Ninguém disse nada; Harry não

ousou se mexer. Como os outros, ele estava esperando pela explosão.

“Nossa

grande titia Muriel”, disse a Sra. Weasley, depois de uma longa pausa. “Tinha uma

bela grinalda - feita por um duende - que estou certa que eu posso convencê-la a

emprestar para o casamento. Ela gosta muito de Gui, você sabe, e ficaria linda em

seu cabelo”.

“Obrigada”, disse Fleur com dignidade. ”Eu estou certa de que ficará linda”.

Então, Harry não soube como aconteceu, ambas estavam chorando e se

abraçando. Completamente confuso, fascinado como o mundo havia enlouquecido,

ele se virou: Ron olhou impressionado, e Hermione e Gina trocavam olhares

horrorizados.

“Veja!”, disse uma voz tensa. Tonks olhou deslumbrada para Lupin. ”Ela ainda

quer casar com ele, mesmo ele estando com essas mordidas! Ela não se importa!”.

“É diferente”, disse Lupin, mexendo pouco seus lábios e olhando

repentinamente tenso. ”Gui não vai ser um lobisomem por completo. Os dois casos

são completamente -“.

“Mas eu não me importo com nenhum dos dois, não me importo!”, disse Tonks,

agarrando a capa de Lupin e a chacoalhando. ”Eu te disse um milhão de vezes...”.

E o significado do Patrono de Tonks e seu cabelo colorido, a razão dela ter

corrido para encontrar Dumbledore quando ouviu rumores de que alguém havia sido

atacado por Greyback, tudo pareceu repentinamente claro para Harry: Tonks não

havia se apaixonado por Sirius afinal de contas.

“E eu te disse milhões de vezes”, disse Lupin, procurando evitar os olhos dela,

olhando fixamente para o chão, “que eu sou muito velho pra você, muito pobre... muito

perigoso...”.

“Eu te disse desde o começo que você está colocando obstáculos ridículos

nisso, Remo”, disse a Sra. Weasley sobre o ombro de Fleur, enquanto dava tapinhas

nas costas dela.

“Eu não estou sendo ridículo“, disse Lupin firmemente. ”Tonks merece alguém

jovem e inteiro”.

“Mas ela quer você”, disse o Sr. Weasley com um pequeno sorriso. ”E apesar

de tudo, Remo, homens jovens e inteiros não permanecem, necessariamente, assim”.

Ele gesticulou tristemente para seu filho, encostando-se ao lado dele.

“Esse não... é o momento para discutir isso”, disse Lupin, evitando o olhar de

todos enquanto ele olhava em volta distraidamente. ”Dumbledore está morto...”.

“Dumbledore ficaria feliz que alguém soubesse que há algum amor no mundo”,

disse Prof. McGonagall, de forma direta, enquanto as portas do hospital abriam

novamente e Hagrid entrava.

Apenas uma pequena parte de seu rosto não estava encoberta por seu cabelo

ou por sua barba, que estava grande e molhada; Ele estava tremendo e chorando, um

grande, e manchado, pano em suas mãos.

“Eu tive... eu tive que fazer isso, Professora” ele engasgou. ”Retirá-lo. A Prof.

Sprout está levando as crianças de volta pra cama. O Prof. Flitwick está repousando,

mas ele disse que vai ficar bem em pouco tempo, e Prof. Slughorn disse que os

representantes do Ministério foram informados”.

“Obrigada, Hagrid”, disse a Prof. McGonagall, levantando-se de uma vez e

voltando a olhar pro grupo em volta da cama de Gui. ”Eu terei que ver os

representantes do Ministério, quando eles chegarem aqui. Hagrid, por favor, diga aos

diretores das casas - Slughorn pode representar a Sonserina - que eu quero vê-los em

minha sala imediatamente. Eu gostaria que você se juntasse a nós também”.

Enquanto Hagrid acenava afirmativamente, virou-se, e foi embora, ela olhou

pra Harry atrás dela. ”Antes de encontrá-los, gostaria de falar rapidamente com você,

Harry. Se você vier comigo...”.

Harry levantou-se, murmurou “Vejo vocês daqui a pouco” para Ron, Hermione

e Gina, e seguiu a Prof. McGonagall pra fora da ala. Os corredores de fora estavam

abandonados e o único som que se ouvia era o canto da Fênix. Muito tempo depois,

Harry percebeu que eles não estavam indo pra sala da Prof. McGonagall, mas para a

sala de Dumbledore e, depois de um tempo, Harry percebeu que, naturalmente, se ela

era vice-diretora... Aparentemente ela era agora a diretora... Então a sala atrás da

gárgula agora era dela.

Em silêncio eles subiram à escada em espiral e entraram na sala circular. Ele

não sabia o que o esperava: aquela sala havia sido mudada, quem sabe, ou até o

corpo de Dumbledore podia estar descansando lá. De fato, parecia quase exatamente

quando ele e Dumbledore tinham deixado há poucas horas antes: os instrumentos de

prata zumbiam e sopravam nas mesas de pernas finas, a espada da Grifinória na

caixa de vidro brilhava ao luar, o Chapéu Seletor em uma prateleira debaixo da

escrivaninha, o poleiro de Fawkes estava vazio, ela ainda ressoava seu lamento pelas

terras da escola. Um novo retrato havia se juntado à fileira das diretoras e diretores

mortos de Hogwarts: Dumbledore estava descansando sobre uma moldura dourada

em cima da mesa, os óculos de meia-lua pendurados sobre seu nariz deformado,

parecendo tranqüilo e despreocupado.

Depois de olhar uma vez o retrato, a Prof. McGonagall fez um

estranho

movimento, então se virou contra a mesa pra olhar pra Harry, seu rosto tenso e

levemente enrugado.

“Harry”, ela disse, ”Eu gostaria de saber o que você e professor Dumbledore

estavam fazendo esta noite quando você deixou a escola”.

“Eu não posso te dizer, Professora”, disse Harry. Ele já esperava a pergunta e

tinha sua resposta pronta. Tinha sido aqui, nesta sala, que Dumbledore havia dito a

ele que não deveria confiar o conteúdo de suas lições para ninguém, a não ser Rony e

Hermione.

“Harry, isso talvez seja importante”, disse a Prof. McGonagall.

“Isso é”, disse Harry ”Muito, mas ele não quer que eu diga pra ninguém”.

Prof. McGonagall olhou furiosamente para ele. ”Potter”. Harry registrou o novo

uso de seu sobrenome. ”Devido à necessidade do esclarecimento da morte de

Professor Dumbledore, acho que você pode ver que a situação mudou um pouco -”.

“Eu não acho”, disse Harry, dando de ombros. ”O Professor Dumbledore não

me disse para parar de seguir suas ordens caso ele morresse -Mas...”.

“Há uma coisa que, de qualquer forma, você deveria saber antes do Ministério

chegar: Madame Rosmerta está sob a Maldição Imperius. Ela estava ajudando Malfoy

e os Comensais da Morte. Isso está relacionado com o colar e o hidromel

envenenado”.

“Rosmerta?”, disse a Prof. McGonagall, incrédula. Mas, antes que ela pudesse

continuar, houve uma batida na porta atrás deles e a Prof. Sprout, Flitwick, e Slughorn

entraram na sala, seguidos por Hagrid, que ainda estava chorando muito, seu corpo

enorme tremendo com sofrimento.

“Snape!”, bradou Slughorn, que pareceu muito chocado, pálido e suado.

”Snape! Eu o ensinei! Pensei que o conhecia!”.

Mas, antes que alguém pudesse responder - uma voz rígida falou do alto da

parede: Um bruxo de rosto pálido, com uma pequena franja negra, tinha aparecido na

tela de seu quadro. ”Minerva, o ministro vai chegar aqui em alguns segundos, ele vai

desaparatar do Ministério”.

“Obrigado, Everaldo” disse a Prof. McGonagall, e se voltou rapidamente para

os professores.

“Eu quero contar o que aconteceu em Hogwarts antes que ele chegue”, disse

ela rapidamente. ”Pessoalmente, não estou certa de que a escola deveria reabrir no

ano que vem. A morte do diretor pelas mãos de um dos nossos colegas é uma

mancha terrível na historia de Hogwarts. Isso é terrível”.

“Eu estou certa de que Dumbledore gostaria que a escola fosse aberta”, disse

a Prof. Sprout. ”Eu acho que se um único aluno queira voltar então a escola devia

permanecer aberta por aquele aluno”.

“Será que vamos ter algum aluno depois disso?”, disse Slughorn, agora

limpando suas sobrancelhas suadas com um lenço de seda. ”Os pais vão querer

proteger seus filhos em casa e eu não os culpo. Pessoalmente, não acho que nós

estejamos em maior perigo em Hogwarts do que em qualquer outro lugar. Mas você

não pode esperar que as mães pensem a mesma coisa. Elas vão querer manter suas

famílias juntas, isso é natural”.

“Eu concordo!”, disse Prof McGonagall. ”E, em todo caso, não é correto dizer

que Dumbledore nunca encarou uma situação em que Hogwarts poderia fechar.

Quando a Câmara Secreta reabriu, ele considerou o fechamento da escola - e eu

posso dizer que o assassinato de Prof. Dumbledore é mais perturbador pra mim do

que um monstro de Sonserina vivendo nas entranhas do castelo sem ser detectado”.

“Nós podemos consultar os responsáveis do Ministério...”, disse Prof Flitwick,

em sua voz estridente; Ele tinha uma grande escoriação na testa, mas parecia, por

outro lado, ileso pelo seu colapso na sala de Snape. ”Nós podemos seguir o protocolo

estabelecido. A decisão não deve ser tomada precipitadamente”.

“Hagrid, você não disse nada”, disse a Prof McGonagall. ”Qual a sua opinião:

Hogwarts deve permanecer aberta?”.

Hagrid, que estava chorando em silêncio em seu isolamento, limpara seu rosto

durante toda a conversa, e agora seus olhos vermelhos estavam inchados e saltados,

“Eu não sei, Professora... acho que isso tem que ser decidido pelos Chefes das casas

e a diretoria...".

“Prof Dumbledore sempre considerou suas opiniões”, disse a Prof McGonagall

com gentileza. ”Então eu também considero”.

“Bem, eu permaneceria” disse Hagrid, grossas lágrimas ainda escorrendo

pelos cantos de seus olhos e pingando em suas barbas embaraçadas. ”Essa é minha

casa... é minha casa desde que eu tinha treze anos. E se há crianças que querem que

eu ensine a elas, é isso que vou fazer. Mas... eu não sei... Hogwarts sem

Dumbledore...”, ele engoliu em seco e desapareceu atrás de seu lenço mais uma vez,

e ficou em silêncio.

“Muito bem”, disse Prof. McGonagall, olhando os terrenos pela janela,

checando pra ver se o Ministro estava se aproximando, “então eu posso concordar

com Filius que a melhor coisa a fazer é consultar os governantes, que terão a decisão

final".

"Agora, enquanto mandamos os estudantes pra casa... há um argumento a

favor de fazer isso particularmente cedo do que mais tarde. Nós podemos fazer com

que o Expresso de Hogwarts venha amanhã se necessário -".

"O que faremos sobre o funeral de Dumbledore?", disse Harry, falando

finalmente.

"Bem...", disse a Prof. McGonagall, perdendo um pouco a voz pela comoção.

"Eu - eu sei que era o desejo de Dumbledore ser enterrado aqui, em Hogwarts -".

"Então isso é o que vai acontecer, não é?", disse Harry ferozmente.

"Se o Ministro achar isso apropriado", disse a Prof. McGonagall. "Nenhum outro

diretor ou diretora fez isso -".

"Nenhum diretor ou diretora de Hogwarts fez tanto por essa escola", rosnou

Hagrid.

"Hogwarts deve o lugar de descanso de Dumbledore", disse Prof. Flitwick.

"Certamente", disse Prof. Sprout.

"Então, nesse caso", disse Harry, "você não deveriam escrever para as casas

dos estudantes até que o funeral aconteça... Eles vão querer dizer... -".

A última palavra ficou presa em sua garganta, mas Prof. Sprout completou sua

frase com um "Adeus".

“Bem lembrado” chiou o Prof. Flitwick. ”Bem lembrado, de fato! Nossos

estudantes deviam prestar uma homenagem, isso seria adequado. Nós podemos

arranjar transporte pra casa mais tarde”.

“Apoiado”, gritou Prof. Sprout.

“Eu suponho... que sim...”, disse Slughorn, em uma voz particularmente

tremida, enquanto Hagrid soltou um choro emocionado de assentimento.

“Ele está chegando”, disse Prof. McGonagall repentinamente, observando os

terrenos lá em baixo. ”O Ministro... aparentemente. Ele está trazendo uma delegação”.

“Eu posso sair Professora?”, disse Harry imediatamente.

Ele não queria ver, nem ser interrogado por Rufus Scrimgeour naquela noite.

“Você pode” disse Prof McGonagall. ”E rapidamente”.

Ela caminhou em direção à porta e ela abriu-se para ele. Ele se apressou na

descida da escadaria em espiral e se afastou pelo corredor deserto; ele tinha deixado

sua Capa da Invisibilidade no alto da Torre de Astronomia, mas isso não importava;

não tinha ninguém no corredor pra vê-lo passar, nem mesmo Filch, Madame Nora, ou

Pirraça. Ele não encontrou uma alma viva até o corredor que levava aos dormitórios

da Grifinória.

“É verdade?”, disse a Mulher Gorda enquanto ele se aproximava. ”É

realmente

verdade? Dumbledore - morreu?”.

“Sim”, disse Harry.

Ela deixou escapar um lamento, sem esperar pela senha, e abriu passagem

para deixá-lo entrar.

Como Harry suspeitava que seria, a sala comunal estava cheia. A sala se

silenciou enquanto ele atravessava o buraco do retrato. Viu Dino e Simas sentados

em um grupo próximo: isso significava que o dormitório podia estar vazio, ou quase.

Sem dizer nada a ninguém, sem qualquer olhar, Harry cruzou a sala e foi direto para o

dormitório dos meninos.

Como Harry imaginara, Rony estava esperando por ele, ainda vestido,

sentando em sua cama. Harry sentou em sua própria cama e por um momento eles se

encararam.

“Eles estavam falando sobre o fechamento da escola”, disse Harry.

“Lupin disse que eles fechariam” disse Rony.

Houve uma pausa.

“Então?”, disse Rony, em uma voz muito baixa, como se achasse que os

móveis poderiam escutá-lo. ”Você descobriu algo? Você conseguiu?... Um - um

Horcrux?”.

Harry balançou a cabeça negativamente. Tudo que tinha acontecido

em volta

do rio negro parecia um velho pesadelo agora; aquilo realmente havia acontecido há

algumas horas?

“Você não pegou?”, disse Rony desapontado. ”Não estava lá?”.

“Não”, disse Harry. ”Alguém já o tinha levado e deixado um falso no lugar”.

“Já tinha sido levado -?”.

Sem palavras, Harry puxou o Medalhão de seu bolso, abriu-o, e deu para

Rony. A história inteira podia esperar... Ela não importava naquela noite... Nada

importava, a não ser o fim, o fim da sua aventura sem sentido, o fim da vida de

Dumbledore...

“R.A.B.” murmurou Rony “Mas o que é isso?”.

“Não sei”, disse Harry, deitando em sua cama, totalmente vestido, olhando

inexpressivamente para o teto. Ele não tinha nenhuma curiosidade sobre R.A.B.; ele

duvidou de que teria curiosidade de novo. Enquanto se deitava, percebeu,

repentinamente, que as terras haviam silenciado. Fawkes tinha parado de cantar. E

ele estava certo, sem saber como sabia daquilo, de que a fênix tinha ido, tinha

deixado Hogwarts pra sempre, como Dumbledore também tinha deixado a escola,

tinha deixado o mundo... Tinha deixado Harry.

CHAPTER THIRTY



THE WHITE TOMB

Capítulo 30 - A Tumba Branca

Todas as aulas estavam suspensas, todas as provas adiadas. Alguns alunos foram

levados de Hogwarts por seus pais nos dias seguintes - as gêmeas Patil já tinham ido

antes do café da manhã após a morte de Dumbledore e Zacarias Smith foi

acompanhado do castelo por seu arrogante pai. Simas Finnigan, por outro lado, bateu

o pé que não queria ir para casa com sua mãe; eles tiveram uma discussão no hall de

entrada que só terminou quando ela deixou que ele ficasse para o funeral. Ela achou

a muito custo um leito em Hogsmeade, Simas contou a Harry e Rony, já que estavam

chovendo magos e bruxas na vila, preparando-se para dar seu adeus a Dumbledore.

Alguns alunos mais novos, que nunca tinham visto algo semelhante, ficaram um tanto

exaltados quando uma carruagem azul do tamanho de uma casa, puxada por uma

dúzia de cavalos alados gigantes, surgiu dos céus de tardinha antes do funeral e

aterrissou na borda da floresta. Harry observava da janela enquanto uma linda

morena gigante desceu os degraus da carruagem e se jogou nos braços de Hagrid.

Enquanto isso uma delegação de oficiais do ministério da magia, incluindo o próprio

Ministro da Magia, estava sendo acomodada no castelo. Harry estava

deliberadamente evitando contato com qualquer um deles; tinha certeza de que, mais

cedo ou mais tarde, pedir-lhe-iam que contasse sobre a última excursão de

Dumbledore além dos limites do castelo.

Harry, Rony, Hermione e Gina estavam juntos o tempo todo. O tempo bom parecia

debochar deles; Harry imaginava como teria sido se Dumbledore não tivesse morrido,

e eles tivessem algum tempo juntos no finalzinho do ano, as provas de Gina tinham

acabado, o peso do dever de casa tinha acabado... e hora por hora, ele adiava dizer o

que ele sabia que devia dizer, fazer o que ele sabia ser a coisa certa a fazer, porque

era difícil demais esquecer sua melhor fonte de conforto.

Eles visitavam a enfermaria duas vezes por dia: Neville já tinha tido alta, mas Gui

ainda estava sob os cuidados de Madame Pomfrey. Suas cicatrizes estavam ainda

muito ruins; na verdade, ele agora lembrava um pouco Olho-Tonto Moddy, embora

graças a Deus com olhos e pernas, mas em personalidade ele ainda era o mesmo de

sempre. A única coisa que parecia ter mudado era que agora ele tinha um gosto por

bifes raros.

- Que bomm que êle vai se casarrr comigo. - disse Fleur contente, arrumando os

travesseiros de Gui, - porrrque as brrritânicas cozinhamm demais a carrrne, eu

semprre disse.

- Acho que vou ter que aceitar que ele vai casar com ela. - suspirou Gina, mais tarde,

enquanto ela, Harry, Rony e Hermione estavam sentados na janela da sala comunal

da Grifinória.

- Ela não é tão ruim assim. - disse Harry. - Feia, entretanto. - ele adicionou

rapidamente, enquanto Gina levantava suas sobrancelhas e soltava uma gargalhada.

- Bem, acho que se a mamãe consegue, eu consigo.

- Mais alguém que conhecemos morreu? - Rony perguntou a Hermione, que estava

folheando o Profeta Vespertino.

Hermione recuou ante a dureza forçada na voz dele.

- Não, - disse ela, dobrando o jornal. - ainda estão procurando Snape, mas nem

sinal...

- Claro que não, - disse Harry, que ficava irado cada vez que o assunto surgia. - não

vão encontrar Snape enquanto não encontrarem Voldemort, e se eles não o acharam

em 16 anos...

- Eu vou dormir - disse Gina. - Não tenho dormido bem desde... bem... dormir um

pouco me faria bem.

Ela beijou Harry (Rony desviou o olhar), acenou para os outros dois e partiu para o

quarto das meninas. Assim que a porta fechou atrás dela, Hermione virou-se para

Harry com a maior cara de Hermione que Hermione era capaz de fazer.

- Harry, eu descobri algo hoje de manhã, na biblioteca...

- R. A. B.? - Disse Harry, esticando-se.

Ele não se sentiu da maneira como se sentia normalmente antes, empolgado, curioso,

morto de vontade de resolver um mistério; ele simplesmente sabia que a tarefa de

descobrir a verdade sobre a Horcrux de verdade tinha que ser completada antes de

dar alguns passos a mais no longo e curvo caminho a sua frente, o caminho que ele e

Dumbledore tinham arranjado juntos, e no qual ele sabia que teria que caminhar

sozinho a partir de então. Havia ainda pelo menos quatro Horcruxes em algum lugar e

cada uma deveria ser encontrada e eliminada antes de haver sequer uma

possibilidade de Voldemort ser morto. Ele continuava recitando nomes para si mesmo,

como se os listando ele pudesse pô-los a seu alcance: "o pingente.., a

copa... a

cobra... algo sobre Grifinória ou Corvinal... o pingente... a taça... a cobra...

Esse mantra parecia pulsar na cabeça de Harry quando ele dormiu aquela noite, e

seus sonhos estavam cheios de copas, pingentes e objetos misteriosos que ele não

conseguia alcançar, embora Dumbledore prestativamente oferecesse a Harry uma

escada que virava cobras no instante em que ele começava a subir...

Ele tinha mostrado a Hermione a nota dentro do pingente na manhã após a morte de

Dumbledore, e embora ela não tivesse imediatamente reconhecido as iniciais de um

bruxo sobre o qual ela tinha lido, ela vinha visitando a biblioteca um pouco demais

para alguém que não tinha dever de casa.

- Não, - ela disse tristemente. - eu tenho tentado, Harry, mas não achei nada... há

vários bruxos conhecidos com essas iniciais: Rosalind Antigone Bungs... Rupert

"Axebanger" Brookstanton... mas eles não parece se encaixar. Julgando pela nota, a

pessoa que roubou a Horcrux conhecia Voldemort, e eu não acho indício algum de

qualquer um dos dois ter tido algo a ver com ele... não, na verdade, é... bem, Snape.

Ela ficou nervosa mesmo dizendo o nome de novo.

- O que tem ele? - perguntou Harry, recostando-se em sua cadeira.

- Bem, eu estava certo sobre a história do Príncipe Mestiço. - ela disse.

- Precisa esfregar na cara, Hermione? Como você acha que estou me sentindo

agora?

- Não, não, Harry, eu não quis dizer isso. - ela acrescentou rapidamente, checando ao

redor se não estavam sendo ouvidos. - Eu estava certa sobre Eileen Prince ter tido o

livro. Você sabe, ela era a mãe do Snape!

- Eu achava que ela não era lá uma observadora. - disse Rony. Hermione o ignorou.

- Eu estava olhando o resto do Profeta e havia um anúncio minúsculo sobre Eileen

Prince se casando com um homem chamado Tobias Snape, e depois algo dizendo

que ela tinha dado à luz um...

- Assassino. - cuspiu Harry.

- Bem... sim. - disse Hermione. - Então... eu estava certa. Snape deve ter tido orgulho

de ter sido "meio-príncipe", entende? Tobias Snape era um trouxa pelo que li.

- É, faz sentido, - disse Harry - ele interpretava o puro-sangue para se dar bem com

Lucio Malfoy e o resto deles... ele é justamente como Voldemort. Mãe bruxa, pai

trouxa... envergonhado de seus pais, tentando se fazer temido usando as Artes das

Trevas, deu a si mesmo um nome forte - Lorde Voldemort - o príncipe mestiço - como

Dumbledore não percebeu?

Ele parou, olhando pela janela. Ele não conseguia evitar pensar sobre a inabalável

confiança de Dumbledore em Snape... mas como Hermione tinha lhe lembrado, ele,

Harry, foi levado da mesma maneira... apesar da crescente estranheza dos feitiços,

ele tinha se recusado a acreditar naquilo sobre o garoto que tinha sido tão brilhante,

que o tinha ajudado tanto...

Ajudado... era quase um pensamento insuportável agora...

- Eu ainda não entendi por que ele não te castigou por usar o livro. - disse Rony. - Ele

devia saber de onde você estava tirando aquilo tudo.

- Ele sabia, - disse Harry amargamente. - ele sabia quando eu usei Sectumsempra.

Ele não precisava de Legilimancia... ele já devia ter sabido até antes, com Slughorm

contando como eu era bom e Poções... não devia ver deixado seu livro velho na parte

mais baixa do armário, não é?

- Mas por que não te castigou?

- Eu não acredito que ele quisesse ser associado àquele livro. - disse Hermione. - Eu

não acho que Dumbledore teria gostado de saber. E mesmo que Snape fingisse que

não era dele, Slughom teria reconhecido a letra dele. De qualquer maneira, o livro foi

deixado na sala de aula antiga do Snape, e eu aposto que Dumbledore sabia que a

mãe dele era chamada "Prince".

- Eu devia ter mostrado o livro a Dumbledore. - disse Harry. - Todo esse tempo ele

vinha me mostrando como Voldemort era maligno quando estava na escola, e eu tinha

provas de que Snape era, também -

- Maligno é uma palavra forte. - Hermione disse.

- Você foi quem não parava de me dizer que o livro era perigoso!

- Eu estou dizendo, Harry, que você está se culpando demais. Eu achava que Príncipe

tinha um senso de humor um pouco estranho, mas nunca teria imaginado que ele era

um assassino em potencial.

- Nenhum de nós teria imaginado que Snape iria.. você sabe. - disse Rony.

O silêncio caiu entre eles, cada um perdido em seus pensamentos, mas Harry sabia

que eles, como ele, estavam pensando sobre a manhã seguinte, quando o corpo de

Dumbledore seria velado. Harry nunca tinha ido a um funeral antes; não tinha havido

ninguém a enterrar quando Sirius morreu. Ele não sabia o que esperar e estava um

pouco preocupado sobre o que veria, como se sentiria. Ele se perguntava se a morte

de Dumbledore seria mais real para ele quando o funeral terminasse. Embora ele

tivesse momentos nos quais o horrível fato ameaçava possuí-lo, havia espaços de

branco nos quais, apesar do fato de que ninguém estava falando de nada além

daquilo, ele ainda achava difícil acreditar que Dumbledore tinha morrido. Na verdade

ele não tinha, como tinha com Sirius, procurado por algum tipo de reviravolta, alguma

maneira de Dumbledore voltar... ele sentia em seu bolso a corrente fria da Horcrux

falso, que ele carregava consigo a toda parte, não como um talismã, mas um lembrete

do que aquilo

tinha custado e o que ainda havia a ser feito.

Harry levantou-se cedo para arrumar as malas; o Expresso de Hogwarts sairia uma

hora após o funeral. No andar de baixo ele encontrou o clima no hall um pouco para

baixo. Todos vestiam seus robes e ninguém parecia ter fome. Professora McGonagall

tinha deixado a cadeira no meio da mesa dos professores vazia. Na cadeira de Hagrid

também não havia ninguém: Harry achou que talvez ele não estivesse preparado para

encarar o café da manhã; mas o lugar de Snape tinha sido preenchido por Rufus

Scrimgeour. Harry evitou seus olhos amarelos que observavam o salão; ele tinha a

sensação desconfortável de que era procurado. Ao redor de Scrimgeour Harry viu os

cabelos vermelhos de Percy Weasley. Rony não deu sinal de perceber a presença de

Percy.

Na mesa da Sonserina, Crabbe e Goyle estavam cochichando juntos. Eles eram

garotos desajeitados e pareciam estranhamente sozinhos sem a pálida e grande

presença de Malfoy em volta deles, mandando em tudo à sua volta. Harry não tinha

pensado muito em Malfoy. Sua animosidade era toda contra Snape, mas ele não tinha

esquecido o medo na voz de Malfoy no topo da torre, ou que ele abaixou sua varinha

antes que outros Comensais da Morte chegassem. Harry não acreditava que Malfoy

poderia ter matado Dumbledore. Ele ainda desprezava Malfoy pela sua paixão cega

às Artes das Trevas, mas agora ele tinha um pingo de dó misturado com seu ódio.

Onde, Harry questionava, estaria Malfoy agora, e o que Voldemort estaria fazendo

com ele, ameaçando-o e a sua família de morte?

Os pensamentos de Harry foram interrompidos por uma de Gina na sua costela.

Professora McGonagall tinha subido e o triste zumbido de luto no Salão morreu

completamente.

"Está quase na hora", ela disse. "Por favor, sigam os seus Chefes das Casas até os

jardins. Grifinória, comigo por favor". Eles formaram uma fila do lado de seus bancos

praticamente em silêncio. Harry vislumbrou Slughorn na frente da coluna da

Sonserina, vestindo um manto magnífico de longas esmeraldas verdes bordadas com

prata. Ele nunca tinha visto a Professora Sprout, Chefe da Casa Lufa-Lufa, parecer

tão pura; não havia um simples remendo no seu chapéu, e quando eles alcançaram o

Salão de Entrada, eles encontraram Madame Pince ao lado de Filch, ela em um

grosso véu preto que descia até seus joelhos, ele em um antigo terno e de gravata,

causando a impressão de um cabide. Eles estavam sendo conduzidos, como Harry

conseguiu ver quando ele saiu do caminho de pedras da porta da frente, em direção

ao lago. O calor do sol acariciava seu rosto enquanto eles seguiam a Professora

McGonagall em silêncio para um local onde centenas de cadeiras haviam sido

colocadas em fileiras. Um corredor

levava ao centro delas: havia uma mesa de mármore posta na frente, todas as

cadeiras direcionadas a ela. Era o dia mais bonito do verão.

Uma extraordinária diversidade de pessoas já estava acomodada em metade das

cadeiras: pobres e sábios, velhos e novos. Muitos Harry não reconheceu, mas teve

alguns que sim, incluindo membros da Ordem da Fênix: Kingsley Shacklebolt, OlhoTonto Moody, Tonks, seu cabelo miraculosamente havia retornado para um rosa

choque, Remo Lupin, com quem ela parecia estar de mãos dadas, Sr e Sra Weasley,

Gui ajudado por Fleur e seguido por Fred e George, que estavam vestindo jaquetas

de pele de dragão preta. Então, lá estava Madame Maxime, que ocupava sozinha

duas cadeiras e meia, Tom, o proprietário do Caldeirão Furado, Arabella Figg, a

vizinha trouxa de Harry, o baixista cabeludo do grupo bruxo As Esquisitonas, as

Esquisitonas, Ernie Frang, motorista do Noitibus Andante, Madame Malkin, da loja de

vestimentas do Beco Diagonal, e algumas pessoas que Harry conhecia somente de

vista, como o garçom do Hog"s Head e a bruxa que puxava o carrinho de chá do

Expresso de Hogwarts. Os fantasmas do castelo

também estavam lá, pouco visíveis no brilho do sol, discerníveis apenas quando se

moviam, insubstanciavelmente resplandecendo cintilantes no ar.

Harry, Ron, Hermione e Gina procuraram lugares no final da fileira ao lado do lago. As

pessoas estavam sussurrando umas às outras; parecia o som de um leve movimento

na grama, mas a canção de pássaro estava alta mais longe. A audiência continua a

crescer; com um grande e precipitado afeto para ambos, Harry viu Neville sendo

ajudado a encontrar um lugar por Luna. Eles eram os únicos da AD que haviam

respondido à convocação de Hermione na noite em que Dumbledore morreu, e Harry

sabia o porquê: eles eram os que mais haviam perdido com o fim da AD...

provavelmente os que checavam suas moedas com freqüência na esperança de que

houvesse um outro encontro...

Cornelius Fudge passou por eles indo em direção às fileiras da frente, sua expressão

miserável, girando seu chapéu coco verde como de costume; Harry depois

reconheceu Rita Skeeter, que ficou furioso em ver, com uma pena-de-escrita-rápida

agarrada na sua mão rubra; e depois, com um perverso golpe de fúria, Dolores

Umbridge, com uma expressão não convincente de pesar sob sua face de cogumelo,

um laço de veludo preto colocado acima de seus cinzentos cabelos enrolados sob a

visão do centauro Firenze, que permanecia como um sentinela próximo a margem

d"água, e assim ela logo começou apressadamente a procurar lugar a uma boa

distância.

A equipe de apoio estava sentada ao fundo. Harry podia ver Scrimgeour olhando

seriamente e digno na primeira fila com a Professora McGonagall. Ele confabulava se

Scrimgeour ou qualquer uma dessas pessoas importantes estava realmente

lamentando que Dumbledore se foi e ele esqueceu o seu ódio ao Ministro olhando ao

redor. Ele não era o único: muitas cabeças estavam virando, procurando, um pouco

alarmadas.

- Ali - disse Gina cochichando no ouvido de Harry.

E ele os viu claramente iluminados na água verde pelo sol, movendo-se abaixo da

superfície, lembrando-o horrivelmente do Inferi; um coro de sereianos cantando em

uma língua estranha que ele não entendeu, suas pálidas faces onduladas, seus

cabelos purpúreos transbordando em todas as direções. A música fez o cabelo na

nuca de Harry se arrepiar e isso ainda não era desagradável. Ela falou muito

claramente da perda e do desespero. Conforme ele olhava para as faces selvagens

dos cantores, ele tinha o sentimento de que, no final das contas, estavam pesarosos

da morte de Dumbledore. Então Gina acotovelou-o novamente e ele olhou em volta.

Hagrid estava caminhando vagarosamente no corredor entre as cadeiras. Ele estava

chorando silenciosamente, sua face cintilando com as lágrimas, e em seus braços,

escondido em um veludo decorado com lantejoulas e estrelas douradas, aquilo que

Harry saiba que era o corpo de Dumbledore. Uma cortante dor cresceu na garganta

de Harry com essa visão: por um momento, a música estranha e o conhecimento de

que o corpo de Dumbledore estava tão perto pareceram tirar todo o calor do dia. Rony

olhou pálido e chocado. As lágrimas estavam caindo densamente e rapidamente nas

bainhas de Gina e Hermione.

Eles não podiam ver com clareza o que estava acontecendo na frente. Hagrid parecia

ter posicionado o corpo cuidadosamente em cima da mesa. Agora, ele recuou no

corredor, assoando o seu nariz com proclamados e barulhentos sons que extraíram

olhares escandalizados de alguns, incluindo, Harry viu, Dolores Umbridge... mas Harry

sabia que Dumbledore não teria ligado. Ele tentou fazer um sinal amigável para

Hagrid enquanto ele passava, mas os olhos dele estavam tão inchados que era um

mistério ele poder ver onde estava indo. Harry deu uma espiada atrás

da fileira que

Hagrid estava alcançando e percebeu que, guiando-o para lá, vestindo uma jaqueta

de calças cada uma do tamanho de uma pequena tenda, era o gigante Grawp, seu

grande e feio irmão com a cabeça arqueada, que docilmente parecia quase humano.

Hagrid sentou-se próximo ao seu meio irmão Grawp, que duramente saciou Hagrid na

cabeça, então as pernas das suas cadeiras afundaram no chão. Harry teve uma

compulsão momentânea para sorrir.

Mas então, a música parou novamente e ele prestou atenção à frente novamente.

Um pequeno homem com chapéu de pelos e em vestimentas pretas lisas chegou à

frente e ficou parado na frente do corpo de Dumbledore. Harry não conseguia ouvir o

que ele estava dizendo. Palavras estranham fluíam de volta para eles em milhares de

bolhas. "Nobreza de espírito" ... "contribuição intelectual" ... "gratidão de coração" ...

isto não tinha muito significado. Pelo que Harry conhecia de Dumbledore, tinha pouco

a ver com ele. De repente, ele lembrou das idéias de Dumbledore de algumas

palavras: "pessoa estúpida", "feijãozinho de pimenta", "gordura de baleia" e

"besliquei", e de novo, teve que suprimir um gracejo ... qual era o problema com eles?

Havia um barulho leve de respingos atrás dele e ele viu que os sereianos tinham

rompido a superfície para escutar também. Ele lembrou de Dumbledore encolhendose na margem d"água dois anos atrás, próximo de onde Harry estava sentado agora,

e conversando em sereiês com o Chefe dos Sereianos. Harry pensou onde

Dumbledore tinha aprendido sereiês. Havia tanto que ele nunca tinha perguntado a

ele, tanto que ele deveria ter perguntado...

E então, sem aviso, isto o tomou conta, uma terrível e completa verdade, mais

completa e de modo inegável do que até agora. Dumbledore estava morto, tinha ido

embora ... ele agarrou com tanta força o gelado medalhão em sua mão que

machucou-o, mas ele não pode prevenir as lágrimas quentes de caírem de seus

olhos: ele olhou além de Gina e os outros olhavam além do lago, direcionando-se à

Floresta, como o pequeno homem de preto falava monotonamente... havia movimento

entre as árvores. Os centauros vinham trazer para a situação todo o seu respeito. Eles

não moveram-se para o espaço aberto, mas Harry os viu permanecerem

tranqüilamente, meio escondidos nas sombras, vendo os bruxos e com seus arcos ao

lado. E Harry lembrou da sua primeira e atemorizante viagem pela Floresta, a primeira

vez que ele encontrou a coisa que era Voldemort, e como ele o

enfrentou e como ele

e Dumbledore haviam discutido lutar uma batalha perdida desde então. Era

importante, Dumbledore disse, lutar e lutar e

continuar lutando, somente com isso o mal poderia ser mantido sob controle,

entretanto quase nunca erradicado...

E Harry viu muito claramente sob o sol quente, as pessoas que se preocupavam com

ele saudando-o, e estavam na frente dele o tempo todo, um por um, sua mãe, seu pai,

seu padrinho, e finalmente Dumbledore, todos determinados a protegê-lo; mas agora

isto estava acabado. Ele não poderia deixar mais ninguém ficar entre ele e Voldemort;

ele tinha que abandonar para sempre a ilusão que ele tinha desde pequeno: que a

proteção dos seus pais significava que nada poderia machucá-lo. Não havia despertar

deste pesadelo, o sussurro confortante na escuridão de que ele estava realmente

seguro, que tudo estava na sua imaginação; o último e o maior dos seus protetores

tinham morrido e ele estava mais sozinho do que nunca.

O pequeno homem de preto havia acabado finalmente o discurso e reassumido seu

assento. Harry esperava que alguém fosse pegar no seu pé; ele contava com

discursos, provavelmente do Ministro, mas ninguém se moveu.

Então várias pessoas gritaram. Chamas brilhantes e brancas surgiram e envolveram o

corpo de Dumbledore e a mesa sobre a qual ele estava: cada vez mais altas e altas

elas se levantaram obscurecendo a visão do corpo. A branca fumaça espiralada

compôs formas estranhas no ar. Harry teve a impressão de que a fumaça formava

uma fênix a voar alegre no céu azul, mas o fogo desapareceu em um segundo. Em

seu lugar estava uma tumba de mármore branco encerrando o corpo de Dumbledore

e a mesa onde ele repousara.

Depois de mais alguns segundos outro grito de choque houveram devido à chuva de

flechas que rasgaram os ares, e caíram distantes da multidão. Harry sabia, o tributo

dos centauros: viu-os virar as caudas e desaparecerem atrás das frescas árvores. Da

mesma forma os sereianos, que mergulharam nas verdes águas do lago e

desapareceram de vista.

Harry olhou para Gina, Rony e Hermione: a expressão de Rony era confusa, como se

a luz do dia o ofuscasse. A face de Hermione parecia um espelho de lágrimas, mas

Gina não mais chorava. Ela encontrou o olhar de Harry com aquele mesmo olhar

endurecido, da mesma forma que ela o tinha olhado quando o tinha

abraçado, após

vencer o torneio de quadribol na sua ausência, e soube, nesse momento, que cada

um se compreendia perfeitamente, e que quando contasse o que iria fazer a partir de

então ela não diria "tenha cuidado" ou "não faça isso", mas aceitaria a sua decisão,

porquê não esperaria outra coisa, nem mais nem menos, dele. E assim estava

preparado para dizer o que sabia que sempre deveria dizer desde que Dumbledore

morreu.

- "Gina, ouça..." falou muito silenciosamente, enquanto a conversa ao redor deles se

tornava mais alta. - "Eu não posso mais namorar contigo. Nós temos que parar de nos

ver. Nós não podemos ficar juntos".

Ela disse, com um estranho sorriso, "Isto por alguma estúpida, nobre razão, não é

isso?"

- "Isto é como... como se alguma coisa da vida de outra pessoa, e essas últimas

semanas com você", disse Harry, "mas eu não posso... não podemos... eu tenho

coisas pra fazer sozinho agora."

Ela não chorou, apenas olhava para ele.

- "Voldemort usa as pessoas mais próximas aos seus inimigos. Ele já te usou uma

vez, e justamente porquê você era a irmã de meu melhor amigo. Pense no perigo a

que você estará exposta se continuarmos juntos. Ele saberá, ele a encontrará. Ele

tentará me pegar através de você."

- "E se eu não me importar?" , disse ferozmente Gina.

- "Eu me importo", disse Harry. "contigo". Pense no que eu sentiria se eu fosse ao seu

funeral ... e por minha culpa..."

Ela olhou longe, para o lago, e disse "Eu nunca realmente desisti de você. Não

realmente. Sempre esperei... Hermione me disse para seguir com minha vida, talvez

sair com outras pessoas, relaxar quando você estava perto, porque eu nunca era

capaz de falar contigo no quarto, lembra-se? E ela pensou que talvez você iria me

notar um pouco mais se eu fosse eu mesma."

- "Menina esperta essa Hermione" Harry disse tentando sorrir. "Eu somente queria ter

perguntado para você antes. Nós poderíamos ter feito isso há tempos ... meses...

anos talvez..."

- "Mas, você estava muito ocupado salvando o mundo mágico", disse Gina, meio

rindo. "Bem... eu não posso dizer que eu estou surpresa. Eu sabia que isso poderia

acontecer no fim. Eu sei que você não será feliz até vencer Voldemort. Talvez por isso

que eu goste muito de você. "

Harry não poderia ouvir aquelas coisas, ou sua decisão seria continuar sentado ao

lado dela. "Rony", viu que ele estava agora segurando Hermione e acariciando seus

cabelos enquanto ela chorava em seu ombro, lágrimas escorrendo ao longo de seu

nariz. Com um gesto desalentado, Harry se levantou, deu suas costas para Gina e

tumba de Dumbledore e caminhou para perto do lago. Andando a tristeza é muito

mais suportável que permanecendo sentado: somente encontrando as Horcruxes e

eliminando Voldemort ele se sentiria melhor do que aguardar por isso...

- "Harry!"

Girou. Rufus Scrimgeour estava limpando rapidamente ao redor do banco, andando

inclinado em sua vara .

- "Eu tenho esperado por uma palavra... você se importa se eu andar abaixado como

você?

- "Não", disse Harry indiferentemente e novamente concluindo.

- "Harry, isso foi uma tragédia terrível", disse Scrimgeour pesarosamente. "eu não

posso contar-lhe como estou ouvindo isso. Dumbledore era um grande bruxo. Nós

tivemos nossos desentendimentos, e você sabe, mas ninguém o conhecia melhor que

eu."

- "O que você quer?", perguntou asperamente Harry.

Scrimgeour olhou-o irritado mas, como antes, modificou rapidamente sua expressão

para uma de pesarosa compreensão.

- "Você está, certamente, desanimado", ele disse "Eu sei que você era muito íntimo de

Dumbledore. Eu acho que você sempre foi seu aluno favorito. A ligação entre vocês..."

- "O que você quer?", repetiu Harry, voltando a parar.

Scrimgeour também parou, inclinou-se em sua vara e olhou fixamente para Harry,

com expressão irritada agora.

- "A palavra era você quem estava com ele quando ele deixou a escola na noite em

que ele morreu?"

- "Que palavra?", perguntou Harry.

- "Alguém estuporou um Comensal da Morte na torre depois que Dumbledore morreu.

Havia também duas varinhas no local. O Ministro pode juntar

dois e dois, Harry."

- "Fico feliz em ouvir isso", disse Harry. "Bem, onde eu e Dumbledore estivemos e que

fizemos são meus negócios. Eu não quero que todos saibam."

- "A lealdade é admirável, realmente", disse Scrimgeour, que pareceu conter sua

irritação com dificuldade, "mas Dumbledore partiu, Harry. Ele partiu."

- "Somente terá partido quando não restar na escola mais ninguém leal a ele", disse

Harry, sorrindo consigo mesmo.

- "Meu caro garoto ... Dumbledore não poderá retornar do... "

- "Eu não estou dizendo que ele possa. Você não compreenderia. Mas não tenho mais

nada a lhe contar."

Scrimgeour hesitou, então disse, e que foi evidentemente um tom supostamente

delicado "O Ministério pode oferecer toda a sorte de proteção, você sabe, Harry. Eu

ficaria muito contente se colocasse um par de Aurores ao seu serviço..."

Harry riu.

- "Voldemort que me matar pessoalmente e seus Aurores não irão pará-lo. Muito

obrigado pela oferta, mas não, obrigado."

- "Então", disse Scrimgeour, com sua voz fria, "o pedido que eu fiz para você no

Natal..."

- "Que pedido? Oh, sim... "aquele em que eu conto para o mundo o grande trabalho

que você está realizando em troca de..."

- "... para levantar a moral de todos!", sibilou Scrimgeour.

Harry considerou-o por um momento.

- "Libere Stan Shunpike então?"

Scrimgeour ficou perigosamente roxo parecendo-se com seu tio Válter.

- "Eu vejo você é..."

- "Completa e completamente um homem de Dumbledore", disse Harry. "É isso.".

Scrimgeour fitou-o por outro momento, então girou e seguiu seu caminho sem outra

palavra. Harry pode ver Percy e o restante da delegação do Ministério esperando por

ele, agrupando-se nervosamente sobre a sombra de Hagrid e Grawp, que ainda

permaneciam nos mesmos lugares onde estavam sentados. Rony e Hermione,

deixaram Scrimgeour passar na direção oposta. Harry girou e voltou a andar

lentamente, esperando que eles o alcançassem, o que aconteceu justamente à

sombra de uma árvore na qual haviam passados tempos felizes.

- "O que Scrimgeour queria?", suspirou Hermione.

- "O mesmo que ele queria no Natal", resmungou Harry. "Ele me procurou para obter

informações sobre Dumbledore e para ser o novo garoto propaganda do Ministério"

Rony pareceu esforçar-se consigo mesmo por um momento, então ele disse alto para

Hermione "Olha, deixe ir e novamente acertarei Percy!".

- "Não!", ela disse firmemente, segurando seu braço.

- "Isso me faria sentir melhor!".

Harry sorriu. Mesmo Hermione deu um pequeno sorriso, mas que se esvaneceu

quando olhou para o castelo.

- "Eu não posso aceitar a idéia de que nunca mais retornarei...", ela disse tristemente.

"Como podem fechar Hogwarts?".

- "Talvez não queiram.", disse Rony. "Nós não estaremos em perigo menor aqui tanto

quanto em nossas casas, estaremos? Todos os lugares são iguais agora. Eu diria até

que Hogwarts é mais segura que dentro da casa que qualquer bruxo possa defender.

O quê você acha, Harry?"

- "Eu não retornarei mesmo se reabrir", disse Harry.

Rony se engasgou, mas Hermione disse tristemente "Eu sabia que você ia dizer isso.

Mas então o que você fará?".

- "Eu vou retornar a casa dos Dursleys por enquanto, porque Dumbledore assim

desejou", disse Harry. -"Mas vai ser uma visita curta, e então terei ido para o bem."

- "Então você partirá e não retornará para a escola?"

- "Eu pensei que eu voltaria novamenente para a Toca", murmurou Harry. Mas ele

tinha uma idéia fixa em sua cabeça desde a noite da morte de Dumbledore. "Para

mim, isto começou aqui, tudo isto. E justamente tenho a sensação de que devo partir.

E preciso visitar as sepulturas de meus pais, ele desejava isso. E então...".

- "E então o quê", perguntou Ronyy.

- "Então eu tenho que encontrar os Horcruxes restantes, não tenho?", disse Harry,

seus olhos postos sobre a branca tumba de Dumbledore, que refletiam as águas do

outro lado do lago. Isso porque ele me procurou, isso porque ele me falou tudo sobre

isso. Se Dumbledore estava certo - e eu tenho certeza que estava - existem ainda

quatro deles lá fora. Eu preciso encontrá-los e destruí-los e então

depois eu devo ir de

encontro ao sétimo pedaço da alma de Voldemort, o pedaço que ainda permanece em

seu corpo, e sou eu quem deverá encontrá-lo para matar. E se eu encontrar Severus

Snape ao longo do caminho", acrescentou "tanto melhor para mim, quanto pior para

ele".

O silêncio pesava.

A multidão estava quase dispersa agora, davam os pêsames com um largo abraço na

figura monumental de Hagrid, cujos suspiros ainda ecoavam através das águas.

- "Temos que voltar, Harry," disse Rony.

- "O quê?"

- "para a casa de seu tio e sua tia," disse Rony "e então iremos contigo, onde quer que

você vá."

- "Não -" disse rapidamente Harry, ele não contava com isso, e ele pensava que eles

deviam entender que ele deveria fazer só uma longa e perigosa jornada.

- "Você já nos disse isso," disse Hermione calmamente, "que tinha tempo para nós

voltarmos atrás enquanto você também procura. Nós temos tempo, ou não temos?"

- "Estaremos contigo pro que der e vier", disse Rony. "mas, amigo, você deve retornar

à minha casa antes que a gente faça outra coisa, juntamente a papai e mamãe na

Toca".

- "Porquê?".

- "Gui e Fleur vão se casar, lembra?".

Harry olhou para ele, paralisado. A idéia de qualquer coisa tão normal como um

casamento parecera incrível e, entretanto, bela.

- "Sim. Não devemos faltar!", ele disse finalmente.

Sua mão se fechou

automaticamente sobre o Horcrux falso, mas apesar de tudo, apesar da obscuridade e

da trajetória que se apresentava diante de si, apesar do encontro final com Voldemort

que sabia que poderia estar dali a um mês, à um ano, ou em dez, sentiu seu coração

elevar o pensamento de que havia , junto a Rony e Hermione, ainda um dia dourado

de paz para apreciar.

FIM